

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

ALISSA ESPERON VIAN

CULTURA MATERIAL E PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS ILUSTRES DOADORES DO ACERVO RARO
DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE



RIO GRANDE - RS

2023

ALISSA ESPERON VIAN

**CULTURA MATERIAL E PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS ILUSTRES DOADORES DO ACERVO RARO
DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

Trabalho de Conclusão do Mestrado – tipo Relatório Técnico – para apresentação de produto à banca avaliadora do Mestrado em História, modalidade profissional, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial e final para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Borges Pestana

Coorientadora: Profa. Dra. Marcia Carvalho Rodrigues

RIO GRANDE – RS

2023

V614c	Vian, Alissa Esperon Cultura material e proveniência bibliográfica no ensino de história: um estudo sobre os ilustres doadores do acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense / Alissa Esperon Vian. – Rio Grande: FURG, 2023. 438 f. ; il. color. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS,2023. Orientador: Prof. Dr. Marlon Borges Pestana Coorientadora: Prof ^ª . Dr ^ª . Marcia Carvalho Rodrigues 1. Proveniência. 2. Fonte histórica. 3. Ensino de história. 4. História das bibliotecas. 5. Biblioteca Rio-Grandense I. Pestana, Marlon Borges. II. Rodrigues, Marcia Carvalho. III. Título. CDU: 930.85:090.1(816.5)
-------	---

Catálogo na fonte elaborada pela Bibliotecária Mariana Brieze da Silva CRB10/2665

Índice para catálogo sistemático:

1. História cultural : biblioteca pública paga 930.85 (027.3)
2. História : livros raros e preciosos 93 (09)
3. História cultural : Bibliofilia. Colecionadores e coleção de livros 930.85:090.1
4. História : livros raros e preciosos : Rio Grande do Sul 93:09 (816.5)

ALISSA ESPERON VIAN

**CULTURA MATERIAL E PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA NO ENSINO DE
HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS ILUSTRES DOADORES DO ACERVO RARO
DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

Prof. Dr. Marlon Borges Pestana
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Profa. Dra. Marcia Carvalho Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Profa. Dra. Gianne Zanella Atallah
Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Raphael Diego Greenhalgh
Universidade Federal de Brasília/UNB

Rio Grande, ___ de _____ de _____.

POR QUE LIVROS?

Procurar conhecer uma nação por meio de sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia. Ambas constituem partes muito pequenas da atividade total de um país ou de uma pessoa, mas as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos. Na verdade, é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros. O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos. E o todo proporciona uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como do material. (HALLEWELL, 2017, p. 31)

AGRADECIMENTOS

Um conjunto de fatores e pessoas foram determinantes para que minhas ideias resultassem neste estudo. Sozinha, sem ter com quem dialogar sobre minhas dúvidas e descobertas, essa pesquisa não teria nem começado. Para uma leitora compulsiva como eu, poder pesquisar a si mesma, meu próprio *modus operandi*, é um luxo! Posso me descobrir e redescobrir a cada leitura, me identificar com cada autor, cada pesquisador, ou colecionador com quem me deparo. Percebo que meus anseios em relação a meus livros, a minha biblioteca privada é compartilhada com meus colegas que amam livros, que os colecionam, ou adquirem por hábito de leitura. Não é fácil explicar para olhos alheios o porquê de ter tantos livros, mais exemplares que estantes ou espaço para armazená-los. É fato que cada livro tem uma história para seu dono e que amantes de livros guardam em suas estantes livros que não eram seus originalmente. Sou grata por poder estudar a história de vida e a história das bibliotecas pessoais desses “loucos”, apaixonados por livros que me precederam!

Agradeço a minha família que me incentivou sempre que eu estava desmotivada, ao meu companheiro Márcio, por todas as traduções feitas da língua alemã, e aos meus filhos Sophia e Gabriel, por entenderem que a mamãe nem sempre pode estar presente, por cuidarem de mim a cada enxaqueca que tive, causada por poucas horas de sono, muita leitura, muitas horas na frente do computador e preocupações em excesso com a rotina do dia a dia. A meu pai e minha mãe que me orientaram por toda a vida, e ainda continuam fazendo, obrigada por todos os livros que vocês me presentearam, por me incentivarem a ler na infância, por comprarem muitos gibis, obrigado mãe por ter me ensinado o caminho do sebo Alvorada desde que eu era pequena e disputava a tapa com a Vanessa teus romances de banca. Obrigada Vanessa, Melissa, Letícia, e Valentina por aceitarem ser minhas irmãs nessa jornada chamada vida! Obrigada Dinda, por tudo, sei que torces por mim, mesmo estando do outro lado!

Sabem, a ideia deste estudo começou a se formar durante a pandemia de Covid-19, quando todas as pessoas do mundo estavam temerosas, quando todos temiam pela própria vida e pela vida de seus familiares, nesse momento, quando o mundo parecia meio cinza, quando não estávamos tão esperançosos, um grupo de pessoas, de diferentes locais do país, que atuam nas mais diversas profissões, se reuniram em um grupo no Whatsapp, e uma fagulha de pesquisadora reacendeu em mim. Esse grupo passou a se chamar GELB, Grupo Ex-líbris Brasil, os integrantes desse grupo tinham três paixões: o amor pelos livros, pelo colecionismo e pela arte dos ex-líbris. Mesmo separados pela distância geográfica passamos a nos apoiar em relação

às pesquisas e aos trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do grupo que se relacionavam com o Mundo Livresco, o que nos fez perceber o quanto ainda precisamos avançar em nossos estudos, e o quanto podemos ajudar uns aos outros a elucidar dúvidas, a desvendar as pistas que encontramos nos livros, desenvolvendo assim nossas narrativas com fontes diversificadas e verídicas. Desta forma, não posso deixar de agradecer a todos os colegas do grupo GELB, que me ajudaram nessa pesquisa, cedendo imagens de suas coleções privadas, desvendando imagens quase impossíveis de enxergar, transferindo fontes, respondendo às indagações complexas.

Um agradecimento especial a minha conterrânea, professora da Universidade Federal da Bahia, Alícia Duhá Lose, por toda ajuda com a paleografia.

Ao meu orientador Marlon só posso agradecer por ter me aceitado como orientanda já no segundo tempo. Mais a cada aula ministrada por ti, mais eu me envolvia com a história cultural, com a micro-história, com a história regional, mais eu percebia que o paradigma indiciário era meu método de pesquisa, e que este era o caminho para eu me desenvolver como pesquisadora, como uma historiadora do livro. Tu foste essencial nesta jornada, conseguiste me mostrar os caminhos que uniam a biblioteconomia e a história, minhas duas paixões. Obrigado por estar sempre acessível, e por tirar todas minhas dúvidas.

Marcia agradeço todo o apoio durante essa longa jornada! Tu sabes que não foi fácil chegar até aqui! Me sinto honrada por tu me acompanhares desde a graduação, como professora, orientadora e colega de trabalho. Tu és um exemplo como profissional! Quando eu crescer quero ser igual a ti! Sempre achando possibilidades para minhas ideias, nunca menosprezou nada do que eu trazia, me orientou a cada etapa, me ajudou a tirar muitas pedras do caminho. Marcia tu não fazes ideia de como és ótima professora, ótima ouvinte, ótima colega! Por mais professores iguais a ti, comprometidos e solidários!

Angélica Miranda, como não te agradecer? Minha primeira incentivadora! A primeira professora que disse que eu tinha alma de pesquisadora, que me deu oportunidades, que disse que eu era inteligente e capaz. No meu momento de surto, de choro compulsivo, quando eu disse que ia desistir de tudo, que meu projeto estava péssimo, às vésperas da seleção do mestrado, fostes tu que me acalmaste! Não me deixas-te desistir! Fostes tu quem me deu a força necessária para submeter o trabalho! E surpresa fiquei pelo 9,2! No final tinhas razão, meu projeto não era ruim. Só para ti saber! Amo Tu!!!!

Por último, mas de forma alguma menos importante, quero deixar um agradecimento especial para a amiga que a graduação me deu, Mariana Briese! A amiga mais leal, a mais sincera, humilde e acolhedora que alguém poderia ter! Obrigada por dividir todas as angústias,

medos e dores de cabeça que o mestrado nos trouxe, que orgulho de te ter na minha vida “Mini”
Mestra Mariana!

RESUMO

A proveniência engloba todo o ciclo de vida de um objeto, desde a sua origem manufatureira até a sua vida social, o que enquadra especificidades técnicas, políticas e sociais. É usualmente expressa por meio de uma cronologia de proprietários, custódia ou localização, incluindo nomes e outras informações contextuais de interesse para os historiadores. Esta pesquisa destaca os antigos doadores da Biblioteca Rio-Grandense e investiga a história do livro, dos leitores e da leitura na cidade do Rio Grande (RS) a partir do estudo das marcas de proveniência bibliográficas encontradas em exemplares publicados entre 1880 e 1920, que integram a coleção de livros raros da instituição. Como objetivos específicos, destaca-se: a) mapear a trajetória histórica percorrida pelos livros raros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense, identificando as marcas deixadas por seus antigos proprietários e leitores; b) identificar os antigos proprietários e leitores dos livros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense; c) identificar os gêneros literários das obras selecionadas; d) analisar os grupos sociais dos doadores das obras selecionadas; e) criar um repositório temático digital, de acesso aberto, das marcas de proveniência identificadas junto ao acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense. A coleta de dados para a construção deste projeto baseou-se em revisão bibliográfica e documental, realizada em fontes nacionais e estrangeiras, disponíveis em formatos tanto impressos quanto digitais, com um método exploratório não exaustivo e uma abordagem quanti-qualitativa.

Palavras-chave: Proveniência. Fonte histórica. Ensino de história. História das bibliotecas. Biblioteca Rio-Grandense.

ABSTRACT

Provenance encompasses the entire life cycle of an object, from its manufacturing origin to its social life, which encompasses technical, political and social specificities. It is usually expressed through a chronology of owners, custody or location, including names and other contextual information of interest to historians. This research highlights the former donors of the Rio-Grandense Library and investigates the history of books, readers and reading in the city of Rio Grande (RS) based on the study of bibliographic provenance marks found in copies published between 1880 and 1920, which part of the institution's collection of rare books. As specific objectives, the following stand out: a) mapping the historical path taken by the rare books belonging to the Rio-Grandense Library, identifying the marks left by their former owners and readers; b) identify the former owners and readers of the books belonging to the Rio-Grandense Library; c) identify the literary genres of the selected works; d) analyze the social groups of the donors of the selected works; e) create an open access digital thematic repository of the provenance marks identified in the rare collection of the Rio-Grandense Library. Data collection for the construction of this project was based on a bibliographical and documentary review, carried out in national and foreign sources, available in both printed and digital formats, with a non-exhaustive exploratory method and a quanti-qualitative approach.

KEYWORDS: Provenance. Historic source. History teaching. History of libraries. Riograndense Library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ex-líbris do tipo Pescaria.....	36
Figura 2 - Ex-líbris 2º Conde de Azevedo.....	52
Figura 3 - Carimbo com o monograma do Duque de Palmela.....	53
Figura 4 - Supralibros D. Carlota Joaquina, ferros a seco sobre encadernação.....	54
Figura 5 - Supralibros D. Carlota Joaquina, na obra “Gramática de la Lengua Castellana compuesta por La Real Academia Española, Quarta Edición (...), Madrid, 1796”.....	55
Figura 6 - Ex-líbris de Raphael e Mariana Greenhalgh.....	61
Figura 7 - Catálogo de selos desenvolvido por Pomrenze.....	110
Figura 8 - Catálogo de selos desenvolvido por Pomrenze.....	110
Figura 9 - Ex-líbris A. Ramel.....	122
Figura 10 - Ex-líbris de Victor d’Avila Perez em “Silva de varia lecion” (1556).....	123
Figura 11 - Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul (1885).....	166
Figura 12 - Notícia no periódico A Federação.....	167
Figura 13 - Notícia no periódico A Federação.....	167
Figura 14 - Notícia publicada na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil” (RJ).....	169
Figura 15 - Carimbo Biblioteca Rio-grandense.....	171
Figura 16 - Carimbo “NÃO SAE” da Biblioteca Rio-grandense.....	172
Figura 17 - Carimbo Biblioteca Rio-grandense.....	173
Figura 18 - Etiqueta da Biblioteca Rio-Grandense.....	174
Figura 19 - Ex-líbris Jacques Renout.....	175
Figura 20 - Repositório de Marcas de Proveniência.....	181
Figura 21 - Coleções do repositório de marcas.....	181
Figura 22 - Repositório de Marcas de Proveniência: coleção de ex-líbris da Biblioteca Rio-Grandense.....	182
Figura 23 - Folha de rosto da obra “Sur la destruction des jesuites en France”.....	186
Figura 24 - Carimbo Ernesto de Otero.....	187
Figura 25 - Nota de falecimento Ernesto de Otero.....	188
Figura 26 - Carimbo Livraria Universal.....	189
Figura 27 - Folha de rosto da obra “La divina commedia”.....	190
Figura 28 - Marcas de proveniência na obra "La divina commedia"......	190
Figura 29 - Ex dono de Angelo Caldonazzi.....	191
Figura 30 - Nome de Angelo Caldonazzi publicado no Boletim do Grande Oriente do Brasil.....	192
Figura 31 - Ilustração encontrada na obra "La divina commedia"......	192
Figura 32 - Encadernação personalizada na obra “La Divina Commedia”.....	193
Figura 33 - Folha de rosto da obra “La Divina Commedia”.....	194
Figura 34 - Ex dono de Miguel Lemos à sobrinha Corina Ribeiro.....	194
Figura 35 - Ex dono de Miguel Lemos à sobrinha Corina Ribeiro.....	195
Figura 36 - Fotografia de Miguel de Lemos.....	196
Figura 37 - Folha de rosto da obra “Brazil no Seculo XVI”.....	197
Figura 38 - Dedicatória de Capistrano de Abreu a Alcides Lima.....	198
Figura 39 - Assinaturas Assembleia Nacional Constituinte de 1890 (Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891)......	199
Figura 40 - Encadernação personalizada da obra “Questão Territorial com a Republica Argentina”.....	200
Figura 41 - Folha de guarda na obra “Questão territorial com a Republica Argentina”......	201

Figura 42 - Folha de rosto da obra “Questão Territorial com a Republica Argentina”.....	201
Figura 43 - Ex-líbris E.S. Zeballos.....	202
Figura 44 - Fotografia de Estanislao S. Zeballos.....	204
Figura 45 - Encadernação Personalizada da obra Ignez de Castro.	205
Figura 46 - Etiqueta de encadernador Vicente Gomes.	205
Figura 47 - Ilustração anexada na obra “Autographos Preciosos, Cartas do Visconde de Taunay”. .	207
Figura 48 - Folha de rosto da obra Ignez de Castro.	207
Figura 49 - Assinatura de Francisco de Paula Chaves Campello, datada em março de 1879.	208
Figura 50 - Árvore Genealógica de Francisco de Paula Chaves Campello - Ascendentes e Descendentes.....	209
Figura 51- Encadernação da obra “The naturalist on the river Amazons”.....	210
Figura 52 - Supra Libros da Uppinghan School na obra “The naturalist on the river Amazons”.....	211
Figura 53 - Ex-líbris da Uppinghan School.	212
Figura 54 - Folha de guarda e ex-líbris da obra “The naturalist on the river Amazons”.....	213
Figura 55 - Folha de roto da obra “ <i>The naturalist on the river Amazons</i> ”.	214
Figura 56 - Dedicatória na obra “The naturalist on the river Amazons”.	215
Figura 57 - Parecer da Comissão de Admissão de Sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.	216
Figura 58 - Nomeação de Abeillard Barreto como presidente da Biblioteca Rio-grandense.....	217
Figura 59 - Doação de Barreto ao Histórico e Geográfico Brasileiro.	217
Figura 60 - Nota de pesar de Abeillard Barreto.....	218
Figura 61 - Encadernação da obra “A Bíblia Sagrada”.	221
Figura 62 - Folha de rosto da obra “A Bíblia Sagrada”.	222
Figura 63 - Anotação manuscrita na obra “A Bíblia Sagrada”.	222
Figura 64 - Dedicatória ao Visconde de Pinto da Rocha na obra “A Bíblia Sagrada”.....	223
Figura 65 - Encadernação da obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.....	225
Figura 66 - Folha de rosto da obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.	226
Figura 67 - Guarda e etiqueta de livreiro na obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.	226
Figura 68 - Etiqueta da Livraria Kosmos na obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.....	227
Figura 69 - Anúncio Livraria Kosmos.	228
Figura 70 - Catálogo nº 207, publicado pela Livraria Kosmos.	230
Figura 71 - Anúncio para os filatelistas.	230
Figura 72 - Anúncio Livraria Kosmos.....	233
Figura 73 - Anúncio Livraria Kosmos.....	233
Figura 74 - Anúncio Livraria Kosmos.....	233
Figura 75 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 1).	234
Figura 76 - Anotação na folha de dedicação da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1)	235
Figura 77 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1)	235
Figura 78 - Anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1).....	236
Figura 79 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 2)	236
Figura 80 - Anotação na folha de dedicação da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)	237
Figura 81 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)	237
Figura 82 - Localização da anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2).....	238
Figura 83 - Anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2).....	238
Figura 84 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 3)	239
Figura 85 - Anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.3).....	240
Figura 86 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.3)	240
Figura 87- Folha de rosto da obra “Olinda Conquistada”.....	241

Figura 88 - Anotação manuscrita na obra “Olinda Conquistada”	241
Figura 89 - Etiqueta Livraria Universal	242
Figura 90 - Encadernação de “Os Lusíadas”	243
Figura 91 - Falsa folha de rosto da obra “Os Lusíadas”	243
Figura 92 - Folha de rosto da obra “Os Lusíadas”	244
Figura 93 - Anotação manuscrita na obra “Os Lusíadas”	245
Figura 94 - Apagamento na obra “Os Lusíadas”	245
Figura 95 - Supra libros Real Gabinete Português de Leitura	246
Figura 96 - Encadernação da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”	247
Figura 97 - Folha de guarda e etiqueta de livreiro da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”	248
Figura 98 - Etiqueta Livraria Kosmos	248
Figura 99 - Folha de rosto da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”	249
Figura 100 - Carimbo molhado “Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes” na obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”	249
Figura 101 - Anotação manuscrita na obra “Apontamentos sobre os Limites Entre o Brazil e A Republica Argentina”	250
Figura 102 - Encadernação da obra “South American Sketches”	252
Figura 103 - Guarda e etiqueta de livraria da obra “South American Sketches”	252
Figura 104 - Folha de rosto da obra “South American Sketches”	253
Figura 105 - Etiqueta da Libreria Moderna	253
Figura 106 - Cartão-postal de Hélène Loubière para Bernardo Loubière	254
Figura 107 - Encadernação da obra “Anatomy of Melancholy”	255
Figura 108 - Supra libros na obra “Anatomy of Melancholy”	255
Figura 109 - Folha de rosto da obra “Anatomy of Melancholy”	256
Figura 110 - Etiqueta da livraria H.H.G. Grattan	257
Figura 111 - Etiqueta Livraria H.H.G. Grattan	258
Figura 112 - Capa da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”	258
Figura 113 - Guarda da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”	259
Figura 114 - Etiqueta da Livraria Kosmos	259
Figura 115 - Folha de rosto da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”	260
Figura 116 - Falsa folha de rosto da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”	260
Figura 117 - Carimbo molhado dos editores Leite Ribeiro & Maurillo	261
Figura 118 - Carlos Leite Ribeiro	262
Figura 119 - Fachada da Livraria Freitas Bastos	263
Figura 120 - Interior da Livraria Freitas Bastos	264
Figura 121 - Capa da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”	265
Figura 122 - Folha de guarda da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”	265
Figura 123 - Etiqueta do livreiro Gustav Krause	266
Figura 124 - Etiqueta de encadernador e carimbo da Biblioteca Rio-grandense	267
Figura 125 - Etiqueta de encadernador Hübel & Denck	267
Figura 126 - Folha de rosto da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”	268
Figura 127 - Dedicatória a Abeillard Barreto	268
Figura 128 - Logotipo Hübel & Denck na obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”	270
Figura 129 - Encadernação da obra “Brazil”	272
Figura 130 - Guarda da obra “Brazil”	273

Figura 131 - Carimbo molhado International Health Board.....	273
Figura 132 - Número na obra “Brazil”	274
Figura 133 - Folha de rosto da obra “Brazil”	274
Figura 134 - Anotação manuscrita na obra “Brazil”	275
Figura 135 - Folha de rosto da obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”	276
Figura 136 - Anotação manuscrita em seu contexto na obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”	276
Figura 137- Anotação manuscrita na obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres” ..	277
Figura 138 - Guarda final da obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”	277
Figura 139 - Número na obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”	278
Figura 140 - Capa da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1.....	279
Figura 141 - Folha de guarda da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1	280
Figura 142 - Falsa folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1.	281
Figura 143 - Carimbo molhado da Livraria Franco Argentina Garcia Y Dasso.	281
Figura 144 - Folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1.....	282
Figura 145 - Carimbo molhado da Biblioteca Americana de J.A. Farini	282
Figura 146 - Capa da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.2.....	284
Figura 147- Folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.2.....	284
Figura 148 - Carimbo molhado da Biblioteca Americana de J.A. Farini	285
Figura 149 - Capa da Obra “A descoberta do Brazil”	286
Figura 150 - Guarda da Obra “A descoberta do Brazil”	286
Figura 151 - Etiqueta Livraria Americana na Obra “A descoberta do Brazil”	287
Figura 152 - Folha de rosto da Obra “A descoberta do Brazil”.	287
Figura 153 - Carimbo molhado na Obra “A descoberta do Brazil”.	288
Figura 154 - Fotografia Carlos Thomas Pinto.....	289
Figura 155 - Nota de compra da Livraria Americana.....	290
Figura 156 - Nota de compra da Livraria Americana.....	290
Figura 157 - Nota de compra da Livraria Americana	291
Figura 158 - anexo 1 da nota da Livraria Americana de 31 de dezembro de 1934.	291
Figura 159 - anexo 2 da nota da Livraria Americana de 31 de dezembro de 1934.	292
Figura 160 - Capa da obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”.....	293
Figura 161 - Folha de rosto da obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”.....	293
Figura 162 - Anotação manuscrita na obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”	294
Figura 163 - Capa da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.....	295
Figura 164 - Folha de rosto da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.....	295
Figura 165 - Anotação manuscrita da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”	296
Figura 166 - Anotação manuscrita da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”	296
Figura 167 - Encadernação da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.....	297
Figura 168 - Folha de guarda na obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.....	298
Figura 169 - Folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.	298
Figura 170 - Carimbo de Ernesto de Otero na obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”..	299

Figura 171 - Capa da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”	300
Figura 172 - Falsa folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”	301
Figura 173 - Folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”	301
Figura 174 - Anotação manuscrita da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”	302
Figura 175 - Folha de rosto da obra “Historia de Sergipe”	303
Figura 176 - Guarda da obra “Historia de Sergipe”	303
Figura 177 - Etiqueta da Livraria do Povo na obra “Historia de Sergipe”	304
Figura 178 - Capa da obra “L’or a Minas Geraes	305
Figura 179 - Folha de rosto da obra “L’or a Minas Geraes	306
Figura 180 - Anotação manuscrita na obra “L’or a Minas Geraes	306
Figura 181 - Folha de rosto da obra “The Vassalage of South America”	307
Figura 182 - Anotação manuscrita na obra “The Vassalage of South America”	307
Figura 183 - Carimbo da Biblioteca da Universidad Nacional de La Plata na obra “The Vassalage of South America”	308
Figura 184 - Carimbo molhado Seccion Juan Angel Farini	309
Figura 185 - Carimbo molhado Biblioteca Americana de Juan Àngel Fariní	309
Figura 186 - Encadernação da obra “Viagem ao redor do Brasil”	311
Figura 187 - Folha de guarda da obra “Viagem ao redor do Brasil”	312
Figura 188 - Falsa folha de rosto da obra “Viagem ao redor do Brasil”	312
Figura 189 - Folha de rosto da obra “Viagem ao redor do Brasil”	313
Figura 190 - Anotação manuscrita na obra “Viagem ao redor do Brasil”	313
Figura 191 - Anotação manuscrita na obra “Viagem ao redor do Brasil”	314
Figura 192 - Anotação de Carlos Alberto Teixeira Duarte na da obra “Viagem ao redor do Brasil”	314
Figura 193 - Folha de rosto da obra “Bibliographie Brésilienne”	315
Figura 194 - Falsa folha de rosto da obra “Bibliographie Brésilienne”	316
Figura 195 - Anotação manuscrita na obra “Bibliographie Brésilienne”	316
Figura 196 - Capa da obra “Marilia de Dirceu”	317
Figura 197 - Folha de rosto da obra “Marilia de Dirceu”	318
Figura 198 - Carimbo molhado da Livraria Universal	318
Figura 199 - Capa da obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”	319
Figura 200 - Folha de guarda da obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”	320
Figura 201 - Apagamento na obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”	321
Figura 202 - Etiqueta de encadernação na obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”	321
Figura 203 - Etiqueta de encadernação Subirana (Barcelona)	323
Figura 204 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”	324
Figura 205 - Folha de guarda da obra “Rio Grande do Sul”	324
Figura 206 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”	325
Figura 207 - Etiqueta da Livraria Kosmos	325
Figura 208 - Guarda da obra “Ritte und rasttage in Südbrasilien”	326
Figura 209 - Folha de rosto da obra “Ritte und rasttage in Südbrasilien”	327
Figura 210 - Etiqueta Livraria Kosmos	327
Figura 211 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”	328
Figura 212 - Guarda da obra “Rio Grande do Sul”	329
Figura 213 - Carimbo molhado da Volksbibliothek	330

Figura 214 - Marcas de posse na obra “Rio Grande do Sul”	330
Figura 215 - Carimbo molhado Carimbo molhado da Volksbibliothek	331
Figura 216 - Carimbo molhado da Volksbibliothek zu Halle	331
Figura 217 - Falsa folha de rosto da obra “Visions du Brèsil”	333
Figura 218 - Cartão de visita do Abade Louis Albert Gaffre	333
Figura 219 - Folha de rosto da obra “Visions du Brèsil”	334
Figura 220 - Carimbo molhado da Biblioteca de Estanislao Severo Zeballos.....	335
Figura 221 - Folha de rosto da obra “Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega”	337
Figura 222 - Assinatura de Ramiz Galvão	337
Figura 223 - Assinatura Ramiz Galvão.....	338
Figura 224 - Folha de rosto da obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX”	340
Figura 225 - Guarda da obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX”	340
Figura 226 - Etiqueta Livraria Rio-Grandense.....	341
Figura 227 - Efêmero da Livraria Rio-grandense	342
Figura 228 - Efêmero da Livraria Rio-grandense	343
Figura 229 - Capa da obra “A ilusão americana”	344
Figura 230 - Anotação manuscrita da obra “A ilusão americana”	344
Figura 231 - Etiqueta Livraria Americana.....	345
Figura 232 - Folha de rosto da obra “Meine reise nach den Deutschen kolonien in Rio Grande do Sul”	346
Figura 233 - Contracapa da obra “Meine reise nach den Deutschen kolonien in Rio Grande do Sul”	346
Figura 234 - Carimbo molhado Livraria Kosmos.....	347
Figura 235 - Folha de rosto da obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896”.....	348
Figura 236 - Anotação manuscrita na contracapa da obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896” ..	348
Figura 237 - Anotação na obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896”	349
Figura 238 - Capa da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”	350
Figura 239 - Folha de rosto da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”	350
Figura 240 - Etiqueta Livraria Universal	351
Figura 241 - Guarda da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”	352
Figura 242 - Carimbo molhado Alberto Ferreira Rodrigues	352
Figura 243 - Folha de rosto da obra “Vegetationen – Rio Grande do Sul”	353
Figura 244 -Guarda da obra “Vegetationen – Rio Grande do Sul”	354
Figura 245 - Etiqueta Livraria Rio-Grandense na obra “Vegetationen – Rio Grande do Sul”.....	354
Figura 246 - Folha de rosto da obra “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul”	355
Figura 247- Anotação manuscrita de Augusto Porto Alegre.....	356
Figura 248 - Folha de rosto da obra “As missões na província do Rio Grande do Sul”	357
Figura 249 - Guarda da obra “As missões na província do Rio Grande do Sul”	357
Figura 250 - Etiqueta Livraria Educadora	358
Figura 251 - Anúncio Livraria Educadora.....	359
Figura 252 - Anúncio Livraria Educadora.....	359
Figura 253 - Capa da obra “Chorografia do Brasil”	360
Figura 254 - Etiqueta Livraria Universal	360
Figura 255 - Guarda e falsa folha de rosto da obra “Chorografia do Brasil”	361

Figura 256 - Anotação manuscrita de Mario de Lacerda Werneck	362
Figura 257 - Capa da Obra “Contes indiens du Brésil”	363
Figura 258 - Carimbo molhado Estanislao Severo Zeballos	363
Figura 259 - Folha de rosto da obra “Eduardo Prado o escritor – o homem”	364
Figura 260 - Dedicatória de Baptista Pereira para Alfredo Ferreira Rodrigues	365
Figura 261 - Folha de rosto da obra “Historia do General Osorio”	367
Figura 262 - Carimbo molhado Livraria Universal.....	367
Figura 263 - Anotação manuscrita na obra “Historia do General Osorio”.....	368
Figura 264 - Guarda da obra “Historia do General Osorio”	368
Figura 265 - Etiqueta do Encadernador Vicente Gomes.....	369
Figura 266 - Folha de rosto da obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”	370
Figura 267- Folha de guarda da obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”	371
Figura 268 - Etiqueta Libreria del Colegio Eclipse	371
Figura 269 - Falsa folha de rosto da obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”.....	372
Figura 270 - Etiqueta na obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”	373
Figura 271 - Folha de rosto da obra “El limite oriental del território de Misiones”, vol. 2	374
Figura 272 - Carimbo molhado Biblioteca Hernandez	375
Figura 273 - Folha de rosto da obra “El limite oriental del território de Misiones” vol. 3	376
Figura 274 - Localização do carimbo na obra “El limite oriental del território de Misiones” vol. 3	376
Figura 275 - Carimbo Biblioteca Hernandez	377
Figura 276 - Folha de rosto da Obra “A Terra Goytacá”	378
Figura 277 - Guarda da obra “A Terra Goytacá”.....	378
Figura 278 - Anotação manuscrita na obra “A Terra Goytacá”	379
Figura 279 - Guarda da obra “A Vanished Arcádia”	380
Figura 280 - Anotação manuscrita na obra “A Vanished Arcádia”	381
Figura 281 - Carimbo Biblioteca Ramón J. Cárcano	381
Figura 282 - Folha de rosto da obra “Choses vues”	383
Figura 283 - Corte da obra “Choses vues”	383
Figura 284 - Etiqueta Pharol Pelotense.....	384
Figura 285 - Folha de rosto da obra “El Uruguay Internacional”.....	385
Figura 286 - Guarda da obra “El Uruguay Internacional”	385
Figura 287 - Etiqueta Livraria Rio-grandense.....	386
Figura 288 - Folha de rosto da obra “Émaux et Camées”	387
Figura 289 - Etiqueta Pharol Pelotense.....	387
Figura 290 - Folha de rosto da obra “La Femme au dix-huitième siècle”	388
Figura 291 - Guarda da obra “La Femme au dix-huitième siècle”	389
Figura 292 - Etiqueta da Bibliotheca da Tribuna do Povo	390
Figura 293 - Capa da obra “Estudos sobre a poesia popular do Brazil”	391
Figura 294 - Folha de rosto da obra “Estudos sobre a poesia popular do Brazil”	392
Figura 295 - Etiqueta Livraria Universal	392
Figura 296 - Carimbo Livraria Universal.....	393
Figura 297 - Folha de rosto da obra “Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza”	394
Figura 298 - Anotação manuscrita General Mello Rego	394

Figura 299 - Folha de rosto da obra “Testamento do passado”	395
Figura 300 - Guarda da obra “Testamento do passado”	396
Figura 301 - Etiqueta Livraria Rio-grandense.....	396
Figura 302 - Folha de rosto da obra “Fazendas et estancias”.	397
Figura 303 - Carimbo Casa Garraux	398

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Séculos das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense	399
Tabela 2 - Séculos das obras raras analisadas	400
Tabela 3 - Idiomas das obras analisadas	401
Tabela 4 - Locais de publicação das obras	402

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Universidades gaúchas: disponibilidade de coleções de obras raras 83

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Séculos versus número de títulos das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense..... 400

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	28
2 HISTÓRIA CULTURAL, CULTURA MATERIAL E PESQUISA DE PROVENIÊNCIA: CONVERGÊNCIAS E POSSIBILIDADES.....	33
2.1 Entre as capas do Imperador: uma pequena biografia do livro antigo.....	40
2.1.1 <i>Censura livresca: Monarquias versus colônias</i>	47
2.1.2 Bibliotecas Privadas e seus ilustres proprietários.....	57
2.2 A história do livro no Brasil: leitores anônimos, e emergentes na cultura regional.....	74
2.2.1 A exuberância dos livros raros e dos acervos especiais brasileiros: orientações sobre raridade bibliográfica, e o uso de materiais bibliográficos raros e/ou especiais como método no ensino de história.....	80
2.2.2 As redes de subtração de obras raras, o mercado negro livreiro: o maior ladrão de livros raros do Brasil.....	85
2.2.3 A pedagogia do livro raro: exercícios de cultura material, o livro antigo como documento.....	88
2.3 Proveniência no contexto da história do livro.....	93
2.3.1 Uma breve história do uso da proveniência no fim da Segunda Guerra Mundial e suas repercussões.....	100
2.3.2 Afinal, quem é o dono desse livro?.....	115
2.3.3 Do clássico ao efêmero: as marcas de proveniência e suas peculiaridades.....	120
3 MÉTODO DA PESQUISA.....	130
4 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO, A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES E AS SIMBOLOGIAS, LEITURAS INDIVIDUAIS, SOCIAIS E A MATERIALIDADE DO LIVRO EM EVIDÊNCIA: AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA COMO FONTE HISTÓRICA.....	138
4.1 A educação integral, a criatividade e o pensamento crítico por meio da pesquisa de proveniência: repositórios digitais no ensino de história.....	142
5 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO, O USO DO CIBERESPAÇO E OS REPOSITÓRIOS TEMÁTICOS NA ALFORRIA DOS LIVROS ANTIGOS: BIBLIOTECAS ITINERANTES E A CIRCULAÇÃO DAS COLEÇÕES PARTICULARES NA CIDADE DO RIO GRANDE.....	149
5.1 Migrantes e seus acervos pessoais, a sobrevivência dos livros raros na cidade do Rio Grande.....	154
5.1.1 A formação do Gabinete de Leitura da cidade de Rio Grande: a Biblioteca Rio-Grandense e seus benfeitores.....	159
5.1.2 Repositório temático de marcas de proveniência, a origem das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense: um patrimônio recuperado.....	170
6 MÉTODO PARA O DESENVOLVIMENTO DO REPOSITÓRIO DE MARCAS DE PROVENIÊNCIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE.....	179

7 APLICAÇÃO DO PRODUTO	183
8 RESULTADOS	186
8.1 Obra “Sur la destruction des jesuites en France” (1889)	186
8.1.1 Ernesto de Otero.....	187
8.1.2 Livraria Universal	188
8.2 Obra "La divina commedia" (1887).....	189
8.2.1 Angelo Caldonazzi	191
8.3 Obra " <i>La divina commedia</i> " (1894).....	193
8.3.1 Corina Ribeiro Otero	195
8.3.2 Miguel de Lemos.....	195
8.4 Obra “O Brasil no século XVI” (1880).....	197
8.4.1 João Capistrano Honório de Abreu	198
8.4.2 Alcides de Mendonça Lima	198
8.5 Obra “Questão Territorial com a Republica Argentina” (1891)	200
8.5.1 Estanislao Severo Zeballos.....	202
8.6 Obra “ <i>Ignez de Castro; episódio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas</i> ” (1872).....	204
8.6.1 Vicente Gomes	205
8.6.2 Francisco de Paula Chaves Campello	208
8.7 Obra “ <i>The naturalist on the river Amazons</i> ” (1892)	210
8.7.1 Abeillard Barreto	215
8.7.2 Uppinghan School.....	218
8.8 Obra “A Biblia Sagrada” (1895).....	221
8.8.1 Antonio Joaquim Pinto da Rocha ou Visconde de Pinto da Rocha.....	223
8.8.2 A. J. Pinto	224
8.9 Obra “Exploração no Norte de Mato Grosso” (1898).....	225
8.9.1 Livraria Kosmos	227
8.10 Obra “Historia da guerra do Paraguay” v.1 (1897)	234
8.11 Obra “Historia da guerra do Paraguay” v.2 (1897)	236
8.12 Obra “História da guerra do Paraguay” v.3 (1897)	239
8.13 Obra “Olinda Conquistada” (1898).....	240
8.13.1 Livraria Universal	242
8.14 Obra “Os Lusíadas” (1880)	242
8.15 Obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina” (1882).....	246
8.15.1 Livraria Kosmos	250
8.15.2 José Geraldo Bezerra de Menezes	250

8.16 Obra “ <i>South American Sketches</i> ” (1898)	251
8.16.1 Libreria Moderna Bernardo Loubière.....	254
8.17 Obra “ <i>The Anatomy of Melancholy</i> ” (1881)	254
8.17.1 H. H. G. GRATTAN.....	257
8.18 Obra “ <i>La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas</i> ” (1917).....	258
8.18.1 Livraria Kosmos	261
8.18.2 Livraria e Editora Leite Ribeiro & Maurillo	261
8.19 Obra “ <i>Aus dem Wunderlande der Palmer</i> ” (Sem data).....	264
8.19.1 Livraria Alemã Gustav Krause.....	268
8.19.2 Encadernadora Hübel & Denck.....	269
8.19.3 Abeillard Barreto	271
8.20 Obra “ <i>Brazil</i> ” (1911).....	272
8.20.1 International Healt Board	275
8.21 Obra “ <i>Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres</i> ” (1882).....	276
8.22 Obra “ <i>Relacion historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús</i> ” volume 1. (1896).....	278
8.22.1 Libreria Franco Argentina Garcia e Dasso	283
8.22.2 Juan Ángel Fariní (1867 – 1934).....	283
8.23 Obra “ <i>Relacion historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús</i> ” volume 2. (1896).....	283
8.23.1 Juan Àngel Fariní (1867 – 1934).....	285
8.24 Obra “ <i>A descoberta do Brazil</i> ” (1900).....	285
8.24.1 Livraria Americana	288
8.25 Obra “ <i>A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914</i> ” (1915).....	292
8.25.1 Affonso Antonio de Freitas.....	294
8.26 Obra “ <i>Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular</i> ” (1898).....	294
8.27 Obra “ <i>Diccionario geográfico das minas do Brazil</i> ” (1885)	297
8.27.1 Ernesto de Otero.....	299
8.28 Obra “ <i>Diccionario geographico das minas do Brazil</i> ” (1885) – segundo exemplar.....	299
8.28.1 General Mello Rego	302
8.29 Obra “ <i>Historia de Sergipe</i> ” (1891).....	302
8.29.1 Livraria do Povo	304
8.30 Obra “ <i>L’or a Minas Geraes</i> ” (1894)	305
8.30.1 Alcides de Mendonça Lima	306
8.31 Obra “ <i>The Vassalage of South America</i> ” (1898).....	307

8.31.1 Biblioteca de la Universidad Nacional de La Plata	310
8.31.2 Juan Ángel Fariní (1867 – 1934).....	310
8.32 Obra “Viagem ao redor do Brasil” (1880)	310
8.32.1 Carlos Alberto Teixeira Duarte	314
8.33 Obra “ <i>Bibliographie Brésilienne</i> ” (1898)	315
8.33.1 Livraria Universal	316
8.34 Obra “Marilia de Dirceu” (1888).....	317
8.34.1 Livraria Universal	319
8.35 Obra “ <i>El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III</i> ” (1908).....	319
8.35.1 Encuadernaciones Subirana	322
8.36 Obra “Rio Grande do Sul” (1898).....	323
8.36.1 Livraria Kosmos	326
8.37 Obra “ <i>Ritte und rasttage in Südbrasilien</i> ”	326
8.37.1 Livraria Kosmos	328
8.38 Obra “Rio Grande do Sul” (1885).....	328
8.38.1 Volksbibliothek zu Halle	332
8.39 Obra “ <i>Visions du Brèsil</i> ” (1898).....	333
8.39.1 Abade Louis Albert Gaffre	335
8.39.2 Estanislao Severo Zeballos.....	336
8.40 Obra “Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega” (1909).....	336
8.40.1 Ramiz Galvão	338
8.41 Obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX” (1885).....	339
8.41.1 Livraria Rio-Grandense	341
8.42 Obra “A ilusão americana” (1895).....	343
8.42.1 Livraria Americana	345
8.43 Obra “ <i>Meine reise nach den deutschen kolonien in Rio Grande do Sul</i> ” (1889)	345
8.43.1 Livraria Kosmos	347
8.44 Obra “ <i>Tagebuch meiner Brasilienreise 1896</i> ” (1896).....	347
8.45 Obra “A vegetação no Rio Grande do Sul” (1906).....	349
8.45.1 Livraria Universal	352
8.45.2 Alberto Ferreira Rodrigues.....	353
8.46 Obra “ <i>Vegetationen – Rio Grande do Sul</i> ” (1900)	353
8.46.1 Livraria Rio-Grandense	355

8.47 Obra “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul” (1908).....	355
8.47.1 Augusto Porto Alegre.....	356
8.48 Obra “As missões na província do Rio Grande do Sul” (1887).....	356
8.48.1 Livraria Educadora.....	358
8.49 Obra “Chorografia do Brasil” (1895).....	359
8.49.1 Livraria Universal.....	362
8.49.2 Mario de Lacerda Werneck.....	362
8.50 Obra “ <i>Contes indiens du Brésil</i> ” (1882).....	362
8.50.1 Estanislao Severo Zeballos.....	364
8.51 Obra “Eduardo Prado o escritor – o homem” (1902).....	364
8.51.1 Alfredo Ferreira Rodrigues.....	365
8.51.2 Baptista Pereira.....	366
8.52 Obra “Historia do General Osorio” (1894).....	366
8.52.1 Livraria Universal.....	369
8.52.2 Vicente Gomes.....	369
8.53 Obra “ <i>La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil</i> ” (1901).....	370
8.53.1 Libreria del Colegio.....	373
8.54 Obra “ <i>El limite oriental del territorio de Misiones</i> ”, volume 2 (1883).....	374
8.54.1 Biblioteca Hernandez.....	375
8.55 Obra “ <i>El limite oriental del territorio de Misiones</i> ”, volume 3 (1886).....	375
8.55.1 Biblioteca Hernandez.....	377
8.56 Obra “A Terra Goytacá à luz de documentos inéditos” (1913 ?).....	377
8.56.1 Alberto Lamego.....	379
8.57 Obra “ <i>A Vanished Arcádia</i> ” (1901).....	380
8.57.1 Biblioteca Ramón J. Cárcano.....	382
8.57.2 Vivanco.....	382
8.58 Obra “ <i>Choses vues</i> ” (1887).....	382
8.58.1 Pharol Pelotense.....	384
8.59 Obra “ <i>El Uruguay internacional</i> ” (1912).....	384
8.59.1 Livraria Rio-Grandense.....	386
8.60 Obra “ <i>Émaux et Camées</i> ” (1884).....	386
8.60.1 Pharol Pelotense.....	388
8.61 Obra “ <i>La Femme au dix-huitième siècle</i> ” (1887).....	388
8.61.1 Bibliotheca da Tribuna do Povo.....	390

8.62 Obra “Estudos sobre a poesia popular do Brazil” (1888).....	390
8.62.1 Livraria Universal	393
8.63 Obra “ <i>Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza</i> ” (1896).....	393
8.63.1 General Mello Rego	394
8.64 Obra “Testamento do passado” (1887)	395
8.64.1 Livraria Rio-Grandense	397
8.65 Obra “Fazendas et estancias” (1901).....	397
8.65.1 Casa Garraux.....	398
9 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	399
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	406
11 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	409
12 REFERÊNCIAS	410
13 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS.....	426

1 INTRODUÇÃO

[...] Quando ocorrerem transformações sociais radicais elas vêm acompanhadas e estimuladas pelo uso da palavra impressa. A leitura poderá tornar-se então, uma base para a libertação social e pessoal. Ajudará a fornecer alternativas para substituir as antigas autoridades que estão saindo e uma defesa contra as novas autoridades que hão de chegar.
 RONALD C. BENGE¹

Pesquisas específicas de proveniência no âmbito da História do Livro e das Bibliotecas são recentes no Brasil, o que pode ser comprovado a partir da escassa produção bibliográfica sobre o tema no país. Um estudo inicial, desenvolvido por esta pesquisadora durante Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), realizado em 2019, no curso de Biblioteconomia da FURG, identificou e analisou marcas de proveniência dos tipos ex-líbris e carimbo presentes em exemplares de livros raros datados dos séculos XVI, XVII e XVIII pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense. O trabalho realizado possibilitou conhecer melhor o acervo e desvendar parte da história de sua formação, identificando antigos proprietários, sua origem (nacionalidade/naturalidade), colaborando para evidenciar as trajetórias sociais e geográficas percorridas por estes livros até chegar à instituição.

A presente pesquisa busca aprofundar o estudo realizado, identificando e analisando outros tipos de marcas, além dos ex-líbris. Foram identificadas as marcas de posse e de propriedade, tais como, inscrições, notas manuscritas, etiquetas, dedicatórias², *ex donos*³, ex-

¹ Do original: [...] When radical social transformations take place they will be accompanied and stimulated by the use of the printed word. Reading can then become a basis for social and personal liberation. It will help provide alternatives to the old authorities who are passing away and a defence against the new ones which will appear. Ronald Charles Benge, *Cultural Crisis and Libraries in the Third World*, Londres, Clive Bingley, 1979, p. 118.

² Homenagem prestada pelo autor de uma obra a uma pessoa, em forma de menção impressa. Atualmente, a dedicatória é um texto curto e aparece, de preferência, na página que se segue à página de rosto. No século XVI, a dedicatória apresentava-se em forma de carta, na qual o autor colocava a obra sob a proteção de seu mecenas (CUNHA-CAVALCANTI:115). || Nota do autor para a um amigo ou autoridade, como forma de agradecimento ou homenagem. Pode ser manuscrita ou impressa. (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:86).

Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26664/336/>.

³ Do latim *ex dono*: "recebido como uma doação de", "da doação de", "proveniente da doação de". Marca dourada, estampada a frio, pintada e desenhada que aparece na encadernação, geralmente na forma de armas e o nome do doador, indicando claramente que o livro foi doado por uma pessoa física ou jurídica a outra pessoa física ou moral. O *ex-dono* também pode assumir a forma de menção manuscrita ou, nomeadamente, quando o beneficiário for uma instituição, de etiqueta impressa ou gravada. O *ex-dono* manuscrito é inscrito pelo beneficiário, às vezes bem depois da data da doação, como sinal de homenagem e reconhecimento ao doador. A menção latina *ex dono* (que não pode ser usada) é frequentemente seguida pelo nome do doador (às vezes sua qualidade), em latim no genitivo. Esta menção pode ser completada com o nome do destinatário da doação e outras informações como data, local, circunstâncias,... As fórmulas "D.D.D. [Fulano]" para *De Dono Domini* ou "D.D.Dom. para

lúbrs, assinaturas e carimbos. Tal estudo permitiu conhecer um pouco mais sobre a história do livro no Brasil a partir da história local, evidenciando quem foram os antigos proprietários, os antigos leitores, de onde vieram esses livros, como e em que circunstâncias chegaram até a Biblioteca Rio-Grandense.

Este estudo se insere na Linha de pesquisa Campos e Linguagens da História, tendo em vista que o tema proposto se articula com o objetivo da linha de pesquisa, que busca estudar as relações entre a cultura material e a história regional, em suas diferentes possibilidades. Pesquisar as evidências materiais relativas à propriedade nos livros pertencentes à coleção de obras raras da Biblioteca Rio-Grandense é algo inovador, que permitirá identificar redes de sociabilidade ou padrões de propriedade e circulação de livros no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Este estudo tem como objetivo geral investigar a história do livro, dos leitores e da leitura na cidade do Rio Grande (RS) a partir do estudo das marcas de proveniência bibliográficas encontradas em exemplares raros publicados entre 1880 e 1920 pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense. Como objetivos específicos tem-se:

- a) mapear a trajetória histórica percorrida pelos livros raros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense, identificando as marcas deixadas por seus antigos proprietários e leitores;
- b) identificar os antigos proprietários e leitores dos livros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense;
- c) identificar os gêneros literários das obras raras selecionadas;
- d) analisar os grupos sociais dos doadores das obras raras selecionadas;
- e) criar um repositório temático digital, de acesso aberto, das marcas de proveniência identificadas junto ao acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense.

Os livros são objetos de importância desde seu surgimento, e sua materialidade vai além dos textos e saberes que resguardam. Este estudo tem por objetivo pensar no livro enquanto

Dono Dedit Dominus também aparecem. A expressão "ex-dono de gratidão" às vezes é usada. - Definição complementar: Dois ex-dono em particular devem ser mencionados: Ex-dono authoris: menção manuscrita no livro, indicando claramente que foi doado pelo autor, ou por um dos autores do livro, a uma pessoa física ou jurídica. Envio: menção da mão do autor, ou de um dos autores, no livro, indicando claramente que foi doado por si a pessoa física ou jurídica (BIBLIOPAT). || Fórmula que precede o nome do doador que oferece de presente um objeto ou um livro. Indicação especial escrita em alguns livros para indicar que foram oferecidos (FARIA-PERICÃO:514). || Serve para designar a proveniência de um livro oferecido a uma biblioteca ou entidade privada. Marca manuscrita, colocada num livro por seu possuidor, podendo constituir uma assinatura, uma frase ou um texto curto que o identifique (PINHEIRO2:168). || Expressão empregada em obras ou coleções que foram doadas por alguém. Inscrição manuscrita (assinatura, frase ou pequeno texto) colocada em uma obra por quem a possui, a fim de identificar a procedência (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:103). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26467/336/>.

objeto, propiciar, oportunizar a futuros historiadores do livro, ou pesquisadores em geral, fontes históricas comprovadamente verídicas, uma base de dados de fácil manuseio, com informações claras, para que em suas pesquisas futuras, possam entender os processos de circulação deste objeto cultural, a importância de possuir livros e o impacto social de não tê-los, bem como o valor de compartilhar “as histórias” do livro no Brasil, para que possamos entender também a história da cultura e da educação nacional.

As questões levantadas por Abreu (2012) referentes às discrepâncias existentes nos dados sobre os livros e leitores do Brasil nos séculos passados, também aguçam a curiosidade desta pesquisadora. Como conhecer parte dos livros em circulação no município de Rio Grande em determinado período? Quem eram os apoiadores da cultura letrada no município? Quais eram seus objetivos ao doarem obras, ou bibliotecas particulares inteiras para a Biblioteca Rio-Grandense? Como esses indivíduos apoiavam o ensino no município através da Biblioteca?

Sendo assim, a presente pesquisa se justifica não somente pelo seu caráter de ineditismo, mas também pelo resgate histórico da formação do acervo da Biblioteca Rio-Grandense, partindo da visão e da relação do leitor com o objeto livro, possibilitando o estabelecimento de relações entre os ideais de sua criação, o seu papel na sociedade gaúcha e o percurso de suas obras, trazendo luz à história de suas coleções, de seus benfeitores, e à história literária sul-riograndense.

Este estudo caracteriza-se como um estudo de caso, exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa. Terá como base para construção do aporte teórico fontes bibliográficas (físicas e digitais), documentais, nacionais e internacionais, e as marcas de proveniência, que são o foco deste estudo. Para que se obtenha resultados precisos na busca pelas marcas de posse e propriedade serão utilizados três métodos de coleta de dados, são eles: o método do Paradigma Indiciário, de Carlo Ginzburg, o método de análise bibliológica, e por último o método da bibliografia material.

Com o suporte da análise bibliológica o pesquisador realiza a colação de materiais impressos ou manuscritos. O ato de colacionar permite uma investigação sobre a produção e os aspectos físicos de um espécime.

Pinheiro (2012) ressalta que a análise bibliológica deve considerar sete etapas importantes para sua completude, dentre essas etapas a autora argumenta que o colacionamento de um espécime raro é realizado a partir de seis ângulos distintos, são eles: **Suporte** (natureza (papel, pergaminho, couros, tecidos), linha e marca d'água, variantes morfológicos (lado da carne/lado do pelo, cicatrizes e defeitos do pergaminho; dimensões, textura, cor e espessura do papel); **Capa** (cobertura (material, decoração), encadernação (original, de época, em estilo,

especiais, exóticas, artesanais), lombada, cortes, seixas, guarda, contraguarda, guarda volante, complementos: garras, fechos, amarras, ornamentos); **Ornamentação** (gravuras (água-forte, buril, xilogravura, litogravura), aquarelas, iluminuras, assinaturas e marcas dos artistas gravadas ou impressas, elementos decorativos: vinhetas, cabeções, capitais, marcas tipográficas e heráldicas); **Texto Impresso** (mancha (título corrente, reclamo, assinatura), arranjo (em colunas, sobreposto, em corandel, em fundo de lâmpada, em copo de médicis, em triângulo espanhol), caracteres góticos, romanos, aldinós, signos tipográfico-bibliológicos: parágrafos, posituras, títulos, disposição do texto nas páginas, folhas, colunas); **Aspectos Intelectuais e Apresentação Material** (natureza da obra, documentos encartados (carcela), dobrados, desdobrados, volumes unitários e coletivos, marcas de interferências gráficas posteriores à edição), além das **Marcas Intrínsecas e Extrínsecas** (marcas de propriedade e posse (carimbo seco, carimbo molhado, *ex-libris*, *ex dono*, *super libris*, marca de fogo, chancela), defeitos, incompletudes (originais e posteriores), anotações manuscritas (de época, atuais), marcas de comércio e intervenções (selos de livreiros, etiquetas de encadernadores) e de preparo biblioteconômico).

Na análise bibliológica são levantados aspectos como a matéria-prima, as técnicas e o design usado na encadernação, o uso de exlibris quando for o caso, erros tipográficos no texto e nas paginações, a disposição das gravuras, entre outros. A colação destas características pode indicar, portanto, a propriedade das obras, pois aos exemplares vão se agregando as marcas relacionadas à sua trajetória, desde a fabricação aos dias atuais. (GREENHALGH; MANINI, 2015, p. 18)

A reunião e a análise dos dados coletados durante o colacionamento de obras raras permitem que o historiador do livro situe o exemplar pesquisado em um período histórico, ao mesmo tempo que individualiza a cópia por meio das marcas nela encontrada.

Faria e Pericão (2008, p. 138) destacam que a Bibliografia, “como área do conhecimento, parte da bibliologia que estuda as técnicas de identificação e descrição de documentos e a ordenação dessas descrições”.

A palavra bibliografia tem origem grega, deriva das palavras *biblion* (livro) e *graphein* (escrever), em sua essência, tem o significado de “escrever livros”, posteriormente, ao longo do século XVI, a palavra bibliografia passou a significar o ato de “escrever sobre livros”, e é considerada por Faria e Pericão (2008, p. 138) como a “Sociologia dos textos”.

Ciência dos livros, ramo do conhecimento respeitante ao exame histórico e técnico de obras escritas, em que os livros impressos e manuscritos são analisados com a finalidade de descobrir ou verificar a sua origem e

proveniência, datas, números e ordens de páginas, autoria e material de suporte. Disciplina que estuda o livro impresso enquanto objecto material, com o objectivo de traçar a história da produção e circulação do livro sob os aspectos técnico e cultural. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 138)

Desta forma, estes métodos serão utilizados como suporte de pesquisa, durante a realização deste estudo.

A pesquisa aqui apresentada encontra-se estruturada da seguinte maneira: o Capítulo II apresenta uma introdução ao tema, levando em consideração o livro como artefato cultural, enfatiza as marcas de proveniência como fonte histórica e destaca a importância da pesquisa de proveniência para a cultura material. Abrange aspectos que se relacionam com os livros antigos, a censura livresca, as bibliotecas privadas, o colecionismo e a bibliofilia. inclui uma revisão de literatura sobre a história do livro no Brasil, elencando as características dos livros raros, e de seus possíveis larápios, além de apresentar a Pedagogia do Livro Raro como um método a ser utilizado no ensino de história. O Capítulo III inclui os métodos utilizados para a obtenção de resultados durante a realização da pesquisa. O Capítulo IV apresenta uma reflexão sobre a escolha do produto que será desenvolvido a partir dos resultados obtidos na pesquisa, considera a aplicabilidade do produto e indica a que público o repositório se destina, incluiu uma revisão historiográfica sobre a Base Nacional Comum curricular, sobre os livros raros da Biblioteca Rio-Grandense e sobre os repositórios digitais. Já o Capítulo V discute o fator da imigração na cultura local, a formação do antigo Gabinete de Leitura, atual Biblioteca Rio-grandense, e a importância do desenvolvimento de repositórios temáticos de Marcas de Proveniência. No Capítulo VI observa-se os métodos utilizados para o desenvolvimento do Repositório de Marcas de Proveniência da Biblioteca Rio-Grandense. O Capítulo VII contém informações sobre a utilização dos chamados softwares GLAM (acrônimo do inglês: *Galleries, Libraries, Archives and Museums*), para a construção de repositórios temáticos de bibliotecas, e destaca o Repositório de Marcas de Proveniência como uma inovação que ainda não foi realizada no país. No Capítulo VIII observamos a análise dos dados coletados nas obras raras na instituição, relata-se os livros raros pesquisados, as marcas de proveniência encontradas, seus possíveis proprietários, e uma pequena biografia de cada um deles, quando possível. No Capítulo IX descortina-se algumas considerações iniciais sobre o acervo de obras raras, como o número de títulos e os locais de publicação. O Capítulo X revela as considerações finais sobre a pesquisa de proveniência e sua importância para a história do livro, para a história dos leitores e como podemos utilizá-la no ensino de história. No Capítulo XI citamos os acervos e fontes pesquisadas para a realização deste estudo.

2 HISTÓRIA CULTURAL, CULTURA MATERIAL E PESQUISA DE PROVENIÊNCIA: CONVERGÊNCIAS E POSSIBILIDADES

As bibliotecas também morrem. As grandes, as oficiais, as públicas, são por vezes assassinadas espetacularmente, quer dizer, incendiadas ou bombardeadas como as de Alexandria, do Louvre, durante a Comuna (sem falar na prefeitura de Paris e do Conselho de Estado!), da Holland House (a da célebre fotografia) em Londres em 1940, de Dresden em 1945, de Sarajevo em 1992, e tantas outras. Bombardeadas, incendiadas, e no mais das vezes vendo seu conteúdo arruinado pelos esforços dos bombeiros no sentido de salvá-lo. BONNET (2013)

A narrativa histórica indica como observamos a humanidade e seus fatos. Possibilita o entendimento sobre questões relacionadas aos conflitos, direitos humanos, pandemias, movimentos sociais, entre outros - é uma narrativa talhada por documentos provenientes de bibliotecas, arquivos, museus ou coleções particulares. Os métodos utilizados por investigadores, bibliotecários e historiadores para elucidar esses documentos expandem-se, progressivamente, fortalecendo novos olhares e interpretações sobre as fontes históricas.

No século XX, a história passou a dialogar com outras ciências, como a antropologia, a psicologia, a arqueologia, a sociologia etc. Essa interdisciplinaridade ampliou as possibilidades de pesquisa, as problemáticas e os objetos a serem estudados. Questões relacionadas à utilização de novas fontes de pesquisa e a subjetividade entraram na pauta de discussões dos historiadores.

A história cultural possibilitou a aceitação de utilização de novos tipos de fontes de pesquisa em história. A oralidade, por exemplo, permite a criação de fontes por meio de relatos de fatos vividos por determinada pessoa, possibilitando uma leitura mais aprofundada sobre o tema estudado. Segundo Vieira (2015, p. 367):

De acordo com a nova concepção, caberia ao historiador a responsabilidade de reconstruir o fato histórico, o que trouxe à discussão a questão da subjetividade e da utilização de novas fontes de pesquisa.

Vieira (2015) mostra que a historiografia tradicional deu lugar ao estudo investigativo, aproximando a história da antropologia, ampliando as pesquisas de forma que contemplem todas as áreas do conhecimento e todos os aspectos do cotidiano e das atividades humanas.

Em sua crítica à historiografia tradicional, Bloch e Febvre tinham por objetivo substituí-la por uma história que contemplasse todas as atividades humanas e atingisse outras áreas do conhecimento. Mais preocupada com os aspectos estruturais do que com os narrativos, a nova história buscava novos objetos de pesquisa. Segundo Constantino (2004, p. 49), o objeto da ciência histórica deixava de “ser simplesmente alcançado pelas fontes para ser construído pelo

historiador, a partir das demandas do seu presente”, modificando a relação do historiador com o passado. (VIEIRA, 2015, p. 369)

As instituições culturais armazenam, preservam e disseminam informações sobre objetos que mudaram de mãos muitas vezes: trata-se de artefatos que foram doados, herdados, comprados, vendidos, emprestados, confiscados ou expatriados. Desvendar a origem de um objeto, seja ele um documento, um livro ou uma obra de arte, significa identificar de onde ele veio e como chegou até aqui.

Entende-se que se a História passou a abranger um maior campo de pesquisa, assim, mais vastas, diversificadas e necessárias também se tornaram as fontes e os objetos de pesquisa. A cultura e o imaginário passaram a ser objetos de estudo, e a fenomenologia passou a ser um método de pesquisa para o estudo do que se “imagina”.

Apesar de ter ampliado o leque de fontes históricas aceitas pela academia, a História continua centrada no documento escrito, nas narrativas construídas ao longo do tempo. Para obter resultados precisos na construção de narrativas e biografias históricas, o historiador precisa de informações materiais, algo que tenha restado do passado. Assim como o arqueólogo está atrelado à materialidade cultural, e o Bibliotecário de obras raras utiliza-se, dentre outros aspectos, da materialidade do livro para comprovar a sua raridade, seu valor cultural, para remontar coleções há muito tempo dispersas, ou a própria propriedade do objeto em caso de furto, a *exempli gratia*. A partir de critérios pré-estabelecidos, museólogos utilizam a materialidade das obras para comprovar a autenticidade de uma bela pintura, por exemplo. Por analogia, cabe ao historiador, ao biógrafo, toda a análise material da fonte a ser utilizada, seja um documento, artefato ou material bibliográfico.⁴

A construção de uma biografia material das fontes contribui para a construção de um discurso, de uma narrativa do passado, onde o foco pode se dar a partir da matéria-prima, da tipologia, da forma, por marcas deixadas por antigos proprietários/artistas/instituições, por coisas efêmeras⁵ menosprezadas anteriormente, e relegadas à marginalidade. Toda a fonte é

⁴ Para fins de esclarecimento ao leitor, quando tratamos, neste trabalho, sobre “documento”, referimo-nos a fontes provenientes de arquivo; “artefato”, proveniente de museus, e “material bibliográfico”, como uma fonte proveniente de biblioteca. Não estamos nos referindo aos seus conceitos e/ou definições específicas. Comentaremos sobre as três tipologias apenas como uma forma de chamar atenção para o fato de que a pesquisa de proveniência é passível de ser realizada a partir de fontes diversas e provenientes de diferentes instituições de caráter patrimonial.

⁵ Para os colecionadores “coisas efêmeras” são itens impressos ou escritos vintage que originalmente serviam a algum propósito específico e não se esperava que fossem retidos ou preservados, mas que agora são valorizados. Algumas décadas atrás, muito disso foi chamado de “Papel Americana”, embora as coisas efêmeras não sejam necessariamente americanas. (EPHEMERA SOCIETY, 2020, online, tradução nossa)

passível de um estudo de proveniência, pois cada objeto material vai tornando-se único ao trocar de mãos. Decifrando significados, valores e intenções, através dessa materialidade o historiador, o biógrafo, vai articulando seus pensamentos, tornando-os claros e eloquentes.

Estudar as fontes sob o prisma de sua materialidade demanda investir no conhecimento de sua história: conhecer a evolução dos suportes materiais utilizados para a confecção do objeto, compreender quais foram as técnicas, as tecnologias e recursos utilizados na sua produção. Objetos trocam de mãos o tempo todo, e certos tipos de comportamento humano são mais bem percebidos por vestígios deixados nos objetos, em documentos e livros. As marcações rastreáveis deixadas nessas coleções permitem entender o contexto em que opiniões foram formuladas e decisões tomadas, revelando comportamentos expressos na intimidade, desconhecidos do público em geral.

Kopytoff (2016) discorre que diferentes focos podem ser apresentados durante a construção da biografia do objeto. Para esta pesquisa, o foco que se destaca é da biografia cultural, que se assemelha aos estudos da bibliografia material e da pesquisa em proveniência.

Para Kopytoff as “coisas” são sinalizadas como determinado tipo de “coisa” em um processo cognitivo e cultural. Logo, as coisas sofrem mudanças circunstanciais e pelas funções que assumem acabam se transformando também em produtos das ideias. Consequentemente, de acordo com ele, olhando para as coisas pode-se saber das pessoas e das culturas. (SILVA, 2016, p. 12)

Historiadores, arqueólogos, arquivistas, bibliotecários, museólogos e engenheiros de dados, interessam-se cada vez mais pelo estudo de proveniência no país. Guardiões das memórias e da cultura nacional, tornam-se detetives, investigadores, na busca de evidências, pistas, que indiquem a procedência ou proveniência de um objeto, artefato, livro ou documento.

As marcas de propriedade encontradas nas obras nos indicam quais caminhos foram trilhados por um livro, mostrando como se deu a formação do acervo, ou as origens de seus itens. Permitem, por exemplo, revelar pensamentos, ideias de seus proprietários, por meio da apreciação das anotações manuscritas deixadas no exemplar. É possível, ainda, em algumas circunstâncias, perceber nestes indícios, nuances da vida social e cultural de uma época. (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 10).

Por meio das marcas encontradas nos objetos e em materiais bibliográficos, podemos estabelecer relação entre duas ou mais coisas, entre o objeto e a sua história, entre o documento e sua coabitação, entre o livro e sua vida social. Pode-se exemplificar algumas destas marcas

de propriedade como os ex-líbris eróticos⁶, ex-líbris de passatempo⁷, ou ainda as anotações.⁸ A figura 1 retrata o exemplo de um ex-líbris do tipo “pescaria”, que pertence à coleção particular de Luiz Fernando Carvalho⁹.

Figura 1 Ex-líbris do tipo Pescaria.



Fonte: Acervo particular Luiz Fernando Carvalho (2020).

⁶ As imagens representadas nesse tipo de ex-líbris contêm desenhos eróticos, retratando costumes da sociedade, da época em que foram confeccionados. [...] diversificados tipos de ex-líbris eróticos foram criados a partir da colaboração de artistas e proprietários, e os agrupa por ordem de grandeza da seguinte forma: a) representação realista ou simbólica dos órgãos sexuais masculinos e feminino; b) o corpo humano por inteiro (principalmente o feminino); c) cenas de coito; d) variações da relação sexual (cunilíngua e felação); e) masturbação; f) relação homossexual (sobretudo entre mulheres); g) sodomia; e h) temas especiais: “mulher e sátiro”, “cinto de castidade”, “Adão e Eva”, “mulher e morte”, “zooerastia”, etc. (VIAN; RODRIGUES, 2021, p. 56-57).

⁷ Ex-líbris cujas representações temáticas mostram como os proprietários gostam de passar seu tempo livre. Podem trazer imagens de leitores, pensadores, fumantes, atletas etc. (VIAN; RODRIGUES, 2021, p. 72)

⁸ Qualquer tipo de nota manuscrita, identificada como sendo da mão do possuidor. Podemos distinguir entre anotações relacionadas ao texto (notas de leitura, marcas de censura), anotações não relacionadas ao texto (notas triviais, notas históricas sobre a história da família de forma mais ampla - notas genealógicas - ou o contexto histórico). BIBLIOPAT, [2013?]. || Use para observações, notas, realces ou comentários (geralmente em manuscrito) no texto ou sobre a história ou proveniência do material (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2014).

⁹ Luiz Fernando Carvalho é Carioca, arquiteto, produtor cultural e colecionador, estudou arquitetura e urbanismo na Universidade de arquitetura Gama Filho, estudou ainda na Faculdades Integradas Benetti e realizou cursos de gestão empresarial e gestão cultural. Atualmente é Coordenador de Ponto de Cultura “Estação Apehu - História, Humor e Arte”. Elaborou o projeto “Catalogação, Preservação & Divulgação de Acervo” para o Ponto de Cultura “Estação Apehu- História, Humor e Arte” - Projeto aprovado pela Lei de Fomento Cultural Aldir Blanc”.

O ex-líbris apresentado é retangular, monocromático, de cor verde, apresenta as divisas ‘*Glorious Feeling*’ (tradução livre: "sentimento glorioso"); ‘*Fishing in the Rain*’ (tradução livre: “Pesca na Chuva”); ‘*When Pikes Bite Again*’ (tradução livre: Quando os Pikes¹⁰ mordem novamente); e, ‘*Visser-Who Always Fishes*’ (tradução livre: Quem vê sempre pesca, ou Quem sempre pesca), a palavra “Visser” neste caso, pode indicar o nome do proprietário.

A ilustração espelha o desenho de um homem pescando com uma vara, à margem de um rio, apresenta a imagem de um barco com a data “1953”, de uma árvore, aparentemente sem folhas, um vilarejo, e uma casa com moinho, o rio, parece evidenciar canais que vão em direção ao vilarejo, como se fossem utilizados para irrigação de algum tipo de cultura.

O tratamento documental envolve uma diversificada gama de tarefas, que acaba na criação de um registro que possibilita a recuperação da informação desejada. A organização de arquivos, museus e bibliotecas pode se dar de diferentes formas, dependendo do foco e das finalidades de uso de cada instituição.

Uma das formas de validar a fonte utilizada, ao pesquisar nos arquivos, nos catálogos etc., é pesquisar a proveniência ou procedência do documento, remontando sua vida social, desde a sua origem, incluindo toda a trajetória que percorreu até chegar à instituição de guarda atual. Realizando desta forma uma crítica externa da fonte, através da análise do documento em sua materialidade. Bloch (1998, p. 73), ao discorrer sobre o papel do historiador afirma que:

A história baseia-se em fatos e qualquer historiador tem obrigação de produzi-los para confirmar suas afirmações. A solidez do texto histórico, ou seja, sua admissibilidade científica, dependerá do esmero que tiver sido aplicado na construção dos fatos; portanto, o aprendizado do ofício incide, simultaneamente, sobre o método crítico, o conhecimento das fontes e a prática do questionamento.

Para realizar uma análise minuciosa da procedência do documento o historiador deve estar munido de uma gama de conhecimentos como por exemplo, paleografia, diplomática, filologia e heráldica, que são mais debatidos no campo da história, além de outros, mais debatidos dentro da área de biblioteconomia de obras raras, tais como a bibliografia material, método utilizado para a pesquisa e análise da proveniência de documentos, ou objetos. Métodos

¹⁰O lúcio do norte (*Esox lucius*) é uma espécie de peixe carnívoro do gênero *Esox* (os lúcios). Eles são típicos de águas salobras e doces do Hemisfério Norte. Eles são conhecidos simplesmente como pique na Grã-Bretanha, Irlanda e na maior parte da Europa Oriental, Canadá e Estados Unidos. O lúcio pode atingir um tamanho relativamente grande: o comprimento médio é de cerca de 40–55cm, com comprimentos máximos registrados de até 150 cm. E pesos publicados de 28,4 kg. Os lúcios do norte crescem em tamanhos maiores na Eurásia do que na América do Norte, e normalmente crescem em tamanhos maiores nas regiões costeiras, em vez de no interior. (WIKIPEDIA, 2023f).

baseados na semiótica, em modelos epistemológicos para interpretação, que se fundamentam na detecção, discriminação e reconhecimento dos detalhes, dos signos pictóricos, dos emblemas, e dos sinais em geral, como o paradigma indiciário, proposto por Ginzburg¹¹, onde o historiador precisa seguir as pistas, analisar os detalhes, cruzar as fontes, permitem o estudo de diferentes temáticas em pesquisas historiográficas. Mesmo que o historiador escolha caminhos não convencionais para chegar ao seu objetivo, com o uso de fontes e métodos considerados marginalizados, ele consegue obter resultados, que são: compreender o que os indícios significam e o que os documentos expõem. “Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano.” (GINZBURG, 1989, p. 149). É aparente a necessidade do historiador de trabalhar com profissionais de outras áreas, a fim de ter uma pesquisa fidedigna de procedência.

Quando debatemos sobre o propósito em que a fonte foi criada, M. (2021, tradução nossa), ressalta que o historiador:

Usando a proveniência da fonte, tente descobrir por que a fonte foi produzida em primeiro lugar. Por exemplo, foi produzido como uma peça de propaganda? Leia o tom da mensagem, entenda a quem se destina a fonte e que tipo de público ela pretende ter. Ao analisar esses elementos e mostrar um verdadeiro entendimento dos motivos por trás da fonte, especialmente usando o contexto, você demonstrará uma forte habilidade para compreender o valor das fontes e seus diferentes níveis de utilidade para os historiadores.¹²

Como diversas são as fontes, podemos identificar algumas formas de iniciarmos a definir um estudo de procedência, se este já não estiver estabelecido nos catálogos disponíveis em instituições. Antigos proprietários de livros, por exemplo, costumavam marcar sua propriedade, primeiramente através de ex-líbris manuscritos¹³, posteriormente através de ex-

¹¹ Carlo Ginzburg é historiador. Nasceu em Turim, na Itália, em 1939, filho dos judeus Leone e Natalia Ginzburg. O pai era professor de literatura russa, e sua mãe era romancista. Um dos pioneiros da micro-história.

¹² Do original: Using the source provenance, try to figure out why the source was produced in the first place. For example, was it produced as a piece of propaganda? Read the tone of the messaging, understand who the source was aimed for and what kind of audience it intended to have. By analyzing these elements and showing a true understanding for the motives behind the source, especially using context, you will show a strong ability to understand the value of sources and their differing levels of utility to historians.

¹³ Marca de propriedade manuscrita inscrita em um livro na forma de uma simples menção do nome do proprietário. Pode ser acompanhado por seu título, sua função, a data de aquisição da cópia, um formulário que identifica sua participação em um grupo ("Ioannis Grolier Lugdunen. Et amicorum"), um convite para relatar a entrega ao seu legítimo proprietário (BIBLIOPAT). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26671/336/>.

lívris gravados¹⁴, encadernações luxuosas, marcação a ferro¹⁵, *supralibros*¹⁶, carimbos, anotações, marginalias¹⁷. Essas marcas ajudam a escrever a biografia daquele objeto em torno de sua materialidade, e amparam o historiador ao confirmar a origem de um objeto, ao

¹⁴ Os primeiros ex-lívris gravados foram criados e reproduzidos, primeiramente, utilizando-se da técnica da xilogravura (gravura em madeira). Posteriormente, adotou-se a calcogravura (gravura em metal), por meio da técnica do talho-doce. Posteriormente, outras técnicas de gravação foram utilizadas, tais como a litografia, a serigrafia e a fotogração, entre outras (VIAN-RODRIGUES:40). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26715/336/>.

¹⁵ Marca que pode ser aposta nas bordas, na capa ou nas folhas de guarda de uma obra. Utilizado durante o período colonial na Nova Espanha não só por instituições seculares e religiosas, estabelecimentos de ensino, mas também particulares, consiste em aplicar a um documento ou à sua encadernação um ferro aquecido, com vários padrões, para deixar vestígios de queimaduras (BIBLIOPAT). || Marca carbonizada colocada principalmente nas bordas dos livros por um instrumento de metal quente. Até a data, é valorizado como um testemunho histórico distintivo que permite identificar as instituições e os indivíduos que os utilizaram; como evidência de terem sido detentores de certas coleções bibliográficas (CCMF). || Armas e siglas estampadas com ferros quentes nos cortes dos livros, que funcionam como marca de propriedade de um particular ou de uma instituição (FARIA-PERICÃO:803). || Marcas de propriedade, confeccionadas com ferro quente, nos cortes dos livros encontrados em obras provenientes de ordens religiosas (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:175). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/24774/336/>.

¹⁶ Marca de propriedade aposta na encadernação de uma unidade bibliográfica. Marca fixa afixada na parte externa do livro, que pode ser estampada a frio, dourada, prateada, pintada ou desenhada. Na maioria das vezes representa um nome (apresentado por extenso ou na forma de uma ou mais iniciais), um brasão, um lema, um emblema, etc. (BIBLIOPAT). || Designa uma marca de ex lívris gravada nas pastas superior e/ou inferior de uma encadernação, geralmente guarnecida com as armas, nome, divisa, emblema ou outros elementos relacionados com o possuidor da obra (FARIA-PERICÃO:1156). || Vinheta gravada nas capas (pranchas) anterior e /ou posterior ou nas lombadas das encadernações, contendo o nome ou a divisa dos proprietários da obra (PINHEIRO2:208). || Marca encontrada na capa, contracapa e lombada das encadernações, com elementos decorativos em forma de brasões, monogramas ou outro elemento associado ao dono da obra (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:218). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26728/336/>.

¹⁷ As anotações, quando intimamente relacionadas ao texto que circundam, são chamadas de marginalia. Eles corrigem, completam ou comentam o texto. Podem ser obra de um copista (participando assim na edição do texto) ou de um leitor, caso que aqui nos interessa. "Adversaria" inicialmente se refere às notas feitas na página oposta ao texto principal. Do século XVI ao século XVIII, é principalmente um conjunto de observações pessoais e notas de leitura feitas em desordem, no dia a dia. - Definição complementar: os sinais marginais mais frequentemente encontrados são a "nota bene" e as manículas (mãos terminando em um indicador apontando na passagem que deve prender a atenção). Às vezes classificamos na marginalia certos elementos da decoração marginal, como coisas engraçadas ou todos esses animais híbridos em perpétua metamorfose. Não relacionados aos textos que enquadram, eles poderiam ter desempenhado um papel na memorização de seu conteúdo (BIBLIOPAT). || Conjunto das anotações registradas nas margens de um documento (CUNHA-CAVALCANTI:240). || Termo que designa "coisas escritas na margem"; refere-se tanto à escrita como à decoração colocada nas margens de um manuscrito; estes elementos podem fazer parte do plano inicial do trabalho, mas também podem ser secundários ou mesmo de natureza excedentária; podem incluir glosas, anotações e diagramas, e notas ou comentários que terão tido origem nos estudos escriturísticos; as marginálias puramente decorativas, com ornamentação muito desenvolvida, especialmente a do século XV, são consideradas um gênero à parte ou componentes do esquema decorativo (FARIA-PERICÃO:807). || Anotação manuscrita na margem de um documento (PINHEIRO2:191). || Elementos decorativos às margens das folhas do manuscrito ou livro. Do latim marginalia, engloba tudo aquilo que vem à margem. Para designar os escritos à margem, será adotado o conceito específico de notas marginais (PINHEIRO-VON HELDE-PEREIRA:180). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/26847/336/>.

determinar sua procedência. Aos historiadores, e, educadores, cabe conhecer um conjunto de conceitos técnicos sobre proveniência e construir estratégias, métodos, que não se limitem a pesquisar ou ensinar de forma limitada. Devem estimular os indivíduos, e a si mesmos, expandindo “sua condição natural e já existente de leitores do mundo”. (RECODE, 2021).

Considerando o exposto e tendo em vista que a pesquisa aqui apresentada irá centrar-se no estudo da proveniência de livros impressos, na seção seguinte serão abordadas a história do livro, a censura livresca, as bibliotecas particulares, o colecionismo, a bibliofilia e os estudos da materialidade do livro a partir do enfoque proposto.

2.1 Entre as capas do Imperador: uma pequena biografia do livro antigo

O passado habita as bibliotecas, não apenas nos testemunhos de época, mas também nos estudos eruditos, nas restituições literárias e nas imagens de todos os tipos. Mas minha biblioteca é também um concentrado de espaços. Todas as regiões da terra estão reunidas ali, os cinco continentes, com suas paisagens, seus climas, seus modos de viver. (BONNET, 2013, p. 122)

Na cultura Helênica, a oralidade ampliou a força da escrita, desenvolvendo o comércio de livros antes do século V a.C, tornando conhecido o trabalho de poetas, historiadores e filósofos, que atualmente são considerados clássicos, como Homero e Orfeu.

O tráfego de livros diminuiu com a queda do Império Romano. A tarefa de difundir a cultura escrita passou a ser um trabalho dos copistas que residiam nos mosteiros medievais.

Na Idade Média a oralidade tomou um novo fôlego e passou a ser mais considerada do que a leitura individual, diminuindo o tráfego de livros. Assim um livro manuscrito, onde foram produzidas poucas cópias, poderia ser lido por um maior número de pessoas, através da oralidade, atingindo um maior público leitor. Mesmo com a diminuição da circulação de livros, o comércio livreiro prosseguia em funcionamento. Além dos nobres e da classe eclesiástica, a necessidade de leitura aumentava entre os estudantes universitários, pois eles possuíam a necessidade de se dotar com textos impressos. Carrión (2020, p. 50) expõe que “Na Idade Média, um livro poderia ter cerca de 100 cópias manuscritas, ser lido por alguns milhares de pessoas e ouvido por muitas mais...”

A oralidade e a leitura individual andam juntas, a primeira amplia a capacidade de leitura individual, possibilita que o leitor conheça novos títulos, novos autores com quem se identifiquem, ampliando seu repertório bibliográfico e suas bibliotecas privadas.

As universidades mais antigas da Europa foram fundadas entre os séculos XI e XIII, em cidades como Paris, Cambridge, Salamanca, Oxford, Nápoles e Bolonha. Esse movimento

universitário ampliou a procura e o valor dos livros, aumentando as trocas, e os penhores livrescos, que foram constantes em esfera mundial até a difusão da fotocópia. Carrión cita Manguel em seu trabalho *Uma História da Leitura*:

Desde o final do século XII, aproximadamente, os livros passaram a ser objetos comerciais e na Europa seu valor pecuniário estava suficientemente estabelecido para que os credores os aceitassem como garantia subsidiária; anotações onde esses compromissos foram registrados são encontradas em inúmeros livros medievais, sobretudo naqueles que pertenciam a estudantes. (CARRIÓN, 2020, p. 50)

Nos últimos anos do século XV ficava no passado o medieval e iniciava-se a Era Moderna. A Monarquia deixou de ser “ungida por Deus” no ano de 1477, com a derrota do Duque Carlos, o Temerário. As grandes navegações levaram a conquista das Américas e a indústria do livro, da impressão se iniciava com a invenção das prensas móveis na Europa.

Digo "indústria" (em vez de invenção) de propósito, pois o que surgiu foi a organização comercial da impressão, e não a tecnologia. Do ponto de vista técnico, a metáfora implícita na palavra com que se designavam os impressos nesse período, incunábula, “roupas de nenê”, é bastante inadequada. A nova arte, longe de surgir como um bebê indefeso em seus cueiros, emergiu à luz do dia mais como Minerva, nascida, totalmente vestida e armada, da cabeça de Júpiter. Entre a década de 1450 e o início da Era Industrial, nos anos de 1790, foram introduzidos no prelo apenas três melhoramentos pouco importantes. Por volta de 1550, um impressor de Nuremberg, Leonard Denner, acrescentou a frasqueta para proteger o papel, no prelo, da tinta desgarrada e substituiu o parafuso de madeira por um de ferro. Setenta anos depois, o holandês Willem Blaew substituiu a madeira por ferro em outros lugares mais suscetíveis de desgaste, criando o chamado “prelo holandês”. E, por volta de 1780, o impressor francês François Ambroise Didot mudou o projeto da alavanca, para que se pudesse erguê-la e baixá-la com um único movimento, dobrando, desse modo, seu potencial de produção. (HALLEWELL, 2017, p. 34-35)

No século XV Johannes Gensfleisch Zum Gutenberg revolucionou a história do livro. Hallewell (2017), como exposto acima utiliza a palavra “indústria”, ao se referir a prensa de tipos móveis, outros autores utilizam a palavra “a invenção” de tipos móveis. Independente do termo escolhido por cada autor, é evidente que a Prensa mudou a forma com que as pessoas consumiam material impresso. Os livros que antes eram copiados a mão e levavam muito tempo para serem produzidos, o que os tornavam caros, passaram a ser produzidos de forma mecânica, mais rápida, e com um custo mais baixo. Não que isso os tornasse baratos, não são baratos até hoje! Quem trabalha com livros, quem precisa deles para pesquisas, ou mesmo, os que leem

por hobby, ou passatempo, sabem o alto valor dos livros, normalmente quem lê muito, tem recursos escassos para comprá-los.

Gutenberg, foi a falência ao buscar a perfeição em suas impressões. Com a intenção de reproduzir fielmente os manuscritos, os primeiros impressores não colocavam no mercado as cópias imperfeitas, as tipografias tinham que ser de tão boa qualidade quanto os manuscritos para que fossem aceitas. Hallewell (2017) indaga se foi mesmo Gutenberg que inventou a prensa e cita uma autora brasileira em sua teoria:

A brasileira Ursula Katzenstein, em sua *Origem do Livro* (1986), propôs que o aristocrata Johannes Gensfleisch zum Gutenberg foi apenas o primeiro capitalista da indústria, e o verdadeiro inventor teria sido um hábil artesão judeu, Mair Jaffe, escondido do público e da posteridade, por causa de sua religião. De fato, muitas mudanças ocorreram entre a Bíblia de 42 linhas e o final do século, mas todas foram feitas no âmbito da moda - estilos de tipo, disposição da página, design do livro - ou da comercialização, e não da tecnologia em si. (HALLEWELL, 2017, p. 35-36)

Apenas os reis, a nobreza e o clero possuíam dinheiro suficiente para ter em suas residências estantes recheadas de livros, ricamente encadernados e adornados de ouro, prata e pedras preciosas. Mesmo com o alto preço dos livros, a prensa de Gutemberg democratizou o conhecimento, modificando os hábitos de leitura e de ensino.

A indústria dos livros sempre foi próspera, podemos observar a grande variedade de negócios que estão conectados ao mundo livreiro. Existem relações curiosas que talvez nunca tenhamos ouvido falar, pois a indústria da impressão era realizada inicialmente em escala local. Muitos fatores afetaram a indústria gráfica no final do século XV, e muitos eram os envolvidos na produção livresca. Podemos indagar quais eram as ocupações que estavam ligadas à confecção e ao comércio de livros? Quais sobreviveram? E quais deixaram de existir?

Os profissionais podiam ser dos mais diversos, os que produziam os materiais de escrita, como os fabricantes de penas, canetas, lápis e tintas, os profissionais que eram responsáveis pela confecção do suporte de escrita, como os fabricantes de papel, fabricantes de cartões, pergaminho, couro, os fabricantes e mercadores de trapos (eram o material básico para a fabricação do papel), os criadores de gado, e os negociantes de couro e peles, fabricantes de papelão e ainda os marmoreadores de papel e os criadores de papéis sofisticados. Outras ocupações envolvidas podem incluir os que fizeram as capas, como os encadernadores e os que produziam a arte, as iluminuras, como os artistas pintores, gravadores, ilustradores e iluminadores. Os responsáveis pela estrutura física do livro como os marceneiros (que produziam também os móveis para a guarda de livros, além dos moldes de papel, molduras e prensas) trituradores, entalhadores e ourives. Fabricantes de ferramentas, que confeccionavam

martelos, facas e tesouras. Os comerciantes, responsáveis pelas vendas, livreiro, editor, vendedor de livros ambulante, leiloeiro. O tipógrafo, o criador de mapas, os copistas e o próprio autor.

Uma indústria próspera, que resultou do trabalho de tantas mãos habilidosas para a criação do produto final elaborado e rico em detalhes. A igreja facilitou e amplificou o mercado livreiro desde os incunábulos, a demanda por livros de gramática, bíblias ou outros tipos de impressos, aumentando as atividades nos *scriptoria* contemporâneos. Mas o mercado eclesiástico era limitado e ficaria saturado em pouco tempo. Alguns tipógrafos, eram hábeis artesãos, mas tinham algumas limitações e pouca visão para os negócios, o que levou muitos à falência, tardiamente os impressores se deram conta que a igreja não consumiria sua produção infinita de impressos. Essa foi a causa principal que fez muitos impressores mudarem-se constantemente para novos centros, em busca de novos clientes. (HALLEWELL, 2017)

As primeiras mudanças de impressores para a península ibérica aconteceram em 1472. Pararam não só em importantes capitais de província, como Segóvia, Valência, Zaragoza, Barcelona, Salamanca, Tarragona e Guadalajara, como também em cidades pequenas como Hajar, Coria, Huete, Montalbán e Sant Cugat. É digno de nota que muitos dos primeiros impressores da Espanha, e quase todos aqueles de Portugal, eram judeus e imprimiam livros religiosos para o consumo da sua própria comunidade. Para tanto, precisavam de equipamento para imprimir em hebraico, implicando uma especialização quase total. Pode-se pensar numa possível conexão com a teoria que aponta Mair Jaffe como o inventor do prelo. (HALLEWELL, 2017, p. 38)

Alguns destes impressores atendiam chamados especiais de Reis, Rainhas, do clero ou de livreiros locais, que conservavam o interesse em livros específicos, em um título favorito, seu, ou de alguém, já que muitas vezes a cópia servia para presentear um ente querido, ou um amigo da família.

Assim, a impressão em português, feita em Lisboa, começou quando a rainha Leonor pediu a seu primo, o sacro imperador romano Maximiliano, que lhe mandasse seus dois impressores (Valentim da Morávia e Nicolau da Saxônia) para produzir a tradução de Bernardo de Alcobça da *Vita Christi*, de Ludolfo, o Saxão, obra do século XIII. Ela queria um exemplar para presentear o marido, dom João II, em seu leito de morte. Depois disso, o princípio familiar da imitação, para não perder categoria, impeliu Fernando e Isabel a convocarem Estanslau, o Polonês, a mudar-se de Sevilha para Alcalá de Henares (perto de Madri), a fim de imprimir para eles uma versão espanhola dessa mesma vida de Cristo. (HALLEWELL, 2017, p. 38)

Essa constante peregrinação não deu o resultado esperado a longo prazo, e os impressores acabaram por se estabelecer em grandes centros comerciais como Lyon ou Veneza,

aumentando a tiragem produzida para baixar os custos da produção e logo após exportá-los para outras regiões. Percebemos que desde o início da era moderna os livros migram, circulam entre cidades e países e em sua maioria, foram produzidos para suprir as demandas do mercado, ou as vontades alheias.

Vian e Rodrigues (2021, p. 20) discorrem sobre o livro enquanto artefato cultural:

O livro é objeto de guarda, difusão e transformação do conhecimento. Os textos que os livros carregam não estão totalmente isentos das influências dos ambientes por meio dos quais eles são produzidos ou dos quais se originaram. Sendo produzidos por seres humanos - seres esses carregados de ideologias, crenças, valores, vivências e costumes - podem ser entendidos como um fenômeno social, o que, mais uma vez, reforça a ideia do livro como produto ou artefato cultural.

O prelo chegou tardiamente no Brasil se compararmos aos prelos instalados pelos espanhóis, na década de 1530 na cidade do México, em Lima, no ano de 1583 e em Manila em 1593, no Paraguai, o prelo foi instalado em 1700 pelos eclesiásticos. A iniciativa para a instalação dos prelos, nesses casos, foi religiosa. As populações europeias instaladas nas colônias não eram grandes, e demoraria muitos anos até que a população aumentasse de forma que fosse viável manter, sustentar um comércio de impressão nas colônias. (HALLEWELL, 2017)

Como afirmou o crítico marxista brasileiro, Nelson Werneck Sodré, a imprensa foi introduzida nas possessões ultramarinas da Europa somente onde havia uma cultura nativa desenvolvida que o poder colonial quisesse aculturar e suplantar. Isso exigiu um colégio para formar e doutrinar a elite local ou seus filhos, e livros, tanto aqueles para ensinar aos prosélitos os costumes e línguas locais como aqueles nas línguas locais que os alunos nativos pudessem usar nas escolas. Esses livros, em vez de serem encomendados na Europa e embarcados, seriam produzidos com mais rapidez e conveniência no local onde estava sendo ministrado o ensino e eram faladas as novas línguas. Onde os povos indígenas não desenvolveram um alto grau de civilização (como os índios da Idade da Pedra no Brasil), a aculturação não precisou de tanta sofisticação, e esperava-se que os missionários fizessem melhor com os ensinamentos orais. Usavam a língua escrita para si mesmos: a *Doutrina Cristã na Língua Brasilica*, um catecismo em tupi do século XVI, foi o primeiro manuscrito latino-americano a ser exposto numa universidade inglesa (a Biblioteca Bodleiana da Universidade de Oxford), em 1610. Não havia, porém, necessidade de recursos para produzir esses escritos em centenas de cópias. (HALLEWELL, 2017, p. 49)

Hallewell (2017) comunica que os responsáveis pelas primeiras instalações de prelos em muitas cidades foram os padres jesuítas e cita essas cidades:

Nova Granada (atual Colômbia) - em Bogotá, em 1738 -, no Chile- em Santiago, em 1748 - em Rio de La Plata (atual Argentina) - em Córdoba em 1758, embora o padre Paul Karrer, que iria operar o prelo de Córdoba, não tenha chegado antes de 1764. Todas essas cidades tinham uma universidade, e o primeiro prelo de Cuba também esteve associado com a nova universidade fundada na região, mas, nesse caso, o primeiro impressor (cujo primeiro impresso conhecido é de 1723) chegou, na verdade, antes da universidade, que foi aberta em Havana em 1728. (HALLEWELL, 2017, p. 53)

A Companhia de Jesus, os jesuítas controlavam toda a impressão colonial no império português, porque eles dirigiam todo o sistema educacional da época. Os motivos expostos acima explicam a inserção do prelo tardiamente em solo brasileiro, Hallewell (2017) justifica essa adição tardia exemplificando as diferenças culturais entre os povos que foram colonizados por espanhóis e por portugueses, e explica que, como a população Asteca possuía sua própria literatura registrada em Códices Mahuát, diferente dos indígenas brasileiros, as necessidades políticas e religiosas, portanto de leitura, para a colonização dos povos ser bem sucedida, deveria ser diferenciada. Além do exposto, no século XVIII, a coroa portuguesa receava dar liberdade para seus funcionários instalados nas colônias, por conta disso as poucas iniciativas de instalação de prelos em solo nacional eram logo abafadas pela coroa. A administração da colônia era desapressada, podendo esperar o tempo gasto com os envios dos impressos vindos da metrópole.

Portugal mostrou muita paranoia com o risco de seus funcionários locais adquirirem algum grau de independência, e, quando o governador de Pernambuco, em 1703, e o governador do Rio de Janeiro, em 1747, ousaram instalar um prelo, os dois receberam ordens de fechá-los assim que Lisboa tomou conhecimento de sua existência. (HALLEWELL, 2017, p. 55)

O primeiro governo das Américas que tomou iniciativa em instalar um prelo para facilitar o trabalho administrativo, foi o dos Holandeses, no Brasil, durante o século XVII. Hallewell (2017, p. 56) justifica os motivos do prelo não ter aportado em solo colonial.

Talvez fossem apenas mais burocráticos! Em todos os acontecimentos, requisitaram um impressor “para evitar o trabalho de copiar tanta coisa”. No entanto, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais teve dificuldade em encontrar um impressor que quisesse partir para a distante colônia açucareira. E, quando conseguiram achar um, ele morreu na hora da chegada. Antes que pudessem arranjar outro, os brasileiros retomaram Recife e expulsaram os holandeses do Brasil, e a questão acabou.

Os autores que queriam publicar seus livros e os leitores leigos das Américas, tanto quem queria imprimir, quanto quem queria o livro apenas para a leitura, ficaram atrelados a indústria de importação de livros. Os motivos para essa falta de prelos nas colônias americanas

são os mais variados, mas podemos dar amostra de alguns, matéria prima cara e a falta dela, o custo dos impostos de importação, restrições comerciais e censura são os mais comuns, alguns países tomaram medidas para que publicações estrangeiras não entrassem em seus países, com o objetivo de proteger a indústria nacional, como a França e a Inglaterra. Podemos citar ainda a necessidade de mão de obra especializada para trabalho no prelo nas colônias, na Europa as tipografias eram mais bem equipadas e a matéria-prima utilizada era de melhor qualidade. As tipografias, os prelos só foram aceitos pelos “governos modernos” as portas da Independência.

Algumas datas de amostras são: Quito, 1760 (tomado do colégio dos jesuítas em Ambato, onde vinha funcionando desde 1754); Nova Orleans, 1769 (a capital de Louisiana, que a Espanha tinha adquirido da França recentemente); Santo Domingo, 1782 (apesar de ter havido uma universidade local desde o início do século XVI). Depois acontece um afluxo de prelos: Saint Augustine (Trinidad de Barlavento), 1786; Santiago de Cuba, 1791; Guadalajara, 1792; Veracruz, 1794; Montevidéu, 1807 (durante a ocupação dos ingleses); Rio de Janeiro, 1808 (com a chegada da corte portuguesa e do governo em exílio, fugindo da invasão da metrópole por Napoleão); Caracas, 1810 (às vésperas da Independência); Salvador (Bahia), 1811; Recife, 1817 (durante a fracassada revolta contra o domínio português); San Antonio (Texas), 1817; São Luís do Maranhão e Belém do Pará, 1821 (às vésperas da Independência); e La Paz, no alto Peru, um pouco antes de a Bolívia tornar-se independente, em 1823. Mesmo assim, Costa Rica não adquiriu um prelo antes de 1830, Honduras não antes de 1840, e Nicarágua apenas em 1880. (HALLEWELL, 2017, p. 56)

Os baixos números da população das américas não justificavam edições de livros regulares, não havia leitores suficientes. No início do século XIX o total de latino-americanos que descendiam dos europeus era composto de um milhão de lusófonos e três milhões e duzentos e cinquenta mil falantes de espanhol que se dispersaram por oitenta graus de latitude. (HALLEWELL, 2017)

Comparem isso com os quatro milhões de brancos nos Estado Unidos, ainda confinados a um estreito corredor ao longo do litoral oriental, ou aos dezesseis milhões de habitantes das Ilhas Britânicas, um milhão dos quais viviam amontoados na Grande Londres. E a França, a nação mais populosa da Europa, contava vinte e sete milhões, meio milhão dos quais concentrados em Paris. (HALLEWELL, 2017, p. 61)

Houve uma modificação no que era pelos eruditos brasileiros e hispânicos que residiam nas colônias latino-americanas no fim do século XVIII, a atenção dos leitores voltou-se para “as obras politicamente explosivas dos *philosophes* franceses que lançaram as bases da Revolução de 1789-1794”. (HALLEWELL, 2017, p. 61)

Personalidades em suas atribuições de poder tentaram impedir a circulação desses livros impróprios, mas as medidas tomadas para esse impedimento variam de lugar para lugar, de um oficial da alfândega a outro, e ainda em rigor e praticabilidade. À vista disso, no Brasil, muitas obras entraram em território colonial de forma clandestina.

Muitas obras chegaram ilegalmente, seja na tentativa direta de evitar o controle, seja simplesmente porque figuravam entre os muitos itens oferecidos pelos barcos estrangeiros envolvidos no lucrativo comércio ilegal com os colonos. Viajantes de retorno à pátria, como os estudantes mandados para fazer curso superior na Europa, traziam indubitavelmente muitos desses itens em sua bagagem pessoal. E, quando a demanda local ficou excepcionalmente forte, um corajoso (ou oportunista) impressor local poderia aventurar-se em editar ele mesmo um livro. (HALLEWELL, 2017, p. 61)

Em alguns casos os compradores dessas obras ilegais não eram tão sortudos, e suas bibliotecas acabavam confiscadas, e é através dos registros judiciais, que dispõem o conteúdo dessas bibliotecas particulares, que podemos identificar o que liam os latino-americanos em seu tempo livre. O que demonstra que os registros judiciais além de demonstrar a censura que existia no período, também revelam as proveniências de livros e servem como fontes de pesquisa para a história do livro. No próximo tópico será debatida a forma que as Monarquias e a Igreja exerciam o poder e o controle sobre os cidadãos censurando livros e autores.

2.1.1 Censura livresca: Monarquias versus colônias

Quando lidamos com livros com sensibilidade, observando-os de perto para aprender o máximo possível com eles, descobrimos mil pequenos mistérios... Dentro e ao redor, abaixo e através deles podemos encontrar vestígios... Isso poderia nos ensinar muito se pudéssemos decifrá-los (Roger Stoddard, 1985)

Do ponto de vista histórico, não podemos pensar sobre a história e a formação dos acervos das bibliotecas espalhadas pelo mundo sem pensar na censura, porque esta, faz parte da história. A censura pode ser religiosa, civil ou militar. As bibliotecas sempre foram alvo de censura. Seja por ação de terceiros, ou por parte dos próprios bibliotecários e de curadores dos acervos. Os livros constantemente, ao longo dos séculos, foram recortados, emendados, raspados, sobrepostos, completados, substituídos por outros textos, tanto as obras manuscritas quanto impressas, as bibliotecas estão recheadas de livros com textos truncados e com censura branca, onde palavras, parágrafos, trechos e às vezes capítulos inteiros que foram censurados, são substituídos por espaços e folhas em branco. Em algumas instituições pode-se encontrar exemplares da mesma edição, em diferentes estados de censura, tornando possível identificar

os trechos censurados, em outros casos a censura é tanta que dificulta a constatação do que foi e o que não foi censurado. Esses exemplares que resistiram até os dias atuais, transportam até a atualidade as marcas de censura a que foram submetidos e solidificam diferentes momentos da história da censura, tanto nacional quanto mundial. “Os livros são feitos para serem lidos. Mas nem tudo pode ser dito.” (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 2022)

A Bíblia de Genebra, por exemplo, é uma bíblia inglesa, protestante, do século XVI, impressa no ano de 1583. Por ordem da Rainha Mary I, mais conhecida como *Bloody Mary* ou Rainha Sangrenta, em 1553 sua impressão foi proibida, pois a rainha era católica e contra o protestantismo. *Bloody Mary* perseguiu e torturou protestantes que fugiram para a cidade de Genebra, que era considerada um local de refúgio. Pela primeira vez esses protestantes, tiveram a ousadia de traduzir a bíblia inteira de suas línguas originais, Aramaico, hebraico e grego para a língua inglesa. Esta questão afetou a cultura de língua inglesa, podemos dizer que até Shakespeare utilizou esta bíblia. A Bíblia de Genebra foi levada para a Inglaterra por redes de contrabandistas, então a Bíblia era considerada um contrabando, e quem a possuía cometia um crime que levava a pena de morte. Muitas dessas bíblias, se tornaram bíblias de estudo, e não é incomum encontrarmos anotações nas margens. (ROMNEY, 2020a)

A Biblioteca Nacional de Portugal, entre fevereiro e abril de 2022, lançou a exposição *Biblioteca limpa: censura dos livros impressos nos séculos XV a XIX*, com a pretensão de explicar e expor a ação do Tribunal do Santo Ofício, ou inquisição (1536-1821) em relação a repressão que exerceu sobre os livros em Portugal.

Por que e como aconteceu este processo inquisitorial de expurgação? Esta é uma das questões a que a mostra tenta dar resposta, apresentando alguns exemplares vítimas de repressão textual ao longo dos três últimos séculos do Antigo Regime. A exposição apresenta assim as origens diretas deste modo de controlo nos livros já editados, produzidos em Portugal e importados, os meios desenvolvidos e os efeitos de um trabalho de limpeza textual massivo, planeado e meticuloso. (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 2022)

As forças de poder, independentemente de quais sejam, religiosas, culturais, ideológicas ou políticas, sempre exerceram influência sobre tudo aquilo que forma as mentes, e sobre as formas de apresentação do saber. Tudo o que pode pôr em risco a manutenção do poder.

As livres ideias, as palavras impressas, sempre foram motivo de vigilância, consideradas ameaças para o coletivo. A monarquia e a religião tentaram controlar as leituras desde o surgimento dos livros. Em Portugal eram três as instituições responsáveis por controlar a circulação e divulgação das palavras, *O Santo Ofício*, *O Ordinário* e o *Desembargo do Paço*.

Acreditava o Rei D. José, inspirado pelo Marquês de Pombal, ser necessário reunir “todas as sobreditas Tres Repartições em uma só Junta privativa, e composta de Censores Régios, que continuamente vigiassem sobre esta importante matéria, como se está praticando nas outras Cortes iluminadas da Europa”. Institui-se, assim, a Real Mesa Censória, composta por um presidente e sete deputados - um inquisidor da Mesa do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa, um vigário-Geral do Patriarcado de Lisboa e cinco homens letrados. (ABREU, 2012, p. 22)

A mesa formada possuía o desejo de controlar todas as formas de divulgação das ideias, tanto as manuscritas, quanto as tipografadas. E as penas para quem descumprisse as orientações dos censores eram pesadas, os livros eram confiscados, multas eram aplicadas, e os “meliantes” podiam ser detidos e encarcerados.

Após a morte de D. José I, subiu ao trono D. Maria I que, acreditando que a Real Mesa Censória não cumpria a contento suas atribuições, substituiu-a pela Real Mesa da Comissão Geral para o Exame e a Censura dos Livros, mantendo a determinação de controlar a impressão, a venda e o transporte de livros. Em 1794, novas alterações foram introduzidas no sistema com a extinção da Real Mesa e a divisão de suas atribuições entre o Santo Ofício, a autoridade Episcopal e o Desembargo do Paço, sem que se modificasse, entretanto, a forma de controle à circulação dos livros. A extinção do Santo Ofício em Portugal (1821) fez com que a Secretaria da Censura do Desembargo do Paço de Lisboa passasse a se responsabilizar pela matéria. (ABREU, 2012, p. 23)

A coroa portuguesa na tentativa de controlar seus súditos, obrigava os órgãos censores a controlar também a circulação de livros dentro das cidades portuguesas, todos que circulavam com livros dentro do país deveriam primeiro dirigir-se aos censores, tanto quem lia, quanto quem vendia livros fora da Lisboa precisavam passar por olhares vigilantes.

A censura sobre a circulação livresca era ativa também na França, em 1723, a coroa francesa passou a restringir a entrada de livros em cidades como Marseille, Nantes, Lyon, França, Bordeaux, dentre outras, e proibia a expedição dos livros para outras localidades. Os franceses ao receberem seus livros, tinham que retirá-los nos escritórios do governo, onde eram liberados depois de serem submetidos a uma rigorosa inspeção.

Abreu (2012, p. 25) cita Daniel Roche (1996, pp. 43-44):

(...) a polícia acompanhava os movimentos dos expedidores, por terra ou por água, os quais tinham que apresentar certificados especiais (*acquits-à-caution*) inspecionados e carimbados junto com o material despachado. Em Paris, o que quer que chegasse aos portões da cidade era levado à alfândega por um *commis des aides*, inspecionado, selado de novo e entregue ao escritório dos síndicos da corporação [de livreiros e impressores]. Se fosse estabelecido que ocorrera uma infração, os livros eram confiscados.

Além do controle das ideias, a coroa tinha como objetivo, preservar os interesses comerciais de impressores e livreiros. Os leitores, tanto os que residiam em solo português, quanto os que residiam em solo colonial, tinham suas leituras travadas pelo sistema de controle exercido sobre os livros, Mas o registro de oficiais como, os *Catálogos: Exame dos livros para a saída do Reino*, e os *Catálogos: Exame dos livros para a circulação no Reino*, conservados nos *Arquivos Nacionais da Torre do Tombo*, possibilitam ricas fontes históricas para diversos problemas de pesquisas que se relacionam com a história do livro, da leitura e dos leitores.

Fez com que se registrasse a presença de obras beletrísticas nos domínios portugueses, permitindo não apenas conhecer a preferência dos leitores brasileiros mas também compará-la com a dos reinóis, avaliando a sintonia dos gostos e a quantidade de impressos presentes nos dois lugares. (ABREU, 2012, p. 25)

Durante o período em que o sistema de controle esteve ativo em Portugal foram arquivados documentos importantes, que sobreviveram até os dias atuais, esses documentos revelam apenas um pedido de autorização para o envio de livros para a região do Alentejo, o que denota que dentro do Reino, ou não se levava a sério o controle das alfândegas e a censura, ou não havia muitos interesses em leitura. (ABREU, 2012)

O embarque de livros para o Brasil era superior aos registrados entre as cidades portuguesas e entre a coroa e suas outras colônias, tanto as asiáticas quanto as africanas.

Entre 1769 e 1826, registram-se em torno de 700 pedidos de autorização para o envio de livros para o Rio de Janeiro, outros 700 para a Bahia, 350 para o Maranhão, 200 para o Pará e mais 700 para Pernambuco. Em 50 e poucos anos, por mais de 2.600 vezes, pessoas manifestaram interesse em remeter livros para o Brasil - número que se torna mais impressionante quando se considera que cada um dos pedidos requer autorização para o envio de dezenas e, às vezes, centenas de obras. No total, mencionam-se 18.903 obras nos pedidos de licença, contendo sobretudo textos religiosos e profissionais. Assim, os documentos mostram que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, a colônia portuguesa na América não desconhecia a utilidade e os encantos dos escritos. (ABREU, 2012, p. 27)

Abreu (2012) comenta sobre outras remessas de livros enviadas ao Brasil, inclusive “Rio Grande”, sem definir se estava falando sobre o Estado do Rio Grande do Sul, ou o município de Rio Grande. Talvez essa informação nem conste no próprio Catálogo pesquisado.

Também há pedidos de autorização para envio de livros, em quantidade bastante menores, para Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio Grande e São Paulo. O controle sobre a circulação de livros entre Portugal e Brasil permanece até 1826, mesmo depois do reconhecimento da independência do país por Portugal. (ABREU, 2012, p. 27)

Como o Brasil era a maior e mais importante colônia portuguesa, com povoados núcleos urbanos, e com povoados núcleos urbanos, e com significativa imigração portuguesa, o que favorecia o comércio de bens, incluindo o de livros, podemos supor que o controle era mais rígido, mais vigiado por via marítima do que terrestre.

As marcantes diferenças no volume de livros submetidos à apreciação da censura fazem supor que houvesse diferença de rigor conforme o destino dos livros, tornando o controle interno relativamente mais brando e possibilitando a circulação de livros sem autorização. (ABREU, 2012, p. 28)

As guerras Napoleônicas (1803 - 1815) colocou o império francês liderado por Napoleão Bonaparte, contra as nações europeias. Durante a iminente invasão a Portugal, o embarque da família real portuguesa e sua corte, aconteceu às pressas, entre os dias 25 e 27 de novembro de 1807. A Corte era formada por 15 mil funcionários e juntamente com ela veio o Tesouro Real, os arquivos do governo, diversas bibliotecas pessoais, uma máquina de impressos e a Biblioteca Real, cujo acervo remonta a própria história da Monarquia Portuguesa.

Os colonos que residiam no Brasil até 1807, só podiam adquirir livros e papéis de forma legal se pedissem autorização para o órgão de censura, e se os importasse de Portugal. Em 1808, com a transferência da corte portuguesa para a colônia, os que aqui residiam, passaram a consumir livros impressos pela Impressão Régia, tipografados na própria colônia, ou ainda livros produzidos em outros países além de Portugal. Mesmo com a supervisão dos censores da Mesa do Desembargo do Paço, com sede no Rio de Janeiro. Abreu (2012, p. 29) discorre que: “Os livros submetidos à apreciação eram os mais variados, pois toda matéria impressa estava sujeita ao parecer do censor para que pudesse circular - os mais cautelosos pediam autorização até para remeter papel pautado.”

Com algumas exceções, onde os proprietários de livros enviam junto com o pedido de liberação aos censores uma relação dos livros que seriam despachados para o Brasil, o órgão de censura recebia requisições padronizadas, com os dados de quem solicitava, o nome da obra, data, mas raramente constavam nesses pedidos o nome de quem os receberia no Brasil, “dificultando o trabalho de saber a quem e a quem se destinavam os livros.”¹⁸ (ABREU, 2012, p. 310)

Abreu continua:

¹⁸ Apenas 6,7% dos pedidos trazem indicações desse tipo. Dos poucos que fornecem essa informação, 98% indicam que querem transportar sua própria biblioteca, ou seja, são, ao mesmo tempo, autores e destinatários dos pedidos.

Embora a documentação silencie sobre os possíveis leitores das obras que aqui aportavam, valiosas informações podem ser extraídas das “Relações juntas”, pois aí arrolavam-se os títulos que se pretendia enviar, ainda que o detalhamento e a precisão na notação das referências não tenham sido a maior preocupação dos requerentes. (ABREU, 2012, p. 32)

No período entre 1769 e 1807, a entrada de materiais impressos era restrita à importação de Portugal. Provavelmente existiam livros em circulação oriundos de contrabando e outros que teriam vindo para a colônia antes de serem impostas as regras de censura, em épocas anteriores.

O envio regular de livros - ou, ao menos, o cumprimento das formalidades legais - intensifica-se a partir de 1795. Anteriormente encontram-se registros apenas em 1769 - quando dois requerentes solicitaram autorização para o envio de dois livros de belas-letas - e em 1775 - em que há um pedido para o envio de 11 obras. (ABREU, 2012, p. 38)

Imagina-se que as bibliotecas particulares dos nobres entraram no Brasil sem a intervenção dos órgãos censores. Já que acabaram por se mudar de forma repentina para a colônia, aumentando de forma significativa a população do Rio de Janeiro, o que aumentou também a circulação de livros em território nacional.

Na Biblioteca Rio-grandense foram encontradas marcas de propriedade em livros que pertenceram à nobres, com títulos de Duques e Condes. A figura 2 apresenta o ex-líbris do 2º Conde de Azevedo, encontrada na obra “*Nobiliarchia portvgveza*” publicada em Lisboa, por F, Villela, no ano de 676, com 349 páginas.

Figura 2 - Ex-líbris 2º Conde de Azevedo



Fonte: Vian (2019). Acervo da Biblioteca Rio-grandense.

Pedro Barbosa Falcão de Azevedo Bourbon, nasceu em abril de 1875, na Casa da Fontinha, em S. Pedro de Beduído, em Estarreja, Aveiro, Portugal. Faleceu aos 87 anos, no ano de 1962, no dia 20 de setembro em São João das Caldas de Vizela, Guimarães, Braga, Portugal. Recebeu o título de Conde de Azevedo, por decreto em julho de 1905, por D. Carlos. Pedro Barbosa, por profissão, foi deputado, senador e Ministro na Monarquia do Norte. Sendo sobrinho neto do 1º Visconde e 1º Conde de Azevedo, pelo lado de sua mãe Maria Cândida Falcão Cota de Bourbon e Menezes. Pedro acabou herdando o título, pois seu tio-avô não possui descendentes. Formado em Direito em Coimbra, associou-se a movimentos sobre agricultura e pesca, o que acabou na pauta de seu trabalho enquanto cumpria suas atividades parlamentares. Acabou exilado na Espanha quando ocorreu a Proclamação da República, pois era a favor da monarquia, retornando para seu país em 1914. Foi colaborador no dicionário geográfico de Portugal, na GEPB, na Revista *de Ex-Libris* e nos jornais Dia, Palavra e Correio da Manhã. (Vian, 2019)

A figura 3 aponta a marca de propriedade do tipo Carimbo molhado, em tinta vermelha, com monograma do diplomata e estadista português D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela (1781-1850). A marca pode ser encontrada na obra de referência “LOZANO, Christoval. **Los reyes nuevos de Toledo**. Barcelona, P. Campins, 1744. p. 424”. A obra pertence ao acervo raro da Biblioteca Rio-grandense.

Figura 3 - Carimbo com o monograma do Duque de Palmela



Fonte: Vian (2019). Acervo da Biblioteca Rio-grandense.

Até mesmo as bibliotecas dos monarcas circulam e podem acabar em terras distantes, é o exemplo da obra apresentada abaixo, encontrada no antigo gabinete de leitura da cidade de Rio Grande, que apresenta o *Supralibros* de D. Carlota Joaquina, ou *Carlota Joaquina Theresa*

Marcos Cayetana Coleta Francisca de Sales Rafaela Vizenta Ferrer Juana Nepomucena Fernanda Josepha Luisa Sinforosa Antonia Francisca Bibiana Maria Casilda Rita Genara y Pasquala de Borbón y Borbón, ou apenas Imperatriz do Brasil.

A figura 4 apresenta um exemplar pertencente à Biblioteca Rio-grandense, com o *supralibros* de D. Carlota Joaquina

Figura 4 - Supralibros D. Carlota Joaquina, ferros a seco sobre encadernação



Fonte: A autora (2019). Acervo da Biblioteca Rio-grandense.

No Blog da Biblioteca da Ajuda de Portugal, podemos localizar marcas de posse da família real portuguesa, estas marcas estão localizadas em livros de caráter pedagógico-formativo que serviam como instrumentos de formação para os príncipes e princesas reais, vão desde dedicatórias manuscritas de pedagogos para seus alunos, a ex-líbris manuscritos dos próprios infantes. Neste caso, apresentamos na figura XXX, logo abaixo, o ex-líbris de D. Carlota Joaquina, para que seja possível a comparação com o encontrado na Biblioteca Rio-grandense. (BIBLIOTECA DA AJUDA, 2020)

Figura 5 - Supralibros D. Carlota Joaquina, na obra “Gramática de la Lengua Castellana compuesta por La Real Academia Española, Quarta Edición (...), Madrid, 1796”.



Fonte: Biblioteca da Ajuda (2020).

Recibos passados por capitães de navios, comprovando o serviço de transporte, que poderia ter o custo pago pelo remetente ou pelo destinatário. Eram recibos impressos, nos quais, os campos em branco deveriam ser preenchidos a mão pelo capitão do navio, o que demonstra que deveriam ser utilizados frequentemente para o transporte de cargas de livros. Outros documentos passíveis de pesquisa na história do livro são os que eram produzidos pelo “porteiro da alfândega”, que eram produzidos no momento da retirada dos livros pelo destinatário.

Abreu (2012, p. 44 - 45) nos apresenta dois exemplos desses documentos. O primeiro, produzido pelo porteiro da alfândega do Rio de Janeiro em 1808:

Atesto debaixo do juramento de meu Officio que todos os volumes das obras que entrão nesta alfândega, e contem livros impreços, são examinados por Mestres da Religião do Convento de Santo Antonio, os quaes depois de lhes fazer exame, e declaração, que não tem Autor algum contra a Religião, ou Estado, como regularmente se pratica, inda que as acompanhe o Despacho do Desembargo do Passo, para melhor se legitimar se há alguma introdução, se entregarão a seos donnos, com o competente Despacho. Rio de Janeiro 6 de 8bro 1808. (MDP - ANRJ)

O segundo documento apresentado por Abreu (2012, p. 45) foi produzido por ordem da Mesa do Desembargo do Paço, em 6 de novembro de 1808, e detalha o processo de liberação dos livros:

Em execução da Ordem expedida pela Meza do Desembargo do Paço em data de 6 de Nov. do Corrente apresento os documentos inclusos da formalidade do Despacho de Livros e papeis impressos com que até agora saham da Alfandega desta cidade.

1ª mostra o Despacho da Meza da Abertura; 2º atestação do Oficial Porteiro, que dá a Sahiada; 3º atestação do Pe. Mestre Religioso do Convento de Sto. Antonio, que tem servido neste anno de Censor dos ditos livros declarados na Lista, reconhecida a sua identidade e ficam retidos na Alfandega, a espera de Licença. [?] antigo estilo fica inteiramente abolido, para se não admetir à Despacho na Alfandega Livros e papeis impressos sem expressa licença do Repre. do Paço na Cidade, o que exatamente cumpra-se.

O que mostra que os livros passaram por no mínimo duas averiguações por parte dos censores, primeiramente nos portes de Portugal, posteriormente, na alfândega do solo colonial, a fim de combater a distribuição de livros proibidos.

Toda a burocracia necessária para o transporte dos livros era demorada, e as obras passavam por muitas mãos, o que ocasionava perdas, alguns livros desapareciam, outros eram confiscados para uma averiguação minuciosa, o que causava temor nos comerciantes livreiros. Eles temiam perder as obras que exportavam, muitos as pegavam em consignação e deveriam pagá-las posteriormente.

O temor dos censores era a alteração dos textos nas traduções que, portanto, deveriam ser examinadas pelo censor régio Pereira da Fonseca, a quem cumpria declarar “se acha algum acrescentamento estranho dos Auctores”. já o mercador temia o prejuízo causado pela perda de tantos exemplares, muitos “de rica encadernação”, e que “importam a mais de tres mil cruzados e foram lhe consignados por Livreiros de Paris, a quem o Supp, está responsavel por aquella quantia”. (ABREU, 2012, p. 51-52)

Hallewell (2017) discorre sobre sua conversa ocorrida em 1970, com a diretora do Instituto Nacional do Livro, na época, Maria Alice Barroso. O tópico da conversa era o uso de dados estatísticos de importação e exportação de livros no Brasil, e sua relevância para utilização desses dados nas pesquisas, principalmente sobre os dados oficiais, e afirma que estes dados não podem ser seguidos pelo pesquisador de forma cega, pois não são confiáveis.

Como bibliotecário, sempre me surpreendeu a avidez com que os usuários se apegam a dados estatísticos, sobretudo a estatísticas oficiais, como se representassem a própria verdade. Naturalmente, qualquer pesquisador sério deseja quantificar sua informação, mas, na maioria das vezes, as estatísticas são atoleiros ou areias movediças, incapazes de suportar o peso dos edifícios que pretendemos erigir sobre elas. (HALLEWELL, 2017, p. 27)

O autor expõe que a fiscalização da importação é diferente da fiscalização na exportação, pois os dados diferem de um país para outro. “O que é comprovado pelo confronto entre os dados do país de origem e os do país de destino: em 1938, a França exportou 73,3

toneladas de livros para o Brasil, que recebeu apenas 51 toneladas!” (HALLEWELL, 2017, p. 27)

Essas afirmações ressaltam a necessidade de se estudar a história do livro no Brasil através de fontes diversificadas, que complementam ou comprovam as estatísticas já existentes, ou ainda, fontes que trazem informações além das quantitativas. A censura foi responsável pela perda de muitos livros, por causa dela muitos livros foram mutilados ou destruídos, por causa dela títulos extremamente perseguidos acabaram escassos e, portanto, raros. Mas como a censura não era para todos, em alguns casos, as pessoas abastadas, os nobres ou a Monarquia, possuíam livros censurados em suas bibliotecas privadas, o que tornou possível que sobrevivessem até os dias atuais. Discutiremos no tópico a seguir a organização das bibliotecas privadas

2.1.2 Bibliotecas Privadas e seus ilustres proprietários

Embora a escola, a igreja paroquial, a taberna, o café e a universidade fossem todos locais importantes para a leitura em voz alta, a casa era um espaço distinto em si, um lugar público e privado, um local de intimidade e também de exibição social. Era um lugar de lazer e também de trabalho: uma forma de se afastar do mundo, mas também de se preparar para ele. Revisitar o agitado mundo da leitura doméstica nos oferece a chance de explorar as muitas maneiras pelas quais os livros uniram as pessoas.¹⁹
Abigail Williams (2017)

Desde o Egito Antigo as bibliotecas estão presentes nas vidas das pessoas, seja por poder, status, colecionismo ou para ampliar o conhecimento. A escrita e as bibliotecas surgiram simultaneamente, as bibliotecas eram consideradas locais de guarda e organização de materiais bibliográficos, e sua função era prática, um depósito de guarda sistemática de documentos. Posteriormente passaram a ter um caráter mais social, e foram reconhecidas como espaços culturais, onde a memória coletiva passou a ser patrimônio e salvaguardá-lo passou a ser essencial.

A arquitetura de uma biblioteca pode ser imponente, e possuem estilos variados, pode ter estilo barroco, moderno, clássico, gótico, mourisco, o Real Gabinete Português de Leitura,

¹⁹ Do original: Although the schoolroom, the parish church, the tavern, the coffee house, and the university all provided important locations for reading aloud, the home was a space distinct in itself, a place that was both public and private, a site of intimacy and also of social display. It was a place of leisure and also of work: a way in which to retreat from the world, but also to prepare oneself for it. Revisiting the busy world of domestic reading offers us the chance to explore the many ways in which books have knitted people together. (WILLIAMS, 2017)

por exemplo, localizado no Rio de Janeiro, é considerada uma das bibliotecas mais belas do mundo e possui uma arquitetura do tipo neomanuelino²⁰. Algumas parecem ter saído de contos de fadas, adornadas com pinturas, madeira esculpida por habilidosos carpinteiros, esculturas, estantes forradas com folhas de ouro, como a Biblioteca Joanina em Coimbra. Bibliotecas podem até causar rivalidades, principalmente as particulares. Alastraram-se na Renascença, mas seu maior desenvolvimento ocorreu no século XIX. As ideologias políticas e as ideias democráticas transparecem nas bibliotecas.

Nessa época, o burguês rico, imbuído de filantropia, com dó dos pobres, não podia deixar de se condoer com a falta de “pão espiritual” em que vivia o trabalhador. Este e outros chavões passaram a constituir uma espécie de propaganda, cujo slogan mais em voga era: “Abrir uma biblioteca é como fechar uma prisão”. (MORAES, 1943)

Este período na Europa foi das chamadas bibliotecas populares. Bibliotecas públicas abriram as portas por todos os cantos do continente. A necessidade de erudir os operários, sem que estes se corrompessem com leituras perigosas convencia a todos. Moraes (1943) expõe:

Bibliotecas, note-se bem, cheias de livros de vulgarização científica, romances históricos, clássicos dos que são tidos como boa leitura, manuais de instrução técnica e profissional. Bibliotecas, em suma, munidas de obras escolhidas, “ao alcance do povo”, que a nata intelectual julgava destinadas a instruir ou divertir os operários.

O problema da falta de instrução da população comum, foi encarado de forma diferente na América “onde jamais existiu uma aristocracia verdadeiramente tradicional, como na Europa.” (MORAES, 1943). Simultaneamente ao movimento das bibliotecas populares que ocorreu no continente europeu, floresceu nos Estados Unidos um movimento bibliotecário, organizado de forma espontânea pelo povo, e não gerido pela aristocracia filantropa.

A criação das bibliotecas e do movimento, não partia de uma elite defendendo a educação da classe trabalhadora ignorante, mas da própria população, que sentia ânsia de se ilustrar, de auferir cultura, como uma forma de alcançar progresso social.

As bibliotecas americanas surgiram, como as escolas, não doadas por uma elite ou por um governo benevolente, mas criadas pelo próprio povo, ávido de leitura, persuadido de que estava adquirindo um instrumento indispensável para a luta pela vida. (MORAES, 1943)

²⁰ O estilo neomanuelino foi uma corrente revivalista que se desenvolveu dentro da arquitetura e das artes decorativas portuguesas entre meados do século XIX e início do século XX. É a principal forma de arquitetura do romantismo português devido, essencialmente, à tendência romântica em assumir carácter nacionalista na construção de grandes edifícios públicos. Está para a arquitetura portuguesa do século XIX como o neogótico para a restante Europa. (WIKIPÉDIA, 2023)

Bibliotecas são pensadas como espaços adormecidos, mas na verdade, são antropofágicas e engolem outras bibliotecas. Elas podem ser diluídas ou erradicadas por vários motivos, até mesmo por conta de doenças. Não foi só agora, durante a pandemia de Covid-19, que teve início em 2020, que os bibliotecários se preocuparam com a transmissão de vírus através dos livros. A biblioteca do gueto de *Theresienstadt*, conhecida como *Ghettobücherei theresienstadt*, ou para os filmes feitos pelos alemães sobre o gueto, um nome mais neutro *Zentralbücherei*, acabou tendo seus livros queimados por conta de uma epidemia de febre tifóide.

Dos 144 mil judeus mandados para Theresienstadt, aproximadamente 17 mil sobreviveram à guerra. Cerca de 33 mil morreram no próprio campo, enquanto perto de 90 mil foram deportados para Auschwitz. Muitos morreram na epidemia de febre tifoide que tomou conta do campo no fim da guerra. Os livros da Biblioteca ajudaram no contágio, transmitindo a doença de um leitor para outro, e dezenas de milhares de exemplares infectados da Ghettobücherei acabaram sendo queimados. (RYDELL, 2018, 271)

Mas essa biblioteca não foi perdida só pela queima de seus exemplares, pois cada judeu que era deportado para outro campo de concentração, acabava levando consigo dois ou três exemplares, mesmo que as pessoas deportadas soubessem que estavam próximas do fim, queriam levar um livro, no que poderia ser sua última viagem. Muitos dos sobreviventes dos campos de concentração e dos guetos, afirmaram que a leitura, era a única coisa que lhes trazia um pouco de tranquilidade, em meio a fome, a sujeira, a doença e ao trabalho escravo que eram submetidos. As bibliotecas dos guetos eram as únicas que traziam um pouco de conforto, a olhos que só viam desgraça e sofrimento.

As bibliotecas são o centro de irradiação do conhecimento, e muitas acabam por refletir a essência de uma época. As Bibliotecas Reais Portuguesas como a Joanina, a de Mafra e a da Ajuda, por exemplo, refletem o iluminismo. Outras, refletem a essência de um único proprietário. A Biblioteca PK Yonge da História da Flórida é um exemplo, teve seu início de uma biblioteca particular em Pensacola, construída por Philip Keyes Yonge, um empresário proeminente e membro do Conselho de Governadores, e seu filho Julien Chandler Yonge. Julien em particular, colecionou livros raros relacionados à era colonial da Flórida em seus primeiros anos como Estado. Em 1945, Julien doou toda a biblioteca particular para a Universidade da Flórida e serviu como seu primeiro curador. Os livros manuscritos e outros materiais da Biblioteca Yonge abrangem os séculos desde a primeira viagem de Juan Ponce de Leon em 1513, e é especialmente conhecida por suas coleções de documentos coloniais, mapas

históricos, manuscritos do século XIX, pela coleção colorida de cartões-postais, folhetos turísticos e mais de três mil rótulos de caixas de frutas cítricas da Flórida. (WEIJER, 2020b)

Bibliotecas privadas são bibliotecas particulares. Normalmente seu uso é exclusivo do proprietário, podendo se estender a outros familiares, e a um grupo seletivo de pessoas, em alguns casos podem ser utilizadas por sócios, como a Biblioteca Rio-Grandense, em Rio Grande, que é particular, mas permite que o cidadão comum se associe e passe a retirar os livros, ou fazer consulta local.

Essas bibliotecas por vezes são vendidas em vida para instituições consolidadas, como a Biblioteca Nacional ou as Bibliotecas Universitárias, podem ainda ser doadas ou deixadas em testamento após a morte. Dificilmente uma biblioteca particular é mantida intacta após a morte de seu proprietário, normalmente são diluídas dentro de coleções maiores, ou ainda, leiloadas para grandes colecionadores e bibliófilos. Podemos abrir exceções para as bibliotecas das grandes monarquias ou de nobres, que seguem na família por gerações.

Durante o renascimento, na Europa, Reis desenvolveram bibliotecas por todo continente que acabaram por se tornar as bibliotecas nacionais de seus países. Pessoas com alto poder aquisitivo passaram a adquirir livros e montar suas bibliotecas como uma forma de ostentação. Quanto mais livros possuem, maior é sua riqueza.

Na América do Norte os primeiros colonos tinham a peculiaridade de possuir bibliotecas em suas residências coloniais. Na colônia de *Plymouth*, entre 1634 e 1683, sabe-se que existiam 27 bibliotecas. Na viagem inaugural do *Mayflower*, foram transportados os 400 volumes da biblioteca pessoal de William Brewster.

Profissionais como médicos, advogados e acadêmicos no geral, precisam de informação, e a centenas de anos passaram a construir suas bibliotecas de referência, tornando a informação acessível a qualquer momento. Platão, Eurípides, Heródoto, Aristóteles, dentre outros, possuíam suas próprias bibliotecas particulares.

Normalmente, bibliotecas privadas passam a ser constituídas na infância ou adolescência, quando o livro passa a ser um fetiche. A própria organização deste tipo de biblioteca pode ser afetiva, entre autores, por exemplo, podemos separar os inimigos e unir os amigos. Pode ser organizada por assunto, autor, cor da capa etc. Aparentemente podem ser bagunçadas, mas seus proprietários são organizados em sua bagunça. Dificilmente não encontram o livro que buscam, e quando isso acontece, se deve por uma recente “reorganização”, realizada pelo proprietário. Alguns donos preferem uma organização técnica, realizada por bibliotecários experientes. Podem ficar localizadas em lugares simultâneos, tanto dentro quanto fora da residência, por falta de espaço, ou porque às vezes essas bibliotecas

acabam por se tornar familiares, e não apenas de um único indivíduo, as bibliotecas de família são desenvolvidas ao longo do tempo, por diferentes gerações. A figura 6 apresenta um exemplo contemporâneo de ex-líbris do tipo conjugal, proveniente de uma biblioteca familiar.

Figura 6 - Ex-líbris de Raphael e Mariana Greenhalgh



Fonte: Acervo Raphael Diego e Marina Greenhalgh; artista: Shaydoh Tomaz da Silva.

O ex-líbris retrata a imagem dos proprietários, livros e máquinas fotográficas, a cor de fundo é o amarelo, com a inscrição “Ex Libris Greenhalgh’s”.

As bibliotecas particulares são bibliotecas indisciplinadas, que proporcionam grandes descobertas, refletindo o gosto pessoal do dono. O livro é uma ferramenta de crescimento profissional e espiritual, portanto de crescimento pessoal, e as bibliotecas particulares em muitos casos tornam-se ferramentas de pesquisa.

Por intermédio dos livros nos conectamos com o passado, ensaiamos os pensamentos e histórias de uma época. Ao pegarmos um livro em mãos, nos apropriamos de parte da vida do autor, os seus pensamentos, suas vivências, a o que ele se dedicou durante a vida. E, por meio das marcas encontradas nos livros, resgatamos parte da vida do leitor, do possuidor da obra, revelando traços da sua lógica pessoal, que passam a ser conhecidos por nós.

Dizem que devemos à literatura quase tudo que somos e fomos. Se os livros desaparecessem, a história desapareceria. Os seres humanos também desapareceriam. Aposto que é verdade. Os livros não são apenas a soma dos nossos sonhos e lembranças, eles nos dão o modelo da autotranscendência. Algumas pessoas consideram a leitura como um tipo de fuga. Uma fuga do mundo cotidiano e real, para um mundo imaginário. O mundo dos livros. Eles são muito mais que isso, são um jeito de sermos totalmente humanos. (THE BOOKSELLERS, 2020)

Os livros chegam às estantes de seus donos por diversos “acazos”. Pode ter sido adquirido por possuir um título misterioso, por ter uma capa vibrante e chamativa. Pode surgir em temas de conversas, ou em leituras feitas anteriormente. Por termos assistido um filme ou série, ou ainda, simplesmente por curiosidade sobre determinado tema.

É fato que os livros circulam! Quem não tem na sua estante um livro que não é originalmente seu, que lhe foi emprestado em algum momento e nunca mais foi devolvido. Existem grandes semelhanças entre os leitores de livros, mas o que se destaca é o sentimento que nutrem sobre eles, o de zelo, cuidado, guarda. Muitos comentam sobre ter que suportar as argumentações alheias sobre sua coleção. Seja esta grande ou pequena, sempre é motivo de comentários.

Normalmente os comentários são porque o leitor, o colecionador, o bibliófilo, tem mais livros do que estantes para guardá-los. A falta de espaço e de recursos para gerir acervos particulares é uma constante na vida desses indivíduos. E este excesso de livros. Este “acúmulo”! Este hábito! Também é passível de julgamento.

Como muitos de meus confrades, demorei a ter os meios imobiliários compatíveis com minhas ambições bibliofágicas! Só a parede de meu quarto, acima de minha cama, foi poupada, por causa de um trauma antigo: a descoberta, faz muito tempo, da morte do compositor Charles-Valentin Alkan, apelidado de “o Berlioz do piano”, que foi encontrado em casa, no dia 30 de março de 1888, esmagado por sua biblioteca! (BONNET, 2013, p. 17)

Muitas vezes as coleções se tornam tão imensas, que o proprietário acaba por ter que encontrar outro local que possa residir, pois cada cômodo da casa já foi tomado, do chão ao teto por suas preciosas relíquias. Para olhos leigos essas bibliotecas podem aparentemente ser desordenadas, mas cada proprietário tem uma ordem única, só sua. Criada para satisfazer suas necessidades momentâneas. Sim! Momentâneas, porque não é raro que essa ordem seja modificada de tempos em tempos. Depende do que faça aguçar os instintos leitores no momento. Pode ser por conta de uma leitura ficcional, por causa de uma nova técnica classificatória, por conta de um autor, ou ainda, por conta de um interesse maior no que tange a materialidade do livro, como ilustrações, encadernações, procedência, valor monetário, dentre outros.

Ler, liberta, e ter a liberdade dentro de casa ao alcance das mãos se torna algo mágico, transcende a felicidade. Apenas os verdadeiros apaixonados por palavras compreendem essa relação de amor infinita. Alguns, compram livros, outros, outras coisas!

Leitores encontram livros por conta própria, outros são oferecidos por amigos, familiares e colegas de trabalho. Por vezes, apenas porque sabem do amor que este leitor sente por livros. Outras vezes, porque aquele livro que lhe foi ofertado tocou de alguma forma quem o leu anteriormente. Ou apenas porque achavam que o livro “tinha a sua cara”.

Também ligamos nossos livros a essas pessoas que nos presentearam com eles, algumas mudaram de cidade, de país, outras jamais foram vistas novamente, mas existem aquelas especiais, que já passaram para o plano espiritual, mas continuam vivas suas memórias, através do presente ofertado, podemos matar a saudade ao alcance das mãos, tocá-las, como se nunca tivessem partido. Os livros são o meio que temos de viver alguma coisa, de experimentar e despertar sentimentos, de chegar a lugares distantes sem sair do sofá de casa.

A busca por algum livro que falta na coleção pode levar anos, algumas vezes pela escassez do volume, outras pela simples falta de dinheiro para adquirir o livro tão cobiçado. Por essas e outras razões não podemos dissociar o leitor de seus livros, de suas leituras. Um não se termina no outro, essa relação é eterna e não se perde com a morte do leitor. A matéria que será abordada no item a seguir elucida um pouco mais sobre as atividades do leitor enquanto colecionador e bibliófilo, como suas bibliotecas pessoais acabaram adentrando o acervo de grandes instituições espalhadas ao redor do mundo e destaca alguns mitos em torno do colecionismo.

2.1.2.1 Colecionismo e Bibliofilia: mitos e resoluções

Quanto aos perigos corridos pelas bibliotecas particulares, Nodier cita seu amigo Peignot: “As três espécies de inimigos que os livros têm são os ratos, os vermes, a poeira, e uma quarta: os que pedem emprestado.” (BONNET, 2013, p. 141)

No século XIX, as preocupações em torno da guarda de livros e o colecionismo se intensificaram por três motivos. Primeiro, os livros ficaram mais copiosos, pois ficaram módicos com a mecanização da produção de livros, e essas obras passaram a circular como nunca antes tinha acontecido. O segundo motivo, os livros tornaram-se colecionáveis com a publicação de catálogos especializados em livros e resenhas na área. E, por último, entraram no mercado livreiro obras que nunca antes estiveram à venda, alguns livros estavam pela primeira vez disponíveis para a compra, eram as riquezas das casas de campo e das bibliotecas aristocráticas que se tornaram acessíveis por conta do levante da Revolução Francesa e das

Guerras Napoleônicas. Os leilões batiam recordes de preços assombrosos, que até os dias de hoje não foram superados, assim o mercado de livros expandiu-se rapidamente na primeira metade do século XIX. Nesses leilões, indivíduos que subiam na escala social e os aristocratas litigavam cada item leiloado como se fosse um passado precioso e inseguro que estava à venda. (WEIJER, 2020a)

Já ouviu falar do “tolo do Livro”? A imagem que nos deram de séculos anteriores, é que este indivíduo possui uma biblioteca que se limita a decoração. No século XIX, o tolo do livro, através das bancas de livreiros e das casas de leilões transformou-se no bibliomaniaco, um colecionador apaixonado, sem limites para a sua compulsão, suas finanças e muitas vezes considerado insano. A ânsia de colher a maior quantidade de livros possíveis acaba entrando em conflito com seu próprio tempo e lugar modernos. (WEIJER, 2020a)

Em 1831, o bibliotecário e romancista Charles Nodier²¹ deu uma face a essa enfermidade inerente em uma sátira que nomeou como *Bibliomaniac*. Nodier apresenta sua obra como um clamor fúnebre para o Bibliófilo errante Theodore, que contagiado por uma doença misteriosa, desconhecida da medicina, a “Morocco Monomania” ou o tifo do bibliomaniaco, sendo “Marrocos” uma referência ao couro utilizado para encadernar livros adornados. Esta doença contagiosa, faz com que todas as particularidades físicas do livro governem a vida de Theodore, em seus pesadelos, angustiava-se com visões de diabólicos encadernadores que arruinaram cópias renascentistas, suas jaquetas possuíam bolsos sempre do tamanho “quarto”, para acomodar um precioso livro. (WEIJER, 2020a)

O narrador da sátira acompanha o doente em recuperação Theodore pelas ruas de Paris, recheadas de títulos efêmeros que livreiros não conseguiram vender, até que chegam a uma casa de leilões onde o colecionador triste encontra seu fim após encontrar uma cópia, que já estava vendida, de Virgílio que tem margens um terço de linhas mais largas que aquela que ele possuía e admirava, o fato dele não possuir a melhor cópia existente daquela obra acaba com Theodore, era algo inimaginável, viver sem aquela obra. Na história Nodier pergunta a seus leitores: Em uma época em que a literatura estava se tornando mais efêmera, barata e acessível, que valor ainda havia nos livros físicos e no conhecimento do passado? (WEIJER, 2020a)

Essa questão levantada por Nodier causa rebuliços e discussões ainda na atualidade, que importância têm o livro físico na era digital?

²¹ Bibliotecário da Bibliotheque de l’Arsenal, que virou biblioteca pública em 1797. Suas coleções de materiais medievais aumentaram substancialmente por conta do confisco de bibliotecas particulares e eclesiásticas durante a Revolução Francesa.

Essa pergunta, feita por Nodier, foi respondida na Inglaterra, de forma mais enfática, por Thomas Frognall Dibdin, com a publicação de *Bibliomania: um romance bibliográfico*. Essa obra apresentava uma série de diálogos entre amigos de faculdade que compartilhavam um mesmo sentimento, o amor por livros e pelo colecionismo, e apesar do subtítulo da obra, o livro era na verdade um manual de instruções para colecionadores. O autor de *Bibliomania* promovia os valores das coleções de livros, as virtudes da caça ao livro antigo e raro, tanto porque os livros ofereciam prazer a seus colecionadores, quanto aos benefícios que essas coleções trariam ao caráter nacional. (WEIJER, 2020a)

Em seu livro, Dibdin, enriqueceu as páginas com notas sobre cópias impressas que em algum momento tinham sido vistas por ele, algumas dessas notas chegaram a ter 40 páginas inteiras de texto. Era um autor fervoroso ao descrever a graciosidade dos livros como espécimes únicos de arte e impressão, como forma de ativar à vontade no estudo de cópias particulares e na disciplina, na época emergente, da bibliografia analítica. Muito tempo depois que os candidatos a bibliomaníacos pararam de ler a obra de Dibdin, está permanece até a atualidade como uma das obras de referência e leitura obrigatória para qualquer curador e proprietário de acervos raros. (WEIJER, 2020a)

George John Spencer ou 2º Conde Spencer (1758 - 1834), político e grande amante da literatura, antepassado da Lady Diana, Princesa de Gales, possuía em sua biblioteca umas das melhores coleções de impressões inglesas já reunida, enriquecida com os primeiros livros continentais adquiridos pelo Conde, através da compra de coleções europeias logo após a Revolução Francesa e depois das Guerras Napoleônicas. Dibdin foi contratado pelo Conde para pesquisar os livros que ela já possuía e para comprar novos, ampliando sua coleção consideravelmente. Dibdin, através das conexões sociais do Conde Spencer, acabou conhecendo os colecionadores mais proeminentes da Inglaterra da época, que caíram em suas graças e lhe deram entrada na primeira sociedade de colecionadores de livros, o Roxburghe Club. (WEIJER, 2020a)

Outro integrante do Roxburghe Club foi Richard Heber (1773 - 1833), era político, mas sua verdadeira vocação era a aquisição de livros raros, e sua renda assim como a do Conde Spencer, vinha de riqueza fundiária, proveniente de grandes propriedades herdadas da família. Tanto a coleção de Heber como sua correspondência, realçam as maneiras pelas quais os colecionadores de forma individual preocupavam-se com a perda de espécimes e buscavam preservar o patrimônio impresso das nações. (WEIJER, 2020a)

Após a morte de Heber sua biblioteca estimada em 100 e 400.000 volumes acabou sendo leiloadada a partir de 1836, o desmembramento de uma coleção de livros tão laureada iniciou uma

inquietação entre uma nova prole de colecionadores. Mesmo antes de ocorrer o leilão da coleção de Heber, o contexto de coleção havia mudado, já no início do século, quando novas figuras entraram no contexto da bibliofilia e do colecionismo tais como o bibliógrafo profissionalmente treinado e a biblioteca institucional. (WEIJER, 2020a)

Desde o século XVI os pedidos para a construção de uma biblioteca nacional na Inglaterra estavam em andamento, mas somente em meados do século XVIII um Ato do parlamento inglês, a partir da antiga Biblioteca Real, inaugurou o Museu Britânico para a guarda do patrimônio literário e cultural do país. (WEIJER, 2020a)

Sir Frederick Madden (1801 - 1873) era antiquário, editor, paleógrafo e colecionador de livros valiosos, foi nomeado guardião dos manuscritos do Museu Britânico, e exemplificou o novo tipo de erudição que ocorria em torno dos livros. Seus trabalhos contribuíram com acréscimos para o Roxburghe Club e para as primeiras sociedades eruditas, mas neste ponto, as tensões entre o valor estético e intelectual dos livros começaram a ser consideradas. Muitos colecionadores, como os exemplificados acima, financiaram seu hábito de colecionar livros com a riqueza vinda de terras produtivas, e a imagem de aristocratas amadores acumulando bons livros em suas residências glamurosas, não foram vistas com bons olhos pela comunidade acadêmica. Madden e o bibliomaniaco mais excêntrico de sua época, Sir Thomas Phillips (1792 - 1872), de Middle Hill, que era coletor de manuscritos, rivalizavam, e essa competição clareava as mudanças da época. Richard Heber, era um dos colecionadores mais admirados da sua época, era assim, por ser considerado um colecionador particularmente generoso e de coração aberto, diferentemente de Thomas Phillips, que dificilmente conseguia uma palavra gentil sobre sua pessoa, partindo daqueles que o conheciam bem. A vida adulta de Phillips foi marcada por uma série de vinganças, por conta de questões familiares e disputa de herança, sua família temia que Phillips estivesse adquirindo muitos livros, e seus temores eram fundamentados, já que ele não suportava perder nenhuma disputa de manuscritos em leilões, não importando o alto custo do espécime. (WEIJER, 2020a)

Como colecionador, Phillips abordava os livreiros com uma cautela que abordava a paranóia. Ele não estava acima de usar seu status de nobre para evitar a falência, ou para pressionar os livreiros a vender grandes coleções diretamente para ele, muitas vezes com um grande desconto. (WEIJER, 2020a)

Os diários de Madden, começando com a venda dos livros de Heber, expõem inúmeros momentos de desencanto por Phillips arrematar muitos manuscritos preciosos para entretenimento pessoal, ou, temia Madden, para seu entesouramento. Com certo agrado,

Madden relatou as compras feitas por Phillips de artefatos falsos, algumas adquiridas dos fraudadores mais notórios da época. Na maior parte de sua vida, Phillips permaneceu recluso, mesmo assim, era conhecido por repassar transcrições e responder a perguntas de referência sobre seus manuscritos. Ele, certamente, foi o responsável pelo resgate de muitos materiais considerados sucatas, marginalizados. (WEIJER, 2020a)

A criação de instituições públicas, como o Museu Britânico, permitia que pessoas comuns, leigas, tivessem acesso a materiais raros e escassos, que antes ficavam restritos a um pequeno grupo de pessoas de grandes posses. As salas de leitura do Museu eram movimentadas, este tipo de acesso público aos materiais foi um marco, e segundo Weijer (2020a):

Não apenas na forma como os livros eram usados, mas no pensamento público sobre para quem deveriam ser, nenhum outro. era o lugar adequado para preservar os preciosos resquícios do passado da Inglaterra.

Os bibliófilos britânicos foram imitados pelos abastados colecionadores americanos. Livreiros, como Henry Stevens (1819 - 1886), começaram a desenvolver um comércio transatlântico de materiais raros. Stevens migrou para Londres em 1845, com a intenção de adquirir livros raros americanos, para aumentar e enriquecer as coleções do Museu Britânico. Ele acabou tornando-se o livreiro de uma nova geração de colecionadores, cuja riqueza provinha da indústria americana. Stevens foi o responsável de organizar a venda, em 1847, da primeira Bíblia de Gutemberg a cruzar o Atlântico. O comprador era James Lennox, residente de Nova York. A oferta feita por Stevens para arrematar a Bíblia foi tão alta, que até mesmo o vice-campeão da disputa, Sir Thomas Phillips, ficou herético. Stevens, após uma década, discutia uma nova ideia, para o que era considerado uma instituição muito nova, a construção de um catálogo com 100.000 volumes, para uma biblioteca pública ideal, essa ideia foi baseada nos edifícios que ele viu serem construídos na América, na Inglaterra e, de fato em todo o mundo. (WEIJER, 2020a)

Na época da morte de Phillips, as vendas para colecionadores americanos representavam uma proporção cada vez maior do mercado. Com o toque de uma caneta ou a transmissão de um cabo telegráfo, colecionadores americanos como Lennox, o magnata das ferrovias Henry Huntington ou o colecionador de arte Henry Walters, de Baltimore, podiam comprar materiais antiquários de classe mundial em massa das casas de leilões da Inglaterra. (WEIJER, 2020a)

Ao longo dos anos, essas bibliotecas privadas, que tiveram cada item que compõem a coleção disputadas a cada lance, acabaram por formar os núcleos de pesquisa das grandes instituições públicas e de pesquisa dos países onde se localizavam. Essas coleções privadas, acabaram por ser acervos fundadores tanto de bibliotecas públicas, quanto das principais Universidades locais. A coleta de livros, no final do século XIX, deixou de ser uma habilidade restrita de aristocratas, estudiosos ou mesmo de particulares. Conquanto, as intenções, as preocupações e até as disfunções desses bibliomaníacos, ecoam em nós na atualidade. Todos esses colecionadores, bibliófilos de carteirinha, ansiavam pela busca de livros caros e raros com o objetivo de preservá-los, para si próprios ou para as futuras gerações, e muitos deles não se preocupavam em encastelá-los, e sim adoravam compartilhá-los com os outros. “Afim, quem mais além de um colega colecionador poderia apreciar o que estava vendo quando tirou um volume premiado da prateleira da biblioteca de um amigo?” (WEIJER, 2020a)

Da mesma forma, suas coleções espelhavam o temor de que, embora o conhecimento e os livros pudessem ser preservados de forma ilimitada ao serem reimpressos, os livros eram mais que reservatórios de saber. “Nossos bibliomaníacos se preocupavam em perder a conexão com o passado: não para o esquecimento, mas diante de um presente mais proeminente e persistente.” (WEIJER, 2020a)

Nossas prateleiras, principalmente a dos colecionadores, bibliófilos ou bibliomaníacos, estão recheadas de livros de muitas coleções, e cada livro tem sua história social, quando escolhemos um desses livros para nossa coleção privada, passamos a fazer parte da vida social daquele livro e ele da nossa, porque quando os usamos, nos conectamos a nossos objetivos, intenções e ambições, e as de nossos colegas associados citados anteriormente e também a dos livreiros, sem eles não teríamos muitas das relíquias que compõem nossos acervos.

Colecionadores são fundamentais para a conservação de materiais bibliográficos, eles mantêm enormes coleções, muitas vezes intactas, salvaguardando entre suas estantes, a memória coletiva e a cultura material da sociedade de toda uma época. “Por isso é que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também, a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em coleção”. (SUANO, 1986, p. 12).

Muitos documentos têm sido encontrados quase intactos, mesmo tendo sido escritos a muitos séculos atrás, mostrando que desde o início da civilização já existiam pessoas que se preocupavam com a preservação destes materiais, já que muitos destes itens foram descobertos em locais adequados à sua guarda. Silva (1998, p. 9) comenta que: “Preservação é toda ação

que se destina a salvaguardar e proporcionar permanência aos materiais dos suportes que contêm a informação.”

Podemos determinar então que o ato de colecionar é uma forma de preservar itens bibliográficos, pois o cuidado e a paixão que o colecionador tem por suas obras acabam sendo determinantes na preservação do livro. Evangelista (2007) assinala que o interesse das pessoas de posses em manter as suas coleções de livros raros foi um dos motivos decisivos para que chegassem até os dias atuais. Além disso, ao estudarmos o colecionismo, aprendemos sobre o que fazemos enquanto seres humanos quando coletamos materiais, e qual o significado dessa coleta, para nossas instituições, para o futuro, e para nós mesmos.

O acervo pessoal vai além da percepção das pessoas que o olham de fora, ele está recheado de significados e signos que são visíveis apenas para o colecionador ou para olhares mais atentos, dos especialistas. Para Murguia (2009, p. 88), “[...] o colecionismo de livros vai além da informação, pois a sua apropriação material está permeada por motivos diversos.” Cada objeto de uma coleção é símbolo de algo que evoca memórias. Colecionar gasta tempo, e esse tempo gasto com a coleção provoca uma relação do colecionador com seus objetos e do colecionador com os outros, com o assunto que se relaciona com o objeto. Dá ao colecionador um certo grau de status dentro de um grupo. Talvez os objetos da coleção representem um quebra-cabeça, das memórias, do comportamento e da vida do indivíduo. Pois o próprio ato de colecionar, sugere que o proprietário quer deixar uma marca, uma memória da sua existência no mundo. Por vezes, as coleções são o que acabam por dar sentido à vida do colecionador.

Cada vez que o colecionador de livros adquire uma nova obra, sente um enorme prazer e amor pelo item escolhido, muitas vezes aquele item específico custou caro, em aspectos monetários e afetivos, e, muito tempo foi gasto em sua busca. Amaral (2010) fez entrevistas com bibliófilos gaúchos para seu estudo. Um dos aspectos trazidos pela autora foi: qual a contribuição que a bibliofilia oferecia para a preservação da memória no século XXI.

O bibliófilo Waldemar Torres deu seu parecer sobre o assunto, comentando que “O livro é como um fetiche. Eu gosto de sentir a sua textura, cheirá-lo, manuseá-lo. E o papel da bibliofilia é resgatar coisas. Descobrir coisas novas. Sem o livro e a bibliofilia, 80% da história da humanidade estaria perdida.” (AMARAL, 2010, p. 56).

Para a pergunta: “Qual sua opinião em relação aos livros impressos?”, outro bibliófilo, João Armando Nicotti, afirmou que:

Vão permanecer. [...] pelo menos enquanto tiver bibliófilos. Acho que o livro não termina, acho que sempre vai existir. É obra de arte, pelo menos esses que

a gente guarda, que a gente conserva. Acho que esse é o papel do bibliófilo, nós estamos conservando. [...] Eu acho que muitas pessoas guardam livros, para o bem ou para o mal guardam. Eu acho que a bibliofilia tem essa permanência do livro, deixa-o perpetuado. (AMARAL, 2010, p. 64).

Ao analisarmos as respostas dadas pelos bibliófilos, podemos observar que eles têm consciência do benefício que trazem na preservação dos livros, mostrando que é indispensável à contribuição dos colecionadores e bibliófilos para a guarda destas obras, que muitas vezes existem em seu caráter único, em poucas ou nenhuma biblioteca.

As marcas de posse, os ex-líbris, mais especificamente são uma parte importante da personalidade do colecionador e do bibliófilo e das instituições (já que muitas com o passar do tempo confeccionaram suas próprias marcas, seja por ex-líbris manuscrito, etiqueta ou carimbo, a fim de determinar sua posse). Se o autor acima considera o livro perpétuo podemos entender que suas marcas também o são. Entretanto, sabemos que a imortalidade do livro é utópica, que estas obras são perenes e suas marcas também, além de sofrer com catástrofes, pragas e com as ações do homem (apagamentos, por exemplo), sofrem com a própria ação do tempo, esses fatores são determinantes para pensarmos novas formas de guarda, preservação, divulgação e gerenciamento no que toca os acervos bibliográficos raros e especiais.

Rebecca Romney é especialista em livros raros, autora do livro *Printer's Error: An Irreverent History of Books*, e criadora do prêmio *The Honey e Wax Prize*, mais na verdade é mais conhecida por suas consultorias e participações no programa televisivo *Trato Feito*, transmitido pelo *History Channel*. Ela comenta que a maioria dos personagens que estão envolvidos no universo do livro raro não são bibliotecários ou historiadores, e sim colecionadores comuns, pessoas com profissões diferentes, não ligadas ao mundo livresco, mas que adoram os livros, e passam a ver neles um passatempo.

Colecionadores de livros são uma espécie de estudantes perpétuos, e o universo livresco é um mundo amplo para os colecionadores. Rebecca estabelece que para ser um colecionador não precisa ser uma pessoa rica, que o colecionador não precisa gastar milhões de dólares em uma única cópia, e que existem colecionadores de todos os tipos, que eles não necessitam coletar a mesma coisa, para que suas coleções tenham valor, e que a única coisa que eles têm em comum, é o amor por alguma coisa. Portanto, ela afirma que se existe um tópico que você particularmente ama, então você está apto a ser um colecionador.

Existem muitos mitos em torno do colecionismo de materiais bibliográficos, por essa razão, Rebecca criou o *Prêmio de Coleta de Livros Mel e Cera*, onde as coleções ganhadoras não são julgadas por seu valor de mercado ou por seu tamanho, e sim, por sua originalidade e

seu sucesso em iluminar qualquer assunto que seja sua base. Essas coleções provam que muitas suposições em torno do colecionismo estão erradas.

Aqui na Honey & Wax, temos um interesse particular na evolução do papel das mulheres no comércio de livros raros, tanto na compra quanto na venda. A grande colecionadora de livros americana Mary Hyde Eccles, a primeira mulher eleita para o Grolier Club, observou que um colecionador deve ter três coisas: recursos, educação e liberdade. Historicamente, ela observou, “apenas algumas mulheres tiveram os três, mas os tempos estão mudando!” (HONEY & WAX, 2023)

A ideia geral do concurso é encorajar “mulheres”²² da nova geração a colecionar. Romney (2021) desmascara dez mitos sobre o ato de colecionar, e exemplifica com coleções normalmente sub-representadas em coleções especiais, de obras raras e em coleções institucionais:

Mito 1: Uma boa coleção de livros é composta por autores canônicos e eruditos.

Talvez esse seja um dos mal-entendidos mais comuns, e não é totalmente verdade. Rebecca apresenta a colecionadora Jessica Kahan e sua Coleção de Romances das décadas de 1920 e 1930. A autora compara a coleção de Jessica, com coleções de romances góticos dos anos 1960 e 1970, de mistério, de ficção científica, de duzentos romances populares americanos, que normalmente são marginalizadas. Romney (2020b) destaca o uso dessas coleções como fontes de pesquisa na construção de bibliografias para esses autores, a partir das coleções podemos buscar autores não representados em obras de referências, pois suas obras são consideradas ficção frívolas.

Mito 2: Uma boa coleção de livros só pode ser montada com muito dinheiro.

Como exemplos de coleções “baratas”, que podem ser adquiridas em sebos, trocadas, ou presenteadas, são as coleções de quadrinhos, as fanfics, que são produzidas por fãs, ou ainda, cópias de uma mesma edição famosa, adquiridas de maneira atenciosa, como *Orgulho e Preconceito* ou *O Pequeno Príncipe*.

Mito 3: Uma boa coleção de livros deve ser feita apenas de primeiras edições.

²² Honey & Wax usa 'mulheres' em sua definição mais ampla, uma definição totalmente inclusiva de colecionadores não-binários, trans e de gênero não conforme.

Muitos colecionadores adquirem apenas primeiras edições porque têm em mente, que estas cópias foram as que começaram a influenciar as mentes das pessoas. Mas as coleções de livros por conta da arte do ilustrador podem ser fontes, para a descoberta de trabalhos esquecidos desses artistas que não recebem atenção bibliográfica, pois não existe muita bibliografia a partir dos ilustradores.

Mito 4: Uma boa coleção de livros ocupa uma tonelada de espaço.

Mesmo em ambientes pequenos, onde temos pouco espaço para guardar “coisas”, é possível que o colecionador forme uma coleção historicamente significativa. Pode-se organizar uma coleção de programas de teatro, de livros em miniatura, de etiquetas de livraria, de selos, de dinheiro, de ex-líbris, de mapas turísticos, de coisas efêmeras, como folder, cartão de visita, marcadores de páginas, panfletos, cartões-postais, dentre outros.

Mito 5: Uma boa coleção de livros deve ter livros antigos.

A idade do objeto a ser colecionado não tem a ver com o ato de colecionar, o colecionador é quem deve entender o porquê da cópia de um livro é importante para ele. O importante é que a coleção tenha um motivo específico, um objetivo específico do que se está colecionado. Alguns colecionadores, por exemplo, gostam de obter títulos apenas de autores de sua comunidade.

Mito 6: Uma boa coleção de livros foca na história da literatura ou outros assuntos importantes.

Algumas coleções são formadas a partir de uma jornada de vida do colecionador. Como as coleções de pesquisadores aventureiros, que possuem coleções de livros de saídas de campo, da vida cotidiana.

Mito 7: Uma boa coleção de livros se concentra apenas nos criadores de livros.

Podemos pensar que apenas o autor, ou a editora são importantes. Mas existem pessoas que compram apenas livros de segunda mão exclusivamente por causa das marcas de leitura, pessoas que colecionam baseadas nas marginalias encontradas, pois quem está lendo costuma ser franco em suas anotações, é uma maneira divertida de colecionar. Livros de receitas

vegetarianas com anotações do leitor, é um ótimo exemplo, ou ainda, cópias de associações²³ de romances de ficção científica feministas.

Mito 8: Uma boa coleção de livros é apenas para as pessoas que compram a cultura do consumo.

Ser colecionador tem um propósito real, o ato de colecionar segue gostos peculiares, algumas vezes originais, colecionadores, não coletam como as instituições, os museus, que não cobrem toda a coleta necessária de certos materiais. E muitas vezes esses materiais não coletados acabam em coleções particulares. É um tipo de ativismo de arquivo cidadão, é uma preservação de livros, de materiais bibliográficos, de forma consciente.

Mito 9: Uma boa coleção de livros é apenas mais um passatempo extravagante, sem uso prático no mundo real.

Uma coleção de relatos de desastres naturais, pode ser formada para que no futuro as pessoas estejam mais preparadas em caso de desastres, então a intenção do colecionador pode ser compartilhar a forma que pessoas sobreviveram aos desastres.

Mito 10: Uma boa coleção de livros deve ter livros verdadeiros.

Uma coleção de livros não é feita só de livros, é para todo o tipo de material impresso, ou efêmero, mesmo os que não foram feitos para sobreviver. Normalmente quando recebemos um recibo, um bilhete, um panfleto, ou vemos um programa para algo, usamos, lemos, e automaticamente jogamos fora, seu uso é imediato. Mas se estamos realmente interessados em um momento particular da história, são esses detalhes cotidianos que podem realmente trazê-lo à vida

Mito 0: Colecionar não é para mim.

Existem maneiras diferentes de colecionar, além de ser uma oportunidade. A autobiografia do leitor pode ser sua biblioteca, pode ser única ou cabalística, de interpretação simples, ou enigmática, com códigos criados pelo próprio leitor, muitas vezes impenetráveis.

Ao observarmos os mitos que existem em torno do colecionismo apontados por Romney (2020b), podemos reconsiderar o que entendemos por grandes coleções, pois quando pensamos

²³ É uma cópia com histórico de propriedade, de marginalia, que é de alguém que é associado à criação do livro ou ao autor de alguma forma.

em colecionar damos importância a coleções dispendiosas, grandes, normalmente, em nossa mente formasse imagens apenas dos excessos, e nesse sentido nossa cabeça nos aniquila desde o princípio. A própria definição que formamos sobre quem pode reivindicar o título de colecionador é limitada, mas na verdade podemos colecionar o que quisermos, e esse é o encanto de colecionar. (ROMNEY, 2021)

Para se ter uma coleção, é preciso ter propósito, com algum tipo de ordenação consciente, é algo planejado, onde foram moldados indicadores, parâmetros, focados no que se busca, e esses indicadores podem ser qualquer coisa. O ato de colecionar deve se ajustar a suas preferências, vocações e a sua vida cotidiana, por isso colecionar é uma atividade particular e individual. Em muitas ocasiões as coleções refletem a identidade e a origem do colecionador. Romney (2021) diz que “uma biblioteca é um grupo que você reuniu para os textos, e uma coleção é um grupo que você reuniu como artefatos históricos que também são textos. Uma coleção não pergunta apenas por que esse texto, mas por que essa versão desse texto”. Você pode ter um rigor bibliográfico, um foco refinado, e obtém como resultado uma coleção cheia de personificação. A história do livro no Brasil será o próximo assunto debatido nesta pesquisa, discutiremos sobre os leitores anônimos, aqueles pouco conhecidos entre os pesquisadores da área, e qual a sua importância para elucidar dúvidas e desenvolver narrativas sobre a cultura regional.

2.2 A história do livro no Brasil: leitores anônimos, e emergentes na cultura regional

Para entender completamente como os livros eram usados, precisamos reconhecer as profundas mudanças na cultura impressa que ocorrem neste momento. É amplamente aceito que o século XVIII viu o nascimento e a evolução de uma cultura literária comercial, a ascensão do escritor profissional e a expansão da alfabetização popular.
Abigail Williams (2017)²⁴

Os censores eram os responsáveis por regulamentar o envio de livros para o Brasil colônia, entre 1769 e 1826 milhares eram os pedidos de autorização para envio de livros e material impresso para a colônia. Esses pedidos eram registrados no chamado “*Catálogo para o exame de livros para saírem do reino com destino ao Brasil*” (ABREU, 2012)

²⁴ Do original: To understand fully how books were used, we need to recognise the profound shifts in print culture occurring at this time. It is widely accepted that the eighteenth century saw the birth and evolution of a commercial literary culture, the rise of the professional writer, and the expansion of popular literacy.

Muitos trabalhos publicados dissertam sobre precariedade da cultura letrada no Brasil, por exemplo, o texto de Machado de Assis publicado em 1862, *O Futuro*, onde o autor afirma, segundo Abreu (2012, p. 14)

O nosso movimento literário é dos mais insignificantes possíveis. Poucos livros se publicam e ainda menos se leem. Aprecia-se muito a leitura superficial e palhenta, do mal travado e bem acidentado romance, mas não passa daí o pecúlio literário do povo.

Mas podemos observar uma discrepância, uma desconfiança por parte de Abreu (2012, p. 14). “Se aquelas pessoas não liam, por que buscavam tão assiduamente os censores a fim de obter permissão para ter perto de si alguns livros?”

A autora argumenta os motivos das falas de Machado, discorrendo que sua lamentação poderia se dar pela falta de um tipo específico de leitor e de leitura. Ou ainda, porque sendo escritor, ansiava por ganhar dinheiro com suas publicações. “Talvez ele se ressentisse, pois seus romances não eram lidos tanto quanto os outros, que ele considerava piores.” (ABREU, 2012, p. 14)

Abreu (2012, p. 16) argumenta sobre seu ponto de vista:

O contato com os documentos produzidos pelos censores e a percepção do volume de obras disponíveis no Rio de Janeiro tornavam impossível, a meu ver, a manutenção do discurso da carência cultural brasileira. Mas abriam novas questões: Quem lia esses livros? Com que objetivo? De que maneira?

Raramente leitores deixam diários, bilhetes ou cartas com suas impressões sobre as leituras realizadas, e sobre seus pensamentos ou sentimentos ao se deparar com certa obra. As indagações levantadas aqui, entre outras, sugerem a utilização de fontes históricas não convencionais, já que as informações que buscamos não ficaram registradas em documentos normalmente aceitos pela academia.

Darton (1992a, p. 229) propõe alinhar a teoria literária com a história dos livros:

Chegou o momento de se realizar uma união entre a teoria literária e a história dos livros. A teoria pode revelar a variedade nas reações potenciais a um texto - ou seja, os constrangimentos retóricos que dirigem a leitura sem determiná-la. A história pode mostrar que as leituras realmente ocorreram - ou seja, dentro dos limites de um corpo imperfeito de evidência.

Eu argumentaria em prol de uma estratégia dupla, que combinaria análise textual com a pesquisa empírica. Dessa maneira, seria possível comparar os leitores implícitos dos textos com os leitores reais do passado e, através dessas comparações, desenvolver tanto uma história quanto uma teoria da reação do leitor.

Para que possa ocorrer a “estratégia dupla” sugerida por Darton (1992a), primeiro é preciso conhecer a história dos livros no Brasil, e para isso, é necessário desvendar a história de cada exemplar na sua materialidade, e em seu contexto, o que é possível através da busca por indícios e evidências página a página, obra a obra, partindo da micro-história, apoiada por Ginzburg e Giovanni Levi que entre os anos de 1981 e 1988 publicaram a série *Microstorie*, da história local e da regionalidade para uma história mais abrangente, desvendando parte da história dos livros que fazem parte da cultural material nacional.

Michel de Certeau (1990, p. 251):

Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho - mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas -, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arbatam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido.

Chartier (2017) discorre que Certeau ao comparar, na ordem do efêmero a escrita conservadora e as leituras, concebeu um fundamento primordial para quem deseja narrar uma história “que se propõe a inventariar e racionalizar uma prática”. (CHARTIER, 2017, p. 11)

A prática da leitura abarca uma abundância de ações, atitudes e posturas, já que o leitor se liberta com o ato de ler, e possui uma interpretação própria dos textos estáticos que estão diante de seus olhos, o dinamismo da leitura que eventualmente deixa marcas rastreáveis, que podem trazer algum significado sobre o perfil do leitor. O texto passa a ter significado por conta de seus leitores, e não importa se a obra é uma literatura clássica, um texto marginalizado, ou ainda um livro proibido.

A tarefa do historiador é, então, a de reconstruir as variações que diferenciam os “espaços legíveis” - isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais - e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” - ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação. (CHARTIER, 2017, p. 12)

Chartier (2017) através dos métodos utilizados por Certeau diz que é possível elucidar alguns dos problemas, condições e mecanismos de viabilidade da história da leitura.

Três polos, em geral separados pela tradição acadêmica, definem o espaço dessa história: de um lado, a análise dos textos, sejam eles canônicos ou

profanos, decifrados nas suas estruturas, nos seus objetivos, em suas pretensões: de outro lado, a história do livro, além de todos os objetos e de todas as formas que toma o escrito; finalmente, o estudo de práticas que se apossam de maneira diversa desses objetos ou de suas formas, produzindo usos e significações diferenciados. Para nós, uma questão fundamental sustenta essa abordagem que associa crítica textual, bibliografia e história cultural: como, entre os séculos XVI e XVIII, nas sociedades do Antigo Regime, a multiplicada circulação do escrito transformou as formas de sociabilidade, permitindo novos pensamentos e modificando as relações de poder? (CHARTIER, 2017, p. 12)

Para reconstruir as dimensões históricas do texto, do livro, da história do livro, as relações da crítica textual, da bibliografia e da história cultural, como citadas por Chartier, são fundamentais. Mas pode-se acrescentar outras abordagens analíticas e metodológicas que são passíveis de realização por parte do historiador que são imprescindíveis para quem pesquisar livros antigos, curiosos ou raros, bibliotecas particulares e coleções especiais, que são: a bibliologia, a codicologia, a diplomática, a cultura material e o estudo da proveniência.

Deve-se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. Distante de uma fenomenologia que apaga qualquer modalidade concreta do ato de ler e o caracteriza por seus efeitos, postulados como universais (como também o trabalho de resposta ao texto que faz com que o assunto seja mais facilmente compreendido graças à mediação da interpretação), uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. Essa abordagem pressupõe o reconhecimento de várias séries de contrastes; em primeiro lugar, entre as competências de leitura. A clivagem entre alfabetizados e analfabetos, essencial mas grosseira, não esgota as diferenças em relação ao escrito. Aqueles que são capazes de ler textos não o fazem da mesma maneira, e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender, ou que só se sentem à vontade com algumas formas textuais tipográficas. Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e os procedimentos da interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática de leitura. Dessas determinações que governam as práticas dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos - e lidos diferentemente por leitores que não dispõem das mesmas ferramentas intelectuais, e que não mantêm uma mesma relação com o escrito. (CHARTIER, 2017, p. 13)

Para compreender as relações do texto estático com o mundo do leitor, é necessário descobrir como eles são recebidos, interpretados e apropriados, qual a relação do leitor com o objeto livro? São para estudo ou lazer? Para colecionar ou ostentar? O texto o torna um objeto de atenção? De desejo? De coleção?

O próprio “objeto” livro pode revelar algumas informações e trazer algumas respostas a essas perguntas, por exemplo, em alguns casos, a posição social de indivíduos considerados

ilustres, é representada de forma inquestionável e marcante, as imagens, as alegorias, os ex-líbris, os *supralibros* e os *ex donos* encontrados nos livros, confirmam o poder exercido por eles durante sua vida. Alguns utilizam as simbologias como um recurso para firmar seu status social, um tipo de afirmação de sua identidade enquanto cidadão, ostentam nos itens de suas coleções brasões de nobreza ou símbolos que mostram como são pessoas bem-sucedidas.

O estudo do exemplar levanta interesses de pesquisa, a identificação da edição, no livro antigo, tem grande valor para a análise dessas obras na construção de bibliografias, e é um desafio para ela mesma. Afora a edição, subsistem inúmeras teses não respondidas das comunicações, ligações de coleções, de como os livros foram de uma coleção a outra, bem de como esses livros foram “usados” no decorrer do tempo. (VIAN; RODRIGUES, 2020; RAMÍREZ; CALAF, 2018)

O livro pode ser analisado sob diversos olhares, tanto como mercadoria, como objeto cultural carregado de significações, como também, elemento constitutivo de determinada sociedade, seu formato, seu conteúdo, sua circulação, apropriação, interessam uma gama cada vez maior de historiadores. (ARRIADA, 2012, p. 1)

Rastrear os espécimes de uma coleção através das marcas de proveniência, das marcas de uso de um livro, renova as perspectivas de estudo na História do Livro, e renova o interesse de investigar a origem dos acervos. Como exemplo, cita-se o projeto *Mapping Manuscript Migrations*, da Universidade de Oxford e coordenado por Toby Burrows, que disponibiliza a origem dos manuscritos medievais de coleções francesas, e traz informações sobre 8.300 marcas de origem.

No século XIX colecionadores, bibliófilos e leiloeiros analisavam a posse do livro, e as informações encontradas eram parte dos valores adicionados a edição, muitas vezes essas informações, eram registradas nos catálogos de leilões, como uma forma de comprovar a procedência do livro, além de aumentar o valor monetário e, em determinadas circunstâncias, proporcionar raridade ao livro, por exemplo, através de uma dedicatória de alguma personalidade, de um ex-líbris confeccionado por algum artista famoso ou ainda por causa de uma encadernação luxuosa, realizada com metais, como ouro ou prata, e incrustadas com pedras preciosas ou semipreciosas.

A análise de fundos patrimoniais revela dados pouco trabalhados sobre o uso dos livros, em apenas uma pequena análise realizada nestes acervos, pode-se reconstruir uma coleção, e evidenciar a imagem da comunidade de leitores “conquistados” por uma biblioteca, estes estudos podem ainda, revelar a projeção dos textos em um território, pois as bibliotecas são

plurais, e cada uma delas, é orientada para as necessidades da comunidade onde está incorporada, em um sentido prático.

Muitas perguntas permeiam a história do livro, e não são respondidas nas narrativas que existem sobre as bibliotecas que guardam acervos raros, especiais ou privados no país, no Rio grande do Sul, não são muitas as micro-histórias conhecidas sobre as bibliotecas, leitores e livreiros que aqui estiveram ou permanecessem até a atualidade. Pode-se levantar algumas questões que merecem ser respondidas sobre a Biblioteca Rio-grandense, a mais antiga do Estado: A biblioteca possui inventário de séculos anteriores? O inventário documenta a presença de autores clássicos, como Platão, Aristóteles, Cícero, Ovídio e Virgílio? Qual a temática dos livros que compõem o acervo de obras raras? Possui obras consideradas como literatura profana, herdadas de quem? Foram criados instrumentos de descrição das obras? É possível averiguar a evolução da coleção através desses instrumentos? A biblioteca vendeu algum livro raro de seu acervo? Está documentada essa venda? Alguém se opôs à venda? Por qual razão, para manter a biblioteca intacta, ou por outro motivo?

Essas perguntas parecem ter uma resposta fácil, mas os estudos sobre a origem dos acervos raros gaúchos ainda demandam muito estudo, e todas essas questões não serão respondidas nesta pesquisa. Acervos antigos requerem que o pesquisador tenha tempo para consultar fontes variadas, e uma grande rede de apoio, com pesquisadores de áreas diversificadas, que darão suporte no decorrer da pesquisa. Em estudo realizado entre os anos de 2017 e 2019, sobre as obras raras presentes em acervos de Universidades Gaúchas, os autores, Rodrigues, Vian e Teixeira (2021) destacam que a pesquisa revelou algumas características sobre os acervos, destaca-se aqui as que se relacionam com esta pesquisa:

- a) 78% das respondentes relataram a presença de obras que pertenceram a personalidades de destaque; 67% relataram possuir obras com dedicatórias ou autógrafos.
- b) O tipo de obra predominante é o livro impresso, presente em 82% das coleções. Destaca-se a maior variedade de tipologias documentais presentes nos acervos das instituições privadas em relação às públicas. A diversidade de tipologias documentais e características bibliológicas das obras raras são indicativos da necessidade de uma série de medidas protetivas, porém há evidências de investimento insuficiente para o desenvolvimento e salvaguarda desse conjunto documental de grande valor para o Estado.
- h) 90% das respondentes informaram ter sido a doação a principal forma de aquisição dos acervos, sendo que em 50% dos casos, houve negociação direta com os antigos proprietários e/ou seus familiares. Estes números revelam o potencial espaço de pesquisa sobre as proveniências dos acervos pertencentes às universidades gaúchas, bem como evidenciam a semelhança na formação das coleções com o contexto norte-americano apresentado por Byrd, em estudo realizado na década de 1950 (BYRD, 1957).

i) No que se refere às medidas de conservação e segurança, constatou-se que as universidades adotam apenas algumas das medidas possíveis. Contudo, elas são complementares: trata-se de um conjunto de instruções que abordam a totalidade das demandas para a conservação e segurança das obras raras, portanto, faz-se necessário um investimento dessa natureza para os acervos raros gaúchos, tendo em vista o seu valor material e imaterial para o Estado e para as instituições proprietárias. (RODRIGUES, VIAN, TEIXEIRA, 2021, P. 89-90)

Nos resultados da pesquisa apresentados anteriormente nota-se que a maior parte das obras que constituem os acervos raros das universidades gaúchas, foram adquiridas através de doações, obras vindas de bibliotecas privadas, que não foram reunidas por seus proprietários sem fundamento, livros podem acabar em bibliotecas por acaso, mas não é por acidente que ali permanecem. Pesquisar, estudar esses livros, também é uma forma de guardar a memória coletiva gaúcha.

Minuzzi (2017) expõe que de um ponto de vista histórico é igualmente e ainda mais importante reconstruir as práticas de leitura desse exército de desconhecidos, para que se obtenha uma imagem confiável do contexto social, do contexto de fruição do texto no passado.

A recuperação de marcas de origem nos catálogos, tanto impressos quanto automatizados, nas bibliotecas nacionais é dificultosa, pois em sua maioria, os dados sobre as marcas de proveniência ou de ex-proprietários não são normalizados, ou se os são, estão incompletos. lembrem-se que neste estudo, lida-se com obras raras, e descrevê-las nos catálogos, é um trabalho difícil, com necessidades específicas, é uma atividade que demanda um catalogador especializado em livros raros e coleções especiais, que dedique parte do seu tempo ao estudo da biblioteconomia de livros raros e de outras áreas correlatas, inclusive no estudo de línguas, como o latim, grego, alemão, italiano, francês, hebraico, dentre outras.

Na próxima seção vamos dialogar sobre a raridade bibliográfica, sobre os acervos raros gaúchos e alguns critérios de raridade.

2.2.1 A exuberância dos livros raros e dos acervos especiais brasileiros: orientações sobre raridade bibliográfica, e o uso de materiais bibliográficos raros e/ou especiais como método no ensino de história

Sem dúvida, entre história e memória as relações são claras. O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientam as memórias coletivas. E, ao contrário, as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas históricas originais.
Roger Chartier (2009)

Quando dialogamos sobre livros raros, ao menos, elencamos três aspectos considerados critérios diferentes de raridade: o valor, a colecionabilidade e a escassez. Em relação ao valor, pode ser atribuído por conta da sua idade, por seu conteúdo intelectual, ou pela sua composição física. No que se refere à colecionabilidade, é a procura, a busca por aquele item específico faltante de uma coleção que o torna precioso. No tocante da escassez, um espécime pode ser único como cópia, mas não singularmente faltoso como texto, por exemplo, nunca estivemos a ponto de perder a Bíblia, mesmo na Idade Média. E a digitalização, o universo virtual, forçamos a pensar cada vez mais na escassez como um critério de raridade. Vian *et al.* (2019) discorre sobre as características que podem destacar um livro como raro.

Um livro pode se tornar valioso por seu conteúdo – por exemplo: os primeiros relatos de invenções e descobertas científicas (cânones), as primeiras edições de importantes obras literárias ou históricas (clássicos); ou por suas características físicas, como por exemplo: encadernações luxuosas contendo ouro e pedras preciosas, exemplares contendo anotações manuscritas de uma pessoa ilustre, livro cujas ilustrações dão uma nova interpretação de um texto ou da obra de um artista de renome. (VIAN *et al.*, 2019, p. 3)

Quando pensamos o que seria um livro raro normalmente elegemos algum aspecto que se destaca no espécime, não ocasionalmente, é o seu aspecto gráfico, ou tiragem reduzida que chama atenção. É possível caracterizar um livro raro sobre diferentes ângulos, e cada um deles não descarta o outro, apenas agrega mais valor ao livro, o que torna o exemplar cada vez mais único em sua essência, alguns quesitos de raridade se enquadram em uma perspectiva mais individual, mais pessoal, enquanto outros se enquadram em uma perspectiva mais complexa, dentro de um conjunto, e quando nos deparamos com essa perspectiva de conjunto, de algo composto, organizado de alguma forma, por algum motivo, é que compreendemos as funções que perpassam o próprio artefato enquanto um objeto apenas físico, passamos a re interpretar-lo com uma visão mais aguçada, recolocando-o em seu tempo e em sua esfera social.

Voltando à questão da raridade por conta de uma tiragem reduzida, podemos destacar que quando existe um consenso entre os pares de que realmente só sobreviveram um número restrito de itens, este é um tipo de raridade absoluta. Existem livros, mesmo os contemporâneos, que já nascem raros!

Podemos sugerir que a raridade relativa não está atrelada a escassez, e sim aos usos sociais dos livros, do uso do livro enquanto um documento que carrega as marcas deixadas por seus leitores e possuidores. Afinal, o livro sempre foi aruspício de classe e posição! E deve ser tratado e analisado pelo historiador como tal, como um artefato!

No século XIX, em estudos pioneiros, a análise de posse do livro fazia parte dos valores adicionais da edição, e interessava a bibliófilos e colecionadores. O que acabou tornando-se um dos critérios de raridade adotados por bibliotecários curadores de acervos raros.

Destacamos então que as marcas de uso e as marcas temporais, tornam-se, em algum momento, características cobiçadas para raridade, colecionadores e bibliófilos às acham fundamentais em alguns casos, o que aumenta o valor atribuído ao espécime. Vale destacar que muitas das medidas de segurança, conservação e restauração adotadas por instituições proprietárias, ou por indivíduos, que não possuem um conhecimento aprofundado e específico, atingem propriamente o objeto, desfazendo suas características primitivas, os que as mantêm, elevam seu grau de valor, e também o de raridade.

Mas a verdade é que cada instituição pode criar seus próprios critérios de raridade, as coleções de livros raros e/ou especiais podem abranger desde manuscritos medievais, ou tábuas de argila, até livros de artistas modernos. Pensando na raridade a partir de uma crítica baseada nas funções sociais dos livros, aferimos que as coleções podem ilustrar mais de mil anos de interação humana com os livros e seus diversos formatos e, a partir delas, vemos um processo de interação com o livro que se estende além da sua origem inicial, da sua manufatura, do seu tempo. Livros antigos são monumentais e refletem as mudanças de atitude da sociedade em relação ao passado, e suas perspectivas para o futuro, e essas mudanças podem ser vistas, reveladas, concretizadas nas páginas dos livros antigos, basta olharmos para eles!

A discussão sobre raridade bibliográfica deve, obrigatoriamente, perpassar o valor patrimonial daquele conjunto de bens (coleção) para a instituição que o abriga, para a região onde se encontra inserido, para aquele grupo ou comunidade de pessoas que impulsionou a sua criação e dele faz uso. Entende-se que a ideia de raridade deva ser discutida sob o viés do patrimônio cultural, e que para estabelecer critérios de raridade, as instituições devam considerar aspectos e elementos relativos à historicidade e à territorialidade de suas coleções e obras. (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2021, p. 71)

Weijer (2020a) pergunta: “A quantos lugares os livros podem nos levar? Mas, a quantos lugares as pessoas levam os livros?”. O autor pondera e opina sobre o livro raro, e diz que ele:

Reflete e documenta o que seus criadores e seus usuários queriam ver nele em todas as fases de sua vida. E esse é um fio poderoso que percorre todas as coleções especiais. São livros para serem usados, para serem reimaginados e revigorados por gerações de pessoas, agora e no futuro. (WEIJER, 2020a)

O livro antigo ou raro e a formação de coleções especiais devem ser abordados e confrontados por disciplinas diversificadas, além da história e da biblioteconomia, essas abordagens diversificadas formariam um conjunto de saberes, que futuramente seriam referências comprovadamente seguras para uma determinada área do conhecimento.

Uma das formas de resguardar acervos antigos ou raros é através da digitalização das obras. Mas a título de exemplo, doze das dezenove universidades localizadas no Rio Grande do Sul, que afirmam possuir obras raras em suas coleções, participaram de um estudo sobre as coleções de obras raras das universidades gaúchas. Destas, nove das instituições responderam à pergunta que buscava compreender sobre os procedimentos de segurança adotados para a salvaguarda e segurança dos acervos raros. Chama atenção aos autores do estudo, que nenhuma das instituições utiliza recursos de digitalização ou microfilmagem como forma de resguardo da coleção, o que é preocupante. Pois cada vez que manuseamos um livro raro, o colocamos em risco eminente. (VIAN *et al.*, 2019)

Prevalece, nas bibliotecas universitárias gaúchas, o uso de dispositivo antifurto como principal recurso de segurança aos acervos, seguido de câmara(s) na sala/seção/ prédio que abriga a coleção. Duas, das nove instituições respondentes, relataram não adotar nenhuma medida de segurança. Uma instituição possui seguro contra sinistros e uma relatou adotar outro tipo de procedimento, explicando que o acervo raro fica armazenado em sala fechada. (VIAN *et al.*, 2019, p. 9)

Fornecer acesso a obras raras de forma digital amplia a vida da obra, além de resguardá-las contra quadrilhas especializadas em roubos de livros raros, estende o acesso a elas sem as restrições geográficas a que pesquisadores estão sujeitos, desenvolvendo ainda o ensino de história, instigando a pesquisa e fomentando o uso de tecnologias existentes, ou na criação de novas, que auxiliam no desenvolvimento de produtos relacionados a narrativas históricas. Apresento abaixo o quadro 1 que retrata a disponibilidade de coleções de obras raras em universidades gaúchas, para melhor visualização as universidades que estão marcadas com um “X” possuem acervo raro, as que não possuem serão marcadas com a palavra “Não”.

Quadro 1 - Universidades gaúchas: disponibilidade de coleções de obras raras

Instituição	Caráter	Localização*	Possui acervo raro?
Universidade Federal do Rio Grande – FURG	Pública	Rio Grande	X

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Pública	Porto Alegre	x
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS	Pública	Porto Alegre	Não
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA	Pública	Porto Alegre	Não
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA	Pública	Bagé	Não
Universidade Federal de Pelotas – UFPel	Pública	Pelotas	x
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Pública	Santa Maria	x
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS	Privada	São Leopoldo	x
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS	Privada	Porto Alegre	x
Universidade de Caxias do Sul – UCS	Privada	Caxias do Sul	x
Universidade de Passo Fundo – UPF	Privada	Passo Fundo	x
Universidade da Região da Campanha – URCAMP	Privada	Bagé	x
Universidade Luterana do Brasil – ULBRA	Privada	Canoas	
Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ	Privada	Cruz Alta	x
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI	Privada	Erechim	Não
Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ	Privada	Ijuí	x
Universidade FEEVALE – FEEVALE	Privada	Novo Hamburgo	x
Universidade Católica de Pelotas – UCPel	Privada	Pelotas	Não
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC	Privada	Santa Cruz do Sul	Não

Fonte: Teixeira e Rodrigues (2017b).

A pesquisa acima revela 19 universidades no Estado do Rio Grande do Sul, sendo que dessa totalidade, 07 não possuem acervo raro e 12 bibliotecas universitárias possuem esse tipo de acervo. Os autores Vian; Teixeira; Rodrigues (2018, p. 3) expõem que

Em relação às medidas de segurança adotadas, percebe-se o predomínio na utilização de dispositivo antifurto pelas bibliotecas (04), seguido de câmera(s) de segurança (03). Duas instituições relataram não adotar medidas de segurança. Uma instituição possui seguro contra sinistros e uma relatou utilizar outro tipo de procedimento: o acervo fica em sala fechada. É necessário salientar, ainda, que três instituições deixaram a questão em branco. Quando questionadas sobre a existência de um regulamento que

orienta o uso das coleções de obras raras, observa-se que das 12 bibliotecas universitárias, 06 não possuem regulamento específico; 05 possuem regulamento para orientação do uso da coleção de obras raras; e 01 biblioteca não respondeu.

Percebe-se que as medidas de segurança, adotadas pelas universidades não são suficientes para a guarda do acervo raro gaúcho, constatou-se que as universidades adotam apenas algumas das medidas possíveis. Contudo, elas complementam-se: são um grupo de orientações que abordam as demandas para a segurança das obras raras, desta forma, torna-se necessário desenvolver meios de conservação e segurança para os acervos raros gaúchos, levando em consideração o seu valor material e imaterial para o Estado e para as instituições proprietárias. Perder esses acervos é o mesmo que apagar a parte da história gaúcha.

Na próxima alínea abordaremos questões sobre o furto de obras raras no Brasil, e sobre o funcionamento do mercado negro de livros raros.

2.2.2 As redes de subtração de obras raras, o mercado negro livreiro: o maior ladrão de livros raros do Brasil

Que aquele que rouba livros ou não devolve livros emprestados tenha o livro em sua mão transformado numa serpente voraz. Que ele sofra um ataque apoplético que paralise todos os seus membros. Que, aos gritos e gemidos, implore por piedade, e seu tormento não seja mitigado até que entre em estado de putrefação. Que as traças corroam suas entranhas como o verme que nunca morre. E que no dia do juízo final seja condenado a arder para sempre no fogo do inferno.

Inscrição na Biblioteca do Mosteiro de São Pedro.

FUNKE, Cornelia. Coração de Tinta. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

Ladrões de livros raros podem trabalhar diretamente com os colecionadores. Quando uma obra rara é roubada, o ladrão sabe o que fazer com ela, são criminosos profissionais, e é aí que temos um problema, essas obras podem desaparecer durante décadas, sem deixar pistas.

Existe todo um lado sombrio no roubo de obras raras, para alguns colecionadores possuírem uma obra específica que falta em sua coleção pode se tornar uma obsessão. É um mundo sofisticado, onde o “comércio cultural” é discutido enquanto tomam champanhe e negociam os altos preços cobrados, expandindo o mercado do roubo de obras de arte, manuscritos e livros raros.

Estima-se que a atividade clandestina no tráfico de obras roubadas em todo o mundo, movimentam milhões, bilhões de dólares, normalmente as obras roubadas valem em torno de 3% a 10% do valor original no mercado negro.

Obras conhecidas, emblemáticas, que pertencem a instituições renomadas, podem ser reconhecidas facilmente por especialistas ou estudiosos, não podem ser revendidas facilmente

pelo mercado legal, oficial de forma aberta, como em sebos ou leilões. Essas obras precisam ficar escondidas aos olhos alheios. Ladrões de livros e manuscritos raros podem receber informações específicas sobre o que roubar, o que procurar dentro de cada instituição, e essas informações podem vir dos próprios colecionadores e bibliófilos, que possuem gostos específicos sobre suas coleções.

Quem poderia manter uma coleção de obras raras furtadas? Talvez pessoas que não se importem de mantê-las em segredo pelo resto da vida, pois afinal, obras valiosas chamariam atenção rapidamente se expostas ao público.

Normalmente esse tipo de crime não é um crime de oportunidade, e sim um delito bem planejado, nada é feito de improviso. Os engenheiros sociais responsáveis por esse tipo de crime podem planejar por anos a forma que realizarão o furto ou roubo dessas obras.

O motivo por trás do roubo deve ser descoberto, algumas dessas obras podem ser usadas como moeda de troca. No mundo do crime, possuir uma obra de arte importante, um livro ou manuscrito raro em mãos, pode ser um passe livre para fora da prisão. No Brasil, Laéssio Rodrigues de Oliveira é um engenheiro social reconhecido entre os curadores de livros raros, é considerado o maior ladrão de livros raros do país, que chegou a cursar a faculdade de biblioteconomia com a intenção de aprender mais sobre a biblioteconomia de livros raros, e causou prejuízos milionários a diversas instituições brasileiras. Vários locais foram alvos de seus crimes, entre eles, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, o Palácio do Itamaraty, a Universidade de São Paulo, a Fundação Oswaldo Cruz, o Museu Histórico Nacional, a Fundação Rui Barbosa e a Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nesta última, ocorreu o maior furto de livros raros do país, e Laéssio, acabou se tornando o principal suspeito do crime.

Laéssio alimentou um mercado negro milionário, o de furto de materiais bibliográficos raros, por vinte anos, ele desfalcou o patrimônio cultural nacional em pelo menos quatro estados, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul. Acabou preso várias vezes, foram cinco prisões por furto, roubo, receptação e formação de quadrilha, todos os crimes relacionados ao roubo de livros, revistas, pinturas, documentos e gravuras. Foram contabilizados mais de 300 livros roubados, sendo que apenas um desses livros foi avaliado em um milhão e meio de reais.

Nascido em Teresina, era obcecado por Carmen Miranda desde a adolescência, e essa obsessão foi a motivação para seu primeiro furto, um exemplar de uma revista rara de 1940 que trazia uma matéria sobre a pequena notável, que pertencia à coleção do Museu da Imagem e do Som em São Paulo. No início o roubo era para consumo próprio, para leitura, posteriormente a

prática tornou-se um negócio milionário. Ele começou a roubar livros e jornais raros, em 1998, e posteriormente os vendia na Feira do Bexiga, que acontecia aos domingos em uma praça de São Paulo, um reduto de colecionadores e antiquários. Foi no ano de 2004 que a polícia chegou até o ladrão de livros, através de uma denúncia, realizada por um negociante. (BARROS, 2017; MARTINS, 2017)

No início, Laéssio planeja seus crimes sozinho, mas a partir de 2005 criou uma organização criminosa especializada no furto de itens raros. Entre os itens mais valiosos roubados por ele e seus comparsas estão fotografias feitas por Dom Pedro II, da sua esposa Teresa Cristina, fotografias do funeral de Dom Pedro II, os primeiros Atlas do Brasil, do século XVII, confeccionados por um cartógrafo holandês, primeiras edições autografadas por cânones da literatura nacional, os desenhos originais, do século XIX, feitos pelo artista francês Jean-Baptiste Debret, e pelo alemão Johann Moritz Rugendas, que viajaram pelo país no século XIX, retratando paisagens e personagens do Brasil colonial. (BARROS, 2017; MARTINS, 2017)

Livros são fáceis de contrabandear, cruzam as fronteiras facilmente e, despercebidamente, comenta-se que o Exército Republicano Irlandês (IRA), usava obras de arte roubadas para comprar armas que fortaleceriam sua guerrilha, mas não se tem provas que esta informação seja verdadeira.

A maior parte dos livros nunca foi encontrada - o índice de recuperação é de 40%, segundo Raphael Greenhalgh, da Universidade de Brasília (UnB), autor de uma tese de doutorado sobre os maiores furtos no País, nenhum tão numeroso quanto o da Pedro Calmon. Quando as obras retornam, é comum virem adulteradas. Num crime pelo qual Laéssio foi condenado, o furto no Museu Nacional, 14 livros raros tiveram as ilustrações navalhadas. (MATTOS, 2017)

O terceiro crime mais rentável do mundo é o roubo de obras de arte, e os livros raros se encaixam nesta categoria, muitas das obras roubadas no Brasil têm destino certo, Europa, Estados Unidos, Argentina e acabam nas mãos de quem financia esse mercado ilegal, os colecionadores, bibliófilos e também as instituições públicas. Esses roubos mostram a vulnerabilidade das instituições brasileiras, que dependem de recursos públicos insuficientes para gerir seus acervos de forma correta. Essas obras possuem incalculável valor histórico e monetário, pesquisar a proveniência das obras, registrar as informações de procedência e as marcas de proveniência nos catálogos, além de digitalizar seu conteúdo e suas informações, contribui para resguardá-las de possíveis larápios, auxilia em sua recuperação no caso de roubos ou furto, ademais ajuda professores a tornarem suas aulas atrativas no ensino de história, além de disseminar fontes históricas para pesquisadores.

Podemos pensar que não é válido tirar algo que está guardado a algumas décadas, centenas de anos e disponibilizar ao público, ou realizar uma nova avaliação sobre a materialidade da obra, nosso pensamento imediato é que se está guardado a tanto tempo, todo mundo já viu, e a obra já foi analisada no todo, em todos os seus aspectos. Mas isso não é verdade, o livro pode estar guardado a anos sem ninguém ter visto, sem que tenha recebido a devida atenção, sem que ninguém tenha estudado as suas características materiais.

Livros raros e/ou especiais possuem características incomuns, singularidades, e quando debatemos sobre esses espécimes valiosos, temos que nos ater que cada exemplar é curioso e único por algum ensejo, e que o preço que queremos pagar é diferente do preço quando precisamos vender, principalmente porque um amante de livros tem uma imensa dificuldade de desapegar de seus preciosos volumes.

A seguir serão apresentadas algumas considerações e perguntas que devem ser levantadas a respeito da cultura do impresso no ensino de história, através da pedagogia do livro raro e da cultura material.

2.2.3 A pedagogia do livro raro: exercícios de cultura material, o livro antigo como documento

A literatura fez parte da crise e da revolução, e estava no seu epicentro. Nunca antes na história inglesa a literatura escrita e impressa desempenhou um papel tão predominante nos assuntos públicos, e nunca antes os contemporâneos a consideraram tão importante. Nunca houve nada antes que se comparasse a essa guerra de palavras. Foi uma revolução da informação.
Nigel Smith, *Literatura e Revolução* (Yale University Press, 1994), p. 1.²⁵

Naturalmente os usuários de textos históricos são pesquisadores e pós-graduandos, desta forma, perde-se uma grande parcela de um público potencial, que são os estudantes escolares e os graduandos, historiadores ao não perceberem esta informação permitem que uma nova onda de pesquisadores não seja treinada e instruída.

Desenvolver recursos e atividades didáticas que facilitem o ensino de história, e estimule novos pesquisadores, através da cultura imprensa são uma inovação curiosa e importante para o ensino. Levar textos históricos, material efêmero e livros antigos para a sala de aula através de diferentes métodos, faz com que esses objetos renasçam, tendo novos usos,

²⁵ Do original: Literature was part of the crisis and the revolution, and was at its epicenter. Never before in English history had written and printed literature played such a predominant role in public affairs, and never before had it been felt by contemporaries to be of such importance. There had never been anything before to compare with this war of words. It was an information revolution. Nigel Smith, *Literature and Revolution* (Yale University Press, 1994), p. 1.

trazendo novas possibilidades de ensino transversalmente com a histórica local. Além de permitir que alunos e professores compreendam melhor os materiais históricos como fontes primárias de informação.

Estamos cercados por objetos em nosso cotidiano, mas poucas vezes pensamos sobre a sua origem, sobre as aventuras que passaram até chegar ao seu destino atual, e sobre o que eles podem dizer sobre as pessoas, a história e a cultura. Observar e contemplar a história dos objetos possibilita compreender seus significados, seus usos e funções, podemos levantar algumas questões essenciais para o estudo dos objetos e para o ensino de história, que podem ser utilizadas por professores em salas de aula para estimular a pesquisa nos alunos, são elas:

- 1) O que os objetos, artefatos e documentos podem nos dizer sobre o passado?
- 2) Que tipos de relações existem entre os indivíduos e os objetos que possuem ou colecionam?
- 3) Como esses objetos, artefatos e livros talham as identidades pessoais, tanto de forma positiva quanto negativa?
- 4) Por que alguns objetos se tornam valiosos, cobiçados entre colecionadores e bibliófilos, enquanto outros se tornam descartáveis?

Desenvolver métodos de ensino, exercícios sobre a cultura material, sobre livros raros, e outros tipos de materiais bibliográficos, fornece aptidão para que os estudantes reflitam sobre livros como mercadoria, artefatos, que retratam a cultura, o marketing, o design e a estética, além de oferecer técnicas e procedimentos para que os alunos afirmem os livros como dispositivos diretamente ligados a cultura. (WEST VÍRGÍNIA UNIVERSITY, 2021)

Os livros raros oferecem um enorme potencial para impactar a conscientização dos alunos sobre a cultura impressa, contextos literários e variação textual. Eles são importantes pelo conteúdo que contêm, mas também pelos aspectos físicos que exibem, oferecendo entendimentos historicamente informados de nossa herança cultural, em todas as disciplinas. (WEST VÍRGÍNIA UNIVERSITY, 2021)

Livros raros podem ser estudados em tantos aspectos da sua materialidade, da sua vida social e de seu conteúdo, que apenas um bibliotecário, um historiador ou pesquisador individual, não consegue responder esses aspectos que podem estar relacionados com as características físicas e específicas do tipo de papel utilizado para confeccionar a cópia, sobre os tipos de ilustração que são apresentadas no espécime ou ainda, os detalhes técnicos do

processo de impressão e encadernação de um original, são estudos que requerem um conhecimento específico e aprofundado sobre cada item que compõem um livro antigo. Utilizá-los em sala de aula necessita de preparo tanto para o professor, quanto para o aluno, mas aproximar o aluno da cultura dita “erudita” é quebrar paradigmas, e quem sabe, fomentar futuros colecionadores, guardiões de sua própria cultura para as futuras gerações.

Desenvolver atividades que se relacionem com “livros em rede”, por exemplo, proporciona o mapeamento das conexões existentes entre editoras, impressoras e livreiros e os textos históricos, exemplificando o papel destes profissionais na circulação e produção de livros.

Pensando em atividades desenvolvidas a partir do livro enquanto objeto, podemos obter pistas sobre a fisicalidade dos livros e dos textos históricos, pois como comentado anteriormente, são muitos os aspectos do livro que merecem atenção: se o espécime contém ilustrações, retratos, lista de assinantes, anúncios, mapas, apêndices, dentre outros. Até mesmo as capas dos livros e a encadernação merecem um cuidado especial: de que material foram feitos, couro? Tecido? Madeira? Metal? Existem padrões impressos ou perfurados no couro? Essas características podem estar relacionadas aos gêneros do texto?

Essas indagações podem gerar respostas sobre a que tipo de leitor esses livros foram destinados, de que forma eram lidos e usados, como foram criados e em que circunstâncias foram publicados. Atividades desenvolvidas a partir da cultura escrita auxilia os alunos na exploração de fontes de informações históricas, auxiliam na compreensão de que mesmo a fisicalidade do livro foi constituída daquela forma por algum motivo, os grandes fólhos acorrentados às mesas nos séculos passados, a *verbi gratia*, eram assim confeccionados para não serem carregados por aí.

A Universidade da Virgínia (2021) disponibiliza em seu site algumas questões que podem ser levantadas, debatidas e ampliadas pelos alunos, na avaliação e construção da biografia de um livro raro, com alguns acréscimos feitos por esta autora, são elas:

1. Qual o tamanho do livro? O que o tamanho sugere sobre o público potencial do livro? Durante a guerra, por exemplo, os livros eram impressos em formato pocket, para caberem nos bolsos dos soldados.
2. De que é feita a capa? Há ilustrações na capa? Decorações? Se sim, eles são ornamentados? Simples? Relacionado com o conteúdo do livro? Apresenta o nome do ilustrador? O que a capa sugere sobre o mercado pretendido para o livro? (Dica: pense no marketing de brochuras modernas versus livros de capa dura).

3. As bordas do papel são douradas? Coloridas? Prateadas? Desenhadas? O desenho da encadernação é o mesmo da capa do livro? Sinta o papel e observe o tamanho e o estilo da impressão. O que esses detalhes físicos sugerem sobre o mercado pretendido para o livro?
4. O livro é ilustrado? Há muitas ilustrações? Qual é o propósito ou função das ilustrações? O que as ilustrações sugerem sobre o mercado pretendido para o livro? As ilustrações foram criadas por um artista de renome?
5. O livro tem dedicatória ou prefácio do autor? Em caso afirmativo, o que isso sugere sobre as intenções do autor para o livro?
6. O livro tem índice? Em caso afirmativo, o que isso sugere sobre a abordagem do autor ao seu assunto? A estratégia do autor em relação ao leitor?
7. O livro inclui informações sobre o catálogo da editora (com os títulos e/ou preços de outros livros que a editora vende)? Em caso afirmativo, o que isso sugere sobre o editor, sua participação no mercado e suas estratégias de marketing?
8. O livro tem anúncios? Em caso afirmativo, que tipos de produtos estão sendo anunciados? Como eles são anunciados (com gráficos; preços)? O que os anúncios sugerem sobre o público-alvo? São anúncios de livros?)

Além das questões levantadas acima, podemos acrescentar:

1. Existe alguma marca de propriedade? De que tipo? Alguma anotação, dedicatória, *ex dono*?
2. Qual a qualidade do papel? Possui marca d'água?
3. Qual a qualidade da impressão? Possui algum erro de impressão? Existem fontes diferentes no mesmo espécime? É manuscrito, ou impresso?
4. Existe algum tipo de dano na obra? Qual a localização do dano? O dano foi proposital? Um apagamento? Ou foi um dano ocasional?
5. Possui algum tipo de enfeite?
6. Existe algum tipo de douramento na capa? Algum *supralibros*? Alguma marca de fogo? Foi encadernado pelo colecionador? É uma encadernação personalizada? Existem outros livros com o mesmo tipo de encadernação na biblioteca? Se a resposta for sim, o que isto significa?

A partir das respostas encontradas para cada pergunta acima, é possível que o aluno desenvolva uma narrativa, um pequeno ensaio sobre o livro e o mercado livreiro. A Universidade da Virgínia (2021) revela as seguintes dicas para a construção da narrativa, que podem auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua tese:

1. Declare sua tese no início de seu ensaio. Sua tese pode se concentrar no estilo, conteúdo ou marketing do livro – ou qualquer outra coisa que você ache interessante. Lembre-se de que uma tese é uma declaração de posição e que você precisa estabelecer uma posição sobre este livro em seu ensaio.
2. Quanto mais evidências específicas você usar em seu ensaio para provar seu ponto, melhor.
3. Sua redação não deve ser uma lista de respostas para as perguntas acima. As perguntas destinam-se a fornecer algumas estratégias para iniciar sua análise; elas não fornecem a estrutura (ou a tese) para seu ensaio, nem pretendem limitar sua análise.
4. Cada parágrafo de seu ensaio deve apoiar sua declaração de tese. Certifique-se de que haja transições entre os parágrafos para que cada parágrafo leve ao próximo e certifique-se de que cada parágrafo se baseie em seu predecessor.
5. Cada livro reflete um momento cultural. Seu trabalho é dar sentido a isso.
6. Esta tarefa não requer pesquisa externa - embora você possa optar por prosseguir com a pesquisa, se desejar. Esta tarefa requer uma visão cuidadosa, pensamento e escrita.

As questões trazidas pela Universidade da Virgínia e por esta autora, servem para dar uma base inicial ao historiador quando for trabalhar questões relativas à história do livro em sala de aula, auxilia o professor na construção de um roteiro para trabalhar com os alunos as questões que se relacionam com a cultura material, a história do livro, a história local, a proveniência bibliográfica e o universo do livro raro. Também encoraja o aluno a não cometer anacronismo, lhe ensinando a situar o texto no seu tempo, a partir de uma crítica secundária, pensando sobre o conteúdo e a confecção do livro e de como a sua criação contribuiu para os debates no período em questão, dando subsídios para que o aluno descubra a importância dos livros para a cultura.

No capítulo seguinte debate-se questões em torno da pesquisa de proveniência no contexto da história do livro, e sua importância para a história das bibliotecas, dos leitores, e o seu uso, tanto como fonte histórica, como na análise crítica da fonte.

2.3 Proveniência no contexto da história do livro

Quando manuseamos livros com sensibilidade, observando-os de perto para aprender o máximo que pudermos com eles, descobrimos mil pequenos mistérios... Dentro e ao redor, abaixo e através deles podemos encontrar vestígios...
 Roger Stoddard, *Marks in Books, Illustrated and Explained*, 1.
 Stoddard revisits the catalogue and repeats this passage in "Looking at Marks in Books," 27.²⁶

Roger Stoddard, ao publicar seu catálogo *Marks in Books, illustrated and Explained*, em 1985, utilizou como frase de abertura a epígrafe acima, suas palavras ampliaram os esforços de uma geração de colecionadores, conservadores, bibliotecários, pesquisadores e estudantes de todas as áreas de humanidades e da ciência da informação, cada vez mais esses profissionais passaram a dedicar seu tempo e suas pesquisas para elucidar e dar significado a marcas enigmáticas encontradas nos livros antigos.

O livro de Stoddard coincidiu com - e até certo ponto ajudou a iniciar - uma nova fase na história da leitura como uma disciplina (ou interdisciplinar) propriamente dita, na qual as marcas dos leitores apareciam como uma fonte geral de evidência para uma ampla gama de práticas. Indo muito além do interesse tradicional em comentários eruditos e na busca estreita de assinaturas e fontes de escritores famosos. (SHERMAN, 2008, p. XI)²⁷

Estudos sobre os leitores começaram a ser realizados depois das palavras de Stoddard, bibliotecas pessoais começaram a ser analisadas, e um dos tipos de marcas de proveniência que passou a ser utilizado como fonte histórica por pesquisadores foi a marginalia, ou as notas produzidas pelos leitores em espaços em branco ao longo dos textos, ou as margens das páginas. Alguns estudiosos passaram a investigar as notas escritas por leitores diferentes, de um único texto, mas em múltiplas cópias.

Heidi Brayman Hackel dedicou um capítulo às marcas dos leitores em 151 exemplares de Sidney's *Areadia*, e Heather Jackson às margens em 386 cópias de *Life of Johnson* de Boswell, enquanto Owen Gingerich publicou um livro best-seller em sua busca de trinta anos por anotações em todas as 600 cópias

²⁶ Do original: When we handle books sensitively, observing them closely so as to learn as much as we can from them, we discover a thousand little mysteries... In and around, beneath and across them we may find traces ... that could teach us a lot if we could make them out.

²⁷ Do original: Stoddard's book coincided with-and to some extent helped to initiate-a new phase in the history of reading as a proper discipline (or interdiscipline), in which readers' marks featured as a general source of evidence for a wide range of practices, moving well beyond the traditional interest in erudite commentary and the narrow search for the signatures and source materials of famous writers.

sobreviventes de *De Revolutionibus* de Copérnico. (SHERMAN, 2008, p. XI)²⁸

Sherman (2008) relata que durante seus estudos sobre marginalia ficou surpreso com a grande quantidade de notas produzidas pelos primeiros leitores, e afirma:

Mais de um em cada cinco dos primeiros livros impressos de Huntington preservam as notas dos primeiros leitores (e para certos assuntos e em certas décadas a proporção é muito maior), e as anotações em muitos livros da coleção Rosenthal são tão completas que ameaçam para sobrecarregar o texto: uma cópia extraordinária dos Analíticos posteriores de Aristóteles, impressa em Leipzig por volta de 1500, tem cerca de 59.600 palavras de anotação em suas 68 páginas; e as quase 50.000 palavras de marginalia em uma Bíblia de 1516 são limitadas a apenas 41 páginas (produzindo uma contagem de mais de 1.200 palavras manuscritas por página), onde muitas vezes são encontradas empilhadas três ou quatro entre as linhas do texto impresso. Fiquei igualmente surpreso com a variedade de técnicas, hábitos e interesses que eles documentam... (SHERMAN, 2008, p. XII)²⁹

Existe uma necessidade emergente de entender um contexto mais amplo sobre a história do livro e dos leitores no Brasil, Sherman (2008) afirma que existe uma frustração entre os revisores de trabalhos neste campo, são muitas as dúvidas e poucas são as respostas. Este sentimento exposto por Sherman, é o mesmo sentimento exposto por esta autora que vos fala.

Todo estudioso conhece aquele momento emocionante em que colocamos todas as nossas fichas diante de nós e os padrões emergem da massa de dados. Essa epifania até agora iludiu os historiadores da leitura. Estamos tendo algum sucesso em recuperar as estratégias interpretativas e as experiências internas dos leitores, mas ainda precisamos organizar esses fatos no tipo de narrativa que os historiadores políticos, sociais e econômicos produziram. Nossas histórias, tais como são, tendem a ser aleatórias e discursivas... A evidência que temos de leitores individuais, especialmente antes de 1800, é muito tênue, muito dispersa, muito ambígua. (SHERMAN, 2008, p. XII)³⁰

²⁸ Do original: Heidi Brayman Hackel has devoted a chapter to the readers' marks in 151 copies of Sidney's *Area- dia*, and Heather Jackson to the marginalia in 386 copies of Boswell's *Life of Johnson*, while Owen Gingerich has published a best-selling book on his thirty-year hunt for annotations in all of the 600 surviving copies of Copernicus's *De Revolutionibus*.

²⁹ Do original: More than one in five of the Huntington's early printed books preserve the notes of early readers (and for certain subjects and in certain decades the proportion is far higher), and the annotations in many books from the Rosenthal collection are so thorough they threaten to overwhelm the text: one extraordinary copy of Aristotle's *Posterior Analytics*, printed in Leipzig circa 1500, has some 59,600 words of annotation on its 68 pages; and the nearly 50,000 words of marginalia in a 1516 Bible are limited to only 41 pages (producing a tally of more than 1,200 manuscript words per page), where they are often found piled three or four deep between lines of the printed text. I have been equally astonished by the variety of techniques, habits, and interests they document...

³⁰ Do original: Every scholar knows that thrilling moment when we lay out all our index cards before us, and the patterns emerge from the masses of data. That epiphany has so far eluded historians of reading. We are enjoying some success in recovering the interpretive strategies and inner experiences

Proveniência é um termo usado para definir o histórico de um objeto, de uma fonte. Se origina da palavra francesa *provenir*, “*vir de*”, é a história da origem de um artefato. Sweetnam (2020), reconhece que

Em um sentido geral, a palavra "proveniência" significa o local de origem ou a história conhecida mais antiga de algo. No entanto, a palavra também tem um significado mais técnico, relevante para a coleção de todos os tipos de objetos históricos, obras de arte e antiguidades. Quando falamos sobre a proveniência de um objeto, nesse sentido, queremos dizer seu registro de propriedade. (SWEETNAM, 2020, tradução nossa).³¹

É relevante salientar que estas fontes são, muitas vezes, imprescindíveis para estudos sobre redes e circulação da cultura livresca possibilitando descobrir por que mãos passavam os livros, por que tipo de favores foram trocados, quem remexeu ou desviou sua forma e conteúdo, como escaparam de mãos perigosas, de fogueiras, acendidas por fanáticos, de incêndios, de enchentes, de terremotos, como o que correu em Lisboa, no ano de 1755, e até mesmo de erupções, como a erupção do Monte Vesúvio, que destruiu a Biblioteca de Herculano em 79 DC, e como esses objetos sobreviveram sendo escondidos dentro de latas, caixas, bolsas, malas, sótãos, esconderijos, passagens secretas ou logo abaixo da roupa de alguém, e ainda, como foram enterrados em *bunkers*, florestas, quintais, campos de concentração, e como ele chegou até sua estante, até seu lar, no presente.

Em muitas situações uma evidência material, uma marca única, solta, sem estar atrelada a um contexto não nos diz nada, mas em combinação com evidências externas, com o uso de outras fontes documentais e bibliográficas, pode-se recuperar grande parte das informações de proveniência ausentes, com a utilização de ferramentas internas de controle da própria instituição, através dos catálogos (de vendas, de bibliotecas e de leilões), das notas de compra, de notícias publicadas em jornais, em revistas, em repertórios e inventários, o historiador pode descobrir novas evidências, o que proporciona, por fim, um conjunto de dados fidedignos de evidências materiais.

of readers, but we have yet to arrange those facts into the kind of narratives that political, social, and economic historians have produced. Our stories, such as they are, tend to be random and discursive.... The evidence we have of individual readers, especially before 1800, is too thin, too scattered, too ambiguous.

³¹ Do original: In a general sense, the word "provenance" means the place of origin or the earliest known history of something. However, the word also has a more technical meaning, relevant to the collection of all kinds of historical objects, works of art and antiquities. When we talk about the provenance of an object, in this sense, we mean its ownership record.

Os registros de proveniência em livros representam uma importante fonte de pesquisa sobre a história da cultura do livro (especialmente a história das bibliotecas e coleções de livros, a história da leitura) e outros fenômenos históricos relacionados à história dos livros, mas não apenas para eles. A pesquisa sobre a forma e o conteúdo da proveniência do livro pode oferecer material de fonte interessante para história literária, história da arte, linguística histórica, psicologia, sociologia, história de elite, história cotidiana e história cultural geral. Ele ajuda significativamente a mapear e documentar as transferências culturais na Idade Média, no início dos tempos modernos e nos tempos contemporâneos.³² (PROVENIO, 2021, tradução nossa).

Quando uma fonte tem sua proveniência documentada, completa, atestando sua propriedade, podemos obter uma narrativa histórica validada, podemos atribuir uma obra a um artista, uma carta a seu remetente, um livro a seu proprietário, ou a sua instituição originária. Através da documentação de proveniência, os curadores estabelecem a autenticidade de um objeto, documento ou material bibliográfico, enfim, das fontes históricas.

A questão aqui a ser levantada é que o mundo, a sociedade está em constante movimento. Os modos de leitura, de interpretação, de produção editorial, de escrita e da guarda de materiais, alteram-se com o passar do tempo. Passa-se de um mundo de papel, da memória vegetal, para um mundo digital, onde viaja-se o mundo em um instante, através de cabos de fibra óptica, do ciberespaço.

Alguns processos modificaram-se, se antes rastreava-se as “ideias”, as conexões através de documentos deixados por autores, hoje já não é mais possível, o texto já começa a ser descrito no mundo digital e não mais no papel.

ao modo dos escritores de hoje, em massa, não poderiam, talvez, registrar seus avanços e recuos na escrita de suas obras. Eis uma questão que incomoda a crítica genética, que tratou, de maneira valiosa, das origens e das metamorfoses do texto literário com base em, por exemplo, originais rasurados, rabiscados e reescritos pelo próprio autor, principalmente. (RIBEIRO. 2016, p. 98)

As tecnologias digitais mudaram a relação do leitor e de suas leituras, as práticas de leitura se ampliaram, o ciberespaço possibilitou a criação de hipertextos e hiperlinks. Essas mudanças geraram debates sobre a substituição do livro pela leitura digital, muitos autores

³² Do original: Provenienční záznamy v knihách představují důležitý pramen pro výzkum historie knižní kultury (zejména dějin knihoven a knižních sbírek, dějin čtení) a dalších historických fenoménů spjatých s dějinami knihy, avšak nejen pro ně. Výzkum formy i obsahu knižní provenience může nabídnout zajímavý pramenný materiál pro literární historii, dějiny umění, historickou jazykovědu, psychologii, sociologii, dějiny elit, dějiny každodennosti i obecné kulturní dějiny. Významnou měrou pomáhá mapovat a dokladovat kulturní transfery ve středověku, raném novověku, i v době moderní.

debateram sobre o fim do livro. Ribeiro (2016, p. 101) qualifica como exageradas as afirmações de Chartier (2002) quando discorre:

A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex (Chartier, 2002, p. 23-24).

A autora comenta outra afirmação de Chartier (1998), “a revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg”. Mas podemos destacar que cada “revolução” é importante a sua maneira e a sua época. Mas não podemos afirmar que o livro digital substituirá o livro físico, já que desde a invenção da prensa a mais de quinhentos anos o livro impresso continua sendo a preferência de muitos leitores, onde o livro digital veio apenas para agregar mais uma prática, uma oportunidade de leitura.

A longa história da leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. Da invenção da imprensa não decorreram imediatamente novas maneiras de ler. Do mesmo modo, as categorias intelectuais que associamos ao mundo dos textos perdurarão diante das novas formas do livro. (CHARTIER, 2002, p. 112)

A verdade é que os leitores ampliaram suas formas de ler, uma não substitui a outra, elas se relacionam, cada uma com suas particularidades. Com o avanço tecnológico, mudaram os suportes de leitura, novos objetos se tornaram fontes de pesquisa, aceitos por historiadores.

Apesar de algumas divergências entre especialistas, existe uma unanimidade entre os pesquisadores de todas as áreas de estudo, uma coleção digital, a leitura digital pode atingir um novo público, diferente daquele imaginado inicialmente.

Materiais que muitas vezes se encontravam sem uso ou procura são disseminados, tornando possível sua consulta, independentemente de tempo ou lugar, propiciando novas abordagens de pesquisa e facilitando o trabalho de investigadores. (VIAN *et al*, 2019, p. 14)

Aprender sobre a história é importante para compreender o mundo à nossa volta, ajuda a lidar e a entender questões complexas e as relações entre as pessoas e as sociedades, a partir de um ponto de vista local, regional, passando a nacional e até global.

Instituições como associações culturais, bibliotecas, conventos, escolas, igrejas, farmácias, enfermarias, hospitais, monastérios, arquivos, órgãos de administração pública, universidades, e museus, poderão ter fragmentos de sua história exteriorizados por meio do uso de fontes

históricas marginalizadas, como as marcas de proveniência, esses fragmentos lançarão um novo olhar sobre o passado. Transversalmente a pesquisa de proveniência, nota-se que esta lida com dois tipos básicos de evidências, primeiro destacamos as evidências internas, nas quais situam-se as marcas: inscrições, encadernações, carimbos (seco/molhado), selos, imprecações, marcas de censura, notas genealógicas, preço do livro, *ex donos*, *supra libros*, *ex-líbris*, etiquetas de livreiro, etiquetas de encadernador, desenhos, retratos, manículas³³, sobre capas (capas de livros, *Dust Wrapper*; casacos de poeira, *Dust Jackets*; ou, jaquetas, *Jackets*)³⁴, dentre outros, ou seja, componentes físicos do exemplar, documento ou objeto, bem como quaisquer vestígios inseridos na obra, objeto ou artefato, tais como papéis avulsos, bilhetes, notas fiscais, recortes de revista/jornal, selos, cartas etc. Destaca-se em segundo as evidências externas: dentre as quais, podemos citar os repertórios bibliográficos, catálogos de editores, livreiros, bibliotecas, revendedores e casas de leilão. (REED, 2010)

As bibliotecas têm a responsabilidade de apresentar seu acervo de todas as maneiras possíveis, tornando-o acessível a públicos diversificados. O que leva a refletir sobre como os acervos podem ser melhorados, engajando a biblioteca e a comunidade, aprofundando as relações culturais, criando oportunidades para que historiadores e indivíduos possam gerar novas ideias, viabilizando novas descobertas históricas, utilizando recursos e fontes informacionais diferentes das convencionais que correspondam a esse contexto, desenvolvendo uma memória institucional, além de melhorar a construção das narrativas históricas e o entendimento da história.

³³ Indicação manuscrita ou impressa colocada na margem de um documento, usualmente sob a forma de desenho manuscrito ou, mais raramente, impresso, de uma pequena mão, indicando as passagens mais importantes.

³⁴ Casacos de pó ou invólucros de pó são os revestimentos de papel enrolados nas tábuas de um livro. As capas de poeira começaram a ser usadas regularmente no final de 1800, onde foram originalmente projetadas para serem uma embalagem descartável para ajudar a proteger o livro até chegar à biblioteca de seu proprietário. A prática de descartar as jaquetas era quase universal até a década de 1920, quando a coleção das primeiras edições modernas se tornou popular e a inclusão da sobrecapa começou a ser uma parte importante da conveniência de um livro. (ABEBOOKS, 2023)

Essas capas muitas vezes acabam indo para o lixo, durante o processo técnico de catalogação de uma obra. Pois “atrapalham” a colocação das etiquetas na obra. Levanto aqui um ponto a ser discutido, as bibliotecas universitárias no país, não tem em sua missão a visão do patrimônio. Muitos profissionais que trabalham nessas instituições muitas vezes não possuem em sua formação disciplinas voltadas a este tema, o que acarreta uma lacuna em seu aprendizado. Uma visão mais abrangente dos acervos é essencial para que “pequenos delitos” ao patrimônio, não sejam cometidos por falta de conhecimento técnico nesta área. Talvez seja necessária uma revisão da missão das bibliotecas universitárias do país. Já que muitas acabam por receber, através de doação, muitos acervos importantes, que guardam grandes histórias.

Tecnologias da informação são cada vez mais usadas como ferramentas educacionais. Na era digital, a busca, a pesquisa, é realizada através das tecnologias disponíveis e a probabilidade de se ir a campo tornam-se menores.

A pesquisa de proveniência é entendida como pesquisa contextual entre disciplinas e períodos históricos. Revela a complexidade dos valores atribuídos à arte e aos objetos culturais em várias sociedades, constelações sociais e também por indivíduos. Assim, a história do colecionismo privado e institucional está intimamente ligada à pesquisa de procedência.³⁵ (UNIVERSITÄT BONN, 2022, tradução nossa)

Para curadores de acervos, a proveniência é de suma importância, pois essas instituições detêm o dever ético e moral de estabelecer se suas coleções foram angariadas de forma legal e dentro de princípios íntegros e honrados. Todas as instituições que possuem a função de guardar o patrimônio cultural, incluindo as bibliotecas com fundos antigos, tem por objetivo envolver a comunidade, o que denota um tipo de confiança pública expressiva e relevante, o que pressupõe que os objetos, livros e documentos são de propriedade legítima da instituição.

A proveniência também importa porque tem a capacidade de revelar narrativas sociais profundas, traçando fios do passado distante à sociedade contemporânea. Os objetos que as pessoas valorizam transmitem noções de identidade cultural à medida que mudam ao longo do tempo e atuam como lembretes de nossa humanidade coletiva.³⁶ (BOARATI, 2021, tradução nossa)

É necessário que o pesquisador faça uma reflexão mais profunda sobre a importância da identidade do leitor, porque, para que a reconstrução da história do livro ocorra de forma ética, é necessário reconstruir também a história individual dos proprietários de livros. Tomamos por exemplo a Segunda Grande Guerra, O Holocausto. No item a seguir busca-se contar uma breve história sobre a pesquisa de proveniência na Segunda Guerra Mundial, e como homens corajosos salvaram e devolveram às origens livros que deveriam ter sido destruídos em fogueiras ou reciclados em fábricas de papel.

³⁵ Do original: Provenance research is understood to be contextual research across disciplines and historical periods. It reveals the complexity of the values ascribed to art and cultural objects in various societies, social constellations and also by individuals. Thus, the history of private and institutional collecting is closely linked to provenance research.

³⁶ Do original: Provenance also matters because it has the ability to reveal profound social narratives, tracing threads from the distant past to contemporary society. The objects people value convey notions of cultural identity as it changes over time, and act as reminders of our collective humanity.

2.3.1 Uma breve história do uso da proveniência no fim da Segunda Guerra Mundial e suas repercussões

Eles estavam por toda parte: membros das Forças Armadas os liam enquanto esperavam na fila do refeitório ou do barbeiro, quando estavam numa trincheira ou a bordo de um avião bombardeiro para uma missão de rotina. Eram tão onipresentes que um marinheiro certa vez comentou que um homem parecia estar “sem uniforme se um livro não estivesse à vista no bolso de trás da calça”.
Molly Guphill Manning (2015)

Quando pensamos no Holocausto, logo vem à mente cenas de horror, imagens das chaminés das câmaras de gás, de pessoas malnutridas, esqueléticas, mal-vestidas (se pensarmos no frio europeu), atrás dos arames farpados dos campos de concentração, famílias divididas e obrigadas a viverem amontoadas em guetos, a cruz amarela, obrigatória em suas vestes e milhares de corpos jogados em valas comuns, cavadas às pressas pelos próprios prisioneiros que residiriam nelas para sempre. Enfim, cenas horripilantes do que foi considerado o maior genocídio do planeta. Mas o que ficou esquecido, é que o Holocausto foi também um dos maiores atos de pilhagem e de destruição do patrimônio cultural de certos grupos sociais, como os judeus e os maçons.

Esses atos de pilhagem e destruição, foi a forma que os nazistas arquitetaram para assassinar o povo Judeu e sua cultura, seus livros e obras de arte. O que não foi destruído, mandado para a fábrica de reciclagem e produção de papel, ou incinerado, acabou por encher as bibliotecas alemãs de tesouros culturais alheios, mas não com o intuito de preservação, e sim como uma forma de respaldar as pesquisas que incentivaram o extermínio de toda uma raça, o povo Judeu!

Rydell (2018) na introdução de *Ladrões de Livros: a história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a guerra*, discorre sobre seus sentimentos e angústias diante de uma importante tarefa que lhe foi confiada. Devolver o pequeno livro verde-oliva à neta de seu antigo proprietário, depois de 70 anos que este ficou perdido. Richard Kobrak, o dono original, teve o zelo de escrever seu nome na folha de rosto da obra, e de colocar seu ex-libris na contracapa. Ele e a esposa foram deportados em um trem, no fim do ano de 1944, para Auschwitz. Suas vidas acabaram na câmara de gás.

Rydell, em sua jornada de devolver o livro, sofreu, com medo de perder o pequeno objeto, teve pesadelos, pensando que o livro havia sumido, e comenta. “O valor do livro não é monetário, é sentimental, e ele é insubstituível para aqueles que cresceram seu o avô.” (RYDELL, 2018, p.9)

Este livro foi o único bem que sobrou de Kobrak. “Um livro da biblioteca de um homem.” (RYDELL, 2018, p. 9). O autor segue:

Milhões de livros esquecidos de milhões de vidas perdidas. Por mais de meio século eles foram ignorados e reduzidos ao silêncio. Aqueles que sabiam de suas origens muitas vezes tentaram apagar a memória de seus donos, rasgando qualquer página que contivesse um carimbo, riscando dedicatórias e falsificando catálogos de bibliotecas, em que “presentes” da Gestapo ou do Partido Nazista eram substituídos por menções a doadores anônimos. (RYDELL, 2018, p. 9)

A algumas décadas tem se debatido sobre os saques de obras de arte e antiguidades realizados pelos nazistas, mas pouco se fala sobre as famílias judias que tiveram seus livros saqueados. Da costa do atlântico ao Mar Negro, dezenas de milhões de livros findaram. Os livros roubados pelo exército Nazi tinham propósitos e finalidades diferentes de outros objetos roubados, e distribuídos entre os líderes nazistas tinham o propósito: “de exibir, legitimar e glorificar o novo mundo que os nazistas pretendiam construir sobre as ruínas da Europa”. Um mundo mais belo e limpo, de acordo com o ponto de vista deles.” (RYDELL, 2018, p. 10)

Eventos culturais, filmes e exposições já eram sabotados pelos nazistas antes de 1933. Listas de literatura condenável foram produzidas, colocando autores em uma *Blacklist*, que seriam banidos quando o partido assumisse o poder. Nessa época, muitos proprietários de livros foram obrigados a destruir suas bibliotecas particulares com medo de retaliação, muitos autores alemães acabaram indo para o exílio, por coação ou por conta própria porque temiam perder a vida.

Em 1932, muitos judeus e comunistas que viram para onde sopravam os ventos da política já tinham começado a eliminar parte de suas bibliotecas pessoais e a destruir fotos, agendas, cartas e diários. Os comunistas haviam enviado avisos entre si alertando que, caso estivessem em posse de documentos “perigosos”, deveriam se preparar para engoli-los. Desse modo, também houve milhares de pequenas queimas de livros em fogões, lareiras e jardins. Logo eles descobriram que aquilo não era tão fácil quanto podia parecer: queimar livros é uma atividade lenta. Em vez de optar por esse método, muita gente preferiu jogar seus exemplares em florestas, rios ou ruas vazias - outros os remeteram para endereços não existentes. (RYDELL, 2018, p. 21)

O roubo dos livros foi ideológico e não para glorificar algo, ou por seu valor monetário. É o que Rydell (2018, p. 10) afirma: “Bibliotecas e arquivos de toda a Europa foram saqueados pelos mais importantes ideólogos do Terceiro Reich, por organizações lideradas pelo chefe da SS, Heinrich Himmler, ou pelo principal ideólogo do partido, Alfred Rosenberg”.

Alfred Roosenberg e Heinrich Himmler eram grandes concorrentes em questões de educação, pesquisa e ideologia, brigaram incansavelmente por arquivos e bibliotecas da Europa e foram responsáveis por organizar muitas operações de pilhagem. “Usando unidades de assalto especiais e escritórios locais que iam da costa do Atlântico no Oeste até Volgogrado no Leste, de Spitsbergen no Norte até a Grécia e a Itália no sul”. (RYDELL, 2018, p. 100)

Os projetos de pesquisa e atividades exercidas pelas organizações dirigidas por eles eram reflexo de suas inclinações e vontades. Himmler tinha suas pesquisas voltadas para o ocultismo e a mitologia, já Roosenberg “tinha uma obsessão fanática pelo que entendia ser uma conspiração judaica global. Em relação à produção ideológica, as ambições de Roosenberg eram comparativamente maiores e mais sérias.” (RYDELL, 2018, p. 100)

Os dois pleiteavam o posto de principal fonte ideológica do movimento. Mas por seu perfil e suas ideias distintas, Roosenberg possuía ambições mais sérias e vultosas que Himmler, pois ele oferecia a base filosófica da ideologia nacional-socialista, o que traria reconhecimento para o movimento, tanto no exterior, quanto na Alemanha. A obra que consolidou sua posição como principal ideólogo foi publicada em 1930, com o título, *O Mito do Século XX*.

A Alemanha, ou melhor, a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* (ERR), saqueou livros em quase todos os países que operou. Bélgica, Grécia, Iugoslávia, Itália, França, Polônia, União Soviética, Holanda e ainda, as Ilhas do Canal tiveram seu patrimônio queimado, roubado, ou abandonado por cantos da Europa. Estima-se que 35 mil livros foram roubados de bibliotecas imperiais da região de Leningrado, nem os castelos imperiais soviéticos foram poupados.

Na guerra foram travadas batalhas por memória, palavras e livros. Os dois povos, talvez considerados os mais cultos da época, eram constituídos por pessoas intelectualizadas e literárias, que ansiavam ou pela guarda de sua própria cultura, ou para apagar a cultura do outro, em busca de salvar sua própria história. Kaplan (1965) deixa anotações em seu diário sobre essa questão, e ressalta:

Estamos lidando com uma nação muito culta, com “um povo do Livro”. A Alemanha se transformou num manicômio - cheia de loucos por livros. Diga o que você quiser, eu tenho medo dessa gente! Quando a pilhagem se baseia em uma ideologia, em uma visão de mundo essencialmente espiritual, é impossível igualar sua força e sua durabilidade [...] Os nazistas roubaram não apenas nosso patrimônio material, mas também nossa reputação como “o povo do livro”. Os nazistas têm tanto o livro quanto a espada, e daí vêm a sua força e o seu poder. (KAPLAN, 1965 apud RYDELL, 2018, p. 295)

A guarda da memória, a capacidade de lembrar, virou significado de resistência entre os judeus, muitos deixaram seus diários enterrados, escondidos, diários esses que foram salvos

por pessoas que colocavam em risco a própria vida para resgatá-los do esquecimento, diários esses, que sobreviveram até os dias atuais, e que ilustram a crueldade nazista.

Quando Herman Kruk, bibliotecário do gueto de Vilnius, enterrou seus diários no campo de trabalho forçado na Estônia pouco antes de sua morte em 1944, em certo sentido estava tentando derrotar, por meio da preservação de sua memória, aqueles que praticavam violência contra ele. Apesar da ambivalência que marcou o trabalho feito pela Brigada de Papel em Vilnius e o Talmudkommando em Theresienstadt, os dois grupos viam uma fonte de esperança na ideia de que, em última instância, estavam salvando sua própria história. (RYDELL, 2018, p. 295)

Esses diários continham os mais importantes registros da vida dos judeus antes e depois da invasão, e muitos deles foram escritos por crianças, o mais famoso e conhecido é o diário de Anne Frank, mas podemos citar outras crianças autoras, Renia Spiegel, Eva Heyman, Julian Kulski, e Rutka Laskier.

Judeus, comunistas, eslavos, católicos, maçons, dentre outros, foram o alvo direto do maior roubo de livros da história. Críticos do regime transformaram-se em inimigos ideológicos do movimento. Muitos desses crimes ainda não foram explicados, e através das pistas encontradas, podemos compreender os fatos e tentar descobrir o que ainda existe e o que foi perdido, pois existem rastros em toda a parte, mesmo que sejam escassos.

Inúmeras bibliotecas diluíram-se na 2ª Guerra Mundial. E, essas coleções dispersas passam a ser livros individuais, e perderam seu contexto ao serem diluídas, ou engolidas, por coleções maiores, por bibliotecas antropofágicas (tanto no sentido da vingança, dominando o inimigo, quanto em um sentido mais ritualístico, mágico e religioso, como uma forma de adquirir as características de um personagem, como uma forma de homenagem), em ambientes arquitetônicos ou geográficos distintos do original.

Os livros possuem um valor que alcança mais pessoas que as obras de arte, por exemplo, por estarem mais perto das pessoas, mais acessíveis, despertam um valor místico, símbolos de algo maior. Destruir, queimar, roubar livros torna-se pecado, um sacrilégio, um incitamento contra uma cultura.

Mas até mesmo os nazistas perceberam que, se havia algo que dava mais poder do que meramente destruir a palavra, era possuí-la e controlá-la. Os livros tinham poder. As palavras podiam ser usadas como armas, que ressoariam muito depois de o ruído da artilharia ter parado. São armas não só de propagandas, mas também na forma de memórias. Quem possui a palavra tem o poder não apenas de interpretar a história, mas também de escrevê-la. (RYDELL, 2018, p.13)

A destruição da cultura e de bens culturais ficou marcada pela maior queima de livros da história. No ano de 1933, no dia 10 de maio, na antiga *Opern Platz*, hoje *Bebelplatz*, os livros que queimaram na fogueira são lembrados:

como um poderoso símbolo da opressão totalitária, da barbárie cultural e da impiedosa guerra ideológica levada a cabo pelos nazistas. As chamas da fogueira onde os livros queimaram passaram a simbolizar a íntima ligação entre destruição cultural e holocausto. (RYDELL, 2018, p. 16)

Os livros provocam fetiches tão grandes que os mesmos indivíduos que os destroem, guardam uma necessidade de possuí-los.

A imagem de livros queimando era tentadora demais, eficiente demais e simbólica demais para não ser usada e aplicada na construção da história. Mas a queima de livros se tornou uma metáfora tão poderosa para a aniquilação cultural que isso obscureceu outra narrativa mais desagradável: o fato de que os nazistas fizeram muito mais que destruir livros - eles também foram movidos por uma obsessão fanática por possuí-los. (RYDELL, 2018, p. 28)

A biblioteca idealizada pela SS era um reflexo da visão de mundo de Himmler e do próprio regime. Franz Six, que chefiava o segundo escritório da RSHA, o Amt II, descreveu da seguinte forma o objetivo da biblioteca: “Para compreender as armas espirituais de nossos inimigos ideológicos, é necessário mergulhar a fundo nos escritos por eles produzidos.” (RYDELL, 2018, p. 93)

Essa biblioteca possuía coleções especiais curiosas, voltadas para a magia, a alquimia e o ocultismo, o acervo era formado principalmente por obras roubadas de lojas maçônicas. Essa relação do ocultismo com a SS tem sido explorada pela mídia, muitas vezes de forma sensacionalista, mas a formação de uma coleção dedicada ao tema ocultista indica a respeitabilidade com que os Nazis tratavam do assunto.

Uma “biblioteca ocultista” já vinha sendo organizada na SD antes da criação da RSHA. Isso serviu como base para uma biblioteca dedicada ao assunto: a *Zentralbibliothek der okkulter Weltliteratur*. Ela incluía, entre outras coisas, uma seção chamada *Sonderauftrag H*, com foco nas artes mágicas e encantamentos. Havia um acervo de livros sobre ciências ocultas, *Geheimwissenschaftlichen*, e outras obras sobre teosofia, seitas e astrologia. (RYDELL, 2018, p. 94)

Rydell discorre:

A biblioteca ou, melhor dizendo, as bibliotecas da seção VII da RSHA eram manifestações bastante tangíveis das ambições amplamente totalitárias da SS e de Himmler. A pesquisa em andamento na RSHA não cuidava apenas de

melhorar a compreensão que os nazistas tinham sobre seus inimigos para poder superá-los de maneira mais eficiente - a intenção também era injetar conhecimento no desenvolvimento ideológico e intelectual da SS. (RYDELL, 2018, p. 94-95)

Himmler tinha um projeto antigo, que estava ativo desde meados dos anos 1930, chamado *Hexenkartothek*, era um projeto dedicado a pesquisar a bruxaria, as bruxas e a caça a elas, a pesquisa era chamada de *Hexen - Sonderauftrag*. Para Himmler este tema merecia uma “investigação científica” e, aparentemente, essa ânsia se dava por conta de uma ancestral dele que teria sido condenada por bruxaria e levada à fogueira, em Bad Mergentheim, no ano de 1632, Margareth Himbler. Materiais sobre bruxas, atas de julgamentos, descrições de testemunhas e confissões faziam parte das fontes pesquisadas. Essas informações foram compiladas em um índice catalográfico, o *Hexenkartothek*, em que cada bruxa dispunha de uma seção, que contava sua história, os seus laços familiares e os seus destinos, como uma forma de documentação sobre as bruxas. Por dez anos, uma equipe de doze pesquisadores trabalhou em período integral, esmiuçando 260 arquivos e bibliotecas em busca de fontes para sua pesquisa. Essa biblioteca, a das bruxas, acabou sendo encontrada na Polônia na década de 1980, pelo historiador alemão Girhard Schormann. (RYDELL, 2018)

A pequena cidade de Ratinbor, no sudoeste da Polônia foi escolhida para compor o novo escritório central da organização nazi, a localização privilegiada entre as cidades de Cracóvia, Viena e Berlim foi fundamental nesta decisão. Com a falta de espaço na cidade, castelos localizados no campo foram invadidos. Para manter a movimentação de livros discreta e a localização dos acervos em segredo, os proprietários dos castelos tiveram permissão de permanecer como moradores.

Depois da evacuação de 1943, a divisão de pesquisa do instituto se transferiu para um castelo medieval em Hugen, que parecia uma espécie de amálgama entre um chalé de caça e um castelo de conto de fadas, com seus detalhes em tijolos e suas torres sinuosas, A organização permitiu que os donos do castelo, a família Solms-Braunfel, permanecessem, para ajudar a encobrir a operação. (RYDELL, 2018, P. 285)

Alguns sobreviventes do Holocausto, conseguiram recuperar alguns exemplares de suas bibliotecas privadas. Foi o caso do judeu alemão berlinense, Walter Lachman. Quando adolescente, em 1942, foi deportado para um campo de concentração na Letônia junto com sua mãe. Após sua avó ter sido assassinada foi transferido para o campo de Bergen-Belsen, onde no mesmo período estava Anne Frank. Sobrevivente do campo, migrou para os Estados Unidos. (RYDELL, 2018)

Sessenta e sete anos mais tarde ele recebeu uma ligação de um amigo que tinha lido uma reportagem na revista alemã *Der Spiegel* sobre os livros saqueados na *Zentral- und Landesbibliothek*. Um dos livros que a revista escolheu para mencionar pertencia à infância de Lachman - um exemplar de contos de fadas para crianças judias, que ele ganhara de presente da professora. (RYDELL, 2018, p. 46)

Não foram só os oficiais nazistas, seus simpatizantes e as bibliotecas alemãs que se beneficiaram do roubo de livros, alguns livreiros inescrupulosos obtiveram excelente lucro com a compra e venda dos livros dos judeus em fuga. Um dos exemplos conhecidos de bibliotecas que enriqueceram seus acervos é a biblioteca onde Goethe trabalhou, Anna Amalia, armazenava o maior acervo da Alemanha, possuía das edições de Fausto as de Shakespeare. Em 2004, a biblioteca pegou fogo por conta de uma fagulha proveniente de um cabo elétrico defeituoso. Estima-se que 500 mil volumes insubstituíveis, se perderam, muitas primeiras edições do século XVI, além de retratos a óleo de cinco séculos da Realeza do Império Alemão. O incêndio além de destruir parte da herança cultural do país, revelou o passado um tanto obscuro da biblioteca. Rydell (2018, p. 75) cita Michael Knoche:

Depois do incêndio começamos a verificar cada livro da biblioteca. Precisávamos ter uma ideia geral do que havia sido perdido. Examinamos os velhos diários para ver quando e como os exemplares tinham sido adquiridos. Os diários não sugeriam expressamente nada “ilegal”, mas havia indícios que nos fizeram ficar desconfiados de que os livros não tinham entrado para o acervo de maneira adequada, se é que se pode dizer assim... Havia carimbos, correspondências e outras coisas que indicavam algo do gênero.

A busca revelou a procedência duvidosa de 35 mil livros que passaram a fazer parte do acervo da instituição entre os anos de 1933 e 1945, e esta descoberta fez com que a biblioteca reavaliasse sua atuação durante a guerra. (RYDELL, 2018)

Setenta anos depois da guerra no Museu Judaico de Praga, instalado em uma sala, trabalha o pesquisador e bibliotecário Michal Busek, ao seu lado, em um carrinho repousam vários livros com etiquetas na lombada com as letras “Jc” ou “Jb”, que se apresentavam seguidas de um número e escritas a mãos. A letra “J” apresentada é uma abreviação da palavra “judaica”, e significava que aqueles livros haviam sido marcados em Theresienstadt pelo *Talmudkommando*. (Rydell, 2018)

Os nazistas sabiam quanto os livros eram importantes para os judeus. Ler fazia deles seres humanos. Quando tiram isso de você, também estão roubando seus pensamentos. Eles queriam destruir os judeus tirando deles aquilo que era mais importante para eles”, diz Busek, e olha para o carrinho. Ele está no meio

de um amplo processo de checagem do enorme acervo de livros que acabou chegando ao Museu Judaico depois da guerra, incluindo alguns de Theresienstadt. “Procuro sinais do proprietário de um livro, ex-líbris, carimbos, anotações e registro isso num banco de dados que estamos montando. (RYDELL, 2018, p. 306)

Essa movimentação, em busca de sinais que podem ser encontrados nos livros, é lenta. Quando o livro possui um ex-líbris com nome e sobrenome, uma dedicatória ou um nome escrito por extenso, a identificação do proprietário pode ser mais rápida, mas na maior parte dos casos, os livros não possuem indicação de um possível proprietário, e em muitos casos houve o apagamento de marcas que tornariam possível a indicação de alguma propriedade.

O fato de esse trabalho só estar sendo feito agora, setenta anos depois de os livros terem sido “libertados”, é extremamente revelador não só da situação da restituição dos livros como um todo mas também do destino trágico que recaiu sobre muitos acervos no fim da guerra, presos atrás das linhas soviéticas. O Museu Judaico em Praga é na verdade uma das pouquíssimas instituições a leste da antiga Cortina de Ferro que participa ativamente do projeto. (RYDELL, 2018, p. 306-307)

Em muitos casos, em se tratando dos judeus e de suas famílias inteiras, a única coisa que sobreviveu no pós-guerra foram suas bibliotecas privadas, as pessoas em si, não sobreviveram aos campos de concentração ou aos guetos em que foram submetidas. E mesmo com o fim da guerra, o saque ao patrimônio judeu não tinha terminado, o exército vermelho pilhou os depósitos de livros que antes pertenciam aos alemães.

Depois da guerra, estima-se que as unidades de livros das brigadas de caça a trófeus tenham enviado entre 10 a 11 milhões de livros para a União Soviética. Mas isso não inclui todos os volumes confiscados, já que o roubo de exemplares também incluiu outras unidades de caça a trófeus dedicadas a capturar, por exemplo, equipamentos científicos - o que também incluía bibliotecas e arquivos de escolas, laboratórios, universidades, institutos e outros órgãos de pesquisa. As brigadas de caça a trófeus que roubavam objetos de arte também levaram bibliotecas de museus. Além disso, muitos livros foram roubados pelos soldados do Exército Vermelho. (RYDELL, 2018, p. 319)

No fim da guerra os aliados ocidentais desenvolveram um grupo de trabalho para pôr ordem na enorme quantidade de itens pilhados que foram encontrados em castelos, depósitos, grutas, celeiros e minas, O Programa Monumentos, Belas Artes e Arquivos, ou na sigla em inglês MFAA, mas esse grupo ficou conhecido como *Monuments Men* ou caçadores de obras-primas, sua missão: proteger o legado cultural europeu. No pós-guerra, em fevereiro de 1946, as autoridades americanas decidiram concentrar o ponto de coleta de acervos de livros para um

depósito em Offenbach, confiscado da empresa química IG Farben, a responsável por fabricar o gás Zyklon - B, o gás responsável por aniquilar milhares de judeus que estavam alocados em campos de extermínio como o de Auschwitz.

O novo depósito central dos “caçadores” se localizava no subúrbio de Frankfurt em Offenbach am Main. Seymour J. Pomrenze segundo Rydell (2018) foi o arquivista enviado de Washington, para assumir gerência do depósito e organizar toneladas de livros, documentos e artefatos. Já Fishman (2018) afirma que ele foi enviado de Chicago para realizar essa árdua tarefa. Fica a dúvida da localização exata da cidade de origem de Pomrenze, ele pode ter nascido em uma cidade e residido em outra durante sua vida adulta, por exemplo. Nas palavras do próprio Pomrenze:

Minhas primeiras impressões no Ponto de Coleta de Offenbach foram ao mesmo tempo opressivas e fantásticas. Parado ali diante de um mar aparentemente infinito de caixas e livros, eu pensava: que confusão terrível! O que eu poderia fazer com tudo aquilo? Como poderia fazer bem meu trabalho? Mas havia uma missão mais importante do que arrumar aquela bagunça. Na verdade, a única ação possível era devolver os itens a seus donos o quanto antes.³⁷ (RYDELL, 2018, p. 325)

Leslie I. Poste, era bibliotecário, e foi o responsável por contratar Pomrenze, e era considerado o cérebro por trás do trabalho que era desenvolvido no depósito de Offenbach. A unidade chamada caçadores de obras-primas estava em solo europeu desde 1943, mas seus esforços estavam concentrados em salvar monumentos e edifícios com valor histórico e as obras de arte, não deram muita atenção as bibliotecas e seus acervos, que só foram alvo de atenção em 1945, após a contratação de Pomrenze. Antes de sua chegada, Poste tinha passado quase seis meses em meio às ruínas do Terceiro Reich em busca das bibliotecas e arquivos roubados que estavam espalhados por toda a Europa. Duzentos bibliotecários, arquivistas e trabalhadores se uniram para trabalhar nos acervos do depósito. Mesmo possuindo uma rigorosa segurança alguns livros desse depósito também foram roubados, principalmente os pequenos e fáceis de serem escondidos.

Os caçadores de obras-primas desenvolveram uma espécie de sistema de linha de montagem para identificação de livros, tirando fotos de ex-líbris e de outras marcas que identificassem seus proprietários. Um grupo de trabalhadores menos qualificado ficava com a fotografia dos ex-líbris mais comuns enquanto vistoriava os livros. Marcas menos comuns eram enviadas para exame de

³⁷ Pomrenze, Seymour J. “Personal Reminiscences of the Offenbach Archival Depot, 1946-1949: Fulfilling International and Moral Obligations”, *Washington Conference on Holocaust era Assets*, ed. J. D. Bindenagel, Washington, DC: Dept. of State, 1999, pp. 523-528.

experts. Desse modo, era possível dividir duas pilhas enormes de livros, uma com volumes com identificação e outra, sem. No primeiro caso, eles eram imediatamente enviados para os funcionários encarregados de fazer a restituição em cada país.

Milhares de fotos de ex-líbris, resultado desse trabalho, ainda são mantidos nos Arquivos Nacionais, em Washington. Em março de 1946, o grupo de Pomrenze no arquivo de Offenbach já havia classificado perto de 1,8 milhão de objetos. (RYDELL, 2018, p. 326)

O tenente do exército Seymour Pomrenze tinha trabalhado como arquivista antes de entrar no exército, era o responsável pelo depósito da Offenbach, e assumiu a responsabilidade da triagem de livros. Era um judeu tradicional, com conhecimento de iídiche, e preocupou-se sobremaneira com o destino dos livros, e obrigou-se a tomar uma resolução. Ele tomou a importante decisão, a de *não* catalogar os livros, e escolheu separá-los por país, baseado na presença dos ex-líbris e marcas encontrados nos espécimes, ponderando já a opção de devolver aos proprietários e países de origem, fazendo com que o depósito de Offenbach tivesse que lidar com pilhas de livros, ao invés de fichas de catalogação. (RYDELL, 2018; FISHMAN, 2018)

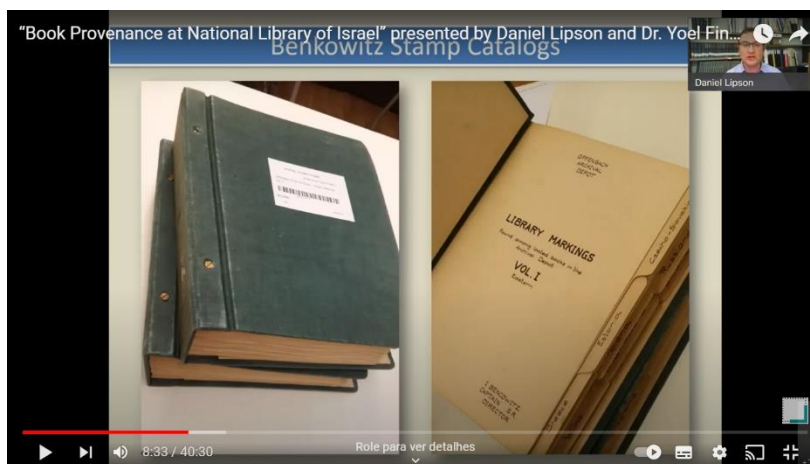
A identificação era fácil quando se tratava de livros pertencentes a bibliotecas gerais e a acervos de Judaica da França, Holanda e Alemanha. Seus selos e *ex libris* vinham em caracteres latinos. Mas os livros judaicos da Europa do Leste tinham selos e marcas em hebraico e iídiche, e as bibliotecas gerais da União Soviética traziam selos em russo e ucraniano. Ninguém na equipe era capaz de ler nessas línguas. E as forças armadas dos EUA não se dispunha a transferir para Offenbach dezenas de soldados com domínio de línguas especializado para uma missão bibliográfica.

Então Pomrenze concebeu um sistema engenhoso: uma esteira rolante humana para o exame visual dos selos. Ele fotografou as imagens de todos os selos encontrados dentro dos livros em hebraico e cirílico, e contratou vários alemães para realizarem a triagem. Cada empregado alemão era responsável por identificar a forma e o aspecto exatos de um número limitado de selos, em geral de dez a vinte. Cada alemão examinava o livro e, caso ele tivesse um selo que correspondesse a uma de suas imagens fotográficas, separava-o e o colocava na caixa numerada correspondente. Se não reconhecesse o selo, passava o livro ao funcionário de triagem seguinte, e ao próximo, até que alguém encontrasse a devida correspondência. (FISHMAN, 2018, p. 246)

Por meio do método desenvolvido por Pomrenze, mesmo sem que os funcionários que trabalhavam para ele fossem capazes de ler o alfabeto hebraico, foram identificados os proprietários de 700 mil obras, ou mais. Logo começaram a restituir as coleções para instituições como a *Biblioteca Rosenthaliana*, de Amsterdã, e o arquivo da *Alliance Israelite Universelle*, de Paris. “Coleções de bibliotecas gerais, de livros não judaicos, foram devolvidas a dez diferentes países. As mais importantes foram para a Holanda (328.007 itens restituídos em 1946), França (328.181 itens) e Itália (224.620 itens).” (FISHMAN, 2018, p. 246)

A figura 7 retrata o catálogo das marcas encontradas nos livros saqueados e desenvolvido por Pomrenze.

Figura 7 - Catálogo de selos desenvolvido por Pomrenze



Fonte: Lipson (2022).

Enxerga-se na figura 8 alguns dos selos que compõem o catálogo citado anteriormente.

Figura 8 - Catálogo de selos desenvolvido por Pomrenze



Fonte: Lipson (2022).

Repara-se que este simples sistema de consulta facilitou muito o trabalho dos funcionários, poupando tempo na busca e identificação dos proprietários originais do espécime.

O Reino Unido através de seu exército, criou uma operação semelhante à de Offenbach, e conseguiram devolver cerca de meio milhão de livros a seus proprietários. Rydell (2018) discorre que os caçadores de obras-primas, Pomrenze e seu grupo, conseguiram restituir dois

milhões e meio de livros a seus proprietários. Podemos notar uma discrepância entre os números de livros restituídos citados por Rydell (2018) e Fishman (2018), para Fishman as devoluções foram em torno de 700 mil obras, sendo que quando o próprio autor discorre sobre as coleções mais importantes que foram devolvidas para a Holanda, a França e a Itália, o número de itens fica em torno de 880.808 itens, o que já amplia sua estimativa inicial, já Rydell estima que 2 milhões e meio de livros foram restituídos. Este estudo precisaria ser ampliado para que os dados sobre livros restituídos a seus proprietários de origem fossem mais exatos. Mas os dados quantitativos em si não diminuem o esforço empreendido pelas pessoas responsáveis por separar e identificar tantos livros, com recursos tão escassos.

Já o outro exército aliado, o exército vermelho, pilhou grandes depósitos de livro durante a invasão da Alemanha, e muitos desses itens acabaram em Kiev ou no arquivo de Stalin em Moscou, e esses itens nunca mais retornaram, pois diferente do que fizeram os Estados Unidos, o Reino Unido. e a União Soviética nunca devolveu o que foi roubado.

No entanto, parte do material do IISG acabou no arquivo especial de Stálin, em Moscou. O arquivo do instituto, com foco no movimento de trabalhadores, em sindicatos e líderes socialistas, era particularmente interessante para a União Soviética. No instituto em Amsterdã por muito tempo se acreditou que os arquivos e livros desaparecidos tinham sido destruídos durante a guerra. Só depois de cinquenta anos soube-se que não era o caso. Quando o encontrei no IISG, Houb Sanders contou: “A parte milagrosa é que a maioria dos arquivos voltou depois da guerra. A perda, no fim, foi consideravelmente pequena, só uns 5%. O que se perdeu foi levado para a União Soviética, que também foi onde acabaram os documentos de Trotsky levados pelo serviço secreto soviético na década de 1930. (RYDELL, 2018, p. 328)

Um exemplo é a biblioteca da *Alliance Israélite Universelle*, estima-se que apenas 50% do material foi recuperado, encontrado no arquivo de Offenbach. Quando os colegas da Aliança voltaram à sede da organização em Paris, as prateleiras não estavam vazias, estavam lotadas de livros, mas não eram livros pertencentes a Alliance e sim acervos saqueados pela ERR que acabaram sendo deixados ali. Rydell (2018, p. 329) discorre: “Não sabemos o tamanho da parte que jamais voltou, porque até mesmo as listas, os inventários, os registros e os catálogos dos anos anteriores à guerra sumiram. [...] disse Jean-Claude Kuperminc na Alliance.”

Até mesmo partes do arquivo desapareceram. Meio século depois, documentos com o carimbo da organização apareceram em Minsk, Moscou e na Lituânia. Ao todo, Seymour J. Pomrenze e seus colegas entregariam cerca de dois milhões e meio de livros do arquivo de Offenbach. Outro meio milhão de livros foi devolvido pelo Exército britânico em Tannenberg. (RYDELL, 2018, p. 329)

Apesar de todo esforço envolvido na repatriação dos livros roubados, apenas uma pequena parcela voltou para seus países de origem.

No fim quem sofreu o maior golpe com a pilhagem foram os colecionadores particulares. Livros de acervos privados eram mais difíceis de identificar porque raramente tinham sido catalogados. Se os exemplares não tinham marcas de propriedade era praticamente impossível encontrar sua origem. (RYDELL, 2018, p. 330)

Como citado acima, os colecionadores e os bibliófilos foram os que mais tiveram perdas em suas coleções particulares. Quando debatemos sobre os livros que foram devolvidos para os indivíduos, os aliados ocidentais deixaram a restituição final como tarefa aos governos nacionais, o que se mostrou infrutífero. Conforme afirma Rydell (2018, p. 331), “Organizações e instituições tinham mais condições de pressionar as autoridades e receber indenizações, mas os indivíduos normalmente tinham se mudado e muitos também haviam trocado de nacionalidade, o que dificultava bastante o processo de restituição.”

Rydell continua:

Os aliados ocidentais acabaram devolvendo uma quantidade relativamente alta de acervos à União Soviética, principalmente de livros que foram roubados do Partido Comunista e de outras instituições estatais. Quase 250 mil exemplares foram despachados de Offenbach para a União Soviética em agosto de 1946. Vários vagões também foram enviados de Tannenberg. Infelizmente, o tráfego na outra direção foi bem menor.

Mas os Aliados ocidentais não foram totalmente inocentes. Quase um milhão de livros foi mandado para a Biblioteca do Congresso, em Washington. Várias bibliotecas grandes americanas enviaram delegações à Europa para ampliar seus acervos. Alguns livros foram comprados, mas muitas bibliotecas alemãs também foram confiscadas - às vezes com base em pretextos bastante duvidosos. Livros que foram confiscados de indivíduos, organizações ou instituições públicas ligados ao nazismo eram considerados “literatura inimiga” e “propaganda”. Por exemplo, a “biblioteca de trabalho” do Institut zur Erforschung der Judenfrage, com cerca de vinte mil livros, foi despachada para Washington. De acordo com as regras, nenhum livro “saqueado pelos nazistas” podia sair da Alemanha. Mas muitas vezes era impossível saber se esse era o caso, já que nem todos os livros tinham marcas indicando seus proprietários. Muito mais tarde viriam à tona notícias de que livros roubados também haviam sido levados para os Estados Unidos. (RYDELL, 2018, p. 332)

Não ficou dúvidas que soldados franceses, britânicos e americanos, assim como os aliados do front oriental, estavam beneficiando-se com os espólios da guerra, esses soldados, também roubaram uma quantidade enorme de livros, e segundo eles, os livros estavam sendo “libertados” por todo território alemão. (RYDELL, 2018)

Em 1949, quando a maior parte dos acervos identificáveis tinha sido devolvida, cerca de meio milhão de livros foi entregue à RCJ para ajudar a reconstruir comunidades e congregações judaicas. Esses livros seguiram o fluxo de judeus refugiados e migrantes nos anos do pós-guerra. A maior parte, cerca de 200 mil exemplares, foi mandada para Israel, e quase 160 mil foram levados para os Estados Unidos. Também foram enviados livros para a Grã-Bretanha, Canadá, África do Sul e vários países na América do Sul: Argentina, 5.053 livros; Bolívia, 1.218 livros e Equador, 225 livros. Os livros iam principalmente para congregações, mas em certos casos também eram mandados para escolas. A Universidade Hebraica de Jerusalém recebeu uma grande quantidade de exemplares manuscritos valiosos. Quem recebia os livros ficava proibido de vendê-los, e em muitos países os volumes foram marcados com um ex-libris especial. Cada um dos 2.031 livros distribuídos para as congregações canadenses trazia o seguinte texto dentro: “Este livro era de propriedade de um judeu, vítima de um grande massacre na Europa. (RYDELL, 2018, p. 334-335)

Como citado anteriormente, os bibliotecários alemães não são isentos de culpa no caso dos livros roubados, muitos aproveitaram para recheiar as estantes de suas bibliotecas e completar coleções com itens faltantes durante e depois da guerra. E mesmo que os livros fossem comprados depois da guerra, nada indica que esses livros não tenham sido roubados anteriormente, durante o conflito. Na *Berliner Stadtbibliothek*, Bockenamm e Finsterwalder não mediram esforços para identificar os livros roubados.

Além disso, eles travam um combate retroativo contra seus antigos colegas, que por décadas apagaram, rasgaram ou falsificaram a origem desses livros - tudo para que eles se misturassem ao restante do acervo. No entanto, nem Finsterwalder nem Bockenamm vão desistir fácil, e eles conseguiram identificar antigos proprietários estudando fragmentos de etiquetas arrancadas dos exemplares e comparando sua cor e tamanho com etiquetas intactas encontradas em outros livros. (RYDELL, 2018, p. 42)

O Estado Soviético, igualmente ao que fizeram os alemães, mandaram os tesouros culturais judaicos para a destruição, toneladas de documentos foram perdidos e outro tanto foi furtado pelos soviéticos.

Ver o Estado soviético mandar toneladas de tesouros culturais judaicos para a destruição foi um golpe devastador para Shmerke. Foi quando teve uma percepção clara: os soviéticos estavam dando continuidade ao trabalho dos alemães, Mikhail Suslov não era melhor que Johannes Pohl. (FISHMAN, 2018, p. 225)

Tanto a cultura judaica, quanto os próprios judeus continuam sofrendo censura, represálias e punições no pós-guerra, é o que afirma Fishman (2018) quando descreve que:

A gota d'água foi quando agentes da NKVD foram até o museu. Além de requisitarem materiais relevantes à sua investigação de crimes de guerra, também lembraram a Shmerke que nenhum dos livros do museu deveria ficar disponível ao público leitor em geral sem previa apreciação do Escritório de Censura. Quando ele perguntou se o Escritório de Censura lituano tinha censores para livros em iídiche e hebraico, eles responderam que não. (FISHMAN, 2018, p. 225)

Posteriormente, em suas memórias Shmerke³⁸ descreve aquele momento: “Nós, o grupo de ativistas do museu, tivemos uma percepção bizarra. Tínhamos que salvar os tesouros de novo e tirá-los dali. Senão iriam desaparecer e perecer. Na melhor das hipóteses, não veriam a luz do dia no mundo judaico”. (FISHMAN, 2018, p. 225)

Mesmo com todo horror, sofrimento, perdas e destruição vividas pelos judeus dentro dos guetos, alguns internos se uniram para resgatar e salvar sua cultura das mãos dos nazistas. Eruditos e poetas viraram contrabandistas na cidade de Vilna³⁹, na Lituânia, uniram forças contra a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* (ERR), principalmente contra o “perito” em judeus, o doutor Johannes Pohl, que foi enviado para Vilna para sistematizar a deportação das coleções de livros judaicos da região e destruir os livros que não interessavam ao Reich.

Quarenta internos residentes do gueto de Vilna foram recrutados como trabalhadores escravos para realizar a seleção, o empacotamento e o transporte dos livros selecionados. O grupo de escravos, batizados de *Brigada do Papel*, não se deixou abater, e por dezoito meses conseguiram passar pelos guardas alemães, carregando em seu tórax, livros amarrados, como uma forma desesperada de salvar sua cultura. Mas em Ponar, aos arredores de Vilna, o esquadrão de fuzilamento aguardava sem pressa, os criminosos que faziam parte da Brigada de Papel, e que foram pegos contrabandeando os preciosos livros.

Depois que Vilna foi liberada dos alemães, os membros sobreviventes da “brigada do papel” desencavaram os tesouros culturais ocultos em *bunkers* e esconderijos. Mas logo chegaram a uma dura constatação: as autoridades soviéticas que assumiram o controle de Vilna eram tão hostis à cultura judaica quanto os nazistas. Tiveram então que resgatar de novo os tesouros e tirá-los da União Soviética. Mas contrabandear livros e documentos pela fronteira soviético-polonesa era tão arriscado quanto a operação do gueto. (FISHMAN, 2018, p.10)

Mulheres e homens das letras não se importaram em arriscar a própria vida para salvar seus tesouros culturais. Essa coragem mostrada por um pequeno grupo de pessoas, esses

³⁸ Integrante da Brigada de Papel e sobrevivente do Holocausto.

³⁹ Na maioria das vezes Fishman chama a cidade onde ocorre os eventos de “Vilna”, que é como a cidade era chamada pelos judeus, mas em alguns momentos ele usa a forma lituana “Vilnius” ou a forma polonesa “Wilno”.

eventos catastróficos, de queima e destruição de uma cultura, contam mais do que a história dos livros, contam a história de pessoas por trás dos livros, e do que estas eram capazes de fazer para salvar sua cultura de um apagamento da história. Se eu morrer, que pelo menos salvem os livros!

A brigada de papel havia salvado muitos dos tesouros culturais judaicos da destruição ou do roubo nazista, mas mesmo após estarem em uma cidade libertada do extermínio, em Vilna, essas raridades viviam aprisionadas em um campo prisional soviético. Desta forma, Shmerke e Sutckever chegaram à conclusão de que precisavam salvar novamente sua cultura, mas contrabandear os livros, de novo, não era menos arriscado do que despojar os livros, quando se era um trabalhador escravo dos nazistas para o ERR. Era necessário planejamento e tempo, para conseguir retirar os materiais de uma Vilnius soviética, a Alemanha nazista tinha caído, mas o preconceito contra certos grupos sociais ainda estava presente na vida dos sobreviventes do Holocausto.

Esses acervos acabaram espalhando-se pelo globo, não ficaram apenas em território europeu, a intenção era que as comunidades judaicas que se formaram após a fuga da Europa, recebessem uma parcela dos livros que foram recuperados, até mesmo porque muitos livros ficaram sem dono, por conta do extermínio de famílias inteiras.

Todos os capítulos anteriores nos dão uma base para entender a importância social e histórica que os livros representam, no próximo, trataremos sobre a busca pelos proprietários e instituições originais dos livros, uma busca que é realizada com afinco, e por vezes nas horas vagas de profissionais que desempenham seu trabalho de forma ética, desenvolvendo bancos de dados com informações sobre a procedência dos materiais de suas instituições.

2.3.2 Afinal, quem é o dono desse livro?

Uma história de leitura sociável recoloca os livros nas vidas e nos lares, permitindo-nos ver a literatura ao redor. Cabeleireiros, passeios de carruagem e crianças gagas fazem parte de sua história. Podemos ver como as esperanças, escolhas, restrições e preocupações dos leitores fazem parte da história dos significados do livro que temos diante de nós três séculos depois.
Abigail Williams (2017)⁴⁰

⁴⁰ Do original: A history of sociable reading puts books back into lives and homes, enabling us to see literature in the round. Hairdressing, carriage rides, and stuttering children all play a part in its story. We can see the way readers hopes, choices, constraints, and concerns form part of the history of meanings of the book we hold before us three centuries later.

Um único livro, pesquisado em sua materialidade pode exigir semanas de investigação, em muitos casos pode-se levar anos para que o pesquisador descubra o proprietário de origem. A pesquisa em proveniência na Europa é ativa atualmente. Nas bibliotecas europeias, calcula-se que milhões de livros foram confiscados de famílias judias por autoridades nazistas durante o Terceiro Reich (1933-1945). A Universidade Livre de Berlim, por exemplo, que possui um acervo em torno de 8,5 milhões de volumes, estima que 1,5 milhão de seus livros se enquadrem nesta categoria. Atualmente, a universidade investiga a procedência de 2 mil assinaturas encontradas em livros, sendo que um dos livros identificados pela equipe tem história ligada ao Brasil (NEHER, 2016)

Um dos livros roubados encontrados no acervo pertenceu ao jornalista Ernst Feder, que fugiu de Berlim para Paris em 1933. Com a marcha nazista em direção à França, Feder emigrou para o Brasil em 1941, onde viveu, em Petrópolis, até 1957, quando retornou para Berlim. Sua biblioteca, com quase 10 mil títulos, foi saqueada pelo regime nazista, e um destes exemplares foi parar na Universidade Livre de Berlim. No momento, os pesquisadores tentam entrar em contato com os herdeiros do jornalista para devolver a obra (NEHER, [2016])

Nas últimas décadas, a restituição desses materiais a seus países de origem tem sido defendida por ativistas e pesquisadores de proveniência. A criação de métodos dirigidos às transações e descrição de artefatos, livros e documentos de arquivos, museus e bibliotecas, têm sido discutidas entre os pares e passaram a compor um cenário ético, jurídico e político no que tange a identificação e a posterior restituição desses itens desapropriados. Os autores Ramírez e Calaf são pesquisadores de livros antigos e afirmam que:

Esses estudos revelam o processo de patrimonialização de livros, mobilidade geográfica e evolução de interesse, ao longo do tempo, para determinados materiais convertidos em objetos de coleção.⁴¹ (RAMÍREZ; CALAF, 2018, p. 102)

Há uma série de bases de dados internacionais e fontes de informação estrangeiras para pesquisa e identificação de marcas de proveniência bibliográficas disponíveis de forma on-line. O *Museum of The Bible*, ou Museu da Bíblia (2023), por exemplo, adotou em 2016 uma política de aquisição para compras e doações que visa combater o tráfico de artefatos que possam ter sido saqueados em guerras ou furtados. O museu disponibiliza uma listagem de fontes de

⁴¹ Do original: Aquests estudis revelen el procés de patrimonialització dels llibres, la mobilitat geogràfica i l'evolució de l'interès, al llarg del temps, per determinats materials convertits en objecte de col·lecció.

informação consultadas por eles para conferir a proveniência de um artefato. Podemos adaptar facilmente esta listagem a pesquisa de proveniência em qualquer biblioteca ou arquivo. As fontes de pesquisa em proveniência citadas pelo museu incluem: registros curatoriais e de registro do museu; documentação fornecida por vendedores, proprietários e colecionadores anteriores; histórico de publicação de itens significativos; história da exposição; entre em contato com proprietários ou vendedores anteriores, sempre que possível; catálogos de leilão; pesquisa em coleções particulares significativas e seus catálogos; licenças de exportação e outra documentação aduaneira do país de origem; documentação de importação; publicações de estudiosos, tanto os que estão conectados como os que estão fora do Museu da Bíblia; análise científica, como datação por carbono-14 e análise de tinta; assinaturas, *bookplates* e outras informações de identificação de proprietários anteriores no próprio objeto; análise estilística indicando o provável período ou localização da criação de um objeto. (MUSEU DA BÍBLIA, 2023)

O *Consortium of European Research Libraries* (2023), conhecido no Brasil pela sigla “CERL” (Consórcio de Bibliotecas Europeias de Investigação), visa facilitar, aprimorar e melhorar o uso e o impacto do patrimônio cultural material impresso e manuscrito. Fazem parte do consórcio, bibliotecas de países europeus, sul-americanos e norte-americanos. O CERL Thesaurus fornece uma grande quantidade de informações sobre antigos proprietários de livros, desde pessoas físicas ou jurídicas, até a busca em catálogos de bibliotecas, relacionadas no portal. O Consórcio concentra-se em manuscritos e livros impressos produzidos antes de meados do século XIX, além, de possuir uma página exclusiva ao estudo da proveniência (*Provenance*), bem como desenvolve um projeto de pesquisa avançada sobre a procedência de incunábulo, que se encontra descrita em detalhes na página *Material Evidence in Incunabula* (2015).

Na França podemos destacar algumas bases de dados de proveniência, como a da *Bibliothèque Municipale de Lyon*. A base *Numelyo* inclui marcas de proveniência como encadernações, ex-líbris, notas de leitura, Cerca de 1413 pessoas físicas e jurídicas identificadas, para 2481 marcas registradas. Incluímos à *Biblioteca Digital das Médiathèques de l'Agglomération de Montpellier - Memonum - Coleções notáveis*⁴², no ano de 2015, a mediateca Emile Zola digitalizou as suas encadernações, desde as modestas e utilitárias do século XVI, às mais luxuosas do início do século XX, trezentas obras estão disponíveis na base,

⁴² Disponível em: [accueil-fr | Memonum \(montpellier3m.fr\)](http://accueil-fr | Memonum (montpellier3m.fr)).

além de imagens de ex-líbris e outras tipologias de marcas de procedência. Destaca-se ainda a Base de dados de Proveniências da Biblioteca do Instituto da França.

A Biblioteca Nacional da Espanha (2023), localizada em Madri possui uma base de dados da coleção de ex-líbris presentes na instituição, que foram adquiridos entre os anos de 1968 e 1969 dos proprietários, Porter e Concepción Montsalvatje de Barcelona e Sáenz Fernández Casariego de Madri e em 1977 a de Concepción Careaga. Já a Biblioteca Real espanhola, disponibiliza uma base de dados de Encadernação Histórica da Biblioteca Real (Patrimonio Nacional, 2023a), uma base de Ex-líbris (Patrimonio Nacional, 2023b), e outra base de dados onde estão expostas as imagens de marcação a ferro (Patrimonio Nacional, 2023c) encontradas nos livros.

No Brasil, o que despertou os estudos de procedência foram os roubos que aconteceram em grandes instituições nacionais nos últimos anos, principalmente os que foram orquestrados pela quadrilha de Laéssio, já comentado neste estudo.

No ano de 2018, durante o XIII Encontro Nacional de Acervo Raro (ENAR), promovido pelo Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), a questão foi amplamente debatida e, a partir do evento, a Biblioteca Nacional (BN) passou a recomendar a todas as instituições que possuem acervos especiais e raros que façam uso de carimbos de identificação de propriedade (informação verbal).⁴³ (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p.10)

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional de Brasília, algumas bibliotecas universitárias e outras instituições públicas do país, como a Fiocruz, as dos grandes centros, e alguns grupos de pesquisadores como O Grupo de Pesquisa em Informação e Memória (GEPIM - FURG), e o Grupo Ex-Líbris Brasil (GELB)⁴⁴, vem desenvolvendo pesquisa de procedência em acervos antigos nos últimos anos. Mas as bibliotecas provinciais (estaduais, municipais, públicas e particulares) praticamente não iniciaram pesquisas neste campo. Existem pesquisas isoladas, realizadas por colecionadores e pesquisadores da área que se interessam pelo tema. Regularmente não há registros dos antigos proprietários e suas marcas de propriedade nos catálogos nacionais, sejam eles físicos ou digitais. Registros de procedência acabaram por ficar de fora das rotinas bibliotecárias, o que dificulta a recuperação de dados que

⁴³ Notícia fornecida pela equipe de profissionais bibliotecários da Biblioteca Nacional, durante o XIII ENAR, em novembro de 2018.

⁴⁴ O Grupo GELB foi organizado durante a pandemia de covid-19, os integrantes desse grupo são de diferentes estados do Brasil, e trabalham em áreas diversificadas, são: colecionadores, bibliófilos, gravadores, artistas plásticos, artistas visuais, artistas educadores, ilustradores, juristas, bibliotecários, historiadores, arquitetos, produtores culturais, professores universitários, professores escolares, indigenistas, pedagogos, especialistas em gestão e qualidade, especialistas em patrimônio cultural mestres e doutores nas mais diversas áreas do conhecimento.

comproven a originalidade da fonte a ser pesquisada. Mesmo que existam esses dados nos catálogos nacionais, em sua maioria, são dados incompletos, não normalizados.

Ramírez e Calaf (2018, p. 103) citam Clavería que adverte: “A história do espécime e seus possuidores é muito ampla para reduzi-la à vaidade que proporcionam”. Os estudos das marcas oportunizam ao historiador a reconstrução da história social de uma única obra, ou de toda uma coleção. Oportunizando que este construa um quadro da coletividade leitora e doadora de uma biblioteca.

Apenas com a visualização das fontes citadas acima, podemos perceber a longa caminhada literária do pesquisador de proveniência, não é uma tarefa fácil. E nos leva a refletir sobre a documentação necessária para localizar a origem de um livro. O Museu da Bíblia afirma que:

Durante séculos, o comércio de livros raros apenas rastreou com pouca frequência as informações de proveniência. Mesmo os incunáveis (livros impressos antes de 1501) são frequentemente comprados e vendidos sem que o histórico de propriedade seja repassado.⁴⁵ (MUSEU DA BÍBLIA, tradução nossa, 2020)

Alguns documentos necessários para uma melhor gestão de um acervo, que facilitam a busca do historiador no momento da pesquisa são: o histórico de compras e o histórico de doações. Os dados relacionados a esses históricos podem ser registrados, e posteriormente recuperados, através dos catálogos das próprias instituições, nos livros de registro, ou nos sistemas informatizados, como as bases de dados e repositórios, que detalham nos campos de registro dos metadados o doador e ou antigo proprietário (no caso de espólio).

Utilizando como base as marcas de proveniência o historiador pode narrar a história das coleções, e não apenas a história institucional da instituição, nesse contexto, os dados de proveniência fazem a diferença e tornam-se fundamentais para a história da circulação do livro em sua época e em seu contexto, quando abrangemos os aspectos em torno da materialidade do livro, da arqueologia livresca, içamos asas nos estudos das mentalidades, da sociedade, da cultura material e da sociedade intelectual de cada época. Descobrir e interpretar dados de proveniência é um caminho a ser dominado pelo historiador, são histórias intocadas, mas que merecem uma sondagem mais metódica e organizada, que agilizem a interpretação dessas simbologias, resultando em dados de pesquisa confiáveis, que favoreçam futuras pesquisas.

⁴⁵ Do original: For centuries, the rare book trade has only infrequently tracked provenance information. Even incunables (books printed before 1501) are often bought and sold without ownership history being passed on.

As marcas de proveniência podem ser das mais diversas, portanto, a seguir indicaremos as mais escolhidas entre os leitores e proprietários de livros, e que são usualmente encontradas nas instituições.

2.3.3 Do clássico ao efêmero: as marcas de proveniência e suas peculiaridades

*Eu escrevo o meu nome nos livros que compro
apenas depois de os ter lido, porque só então posso dizer que
são verdadeiramente meus.
Carlo Dossi*

Diferentes tipos de procedência recheiam as instituições que guardam o patrimônio no país. A pesquisa de proveniência exige que se conheça suas tipologias, para decifrar os diversos tipos de marcas que surgem no decorrer da pesquisa, desta forma, vale destacar algumas, pelo menos as mais usualmente identificáveis, que são encontradas com facilidade em bibliotecas com acervos raros ou antigos.

Diversas são as tipologias de marcas de proveniência que podem ser encontradas em materiais bibliográficos, documentos ou objetos. Recentemente, em um projeto desenvolvido por essa autora e mais três colegas intitulado “Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência”, conseguiu-se identificar, definir e exemplificar 122 tipologias diferentes de marcas de proveniência bibliográficas, que se relacionam com mais cerca de 620 termos referentes a esses conceitos definidos. O que mostra a importância de os historiadores estarem atentos no momento da pesquisa, e de reconhecerem essas tipologias, para que ao optarem pelo uso de uma fonte, seja ela considerada convencional, ou não, possam realizar uma análise crítica material da fonte de forma clara e precisa, baseada também em provas que comprovem sua veracidade.

Os ex-líbris, por exemplo, são marcas registradas de proprietários de livros, colecionadores e bibliófilos, que tentam identificar as obras que pertencem a seu acervo pessoal. Mas não são exclusivas dos amantes de livros, livreiros, bibliotecas e outros tipos de instituições também utilizam os ex-líbris para marcar seus acervos. E, ainda são a melhor maneira de manter na memória um traço da conquista bibliofílica do proprietário, são incorporados aos livros de forma manuscrita ou através de etiquetas, que podem ser simples ou ricamente elaboradas, ilustradas por artistas de renome, ou pouco conhecidos, o próprio encomendador pode ser seu criador e/ou gravador. Podemos identificar os espécimes de uma coleção através dessas marcas.

Dentre as marcas utilizadas pelo homem ao longo da história para atestar sua propriedade, o ex-libris gravado se destaca por apresentar um apanhado artístico e, em geral, um custo de produção superior às demais marcas: aparece como uma opção sofisticada, agregando valor à obra, além de identificar seu proprietário e a qual biblioteca ela pertence. (VIAN; RODRIGUES, 2020, p. 32)

O ex-libris mais do que uma marca de propriedade, é uma marca de respeito. Exprime um código ético subentendido. Devolva este livro, porque ele é meu!

O ex-libris traz historicidade ao livro. Há uma diferença em se tomar emprestado um livro sem ex libris e tomar emprestado um com ex libris. Existe entre os seres humanos uma série de cumplicidades que os torna “civilizados” e que é extraordinária, pois faz parte de uma espécie de pacto social subentendido e, hoje, espontâneo: não revelar o final de um livro ou de um filme a outra pessoa é uma delas; não abrir cartas alheias; não perguntar a idade ao aniversariante adulto; não telefonar para os outros depois de um certo horário; não abrir a bolsa de outrem; não perguntar quanto uma pessoa ganha; evitar olhar nos olhos alheios (principalmente entre os orientais); não tocar nas pessoas. Constituem ações subentendidas que, se vistas com estranhamento, nos fariam ficar estupefatos diante do fato de como é forte o código ético do cotidiano ainda que não declarado (e nisso não vai nenhum juízo de valor). (BERTINAZZO, 2012, p. 55)

Na idade média, essas anotações manuscritas, podiam ser encontradas nos códices, nas capas ou contracapas da obra.

Em algumas línguas essa expressão se aculturou, como *Bookplate* (às vezes *his book* ou *her book*), em inglês, *iz knig* e *ékslibris*, em russo, e *mein Buch* e *Bucheignerzeichen*, em alemão. Curiosamente, no Japão encontramos a construção gramatical *ex libris* e as palavras japonesas *zooshohyoo*, quando essas siglas são feitas à maneira europeia, e *zoosho-in* para os antigos carimbos à moda oriental. (BERTINAZZO, 2012, p. 29)

A diversidade temática que podemos identificar nas ilustrações destes “brasões do espírito” é interessante, e nos leva a compreender um pouco mais sobre os “gostos” do proprietário. Vian e Rodrigues (2020) no e-book *Marcas de Proveniência: um estudo sobre os ex-libris*, trazem exemplos diversificados de temáticas presentes nessas estampas. As etiquetas de ex-libris podem ser separadas ou colecionadas apenas por sua característica temática, a gosto do colecionador, podem ser agrupadas por estilos, por épocas, pela profissão de seu encomendador, dentre outros. Como exemplo de coleções temáticas temos, a) ex-libris de presidentes; b) ex-libris de autor; c) ex-libris por épocas (vitoriano, barraco; d) ex-libris de

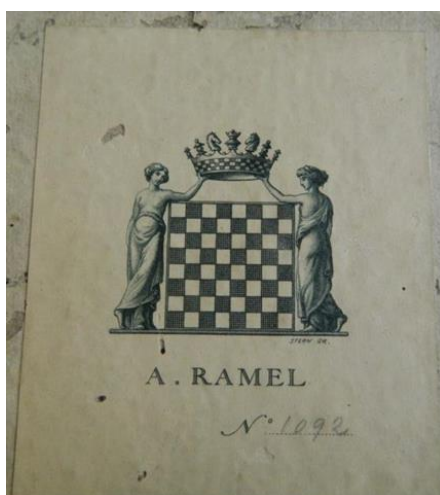
artistas; e) ex-líbris por países; f) ex-líbris por estilo (*arte nouveau, arte déco, surrealismo etc.*); g) ex-líbris de universidades; h) ex-líbris de estrelas do cinema mudo; i) ex-líbris com marcações ou divisas curiosos; j) ex-líbris de ilustres.

Devemos considerar as condições históricas e sociais de produção e circulação das marcas, dos carimbos, das etiquetas de livraria e dos ex-líbris, pois essas marcas de proveniência são dispositivos técnicos, políticos e sociais, as imagens projetadas integram um conjunto de ideias, conceitos e concepções sociais, que projetam gostos, valores morais e estéticos, realçam as maneiras de agir e de ser do indivíduo, de uma instituição ou de um grupo social.

A imagem representada no ex-líbris, não serve para ilustrar o livro, mas sim a alma do encomendador, que será representada através das ideias e das mãos do artista, A compreensão das ilustrações presentes nos ex-líbris, necessitam de aprendizado cultural, pois cada época histórica é determinante na confecção das etiquetas, no tipo de material utilizado, como o papel e a tinta, e o tipo das técnicas de gravura empregadas, xilogravura, litogravura ou calcogravura, e agregam sentido e valor para esse artefato cultural.

Para uma análise mais centrada desses ícones bibliográficos, lemos primeiro sua forma, se é manuscrito ou impresso, e depois seu conteúdo. Alguns podem ser numerados, com o número de tiragem da peça, ou possuir um espaço próprio, destinado ao número de catálogo ou localização da obra na prateleira dentro da coleção, sendo esta numeração pré-determinada pelo dono. A figura 9 exposta abaixo apresenta o ex-líbris A. Ramel, com a numeração “1092”, na ilustração mira-se duas mulheres seminuas, uma de frente, outra de costas, sustentando no alto, uma coroa com peças de xadrez, no centro está exposto um tabuleiro de xadrez.

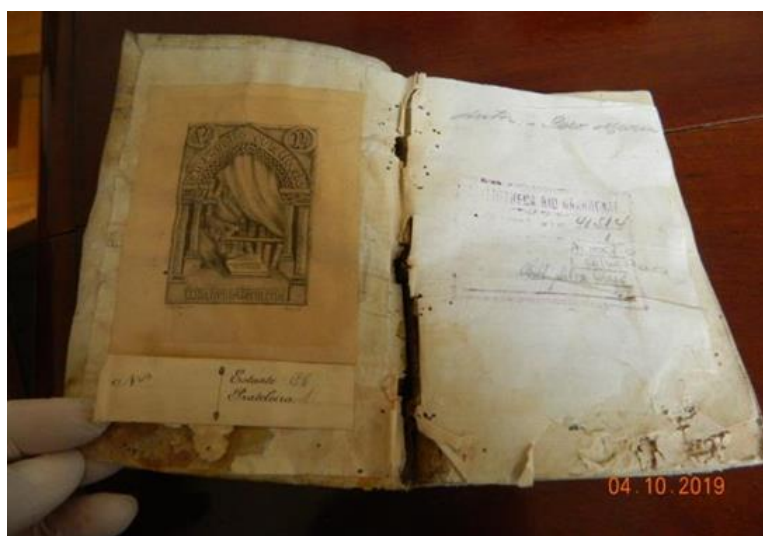
Figura 9 - Ex-líbris A. Ramel.



Fonte: Vian (2019).

Em alguns momentos o ex-líbris pode vir acompanhado de uma etiqueta indicando a localização da obra, com a indicação de prateleira e estante, seguida do número da obra no catálogo. Mas deve-se ficar atento para perceber se a etiqueta com indicação de prateleira, pertence ao mesmo proprietário que do ex-líbris, ou a outro proprietário e/ou instituição. É o que podemos observar na figura 10, logo abaixo, que apresenta o ex-líbris de Victor d'Avila Perez encontrado na obra "*Silva de varia lecion (1556)*".

Figura 10 - Ex-líbris de Victor d'Avila Perez em "*Silva de varia lecion*" (1556).



Fonte: Vian (2019).

Um ex-líbris numerado quando anexado a uma cópia, nos dá, de certa forma, a possibilidade de quantificar uma biblioteca, no caso citado acima, percebemos que a biblioteca pessoal de A. Ramel era composta por no mínimo 1092 exemplares. Ao realizarmos uma busca, um rastreamento e mapeamento das cópias, podemos descobrir quantas dessas obras sobreviveram até os dias atuais.

Os livros podem conter mais de um ex-líbris, ou ainda, quando falamos de obras em volumes, o ex-líbris pode constar apenas no primeiro volume, ou em alguns itens da coleção.

Através da análise crítica das imagens, do uso crítico da fonte visual (do ex-líbris), podemos identificar representações de indivíduos e grupos de pessoas, ou ainda, de arquiteturas, de paisagens, de hobbies, dentre outros. A utilização do ex-líbris não é puramente acessória, ela carrega um conteúdo implícito nas imagens. Seus usos podem ser atrelados a economia social

e política de uma época. A pesquisa de procedência é necessária para uma identificação e análise heurística da peça que está sendo pesquisada.

Além da identificação de proprietários através de ex-líbris pessoais, podemos identificar outras marcações que podem nos levar a descobrir a origem da obra, como as marcas de encadernação, do encadernador, marcas de gestão de bibliotecas, dentre outras que “permitem detectar a incorporação em uma coleção” (RAMÍREZ; CALAF, 2018, p. 106)

Para Faria e Pericão (2008, p. 805), as marcas de leitura, também conhecidas como marcas de uso ou marcas de manuseio, são um:

Eufemismo utilizado para designar o conjunto de notas, apontamentos, etiquetas, indicações, marcações, manchas, nódoas e dedadas consideradas como vestígios que aparecem numa obra que foi lida e utilizada ao longo dos tempos.

As anotações encontradas nas margens dos livros podem ser das mais diversas e confusas de se entender. Vão desde notas, escritos, comentários pessoais ou editoriais feitos na margem de um livro, podem ser marcas de prateleira ou até datas de compra ou início e término da leitura. Gauz (2016) ao discorrer sobre a temática “Marginalia” em sua coluna afirma:

é encontrada em muitos livros de todas as épocas: anotações manuscritas às margens, ou *marginália*: notas escritas, comentários, correções, explicações, datas, preços, fofocas familiares, riscos e rabiscos, índices manuscritos, ilustrações etc. Essas são marcas que podem acrescentar ao livro informações complementares (ou totalmente irrelevantes), pelo próprio autor ou por outro leitor. (GAUZ, 2016)

Pericão e Faria (2008) corroboram também que as Marginalias se referem tanto à escrita quanto à decoração colocada nas margens de um manuscrito. Conforme as autoras, esses elementos podem fazer parte da ideia inicial do trabalho, mas também podem ser parte do plano secundário ou até mesmo de natureza excedentária. “[...] as *marginálias* puramente decorativas, com ornamentação muito desenvolvida, especialmente a do século XV, são consideradas um gênero à parte ou componentes do esquema decorativo” (PERICÃO e FARIA, 2008, p. 807).

A palavra Marginalia deriva do latim *marginalia*, é o termo que designa as anotações e comentários escritos às margens de um livro impresso ou manuscrito, esses comentários podem ser de cunho editorial ou pessoal, o termo foi desenvolvido por Samuel T. Coleridge, que usou de marginalia em quase todos os livros que leu. (WIKIPEDIA, 2019)

Perloff-Giles (2011, tradução nossa) afirma que: “O Santo Graal para os historiadores da literatura é encontrar uma cópia do texto em que alguém escreveu notas marginais bonitas, articuladas e legíveis.”⁴⁶

Segundo alguns colecionadores, leiloeiros e pesquisadores, a marginalia pode valorizar a obra, se esta for feita por alguém de renome, ou rebaixá-la sem for alguém desconhecido.

Algumas marginálias famosas são trabalhos sérios, ou perto disso, escritos nas margens em razão da escassez de papel. Voltaire escrevia nas margens dos livros, quando estava na prisão, e Sir Walter Raleigh escreveu nas margens uma última declaração, antes de sua execução. John Bethune foi um poeta inglês pobre, a quem o único papel disponível era justamente a lateral das páginas dos livros. (WIKIPEDIA, 2019)

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 240) afirmam que “marginalia é o conjunto das anotações registradas nas margens de um documento.” Já, Sweetnam (2020, tradução nossa) argumenta que: “Às vezes, a marginalia indica o que os leitores pensaram ou sentiram sobre um determinado livro. E às vezes, como aqui, eles eram uma maneira de um leitor demonstrar sua propriedade do livro, marcando-o como sua propriedade.”⁴⁷

Qualquer pessoa que use bibliotecas ou que goste de navegar em livrarias de segunda mão terá encontrado anotações ou anotações manuscritas em um livro em algum momento ou outro. Dependendo do seu ponto de vista e do conteúdo deles, esses traços marginais de leitores anteriores podem ser esclarecedores, irritantes ou divertidos. Há algo fascinante em poder se envolver não apenas com o livro e seu autor, mas também com outros leitores. E isso certamente é verdade quando estamos lidando com livros do primeiro século da impressão. As anotações dos primeiros proprietários e leitores desses livros desempenham um papel vital para nos ajudar a entender como os livros foram lidos e compreendidos.⁴⁸ (SWEETNAM, 2020, tradução nossa)

As anotações manuscritas são consideradas um diferencial, pois são mais difíceis de serem apagadas, além disso, reproduzir, a mão dois espécimes iguais, com o mesmo afinco, são

⁴⁶ Do original: The holy grail for literary historians is to find some copy of the text in which someone wrote beautiful, articulate, legible marginal notes.

⁴⁷ Do original: Sometimes, marginalia indicate what readers thought of or felt about a particular book. And sometimes, like here, they were a way for a reader to demonstrate their ownership of the book, to mark the book as their property.

⁴⁸ Do original: Anyone who uses libraries or who enjoys browsing in secondhand bookshops will have come across annotations or handwritten notes in a book at some time or another. Depending on your point of view and their contents, these marginal traces of previous readers can be illuminating, irritating, or amusing. There is something fascinating about being able to engage not just with the book and its author but also with other readers. And that's certainly true when we're dealing with books from the first century of printing. Annotations by the early owners and readers of these books play a vital role in helping us to understand how books were read and understood.

praticamente impossíveis, portanto, as marginalias acabam por tornar um exemplar único, e em alguns casos, torna-os raros.

Desde o início da história o homem se preocupa em proteger seus livros. Os papiros egípcios tinham as bordas de seus rolos envoltas em tiras coladas, os romanos e os gregos utilizavam capas de pano ou pele para envolver seus volumes, mas se estes eram considerados muito raros, seus rolos eram armazenados em cofres para livros, estes, eram caixas ou cilindros feitos de metal, madeira ou pedra.

A partir do século I no Império Romano, quando o códex passou a substituir o rolo a prática de encadernar os livros se intensificou, inicialmente o códex era considerado simples demais, carente de algo, e era associado a figura cristã, a princípio era uma prática para conservar o material, mas, seu formato plano favorecia a ornamentação, e com o aumento do poder e com a expansão da igreja, logo acabou por se transformar em um objeto cobiçado, para poucos privilegiados que possuíam um gosto refinado, assim as encadernações tornaram-se verdadeiras obras de arte.

As encadernações dos livros passam despercebidas nos catálogos nacionais. Mas nelas estão contidas grande parte da proveniência de uma obra. O objetivo principal da encadernação é proteger o conteúdo do livro para que fique preservado para as futuras gerações. É o que sugere Kelber (2020) ao afirmar que: “O papel do encadernador é o de um guardião; eles servem para proteger o conteúdo do livro e garantir o acesso de gerações de leitores. O principal na mente do encadernador é a durabilidade e a função.”⁴⁹

Depois que o livro foi costurado e afixado em pranchas, os encadernadores o cobriram usando um dos três tipos diferentes de couro: cabra, bezerro e ovelha. A cabra era o material mais caro e a ovelha, com tendência a rasgar, menos dispendiosa. Esses couros já haviam sido "bronzeados" (embebidos em tanino) ou "embebidos" (embebidos em alume e sal para produzir uma cor branca). Alternativamente, foi utilizado pergaminho ou velino. Ao contrário dos couros curtidos ou cortados, não havia processo químico envolvido - as peles eram embebidas, depiladas, secas e esticadas em uma moldura.⁵⁰ (BORAN, tradução nossa, online, 2020)

⁴⁹ Do original: The role of the bookbinder is that of a guardian; they serve to protect the book's contents to guarantee access for generations of readers. Foremost in the bookbinder's mind is durability and function.

⁵⁰ Do original: Once the book had been sewn and attached to boards, the bookbinders covered it using one of three different types of leather: goat, calf and sheep. Goat was the most expensive material and sheep, with its tendency to tear, the least costly. These leathers had previously been either 'tanned' (soaked in tannin) or 'tawed' (soaked in alum and salt to produce a white colour). Alternatively, vellum or parchment was used. Unlike the tanned or tawed leathers, there was no chemical process involved – instead the skins were soaked, dehaired, dried and stretched on a frame.

Os livros não são duráveis, são sensíveis, finitos, se não forem cuidados com delicadeza serão destruídos, rasgados, queimados, por fim, perdidos. Eles possuem um espírito original, uma essência, que deve ser preservada e transmitida para as futuras gerações, porque eles guardam os sussurros da memória. Mas muitos livros vendidos no passado não eram encadernados, eram entregues para posterior encadernação por quem os comprasse.

Às vezes, os blocos de texto podem não ter cobertura. Isso não era ideal, porque a página de título e as bordas poderiam facilmente ficar sujas. Por esse motivo, os fichários começaram a adicionar uma capa de papel sobre o bloco de texto. Os itens eram frequentemente vendidos assim e podiam ser encadernados mais tarde.⁵¹ (BORAN, tradução nossa, online, 2020)

A prática de transformar os livros em ricas obras de arte surgiu primeiro no Oriente e foi difundida nos primeiros séculos do cristianismo por todo império romano através de Bizâncio. Os artistas confeccionavam as encadernações utilizando metais como cobre, prata e ouro, além das placas de marfim, as encadernações eram ornamentadas com incrustações coloridas, feitas com pintura em esmalte, ouro e pedras preciosas ricamente lapidadas, era uma forma de enobrecer as “palavras divinas”. Essas ornamentações eram caras, e custavam um alto valor aos bolsos dos comerciantes livreiros, assim eles buscavam formas de reduzir seus custos.

...eles tinham a opção de vender textos encadernados ou não em sua própria loja. Isso permitiu que a impressora / livreiro evitasse gastar muito dinheiro encadernando todos os livros, além de permitir que os compradores escolhessem o tipo de encadernação que desejavam em seus livros. A venda de livros não encadernados tinha outro objetivo prático: no comércio atacadista, onde as impressoras vendiam ações para outros varejistas, o custo do transporte de livros era determinado pelo peso. Os livros não encadernados, sendo consideravelmente mais leves, custam menos. Como os livros importados representavam boa parte do comércio de livros, custos de transporte como esses sempre foram um fator importante a considerar.⁵² (BORAN, tradução nossa, online, 2020)

A autora afirma que as mulheres nesta época tiveram um importante papel no processo de encadernação, essas mulheres que trabalhavam no comércio livreiro costumavam ser

⁵¹ Do original: Sometimes, text blocks might have no covering. This wasn't ideal because the title page and edges could easily get dirty. For this reason, binders started adding a paper cover over the text block. Items were often sold like this and they could be bound later.

⁵² Do original: ...they had the option of selling texts bound or un-bound at their own shop. This allowed the printer/bookseller to avoid spending a lot of money binding every book, and it allowed buyers to choose what type of binding they wanted on their book. Selling books unbound had another practical purpose: in the wholesale trade, where printers sold stock to other retailers, the cost of transporting books was determined by weight. Unbound books, being considerably lighter, therefore cost less. Since imported books accounted for a good share of the book trade, transport costs such as these were always an important factor to consider.

empregadas na costura do bloco de texto e na aplicação de ferramentas delicadas. Era comum na morte do marido, a esposa assumir o trabalho que antes era dele.

Para os proprietários de livros com mais dinheiro, havia outras opções. As capas podem ser bordadas ou cobertas com materiais caros, como veludo. Geralmente, os proprietários ricos tinham seus livros trabalhados em folha de ouro. Como no processo de douramento, a clara de ovo foi usada para ajudar a folha de ouro a grudar no couro, antes de usinar. As ferramentas de ouro exigiam habilidade real - muito calor e a própria ferramenta podem arruinar a encadernação e, para complicar as coisas, o calor necessário variava dependendo da pele do animal sendo usada.⁵³

Essas informações indicam que o ofício do encadernador não é fácil, é necessário conhecer muitas técnicas distintas empregadas na confecção de encadernações para cada tipo de material específico que será utilizado, e cada encadernador pode ter preferências por certos tipos de materiais. Essas preferências, esses gostos, é que indicam o autor daquela ou desta encadernação. Nas encadernações armoriais, por exemplo, os códigos de armas, os brasões podem significar a quem ela pertence, uma instituição ou pessoa em questão que mandou encadernar seus livros.

Kelber (2020) ao discorrer sobre encadernação e proveniência, afirma:

A encadernação de um livro diz a você pelo menos tanto sobre a proveniência de um livro quanto a assinatura ou o folheto de um proprietário, e muitas vezes pode lhe dizer ainda mais. A encadernação ajuda bibliotecários e historiadores ao namorar um livro. Ele também fornece informações sobre a posição social e econômica de um proprietário. São divulgadas informações sobre a disseminação de idéias, tecnologias, costumes e gostos artísticos de um determinado momento da história. O significado percebido do conteúdo de um livro é refletido em sua encadernação. A encadernação nos diz como esse livro específico foi destinado a ser usado e como ele realmente foi usado.⁵⁴

O *site* Abebooks ao comentar sobre a valorização e o colecionismo de uma obra em torno da encadernação comenta que:

⁵³ Do original: For book owners with more money there were other options. Covers might be embroidered or covered with costly materials such as velvet. More usually, wealthy owners had their books tooled in gold leaf. As in the gilding process, egg white was used to help the gold-leaf stick to the leather, before tooling. Gold-tooling required real skill – too much heat and the tool might ruin the binding, and, to complicate matters, the heat necessary varied depending on the animal skin being used.

⁵⁴ Do original: The binding of a book tells you at least as much about a book's provenance as an owner's signature or bookplate, and can often tell you even more. The binding aids librarians and historians when dating a book. It also gives insight into an owner's social and economic standing. Information is imparted about the spread of ideas, technologies, customs, and artistic tastes of a particular time in history. The perceived significance of a book's content is reflected in its binding. The binding tells us how that particular book was intended to be used and how it actually was used.

O costume contemporâneo dita que um livro em sua encadernação original é superior à maioria das encadernações realizadas após o fato. A principal exceção a essa regra é quando o livro foi encadernado por um encadernador de anotações com significado histórico; nesse caso, às vezes é a encadernação, e não o livro que tem status colecionável. (trad. nossa)⁵⁵

No entanto, esse nem sempre foi o caso. Na era vitoriana, a maioria dos proprietários de livros achava que qualquer livro que valesse a pena guardar merecia ser recuperado, geralmente em alguma forma de couro para se tornar parte de sua biblioteca pessoal. Isso significa que os livros dessa época (quando os proprietários de livros eram ricos e privilegiados) e, anteriormente, muitas vezes foram re-vinculados, tornando as encadernações do editor original muito mais raras. (ABEBOOKS, 2021, tradução nossa)⁵⁶

Pesquisas em torno da história da encadernação possibilitam que os historiadores possam identificar seus criadores e encomendadores, além de ser um critério a ser analisado quando investigamos se o livro é raro. O desconhecimento sobre as características de cada época das encadernações leva à perda de um importante testemunho histórico de uma técnica tão minuciosa e única na história do livro. O obscurantismo sobre as tendências e particularidades de cada época das encadernações afastam o historiador de uma valiosa ferramenta que pode elucidar questões únicas na história do livro. Na seção seguinte destaca-se os métodos utilizados para que se obtenha resultados positivos ao final da pesquisa.

⁵⁵ Do original: Contemporary custom dictates that a book in its original binding is superior to most re-bindings that were accomplished after the fact. The major exception to this rule is when the book has been re-bound by a noted bookbinder with historical significance in which case it is sometimes the binding rather than the book that has collectible status.

⁵⁶ Do original: However this was not always the case. In the Victorian age most book owners felt that any book worth keeping deserved to be rebound, usually in some form of leather to become part of your personal library. This means books from this era (when book owners were wealthy and privileged), and earlier, have often been re-bound making the original publisher's bindings that much rarer.

3 MÉTODO DA PESQUISA

O universo desta pesquisa consiste no acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense. Como amostra de pesquisa serão selecionados para análise os livros raros publicados entre 1880 e 1920. Em seguida, será feita uma análise de uma seleção de marcas de posse e propriedade que se conservam nas obras. O estudo das marcas possibilitará identificar seus tipos e quais foram utilizadas pelos antigos donos dos livros, detectando casos significativos de colecionadores e bibliófilos, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Rodrigues *et al.* (2022, p. 206) propõem dividir as marcas de proveniência em quatro grandes grupos:

A partir da revisão de literatura e da observação das diferentes tipologias, propõe-se o agrupamento das marcas de proveniência em quatro categorias distintas, a saber: 1) Marcas de manufatura; 2) Marcas de uso; 3) Marcas de posse; e 4) Marcas de propriedade. Cada uma dessas categorias apresenta peculiaridades que explicam possíveis origens ou antigos proprietários de um determinado item.

Neste estudo serão identificadas e analisadas as marcas de posse e propriedade encontradas nas obras raras, as marcas de posse “[...] são as marcas deixadas por pessoas físicas ou jurídicas que estiveram, em algum momento da história desse objeto, de posse do mesmo, e que muitas vezes não são, necessariamente, seus proprietários.” (RODRIGUES *et al.*, 2022). dedicatórias, anotações feitas por vendedores (sebos, leiloeiros, livrarias etc.), censores, entre outros.

Já marcas de propriedade “[...] são as marcas deixadas pelos proprietários (pessoas, instituições, famílias) de uma obra, cuja finalidade consiste em atestar a sua propriedade sobre a mesma.” (RODRIGUES *et al.*, 2022). São exemplos: Etiquetas, carimbos, assinaturas.

As marcas de proveniência são fontes históricas para variados temas de pesquisa, e a disponibilização das mesmas em um repositório temático possibilita que pesquisadores das mais diversas áreas as usem para a validação e a construção de suas narrativas, desta forma, a amostra escolhida para esta comunicação fundamenta-se por conta dos movimentos que ocorriam no Brasil e no mundo na época em questão, tais como: a queda do Segundo Reinado, a Proclamação da República, a Abolição da escravatura, a promulgação da Primeira Constituição da República Brasileira, a Primeira Guerra Mundial, dentre outros movimentos

que sucederam durante o período escolhido. Para melhor entendimento destes eventos criou-se uma tabela que está exposta no Apêndice A.

Enxerga-se que neste momento da história apresentado no apêndice A, tanto o Brasil quanto o resto dos países passavam por uma grande transformação, revoltas, guerras e atrocidades começaram a acontecer, impérios e monarquias que reinavam por séculos passaram a cair, ao mesmo tempo, escravos foram libertos, surgiam novas tecnologias, estudos científicos avançaram, grandes construções foram erguidas, e as letras e as artes floresceram, também como forma de protesto.

Como a Biblioteca Rio-Grandense é uma instituição privada, e como o acervo a ser pesquisado trata-se de um acervo raro, portanto de acesso restrito, primeiramente fez-se contato com a direção da instituição para obter autorização para a realização do estudo. Após autorizado o estudo, utilizou-se, como referência de pesquisa para obtenção da amostra, o livro intitulado “Levantamento Bibliográfico Parcial de Obras Raras e/ou Valiosas da Biblioteca Rio-Grandense” (1987), das autoras Cila Milano Vieira, Leyla Maria Gama Jaeger e Vera Isabel Caberlon, o qual apresenta a coleção de obras raras existente na instituição, e as fichas catalográficas armazenadas nas gavetas de obras raras da instituição. Nota-se que o livro citado foi publicado em 1987, e que o acervo corrente da instituição não foi revisado posteriormente por profissionais especializados que pudessem identificar possíveis obras raras, que poderiam passar a integrar a coleção especial de obras raras da instituição, cabe ressaltar também que a biblioteca pesquisada, no entanto o trabalho sistemático não vem sendo realizado. Portanto, obras possivelmente raras podem ter ficado de fora desta pesquisa.

As obras raras foram analisadas a partir da lista apresentada no livro citado, que as organiza por data de publicação, em ordem cronológica crescente (do mais antigo para o mais novo). Observa-se que, que estas obras se encontram armazenadas nas estantes da biblioteca da mesma forma em que foram descritas pelas autoras na publicação. Até os dias atuais, as obras estão dispostas da mesma forma que as autoras do livro as organizaram em 1987, e ao longo dos anos não houve uma revisão nem da organização dessas obras na estante, nem esta catalogação delas, já que as fichas catalográficas analisadas por esta autora, demonstram uma descrição nível um, bem básica e simples. Elas começam a ser descritas a partir do século XVI, até o século XX, acrescentadas, ainda, ao final do livro, obras em que não foi possível identificar a data de publicação da edição.

No que se refere ao tratamento direcionado às obras raras, Vieira e Jaeger (1979) afirmam que estas foram retiradas do acervo geral, sendo selecionadas

por século, depois organizadas por autor e título dentro de cada século, e em seguida postas em uma sala adequada: a Sala Dr. Joaquim da Silva Filho. (TEIXEIRA; GARCIA; RODRIGUES, 2018, p. 142-143)

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória, descritiva, de abordagem quanti-qualitativa. Terá como base para construção do aporte teórico fontes bibliográficas, documentais e fontes marginalizadas como as marcas de proveniência, que serão utilizadas como fontes históricas e são o foco deste estudo. Gil (2010) afirma que este tipo de pesquisa tem como qualidade, desenvolver ou esclarecer possíveis conceitos e ideias para formular problemas aplicáveis em estudos posteriores.

[...] os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental. (GODOY, 1995, p. 24).

O estudo de documentos pode ter um carácter progressista no levantamento de dados. Posteriormente os dados levantados podem ser utilizados em outros estudos qualitativos. Godoy (1995, p. 21), afirma que:

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Ao abordar a pesquisa qualitativa, não é preciso seguir rígidos padrões estruturados, o que põe em perspectiva outras vertentes de pesquisa, com novos enfoques. Gibbs (2009, p. 9), observa que “[...] a pesquisa qualitativa leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo”. Desta forma, o trabalho de campo é indispensável para a realização deste estudo, e para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados.

Para que essa pesquisa alcance o resultado esperado, optou-se por um estudo de caso, pois novas questões e descobertas podem surgir no decorrer da pesquisa, além da variedade de dados que podem ser levantados oriundos da observação profunda realizada pela pesquisadora, a partir de um único livro. Para Godoy (1995, p. 25),

O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular.

Esta pesquisa tem como base fundamental o rastreamento e análise de símbolos, de marcas individualizadas, mas que fazem parte de algo maior, de uma coleção maior, formada por alguém, por algum motivo. Podemos desvendar os “mistérios” que existem na micro-história, desanuviar a história local, utilizando novas fontes históricas, as não convencionais, que ainda não foram utilizadas por historiadores, mas que merecem atenção e uma construção de sua biografia.

As fontes de pesquisa histórica não convencionais, marginalizadas, merecem métodos de pesquisa não convencionais, sendo assim, este trabalho utilizará métodos de pesquisa interdisciplinares, utilizados pelas áreas da história e da biblioteconomia, que transitam entre si durante a busca e interpretação dos dados de pesquisa colhidos durante o estudo.

A busca por indícios, por marcas se dará página, a página, e os procedimentos metodológicos previstos para a busca, recolha e análise das marcas de propriedade no repositório temático incluem três métodos diversificados:

O primeiro método utilizado é o “Paradigma Indiciário”, um termo forjado pelo italiano Carlo Ginzburg em um ensaio intitulado, *Spie. Radici di un paradigma indiziario* (Sinais: raízes de um paradigma indiciário), publicado em 1979 pela Editora Einaudi, e faz parte da coletânea *Crisi Della Ragione*, organizado por Aldo Gargani. (Fernandes, 2023)

O paradigma indiciário permite que o historiador intérprete pessoas, eventos, experiências etc., através de indícios, pistas ou dados marginalizados, menos visíveis a historiadores não acostumados com fontes históricas diversificadas, que demandam conhecimentos específicos, e/ou ajuda de especialistas.

A partir do paradigma indiciário, Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a idéia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis: as estruturas arcaicas e os conflitos entre diferentes configurações sócio-culturais. Uma abordagem capaz de remontar uma realidade complexa, não experimentável diretamente, que parte da análise de casos bem delimitados, cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral e contesta idéias solidificadas sobre determinados fatos e épocas. (TINEM; BORGES, 2003, p. 1).

Desta forma, ao ampliarmos o limite das fontes pesquisadas, através das pistas, dos vestígios deixados por antigos leitores ou curadores nos livros, podemos reconstruir o percurso daquela obra, desenvolvendo uma biografia material do objeto validada. O paradigma indiciário torna-se uma importante ferramenta para a conclusão deste estudo.

O segundo método de pesquisa empregado para a análise individual dos livros será do tipo bibliológica. Este método possibilita a descoberta das marcas de proveniência, uma vez que “Através da Análise Bibliológica são reveladas, apenas para quem tem olhos treinados para ver e mãos habilitadas para tocar o livro raro, informações que atribuem ao livro o caráter de registro de memória.” (RODRIGUES; CALHEIROS, 2003, p. 4).

Martínez de Souza (1991 apud PEDRAZA GRACIA, 2005, p. 31, tradução nossa), discorre que na atualidade, a Bibliologia inclui os seguintes pontos:

[...] a diplomática, a gramatologia ou ciência da escrita e dos gráficos (manuscritologia, paleografia, grafologia, semiologia tipográfica), documentologia (epigrafia, papirologia, codicologia, numismática, sigilografia), editologia (bibliografia material e textologia), biblioteconomia, bibliografia científica, leiturologia ou ciência geral da leitura, bibliometria e ciências bibliológicas interdisciplinares (bibliologia histórica, sociológica, política etc.)⁵⁷

O termo bibliologia é relacionado a ciência que estuda a história do livro e a evolução dos suportes utilizados para sua confecção, desde a sua manufatura. O bibliólogo, profissional que atua nesta área, deve ter uma formação diversificada, que agrupe conhecimentos, tais como: biblioteconomia, bibliotecologia, bibliofilia, bibliografia, bibliografia material, história dos livros, história das encadernações, cultura material, biblioteconomia, restauração e conservação, descrição, numeração, evolução, editoração, história da arte, colecionismo e organização de bibliotecas, sejam elas públicas ou privadas.

Faria e Pericão (2008, p. 143-144), expõem a definição de Bibliologia como:

Ciência do livro. Ciência da comunicação escrita. Arte de discorrer sobre os livros e de falar deles com pertinência, tanto no que respeita à sua temática, como à sua história. História crítica dos livros incluindo a sua origem, tema, tinta, suporte e forma interior e exterior, sua divisão em manuscritos. [...] A bibliologia apareceu em finais do século XVIII e evoluiu através dos séculos XIX e XX. Evoluiu de ciência do livro para ciência do escrito.

Sobre a análise bibliológica em si, Rodrigues, Vian e Teixeira (2020), observam que a adoção deste método propicia a identificação das marcas de proveniência, o que torna “[...]”

⁵⁷ Do original: [...] la diplomática, la gramatología o ciencia de la escritura y del grafismo (manuscritología, paleografía, grafología, semiología tipográfica), la documentología (epigrafía, papirología, codicología, numismática, sigilografía), la editología (bibliografía material y textología), la bibliotecología, la bibliografía científica, la leiturología o ciencia general de la lectura, la bibliometría y las ciencias bibliológicas interdisciplinares (bibliología histórica, sociológica, política, etcétera).

possível traçar o curso do livro, evidenciando assim, parte da sua história.” (RODRIGUES; VIAN; TEIXEIRA, 2020, p. 5).

O terceiro método de pesquisa escolhido para fundamentar este estudo é o da bibliografia material, que destina-se a inquirição dos procedimentos de produção do livro desde a sua manufatura e suas singularidades, analíticas, críticas, históricas e descritivas, é utilizada para a indicação de autores e livros antigos, além de ser um método que ampara o desenvolvimento de repertórios, catálogos, bibliografias, bibliografias bibliofílicas, inventários (institucionais e pessoais) e, podemos acrescentar que na atualidade, ampara pesquisadores na busca de informações que posteriormente serão utilizadas como metadados na construção de bancos de dados e repositórios relacionados a história do livro e das bibliotecas.

Araújo (2019) confirma a importância da bibliografia para a História do Livro:

A Bibliofilia francesa no século XVIII fomentou e criou a cultura gráfica colecionável por meio dos superlativos da raridade. Nesse contexto, visto como berço das abordagens sobre a bibliografia material na França, a descrição bibliográfica alicerçou os estudos teóricos-práticos que alimentaram o corpo e a alma da História do Livro e da Bibliografia no século das Luzes. Por sua vez, no final do século XIX e até a primeira metade do século XX, na Grã-Bretanha, a retomada de estudos dos incunábulos e, ainda, os estudos da crítica literária de textos elisabetanos, também configuraram-se como um momento de evolução e de rupturas para a História do Livro e para a Bibliografia. Assim, a Crítica Textual e a Bibliografia Material inglesa influenciaram as práticas de descrição bibliográfica na Bibliofilia, na Bibliografia, na História do Livro e na Biblioteconomia. (ARAÚJO, 2019)

Para investigar o livro raro e/ou antigo o historiador do livro precisa reconhecer historicamente a produção do livro, levando em consideração o contexto social e cultural durante a produção e comercialização de cada obra e do texto que está vinculado a ela.

Livros representam a materialização da cultura e do conhecimento humano. Intrinsecamente, carregam, também, uma carga simbólica. Consequentemente, assumem características que vão além da sua finalidade inicial – a de servir de suporte às ideias, passando a simbolizar o conhecimento em si, sendo objetos de status e poder, agregando características que os tornam, também, objetos de apreciação e de desejo. (VIAN *et al.*, 2019, p. 3)

Harmon (1998 apud ALENTEJO, 2015, p. 34), exprime que a bibliografia material propicia “[...] estudos em torno das características extrínsecas do livro tais como: sua produção, preços, edições etc.”

Desse modo, a Bibliografia material enquanto instrumento de pesquisa disponibiliza

[...] informações relevantes sobre o formato do livro, tipo e qualidade da capa e do papel do miolo, tamanho da fonte e mancha, forma de encadernação, entre outros itens analisáveis que podem ser úteis para a compreensão do sistema de produção e circulação e o público para o qual se destina a obra. (NOGUEIRA, 2016, p. 158).

Para melhor coleta e organização das marcas bibliográficas e dados reunidos, e posterior inserção destes dados no repositório foi desenvolvida uma ficha de análise (Apêndice B), das possíveis fontes encontradas, que levantam uma série de questões passíveis de averiguação dentro da proveniência e da história do livro.

Para compreensão das tipologias das marcas de proveniência encontradas e para a possível identificação das mesmas e, posteriormente seu registro no repositório, será utilizado como fonte bibliográfica o “Glossário ilustrado de Marcas de Proveniência”, desenvolvido pelo grupo GEPIM da FURG, onde para a construção dos termos, este se baseou em diversas fontes nacionais e estrangeiras, dentre elas dois documentos principais internacionais, a *"Liste hiérarchisée de termes relatifs aux marques de provenance portées sur les livres"* (Lista hierárquica de termos relativos a marcas de proveniência em livros), elaborado pela associação francesa BiblioPat e; o *"T-Pro: Thesaurus der Provenienzbegriffe"* (T-Pro: tesouro de termos de proveniência), desenvolvido pela Biblioteca Estadual de Berlim. (RODRIGUES, VIAN, SILVA, RODRIGUES, 2021)

Em estudo recente publicado pelo grupo GEPIM, as autoras expõem:

O Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência traz, em sua essência, essas características: trata-se de uma lista de termos (descritores e não descritores) que constituem o jargão específico da área da Proveniência no contexto da Biblioteconomia e da história do livro, com suas respectivas explicações e relações (remissivas), acrescido de ilustrações que exemplificam as definições dadas e os equivalentes dos termos nos idiomas inglês, francês e espanhol. (RODRIGUES *et al.*, 2022)

As pesquisas de marcas de proveniência bibliográficas encontram suporte nos métodos mencionados. Pesquisar as evidências, internas e externas, relativas à proveniência de uma obra ou coleção bibliográfica e registrar essas informações de forma sistemática em um repositório contribui para explicitar o modo como estes materiais foram empregados ao longo da sua vida social: de que forma foram lidos, quem eram seus leitores, como se deu seu deslocamento enquanto mercadoria e artefato. Esses indícios, essas pistas, nomeadas como marcas de

proveniência bibliográficas, podem remodelar os sentidos de uma narrativa histórica, dependendo de sua tese ou conteúdo.⁵⁸

No próximo capítulo será discutido o formato do produto que será desenvolvido a partir dos dados resultantes desta pesquisa, refletir-se-á sobre o repositório de marcas de proveniência, a aplicabilidade e usabilidade dele, como ele ficará disponível ao público e a quem ele se destina.

⁵⁸ Os procedimentos metodológicos previstos para a descrição das marcas de propriedade no repositório temático estão disponíveis no capítulo apropriado.

4 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO, A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES E AS SIMBOLOGIAS, LEITURAS INDIVIDUAIS, SOCIAIS E A MATERIALIDADE DO LIVRO EM EVIDÊNCIA: AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA COMO FONTE HISTÓRICA

O autor só escreve metade do livro. Da outra metade, deve ocupar-se o leitor.
Joseph Conrad

A escola e a educação têm o dever de trazer os conhecimentos, os saberes que já estão lá. Movimentar os saberes ajuda a construir experiências cumulativas, de entendimentos e percepções, sobre espaços e objetos culturais pertencentes à comunidade, aguça o desejo do aluno de se apropriar da história daquele espaço, dos artefatos ali residentes. O que cada historiador vê, e a forma que cada um narra, mostra diferentes histórias e pontos de vista, revelando histórias de vida, e perspectivas sobre a realidade das mais diversas, considerando múltiplas perspectivas sobre determinado tema, problema ou situação.

A troca de ideias, justa e livre é a base de uma democracia forte e requisita a capacidade de argumentar, compartilhar e proteger ideias. Entre as dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular está incluída a competência de argumentação.

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (VIVESCER, 2022)

Durante o século XX a história oitocentista esteve alinhada ao uso do documento, como um elemento aceito na academia para comprovar a veracidade das narrativas históricas. Apesar da mudança ocorrida na teoria da história e na historiografia, no que se refere ao espaço do documento no desenvolvimento de narrativas do passado, muitos historiadores ainda estão atrelados apenas a documentos arquivísticos como fonte de pesquisa.

Febvre (1985) não exonera o documento de sua importância na construção de narrativas históricas, mas indaga o uso do documento como única fonte a ser consultada por historiadores.

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem, Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a

presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1985 *apud* LE GOFF, 2003, p. 530).

Ao seguirmos o pensamento de Febvre, podemos entender que o ensino de história pode ser realizado a partir de variadas fontes históricas, inclusive as marginalizadas, as pouco utilizadas entre historiadores. Basta aplicar engenhosidade, ficar atento às possibilidades e aos sinais que as fontes históricas proporcionam.

Ginzburg (2020) dá ênfase na prova, na abordagem dos historiadores sobre a evidência. O autor na verdade, luta contra as atitudes pós-modernistas e neocélticas que enfatizam a possibilidade de traçar uma fronteira entre as narrativas históricas e ficcionais, porque as verdades humanas, as verdades que podem ser refutadas, devem fazer parte do pensamento científico.

É claro que a literatura, os livros e a leitura são importantes para uma abordagem histórica, Ginzburg em *O Queijo e os Vermes*, publicado em 1976, foi capaz de rastrear uma rede de compartilhamento de livros, porque nem todos os livros lidos por Menocchio eram de sua propriedade, muitos eram emprestados por outras pessoas. O historiador consegue rastrear o que Menocchio estava lendo, e como ele interpretava os livros. Já em *No Island is an Island* (Nenhuma Ilha É Uma Ilha), o autor estuda cânones literários no mundo inglês, para desvendar como esses livros estavam ligados com tradições da Europa Continental.

Ginzburg (2020) comenta que foi confrontado por Menocchio, pela complexidade de ler, como uma prática através dele, e discorre que a leitura é um tipo de prática sub-teorizada. E que neste sentido, existe uma complexidade no ato de ler que ainda está para além das nossas teorias. “E todo mundo, digamos, está usando essa complexidade, não só da totalidade do livro para uma única sentença, mas também para outros livros que lemos e eles estão, digamos, agindo sobre nós, inconscientemente.” (GINZBURG, 2020)

O autor continua:

A dimensão inconsciente sobre o ato de ler, me parece ser um tipo de continente inexplorado. Quero dizer, sabemos que existe, ou deveríamos saber, mas a forma com o qual age, a dimensão inconsciente, me parece algo que é um continente a ser explorado. (GINZBURG, 2020)

Para tentarmos compreender essa dimensão do ato de ler comentada por Ginzburg, precisamos, primeiro, descobrir quem eram os leitores, para depois tentar compreender seus hábitos de leitura, e para que possamos chegar às respostas de nossas indagações, devemos enquanto historiadores sermos criativos nos métodos que utilizamos para realizar as pesquisas. Se antigos proprietários de livros deixam pistas e marcas em seus exemplares, podemos

interpretar essas marcas, para tentar compreender os hábitos e os pensamentos de leitores leigos, e não só os hábitos dos leitores que são, reconhecidamente eruditos, colecionadores e bibliófilos.

Bertinazzo (2012, p. 32) discorre que na antiguidade os símbolos eram criados de forma espontânea e fantasiosa, representados por imagens do cotidiano e comenta que “as forças da natureza (rio, fogo, sol, lua) e os mitos eram representados, pelo homem pré-histórico, com um valor simbólico, e seus criadores e intérpretes tinham com eles uma relação mística”. O peixe estilizado, por exemplo, é um símbolo da arte paleocristã utilizado por cristãos perseguidos como uma espécie de código entre eles. O esoterismo, o ocultismo e as religiões estão cheios de simbologias em suas representações.

As classes definiam as simbologias dos indivíduos, através de artes antigas, da América pré-colombiana ao Egito. No Japão, desde o século IX a. C., as famílias nobres eram identificadas através dos símbolos “mon”, todos os objetos pertencentes às famílias nobres tinham esse símbolo aplicado em seus pertences, até mesmo suas roupas. Durante a idade média, no ocidente, cavaleiros e reis utilizavam cores institucionalizadas e símbolos heráldicos para identificação. Mercadores escandinavos e mediterrâneos marcavam seus símbolos nas ânforas de óleo e vinho. Oleiros, em Roma, marcavam seus potes, garantindo a qualidade do produto e a propriedade no caso de roubo. (BERTINAZZO, 2012)

Essas marcas nunca eram de seus criadores, mas das classes dominantes. A partir do séc. XII começam a aparecer assinaturas de artesãos, artistas e comerciantes em seus produtos e possessões. Lembramos que possessão e propriedade muitas vezes são conceitos que não coincidem. (BERTINAZZO, 2012, p. 32)

Darton (2020) discorre que os pensadores da Escola dos Annales se animaram com a história das mentalidades, que era a ideia de tentar acessar a forma de pensamento das pessoas comuns, e não apenas de filósofos formais, aceitos pela academia. Mas o autor, diz que na atualidade ninguém fala sobre a história das mentalidades, e que está, em Paris, vem sendo substituída por história e antropologia. Ele argumenta que usamos símbolos para dar sentido à vida, e que a significância para os humanos é tão importante quanto a comida e a bebida para a condição humana, e diz: “Os símbolos realmente existem!”, e devemos estudar os símbolos, além de levar o mundo simbólico de pessoas comuns a sério.

Na alteridade do registro simbólico, encontramos o estranho que nos constitui, que marca a cultura arraigada no sujeito, a partir das suas marcas primeiras, que se movem e se ressignificam na relação com os significantes. Tendo como

marca a polissemia dos significantes, tem caráter móvel e fugidio. (HOMRICH, 2016, pp. 156-157)

As simbologias podem ser interpretadas de diversas formas, os símbolos são multivocais, podem perpassar muitas coisas diferentes ao mesmo tempo, o significado é complexo e não existe uma conexão mecânica entre a expressão simbólica e a atitude, mas ao contrário, porque todo símbolo é confeccionado por alguém e por algum motivo e podem ter significados diferentes para pessoas distintas. Segundo Darton (2020) os símbolos possuem um conjunto de significâncias que podem ser recuperados pelo historiador.

Símbolos são importantes para o estudo da proveniência, principalmente quando realçamos o uso da proveniência como fonte histórica, devemos empreender esforços em entender a definição do que são as marcas de proveniência e suas tipologias.

Ao utilizarmos um método que foca na interpretação de dados marginais, como o da análise das marcas de proveniência, por exemplo, onde a pesquisa está centrada nos símbolos, nos detalhes, podemos obter detalhes reveladores sobre a personalidade de um antigo proprietário. Wind (1899, p. 146 *apud* GINZBURG, 1989, p. 62), comenta a esse respeito:

A alguns dos críticos de Morelli parecia estranho o ditame de que “a personalidade deve ser procurada onde o esforço pessoal é menos intenso”. Mas sobre este ponto a psicologia moderna estaria certamente do lado de Morelli: os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós.

A leitura quando realizada longe de olhos alheios deixa-nos livre, rabiscar as margens das páginas, fazer anotações, assinar, datar, desenhar enquanto se espera algo, enquanto o pensamento vagueia sobre o que se está lendo, é um hábito recorrente entre os amantes de livros, aqueles que cultivam um amor especial, e que possuem recursos, desenvolvem símbolos e marcas para expressar essa relação, validam suas ideias com as etiquetas, com os ex-líbris e com os carimbos que anexam em seus livros, expender esforços na interpretação desses símbolos, é uma forma de estudar e compreender as mentalidades das pessoas comuns.

Através de “técnicas criminalísticas”, à moda de Sir Arthur Conan Doyle, os profissionais que lidam com o patrimônio, curadores de arte, historiadores, arqueólogos, bibliotecários, arquivistas e pesquisadores, tornam-se detetives de acervos, investigadores, caçadores de relíquias, buscando pistas, indícios, efetuam novas descobertas. Quando encontram evidências, tentam desvendar quem foi o autor de um crime tão terrível! Quem foi o culpado por ter deixado aquela marca no livro? Qual carimbo seria esse, presente no documento? A quem pertence o monograma? De onde veio este artefato até chegar no museu?

Aprender a avaliar o valor do documento por meio da proveniência é uma habilidade vital para os historiadores e essencial para realizar qualquer pesquisa histórica. Na verdade, seria um pobre historiador acadêmico que não conhecesse os pontos fortes e os limites de seu material de origem, porque isso poderia invalidar sua pesquisa. Simplificando, a história depende da avaliação habilidosa de evidências. Portanto, nossa análise e conclusões provavelmente serão falhas se não compreendermos as evidências com as quais estamos trabalhando.⁵⁹ (ROSE, 2019, tradução nossa)

Se o historiador, o educador e o curioso quiserem pesquisar, e comprovar suas teorias, precisam aprender sobre a procedência das fontes que irá utilizar em seu estudo. Podem surgir grandes oportunidades de alumbramento da pesquisa durante o processo de busca da proveniência. O investigador precisa compreender a fonte que está utilizando, identificando e aprendendo os porquês da sobrevivência das fontes até os dias atuais. Alguém, em algum momento, sentiu a necessidade e a importância de realizar a guarda e a conservação desse material. Quando o historiador aprende os porquês, pode entender os impactos que aquela população sofreu a curto, médio e longo prazo, compreendendo quais memórias sobreviveram e quais desvaneceram nas narrativas históricas. Recuperar parte das evidências internas de proveniência que foram esquecidas nos livros e cruzar os dados colhidos com ferramentas internas de controle das instituições, como catálogos, repertórios, revistas, notas de compra, e de doação, ou ainda com outras fontes documentais e bibliográficas de informação, permitem ao historiador a observação de características peculiares existentes nos livros, disponibilizar esses dados no ciberespaço, permite a organização de todas essas simbologias, de todas essas pistas materiais que antigos leitores deixaram nos livros.

Discute-se no próximo item a utilização da pesquisa de proveniência na educação integral, e o uso das marcas de proveniência como um exercício para a análise crítica da fonte.

4.1 A educação integral, a criatividade e o pensamento crítico por meio da pesquisa de proveniência: repositórios digitais no ensino de história

O leitor emerge na história do livro, na qual ele esteve por um longo tempo confundido, indistinto. [...] O leitor era considerado um efeito do livro. Hoje ele se destaca desses livros dos quais se julgava ser ele um reflexo harmonioso. Eis que o reflexo se delinea, ganha o seu relevo, adquire uma independência.

⁵⁹ Do original: Learning to assess document value via provenance is a vital skill for historians and is essential to carry out any historical research. It would be a poor academic historian indeed who did not know the strengths and limits of their source material, because it could invalidate their research. Put simply, history relies on the skilled assessment of evidence. Therefore our analysis and conclusions are likely to be flawed if we do not understand the evidence with which we are working.

Novas competências têm sido debatidas na atualidade, a criatividade e o pensamento crítico têm ganhado espaço em discussões entre gestores educacionais, professores e educadores. Esses debates giram em torno da criação de metodologias onde os estudantes possam buscar, gerir e analisar informações e notícias por conta própria. Tornando-se indispensável o pensamento crítico como forma de combate às fake news, por exemplo. Através do ensino de história, da análise crítica das fontes, os estudantes tornam-se capazes de analisar a confiabilidade das informações que acessam, exercendo sua cidadania de forma democrática.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a educação integral é aquela que propicia o crescimento dos estudantes como cidadãos, pessoas e profissionais, preparando-os para planejar uma sociedade mais responsável, inclusiva, justa, democrática, solidária e sustentável. Esse conceito de educação proposto pela BNCC não é novo, e já está incluído nos principais marcos legais brasileiros, como na Lei de Diretrizes e Bases, na Constituição Federal, no Plano Nacional de Educação e nas Diretrizes Curriculares Nacionais. (Penido, 2022)

Na BNCC a educação é baseada em competências, e para está, as Competências Gerais são: “Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” (PENIDO, 2022)

Desta forma, para empreender uma educação integral aos alunos e seu preparo para a vida é preciso desenvolver: conhecimentos, para que os estudantes possam adquirir saberes importantes para sua vida cotidiana; habilidades, para que possam julgar como aplicar os conhecimentos na prática; atitudes, a fim de que tenham a intenção necessária para utilizar seus conhecimentos e habilidades sempre que acharem necessário; e valores, para que seus conhecimentos, habilidades e atitudes possam ser usados de forma consciente, ética e construtiva, sempre aliada aos valores universais. (Penido, 2022)

Algumas das competências gerais da BNCC se alinham com esta linha de pesquisa e serão apresentadas abaixo:

A competência geral 1 se aplica ao Conhecimento, e a importância de proporcionar ao aluno um currículo motivador, ocasionando oportunidades para que eles desenvolvam habilidades sobre onde encontrar a informação, e de como devem realizar a curadoria dessas informações, identificando e separando as notícias falsas das verdadeiras, através de perguntas, para ao fim, obter uma informação de qualidade. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Cada competência traz a proposta de um aluno ativo, que consegue não apenas compreender e reconhecer a importância do que foi aprendido, mas, principalmente, refletir sobre como ocorre a construção do conhecimento, conquistando autonomia para estudar e aprender em diversos contextos, inclusive fora da escola. (PENIDO, 2022)

Portanto, através do uso das marcas de proveniência como fonte histórica, e com a utilização do método da pedagogia do livro raro, citado neste estudo, o aluno torna-se capaz de avaliar tanto a confiabilidade, quanto o valor da fonte que está acessando. De forma ética, o estudante desenvolve habilidades de fazer conexões, de organizar as informações encontradas e posteriormente, pode atribuir significados a elas.

A competência geral 2 é dedicada ao pensamento crítico e à criatividade, espera-se, portanto, que as instituições educacionais e seus profissionais proponham estratégias pedagógicas de formação que perpassam esses elementos. Robinson (2015), diz que: “A criatividade hoje é tão importante na educação como a alfabetização, e deve ser tratada com a mesma importância”. O autor comenta que o sistema educacional atual se baseia na ideia da habilidade acadêmica, e que a razão para que isso aconteça, é que os sistemas educacionais públicos de educação foram criados no século XIX para atender a demanda da industrialização, colocando as disciplinas mais aptas para o trabalho no topo, afastando da escola coisas que as crianças gostam como artes e dança, pois com essas disciplinas você não conseguiria um emprego. Mas essas disciplinas acabam sendo fundamentais para a inovação e para a resolução de problemas, pois proporcionam a habilidade de fazer perguntas e de interpretação, que necessitam do uso da lógica, da investigação e da dedução, possibilitam ainda, a predisposição de criar e testar hipóteses, chegando a conclusões a partir das evidências, e por fim, realizando uma síntese de suas conclusões, como resultado de seus experimentos, através de um raciocínio analítico e lógico. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. Essa competência trata do desenvolvimento do raciocínio, que deve ser feito por meio de várias estratégias, privilegiando o questionamento, a análise crítica e a busca por soluções criativas e inovadoras. (PENIDO, 2022)

Apresentar novos espaços, novos territórios de descoberta, estimulam a criatividade, a maneira de trabalhar conteúdos torna-se um território de liberdade, ajuda a desenvolver cidadãos emancipados, que falam com a própria voz e não com a voz e as ideias do outro. Oportunizando novos territórios imagéticos, estimulamos a criatividade e a busca por respostas de forma autônoma, modificando a visão que temos de como fazer as coisas, evidenciando um mundo repleto de conexões e associações herméticas.

A competência geral 3, comunica sobre Repertório Cultural, e fala da expansão deste território, da aptidão de produzir e usufruir da cultura, da apreciação das manifestações culturais e artísticas, para que os alunos possam aprender sobre a própria cultura, e de como podem exercitar o respeito à diversidade, através da sensibilidade. Além disso, com a ampliação do repertório cultural, o aluno expande sua capacidade de se expressar artisticamente, desenvolvendo senso de pertencimento e construindo sua própria identidade. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. Essa competência estabelece como fundamental que os alunos conheçam, compreendam e reconheçam a importância das mais diversas manifestações artísticas e culturais. E acrescenta que eles devem ser participativos, sendo capazes de se expressar e atuar por meio das artes. (PENIDO, 2022)

Conhecer os acervos locais, identificar as técnicas artísticas e artesanais de construção dos ex-líbris, das encadernações, dos *supralibros*, e dos próprios livros, seus antigos proprietários, os tipógrafos, os artistas e douradores⁶⁰ que os produziram é uma forma de examinar as relações da sociedade, da cultura, da economia e da arte regional. Estimular a

⁶⁰ A douração é uma arte milenar que consiste em aplicar ouro em pó ou em folha fina (folha de ouro) a um objeto - neste caso, as páginas de um livro ou mesmo as capas. O ouro, na folha de ouro, costuma ser misturado ou ligado a outros metais, como prata ou cobre. Mas existem outras opções, e nem tudo que reluz é ouro. Algumas edições mais baratas simplesmente têm tinta dourada, que pode escurecer rapidamente, enquanto na outra extremidade do espectro estão empresas, que ainda acentuam as edições em ouro genuíno de 22 quilates. É comum ver as bordas das páginas de livros, principalmente de antiquários, brilhando com ouro. O dourado é lindo e chamativo, mas também tem um propósito prático - aplicado em conjunto com a cola, ajuda a proteger as bordas da página de escurecimento, umidade e poeira. Eles devem ser tratados com cuidado, no entanto, pois são suscetíveis a danos físicos e são fáceis de arranhar. Embora o dourado seja mais prevalente nas bordas das páginas, e você pode frequentemente ver termos aplicados a livros antigos, como aeg (todas as bordas douradas) ou teg (borda superior dourada), mas as bordas não são as únicas partes de um livro. dado o padrão ouro - a lombada é frequentemente decorada também, com títulos e texto, e faixas em relevo geralmente são douradas. E o dourado pode resultar em padrões, designs e ilustrações espetaculares nos quadros ou nas capas de um livro. (ABEBOOKS, 2023)

pesquisa, o uso e a produção destas etiquetas e marcações entre os alunos, proporciona que eles possam expressar suas vivências, suas histórias e sentimentos através da arte do livro. O aluno pode aprender a reconhecer manifestações culturais, eventos, a formação de grupos e identidades, além de discutir a importância de valorizar as tradições, as colaborações culturais, as trocas e as diversas experiências advindas desta arte de unir páginas de texto.

A competência geral 4, conferência sobre Comunicação, e a habilidade dos estudantes de utilizarem linguagens diversificadas e claras para se expressarem, produzindo conteúdos que levem ao conhecimento mútuo, e utilizando todas as mídias que estiverem disponíveis em seu meio. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. De acordo com a competência, para se comunicar bem, crianças e jovens necessitam entender, analisar criticamente e saber se expressar utilizando uma variedade de linguagens e plataformas. Enfatiza a importância de que a comunicação ocorra por meio da escuta e do diálogo. (PENIDO, 2022)

Por intermédio do desenvolvimento de repositórios temáticos digitais, o estudante compreende como podemos compartilhar as informações oriundas de pesquisas e como podemos construir o conhecimento de forma coletiva, já que a construção de um repositório digital pode ser interdisciplinar. Ao entender o contexto sociocultural de como os saberes são gerados, os estudantes entendem que a tecnologia pode ser uma aliada no momento da difusão de suas expressões, além de auxiliar no desenvolvimento da leitura e da escrita.

A competência geral 5, argumenta sobre a Cultura Digital, e da capacidade dos alunos de usar com criticidade e ética a tecnologia, seja para obter ou produzir informação, entendendo o impacto que as tecnologias informacionais ocasionam no mundo. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Essa competência reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que o estudante deve dominar o universo digital, sendo capaz, portanto, de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade. (PENIDO, 2022)

Como na competência citada anteriormente, o aluno, mediante a utilização de um repositório digital, desenvolve a habilidade de usar linguagens de programação para elucidar obstáculos. Com o uso ético das tecnologias ele desenvolve a capacidade de interpretar e representar metadados em diversos dispositivos com a utilização de imagens, textos, números e sons, preparando-os para os desafios sociais e para as discussões em torno da tecnologia e como ela pode influenciar os comportamentos e pode modificar a cultura.

A competência geral 7, discute a Argumentação, e a habilidade dos estudantes de argumentar sobre suas ideias claramente, defendendo essas ideias baseadas em evidências, com responsabilidade e ética. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. Aqui o destaque é para a capacidade de construir argumentos, conclusões ou opiniões de maneira qualificada e de debater com respeito às colocações dos outros. Ela inclui a consciência e a valorização da ética, dos direitos humanos e da sustentabilidade social e ambiental como referências essenciais no aprendizado dessa competência para orientar o posicionamento dos estudantes. (PENIDO, 2022)

Mediante o uso das marcas de proveniência como um exercício para a análise crítica da fonte, o aluno torna-se capaz de fazer deduções e a tirar conclusões pertinentes, desenvolve argumentos baseados em evidências e dados comprovadamente verídicos, e aprende a se posicionar de forma coerente, clara e estruturada, expande seu conhecimento sobre eventos regionais e globais, como a imigração, as personalidades locais, e a história do livro no Rio Grande do Sul, por exemplo, além de aprender a proteger e debater seu ponto de vista com cortesia, mesmo que ele se contraponha ao de outras pessoas.

A competência geral 10, dialoga sobre responsabilidade e cidadania, estimula o protagonismo do aluno, fala sobre a desenvoltura dos estudantes para desenvolver uma sociedade mais justa, estimulando a responsabilidade, e nesta questão podemos considerar a guarda, a conservação e a difusão do patrimônio nacional como uma forma de exercer a cidadania na prática, agindo como um agente transformador em seu meio. A BNCC diz que é importante nesta competência:

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. Essa competência estabelece a necessidade de desenvolver na criança e no jovem a consciência de que eles podem ser agentes transformadores na construção de uma sociedade mais democrática, justa, solidária e sustentável. (PENIDO, 2022)

O professor, o historiador ao utilizar a conjunção do ciberespaço com os acervos locais e regionais para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino de história, desenvolve no aluno a incorporação de responsabilidades e direitos que vão além de suas predileções individuais, acabam por desenvolver consciência sobre o impacto que as decisões têm na sociedade, através da história do livro, das fogueiras de livros, da perseguição aos judeus, aos maçons, da caça às bruxas, *etc.*, podemos entender como as decisões afetam o coletivo, e que possuem consequências graves, revelam como as ações das pessoas, as frustrações pessoais, suscetibilizam outras e o contexto em geral, estimulam a detectar quais valores são importantes para si, e estruturam os alunos para que possam enfrentar dilemas éticos e a ponderar sobre eles, antes de tomar uma decisão, afinal não foi só a pandemia de covid-19 que está afetando a todos desde 2019, também estamos na era das *Fake News*.

No capítulo seguinte apresenta-se o ciberespaço como uma forma de difundir o livro antigo e as bibliotecas particulares no município de Rio Grande.

5 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO, O USO DO CIBERESPAÇO E OS REPOSITÓRIOS TEMÁTICOS NA ALFORRIA DOS LIVROS ANTIGOS: BIBLIOTECAS ITINERANTES E A CIRCULAÇÃO DAS COLEÇÕES PARTICULARES NA CIDADE DO RIO GRANDE

*Usus libri, non lectio prudentes facit
[O uso, não a leitura, de livros nos torna sábios].
Geoffrey Whitney (1586)*

Com o surgimento da escrita o conhecimento passou a ser transmitido através do livro, neste aspecto o intérprete é quem domina o conhecimento. Mais tarde com invenção da prensa por Gutenberg e o aumento das impressões, aumentaram também as bibliotecas, assim o saber deixou de ser transmitido pelo cientista, pelo sábio, a própria biblioteca passou a transmitir o saber.

As tecnologias facilitaram o acesso à informação, e as relações com o saber, novos saberes surgem em uma velocidade impressionante, necessitando a criação de novas formas de aprender, transmitir e produzir informação. O ciberespaço permitiu o surgimento de tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas, como a memória, através da criação de bancos de dados e repositórios digitais; a imaginação através de simulações; a percepção com o uso de sensores e realidades virtuais; e o raciocínio, com a aplicação de inteligência artificial.

Na atualidade, o advento da tecnologia e a rapidez com que se transmite a informação ocorreu uma desterritorialização da biblioteca, o que nos leva a um tipo de relação com o conhecimento. Esta descentralização do saber trouxe um retorno à oralidade original, e as coletividades humanas vivas tornaram-se novamente transmissoras de informação, de saber. (Levy, 1999)

De acordo com Lévy (1999), apud. ROSA; MORAES, 2012, p.85):

(...)três princípios servem como guia que orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão para a interatividade entre os indivíduos, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. O crescimento do ciberespaço também está atrelado ao movimento social baseado numa juventude ávida por uma nova forma de comunicação, como a criação de comunidades virtuais como forma de socialização. (LÉVY, 1999, apud. ROSA; MORAES, 2012, p.85)

Agora, o ciberespaço revela um mundo virtual cheio de possibilidades, as comunidades constroem suas realidades passando a conhecer a si mesmos como coletivos inteligentes e descobrem suas próprias vontades, “Porque a pessoa que lê não está se relacionado com uma

folha de celulose, ela está em contato com um discurso, uma voz, um universo de significados que ela contribui para construir, para habitar com a sua leitura.” (LÉVY, 1999, p. 163)

Facilitar o uso de ferramentas e a disseminação de conteúdos educacionais através do ciberespaço e da educação a distância é o novo desafio do educador.

A cibercultura significa, pois, um novo desafio à educação, à escola e aos professores pelas suas potencialidades flexíveis e de interconexão entre territórios e actores educativos, a diversas escalas, possibilitando a constituição de verdadeiras Comunidades de Aprendizagem. (SILVA, 2011, p.5)

As novas tecnologias abriram campo para reformas nos sistemas de educação e formação. Ideias e informações podem ser partilhadas entre inúmeras pessoas em tempo real, ou podem ficar gravadas para acesso posterior, quando surgir “um momento mais adequado”. Desta forma, conforme comenta Silva, “A cibercultura opera na teia de ligações sociais, econômicas e humanas, dando origem a um indivíduo ligado a milhões de outros, comunicando com eles, simultaneamente acedendo, partilhando e criando conhecimento.” (SILVA, 2011, p.3)

Vian *et al.* (2019) comunica que:

Esse avanço tecnológico criou a possibilidade da construção de diversos modelos de redes, de diferentes tipos e padrões. Redes confiáveis e de rápida funcionalidade na recuperação de dados, as quais permitem o compartilhamento de metadados através de provedores de serviço que levam a informação até o cliente, ampliando sua busca e permitindo um acesso único ao sistema, integrando as coleções das instituições com outros tipos de recursos de informação. (VIAN *et al.*, 2019, p. 2)

Essas redes aumentam o potencial de inteligência coletiva de grupos, que se organizam de acordo com seus objetivos, em ambientes abertos e emergentes, com fluxo contínuo, onde todos ocupam uma posição de evolução. (Lévy, 1999)

A construção de Repositórios Temáticos, auxilia tanto educadores, quanto pesquisadores no ensino e na divulgação de pesquisas históricas. É fundamental no desenvolvimento de um país, que o sistema de comunicação científica evolua com o passar dos séculos, e com o desenvolvimento tecnológico e humano da sociedade. Os repositórios, como o de marcas de proveniência, por exemplo, tornam-se um marco para a comunidade pesquisadora, possibilitando a troca de informações entre os profissionais do ensino e os pesquisadores.

As coleções especiais ou raras, de instituições locais podem ser ricas fontes de pesquisa quando falamos de Regionalidade. Narrar, ensinar a história a partir da regionalidade em que a comunidade está inserida, é também uma questão do sentimento de pertencimento do indivíduo com o local que reside. É um processo de construção da cidadania, de resguardo do patrimônio e da cultura local através de um ensino consciente, onde o historiador mostra que derrubar monumentos é o mesmo que queimar livros e documentos, é atentar contra a ética e contra a história social, é o mesmo que negar a história. É cair no negacionismo sem ao menos perceber.

A Biblioteca Rio-Grandense, a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, possui um rico acervo de obras raras e uma coleção especial de autores gaúchos, com obras datadas desde o século XVI. Esses livros pouco estudados em sua materialidade têm muito a dizer sobre a formação do município em geral, sobre a cultura, economia, educação e a sociedade local. Como se originou este acervo fundador? Quem foram os doadores? Os proprietários originais dos livros, que moldaram por muito tempo a mente dos rio-grandinos.

Mesmo com toda a tecnologia disponível na era moderna, o acesso a certos tipos de obras é dificultado pela distância geográfica, já que falamos de um país com tamanho continental, e nem todas as obras estão disponíveis em formato digital. Quando falamos sobre fornecer acesso a certos tipos de obras, sejam coleções especiais ou obras raras, além de sofrer a influência do fator geográfico, outros fatores devem ser levados em consideração, pois estamos tratando de obras delicadas, antigas, e que tem seu uso restrito, de forma que o seu manuseio só é realizado quando estritamente necessário. Disponibilizar informações referentes a essas obras, especialmente em formatos digitais, ajuda no seu resguardo, ao mesmo tempo em que torna disponíveis as informações ali contidas. Pesquisadores e curiosos, a partir de qualquer lugar do mundo, com acesso à *internet*, passam a ter acesso a elas, podendo consultá-las. Desta forma, pode-se ampliar e diversificar os tipos de pesquisa, já que estas obras estarão disponíveis para além da consulta local, aumentando as oportunidades de uso deste acervo, fomentando a cultura, a educação, a pesquisa e o ensino de história.

O acervo raro de uma instituição apresenta alto valor histórico e cultural e, por vezes, inclui materiais valiosos e difíceis de serem encontrados no mercado, o que explica o fato de muitas destas obras terem acesso restrito, não podendo ser disponibilizadas ao público. Esta situação torna a digitalização do acervo algo imprescindível para a disseminação do seu conteúdo. (VIAN *et al.* 2019, p. 2)

A longo prazo, a digitalização contribui no incentivo da salvaguarda e disseminação do acervo, favorecendo a criação de um ambiente de mudança para os gestores e pesquisadores do

patrimônio nacional e mundial, já que nos últimos anos vimos ricas coleções serem destruídas pela ação do fogo. Como exemplos, temos: o Museu Nacional, no Rio de Janeiro; a Catedral de Notre Dame, em Paris; a Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém; e o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

O sistema de publicação de literatura especializada (Periódico Científico), que é reconhecido de forma mundial, acabou se tornando muito dispendioso para as instituições de ensino, restringindo o acesso à pesquisa, esses e outros motivos levou a necessidade de se pensar novas formas de comunicação científica. O movimento do Acesso livre, e a Iniciativa dos Arquivos Abertos, são diligências que deram impulso às publicações científicas, alterando os processos de uso, aquisição, produção e disseminação da informação. A declaração de Budapeste foi uma iniciativa do movimento de acesso aberto que ocorreu em 2002, alterando o cenário da acessibilidade para o ensino e a pesquisa. Esta declaração, recomenda a diminuição das barreiras na ciência, e os repositórios institucionais tornaram-se a ferramenta mais utilizada entre os pesquisadores e as instituições para a divulgação do conhecimento científico. Assim, as revistas científicas deixaram de ser o principal meio de comunicação científica, dando espaço aos repositórios institucionais e temáticos, trazendo novas formas de acesso à produção científica. O acesso a essa produção passa a ser mais flexível, promovendo a colaboração entre os pesquisadores, historiadores, curadores de acervos e a integração das comunidades através do compartilhamento das suas ideias, mudando bastante a estrutura do sistema da comunicação científica existente. Kuramoto (2006, p. 83) discorre que os repositórios temáticos “são um conjunto de serviços oferecidos por uma sociedade, associação ou organização, para gestão e disseminação da produção técnico-científica em meio digital, de uma área ou subárea específica do conhecimento”.

As universidades, local onde se desenvolve a produção científica, são a base da pesquisa e do ensino pelo mundo. Mas, entende-se ainda que existem outras instituições de pesquisa, como: institutos de pesquisa, que podem ser públicos ou privados, os laboratórios, hospitais, bibliotecas, arquivos, museus, entre outros, todos importantes fontes de informação e conhecimento histórico, para o desenvolvimento humano. E com o passar dos anos houve grande aumento do conhecimento produzido pelas universidades, principalmente por parcerias desenvolvidas entre instituições e pesquisadores.

Lévy (1999) considerando as modificações na educação, atenta para uma possibilidade de ensino aberto (em face dos conhecimentos disponibilizados pela internet), onde também deve ser valorada a aprendizagem informal. Ele já havia lembrado que nas esferas escolares e acadêmicas isto seria uma tendência em face da relação mais dialógica professor-aluno. As

modificações ocorrem também quanto a estrutura dos cursos, sendo possível atender demandas individualizadas de percurso formativo, escapando dos antigos modelos rigidamente configurados. As tecnologias da informação mostram a grande diversidade de fontes de informação disponíveis e como elas agilizam e aumentam a capacidade de comunicação entre seus usuários, em todos os níveis de suas necessidades informacionais. Assim, com a implementação dos repositórios, as instituições aumentaram a sua visibilidade e inovaram na forma de armazenamento e disseminação da informação científica.

Segundo Crow (2002), repositórios institucionais são: "coleções digitais que capturam e preservam a produção intelectual da comunidade de uma única universidade ou de uma comunidade multiuniversitária". E, para promover a literatura científica de forma livre e sem custos de acesso, cresce pelo mundo o número de repositórios institucionais, temáticos e de profissionais da educação que se preocupam em transmitir informação através de canais de acesso aberto.

Existe, hoje no Brasil, uma quantidade significativa de repositórios de periódicos, de teses e dissertações, que foram incentivados através dos programas do IBICT. E essas coleções digitais têm modificado o compartilhamento de informações científicas, mudando os padrões de guarda, acesso e disseminação do seu acervo, com a implementação dessas novas bases de dados. Os repositórios temáticos permitem que o pesquisador possa identificar e selecionar as publicações científicas *online* que necessitam, em um só local, dispensando a busca em cada revista individualmente.

No entanto, a comunidade científica não ocupa ainda todo o seu potencial, e precisa se engajar à causa do acesso livre. Pois existem muitas lacunas a serem preenchidas, desde a produção da pesquisa científica, até à disseminação do resultado dos dados. Os historiadores precisam desenvolver habilidades para entrar neste novo rumo da divulgação da produção científica mundial, que é de suma importância para se obter uma sociedade democrática, construindo de forma real a história pública no Brasil. Conforme ressalta o *Looted Cultural Assets* (2022, tradução nossa) “A pesquisa de proveniência em bibliotecas é um campo complexo de trabalho que pode ser localizado de forma interdisciplinar entre história, política e cultura”⁶¹. O que auxilia no ensino de história, na guarda e preservação do patrimônio histórico nacional.

Rueda e Calaf (2021, p. 5) debatem o estudo das origens das coleções e os focos de cada pesquisador da área de proveniência:

⁶¹ Do original: Die Provenienzforschung in Bibliotheken ist ein komplexes Arbeitsfeld, das sich interdisziplinär zwischen Geschichte, Politik und Kultur verorten lässt.

O estudo das origens começa a oferecer resultados de interesse na análise da formação e desintegração de coleções, e integra novas abordagens no estudo das origens das bibliotecas e os meios que permitiram sua reunião e os motivos de sua dissolução (Reed, 2017; Rebmeister-Klein, 2010). O tema não é novo, mas foi renovado e integrado aos interesses da empresa (Curwen; Johnson, 2007; Pearson, 2005), os problemas e dúvidas dos pesquisadores sobre a origem dos fundos (Martín Abad, 2007), o desenvolvimento de projetos de divulgação de textos utilizando ferramentas das humanidades digitais (Clemens; Graham, 2007) e os estudos das bibliotecas de reserva com fundos antigos (Rodrigues; Vian, 2020a).

Como cada livro tem sua própria história, cabe à pesquisa de proveniência descobri-la. As referências à história de origem muitas vezes podem ser encontradas no próprio livro, que pode fornecer informações sobre a propriedade anterior, mas também em livros de acesso, arquivos e bancos de dados.⁶² (LOOTED CULTURAL ASSETS, 2021)

Com o exposto, entendemos que repositórios de marcas de proveniência podem ser implantados nas mais diversas instituições, como bibliotecas, arquivos, museus, casas de leilões etc. A construção do repositório digital sobre as marcas de proveniência da Biblioteca Rio-grandense visa resgatar antigas personalidades rio-grandinas ou imigrantes, que de alguma forma continuam vivas na memória do município através de suas bibliotecas pessoais, que atualmente habitam na Biblioteca Rio-grandense. Além disso, a construção de uma base de dados sobre marcas de proveniência, auxilia professores no ensino da história local, instiga a curiosidade e a pesquisa nos estudantes, além de abranger diversas competências da BNCC, facilitando o ensino integral dos alunos. Pesquisadores podem se basear em fontes comprovadamente verídicas, validando suas narrativas, já que toda a fonte é passível de um estudo de proveniência.

No tópico abaixo discute-se os alguns aspectos relacionados aos imigrantes e sua influência sobre o patrimônio Rio-grandino.

5.1 Migrantes e seus acervos pessoais, a sobrevivência dos livros raros na cidade do Rio Grande

*A verdadeira viagem da descoberta consiste não em
buscar novas paisagens, mas em ter olhos novos.
Marcel Proust*

⁶² Do original: Da jedes Buch seine eigene Geschichte hat, ist die Aufgabe der Provenienzforschung, diese herauszufinden. Hinweise auf die Herkunftsgeschichte finden sich oft im Buch selbst, die Aufschluss über frühere Besitzverhältnisse liefern können, aber auch in Zugangsbüchern, Archiven und Datenbanken.

Logo quando pensamos em migração, o pensamento nos leva a crer em uma mudança para um país distinto. Mas na verdade, as grandes cidades, os grandes centros industriais, recebem um número muito grande de migrantes vindos de partes mais distantes do país, ou das zonas rurais. Dines (2022) argumenta que muitos migrantes não se deslocam através de fronteiras internacionais, e que continuamente, esses deslocamentos ocorrem dentro do território nacional, e cita como exemplo a migração rural-urbana. O autor contrapõe que sem esta movimentação de pessoas, as cidades não cresceriam, seu desenvolvimento ficaria reduzido, tornando importante “alguma forma de migração interna, seja ela internacional ou interna”. O autor pondera ainda que: “A migração não apenas fornece às cidades uma população mais diversificada culturalmente, mas também as modifica física, econômica e socialmente.”⁶³ (DINES, 2022, tradução nossa)

Diferentes motivos levam a migração, questões relativas a emprego, restrições sociais, guerras, dentre outros. Pessoas mudam-se para os grandes centros em busca de um trabalho mais bem remunerado, por um estilo de vida mais glamuroso ou atrativo, ou ainda porque buscam refúgio. De lado oposto, destacamos a migração laboral internacional. Neste tipo de migração o migrante passa a fazer trabalhos pouco qualificados, como no setor doméstico, em fábricas, realizando serviços gerais, que os nativos normalmente não querem realizar. Esses migrantes causam um grande impacto no desenvolvimento econômico das cidades.

Principalmente nos últimos quarenta anos, aumentaram as migrações internacionais de pessoas com alto grau de qualificação, contribuindo para o crescimento de cidades consideradas globais como Londres, Nova York ou São Paulo. Esses migrantes normalmente lucram mais que os cidadãos locais, e podem se locomover globalmente. Por exemplo: “Um ocidental branco em Dubai tende a ganhar pelo menos o dobro do que um colega indiano para fazer o mesmo trabalho de TI e geralmente frequenta as partes socialmente mais exclusivas da cidade.”⁶⁴ (EUROPEAN UNIVERSITY INSTITUTE, 2022)

Pense, por exemplo, em Nova York ou Buenos Aires. Seu rápido crescimento no final do século 19 e início do século 20 foi o resultado direto da migração transatlântica maciça do sul e leste da Europa durante o mesmo período. Desde suas origens, as cidades também atraem um fluxo contínuo de pessoas das

⁶³ Do original: Without some form of inward migration, be it international or internal, cities would not develop or grow. Migration does not just provide cities with a more culturally diverse population, it changes them physically, economically, and socially.

⁶⁴ Do original: A white Westerner in Dubai tends to earn at least twice as much as an Indian colleague for doing the same IT job, and usually frequents the more socially exclusive parts of the city.

regiões vizinhas, especialmente das áreas rurais pobres.⁶⁵ (DINES, 2022, tradução nossa)

Outro tipo de migração que podemos dar destaque, são as de imigrantes que fogem de perseguições políticas, por exemplo, são os chamados refugiados. Estes tendem a deslocar-se para as cidades e trabalham no mercado informal, instalam-se nas áreas mais pobres das cidades. A *European University Institute* (2022) estima que “mais da metade dos refugiados do mundo vivem em cidades, não em campos”.

Além da busca por melhores oportunidades de trabalho, ou o movimento forçado, podemos citar outras duas formas de mobilidade internacional para os grandes centros, “Uma é a migração educacional, onde as pessoas se mudam para as cidades especificamente para a oportunidade de buscar o ensino superior. Outra é a migração de aposentadoria”.⁶⁶ (EUROPEAN UNIVERSITY INSTITUTE, 2022)

Aposentados, principalmente nos últimos trinta anos, mudaram-se para cidades litorâneas, costeiras, com um clima mais quente, de médio e grande porte.

Atualmente, existem 121.000 cidadãos britânicos com mais de 65 anos que residem na Espanha. Muitos em cidades como Málaga, Torrevieja e Benidorm na costa do Mediterrâneo. Esses indivíduos, no entanto, são muitas vezes referidos como expatriados em vez de migrantes.⁶⁷ (EUROPEAN UNIVERSITY INSTITUTE, 2022, tradução nossa)

No Rio Grande do Sul, as migrações internas e internacionais, se constituem em um movimento social valioso, e as regiões metropolitanas de Porto Alegre e a própria capital tornaram-se polos de concentração de migrantes. Além das regiões metropolitanas da capital, outras regiões do Rio Grande do Sul caracterizam-se por ser uma rota migratória pelos mais diversos fatores.

Rio Grande é a cidade fundadora do estado, é, portanto, uma cidade histórica, e uma rota de imigrantes desde sua fundação, principalmente por conta do porto natural marítimo na entrada da Laguna dos Patos, que elevou sua importância na história nacional e internacional, já que é porta de entrada e saída de navios com destino a todas as regiões do globo, lembre-se

⁶⁵ Do original: Think, for example, of New York or Buenos Aires. Their rapid growth in the late 19th century and early 20th century was the direct result of massive transatlantic migration from Southern and Eastern Europe during the same period. Since their origins, cities have also attracted a continuous flow of people from surrounding regions, especially from poor rural areas.

⁶⁶ Do original: One is educational migration, where people move to cities specifically for the opportunity to pursue tertiary education. Another is retirement migration.

⁶⁷ Do original: There are currently 121,000 British citizens over the age of 65 currently residing in Spain. Many in cities such as Malaga, Torrevieja, and Benidorm on the Mediterranean coast. Such individuals, however, are often referred to as ex-pats rather than migrants.

que chegou a ser disputada por espanhóis e portugueses no século XVIII. A *European University Institute* (2022) afirma que as cidades históricas não foram fundadas por pessoas individuais e, “No entanto, é importante lembrar que, independentemente de podermos identificar um ponto de partida preciso, nenhum assentamento urbano evoluiu organicamente graças apenas aos seus habitantes originais.”⁶⁸

Os migrantes trazem diversidade para as cidades, nas artes e cultura, na ética de trabalho, na gastronomia. Como observamos as oportunidades de trabalho, seja em altos cargos, em negócios próprios, ou nos cargos mais baixos. Normalmente seguem para cidades onde possuem ligações étnicas em rede.

que promovem a migração em cadeia de uma mesma localidade no país de origem. [...] Eles também são atraídos pela diversidade cultural e religiosa, bem como pelo anonimato das grandes cidades. Eles representam um trunfo para as cidades em muitos aspectos, mas também têm um impacto importante na governança urbana e na prestação de serviços ao nível da cidade. (UNIVERSITY INSTITUTE (EUI), 2021)

Os migrantes são grupos diversificados. Podem ter diferentes formações educacionais, vir de diferentes países, com situações familiares diversas, com idades e gêneros distintos e com diferentes motivações. Desta forma, a infraestrutura educacional das cidades é afetada pelos migrantes. Principalmente quando há um aumento repentino de crianças migrantes e refugiadas. Muitos imigrantes importaram-se com a educação de seus filhos, e acabaram fundando organizações não governamentais como uma forma de dar suporte à educação, estimulando o ensino local. Podemos citar os gabinetes de leitura fundados pelo país e como exemplo mais concreto o Gabinete de Leitura fundado na cidade do Rio Grande, aos moldes do Real Gabinete Português de Leitura, e que mais tarde tornara-se a Biblioteca Rio-grandense.

Dines (2022) afirma que as formas pelas quais o passado de uma cidade, o patrimônio cultural urbano é representado e usado no presente, é “tipicamente entendido como enraizado no lugar”. Desta forma, o patrimônio de uma cidade normalmente é associado a objetos tangíveis e imóveis, como os monumentos históricos que incorporam a arquitetura ou a tradição local, como as festas e a gastronomia, que contribuem para um sentimento de identidade local.

Se o patrimônio urbano é entendido como algo enraizado no lugar e emaranhado com a identidade local, então como as múltiplas histórias de migração de uma cidade se encaixam na equação? A extensão em que tais histórias são centrais ou marginais às definições dominantes sobre patrimônio

⁶⁸ Do original: However, it is important to remember that, regardless of whether we are able to identify a precise starting point, no urban settlement has organically evolved thanks to its original inhabitants alone.

urbano dependerá de uma série de fatores, desde a compreensão pública sobre o passado de uma cidade até se a migração é ou não considerada uma experiência coletiva comum. E embora a migração às vezes possa ser tratada como um mero apêndice no inventário patrimonial de uma cidade, também pode mudar a própria maneira como o patrimônio é narrado e compreendido. Quero sugerir que a herança da migração nas cidades precisa ser entendida como a combinação de duas questões interligadas. (DINES, 2022)

A migração tem sido o foco de museus desde a década de 1980. As cidades portuárias destacam-se na abertura desses espaços, pois muitas delas foram pontos de partida ou chegada de pessoas. Cidades como Buenos Aires, Antuérpia, Gênova, Nova York, Londres, Paris e São Paulo, são exemplos pelo mundo dessas iniciativas.

Ao abordarmos de forma direta a questão da migração e das cidades, podemos repensar o significado de patrimônio para estas, levantando questões sobre as relações dos migrantes e do patrimônio local. Como, por exemplo, esses migrantes tornam-se, eles próprios, criadores ativos de patrimônio, e incentivadores árdios da educação, desde que chegam ao novo domicílio.

No entanto, ao abordar diretamente a questão da migração, somos convidados a repensar o significado do patrimônio de uma cidade, que é mais do que apenas conservar artefatos, monumentos e tradições para a posteridade. Mas trata-se de reconhecer como o passado de uma cidade foi criado através do movimento regional e internacional de ideias, formas urbanas, bens e, claro, pessoas. (DINES, 2022)

A migração é incorporada à indústria do patrimônio de uma cidade normalmente através dos museus. Em sua maioria, esses espaços contribuem para a criação de uma identidade e cultura nacional. Mesmo os museus regionais ou locais, expõem a situação da migração em um contexto nacional mais extenso. Mas as histórias de migração podem estar representadas em outros espaços encontrados diariamente nas cidades, em nome de praças ou ruas, monumentos, na arquitetura e, também nas instituições culturais como as bibliotecas, por exemplo. Dines (2022) afirma, “As cidades estão repletas de traços físicos e simbólicos de camadas de migração.”

Os migrantes trazem consigo, além das malas, uma bagagem cultural, e muitas vezes podem estar representadas por suas bibliotecas particulares. Que estão recheadas de obras que influenciaram a mente, os pensamentos de seus proprietários. Reconstruir as bibliotecas perdidas desses migrantes, auxilia na criação de suas narrativas biográficas, além de elucidar o percurso geográfico de muitos objetos até chegar à instituição.

Migrantes tiveram como destino a cidade de Rio Grande, por diversificadas maneiras de migração laboral. Eles responderam a oportunidade de trabalho no setor marítimo, no

comércio, na indústria, dentre outros. Em particular, os trabalhadores migrantes são atraídos pelas oportunidades de trabalho disponíveis em cidades de médio porte, e neste contexto está localizado o município.

A Biblioteca Rio-Grandense, a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul, possui um rico acervo de obras raras e uma coleção especial de autores gaúchos, com obras datadas desde o século XVI. Para que possamos conhecer um pouco melhor está instituição e o acervo que a compõem no capítulo seguinte traremos um pouco da história da Biblioteca.

5.1.1 A formação do Gabinete de Leitura da cidade de Rio Grande: a Biblioteca Rio-Grandense e seus benfeitores

Rio Grande foi a primeira cidade do Estado do Rio Grande do Sul a ser colonizada por portugueses. Para que o território fosse protegido de invasões, a Coroa portuguesa mandou que fosse erguido o presídio Jesus-Maria-José, e o povoado de Rio Grande, no canal que dava acesso à Laguna dos Patos. Assim, fundada pelo Brigadeiro José da Silva Paes no ano de 1737, e elevada à condição de cidade no ano de 1835, nasceu a Noiva do Mar. É uma cidade que abriga um porto natural de fundamental importância histórica, econômica e cultural, onde são exportadas e importadas grandes quantidades de mercadorias e produtos, além de receber, na alta temporada, transatlânticos com turistas provenientes dos mais diversos países do mundo.

Um século depois que os barcos de José da Silva Paes entraram pelo canal de Rio Grande, a antiga aldeia do Forte Jesus Maria José tornou-se uma cidade onde toda a vida econômica, civil, religiosa e cultural dependia do Porto. Nesta época, o presidente da província era Soares de Andréa, que criticava o ensino disponível naquele momento, ele argumentava que se pagava caro, por mestres ruins. (CLEMENTE, 1996)

Além do porto natural, a cidade que antigamente era capital do Estado, foi, e ainda é, um polo industrial. Instalaram-se no município, desde as charqueadas, indústrias têxteis, alimentícias, produtoras de adubo e de refino de petróleo, dentre outras. Todas essas questões tornam a cidade atrativa para migrantes, oriundos da zona rural do estado, de outras cidades e de outros países. Por conta das invasões de Napoleão, muitos portugueses buscaram exílio em Rio Grande por conta do entreposto comercial que aqui se instalava. Neste contexto está localizada a Biblioteca Rio-Grandense.

O município é marcado pela influência lusitana na sua cultura e, como herança, recebemos a Biblioteca Rio-Grandense. A instituição cultural mais antiga do município está localizada em uma área privilegiada, na antiga sede da Casa da Câmara, em um prédio com

estilo Neoclássico, no centro da cidade, entre a Praça Xavier Ferreira e o chamado “Porto Velho”, ao lado do Mercado Público do município. Originou-se inicialmente como um gabinete de leitura particular, quando João Barbosa Coelho e outros 21 membros da sociedade rio-grandina fundaram a entidade privada, tendo sido inspirado no Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Rio de Janeiro, fundado em 1837, posteriormente passou a atender também os não-sócios, atendendo a demandas. A Biblioteca possui mais de 170 anos de história, e foi fundada no dia 15 de agosto de 1846, “iluminada pelo brilho da Festa de Nossa Senhora da Glória.” (CLEMENTE, 1996, p. 91)

As autoras Marques e Rodrigues (2015, p. 82) alicerçam que:

A primeira eleição da diretoria foi feita em 23 de setembro de 1846 e com vinte e cinco sócios presentes foram eleitos: José R. da Costa, diretor; José M. de Lima, tesoureiro; Meneandro R. Pereira, secretário; Joaquim F. Dias, tesoureiro; João B. Coelho, bibliotecário, e Seraphim Vasques, conservador. (SILVA, 2011). (MARQUES; RODRIGUES, 2015, p. 82)

Os gabinetes de leitura possivelmente foram originados por leitores, para a guarda dos livros, que serviriam para a leitura, eram espaços totalmente voltados para a prática da leitura e a guarda da cultura. A criação de gabinetes de leitura no país data do período imperial, essas instituições se estabeleceram em solo brasileiro ao longo do século XIX, e eram mantidas por uma elite erudita e abastada, no município de Rio Grande, eram os comerciantes. (Aquino, 2021)

No Rio Grande do Sul os Gabinetes eram chamados tanto de Gabinete de Leitura como de Gabinetes Literários, é o que afirma Oliveira *et al.* (2020, p. 99):

Considerando os altos preços dos livros no início do século XIX, começaram a surgir os gabinetes de leitura e/ou literários (havia diferentes nomenclaturas), no Rio Grande do Sul. O primeiro que se tem notícia foi criado em 1829, na cidade de Porto Alegre, vindo a transformar-se em sociedade secreta no ano de 1930. No ano seguinte, foi publicado um jornal, tido como independente politicamente, o *Continentino*. Porém, no mesmo ano, encerram-se as atividades desse periódico, dando espaço a uma loja maçônica, considerada a mais antiga do Estado, chamada *Filantropia e Liberdade* (FERREIRA, [19--]). Com a transformação do gabinete de leitura em sociedade secreta e, posteriormente, em loja maçônica, no ano de 1831, ficou a província sem qualquer entidade do gênero. Contudo, a ideia de gabinetes continuava viva, como afirma Gomes (2015, p. 137), “o Gabinete de Leitura, (...) não desaparece, pois em 1831 a sociedade secreta dissolve-se e surge em seu lugar (...) a mais antiga Loja maçônica do Rio Grande do Sul, que mantinha um Gabinete de Leitura, uma escola de Primeiras Letras”.

Em parte, os gabinetes de leitura assomam como forma de dar suporte à prática leitora, seu espaço físico é adaptado para a realização de leituras silenciosas, ou orais, seus salões amplos servem até a atualidade para a realização de pesquisas, exposições, cursos, palestras e para as reuniões de adeptos do mundo literário, seus sócios, dos associados, e da comunidade local. Os Gabinetes de leitura possuem uma forte ligação com a história do impresso, da leitura e do livro no Brasil.

O Rio Grande do Sul sempre ansiou por voz própria, e acabou por se envolver em revoltas e conflitos ao longo dos anos para que seu posicionamento político e seus direitos fossem validados. A reconstrução da província depois da Guerra dos Farrapos foi apoiada pelo povo gaúcho, no pensamento desses cidadãos a reconstrução do município rio-grandino não deveria se dar apenas no âmbito econômico e social, mas também no cultural. Assim, mesmo que os Riograndenses tivessem poucos recursos, eles buscavam na instrução, na cultura e na educação uma forma de alavancar a si próprios e os polos industriais que surgiam no Estado neste período. Essa vontade de suprir as demandas culturais e educacionais foi ampliada dentro das associações culturais e das sociedades discretas, a insatisfação e o desapontamento com a educação precária do Estado fizeram com que os gaúchos ampliassem os esforços na abertura de novos espaços de leitura, e essas “ideias” não ficaram raízes apenas em solo rio-grandino, mas percorreram todo o Estado Gaúcho.

À frustração do primeiro gabinete, os portoalegrenses respondem com mais tentativas: Gabinete de Leitura (1852), Gabinete de Leitura PortoAlegrense (1854), da Firma Wanzüller; Gabinete de Leitura (1869), de Rosenhain, e Gabinete de Leitura Porto-alegrense (1872), de Siqueira Coutinho e outros. Há mais iniciativas na província: Gabinete de Leitura de Joaquim Ferreira (1859), Pelotas; Gabinete de Leitura de Jozué José Barbosa (1873), Rio Pardo; Gabinete de Leitura de Canguçu (1881), Gabinete de Leitura de São Borja (1882) e Gabinete do Club Caixeiral de Bagé (1883). (TORRESINI, 2008, p.1)

No período oitocentista o sistema de instrução pública era precário, o que resultava em um alto índice de analfabetismo, os livros, a impressão e a encadernação possuíam um preço elevado, o que dificultava a abertura de espaços educativos e de leitura. Mesmo com essas dificuldades, os gabinetes de leitura estabeleceram-se como as primeiras bibliotecas públicas do país, entrando em contradição com a realidade da época, que era a falta de todos os tipos de recursos, desde professores capacitados, a falta da própria instituição de ensino.

Nas primeiras décadas do século XIX, a circulação de livros no mundo ocidental sofre com a baixa industrialização, a inexistência de bibliotecas, a

falta de escolas e de professores. No Rio Grande do Sul, em 1846, o presidente da província que informa o número reduzido de escolas e de professores revela o abandono geral da instrução pública e das 51 escolas públicas existentes para meninos e meninas. Com o incremento à alfabetização e à atividade tipográfica, as condições tornam-se mais favoráveis às habilidades da leitura e da escrita, importantes ao desenvolvimento e ao processo de industrialização. Os republicanos brasileiros, sobretudo os gaúchos, defendem a conquista da ordem e do progresso através da instrução. Assim, a prática da leitura e as novas formas de comunicação do conhecimento ganham corpo no século XX. (TORRESINI, 2008, p.1)

Nas décadas de 1860 e 1870 houve um aumento na abertura de locais que se dedicavam à leitura, foram abertas as portas de diversas bibliotecas públicas e gabinetes de leitura voltados para o empréstimo de livros, esse dado, “reforça um movimento de vanguarda intelectual na cidade do Rio Grande, que criou o Gabinete de Leitura no final da década de 1840.” (AQUINO, 2021, p. 101)

Podemos ressaltar este movimento vanguardista em solo rio-grandino, que ocorreu entre os séculos XIX e XX, citando outras instituições culturais e suas respectivas bibliotecas que foram inauguradas no município durante este período, são elas: Biblioteca do Clube Sacarolhas (1878); Biblioteca da Sociedade Polonesa Águia Branca (1896); Biblioteca da Sociedade Portuguesa de Beneficência (1859); Biblioteca da Sociedade Espírita Luz Beneficente (1909); Biblioteca da União operária (fim do século XIX).

Martins (2002, p. 403-404) discursa sobre os projetos dos Gabinetes de Leitura,

O projeto dos Gabinetes de Leitura, a julgar pelos seus Estatutos e mesmo por sua prática, apresentava aspectos avançados, constituindo-se em projeto completo, que não se limitava a introduzir nas rústicas estantes apenas livros que veiculavam a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade – palavras de uso corrente e de entendimentos e significados múltiplos naqueles dias. Criava-se, efetivamente, uma teia de informações, de captações ideológicas, traduzida não só pela existência de títulos de obras normalmente censurados, como pela troca de periódicos de caráter contestador, conforme a tônica do periodismo vigente, marcado então pela propaganda republicana. [...] Acoplava-se uma escola de primeiras letras, responsável pela formação de um público leitor. Finalmente, numa postura filantrópica e num ensaio democrático, facultava-se a entrada àquele desprovido de posses, independente de sua filiação como sócio e/ou pagamento de taxa de aluguel. Na sociedade [...] da época, na qual o homem livre vivia nas fimbrias do sistema, era um espaço de inserção significativo, um dos raros para expressar sua representação.

Com a abertura de espaços de leitura no país, como os gabinetes e as bibliotecas, com o surgimento da prática de empréstimo de livros, aumentaram também a frequência de leitores e

ampliaram-se as práticas de leitura. Darnton (1992) contextualiza em seu tempo o mundo leitor entre os séculos XVIII e XIX:

Mas o final do século dezoito parece representar um ponto crítico, quando se pode visualizar a emergência de uma leitura de massa que iria atingir proporções gigantescas no século dezenove, com o desenvolvimento do papel feito a máquina, as prensas movidas a vapor, a linotipo e uma alfabetização quase universal. Todas essas mudanças abriram novas possibilidades, não diminuindo a intensidade, mas aumentando a variedade. (DARNTON, 1992, p. 212-213)

A Biblioteca Rio-Grandense é considerada uma entidade de utilidade pública desde 1919, mesmo sendo qualificada como uma instituição de Direito Privado. (RODRIGUES, 2014). O usuário não tem acesso direto ao acervo, o acervo fechado restringe a busca do usuário, para a consulta de qualquer material é necessário solicitação a um atendente. E, de acordo com Vieira (1994),

Em alguns casos, a biblioteca pública de Direito Privado alcança o nível de monumento à cultura, pelos anos de atuação ininterrupta e pela importância do acervo acumulado. Mais que centenárias, em vários exemplos, a Biblioteca pública privada é um alentado esforço de sobrevivência ante às dificuldades materiais de manutenção. O crescimento e a diversificação do acervo têm um processo de desenvolvimento próprio, marcadamente penalizado pela carência de recursos financeiros, mas surpreendentemente auto-sustentado pelo desempenho altruístico de uma forma específica de organização. Fundadas para satisfazer as necessidades de expansão da cultura entre grupos elitistas em épocas de afirmação da burguesia comercial e industrial, as bibliotecas públicas, ao longo dos anos, alteraram-se em suas funções, na organização interna e na estrutura de poder. Lentamente, bem mais lentamente que a evolução das técnicas administrativas e de processamento técnico, a biblioteca pública de Direito Privado foi assimilando as novas ordens de idéias que compõem o ritmo do progresso. Dependendo da situação geográfica e do estágio cultural onde se insere, o nível de modernização tem um grau maior ou menor de introdução. (VIEIRA, 1994, p. 225-226)

Sobre o funcionamento, e o acervo nas primeiras décadas de funcionamento da Biblioteca Rio-Grandense Clemente (1996), em seu artigo “Biblioteca Rio-Grandense: Pioneirismo e Mestra da Cultura” expõe:

Valho-me neste momento, do precioso discurso do beletrista Edgar Fontoura, na conferência, em sessão, comemorativa do 87º aniversário da fundação da Biblioteca Rio-Grandense. Assim se expressava o exímio orador: “Foi naquela hora de exaustão material, e de esgotamento moral e nesse meio pequeno e modesto, de poucos teres e pouquíssimas letras, que surgiu a ideia da fundação do Gabinete de Leitura, e germinou, e brotou, e cresceu, e floriu, e se fez árvore de sombras amigas e frutos dadivosos que é esta realidade magnífica: a Biblioteca Rio-Grandense”. Se era magnífica realidade há 63 anos, o que

diremos nós, agora? Os dias, os meses vão passando e as pessoas e as instituições desaparecendo ou se transformando. A realidade naquele ano jubilar de 1933 era uma: Rio Grande com as fábricas de tecido, o porto centralizando a vida do Estado, tantas empresas no auge do progresso. Passadas essas décadas vemos como Rio Grande se expandiu, se modernizou, a coroa de cômodos praticamente desapareceu dando lugar a vilas, a bairros... E a biblioteca Rio-Grandense está aqui florescente, atualizada em seus acervos e em seus sistemas de catalogação e de consultas.” (CLEMENTE, 1996, p. 90-91)

Com o passar do tempo, a Biblioteca sofreu com as consequências derivadas pela falta de profissionais qualificados, bibliotecários, capazes de organizar e recuperar a informação de forma precisa. Por conta das circunstâncias que uma biblioteca deste porte suporta, a instituição não acompanhou as evoluções ocorridas nas técnicas de organização, planejamento, difusão da informação, e principalmente as evoluções oriundas das tecnologias da informação. E esse descuido, não é um descrédito para a Biblioteca, já que seu acervo continuou a crescer, tornando-a uma grande guardiã da cultural e da memória. (VIEIRA, 1994)

Apesar de todas as adversidades administrativas e financeiras os gestores da Biblioteca Rio-grandense:

garantiram a função precípua da instituição, retardando apenas a substituição das normas empíricas de catalogação pelo processamento técnico. Não houve, portanto, disfunção nos objetivos e finalidades da Biblioteca, apenas circunstâncias, a serem analisadas, rolaram no tempo a oportunidade das mudanças. (VIEIRA, 1994, p. 228-229)

Assim, novos critérios de catalogação, promoção e divulgação do acervo poderão ser adotados, com o uso das tecnologias da informação e do ciberespaço é possível promover o acervo, atraindo novos pesquisadores e clientes para a Biblioteca. Vieira (1994, p. 230) diz que: “Setorizar as atividades que se desenvolvam na Biblioteca é uma maneira de colocá-la num contexto de especialização dos serviços inerentes a suas funções”.

Os Gabinetes de Leitura, e as bibliotecas antigas, foram, e ainda são consideradas elitistas, difundir seu acervo é uma forma de quebrar esse adjetivo, e de aproximar a comunidade leitora do conhecimento dito erudito.

Por ser tão antiga, a Biblioteca Rio-grandense armazena, preserva e dissemina vários tipos de materiais, inicialmente a biblioteca abriu as portas com um acervo de 16 mil títulos. E, atualmente abriga um acervo com cerca de 500 mil itens, espalhados entre prateleiras, móveis e gavetas, pelos cinco andares do prédio, incluindo não somente materiais bibliográficos (nacionais e estrangeiros), como livros, periódicos (possui a coleção completa do jornal local Diário do Rio Grande), documentos (sobre a Guerra do Paraguai e da história da formação do Rio Grande do Sul), coleções especiais (Coleção Agostinho José Lourenço; Coleção das Leis

do Impérios; Coleção das Leis da República do Brasil), fundos arquivísticos (Arquivo Monte Negro), mapoteca e fotografias, mas também peças e artefatos, como uma coleção de numismática, com mais de 2 mil moedas, e um lenço Farrouilha original, emoldurado, que contém manchas as quais, segundo funcionários da instituição, foram produzidas pelo sangue de um revolucionário que serviu em combate durante a Guerra dos Farrapos. O acervo raro, é riquíssimo, e data desde o século XVI até o século XX, tanto o acervo quanto o prédio foram tombados através da Lei Estadual n.º 12.508 como patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul. “Este acervo possibilita muitas vertentes de pesquisa, as ‘memórias’ guardadas ainda têm muito a dizer sobre a formação e a história da própria Biblioteca Rio-Grandense e da formação deste acervo raro. (VIAN, p. 1, 2019)

A Biblioteca Rio-Grandense faz parte do roteiro turístico e histórico da cidade do Rio Grande. A partir do seu vasto e rico patrimônio histórico e cultural são extraídas informações fundamentais para pesquisadores anônimos e ilustres. Inúmeras pesquisas, teses e dissertações lá foram realizadas, como foi o caso, por exemplo, do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, que esteve durante vários meses pesquisando o acervo sobre os escravos, tema de seu doutoramento. (MARQUES; RODRIGUES, 2015, p. 74)

Por causa das condições estruturais que uma biblioteca necessita, o Gabinete de Leitura percorreu diversos endereços pelo município, até se estabelecer no endereço atual, em 1902, quando recebeu da Câmara Municipal seu antigo prédio, reformado. A falta de recursos financeiros sempre foi uma constante na trajetória da biblioteca. Silva (2011, p. 61), dois fatos importantes que remontam a história da instituição podem ser destacados: “[...] a mais famosa intempérie foi o caso do tesoureiro Severo e o maior louro a criação dos cursos noturnos e gratuitos de alfabetização”.

O primeiro conta o caso do comerciante português Manoel Alves Pinto, apelidado popularmente de Manuel Severo por seu temperamento intolerante, que se tornou sócio do Gabinete de Leitura em 1870 e, em 1873, passou a participar da tesouraria da instituição. Por muitas vezes, ele cedia quantias para cobrir despesas ou dívidas da instituição. No entanto, perante um desentendimento com a diretoria, resolveu deixar o cargo e reclamar judicialmente 131.900 contos de réis devidos pela instituição, o que ocasionou a penhora do acervo. Mas, quando Francisco Antonio Affonso, o Barão de Vila Isabel, tomou conhecimento do fato, quitou pessoalmente a dívida, impedindo a perda dos bens patrimoniais amealhados arduamente. (BIBLIOTHECA..., 1996).

O Barão de Vila Isabel, foi empossado a presidência do Gabinete de Leitura, após precisar intervir, e a partir daí algumas mudanças foram feitas, seu endereço foi transferido e novos estatutos foram criados. No dia 4 de julho de 1878 o Gabinete adquiriu o *status* de

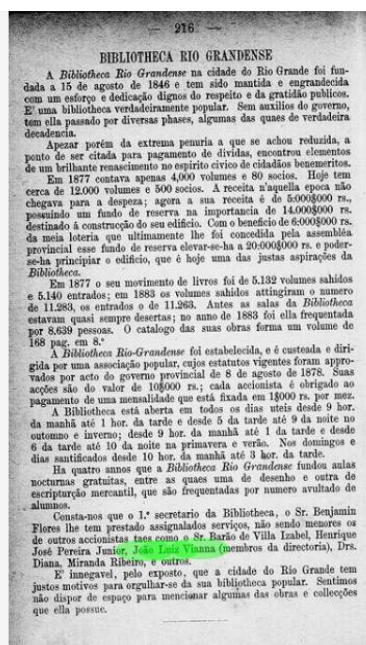
Biblioteca Rio-Grandense, "[...] sociedade de recreio espiritual e de difusão cultural." (BIBLIOTHECA..., 1996, p. 10)

Em 1877 o acervo da Biblioteca era composto por apenas 4 mil volumes, e oitenta sócios, em 1885 o acervo foi ampliado para cerca de 12 mil itens e quinhentos sócios. Nesta época os beneméritos da instituição almejavam um prédio próprio para abrigar seu acervo.

Em 1877 o seu movimento de livros foi de 5.132 volumes saídos e 5.140 entrados; em 1883 os volumes saídos atingiram o número de 11.283, os entrados o de 11.263. Antes as salas da Bibliotheca estavam quasi sempre desertas; no anno de 1883 foi ella frequentada por 8.639 pessoas. O catalogo das suas obras forma um volume de 168 pag. em 8° (ANNUARIO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL, 1885, p. 216)

A figura 11, expõem uma notícia sobre a Biblioteca Rio-grandense que foi publicada no Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul em 1885, e trata sobre o funcionamento da instituição.

Figura 11 - Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul (1885)

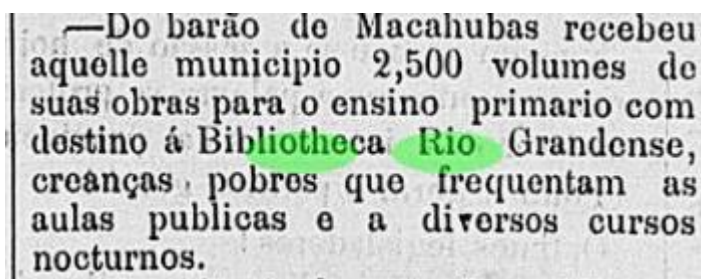


Fonte: Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul (1885). Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Através de um levantamento de informações realizado no periódico “A Federação” (1884-1937), disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, foi possível identificar alguns benfeitores da Biblioteca Rio-Grandense, um deles, o Barão de Macahubas no final do século XIX, em 1884, doou para a instituição dois mil e quinhentos livros, que seriam utilizados

no ensino primário, por crianças e pessoas de baixa renda que frequentavam as aulas públicas e os cursos noturnos. Na figura 12 nota-se a doação do Barão.

Figura 12 - Notícia no periódico A Federação.

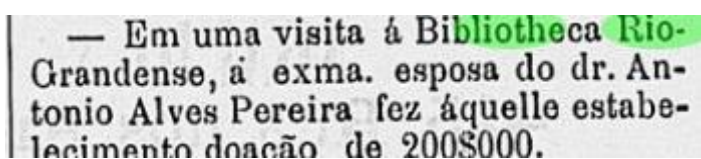


—Do barão de Macahubas recebeu aquelle municipio 2,500 volumes de suas obras para o ensino primario com destino á Bibliotheca Rio Grandense, creanças pobres que frequentam as aulas publicas e a diversos cursos nocturnos.

Fonte: A Federação: Orgam do Partido Republicano (1884, p.1). Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Na notícia que apresentaremos abaixo, figura 13, não é possível identificar inicialmente a benfeitora da biblioteca, mas é uma prova real do apagamento feminino na história do livro, já que a doadora é chamada de “a exma. esposa do dr. António Alves Pereira”, a notícia publicada no periódico “A Federação” de 1885, na segunda página lê-se o seguinte: “Em uma visita á Bibliotheca Rio-Grandense, a exma. esposa do dr. António Alves Pereira fez aquele estabelecimento doação de 200\$000”. (A Federação: Orgam do Partido Republicano (1885, p.2)

Figura 13 - Notícia no periódico A Federação.



— Em uma visita á Bibliotheca Rio-Grandense, a exma. esposa do dr. Antonio Alves Pereira fez áquelle estabelecimento doação de 200\$000.

Fonte: A Federação: Orgam do Partido Republicano (1885). Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Vieira (1994) ao discorrer sobre as influências e mudanças ocorridas na Biblioteca Rio-Grandense afirma que:

sofreu, ao longo dos decênios, os efeitos da entropia. Não se trata de um demérito, mas de fatores circunstanciais que não possibilitaram o acompanhamento das novas técnicas de organização e a consequente introdução, a seu tempo, de processamentos atualizados. O paradoxo está no fato de que a Biblioteca Rio-Grandense não deixou de crescer em acervo, chegando aos dias atuais como valiosa repositária de grande manancial da cultura. A organização e o zelo administrativo garantiram a função precípua da instituição, retardando apenas a substituição das normas empíricas de catalogação pelo processamento técnico. Não houve, portanto, disfunção nos objetivos e finalidades da biblioteca, apenas circunstâncias, a serem analisadas, rolaram no tempo a oportunidade das mudanças. (VIEIRA, 1994, p. 228-229)

Sob a direção de Abeillard Barreto em 1930, o prédio da biblioteca, nesta época em estilo Rococó, passou por uma grande reforma, seu espaço foi ampliado e sua estrutura foi transformada no prédio que conhecemos atualmente.

Ocorreu a Clemente (1996, p. 90) que as bibliotecas da antiguidade, de Roma, e da Grécia, caíram no tempo para ressurgirem, nas bibliotecas dos Mosteiros, e que: “Aí surgiram os primeiros *studia generalia* - estudos gerais do *quadrivium*, embrião da *Universitas Studiorum*”. O autor enuncia que desta forma: “Nascia a Universidade ao lado das bibliotecas, dentro das bibliotecas”. (CLEMENTE, 1996, p. 90)

A Biblioteca Rio-Grandense, apresenta está característica citada por Clemente (1996), e é a segunda questão identificada como relevante na história da Biblioteca, que remete ao fato desta apresentar caráter social já que foi fundamental para o desenvolvimento educacional, social e cultural dos rio-grandinos e de imigrantes que aqui fixaram moradia. A instituição começou oferecendo aulas gratuitas à população, com interesse nas séries primárias e secundárias, cursos de alfabetização, e cursos de formação técnico e especializado, atendendo também à noite, com cursos noturnos para os trabalhadores, podemos destacar os cursos de contabilidade, de escrituração mercantil, de matemática comercial, e de correspondência, a Biblioteca também organizava eventos e publicações.

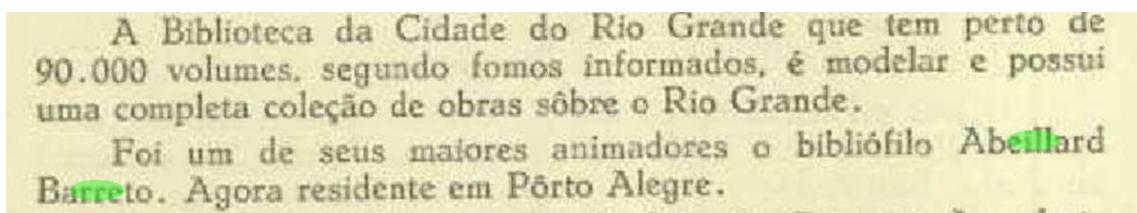
Sanfelice (1998) salienta a contribuição da Biblioteca Rio-Grandense para a criação da Universidade do Rio Grande (atual Universidade Federal do Rio Grande - FURG), pois foi nas instalações da Biblioteca que se ministrou o primeiro curso universitário de Engenharia Industrial, que durou de 1954 até 1961, além da participação na criação das faculdades de Direito, Economia, Filosofia e Medicina.

A história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções. (JACOB, 2000, p. 11).

As palavras de Jacob (2000) revelam outra característica da Biblioteca Rio-Grandense, ela serve a sociedade como um local de Memória para os munícipes, dela emergem fragmentos materiais da história regional e nacional.

Conforme consta na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil” (RJ), figura 14, a Biblioteca possuía cerca de 90 mil volumes.

Figura 14 - Notícia publicada na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil” (RJ)



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1959)

O Estatuto da Biblioteca Rio-Grandense diz que "[...] o patrimônio social é constituído de imóveis, títulos e outros bens e ainda pelos livros, coleções, arquivos.". (BIBLIOTHECA RIO-GRANDENSE, 1941, Art. 3º). Estas obras registram acontecimentos e passagens significativas quando tratamos do processo de assentamento e formação do povo gaúcho e brasileiro, simbolizando importantes fontes de informação histórico-culturais. Como exemplos pode-se citar o livro mais antigo abrigado pelas paredes da Biblioteca, que é o “Diálogo de Luciano”, de S. Grypho, publicado no ano de 1550, com 149 páginas, e o periódico mais ancião, que é um fascículo datado de 1845, chamado “O Rio Grandense”. As coleções especiais estão armazenadas em salas separadas.

A Sala Brigadeiro José da Silva Paes, guarda 10 mil títulos sobre a formação do Estado do Rio Grande do Sul, uma das coleções mais abrangentes sobre o tema. A Sala Abeillard Barreto reúne em suas prateleiras 6 mil obras sobre a história do Rio Grande do Sul e do Brasil, herdadas do historiador que dá nome à sala. Na Sala Fernando Duprat, conhecida como a sala de obras raras, podem ser consultadas cerca de 3 mil e 900 obras de autores gaúchos, nesta sala também está concentrada a maior parte das obras raras, com obras editadas desde o século XV, nesta sala, conserva-se em suas paredes a mapoteca da instituição, que contém 1.025 itens, e abriga mapas, cartas náuticas e plantas acerca da geografia local, regional, nacional e internacional.

Todos esses livros foram pouco estudados em sua materialidade e têm muito a dizer sobre a formação do município em geral, sobre a cultura, economia, educação e a sociedade local, inclusive sobre os migrantes que contribuíram com a formação do município. Como se originou este acervo fundador? Quem foram os doadores? Os proprietários originais dos livros, que moldaram por muito tempo a mente dos rio-grandinos.

Disponibilizar espaços digitais com os dados coletados nos livros raros da biblioteca Rio-Grandense, oportuniza que alguns problemas de pesquisa sejam elucidados, e que novas pesquisas sejam realizadas, além de aproximar os alunos de acervos históricos por meio da

cultura impressa e do ciberespaço. No tópico a seguir será apresentado o Repositório de marcas de proveniência da Biblioteca Rio-Grandense e a importância do resgate deste patrimônio para a história local.

5.1.2 Repositório temático de marcas de proveniência, a origem das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense: um patrimônio recuperado

Os livros têm os mesmos inimigos que o homem: o fogo, a umidade, os bichos, o tempo e o próprio conteúdo.
Paul Valéry

Ao analisarmos as marcas encontradas nos livros de uma biblioteca podemos observar a evolução das marcas de propriedade de uma instituição e das técnicas biblioteconômicas. É o que podemos demonstrar ao analisarmos a evolução das marcas encontradas em obras residentes da Biblioteca Nacional da Escócia.

A *Advocates Library*, ou Biblioteca dos Advogados, localizada em Edimburgo, foi inaugurada no ano de 1689, se tornou a melhor biblioteca da Escócia. Sua coleção de livros ampliou-se após a introdução do privilégio de depósito legal em 1710.

A *Advocates Library* gradualmente passou a ser vista como a biblioteca nacional da Escócia em tudo, exceto no nome. Em 1925, uma Lei do Parlamento estabeleceu formalmente a Biblioteca Nacional da Escócia. A Faculdade de Advogados, então, doou seu acervo - com exceção do material jurídico - ao país. (NATIONAL LIBRARY OF SCOTLAND, 2021, online, tradução nossa)⁶⁹

A Biblioteca dos Advogados, como citada acima, teve sua inauguração formal em 1689, mas na verdade ela colecionava livros desde pelo menos o ano de 1683. Um catálogo de manuscritos desta época listava 435 livros pertencentes à instituição.” Ao longo dos anos, as coleções foram alojadas em diferentes salas e edifícios em torno dos tribunais de Edimburgo. Isso inclui o que agora é a Biblioteca de Signet e as células abaixo dos tribunais.” (BIBLIOTECA NACIONAL DA ESCÓCIA, 2021, online, tradução nossa)

É sabido que muitas coleções que foram diluídas com o passar do tempo podem ser reorganizadas através das marcas de posse e uso encontradas em seus livros. Ao longo dos anos, a *Advocates Library* marcou a propriedade de seus livros de maneiras distintas. O estilo usado

⁶⁹ Do original: The *Advocates Library* gradually came to be seen as Scotland's national library in all but name. In 1925, an Act of Parliament formally established the National Library of Scotland. The Faculty of *Advocates* then gifted its collection — with the exception of legal material — to the country.

por James Nasmith em 1684, pela primeira vez para marcar os livros, ex-líbris manuscritos, permaneceu notavelmente consistente ao longo dos séculos. “Isso apesar das mudanças nos curadores, no estilo de caligrafia e na introdução dos carimbos no século XIX.” (BIBLIOTECA NACIONAL DA ESCÓCIA, 2021, online, tradução nossa)

As marcas de propriedade encontradas na instituição citada incluem:

Uma inscrição - mais tarde um carimbo - na parte de trás da folha de rosto frontal, geralmente seguida pelo ano de adesão. Ver, por exemplo, ' *Ex Libris Bibliothecae Facultatis Juridicae Edinburg* '.

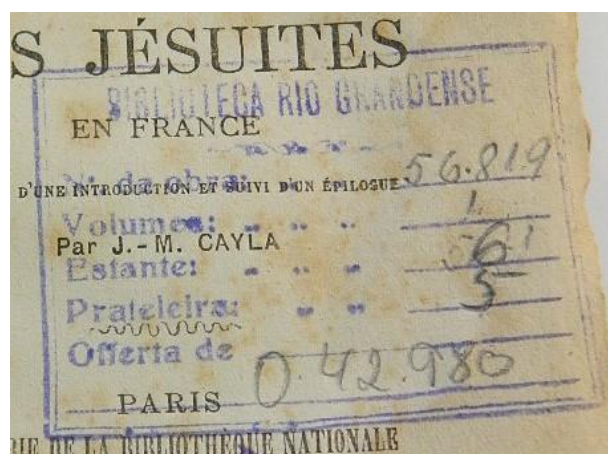
Uma forma abreviada de 'Ex Libris'. Isso é escrito - posteriormente carimbado - verticalmente na margem da sarjeta da primeira página do corpo principal do texto. Por exemplo, ' Adv. Bib ' - um carimbo básico usado ao longo do século XIX.

Carimbo no rodapé da página 101, quando aplicável, em livros do século XIX em diante. (BIBLIOTECA NACIONAL DA ESCÓCIA, 2021, online, tradução nossa)

Esses exemplos revelam a evolução das práticas biblioteconômicas e das marcas de propriedade da Faculdade dos Advogados dos anos 1690 aos anos 1920. E como essas marcas passaram de uma inscrição manuscrita, rústica, como o ex-líbris manuscrito, para marcas construídas com as tecnologias da época, como os carimbos, os selos, e os ex-líbris tipográficos.

Tomando como exemplo o exposto acima, apresentamos as marcas de propriedade pertencentes a Biblioteca Rio-grandense e, em um segundo momento as dos antigos possuidores, o que nos permitirá esclarecer como se formou a coleção de obras raras da instituição, e de que coleções particulares os espécimes fizeram parte antes de adormecer em solo rio-grandino. A figura 15 apresenta o carimbo da biblioteca encontrado na obra "Sur la destruction des jesuites en France," publicada no ano de 1889.

Figura 15 - Carimbo Biblioteca Rio-grandense

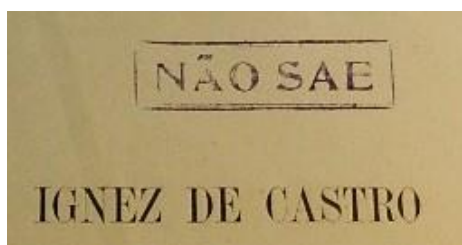


Fonte: A autora (2022).

O carimbo acima carrega as inscrições: “Biblioteca Rio Grandense”; “Nº da obra”; “Volumes”; “Estante”; “Prateleira”; “Offerta de”. Observa-se uma preocupação em quem mandou confeccionar o carimbo, a inscrição carimbada “Offerta de”, indica que a intenção era anotar o nome de quem ofertou o livro para a instituição, mas percebe-se esse espaço em branco, tanto na figura acima, como em todas as obras que foram consultadas por esta autora até o momento. Não se sabe o porquê deste vazio, a obra foi comprada pela própria instituição? A pessoa que pensou na organização dos dados que iriam constar no carimbo não exercia mais a função? Ficam algumas questões a serem respondidas, mas a intenção de guardar a memória do doador está explícita neste carimbo da própria instituição.

A figura 16 retrata a intenção da instituição de que a obra não fique disponível para empréstimo, o usuário pode consultar a obra apenas localmente, muitas das obras raras consultadas por esta autora apresentam esse carimbo.

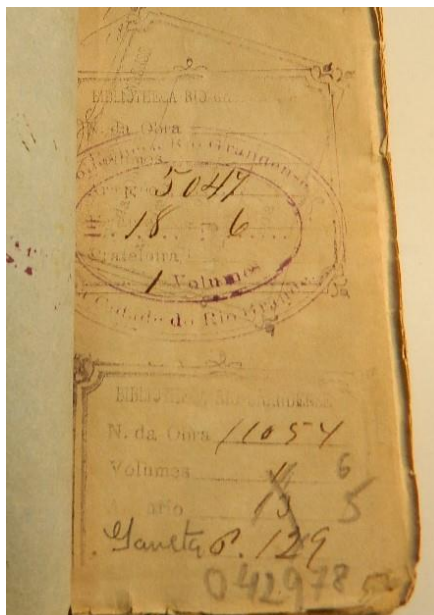
Figura 16 - Carimbo “NÃO SAE” da Biblioteca Rio-grandense



Fonte: A autora (2022).

Na imagem 17 exposta logo abaixo verifica-se a presença de quatro marcas de posse do tipo carimbo, uma em forma oval, três em formato retangular, duas das marcas estão sobrepostas a outra retangular, mas todas originárias da Biblioteca Rio-grandense.

Figura 17 - Carimbo Biblioteca Rio-grandense

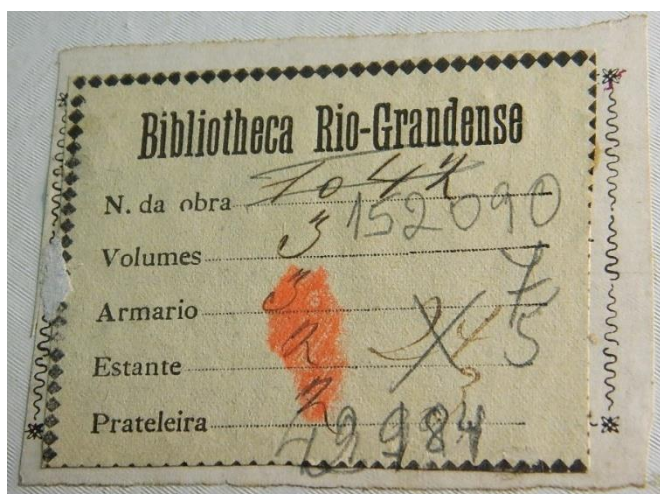


Fonte: A autora (2022).

Podemos identificar marcas de prateleira, mas que não são o foco deste estudo. Nota-se que a instituição não tinha problemas em marcar sua posse fazendo uso da carimbagem, entende-se que desta forma, a intenção da instituição era garantir a propriedade do livro, e não seu valor venal, tanto, que não se importaram em diminuir o valor do livro para comércio, já que para colecionadores em muitos casos, as marcações encontradas em livros, são atrocidades cometidas por alguém, o que diminui consideravelmente o valor do livro no universo bibliófilo. Nesses casos, normalmente quando a instituição marca sua posse desta maneira, é para que o livro realmente fique na instituição, disponível à comunidade.

Nota-se na figura 18 uma forma de apagamento da informação anteriormente anexada no livro, uma sobreposição de etiquetas, de tamanhos, cores e traços distintos, percebe-se também que as obras mudaram de localização dentro do espaço da biblioteca, já que é corriqueiro encontrar nas etiquetas da instituição rabiscos como forma de apagar localizações e informações técnicas anteriores.

Figura 18 - Etiqueta da Biblioteca Rio-Grandense.



Fonte: A autora (2022).

Foram identificadas marcas de propriedade do tipo carimbo molhado e etiqueta, nota-se que a estampa dos carimbos da Biblioteca Rio-grandense sofreu alteração ao longo dos anos. Nas figuras 17 e 18 podemos perceber uma etiqueta e carimbos sobrepostos, o que ressalta os pagamentos e a circulação das obras deste acervo que foi analisado.

Contar uma história a partir da análise material do documento ou objeto estudado, possibilita destacar os pontos fortes e o limite do material em que estamos trabalhando. Explorar as questões sobre a confiabilidade das fontes deve ser de praxe para o historiador. Levantar perguntas de investigação, que envolvam a incerteza, que desenvolvam a compreensão sobre a proveniência e os limites da evidência, nos levam a encontrar níveis de certeza sobre a fonte em questão, mas não a resposta correta. As fontes podem oferecer diferentes pontos de vista! Que provavelmente estão atrelados a quem produziu, a quem encomendou e a quem manteve a fonte, até os dias atuais. A figura 19 apresenta um exemplo de uma marca de posse específica que pode ser encontrado em livros, um ex-líbris encontrado em um exemplar da Biblioteca Rio-Grandense, que pertencia a Jacques Renout.

Figura 19 - Ex-líbris Jacques Renout ⁷⁰

Fonte: Vian (2019).⁷¹

Briquet de Lemos (2020, p. 41) aponta que Jacques Charles Henri Renout (1903-1972) formou-se em Paris, no ano de 1923. E que sua presença foi registrada no Brasil em 1929, aos 26 anos, e que este tinha a função de secretário-geral da empresa *Aéropostale*. Renout casou-se no Rio de Janeiro em 1931, com uma brasileira, e segundo Lemos (2020) o casal residia na França em 1936. Retornando ao Brasil após a segunda guerra.

Em setembro de 1946, a Polícia Marítima registrou sua chegada ao Rio de Janeiro. Seis meses depois, eram registradas em cartório a Sociedade Anônima Gestão Industrial e Comercial, a Sociedade Brasileira de Estudos Técnicos e Industriais e a Sociedade Anônima Franco-Brasileira de Comércio e Representações⁷². Isso ocorreu em abril de 1947. Em julho de 1949, como um dos representantes do consórcio francês formado pela Compagnie de Fives-Lille e Schneider & Compagnie, assinou com o Conselho Nacional de Petróleo contrato para construção da refinaria que viria a ser a de Cubatão⁷³. (LEMOS, 2020, p. 42)

Rubens Borba de Moraes em carta datada de janeiro de 1965, relata uma visita a casa do engenheiro francês, em companhia de Mindlin:

Fala, “maravilhado” e em estado de êxtase daqueles mil livros “inacháveis”. Saiu da casa de Renout com vontade de vender sua própria biblioteca e desistir de colecionar. Resume sua admiração dizendo que era “a melhor coleção do Brasil” e que dificilmente haveria outra igual no estrangeiro (p. 207). (LEMOS, 2020, p. 43)

⁷⁰ “Retrato do bibliófilo em seu ex-libris desenhado por Tancrede Synave”. (LEMOS, 2020, p. 46)

⁷¹ Referência da obra a qual pertence a marca de propriedade: NATIVIDADE, Joseph da. *Fasto de hymeneo; ou, Historia panegyrica dos desposorios dos fidelissimos reys de Portugal, nossos senhores, D. Joseph I e D. Maria Anna Vitoria de Borbon*. Lisboa: na Officina de Manoel Soares, 1752.

⁷² Diário Oficial, Rio de Janeiro, 01.04.1947, pp. 4485-4487

⁷³ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30 (p. 2) e 31 (p. 6) de julho de 1949.

Briquet de Lemos segue em sua narrativa:

Em junho de 1976, Rubens avisou António Tavares que José Mindlin iria a Paris para o “leilão dos livros que foram do Dr. Renoult [sic] e que estão leiloando como sendo da coleção de um colecionador com nome português. É uma coleção sensacional” (p. 440). Rubens diz que vira rapidamente o catálogo desse leilão na Livraria Kosmos⁷⁴. Segundo José Mindlin essa biblioteca saíra do Rio de Janeiro clandestinamente⁷⁵. Mindlin estava certo, pois, desde julho de 1968, vigorava a lei 5.471, que proíbe “sob qualquer forma, a exportação de bibliotecas e acervos documentais constituídos de obras brasileiras ou sobre o Brasil, editadas nos séculos XVI a XIX”. A não ser que Renout tivesse exportado seus livros antes de 1968. (LEMOS, 2020, p. 43)

É possível identificar através desse artigo de Lemos (2020) a expatriação do patrimônio nacional. Uma das formas de combater o tráfico de nosso patrimônio, é descobrindo e valorizando as obras de nossos acervos através do registro de proveniência em catálogos, como forma de comprovar sua propriedade. O autor ainda indaga! “Que fim levaram aqueles mil livros “inacháveis”, aquela que era “a melhor coleção do Brasil”? Até hoje encontram-se em catálogos de livreiros da Europa obras anunciadas como tendo pertencido à biblioteca do “*celèbre bibliophile franco-brésilien*”. (LEMOS, 2020, p. 46)

Respondemos a essa e outras indagações através da observação dos indícios. Um estudo inicial, desenvolvido por esta pesquisadora em 2019, possibilitou conhecer melhor o acervo e desvendar parte da história da formação da Biblioteca Rio-grandense, identificando antigos proprietários, sua origem (nacionalidade/naturalidade), colaborando para evidenciar a trajetória percorrida por estes livros até chegar à instituição. Como um dos resultados da pesquisa, através dos ex-líbris encontrados nas obras, a autora refaz, de forma não exaustiva, pela impossibilidade do curto tempo para a realização da pesquisa, o percurso geográfico das obras até estas chegarem à Biblioteca Rio-Grandense. Como um dos resultados da pesquisa, foi possível identificar a proveniência geográfica dos livros. Foram identificados ex-líbris provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo, Inglaterra, França e Portugal, sendo que este último foi o que teve maior incidência sobre as obras pertencentes à instituição. Dentre essas obras, para surpresa da autora, estava uma das obras raras e valiosas, comentadas por Lemos anteriormente, e que pertenceu à famosa biblioteca particular de Renout. Assim, a pesquisa realizada por Vian (2019)

⁷⁴ O catálogo era *Voyages, Découvertes, Luttés & Conquêtes des Européens dans le Nouveau Monde, Notamment au Brésil; Bibliothèque Formée à Partir de l’Ancienne Collection J. Ferreira das Neves*, Paris, Pierre Berès, 1976, 292 itens. Reproduz na página de rosto o ex-líbris de Ferreira das Neves, mas não identifica os itens que teriam pertencido ao bibliófilo cujo nome poderia ser um disfarce da real origem daqueles livros.

⁷⁵ José Mindlin, *Uma Vida Entre Livros: Reencontros Com o Tempo*, p. 27

revela que nem todos os livros de Renout foram expatriados e vendidos de forma ilegal na Europa como relatou Lemos (2020), muitas dessas obras podem estar esquecidas nos acervos nacionais, como este exemplo citado e que foi encontrado na cidade de Rio Grande.

O acervo de obras raras da biblioteca é muito rico e apresenta ainda muitas possibilidades de pesquisas. As “memórias” guardadas ainda têm muito a dizer sobre a formação e a história da própria Biblioteca Rio-Grandense e da formação deste acervo raro. Os livros nos ajudam a resgatar essas memórias, pois tem sua história ligada a todas as áreas do conhecimento. Não podem ser considerados ultrapassados ou sem valor, já que desde a sua criação, até a era moderna, já evoluíram e passaram por várias mudanças: possuem um caminho histórico, que viaja juntamente com a história da sociedade, sofrendo interferências políticas, religiosas e econômicas, mas sempre com a mesma função original, que é difundir a informação entre as pessoas.

As bibliotecas se caracterizam por suas funções, que se relacionam com o desenvolvimento social, dando acesso à informação, cultura e leitura, sempre com o foco de cumprir com suas funções educacionais, culturais e sociais, democratizando o conhecimento entre a sociedade, atendendo as necessidades informacionais de seus usuários. Ao mesmo tempo em que devem disseminar a informação, as bibliotecas precisam se preocupar com a salvaguarda dos seus acervos, para que não se percam para as gerações futuras. No Brasil, muitos acervos raros ficaram esquecidos e foram pouco estudados. Estes acervos guardam histórias riquíssimas sobre as cidades e dos seus moradores, com seus hábitos e costumes. Cabe aos profissionais da informação e aos historiadores, buscar formas diferenciadas, para que esses acervos voltem a receber luz, e terminem por iluminar nossos próprios olhos. Resgatar esses acervos do esquecimento e dar acesso ao seu conteúdo, com suas particularidades e originalidades, disseminar a cultura, é uma obrigação tanto da sociedade, quanto do Estado.

Um estudo do Creative Industries Policy and Evidence Centre, com sede no Reino Unido, iniciado em abril de 2020, descobriu que a maneira como as pessoas se envolvem com a cultura está mudando à medida que adotam diferentes tipos de conteúdo online enquanto estão em casa durante a crise. De acordo com esta pesquisa nacional com mais de mil pessoas, quase 20% dos adultos no Reino Unido agora assistem a apresentações de teatro, dança ou música digitalmente. Isso se correlaciona com os 20% dos entrevistados que escolheram uma forma de engajamento digital - sejam adaptações para televisão, transmissão ao vivo ou transmissões de cinema.⁷⁶ (FUTURELEARN 2023, tradução nossa)

⁷⁶ Do original: A study by The UK-based Creative Industries Policy and Evidence Centre, which began in April 2020, found that the way people engage with culture is changing as they embrace different types of online content while at home during the crisis. According to this nationwide survey of over one

Através de softwares livres e repositórios de acesso aberto é possível disponibilizar aos usuários, informações sobre as marcas de proveniência e os antigos proprietários dos livros que pertencem a Biblioteca Rio-Grandense. Saberes fora da área de conforto é igual a renovação, pode ser ousado, desafiar que o investigador esteja sempre evoluindo, inovando. Pesquisadores, historiadores, educadores e gerentes de acervos devem atuar como parceiros na pesquisa de proveniência, identificando e suprimindo as incompletudes de dados sobre proveniência nos catálogos das instituições brasileiras, ocasionando a guarda do patrimônio e da memória individual e coletiva nacional. Podendo ainda desenvolver trabalhos em conjunto para incentivar o ensino de história, a análise crítica das fontes históricas e como uma forma democrática de história pública.

Desta forma, esperamos fortalecer conexões, permitindo que comunidades e grupos que estão geograficamente distantes, se comuniquem e troquem informações, ajudando indivíduos que possuem interesse em um mesmo campo de pesquisa, possam se encontrar, oportunizando e facilitando a cooperação e a colaboração com outras pessoas e pesquisas.

Assim os usuários não apenas se conectam em torno de tópicos especializados, mas sim atuam como pesquisadores e colaboradores contribuindo para sua área de interesse ou em seu campo de experiência, onde é especialista em maior nível, trabalhando de forma colaborativa com outros especialistas avançando na ciência de seu nicho de pesquisa e trabalho.

Hobbs (2003) discorre que “A esfera pública também pode melhorar a vida através do desenvolvimento de comunidades bem-informadas que estão em contato com os problemas que se relacionam especialmente a eles.”

Como Produtores e consumidores de produtos, de conteúdo, quando desenvolvemos conteúdos e nos envolvemos, acabamos por reconhecer as limitações e possibilidades dessa plataforma, no caso o repositório temático, podemos vislumbrar ainda como outros usos constroem seu objetivo utilizando-se deste espaço. Construindo dessa forma identidades digitais para cada instituição, ampliando o desenvolvimento de ideias trazendo melhorias para a sociedade.

No capítulo abaixo retrata-se os procedimentos necessários para o desenvolvimento do Repositório de Marcas de Proveniência da Biblioteca Rio-Grandense.

thousand people, nearly 20% of adults in the United Kingdom are now watching theatre, dance or music performances digitally. This correlates with the 20% of respondents who chose a form of digital engagement - whether that be television adaptations, live streaming or cinema broadcasts.

6 MÉTODO PARA O DESENVOLVIMENTO DO REPOSITÓRIO DE MARCAS DE PROVENIÊNCIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Tendo em vista o exposto acima, percebe-se a importância do registro da(s) proveniência(s) de um exemplar. É, portanto, compreensível a necessidade da pesquisa continuada sobre o tema, bem como a difusão de ferramentas que facilitem tanto o processo de registro destas marcas, particularmente por meio de imagens, quanto a sua posterior identificação e reconhecimento.

Na tentativa de ampliar o público atingido pela informação proveniente de bibliotecas, arquivos e museus, profissionais que trabalham como curadores desses acervos buscam desenvolver bancos de dados on-line como uma forma de divulgar os espécimes de suas instituições.

Para a exposição de um bom acervo virtual - com uma interface de fácil acesso às informações disponibilizadas e com mecanismos eficientes de busca nos catálogos - é essencial que os colaboradores se atentem a cada etapa de sua construção, desde a concepção, o planejamento, a execução, o monitoramento e o encerramento. Uma opção viável para exposições on-line é o Omeka, sistema que permite a gestão de coleções e a disseminação de objetos digitais de forma organizada e simples. (SHINTAKU *et al.* 2018, p.9)

O Omeka.net permite a criação de agrupamentos virtuais de imagens, textos e áudios, o que permite destacar alguns itens do acervo. É uma ferramenta que possibilita que a instituição apresente coleções contextualizadas, onde sua curadoria pode ser efetuada por meio do sistema, além de assentir a incorporação de outros repositórios existentes, reunindo os documentos de uma instituição, viabilizando o desenvolvimento de ecossistemas informacionais. O software Omeka necessita de poucos recursos informacionais e pode ser instalado em nuvem, com uma instalação simplificada.

Pensando em aspectos de rede internacionais para a normalização dos registros de metadados e descrição das marcas de proveniência, será utilizado o padrão *DublinCore*, que adota padrões de interoperabilidade entre os metadados e é utilizado para descrever objetos digitais, como sites, imagens, textos, sons etc. As aplicações de *Dublin Core* utilizam XML e RDF (*Resource Description Framework*), este padrão foi definido porque abrange dois tipos de níveis, que são: Simples e Qualificado. O Simples inclui quinze elementos: *title, creator, subject, description, publisher, contributor, date, type, format, identifier, source, language, relation, coverag, rights*, enquanto o Qualificado adiciona três elementos em seus campos: Detentor de Direitos, Audiência e Proveniência, além de possuir Qualificadores que através de

um grupo de refinamento de elementos facilita a recuperação de dados. Para o repositório de Marcas será utilizado o *DublinCore* qualificado, que abrange os principais campos necessários, e que devem ser preservados na coleta dos dados e que otimiza tanto a construção, quanto a recuperação dos metadados de proveniência.

Para que este projeto se mantenha ativo, para evitar um problema recorrente nos repositórios, que é a quebra dos links, torna-se importante que a construção deste produto seja realizada de forma interdisciplinar, nesse caso, abrangendo as faculdades de biblioteconomia, história, e conte com o apoio da instituição onde está sendo construído, além da instituição onde está sendo realizada a coleta dos dados que posteriormente farão parte do repositório, nesse projeto, a Biblioteca Rio-grandense.

O repositório de marcas ficará hospedado em dois endereços online: a) <https://marcasdeproveniencia.omeka.net/>; b) <https://proveniencia.org/projetos/formacao-da-colecao-de-obras-raras-da-biblioteca-rio-grandense-um-olhar-a-partir-das-marcas-de-propriedade-presentes-no-acervo/>.

Os procedimentos metodológicos previstos para a construção do repositório temático incluem:

- a) cadastramento no software Omeka.net;
- b) formatação da base em *DublinCore* (formato de intercâmbio de registros);
- c) identificação das marcas de propriedade presentes no acervo raro publicado entre os séculos XIX e XX;
- d) digitalização das marcas identificadas, por meio de fotografia digital;
- e) upload das imagens para tratamento, criação dos seus respectivos registros e catalogação;
- f) criação de exposições por tipo de marca e, se possível, por proprietário;
- g) disponibilização da base em acesso aberto;
- h) publicização do catálogo
- i) realização de ações de marketing digital e difusão, incluindo a geração de postagens para os perfis do projeto nas redes sociais (Instagram @proveniencia; Twitter @proveniencia; Facebook - <https://www.facebook.com/proveniencia>) e no site dos projetos (<https://proveniencia.org>)

Para que exista uma parametrização dos dados que farão parte do repositório foram desenvolvidas orientações para a inserção dos registros baseados no Padrão *Dublin Core*, estas orientações estão disponíveis no Apêndice 3.

A figura 20 apresenta a página inicial do Repositório de Marcas de Proveniência da Biblioteca Rio-grandense.

Figura 20 - Repositório de Marcas de Proveniência.



Fonte: A autora (2022).

A figura 21 apresenta as coleções disponíveis no repositório, incluindo as coleções de marcas por sua tipologia, as da Biblioteca Rio-grandense, os nomes associados às marcas, e os acervos pessoais.

Figura 21 - Coleções do repositório de marcas

Carimbo Seco	O carimbo seco resulta da estampagem por pressão sobre o papel de um carimbo metálico não tintado. A impressão obtida está em relevo. O papel é então...	
Supra Libros	Marca de propriedade aposta na encadernação de uma unidade bibliográfica. Vinheta gravada nas capas (pranchas) anterior e /ou posterior ou nas...	
Assinatura	Marca pessoal autógrafa, compreendendo o nome da pessoa (ou uma parte dele) geralmente seguido de uns traços, sempre igual a si mesma, pela qual o...	
Folha de Guarda	Folha, geralmente branca e de um papel mais espesso, colocada no início e no final de um volume; destina-se, tal como o nome indica, a proteger a...	


Fonte: A autora (2022).

Na figura 22 são apresentadas as imagens e a descrição das marcas de proveniência que fazem parte dos exemplares que compõem o acervo raro da Biblioteca Rio-grande.

Figura 22 - Repositório de Marcas de Proveniência: coleção de ex-líbris da Biblioteca Rio-Grandense.


Collection Items

Ex-libris de Estanislao Severo Zeballos




A ilustração da etiqueta é ornamentada, apresenta a imagem de um anjo que olha para a frente, enquanto aponta para o nome do proprietário, na outra mão ele porta um livro. A outra imagem apresentada, é um menino que está de costas, com as nádegas à ...

Ex-libris do 2.º Conde de Azevedo




Ex-libris pessoal, gravado, retangular, heráldico, p&b; imagem apresenta as armas da família, representadas por uma águia solitária de asas abertas; abaixo, inscrição "2º CONDE DE AZEVEDO" e divisa: "AGUIA CELESTIAL, AVE QUE MAIS ALTO VÔA".

Ex-libris de Jose de Souza Retto




Ex-libris pessoal, gravado, heráldico, p&b, retangular; imagem representa um portal de castelo, no alto um capacete medieval, ao centro um cavaleiro montado a cavalo e um padre conversam, abaixo a inscrição "EX LIBRIS JOSE DE SOUZA RETTO".

Ex-libris de Solidônio Attico Leite



Ex-libris pessoal, gravado, p&b, retangular, tema misto; no alto da imagem, uma fita contendo a inscrição "Ex-Libris"; a fita circunda toda a imagem; no interior da área circundada, acima, um círculo de onde sai a figura de um soldado romano; abaixo...

Ex-libris de Farfan



Ex-libris pessoal, retangular, preto & branco; temática livresca; a imagem inclui uma estante cheia de livros e um gato, apresenta a inscrição "EX LIBRIS".

Fonte: A autora (2022).

No próximo capítulo serão abordadas questões relativas à aplicação do produto, e quais as inovações que o repositório proporciona para as áreas atingidas e para o público atingido por ele, será apresentada a ferramenta Omeka, e os softwares GLAM, que serão fundamentais para a praticabilidade deste produto que é o Repositório de Marcas.

7 APLICAÇÃO DO PRODUTO

Muitos sistemas de gestão de coleções digitais foram desenvolvidos para dar suporte às instituições na disseminação das informações disponíveis em seus acervos. Entre esses sistemas destacam-se os repositórios, que alinhados a web 2.0, estão amplamente ligados a Academia, e a projetos que dela derivam, como forma de adaptar os sistemas aos produtos de informação científica. “pode-se considerar repositórios como sistemas web que disseminam, de forma organizada, documentação digital.” (SHINTAKU *et al.*, 2018, p.15)

As bibliotecas brasileiras, em sua maioria, mantêm repositórios para a disseminação de documentos textuais produzidos pelas próprias instituições, e sua ferramenta de preferência é o *DSpace*, os órgãos do governo e as universidades são exemplos de instituições que utilizam essa ferramenta. Não obstante, existem poucos repositórios que utilizem o *DSpace* para arquivos multimídia que possibilitem a inclusão de imagens, vídeos e áudios, porque o *DSpace* não oferece a funcionalidade de *streaming*. Para se organizar acervos musicais no *DSpace* é necessário englobar programas qualificados para executar arquivos de vídeo e áudio, o que torna o projeto intrincado. Documentos digitais textuais, como os documentos acadêmicos, possuem coleções estáticas, desta forma, o *DSpace* torna-se apropriado para a divulgação da coleção, pois estas não necessitam de exposições virtuais, nem textos em destaque. “Além disto, este sistema possui uma ferramenta de submissão própria para documentação acadêmica, e organiza tais documentos a partir de comunidades e coleções, o que nem sempre é compatível a outros contextos.” (SHINTAKU *et al.*, 2018, p.15)

Mas existem outras ferramentas de acesso livre para a construção de repositórios, algumas com especificidades disciplinares, e em um contexto maior aparecem os chamados softwares GLAM (acrônimo do inglês: *Galleries, Libraries, Archives and Museums*, traduzindo livremente: Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus), são ferramentas voltadas para uma gestão mais fluida e ampliada de coleções digitais, principalmente para as imagens. “Com isso, as ferramentas alinhadas às definições GLAM podem atender, de forma facilitada e eficaz, a coleções de imagens digitais de bibliotecas e museus.” (SHINTAKU *et al.*, 2018, p. 15)

Uma das ferramentas que atendem as expectativas de gestão GLAM é o Omeka, desenvolvido nos Estados Unidos, na Universidade George Mason, pelo Centro de História e Novas Mídias *Rony Rosenzweig*.

É considerado, por seus desenvolvedores, como a nova geração de software livre para ofertar serviços que permitem a museus e outras instituições que atuam em aspectos históricos, culturais e educacionais, disponibilizar conteúdos digitais, sem a necessidade de intervenção técnica de equipes de informática. (SHINTAKU *et al.*, 2018, p. 16)

O Omeka é uma ferramenta de código aberto, livre, o que facilita o desenvolvimento de novas versões e a manutenção. Foi criado para que as instituições, de forma independente, possam gerir suas coleções multimídias digitais e as disponham de forma on-line, sem a necessidade de uma equipe de informática exclusiva, o que possibilita que as bibliotecas destaquem certos itens de suas coleções.

Outro ponto positivo apresentado pelo Omeka, está na possibilidade de realizar a curadoria, no sentido museológico, das coleções digitais, como apontam Kucsma, Reiss e Sidman (2010). Assim, tal sistema apresenta grande potencial de uso em bibliotecas, arquivos e museus. As especificidades dos museus, ainda não contempladas pelos repositórios atuais, que se focam em bibliotecas e arquivos, são atendidas neste novo software. (SHINTAKU *et al.*, 2018, p. 17)

O Omeka requer poucos recursos tecnológicos e pode ser instalado em nuvem, exigindo pouca manutenção, pois a maioria das tarefas podem ser realizadas pelos próprios administradores na interface do sistema, o que facilita quando a equipe de informática da instituição é pequena. Seguindo as tendências da tecnologia:

O Omeka pode ser agregado a outras ferramentas, para a criação simplificada de ecossistemas informacionais de uma instituição. Panahi, Woods e Thwaites (2013) relatam o uso do sistema para divulgação de informações de turismo em dispositivos móveis, juntamente com o uso de outros softwares. Com isso, crescem suas possibilidades de uso. (SHINTAKU *et al.*, 2018, p. 17)

É um *software* flexível, o que permite a sua adaptação às necessidades da coleção com a utilização de poucos recursos tecnológicos, gerando economia de pessoal e equipamento, o que o torna útil em diversas ocasiões, oferecendo autonomia às instituições.

Segundo André Desvallées e François Mairesse (2013, p.32), podemos definir como coleção um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, responsabilizou-se por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro. Com frequência, esta coleção é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. Desvallées e Mairesse (2013) complementam o conceito ao afirmarem que uma verdadeira coleção é formada quando o agrupamento de objetos forma um conjunto coerente e significativo. Hernández (2001), por sua vez, destaca quatro razões pelas quais existe a prática do colecionismo: “o respeito ao passado e às coisas antigas, o instinto de propriedade, o verdadeiro amor à arte e o colecionismo puro”. (SHINTAKU *et al.*, 2018, p.21)

Nota-se, portanto, que é necessário ampliar o conhecimento sobre as coleções em todos os seus contextos, sejam elas físicas ou digitais, principalmente para que se possa contextualizá-las. A biblioteca digital, os repositórios digitais, ultrapassam as arquiteturas da instituição,

expandindo os serviços da biblioteca, disseminando a informação e realizando história pública, os serviços que podem ser disponibilizados são os mais diversificados, podem ser desde catálogos on-line, exposições, mostras, que necessitam de mais tempo para a sua realização, a serviços mais simples, como reservas, empréstimos e renovação de livros, e todos eles aproximam investigadores e historiadores a instituição.

Atualmente não existe nas instituições brasileiras nenhum tipo de repositório ou banco de dados sobre as marcas de proveniência bibliográficas e seus proprietários. Esses dados, usualmente ocupam espaço em notas, nos catálogos das instituições. A cidade de Rio Grande por ser histórica, abriga mais de vinte museus, três bibliotecas públicas, e ainda a Biblioteca Rio-grandense, neste sentido, é fundamental conhecer a história da formação dos acervos culturais papareia e quem foram as personalidades rio-grandinas e estrangeiras, que engajaram esforços em prol da educação e da cultura no município. A iniciativa de usar Softwares livres para a construção e difusão de acervos históricos locais é fundamental para o ensino e para a cultura em nosso município, e pode ser um ponta pé inicial para o desenvolvimento de outros projetos com a mesma iniciativa no país já que não existem bases de dados especificamente com essa temática no Brasil.

A seguir apresentamos os resultados do estudo realizado no acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense, a fim de averiguar as marcas de posse e propriedade deixadas por antigos leitores, livreiros e instituições nos livros selecionados como amostra para a realização da pesquisa.

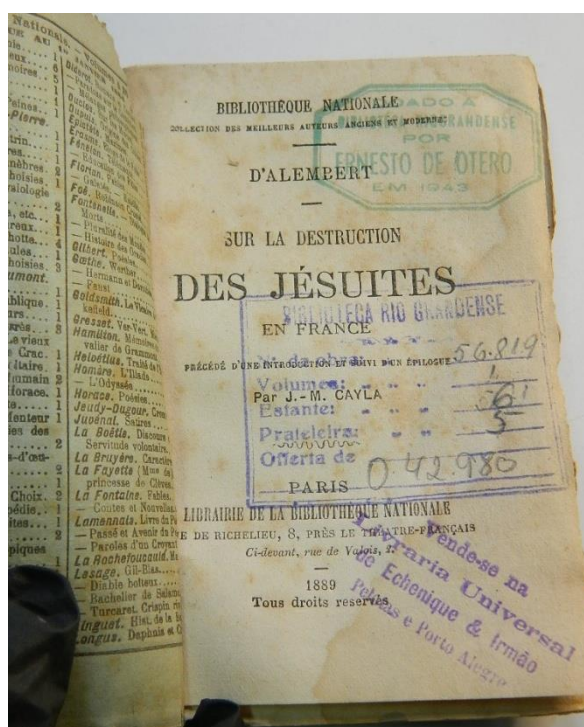
8 RESULTADOS

Apresenta-se aqui as obras e as marcas de proveniência encontradas neste estudo realizado no acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense, tendo como base o método de análise desenvolvido por esta autora. Esta subseção apresenta os resultados que dizem respeito aos objetivos específicos: a) mapear a trajetória histórica percorrida pelos livros raros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense, identificando as marcas deixadas por seus antigos proprietários e leitores; b) identificar os antigos proprietários e leitores dos livros pertencentes à Biblioteca Rio-Grandense; c) identificar os gêneros literários das obras raras selecionadas; d) analisar os grupos sociais dos doadores das obras raras selecionadas.

8.1 Obra “Sur la destruction des jesuites en France” (1889)

A primeira obra analisada está destacada abaixo na figura 23, ela apresenta a folha de rosto da obra “*Sur la destruction des jesuites en France*”, escrita por Jean le Rond d’Alembert e publicada pela *Librairie de la Bibliothèque Nationale*, em Paris, no ano de 1889.

Figura 23 - Folha de rosto da obra “Sur la destruction des jesuites en France”



Fonte: A autora (2022). Acervo da Bibliotheca Rio-Grandense.

A seguir, apresentamos na figura 24 a primeira marca encontrada na obra “*Sur la destruction des jesuites en France*”, observa-se na imagem um carimbo molhado na cor verde, no formato octogonal, com a seguinte inscrição: "Doado à // Bibliotéca Riograndense // por // Ernesto De Otero // EM 1943".

Figura 24 - Carimbo Ernesto de Otero



Fonte: A autora (2022). Acervo da Bibliotheca Rio-Grandense.

Identifica-se no capítulo a seguir as informações sobre o proprietário Ernesto de Otero.

8.1.1 Ernesto de Otero

Ernesto de Otero nasceu em Jaguarão em 1857 e faleceu no ano de 1943, deixando sete filhos, sendo dois já falecidos, casado com Corina Ribeiro Otero. Foi membro da Igreja Positivista do Brasil, e um grande engenheiro civil reconhecido nacionalmente por suas benfeitorias onde atuou, com menos de quatorze anos foi estudar na Europa, na Alemanha e quando retornou ao Brasil já era engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de Karlsruhe. Trabalhou na construção da estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguaiana até 1883, posteriormente na estrada de ferro Dom Pedro II, até 1888. (CASA DE OSWALDO CRUZ, 2023)

Dedicou-se por anos aos problemas relativos à Barra e ao Porto de Rio Grande. “Quando o governo chamou para organizar o projeto, o grande engenheiro holandês Galand, os dados técnicos já se achavam colhidos e elaborados pelo engenheiro brasileiro.” (A NOITE, 1943)

Em 1909 foi chefiar a comissão do Porto de Paranaguá. Era chamado pelo professor Mauricio Joppert como “o Bremonyier Brasileiro”. Como Republicano prestou serviços ao governo de Marechal Floriano, assumindo o cargo de chefe do 6º Distrito Militar de Rio Grande.

Confrade de Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, duas pessoas conhecidas por seu envolvimento com o Positivismo no Brasil. (A NOITE, 1943)

Ernesto faleceu no ano de 1943 e o carimbo encontrado na obra doada para a Rio-grandense vem datado com o mesmo ano de 1943. Levantam-se aqui algumas indagações, o próprio Ernesto antes de falecer mandou confeccionar o carimbo para que as obras doadas à instituição fossem carimbadas? Ou após sua morte a família Otero mandou confeccionar o carimbo e doou as obras para a instituição? Não temos a resposta para essas questões, mas um elemento chave neste carimbo é a memória, fica claro que quem mandou confeccionar o carimbo de Ernesto Otero, seja ele próprio, ou a família, tinham em mente que o nome “Ernesto Otero” deveria perpetuar nas memórias rio-grandinas, mesmo que fosse apenas como um benfeitor da Biblioteca. A figura 25 comunica o falecimento de Ernesto, e transmite seu humanitarismo através da matéria publicada no jornal A Noite de 19 de janeiro de 1943.

Figura 25 - Nota de falecimento Ernesto de Otero



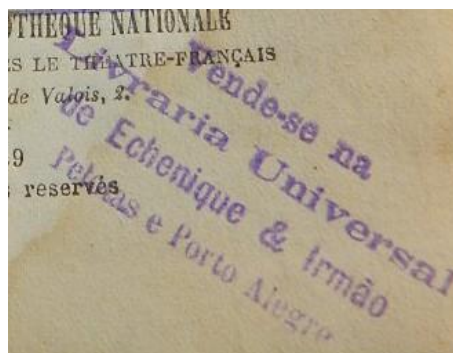
Fonte: A Noite (1943). Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

No item a seguir lê-se informações referentes a Livraria Universal.

8.1.2 Livraria Universal

Na folha de rosto da mesma obra citada na Figura 26 encontra-se outro carimbo molhado em tinta roxa, com a inscrição "Vende-se na Livraria Universal de Echenique & Irmão Pelotas e Porto Alegre".

Figura 26 - Carimbo Livraria Universal



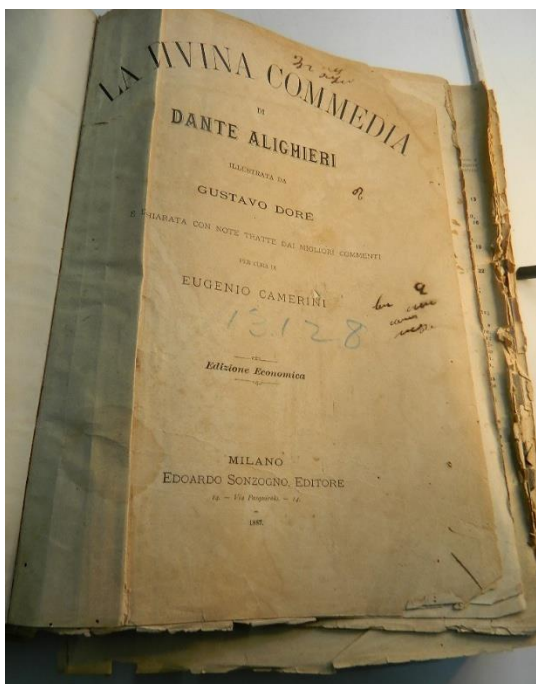
Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na obra “*Sur la destruction des jesuites en France*”, detectamos duas tipologias de carimbos, o de Ernesto de Otero, um carimbo molhado, uma marca de propriedade considerada um *Ex dono*, e a marca de posse, do tipo carimbo molhado, da Livraria Universal, que foi uma valiosa casa editorial, publicando obras de autores estrangeiros e nacionais, fundada em 1887, por dois irmãos, Guilherme e Carlos Echenique, que se estabeleceu em 1903 em Porto Alegre e no município de Rio Grande no ano seguinte em 1904, encerrando suas atividades em abril de 1929. A livraria avolumou seu catálogo de obras quando obteve os direitos comerciais da Livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, e abriu sucursais em Rio Grande e Porto Alegre.

8.2 Obra "La divina commedia" (1887)

A segunda obra do período escolhido para a amostra foi "*La divina commedia*", na folha de rosto identifica-se algumas marcas manuscritas e o número “13128”, este livro foi escrito por Dante Alighieri, publicado em Milão no ano de 1887, e é ilustrado, possuindo 679 páginas. A figura 27 revela na folha de rosto algumas marcas encontradas.

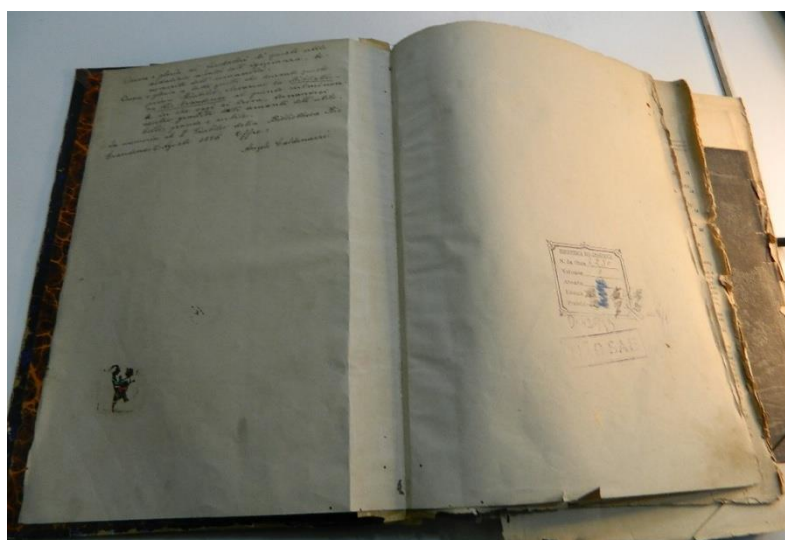
Figura 27 - Folha de rosto da obra “La divina commedia”.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na próxima imagem, na figura 28, identificamos diferentes tipos de marcas, dois carimbos molhados da própria biblioteca, rabiscos, anotações técnicas, um *ex dono* de Angelo Caldonazzi, e uma ilustração pequena que retrata a imagem, um pouco apagada, de uma pessoa com uma criança no colo.

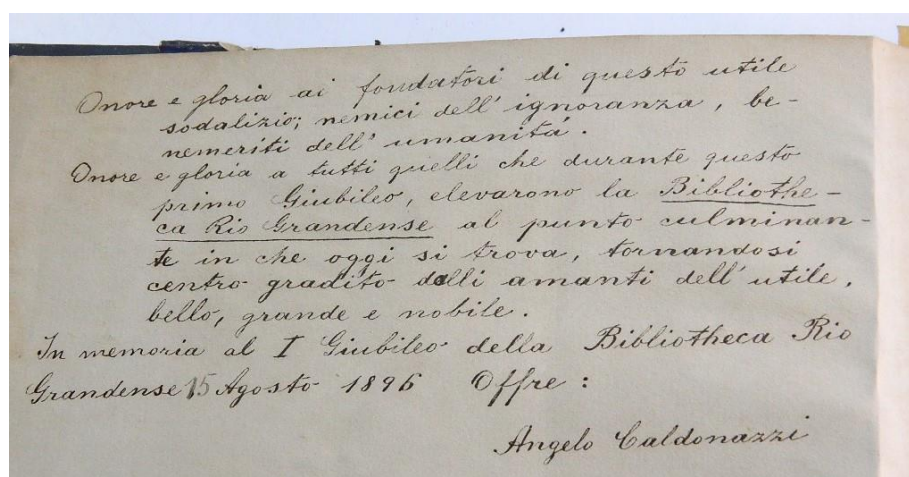
Figura 28 - Marcas de proveniência na obra "La divina commedia".



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 29 exhibe o *ex dono* de Angelo Caldonazzi, escrito à mão, em italiano, em memória ao I Jubileu da Biblioteca Rio-grandense, doação datada em 15 de agosto de 1896. Na inscrição lê-se “*onore e gloria ai fondatori di questo utile sodalizio; nemici dell’ ignoranza, benemeriti dell’ umanità. Onore e gloria a tutti quelli che durante questo primo Giubileo, elevarono la Bibliotheca Rio Grandense al punto culminante in che oggi si trova, tornandosi centro gradito dalli amanti dell’utile, bello, grande e nobile. In memoria al I Giubileo della Bibliotheca Rio Grandense 15 agosto 1896 Offre: Angelo Caldonazzi*”

Figura 29 - Ex dono de Angelo Caldonazzi.



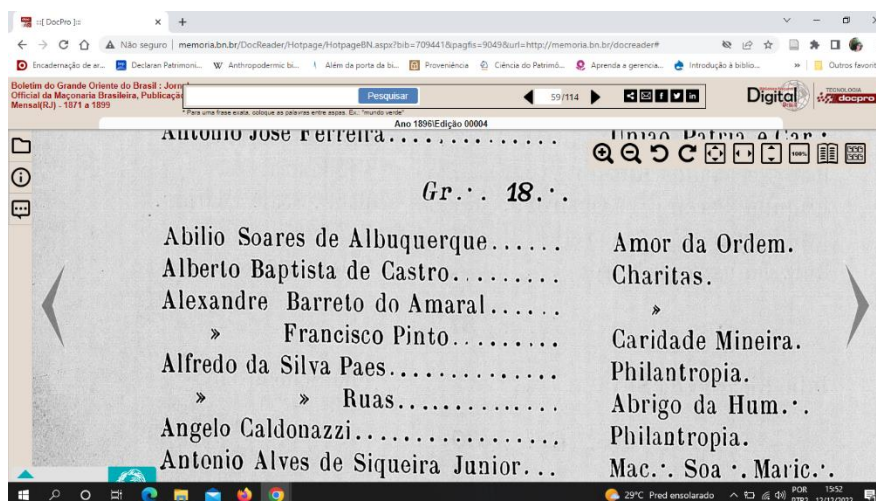
Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Contempla-se no item a seguir informações sobre o proprietário Angelo Caldonazzi.

8.2.1 Angelo Caldonazzi

A figura 30 manifesta informações dispostas no Boletim do Grande Oriente do Brasil, Jornal oficial da Maçonaria Brasileira, publicado no Rio de Janeiro de 1871 a 1889, disponível na Biblioteca Nacional Digital, ou BN Digital. No ano de 1896, na edição 00004, na página 266, logo após a inscrição “Gr. 18”, encontra-se o nome de Angelo Caldonazzi como integrante da loja maçônica Philantropia, localizada no município de Rio Grande.

Figura 30 - Nome de Angelo Caldonazzi publicado no Boletim do Grande Oriente do Brasil



Fonte: Boletim do Grande Oriente do Brasil. (1896)

Nota-se que em 1896 Angelo ascendeu ao grau maçônico 18, e foi o mesmo ano em que doou a obra citada para a Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem abaixo, apresenta-se a figura 31, encontrada na mesma página do *ex dono* citado acima, na figura 28, identifica-se a imagem de um avô, de gorro vermelho, camisa azul e calça verde, com seu neto no colo, de chapéu preto e de calça vermelha.

Figura 31 - Ilustração encontrada na obra "La divina commedia".

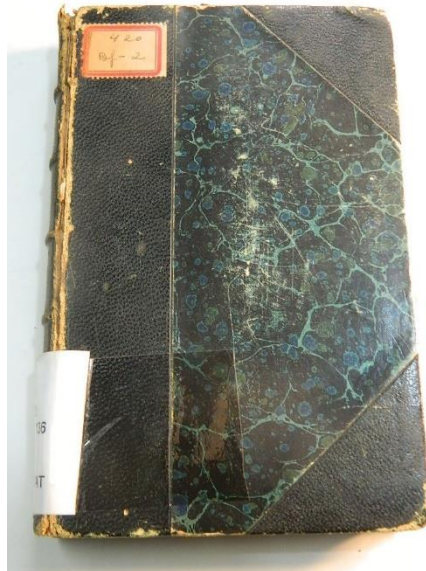


Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Percebe-se que a imagem sofreu algum tipo de dano, algumas partes estão apagadas. A Biblioteca possui diferentes cópias da obra “La Divina Commedia” de Dante Alighieri, a terceira obra pesquisada para este estudo também é o mesmo título, mas publicado sete anos depois, em 1894, também em Milão, na Itália, pelo mesmo editor que publicou o título de 1887, Edoardo Sonzogno. A obra possui 430 páginas, é menor que a edição pesquisada anteriormente, mas vale destacar que a primeira obra de Dante que foi analisada era ilustrada, está, por sua

vez, não é. Na figura 32 observa-se uma encadernação personalizada, feita com couro e marmoreio, em destaque avista-se uma etiqueta retangular com filete vermelho, com a seguinte inscrição manuscrita “420 Rf- 2”.

Figura 32 - Encadernação personalizada na obra “La Divina Commedia”

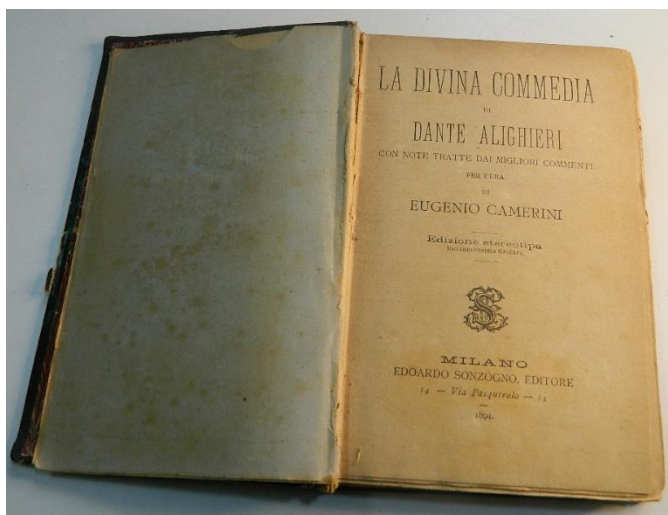


Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

8.3 Obra "*La divina commedia*" (1894)

A figura 33 manifesta a folha de rosto da obra "*La Divina Commedia*" (1894), publicada em Milão, pertencente ao acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense.

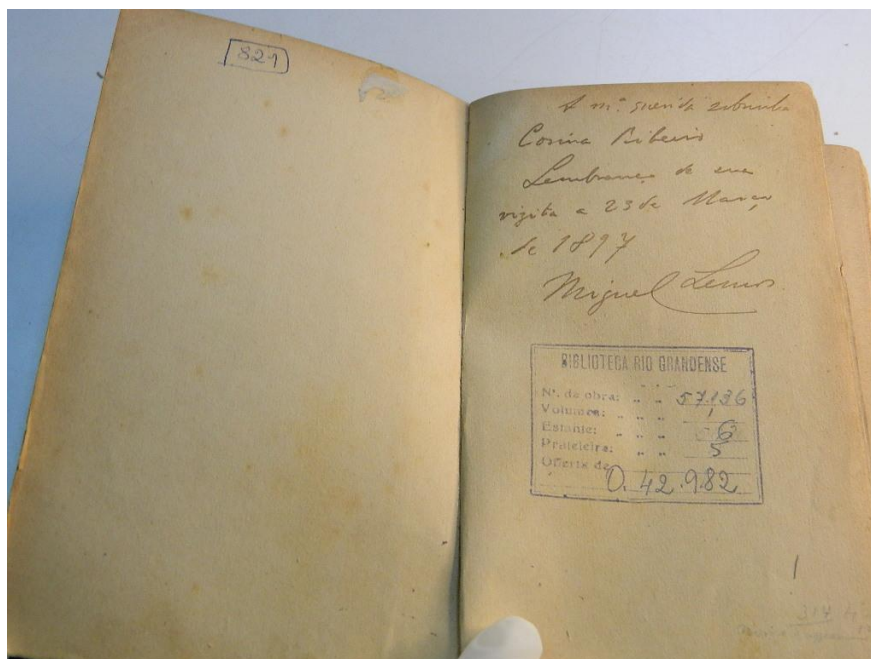
Figura 33 - Folha de rosto da obra “La Divina Commedia”.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 34 evidencia o *ex dono* de Miguel Lemos a sobrinha Corina Ribeiro, acompanhada do carimbo da Biblioteca Rio-Grandense, e outras marcas de entrada na biblioteca, além de marca de prateleira, e ainda o número “821”.

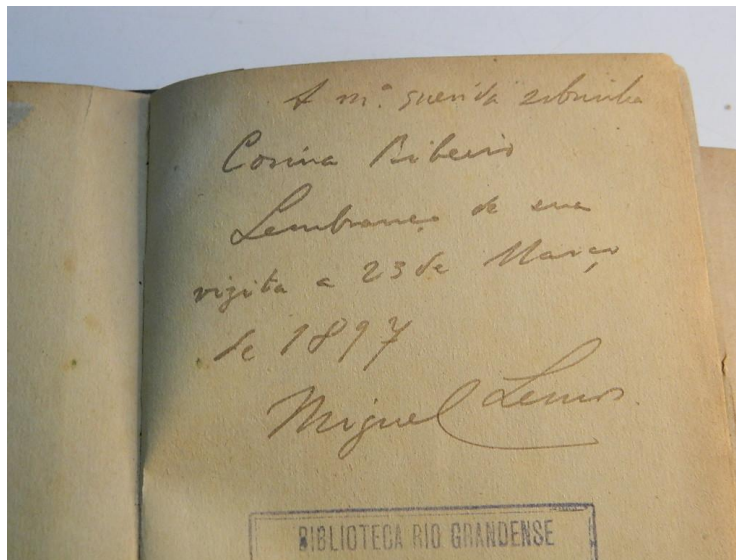
Figura 34 - Ex dono de Miguel Lemos à sobrinha Corina Ribeiro.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 35 sobreleva o *ex dono* de Miguel de Lemos a sobrinha Corina Ribeiro, a inscrição diz: “A minha querida sobrinha Corina Ribeiro. Lembrança de sua visita a 23 de Março de 1897 Miguel Lemos”.

Figura 35 - Ex dono de Miguel Lemos à sobrinha Corina Ribeiro.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

8.3.1 Corina Ribeiro Otero

Em pesquisa realizada pode-se constatar que Corina Ribeiro, nascida em 1871, faleceu em 1957, e depois de casada assumiu o nome do marido e passou a se chamar Corina Ribeiro Otero, sendo que no registro de autoridade da Casa Oswaldo Cruz foi possível encontrar outra forma do nome, Corina Otero Carvalho Ribeiro. Corina era casada com outro doador de livros da biblioteca Rio-grandense que apareceu nesta pesquisa, Ernesto de Otero.

Destaca-se nesta dedicatória a assinatura de Miguel de Lemos, citado anteriormente neste trabalho, por ser amigo do esposo de Corina, Ernesto de Otero. Nota-se um estreito relacionamento entre Miguel e Corina, já que ele a chama de “sobrinha”, e comenta que oferece o livro por sua visita, ocorrida em vinte e três de março de 1897.

8.3.2 Miguel de Lemos

Miguel de Lemos foi um filósofo brasileiro nascido em 1854 na cidade de Niterói e faleceu em Petrópolis, em 10 de agosto de 1917. Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, engajando-se ao Positivismo nesta época, posteriormente foi um dos fundadores da

Sociedade Positivista Brasileira, em 1876. Em viagem a Paris aderiu a linha de Augusto Comte após conhecer Emile Littré e Pierre Laffite, a partir daí, ocupou-se da corrente positivista religiosa, defendida por Laffite, achava que esta era mais completa que a corrente filosófica seguida por Littré. (WIKIPEDIA, 2023e; SILVA, 2006)

Voltando para o Brasil, iniciou uma contínua e enérgica ação política, social e religiosa a partir dos princípios do Positivismo, transformando a antiga Sociedade Positivista do Brasil, de caráter acadêmico, mas apática, em Apostolado e Igreja Positivista do Brasil. Nessa nova instituição ocupava a posição de Diretor, sendo seu vice-Diretor o maranhense Raimundo Teixeira Mendes. (WIKIPEDIA, 2023e)

A Igreja Positivista do Brasil posicionou-se sobre questões religiosas, sociais e políticas, participando de tópicos e acontecimentos importantes, defendendo o direito dos trabalhadores, o direito à greve, os direitos sociais, o pacifismo, o racismo (separando o Estado da Igreja), a defesa da justiça social, além de ter participado das campanhas republicana e abolicionista. Escreveu obras como “Ortografia Positivista”, “Pequenos Ensaios Positivistas”, dentre outras. E com seu amigo Teixeira Mendes deixou a obra “O Apostolado Positivista no Brasil”. (WIKIPEDIA, 2023e)

A figura 36 realça a fotografia de Miguel de Lemos, Diretor do Apostolado Positivista do Brasil.

Figura 36 - Fotografia de Miguel de Lemos.



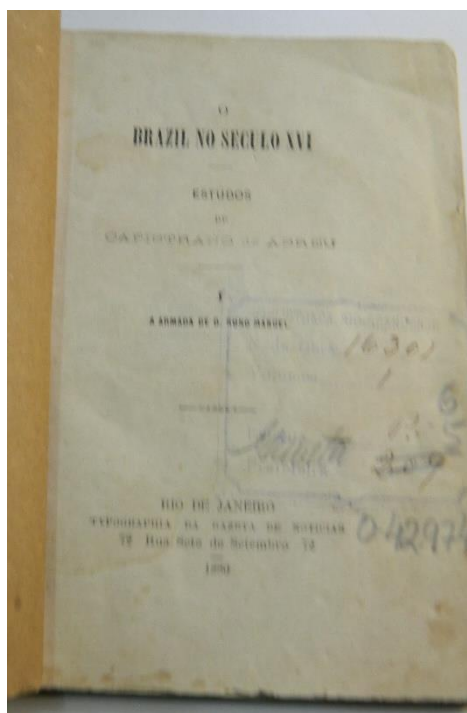
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional - RJ (2023)

No conteúdo abaixo avista-se os dados de proveniência coletados na obra “O Brasil no século XVI”.

8.4 Obra “O Brasil no século XVI” (1880)

O quarto livro pesquisado foi “O Brasil no século XVI”, de Capistrano de Abreu, publicado no Rio de Janeiro, pela tipografia da Gazeta de Notícias, em 1880, com 79 páginas. A figura 37 aponta a folha de rosto do livro, publicada no Rio de Janeiro, acompanhada do carimbo da Biblioteca Rio-Grandense, e outras marcas de entrada na biblioteca, além de marca de prateleira.

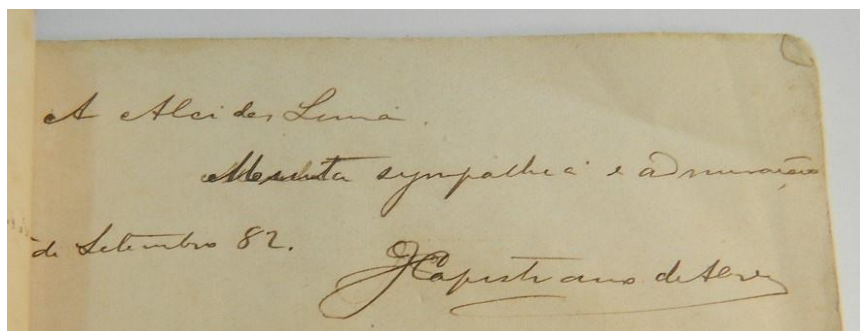
Figura 37 - Folha de rosto da obra “Brazil no Seculo XVI”.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 38 apresenta uma dedicatória de Capistrano de Abreu a Alcides Lima com a inscrição, “A Alcides Lima Muita empatia e admiração Setembro 82. JCapistrano de Abreu”.

Figura 38 - Dedicatória de Capistrano de Abreu a Alcides Lima.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No item a seguir serão apresentadas as informações coletadas sobre o dedicador e autor João Capistrano Honório de Abreu.

8.4.1 João Capistrano Honório de Abreu

João Capistrano Honório de Abreu nasceu em Maranguape, Ceará, no dia 23 de outubro de 1853, e faleceu aos 73 anos no Rio de Janeiro em 13 de agosto de 1927, foi um grande historiador brasileiro, produzindo trabalhos também sobre linguística e etnografia. Em 1869 foi para Recife estudar humanidades, já em Fortaleza, foi um dos fundadores da Academia Francesa que ficou ativa de 1872 a 1875, e era um órgão dedicado à cultura e debates, anticlerical e progressista. Em 1875 mudou-se para o Rio de Janeiro e fixou residência em um sobrado no bairro de Botafogo, empregando-se na Editora Garnier. Durante a gestão de Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional foi aprovado em concurso público para bibliotecário desta instituição, sendo nomeado oficialmente em 1879. No Colégio Pedro II lecionou História do Brasil e Corografia⁷⁷, neste concurso foi nomeado após apresentar a tese “O Descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI”, que é o tema da obra analisada neste estudo. (WIKIPÉDIA, 2023b)

Nesta pequena e singela dedicatória Capistrano de Abreu demonstra sua admiração por Alcides Lima. A dedicatória vem datada como “Setembro 82”, mesmo ano de defesa da sua tese. Na sessão seguinte se observa a investigação realizada sobre Alcides de Mendonça Lima.

8.4.2 Alcides de Mendonça Lima

⁷⁷ descrição ou representação de um país, região ou área geográfica particular, num mapa ou carta, que explicita visualmente, através de código(s), as suas características mais notáveis.

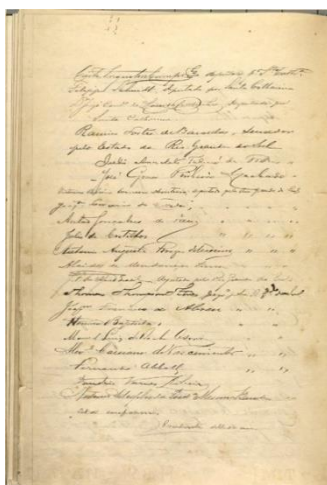
Alcides de Mendonça Lima nasceu em Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, em 11 de outubro de 1859 e faleceu em 26 de agosto de 1935. Filho do português João Pereira de Mendonça Lima e de Ana Teresa de Mendonça Lima. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, tendo como colegas Assis Brasil e Julio de Castilhos. Foi advogado, jurista, juiz, historiador, escritor, jornalista, professor na Universidade de Pelotas e político. Durante o curso de Direito participou do *Clube Republicano 20 de Setembro* e, publicou a obra *História Popular do Rio Grande do Sul* em 1882, mesmo ano em que concluiu o curso, após, mudou-se para a cidade de Pelotas. (WIKIPÉDIA, 2023a)

Foi eleito Deputado Constituinte Nacional, o que o levou a participar da elaboração da Constituição de 1891. Atuou como Juiz nos municípios de Rio Grande e Pelotas, e também foi eleito como Deputado Estadual. Apoiou Assis Brasil na Revolução de 1923, e foi um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras. (WIKIPÉDIA, 2023a)

Julgou inconstitucional uma lei estadual publicada pelo governador Júlio Prates de Castilhos, pelo qual foi processado por duas vezes e duplamente inocentado pelo Supremo Tribunal Federal. Percebendo a inviabilidade de continuar como juiz, abandonou a carreira pública e estabeleceu uma banca de advocacia. (WIKIPÉDIA, 2023a)

Nota-se que mesmo tendo sido colega de Julio de Castilhos, não teve dúvidas em se opor a ele quando julgou que seus atos feriam a Constituição. Avista-se na figura 39 as assinaturas dos responsáveis que participaram da Assembleia Nacional Constituinte de 1890.

Figura 39 - Assinaturas Assembleia Nacional Constituinte de 1890 (Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891).

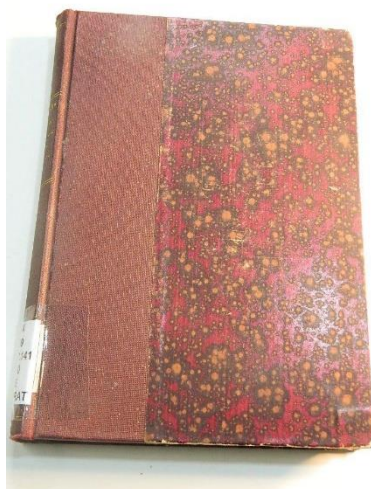


Fonte: Wikipedia (2023c).

8.5 Obra “Questão Territorial com a Republica Argentina” (1891)

“Questão Territorial com a Republica Argentina”, publicado no Rio de Janeiro, em 1891, de autoria de Joaquim Maria Nascentes Azambuja, com 314 páginas, foi o quinto livro sondado. A figura 40 destaca a encadernação personalizada, o livro é resguardado por meia encadernação com uma parte em couro, em tom marrom, e outra parte em marmoreio em tons terrosos, com vermelho.

Figura 40 - Encadernação personalizada da obra “Questão Territorial com a Republica Argentina”

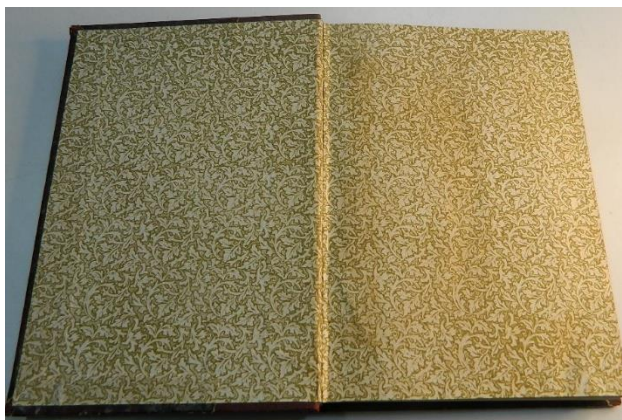


Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se na imagem a seguir, figura 41, a folha de guarda⁷⁸ personalizada encontrada no livro, estampa folhagens entrelaçadas, em uma cor bege, puxando para o tom de amarelo.

⁷⁸ Folha, geralmente branca e de um papel mais espesso, colocada no início e no final de um volume; destina-se, tal como o nome indica, a proteger a obra. Folha de proteção. Folha custódia. Guarda. Página de guarda - Folha de papel, geralmente mais fina que a do texto ou mesmo transparente, que acompanha uma estampa ou gravura de um livro, para protegê-la; por vezes tem estampada a legenda explicativa do desenho que acompanha. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 556)

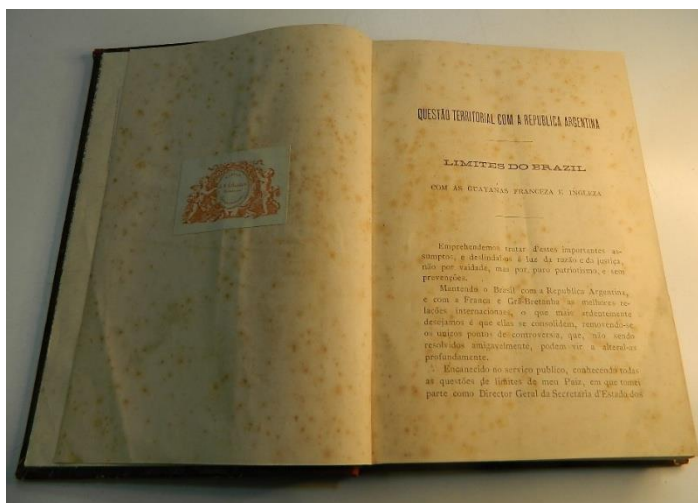
Figura 41 - Folha de guarda na obra “Questão territorial com a Republica Argentina”.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Contempla-se na figura 42 a folha de rosto do livro, e o ex-líbris de Estanislao Severo Zeballos.

Figura 42 - Folha de rosto da obra “Questão Territorial com a Republica Argentina”.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 43 revela o ex-líbris de Estanislao Severo Zeballos. A ilustração da etiqueta é ornamentada, apresenta a imagem de um anjo que olha para a frente, enquanto aponta para o nome do proprietário, na outra mão ele porta um livro. A outra imagem apresentada, é um menino que está de costas, com as nádegas à mostra, o personagem parece arrumar a ornamentação, não parece ser um anjo, já que não possui asas, como na imagem anterior. Ao chão podemos ver livros. Este ex-líbris apresenta a palavra “*Bonaerensis*” (*Buenos Aires*) e a divisa em latim com a seguinte frase “*Laborum Dulce Lenimen*” (*Trabalho, doce consolo*).

Figura 43 - Ex-líbris E.S. Zeballos.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

8.5.1 Estanislao Severo Zeballos

Estanislao Severo Zeballos nasceu na Argentina, em Rosário, Santa Fé, no dia 27 de julho de 1854, e faleceu em Liverpool no Reino Unido, em 1923. Por três vezes foi o ministro das Relações Exteriores da Argentina, atuou como político, jurista, etnógrafo, historiador, jornalista, geógrafo, romancista e legislador. Ficou conhecido na Argentina,

Como prócer político da Geração de 1880, que animou a República Conservadora e Oligárquica (1880-1816), após a vitória do unitarismo liberal-mitrista sobre o federalismo provincial, na batalha de Pavón, em 17 de setembro de 1861. (MAESTRI, 2015, p. 350)

Estanislao teorizou sobre as conexões da Argentina e seus países vizinhos, inclusive o Brasil. Seu pensamento é nitidamente voltado para o positivismo e para o darwinismo social. Mas em relação ao Chile e ao Brasil sua concepção detinha ideias racistas e xenófobas, o que acarretou a promoção de conceitos históricos incorretos sobre as relações internacionais de alguns países, gerando conflitos.

O barão do Rio Branco e Zeballos mantiveram uma relação conturbada, quando o argentino enviado ao Brasil, Carlos Tejedor, deixou o Rio de Janeiro, retornando à Argentina sem se despedir do imperador do Brasil, ocorreu a primeira alteração entre eles,

Na ocasião, o futuro Barão do Rio Branco defendeu, pelas páginas de A Nação, que não houve “nenhuma ofensa internacional ao Brasil. Houve apenas uma “gaucherie”. Em Buenos Aires, os ânimos se exaltaram. Zeballos, através

do jornal Nacional, responde ao jovem Paranhos, traduzindo erroneamente "gaucherie" como gauchada, afirmando: "Um dos diários mais importantes do Brasil qualificou de 'gaucherie' a retirada do Sr. Tejedor. Este modo de exprimir-se não é mais do que uma macacada de má lei. É melhor ser gaúcho do que macaco." Com a Questão de Palmas, resolvida em 1895, iniciou-se um período de embates entre os dois personagens que se estendeu até 1912, com a morte do Barão do Rio Branco. Chegou a falsificar um telegrama do Barão do Rio Branco para comprometer o Brasil com o Chile. (WIKIPEDIA, 2023d)

Juárez (2014) conta que no prólogo o oferecido por León Benarós na edição de "*Viaje al país de los araucanos*", publicado em 2002, pela editora Elefante Blanco, pode-se obter informações sobre a biblioteca particular de Zeballos. Benarós diz que é uma lástima que a biblioteca de Zeballos não foi conservada de forma integral, ele discorre que parte da biblioteca passou a integrar a biblioteca de Antonio Santamarina, e que esta, por sua vez, acabou dispersa, sendo vendida em leilões, e afirma que os livros que pertenciam a biblioteca particular de Zeballos se diferenciavam pelo ex-líbris do proprietário, aderido a cada exemplar. Sobre as especificidades do ex-líbris ele argumenta.

Se trata de un diseño barroco impreso en sepia en el que dentro de un óvalo, se lee la expresión, "ex libris Estanislao S. Zeballos, Bonaerensis," y un lema inferior en latín, "laborum dulce lenimen". Un ángel del lado derecho, señala el interior del óvalo, mientras sostiene un libro en la mano izquierda. A la derecha, el desnudo niño de práctica acompaña al ángel, en adecuado paralelismo. (JUÁREZ, 2014, p. 6)

Segundo Juárez (2014), Benarós (2002) relata o que aconteceu com os livros e documentos que integravam a biblioteca de Zeballos.

Era; – comenta Vicente Osvaldo Cútolu - dono de uma extraordinária biblioteca de 36.000 volumes, que se dispersou em leilões públicos realizados em 1930. Seu arquivo de documentos políticos e diplomatas está guardado no Museu Colonial de Luján, em 320 caixas. Sua biblioteca (para a área física de o mesmo) era um museu, uma galeria pictórica, um laboratório científico e, ao mesmo tempo, o estudo de um homem da sociedade. Manuscritos antigos, curiosidades indígenas, cerâmica e vasos peruanos Pompeianos; memórias históricas; pinturas de mestres renomados. (JUÁREZ, 2014, p. 8)

A partir da descrição feita por Benarós podemos confirmar que o exemplar encontrado na Biblioteca Rio-grandense pertenceu à biblioteca privada de Zeballos. Juárez (2014) comenta sobre o autor Meinrado Hux, que escreveu em seu livro "*Memorias del ex cautivo Santiago Avendaño (1854)*", publicado em 1991, e diz que: "A herança e a coleção do Dr. Zeballos

passou para diferentes mãos em diferentes províncias, uma parte para o Museu de Luján.”⁷⁹
(JUÁREZ, 2014, p.10)

A figura 44 expõe a fotografia de Estanislao Zeballos.

Figura 44 - Fotografia de Estanislao S. Zeballos.



Fonte: Wikipedia (2023d).

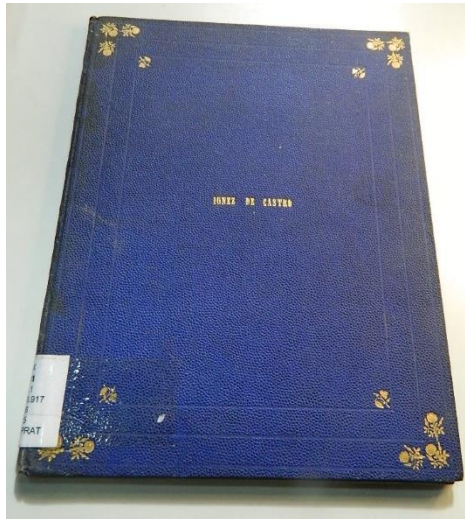
Aprecia-se no item a seguir as informações materiais apanhadas na obra *“Ignez de Castro; episódio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas”*.

8.6 Obra *“Ignez de Castro; episódio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas”* (1872)

O livro *“Ignez de Castro; episódio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas”*, escrito por Luis Vaz de Camões no ano de 1872 em Lisboa, possui 82 páginas. Localiza-se na figura 45 a encadernação personalizada encontrada no livro raro.

⁷⁹ Do original: La herencia y la colección del Dr. Zeballos han pasado a distintas manos en distintas provincias, una parte al Museo de Luján.

Figura 45 - Encadernação Personalizada da obra Ignez de Castro.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 46 realça a etiqueta do encadernador Vicente Gomes. A imagem retrata a imagem de um livro com a inscrição “ENCADERNAÇÃO DE VICENTE GOMES RIO GRANDE”.

Figura 46 - Etiqueta de encadernador Vicente Gomes.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima revela uma etiqueta em fundo branco, com um livro encadernado ao centro, na capa do livro lê-se: “ENCADERNAÇÃO // DE // VICENTE GOMES // RIO GRANDE”. No item a seguir apresenta-se as informações coletadas sobre o encadernador Vicente Gomes.

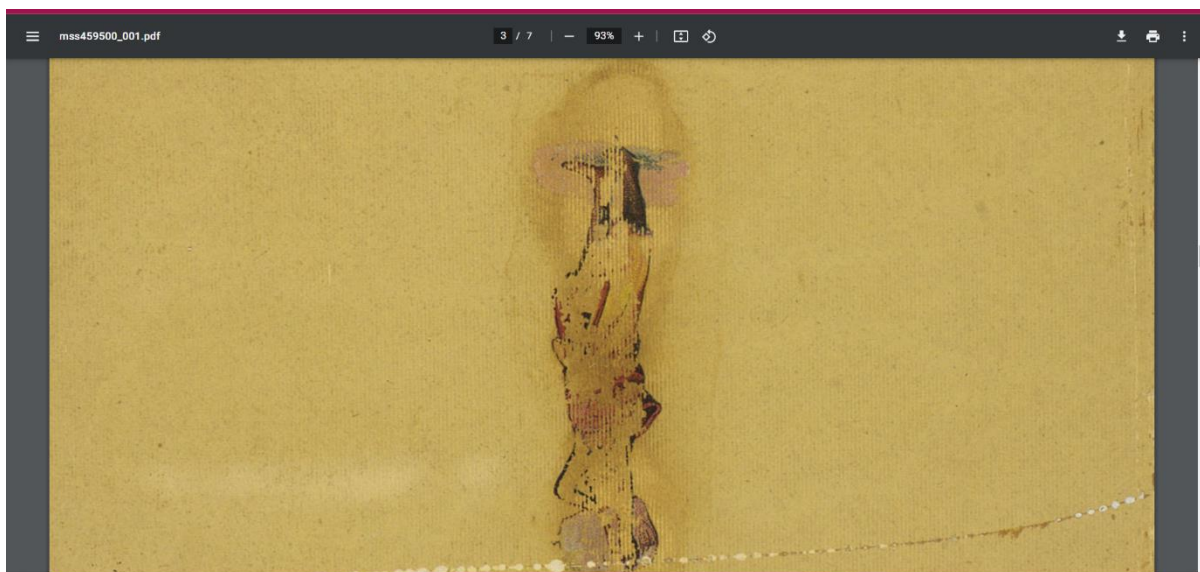
8.6.1 Vicente Gomes

Não foi encontrada nenhuma referência sobre o trabalho do encadernador Vicente Gomes. Está disponível na Biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional, na sessão de manuscritos uma obra chamada “*Autographos Preciosos, Cartas do Visconde de Taunay; A J. Athur Montenegro*”, este manuscrito ricamente encadernado na cor vermelha, apresenta a etiqueta do encadernador Vicente Gomes, além do ex-líbris e da assinatura de Olyntho SanMartin, na página seguinte do manuscrito observa-se uma nota que faz referência a biblioteca de Rio Grande, na inscrição manuscrita lê-se: “Procurar na Biblioteca Pública os exemplares Actualidade, de Rio Grande, do mês de Janeiro de 1893. Neles ha desse artigo de Mario de Artagão, sobre J. Arthur Montenegro, que, segundo opinião do insigne Vis(cond)e de Taunay, é interessante.” (TAUNAY, 1890)

José Arthur Montenegro (1854-1901) era cearense de nascimento e morou na cidade do Rio Grande, onde exerceu funções profissionais e atuou como pesquisador, tendo coletado fontes documentais que compõem uma das mais importantes coleções brasileiras sobre a Guerra do Paraguai. Montenegro foi auxiliar de comércio, prático de pilotagem, praça do Exército e funcionário de estradas de ferro, mas sua atuação como estudioso o levaria a ser apontado também como historiador e geógrafo, pertencendo a algumas das instituições culturais de seu tempo, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Academia Cearense de Letras e o Centro Literário do Ceará. Sobre a Guerra da Tríplice Aliança, o pesquisador escreveu ensaios, artigos e livros, além de amearhar uma inestimável e variada quantidade de documentos que vão de recortes de jornais, passando por fotografias, gravuras, diplomas, e chegando a uma série de referências bibliográficas de variadas nacionalidades. O conjunto da documentação coletada por José Arthur Montenegro foi incorporado ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense, onde está à disposição de estudiosos e da comunidade interessada em travar conhecimento com o mais importante conflito internacional do contexto sul-americano, no qual o Brasil tomou parte. (ALVES, 2005, p. 87)

A figura 47 localizada abaixo também foi encontrada na obra “*Autographos Preciosos, Cartas do Visconde de Taunay*” apresenta uma ilustração semelhante à citada na figura 33 desta pesquisa, não foi possível identificar a técnica de reprodução e o autor destas duas imagens.

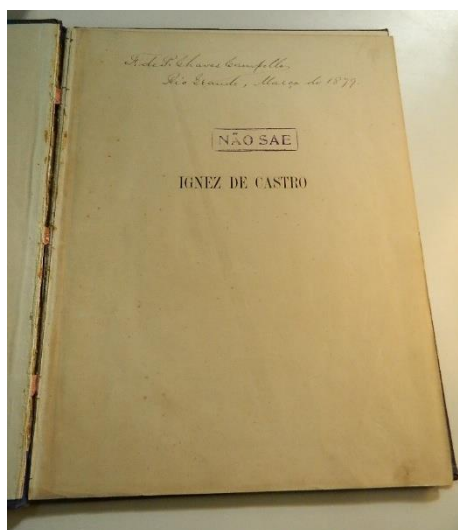
Figura 47 - Ilustração anexada na obra “Autographos Preciosos, Cartas do Visconde de Taunay”.



Fonte: Taunay (1890)

A figura 48 apresenta a folha de rosto da obra Ignez de Castro, com a assinatura de Francisco de Paula Chaves Campello, a data e o carimbo de propriedade da Biblioteca Rio-Grandense com a inscrição “NÃO SAE”.

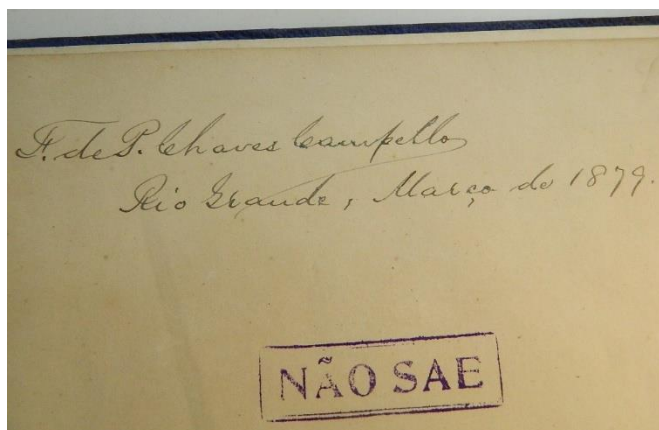
Figura 48 - Folha de rosto da obra Ignez de Castro.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 49 destaca a anotação manuscrita na obra pesquisada.

Figura 49 - Assinatura de Francisco de Paula Chaves Campello, datada em março de 1879.



Fonte: A autora (2022). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem acima nota-se uma anotação manuscrita, feita com tinta preta e a seguinte inscrição, “F. de P. Chaves Campello // Rio Grande, Março de 1879”. Na sessão seguinte apresenta-se informações sobre o proprietário da obra Francisco de Paula Chaves Campello.

8.6.2 Francisco de Paula Chaves Campello

Francisco de Paula Chaves Campello é natural da cidade de Pelotas, nasceu no dia 1º de fevereiro de 1848, era filho de Maria Izabel Gonçalves Chaves, natural de Pelotas e de Manuel dos Santos Campello, nascido em Herval. Contraiu matrimônio com Olympia De Otero, em 11 de maio de 1878, e faleceu no Rio de Janeiro em 1927.

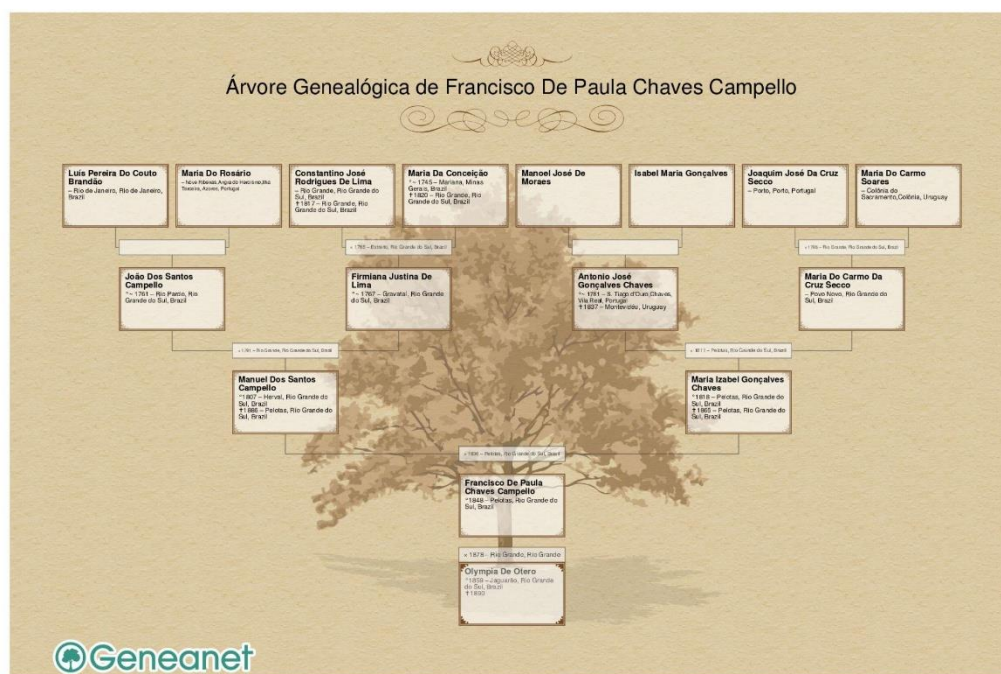
Olympia nasceu em 21 de outubro de 1859, na cidade de Jaguarão e faleceu em 11 de abril de 1890, com apenas 30 anos de idade. Filha de Francisco Antonio de Otero (1820-1904), que nasceu em Ferrol na Espanha, e faleceu em 1904, em Rio Grande, com 83 anos de idade, e de Teresa Choucinho (1827 - 1886), nascida em Coruña na Espanha, e falecida em Rio Grande, com 58 anos no dia 22 de outubro de 1886.

Constam como irmãos de Olympia De Otero: Luis Antonio De Otero, Cícero De Otero, Augusto De Otero, Teresa De Otero Choucinho, Felix De Otero, e Ernesto De Otero. Sendo que este último irmão citado, Ernesto, é também um antigo proprietário de livros doados à Biblioteca Rio-Grandense, e foi anteriormente comentado neste trabalho.

Em 1884 o nome de Francisco de Paula foi dado a uma rua do município do Rio Grande, a rua nomeada não estava aberta, o terreno era ocupado por quintas⁸⁰. Quando virou intendente, em 1914, Francisco retirou seu nome da rua e a renomeou como Rua Silva Paes. Mas por um ato da Câmara dos vereadores da cidade, Francisco passou novamente a nomear uma rua do município. “O Ato n. 1.165, de 15-10-1930, repõe à rua o nome desse benemérito cidadão. Por ocasião da passagem do bicentenário da fundação do Presídio do Rio Grande (1937), foi dado à rua Uruguaiana o nome de Avenida Silva Pais.” (TORRES, 2019)

Foi nomeado por Borges de Medeiros como Intendente da cidade do Rio Grande, de forma provisória, em 1913, e nos anos de 1916 e 1920 foi reeleito como vice do Intendente Alfredo Soares Nascimento. Tomou posse como diretor da Associação Comercial de Rio Grande, atualmente Câmara do Comércio, entre os anos de 1912 e 1920. Na figura 50 podemos observar a árvore genealógica de Francisco Campello.

Figura 50 - Árvore Genealógica de Francisco de Paula Chaves Campello - Ascendentes e Descendentes



Fonte: Geneanet (2023).

Destaca-se que o texto da obra pesquisada está disponível em 14 línguas diferentes.

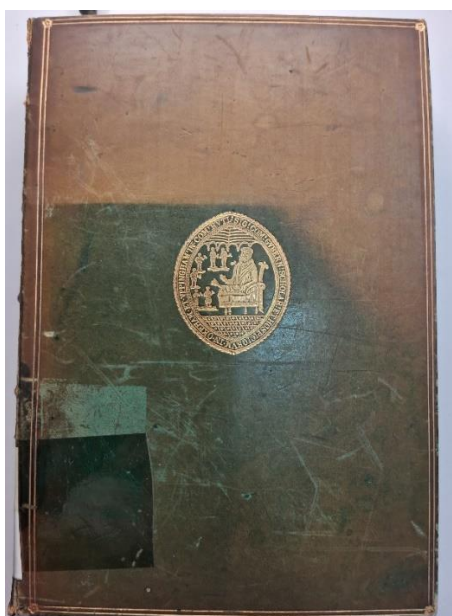
⁸⁰ Quinta é como são chamadas as propriedades rurais de grandes dimensões em Portugal e em outros países lusófonos, normalmente com uma casa de habitação. O termo pode ser usado para uma grande propriedade ou herdade.

Expõem-se no item a seguir os dados de proveniência coletados na obra “*The naturalist on the the river Amazons*”.

8.7 Obra “*The naturalist on the river Amazons*” (1892)

O livro “*The naturalista on the river Amazons*” de Henry Walter Bates, foi publicado em Londres por John Murray, com trezentas e noventa e cinco páginas e é ilustrado. Descortina-se na figura 51 a encadernação e o *supra libros* da obra pesquisada.

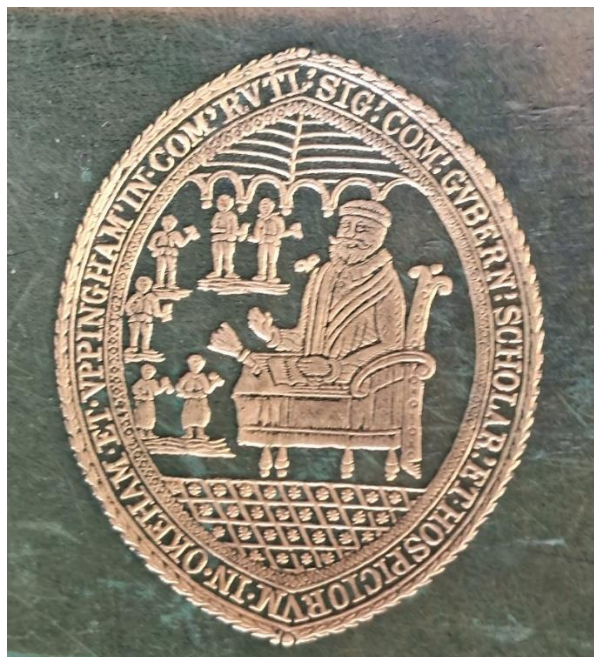
Figura 51- Encadernação da obra “*The naturalist on the river Amazons*”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível notar na encadernação da obra manchas causadas pela cola das etiquetas utilizadas durante o processo de catalogação, e manchas causadas pela ação do tempo, talvez pelo efeito de raios solares, a encadernação é em tom de verde, com douração, e ao centro apresenta um *supra libros* dourado. A figura 52 apresenta o *supra libros* da *Uppingham School* encontrado na encadernação da obra pesquisada.

Figura 52 - Supra Libros da Uppingham School na obra “The naturalist on the river Amazons”.

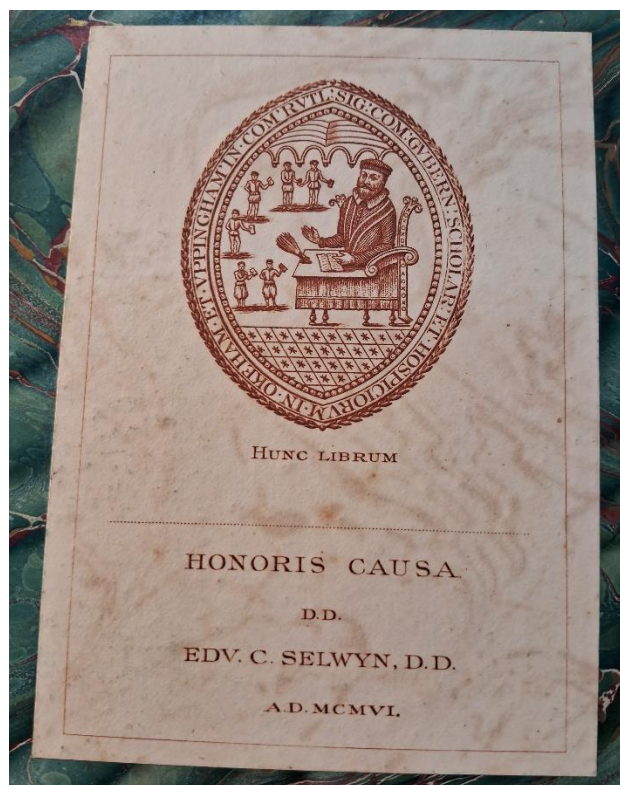


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O *supra libros* apresentado acima, em cor dourada, manifesta-se em formato oval, circundado por uma folhagem delicada. Ao centro observa-se a imagem de um homem, de barba, sentado em uma poltrona, com uma pequena mesa a frente. Na mesa, uma pena e papel, talvez um livro. Ao fundo distingue-se a imagem de homens em tamanho reduzido.

Apresenta-se na figura 53 o ex-líbris de premiação encontrado na obra pesquisada.

Figura 53 - Ex-líbris da Uppingham School.



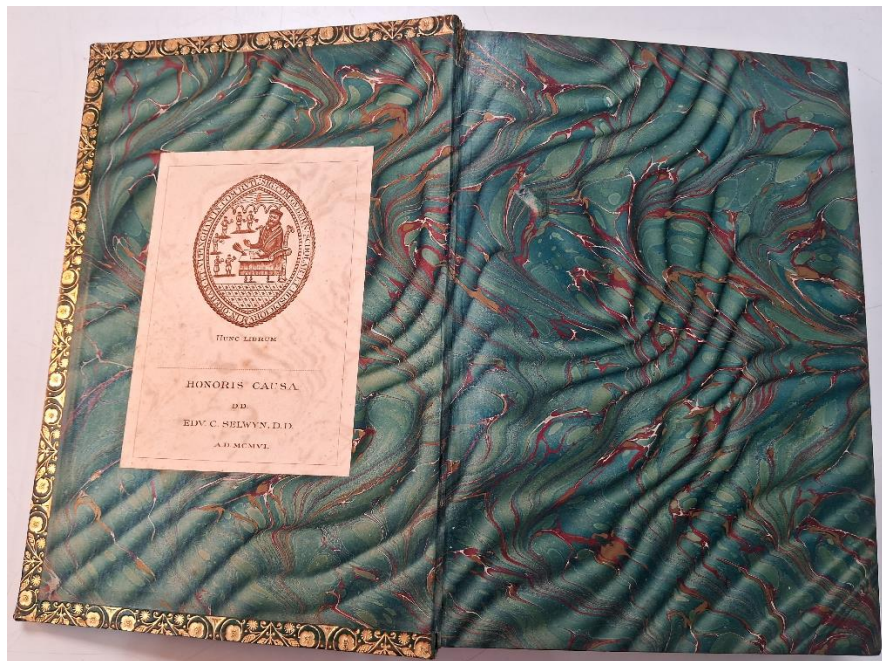
Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O ex-líbris de premiação apresentado acima pertence a Uppingham School, ao centro percebe-se o emblema da escola, logo abaixo a inscrição em latim “HUNC LIBRUM”, em português “ESTE LIVRO”. Em seguida aparece uma linha em branco, onde deveria conter o nome manuscrito do proprietário do livro, da pessoa que ganhou o livro como um presente, provavelmente por ser um aluno ou personalidade de destaque.

Logo abaixo da linha em branco temos a inscrição “HONORIS CAUSA” // D.D. // EDV. C. SELWYN, D. D. // A.D. MCMVI.”. “A.D.”, (Anno Domini, ou Ano do Senhor); MCMVI (1906)

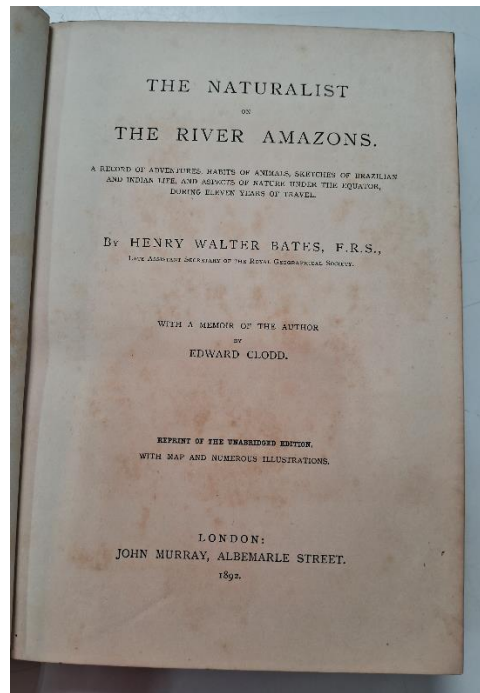
Avista-se na figura 54 o ex-líbris e a folha de guarda presentes na obra “*The naturalist on the river Amazons*”.

Figura 54 - Folha de guarda e ex-líbris da obra “The naturalist on the river Amazons”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

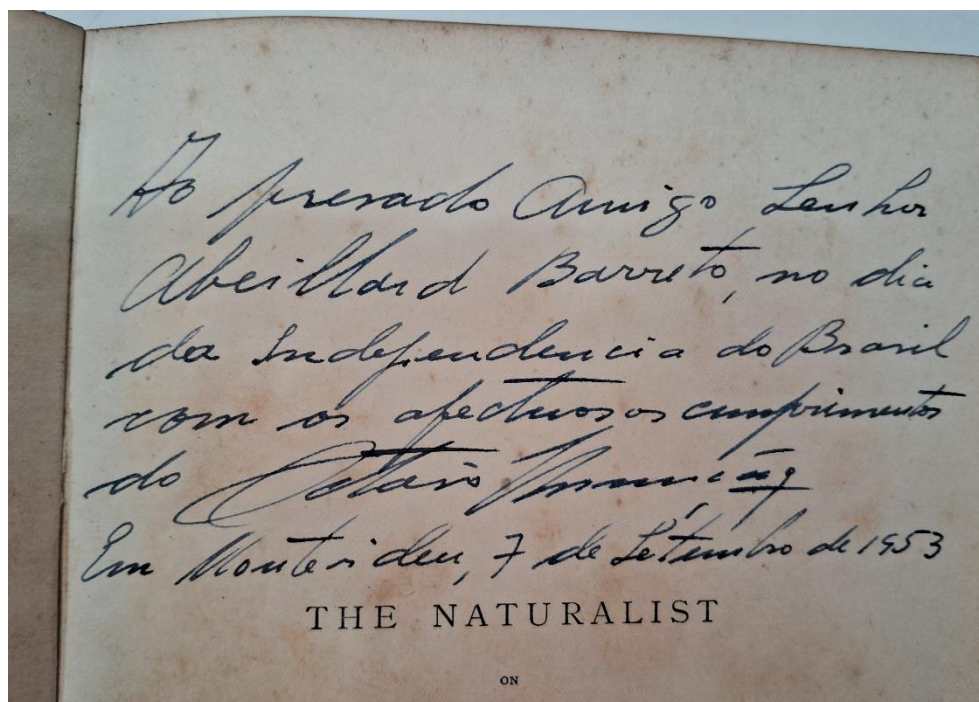
A folha de guarda apresentada acima é feita em marmoreio, em tons de verde, vermelho e bege, a borda lateral da guarda douração, e anexo no centro encontra-se o ex-líbris de premiação da Uppinghan School. A figura 55 apresenta a folha de rosto da obra “*The naturalist on the river Amazons*”.

Figura 55 - Folha de roto da obra “*The naturalist on the river Amazons*”.

Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 56 observa-se a dedicatória encontrada na falsa folha de rosto na obra “*The naturalist on the river Amazons*”, obra está oferecida ao ilustre Abeillard Barreto.

Figura 56 - Dedicatória na obra “The naturalist on the river Amazons”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Bibliotheca Rio-Grandense.

A dedicatória acima, foi escrita de forma manuscrita, a caneta, com tinta azul, e revela a seguinte inscrição: “Ao presado amigo Senhor // Abeillard Barreto, no dia // da Independencia do Brasil // com os afetuosos cumprimentos // do Otavio Assunção. // Em Montevideo, 7 de setembro de 1953”.

A seguir aprecia-se as informações coletadas sobre o proprietário de algumas obras encontradas na Biblioteca, Abeillard Barreto.

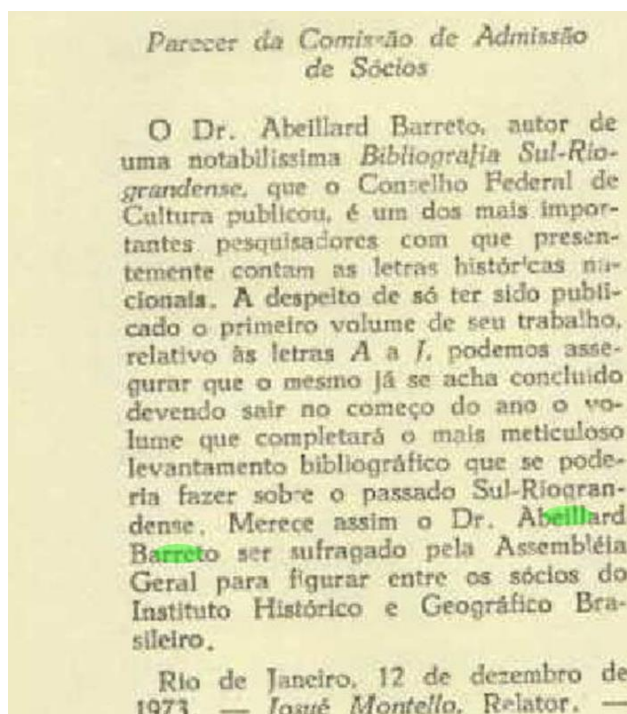
8.7.1 Abeillard Barreto

Abeillard Vaz Dias Barreto nasceu em Rio Grande, em 20 de junho de 1908, era filho de Honorina Vaz Dias Barreto e de Antonio Joaquim Barreto. Teve duas filhas, uma casou-se na Argentina, e outra no Uruguai, tendo netos tantos argentinos quanto uruguaios. Foi um escritor brasileiro, bibliófilo, historiador e bancário, considerado um grande autodidata entre os pensadores e historiadores da época colaborou em revistas e jornais, além de publicar diversos prefácios em coletâneas de documentos.

Trabalhou como funcionário do Banco do Brasil entre os anos de 1926 e 1958, operando como gerente nas filiais de Rio Grande, Porto Alegre e Montevideo. Nesta instituição bancária atuou como contador da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, que era utilizada pelos produtores rurais para o financiamento da lavoura de trigo. (JORNAL DO DIA, 1947-1966)

Foi membro da Academia de História da Marinha de Portugal, do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, e do, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na imagem 57 pode-se ler o parecer da Comissão de Admissão de Sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre a indicação de Barreto para a vaga de sócio. (WIKIPÉDIA, 2023k)

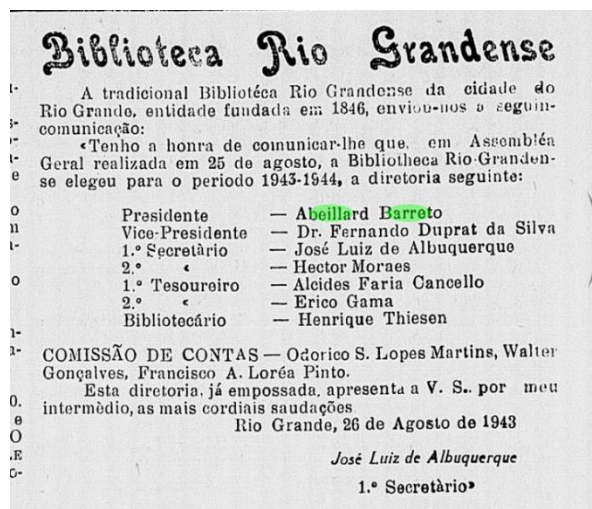
Figura 57 - Parecer da Comissão de Admissão de Sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brazil. (1959)

Em assembleia realizada na Biblioteca Rio-grandense em 1943, foi empossado como presidente da instituição, tendo como vice-presidente Doutor Fernando Duprat da Silva. Esteve à frente da instituição por muitos anos, e como uma forma de homenagem a Abeillard a Biblioteca Rio-grandense inaugurou a sala “Abeillard Barreto”, nesta sala estão armazenadas as obras que pertenciam ao historiador e que foram doadas a Biblioteca, como era sua vontade. No Centro Municipal de Cultura do município também foi inaugurada uma sala com seu nome. Na figura 58 olha-se a nomeação de Abeillard Barreto publicada no jornal “A Época”.

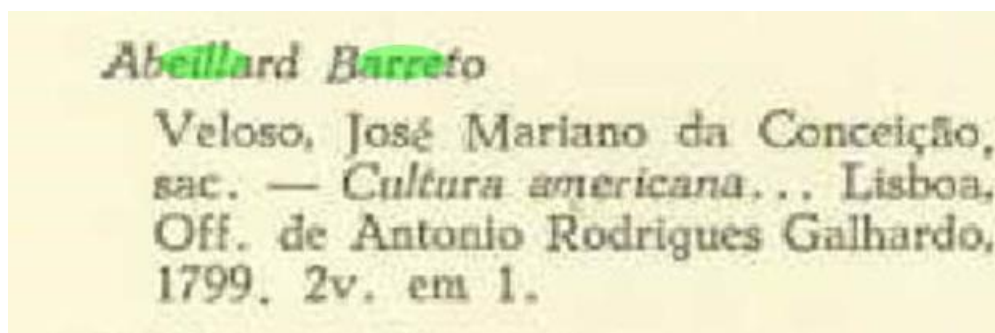
Figura 58 - Nomeação de Abeillard Barreto como presidente da Biblioteca Rio-grandense



Fonte: A Época: jornal da mocidade em prol das aspirações coletivas (1943)

Em vida Barreto doou livros para algumas instituições, além das obras doadas para a Biblioteca Rio-grandense, doou também para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Na figura 59 avista-se uma das obras doadas por esse proprietário.

Figura 59 - Doação de Barreto ao Histórico e Geográfico Brasileiro.



Fonte: Revista do Histórico e Geográfico Brasileiro. (1974)

Como escritor publicou as obras: Conferências publicadas no 2º volume dos “Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da restauração do Rio Grande 1776-1976”, 1979, As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul; Fontes para o estudo da história da ocupação espanhola do Rio Grande do Sul 1763-1777; A ocupação espanhola do Rio Grande de São Pedro; A expulsão dos espanhóis do Rio Grande de São Pedro; No 2º volume, Tomo II, “História Naval Brasileira”, A expedição de Silva Paes e o Rio Grande de São Pedro; Tentativas espanholas de domínio do sul do Brasil 1741-1774; A opção portuguesa: restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento 1774 – 1777. Além das obra já citadas foi autor

de: A expedição de Silva Paes e o Rio Grande de São; A Colônia do Sacramento – aspectos da fundação e defesa; Os primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul; Aspectos políticos da Fundação do Rio Grande; Os Sete Povos das Missões e o Padre José Cardiel – ensaio histórico – 1946; Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul até 1900 – 1962; Bibliografia Sulriograndense – a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul, 2 volumes, 1973 e 1976.

Depois de aposentado mudou-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu em 3 de novembro de 1983. Na figura 60, observa-se uma nota de pesar sobre o falecimento de Barreto.

Figura 60 - Nota de pesar de Abeillard Barreto.



Fonte: Revista do Histórico e Geográfico Brasileiro. (1983)

No item a seguir apresenta-se as informações referentes a Uppingham School.

8.7.2 Uppingham School

A *Uppingham School* foi fundada em 1584 por Robert Johnson, o arqui-diácono de Leicester, que fundou também a Oakham School. A Uppingham fica localizada em Uppingham,

Rutland, Inglaterra, é uma escola pública⁸¹ que funciona como *day school*⁸² e como internato, atende a meninos maiores, entre os treze e os dezoito anos. É uma escola com tradição musical, e possui a maior área para jogos de todas as escolas da Inglaterra.

Originalmente a Uppingham foi fundada como um hospital, ou asilo. O edifício original do hospital está anexado a biblioteca escolar atualmente. A escola permaneceu pequenas nos séculos XVII, XVIII e início do XIX, possuía apenas dois funcionários, e em torno de trinta a sessenta alunos.

Seus alunos frequentemente conseguiam ganhar bolsas de estudos e vagas nas principais universidades, como a Universidade de Cambridge e a Universidade de Oxford. Teve como primeiro aluno registrado foi Henry Ferne⁸³, de York, que assumiu o posto de capelão de Carlos I⁸⁴, outro estudante de destaque, que foi um dos mártires da Conspiração Papista⁸⁵, foi o jesuíta Anthony Turner.

Com o passar dos anos a escola prosperou, várias implementações realizadas tornaram-se permanentes, por exemplo, por volta de 1800 a escola tornou-se um internato completo, e cada aluno possuía um planejamento próprio de estudos. O teatro escolar apresentou sua

⁸¹ Na Inglaterra e no País de Gales, uma escola pública é um tipo de escola privada cobrada originalmente para meninos mais velhos. São "públicos" no sentido de estarem abertos aos alunos, independentemente da localidade, denominação ou comércio ou profissão paterna, nem são geridos com fins lucrativos por um proprietário privado. (WIKIPEDIA, 2023g)

⁸² Uma escola diurna – ao contrário de um internato – é uma instituição educacional onde as crianças recebem instrução durante o dia, após o qual os alunos retornam para suas casas. Uma escola diurna tem programas de período integral quando comparada a uma escola regular, que pode terminar mais cedo e exigir programas extracurriculares adicionais para alunos com pais que trabalham. Geralmente também oferece almoços supervisionados, exigidos para pais que trabalham em locais onde as crianças devem voltar para casa ao meio-dia para comer com suas famílias. (WIKIPEDIA, 2023g)

⁸³ Ferne nasceu em Iorque. Ele foi educado na Uppingham School, para onde foi enviado por Sir Thomas Nevill de Holt, que se casou com sua mãe. Ele foi admitido no St Mary Hall, Oxford, em 1618, e no Trinity College, Cambridge, em 1620. Graduou-se como bacharel em 1623 e foi eleito membro em 1624. Ele recebeu um DD em Cambridge em 1642. Tornou-se Capelão Extraordinário de Carlos I; Mestre do Trinity College, Cambridge, de 1660 a 1662; Reitor de Ely, cerca de 1662; Bispo de Chester, fevereiro de 1662, e morreu em Chester cinco semanas após sua consagração, em 16 de março. (WIKIPEDIA, 2023j)

⁸⁴ Carlos I (19 de novembro de 1600 - 30 de janeiro de 1649) foi rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda de 27 de março de 1625 até sua execução em 1649.

⁸⁵ A Conspiração Papista foi uma conspiração fictícia inventada por Titus Oates que entre 1678 e 1681 tomou conta dos reinos da Inglaterra e da Escócia em uma histeria anticatólica. Oates alegou que houve uma extensa conspiração católica para assassinar Carlos II, acusações que levaram à execução de pelo menos 22 homens e precipitaram a crise do projeto de lei de exclusão. Durante este período tumultuado, Oates teceu uma intrincada teia de acusações, alimentando o medo e a paranoia do público. No entanto, com o passar do tempo, a falta de provas substanciais e as inconsistências no depoimento de Oates começaram a desvendar a trama. Eventualmente, o próprio Oates foi preso e condenado por perjúrio, expondo a natureza fabricada da conspiração. (WIKIPEDIA, 2023i)

primeira peça em 1794, e desde 1815 o jogo de críquete é a principal recreação da instituição desde os séculos passados.

Em 1876 sobre a direção de Edward Thring a escola alcançou os trezentos alunos e trinta funcionários. Edward estimulava um ensino diferenciado e oferecia na grade de estudos disciplinas como, música, arte, história, carpintaria, ciências, francês e alemão. Enquanto administrador ele mandou construir um pavilhão desportivo e uma piscina aquecida coberta, entre outros edifícios e uma capela em estilo gótico.

Posteriormente a grande guerra, novos esportes começaram a ser acrescentados no currículo escolar, basquete, tênis, esgrima, badminton, vela, golfe, futebol, atletismo, Rugby, natação, hóquei e tiro. Em 1960 a escola tinha mais de seiscentos alunos. E em 1973 foi permitido que a primeira menina ingressasse na escola, é o que se observa na citação abaixo.

Em 1973, a primeira menina frequentou Uppingham, como day-girl; com mais algumas adicionadas em 1974. Então, em 1975, foi inaugurada a primeira casa para meninas do sexto ano, Fairfield, com seu número total de 50 meninas alcançado em 1976. Este empreendimento teve tanto sucesso que em 1986 uma segunda casa para meninas, Johnson's, estava aberto; e em 1994 a Lodge House (antiga casa dos meninos) foi convertida na terceira casa das meninas. Em 2001, as primeiras meninas de 13 anos entraram na escola, com a abertura de uma nova casa, a Samworths, a primeira casa para meninas de 13 a 18 anos; seguido em 2002 pela conversão de Fairfield em uma segunda casa para meninas de 13 a 18 anos e outra nova casa, New House, inaugurada em 2004. (WIKIPEDIA, 2023o)

Thring foi o diretor mais conhecido da escola, exerceu a função de 1853 até 1887, muitas das transformações desenvolvidas por ele nos currículos escolares adotados pela escola foram amplamente aderidos por muitas escolas públicas pela Inglaterra. Sendo que alguns dos estudos defendidos sobreviveram até hoje, embora não sejam mais aplicados como didática de ensino atualmente. Alguns dos prédios que pertencem a instituição centenária são considerados “edifícios classificados”, porque sua arquitetura levanta interesse histórico, recebendo desta forma uma proteção especial.

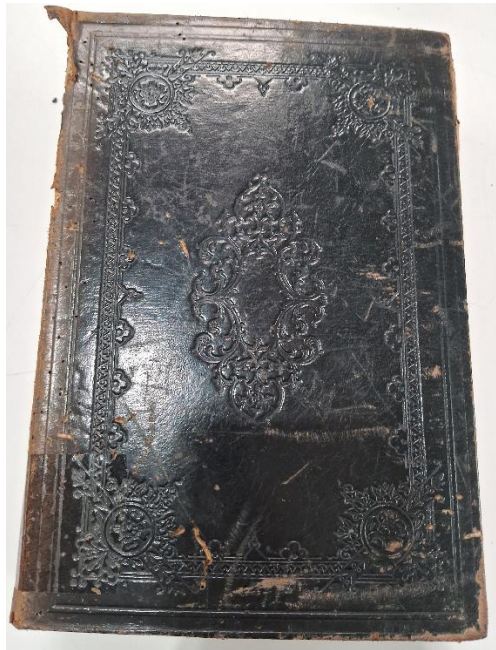
Existem nove pensões para meninos: as “Hill Houses”, Brooklands, Fircroft e Highfield (1863); as “Casas Urbanas”, School House, Lorne House, West Deyne (1859) e West Bank (1866); e as “Casas de Campo”, Meadhurst e Farleigh. Para as meninas estão disponíveis seis pensões: Johnson's, The Lodge, Fairfield, New House, Constables e Samworths'.

Na próxima alínea serão tratados os dados de proveniência coletados na obra “A Bíblia Sagrada”.

8.8 Obra “A Bíblia Sagrada” (1895)

Este exemplar da Bíblia em português, “A Bíblia Sagrada”, foi publicado pelos impressores Barata & Sanches, em Lisboa, com 317 páginas, em 1895. A encadernação da obra pesquisada é inserida na figura 61.

Figura 61 - Encadernação da obra “A Bíblia Sagrada”.

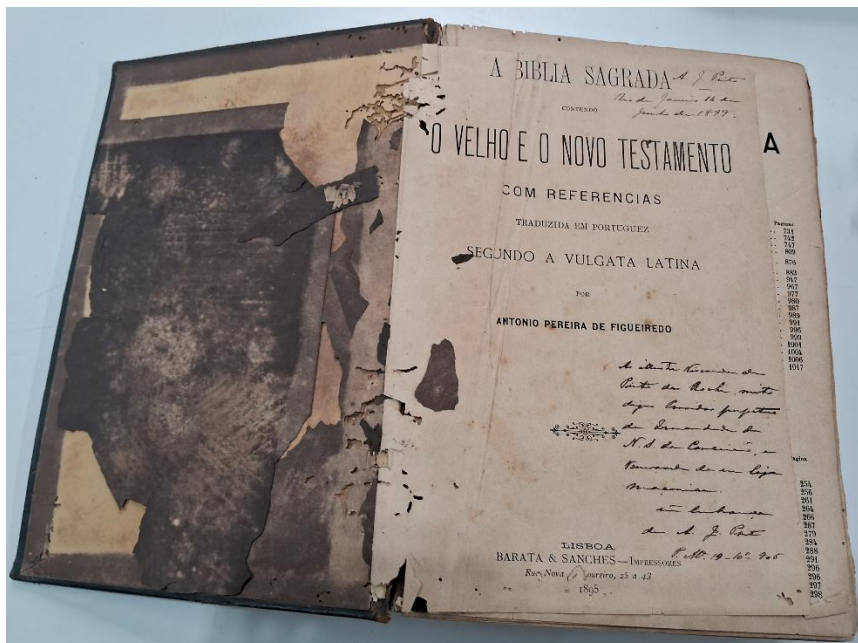


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação exposta acima é do tipo gofrada, feita em couro marrom. Nota-se desgaste na lombada e nas bordas deste exemplar.

Na imagem 62 descortina-se a folha de rosto do livro “A Bíblia Sagrada”, e as anotações manuscritas que nela se encontram.

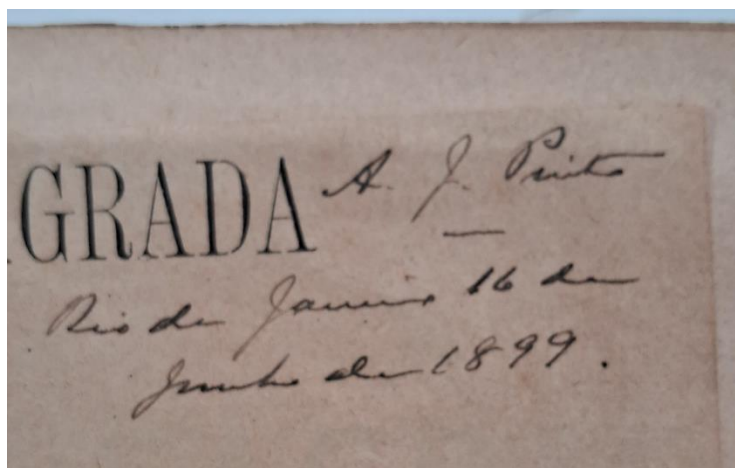
Figura 62 - Folha de rosto da obra “A Bíblia Sagrada”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nota-se na figura 63 uma das anotações manuscrita coletadas no espécime pesquisado.

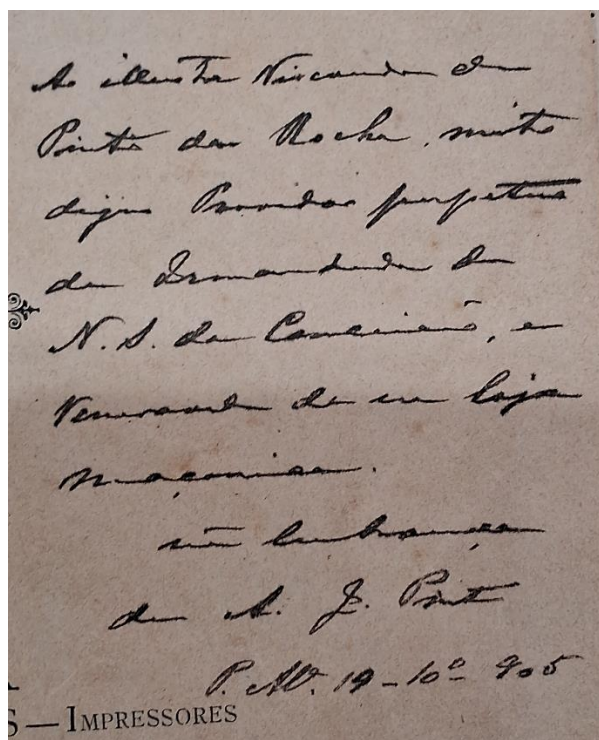
Figura 63 - Anotação manuscrita na obra “A Bíblia Sagrada”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nesta anotação manuscrita, escrita com tinta preta, foi possível identificar a seguinte inscrição: “A. J. Pinto // Rio de Janeiro 16 de // junho de 1899.” Identifica-se na figura 64 nova anotação manuscrita coletada durante a pesquisa.

Figura 64 - Dedicatória ao Visconde de Pinto da Rocha na obra “A Bíblia Sagrada”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem acima consta a seguinte inscrição: “Ao illustre Visconde de| Pinto da Rocha, muito| digno Provedor perpetuo| da Irmandade da| Nossa Senhora da Conceição, e| veneravel de sua loja| Maçonica. | [†] lembrança| de A. J. Pinto | Porto Alegre 19 - Dezembro – 905”

No próximo item apresenta-se informações sobre o proprietário Visconde de Pinto da Rocha.

8.8.1 Antonio Joaquim Pinto da Rocha ou Visconde de Pinto da Rocha

Antonio Joaquim Pinto da Rocha nasceu em 24 de novembro de 1835 (terça-feira), em Chaves, Vila Real, Portugal, e faleceu em 29 de novembro de 1916 (quarta-feira), na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, aos 81 anos. Com seus pais, na adolescência, foi morar na cidade de Braga, onde passou a trabalhar no comércio. Posteriormente pelas mãos do Rei Dom Luis I foi nomeado Comendador da Ordem Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Migrou para o Rio de Janeiro com Cândido e Eduardo, seus irmãos, onde exercia atividades de importação e exportação. Mais tarde, por conta de suas transações comerciais transferiu-se para Pelotas, onde conheceu sua esposa Constança Pinheiro da Cunha (1839-1882), que era filha de Joaquina Bernardes de Souza e de Américo Pinheiro da Cunha. Com sua esposa teve dois filhos, Arthur Pinto da Rocha e Izabel Pinto da Rocha.

Mudou-se novamente em 1864, e passou a morar em Rio Grande por conta da logística portuária necessária para agenciar exportações e importações. No município de Rio Grande esteve à frente de diversas empresas industriais, era acionista da “Empresa de Navegação Sul Rio-Grandense” (1906), da “Companhia de Charutos Pook” (1912), e da “Sociedade Industrial Mobiliária” (1913), foi um dos sócios fundadores da “Companhia de Conservas Rio-Grandense” (1911), e do Banco da Província do Rio Grande do Sul, instalando no Rio de Janeiro uma filial do Banco da Província (1908), atuou ainda como presidente da “Associação dos empregados no Comercio do Rio Grande” (1906), e do Conselho Municipal (1906 e 1908). (A FEDERAÇÃO, 1884-1937).

O Visconde era católico, e ajudou a erguer a Igreja Nossa Senhora da Conceição, tornando-se “Juiz Perpétuo da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição”. No Balneário Cassino auxiliou na construção da Capela Jesus, Maria e José (1904). Foi empossado como “Imperador Festeiro” na Festa do Divino (1906), atuando ainda como administrador da Sociedade Auxiliadora Rio Grande (1906). Tornou-se uma figura ilustre na colônia portuguesa, nomeando entidades filantrópicas. Era, ainda, monarquista e integrou a “Liga Monárquica Dom Manuel II”.

Conforme relato de integrantes de lojas maçônicas do sul do país consultados por esta pesquisadora:

Antonio Joaquim Pinto da Rocha Venerável Mestre da Loja União Constante em 1874, esteve na então Villa de Santa Vitória do Palmar em 24 de junho de 1874 liderando uma comitiva de Irmãos (maçons) que se deslocaram de barco pela Lagoa Mirim, ele representando então o Grão Mestre Joaquim Saldanha Marinho na inauguração do Templo da Loja Indivisível⁸⁶, onde hoje está a sede da loja Acácia Vitoriense. Aqui ficou três dias durante essas festividades e elaborado um relatório que foi muito elogiado por ser muito minuciosa e do qual tenho conhecimento. (VIAN; CARRASCO; TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2023)⁸⁷

No capítulo seguinte apresenta-se o proprietário A.J. Pinto.

8.8.2 A. J. Pinto

Não foi possível encontrar a princípio nenhuma informação relevante sobre o proprietário A.J. Pinto.

⁸⁶ O Venerável da Loja Indivisível era o Caríssimo Irmão Nicolau Rodrigues de Lima que era tenente Coronel que aqui veio como Comandante de uma Guarnição de Fronteira.

⁸⁷ Informação coletada por esta pesquisadora, de forma direta, por intermédio de seu pai, Ivalino Vian, com seus tios maçons, Rubens de Ávila Carrasco; Marcelo Teixeira; José Cláudio Teixeira.

Apresenta-se no item a seguir os dados coletados na obra “Exploração no Norte do Mato Grosso”.

8.9 Obra “Exploração no Norte de Mato Grosso” (1898)

Este livro foi publicado em 1898 por Nicoláo Badariotti, em São Paulo pela Tipografia salesiana, com 212 páginas. Logo abaixo na figura 65 apresenta-se a encadernação do espécime pesquisado.

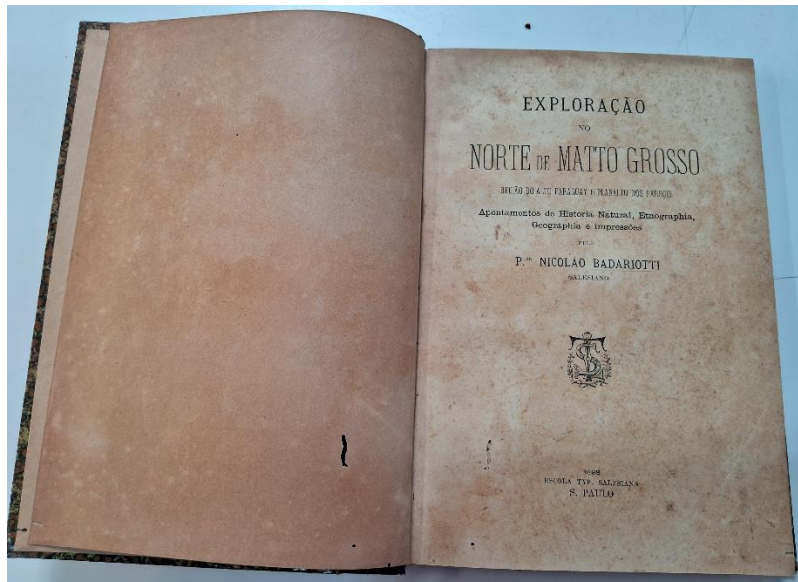
Figura 65 - Encadernação da obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nota-se que a encadernação acima foi feita em marmoreio em tons terrosos, bege e marrom, com a lombada em couro preto. A parte superior da capa frontal apresenta desbotamento e desgaste. Já a figura 66 retrata a folha de rosto do livro estudado.

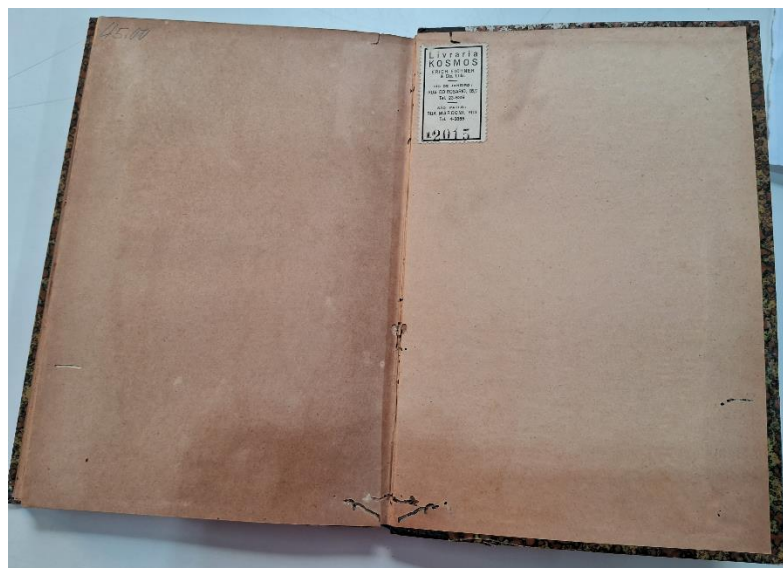
Figura 66 - Folha de rosto da obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 67 exposta abaixo é possível identifica a etiqueta da Livraria Kosmos anexada na obra.

Figura 67 - Guarda e etiqueta de livreiro na obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nota-se anexada no canto superior da guarda uma etiqueta de livraria. Identifica-se na figura 68 logo abaixo a etiqueta deste estabelecimento, a Livraria Kosmos.

Figura 68 - Etiqueta da Livraria Kosmos na obra “Exploração no Norte de Mato Grosso”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

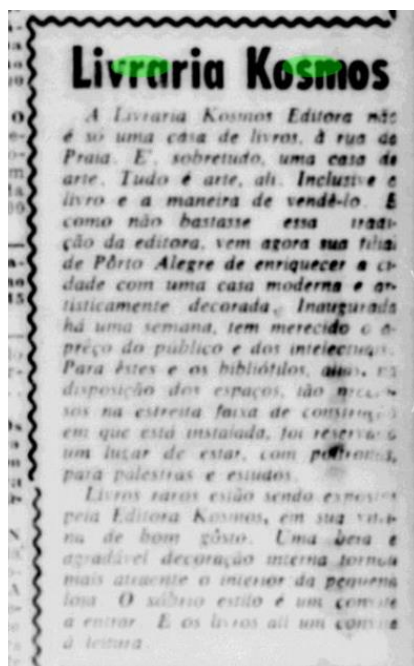
A etiqueta da Livraria é retangular, tem um fundo branco, com letras e bordas na cor preta e apresenta a seguinte inscrição: “Livraria // KOSMOS // ERICH EICHNER // & Cia. Ltda. // RIO DE JANEIRO: // RUA DO ROSARIO, 135/7 // Tel. 23-6319 // SÃO PAULO: // RUA MARCONI, 91/3 // Tel. 4-3855 // N° 2015”.

No próximo parágrafo apresenta-se as informações coletadas sobre a Livraria Kosmos.

8.9.1 Livraria Kosmos

A Livraria e editora Kosmos (atualmente Livraria Rio Antigo) foi fundada em 1935 ou 1936, com sede no município do Rio de Janeiro, e possuía duas filiais, uma em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e outra na cidade de São Paulo, por iniciativa dos imigrantes Erich Eichner e Nobert Geyer Hahn. A imagem 69 apresenta um anúncio publicado no Jornal Diário de Notícias (RS) sobre a inauguração da filial da Livraria Kosmos na capital gaúcha.

Figura 69 - Anúncio Livraria Kosmos.



Fonte: Diário de Notícias – RS (1956)

Eichner era judeu, naturalizado brasileiro, nasceu em Viena na Áustria, em 1906, e imigrou para o Rio de Janeiro em 1926, onde trabalhou por muitos anos na Livraria Alemã, de onde saiu por conta da expansão do antissemitismo nazista. Theophilo de Andrade em matéria publicada no Jornal do Commercio com o título “Eichner, o alfarrabista” disserta sobre este ilustre livreiro:

Recordo que Erich Eichner, um livreiro que conhecia muito bem seu “*metier*”, fazia questão de chamar-se a si mesmo de alfarrabista. Não era um comerciante comum, pois sua especialidade eram livros antigos, notadamente sobre o Brasil, abrangidos na denominação genérica de “brasiliana”. É uma designação assim como a de judaica, erótica, camiliana, camoniana e outras de igual cunho. (JORNAL DO COMMERCIO, 1974, p. 4)

Inicialmente a livraria se especializou em livros técnicos e científicos, importava muitos livros, principalmente em língua alemã, e realizava a assinatura de revistas de todas as partes do mundo. Possuía um grande acervo de livros de literatura e arte, e constantemente era citada em jornais da época em colunas de arte, como um ótimo local para que os apreciadores das artes pudessem adquirir livros do gênero.

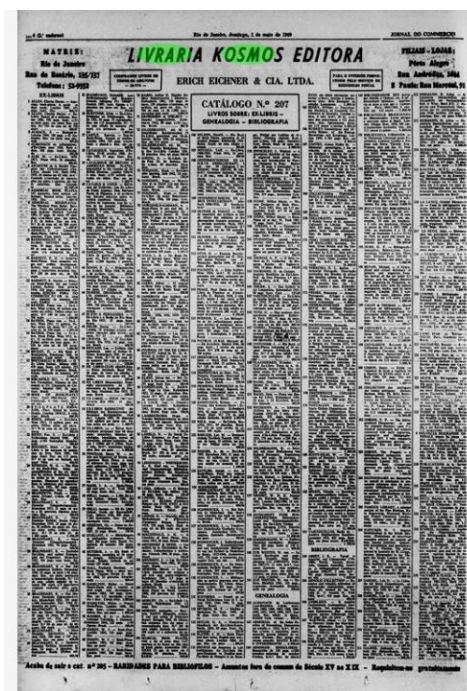
Por conta de suas constantes viagens para a Europa, e com o fim da guerra, Eichner, iniciou o difícil trabalho de importar livros antigos com referências sobre o Brasil, além de livros de gravuras e outros livros originais adquiridos de livreiros europeus e americanos,

angariando assim, milhares de volumes raros que até hoje enriquecem as prateleiras dos colecionadores, dos bibliófilos, das bibliotecas particulares, das bibliotecas públicas, da Biblioteca Nacional do Brasil, e ainda, como comprovamos nesta pesquisa, da Biblioteca Rio-grandense.

Antes da guerra e durante a guerra, com a prática que havia adquirido, elevou o comércio de livros velhos – derrisoriamente chamado entre nós de “sebo” – ao nível de antiquariado. Comprava bibliotecas, selecionava livros e começou a editar catálogos, com a descrição pormenorizada das obras à moda europeia, criando o mercado para as raridades bibliográficas do Brasil. Tendo J. Leite se retirado do comércio, pela pressão da idade, ficou Erich Eichner único na atividade, levando - a às províncias, em duas prósperas filiais, uma em São Paulo e outra em Porto Alegre. Tornou-se a maior autoridade em bibliografia brasileira. (JORNAL DO COMMERCIO, 1974, p. 4)

A Kosmos possuía uma clientela especial, atendia profissionais que buscavam livros especializados em sua área de atuação, recebia pedidos e encomendas seletas de clientes exigentes, como os bibliófilos, os filatelistas e as universidades estrangeiras. Além desse público, de linguagem rebuscada, também acolhia o público menos exigente, como as donas de casa e as costureiras que estavam em busca de “figurinos com moldes”. Despachava encomendas de livros feitas por órgãos públicos, como a Delegacia Fiscal (1951), a aeronáutica e o exército. Observa-se na figura 70 o “Catálogo nº 207”, publicado no jornal em 1960. Este catálogo em específico mostra referências de obras do tipo ex-líbris, genealogia e bibliografia, normalmente livros com essas temáticas são cobiçados por historiadores, colecionadores e bibliófilos.

Figura 70 - Catálogo nº 207, publicado pela Livraria Kosmos.



Fonte: Jornal do Commercio (1960)

A Kosmos tinha por hábito publicar catálogos de livros e anúncios em jornais como uma forma de atrair a clientela. Nota-se na figura 71, localizada abaixo, uma propaganda da livraria, que avisa a seus clientes colecionadores de selos, os filatelistas, o recebimento de selos suíços, editados em 1947, em volume encadernado.

Figura 71 - Anúncio para os filatelistas.



Fonte: Correio da Manhã (1947)

Em virtude do falecimento de Eichner, é possível observar a notícia publicada no Jornal do Commercio (1974):

Pois esse alfarrabista ilustre, que ligou o seu nome ao antiquariado de livros e a quem o Brasil deve algumas edições primorosas, acaba de falecer, minado por uma doença insidiosa, como dizem a crônicas dos jornais aos 68 anos, pois era de 1906. Pessoalmente, era um homem agradável de boa leitura e conhecedor dos problemas do seu tempo. Profissional com espírito de classe, tomou parte na formação dos sindicatos e associações de livreiros, às quais filiou a sua organização, pioneira no comércio de livros antigos e raros. Mas o eu mérito para a comunidade consistiu em dar nobreza ao antiquariado do livro e haver canalizado para o Brasil milhares de obras que andavam dispersas pelas livrarias do mundo, e que aqui deveriam juntar-se, como testemunhos que são do nosso passado e da nossa cultura. (JORNAL DO COMMERCIO, 1974, p. 4)

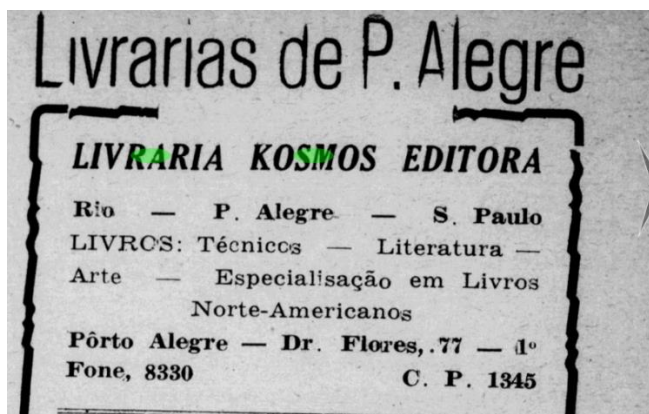
Margarete Cardoso aos dezenove anos, em 1960, conseguiu seu primeiro emprego na Livraria Kosmos, e logo começou a trabalhar com o proprietário, o senhor Eichner, no início aprendeu com ele tudo o que se relacionava com as pesquisas bibliográficas e sobre a catalogação dos livros, para posteriormente atender ao público. Cinquenta anos depois ela tornou-se a proprietária da Livraria Rio Antigo (antiga Kosmos), e como livreira concedeu uma entrevista para a Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro comentando sobre a época em que trabalhava na Kosmos.

A Livraria Kosmos (atual Rio Antigo) foi fundada em 1935. Eu estou aqui desde 1960. A Kosmos não acabou propriamente. É que o atual proprietário, morava em São Paulo e tinha negócios na Europa. Ele achou que não iria conseguir gerenciar tudo. Preferiu ficar só com a parte de livros novos, e perguntou se eu não queria ficar com a parte de livros antigos. Eu disse: “tudo bem, fico”. Mas vi que sozinha não iria conseguir manejar tudo. Então, primeiro tive alguns sócios que depois, por um motivo ou por outro saíram. Agora estou com a Amélia. Estamos carregando juntas. Depois de sair daqui a Kosmos continuou no Rio em uma sala pequena na rua Uruguaiana, só com livros novos, técnicos e científicos. Agora está em São Paulo. Antigamente, no início, a Kosmos era a livraria especializada em livros técnicos e científicos. Inclusive tinha muito livro em alemão também, se importava muito livro. Mas as coisas começaram a mudar. Começaram a abrir outras livrarias e foi ficando cada vez mais difícil. Infelizmente. Tenho muita pena, porque afinal de contas eu fui da Kosmos também. Os donos eram austríacos. Um era austríaco e o outro da Hungria, mas quando a Hungria ainda fazia parte do império Austro Húngaro. Então a educação e instrução dele era toda da parte alemã mesmo. A Kosmos não tinha nenhuma concorrente. Durante longos anos ela foi muito forte porque tinha tanto a parte de técnicos, científicos, quanto uma parte muito grande de arte, de literatura e de livros importados. Me recordo que quando comecei, em 1960, o governo dava um dólar especial para a importação de livros. O dólar passava a ser mais barato que o dólar oficial. Então, realmente, a facilidade era grande. As editoras nos davam um bom desconto e além do mais, se a gente pedisse 12 livros de um determinado título, a gente ganhava um de graça. Dúzia de treze, como a gente chamava. E com o tempo todas essas facilidades foram acabando. Também o

que dificultou muito foi o porte, o envio que encareceu muito. Muita gente reclamava na época que dólar livro era mais caro que o dólar oficial porque nós tínhamos de embutir todas as despesas de porte. Eles cobravam a postagem, o empacotamento, o seguro. Aqui no Brasil a gente tinha de pagar a pessoa que retirava os livros. E também tínhamos de pagar uma taxa na hora de fazer o pagamento no banco. Então, tudo isso subia muito o preço. Em geral os livros vinham da Alemanha, França e Estados Unidos. As grandes editoras científicas e técnicas eram americanas. Depois da Guerra as americanas entraram firme e forte. Porque inclusive durante a Guerra já era mais difícil trazer livros da Europa. E foi aí que surgiu essa parte do livro raro e do livro usado porque a gente comprava aqui mesmo muitas bibliotecas de livros estrangeiros. Era mais difícil publicar durante a Guerra. Aquela editora Americ Editeur era uma editora francesa que publicava aqui no Brasil, porque durante a Guerra não podia, principalmente quando os alemães estavam lá. No início foi muito fácil; já tive livros que eu sei que nunca mais vão passar pelas minhas mãos. Eu me lembro que havia dois clientes nossos, um eu vou até citar o nome, porque não tem problema, o Álvaro Cotrim, que foi correspondente na França, em Paris, logo depois da guerra, na época do tratado de paz. Ele trouxe raridades de lá a preço de banana. Porque lá eles não tinham nem o que comer, então vendiam livros raríssimos praticamente por qualquer preço. E ele formou basicamente a biblioteca dele lá. Fora da França foi o maior colecionador do Daumier, que ele adorava o caricaturista também. E ele trazia tudo para cá e tinha uma coleção de se tirar o chapéu. A Kosmos praticamente começou com livro novo e livro usado, o que não era muito usual na época. Um dos fundadores da Kosmos, que era o pai dos que depois trabalharam aqui, era um colecionador lá na Áustria. Tinha uma coleção fantástica. Conseguiu trazer para cá e aí resolveu aos pouquinhos ir se desfazendo. Isso foi realmente o cerne da coisa. Também começaram a comprar aqui. Gente que queria vender livro usado. Muitos alemães aqui que durante a guerra também passaram necessidade. Na Europa o mercado de livro usado é uma tradição cultural muito antiga. Você tem por exemplo, gravuras do século XVII, do século XVIII, vendidas não numa livraria como é nos moldes de hoje, mas naqueles bouquinistezinhos. Você já tem gravura mostrando isso. Aqui no Brasil nem se sonhava com esse tipo de coisa. (ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE LIVRARIAS DO RIO DE JANEIRO, 2023)

Na imagem 72 identifica-se algumas das temáticas de livros que eram comercializadas pela Livraria Kosmos.

Figura 72 - Anúncio Livraria Kosmos



Fonte: Letras: livros, radio, artes (1946)

Na imagem 73 consta o anúncio da Livraria Kosmos publicado no Jornal do Commercio no Rio de Janeiro, em 1960, na seção “Indicador das Principais Livrarias”, que indica o endereço da loja matriz e das lojas filiais:

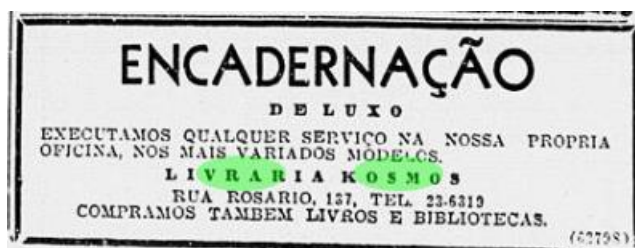
Figura 73 - Anúncio Livraria Kosmos



Fonte: Jornal do Commercio (1960)

É possível perceber no anúncio representado na figura 74 que a Livraria Kosmos também fornecia a seus clientes serviços de encadernação.

Figura 74 - Anúncio Livraria Kosmos



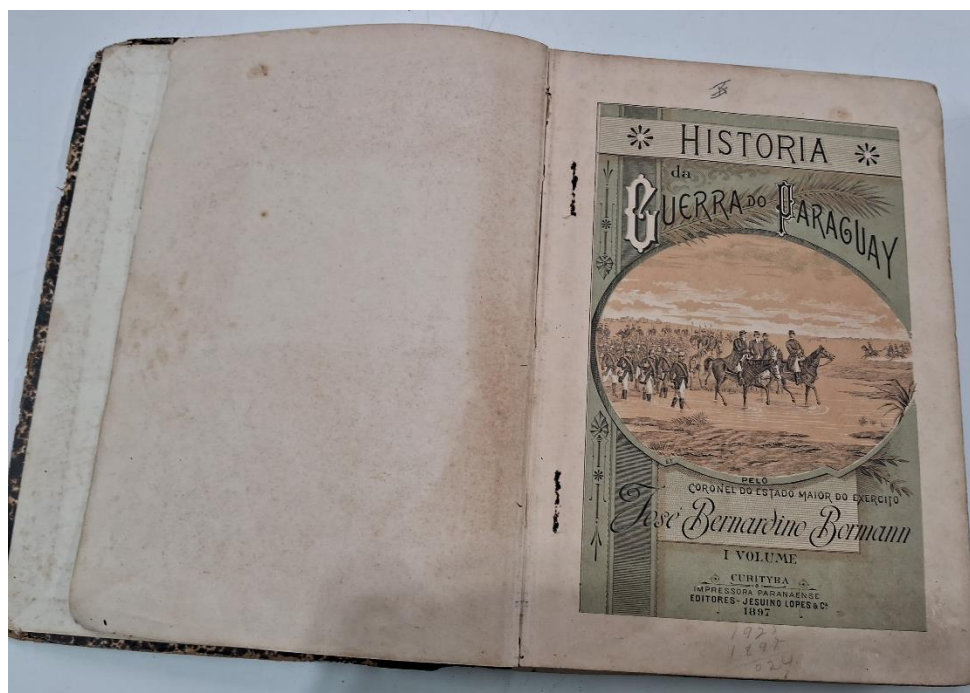
Fonte: Correio da Manhã (1943)

Comtempla-se no capítulo a seguir as informações de proveniência encontradas no primeiro volume do livro “Historia da guerra do Paraguay”.

8.10 Obra “Historia da guerra do Paraguay” v.1 (1897)

O Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann, publicou o livro “Historia da guerra do Paraguay em 1897, em Curitiba, pelas mãos da editora Jesuino Lopes & Cia, e impresso pela Impressora Paranaense, em três volumes. Vê-se logo abaixo na figura 75 a folha de rosto do primeiro volume do livro citado.

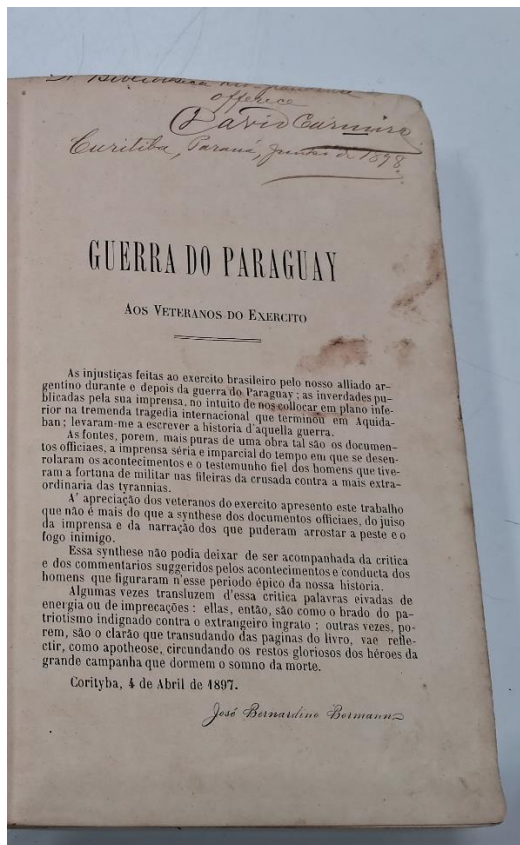
Figura 75 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 1).



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 76, pode-se perceber a localização das anotações manuscritas na obra pesquisada.

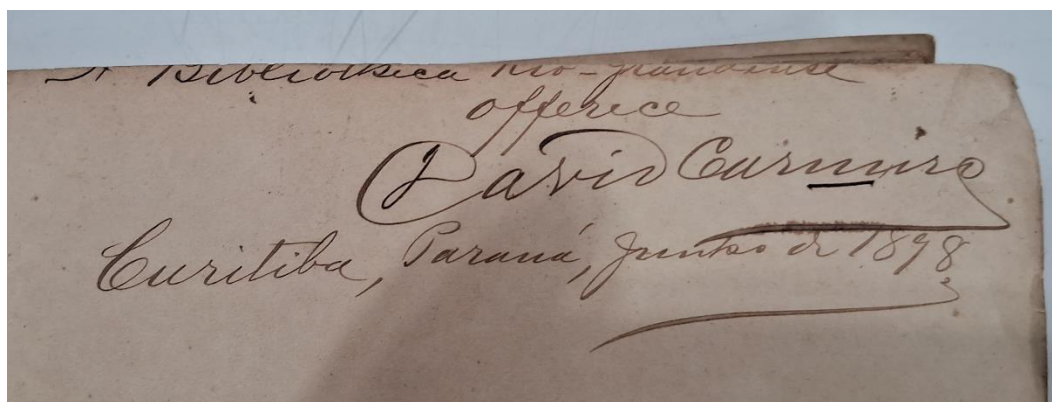
Figura 76 - Anotação na folha de dedicação da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 77 expõe o *Ex dono* detectado na obra em questão.

Figura 77 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1)

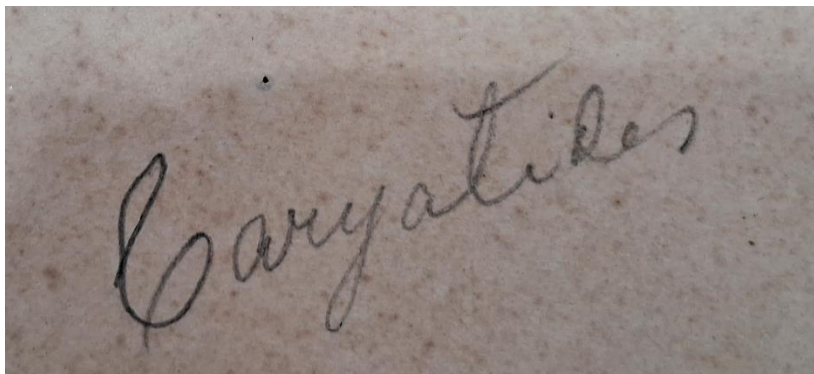


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima revela um *ex dono* manuscrito, com tinta preta, e a inscrição: “A biblioteca Rio-grandense // oferece // Da??? Ca?? // Curitiba, Paraná, junho de 1898.”.

Já a figura 78 apresenta outra anotação manuscrita encontrada no livro.

Figura 78 - Anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.1)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

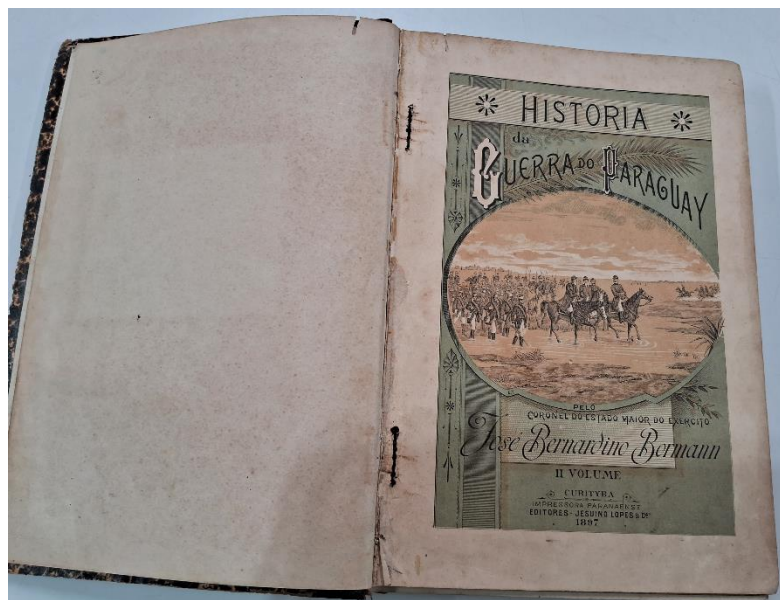
Lê-se na imagem acima, escrita a lápis, o seguinte apontamento: “Caryati?es”.

No item a seguir relata-se os dados de proveniência coletados no segundo volume da obra “Historia da guerra do Paraguay”.

8.11 Obra “Historia da guerra do Paraguay” v.2 (1897)

O Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann, publicou o livro “Historia da guerra do Paraguay” em 1897, em Curitiba, pelas mãos da editora Jesuino Lopes & Cia, e impresso pela Impressora Paranaense, em três volumes. Vê-se logo abaixo na figura 79 a folha de rosto do segundo volume do livro citado.

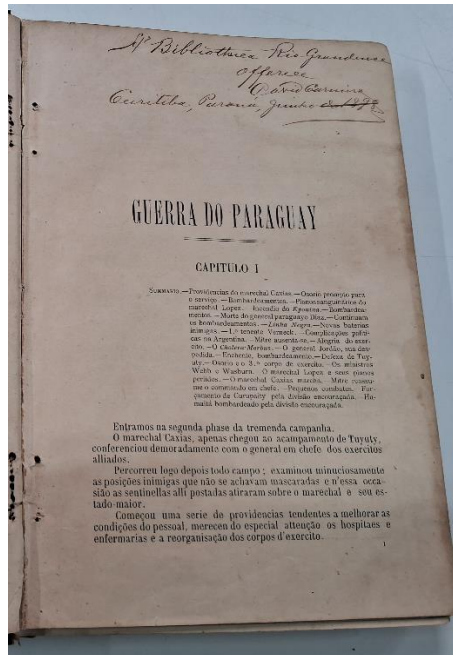
Figura 79 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 2)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 80 vê-se a localização da anotação manuscrita em seu contexto.

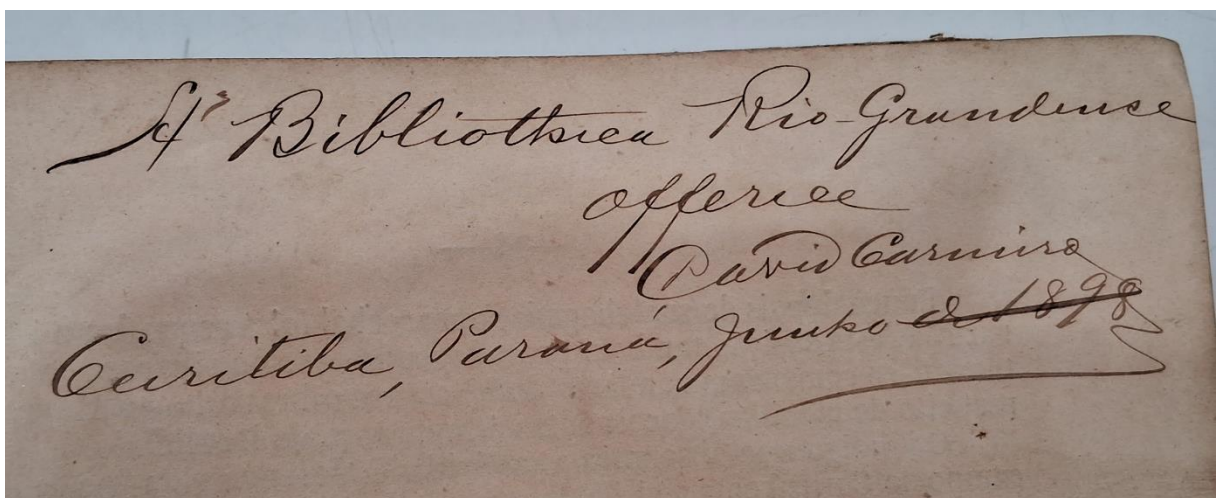
Figura 80 - Anotação na folha de dedicação da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Descortina-se na figura 81 o *ex dono* encontrado no livro pesquisado.

Figura 81 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)

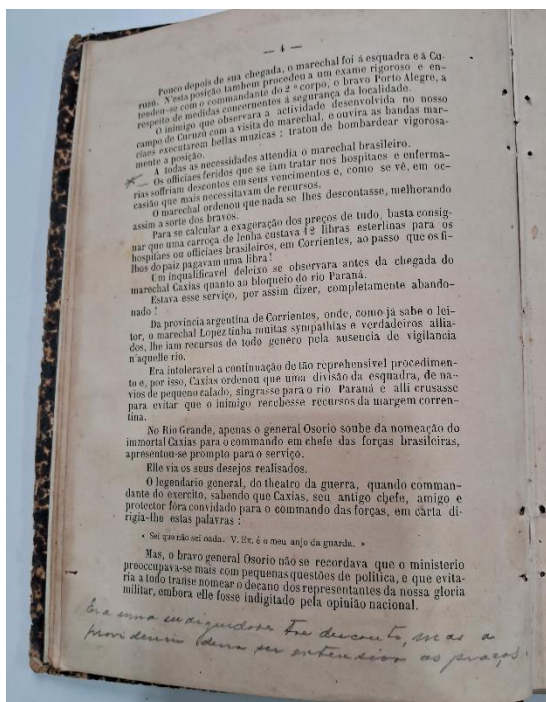


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima revela um *ex dono* manuscrito, escrito com tinta preta, e a inscrição: “A biblioteca Rio-grandense // offerece // Da??? Ca?? // Curitiba, Paraná, junho de 1898.” Na

próxima imagem, a figura 82, apresenta a localização de outra anotação manuscrita encontrada no espécime pesquisado.

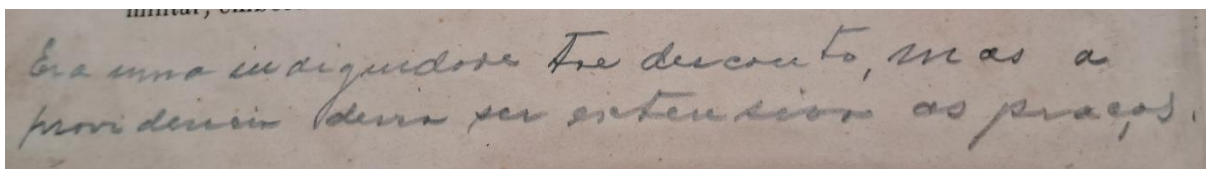
Figura 82 - Localização da anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Contempla-se na figura 83 a anotação manuscrita encontrada na página 4 do livro pesquisado.

Figura 83 - Anotação na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.2)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita, feita a lápis expressa o sentimento de fereza do leitor a partir do texto que estava lendo, que diz que os oficiais feridos na guerra, e que precisaram de atendimento médico tinham descontados valores de seu salário, e traz a inscrição: “Era uma indignidade esse desconto, mas a // providencia devia ser estendida as praças.”

Observa-se no item a seguir os dados coletados na obra “Historia da guerra do Paraguay” (volume 3).

8.12 Obra “História da guerra do Paraguay” v.3 (1897)

O Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann, publicou o livro “Historia da guerra do Paraguay” em 1897, em Curitiba, pelas mãos da editora Jesuino Lopes & Cia, e impresso pela Imprensa Paranaense, em três volumes. Vê-se logo abaixo na figura 84 a folha de rosto do terceiro volume do livro citado.

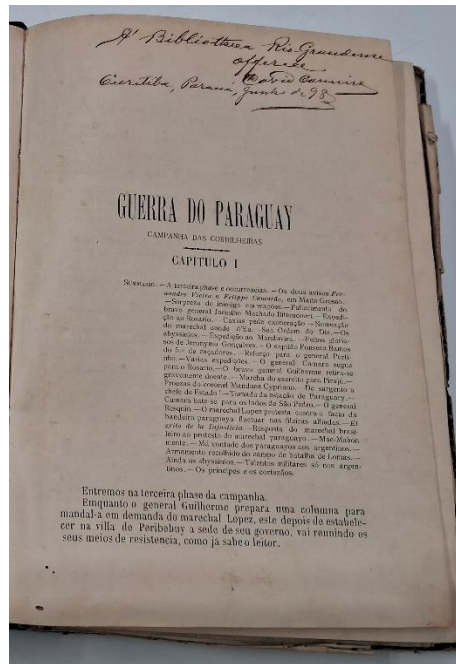
Figura 84 - Folha de rosto da obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol. 3)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na figura 85 o *ex dono*, em seu contexto, presente no terceiro volume do título pesquisado.

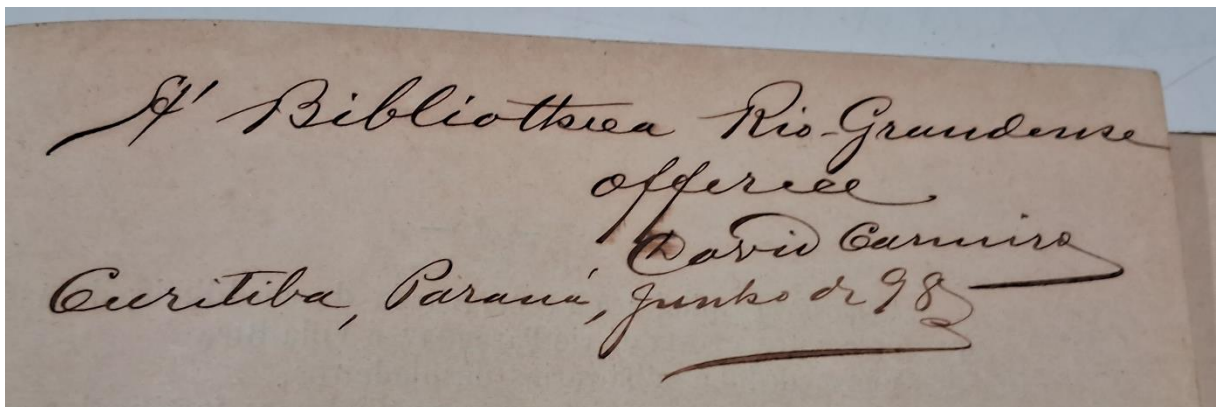
Figura 85 – Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.3)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na figura 86 o *ex dono* investigado neste espécime.

Figura 86 - Ex dono na obra “Historia da Guerra do Paraguay” (vol.3)



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

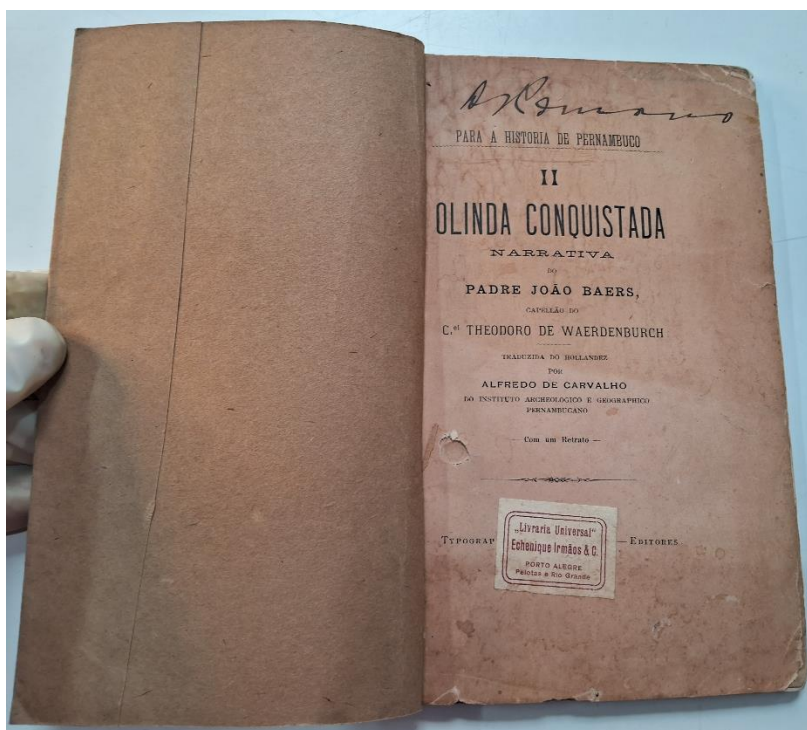
A imagem acima sinaliza um *ex dono* manuscrito, escrito com tinta preta, e a inscrição: “A biblioteca Rio-Grandense // oferece // Da??? Ca?? // Curitiba, Paraná, junho de 98.”

Na próxima alínea avista-se o próximo espécime pesquisado, o livro “Olinda Conquistada”.

8.13 Obra “Olinda Conquistada” (1898)

A “Typographia de Laemmert” publicou a obra “Olinda Conquistada” do Padre João Baers, em 1898, em Recife, com 54 páginas. A seguir, na figura 87, observa-se a página de rosto do livro pesquisado.

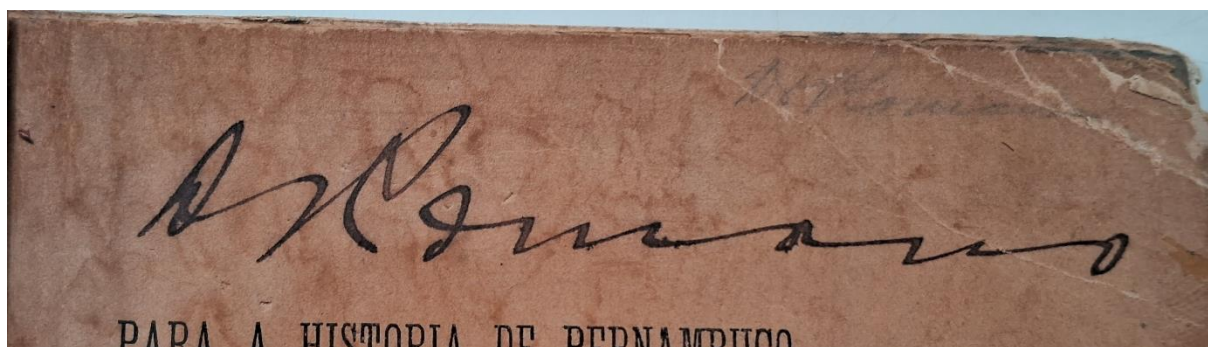
Figura 87- Folha de rosto da obra “Olinda Conquistada”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A inscrição manuscrita encontrada na folha de rosto da obra aqui citada é representada na figura 88.

Figura 88 - Anotação manuscrita na obra “Olinda Conquistada”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita acima é feita com tinta preta, mais acima na imagem nota-se outra anotação, mas está feita a lápis, não foi possível identificar nenhuma das duas inscrições.

Identifica-se na figura 89 um novo tipo de marca de proveniência utilizada pela Livraria Universal para marcar os livros de seu catálogo de vendas.

Figura 89 - Etiqueta Livraria Universal



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da Livraria possui fundo branco, com letras vermelhas e a seguinte inscrição: “Livraria Universal // Echenique Irmãos & C. // PORTO ALEGRE // Pelotas e Rio Grande”.

Na sessão seguintes apresenta-se informações sobre Livraria Universal.

8.13.1 Livraria Universal

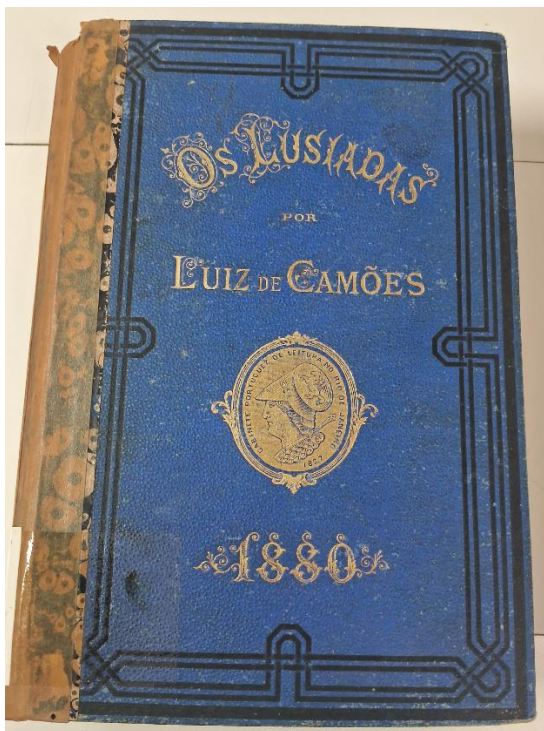
Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria.

No capítulo que segue observa-se as informações de proveniência encontradas no exemplar “Os Lusíadas” pertencente a Biblioteca Rio-Grandense.

8.14 Obra “Os Lusíadas” (1880)

Está edição da obra “Os Lusíadas” de Luis de Camões, que pertence a Biblioteca Rio-grandense foi impressa na oficina de Castro Irmão, em Santa Catarina em 1880. É uma edição comemorativa ao terceiro centenário do poeta, organizada pelo Real Gabinete Português de leitura do Rio de Janeiro. A figura 90 apresenta a encadernação personalizada para essa edição especial.

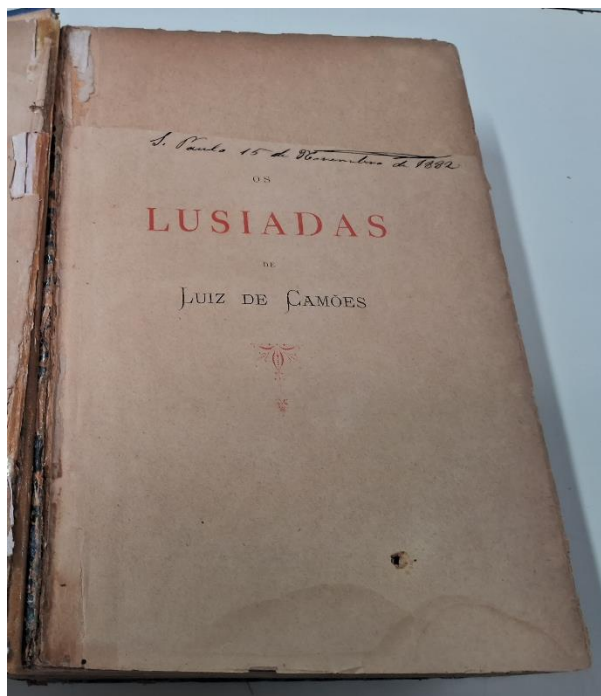
Figura 90 - Encadernação de “Os Lusíadas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação em cor azul, apresenta douração. Observa-se que esta obra não está em bom estado de conservação, e que a lateral do livro está remendada com fita. Na imagem 91 avista-se a falsa folha de rosto desta edição de “Os Lusíadas”.

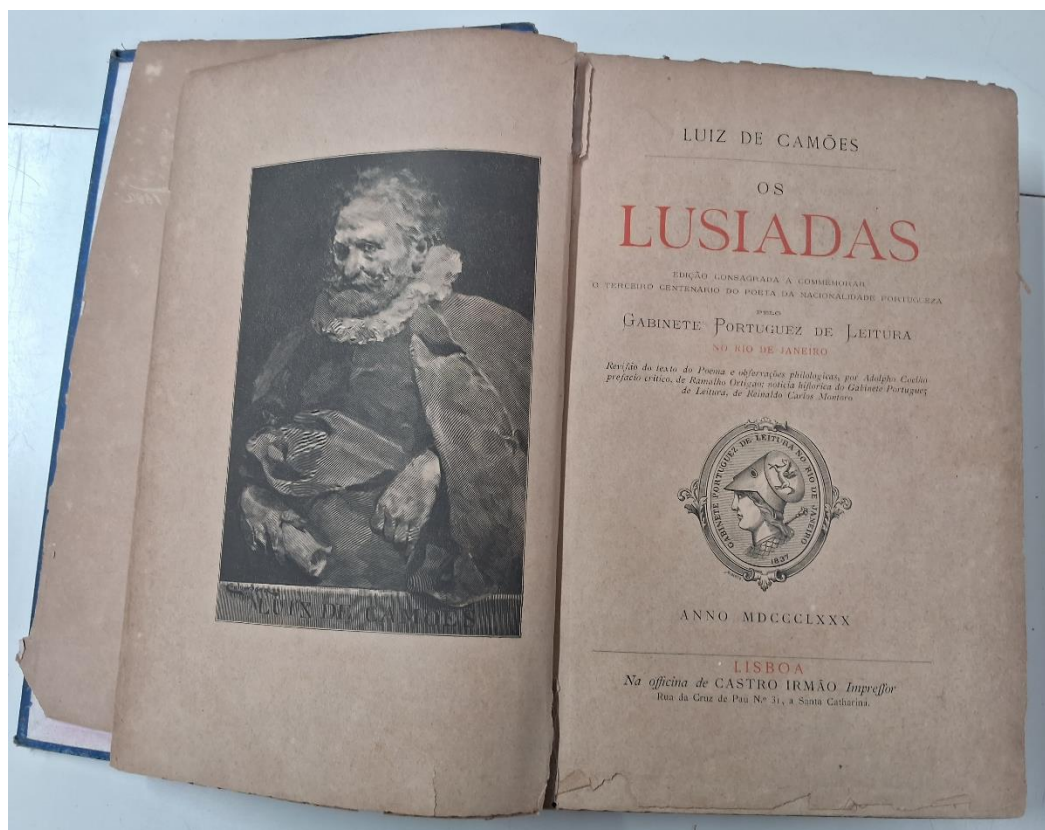
Figura 91 - Falsa folha de rosto da obra “Os lusíadas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem 92 apresentada logo abaixo, aprecia-se a folha de rosto da obra pesquisada.

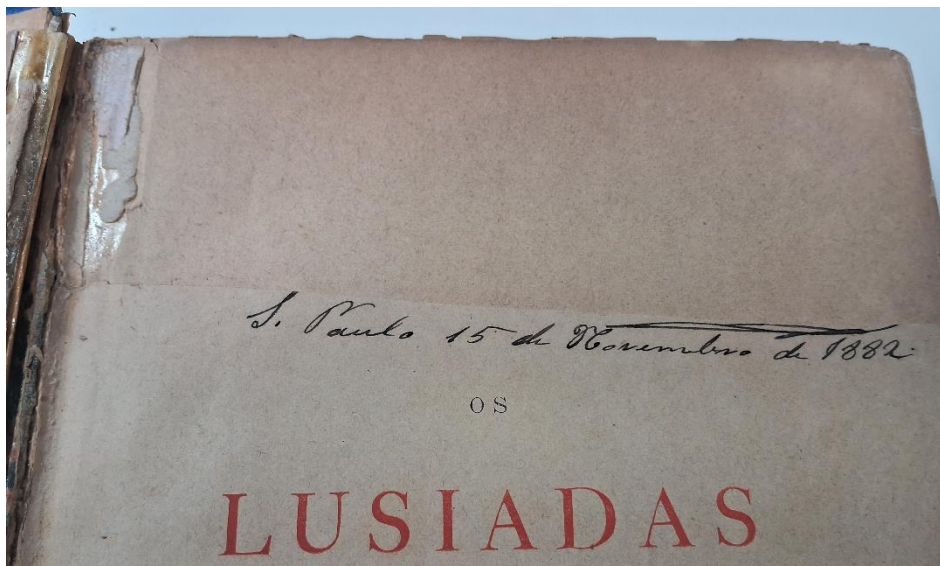
Figura 92 - Folha de rosto da obra “Os lusíadas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 93 verifica-se uma anotação manuscrita identificada na folha de rosto do livro pesquisado.

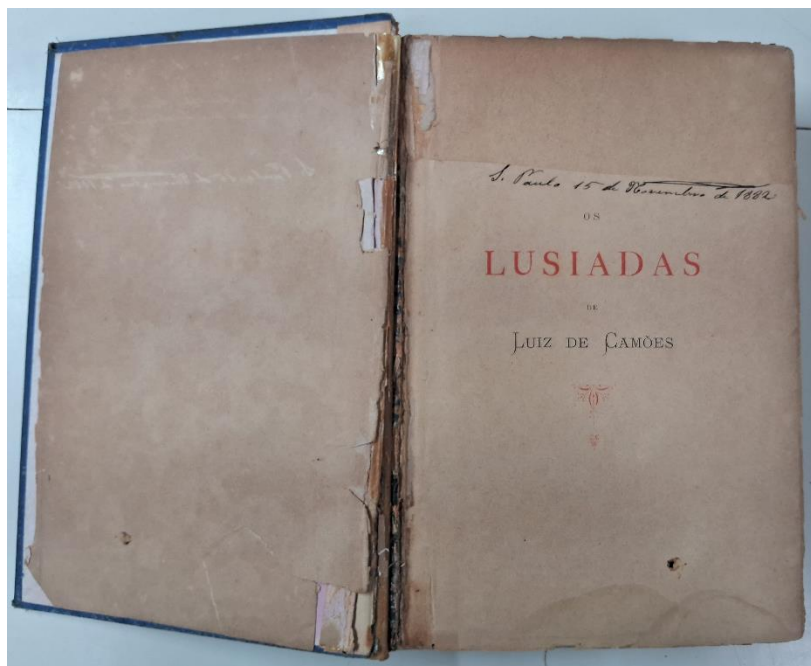
Figura 93 - Anotação manuscrita na obra “Os Lusíadas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima revela uma anotação manuscrita, feita com tinta preta, com a seguinte inscrição: “S. Paulo 15 de Novembro de 1882.”. Observa-se na próxima imagem, figura 94, um apagamento encontrado no espécime pesquisado.

Figura 94 - Apagamento na obra “Os Lusíadas”



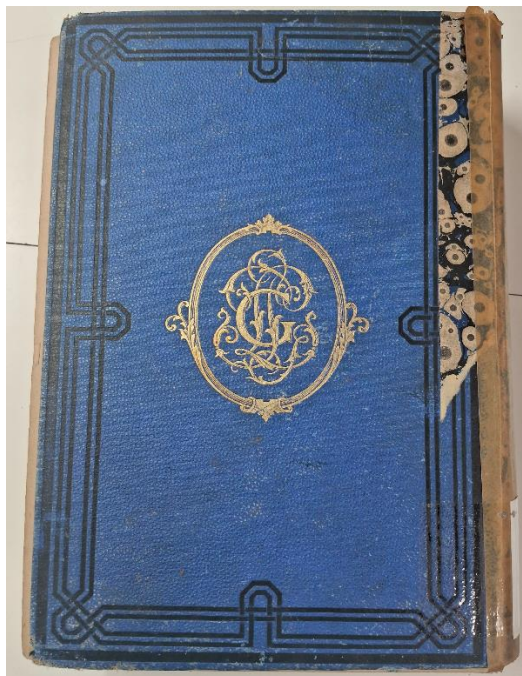
Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se na imagem acima que a obra sofreu algum tipo de apagamento. A parte de cima da folha de rosto está rasgada de ponta a ponta. Nota-se ainda que acima da data existem

riscos de tinta, na cor preta, o que sugere que existia algo escrito acima da datação, possivelmente um ex-dono, uma dedicatória, ou uma assinatura.

Avista-se na figura 95 o *Supra libros* do Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Rio de Janeiro.

Figura 95 - *Supra libros* Real Gabinete Português de Leitura



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima evidencia a encadernação de cor azul, e o verso do livro e onde se encontra o *subra libros* do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Apresenta-se na sessão seguinte os dados coletados na obra “Apontamentos sobre os Limites Entre o Brazil e A Republica Argentina”, publicada em 1882.

8.15 Obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina” (1882)

O Barão de Cotegipe ou João Mauricio Wanderley, publicou em 1882 o livro “Apontamentos sobre os Limites Entre o Brazil e A Republica Argentina”, no Rio de Janeiro pela “Typographia Nacional”, com 66 páginas, e mapas. Na imagem 96 observa-se a encadernação da edição pertencente a Biblioteca Rio-grandense.

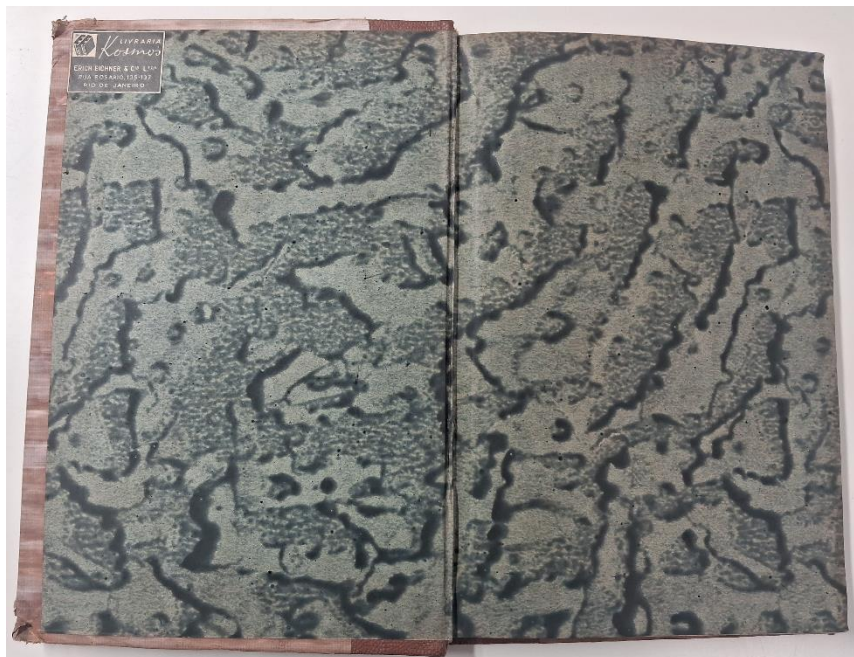
Figura 96 - Encadernação da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem exposta acima percebe-se que está edição traz uma meia encadernação em couro em cor marrom. Já a figura 97 logo abaixo retrata a folha de guarda personalizada da mesma edição que pertence a biblioteca pesquisada.

Figura 97 - Folha de guarda e etiqueta de livreiro da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brasil e a Republica Argentina”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda visível acima mostra-se marmorizada em tons de cinza e preto. Logo acima a esquerda percebe-se a etiqueta da Livraria Kosmos. A imagem 98 retrata a etiqueta da livraria em formato ampliado.

Figura 98 - Etiqueta Livraria Kosmos

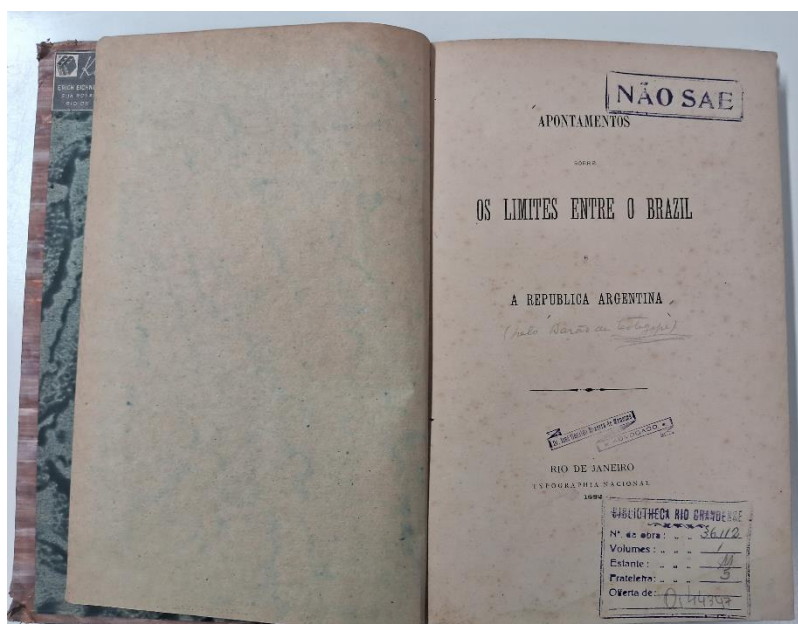


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem apresenta uma etiqueta de livreiro impresso em formato retangular, com fundo preto e letras brancas. Possui as Iniciais “EE” na cor preta, no canto superior esquerdo,

dentro de um quadrado branco, e as seguintes inscrições: "LIVRARIA // Kosmos // ERICH EICHNER & Cia. Ltda. // RUA ROSARIO, 135 – 137 // RIO DE JANEIRO". A figura 99 apresenta a folha de rosto da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”.

Figura 99 - Folha de rosto da obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A seguir, na figura 100 é possível identificar o carimbo do Doutor José Geraldo Menezes.

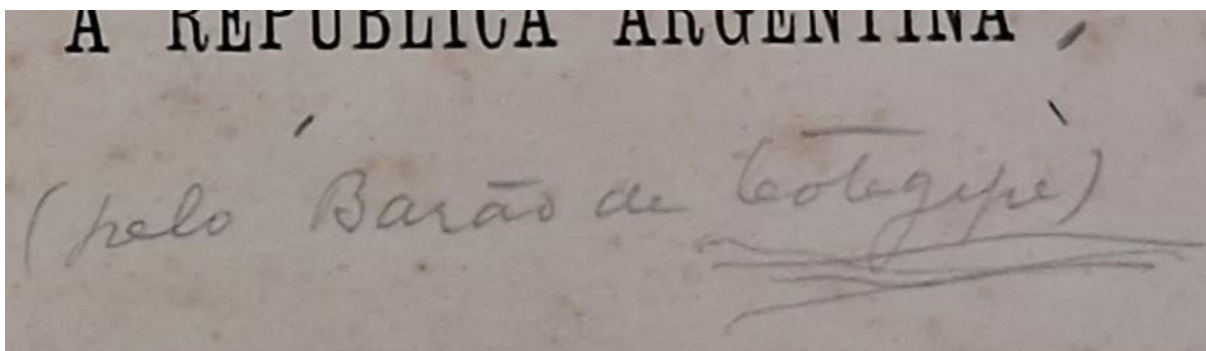
Figura 100 - Carimbo molhado “Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes” na obra “Apontamentos sobre os limites entre o Brazil e a Republica Argentina”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem revela um carimbo molhado na cor azul com a seguinte inscrição: “Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes // ADVOGADO”. Já na figura 101 observa-se outra marca presente na obra, uma anotação manuscrita.

Figura 101 - Anotação manuscrita na obra “Apontamentos sobre os Limites Entre o Brazil e A Republica Argentina”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível identificar na imagem uma anotação manuscrita feita a lápis com os seguintes dizeres: “(pelo Barão de Cotegipe)”.

Identifica-se no item abaixo informações referentes a Livraria Kosmos.

8.15.1 Livraria Kosmos

Ver capítulo 8.9.1. para maiores informações sobre a livraria Kosmos.

No item abaixo observa-se informações referentes ao proprietário Doutor José Geraldo Bezerra de Menezes.

8.15.2 José Geraldo Bezerra de Menezes

José Geraldo era casado com Lucinda Montedônio Bezerra de Menezes, e tinha como filho Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes⁸⁸ (1915 – 2002). Foi um intelectual dedicado a

⁸⁸ Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes nasceu em Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1915. Faleceu na mesma cidade, em 9 de fevereiro de 2002, deixando a viúva Dona Odette, quinze filhos e quarenta e sete netos. Dedicou sua vida à família e a múltiplos trabalhos e iniciativas no campo universitário e jurídico. Em sua vida social e profissional deixou marcado o sentido católico e o empenho apostólico, tendo sido o Ministro Bezerra de Menezes um dos maiores nomes do laicato de sua época.

De seu pai parece haver o Ministro Bezerra de Menezes herdado o apetite intelectual e a causa patriótica. O jovem Geraldo Bezerra de Menezes formou-se pela Faculdade de Direito de Niterói – atual Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense – em 1936. Na Faculdade de Direito, foi presidente do Centro Fluminense de Estudos Jurídicos (1935), do Centro Acadêmico Evaristo da Veiga (1936) e

estudar a língua do Brasil e sua evolução, portanto se dedicava aos estudos do latim, do tupi-guarani, do português e dos dialetos africanos. Foi um pesquisador dedicado aos conhecimentos históricos, tendo preferência pela História Religiosa do Brasil e pela História Política. Em sua época tornou-se uma referência nas pesquisas sobre os povos originários brasileiros. (ALENCAR, 2011)

Era amigo de intelectuais como Francisco de Oliveira Vianna e Everardo Backheuser. Sendo um dos fundadores da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense. Atuou como professor, catedrático e diretor da faculdade. Lecionando nas Faculdades de Comércio e de Medicina, ensinando português, história e sociologia.

Contempla-se no capítulo a seguir os dados históricos materiais reunidos na obra “*South American Sketches*”.

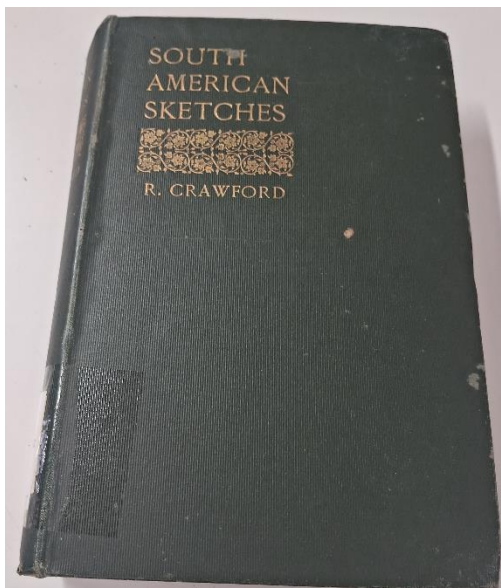
8.16 Obra “*South American Sketches*” (1898)

O livro “*South American Sketches*” de autoria de Robert Crawford foi publicado em Londres, em 1898, pela editora “Longmans, Green e companhia”, com 280 páginas. Apresenta-se na figura 102 a encadernação deste exemplar.

orador oficial de sua turma. Foi também um dos fundadores do Diretório Central dos Estudantes. Nesta mesma Faculdade de Direito – em que hoje é homenageado com o nome do Pavilhão anexo –, o Dr. Bezerra de Menezes seria depois Professor, Catedrático e, por dois períodos, Diretor. Foi Professor ainda na Faculdade Fluminense de Comércio e na Faculdade Fluminense de Medicina, ensinando Português, História e Sociologia. Foi um dos fundadores da Escola de Serviço Social da UFF, cuja Biblioteca hoje leva seu nome. A fundação de Escolas de Serviço Social, nas décadas de 30 e 40 do século XX, foi levada a cabo por católicos que pretendiam assim difundir – em sua teoria e em sua prática – a doutrina social da Igreja. (BRASIL, 2021)

Envolvido com o apostolado exercido no Centro Dom Vital e em outras instituições, o Ministro Bezerra de Menezes desde a juventude procurou fermentar a sociedade com os princípios cristãos. Publicava artigos em jornais, fazia conferências, participava da vida política, social e acadêmica. Nesta primeira época de sua atividade, seus artigos apontam Carlos de Laet e Jackson de Figueiredo como grandes líderes. De fato, o Ministro Bezerra de Menezes foi – desde os tempos da Congregação Mariana de São Domingos, em que se fez *servus Mariae* – um grande entusiasta do apostolado leigo. Foi presidente da Federação das Congregações Marianas da Arquidiocese de Niterói de 1938 até 1954, tendo assumido também a presidência da Confederação Nacional das Congregações Marianas, que, nesta época, revelava uma grande pujança. Da atividade em Niterói, lembra-nos o Ministro que “transformou-se a Federação em autêntica trincheira na defesa dos postulados cristãos. Reuniam-se, mensalmente, os congregados da Diocese para o esclarecimento de problemas de interesse da coletividade, vinculados à religião e à defesa de seus princípios. Realizaram-se memoráveis sessões plenárias e de estudos, dedicadas à educação, à família, ao papel do Estado, aos problemas sociais, ao espiritismo, à maçonaria...”. Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, Arcebispo de Niterói, elogiava em 1963 o Dr. Geraldo Bezerra de Menezes “pela fé que ilumina na hora indecisa que vivemos”. Em 1951, foi ele o representante do Brasil no Primeiro Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, celebrado em Roma, do qual participou como membro da Comissão Presidencial. (ALENCAR, 2011).

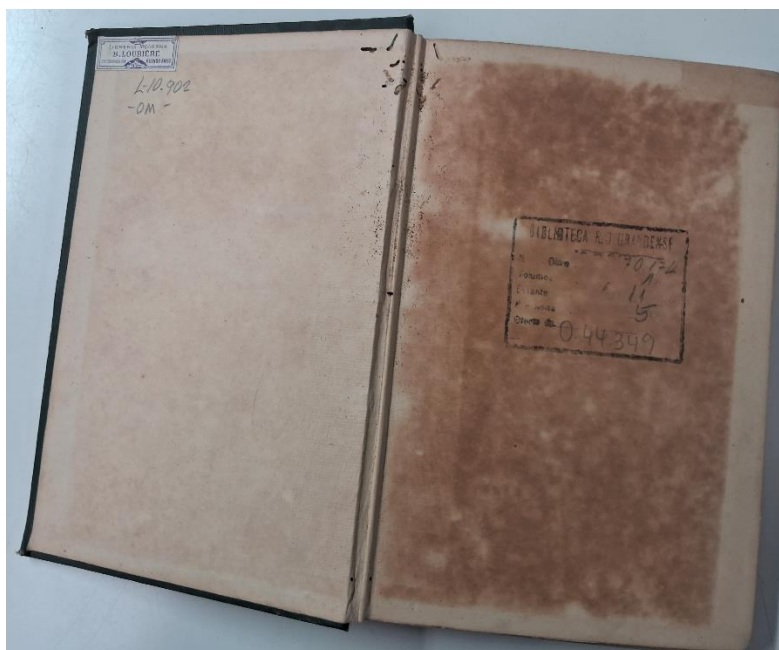
Figura 102 - Encadernação da obra “South American Sketches”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação da obra é feita em couro verde com letras douradas. Na figura 103 observa-se a guarda da obra pesquisada.

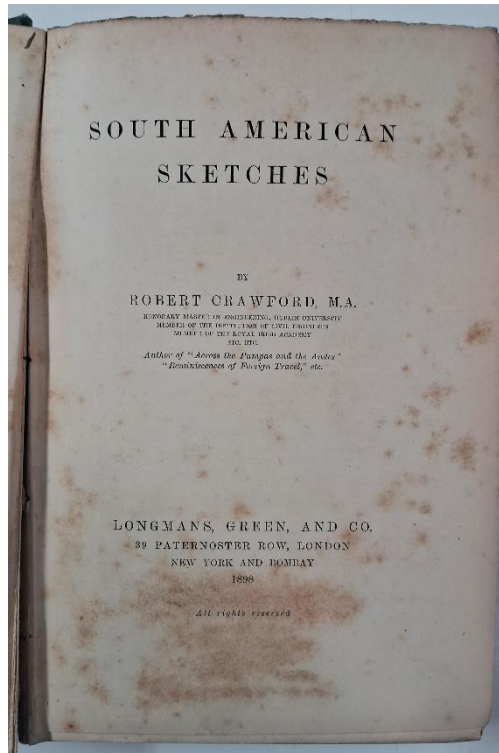
Figura 103 - Guarda e etiqueta de livraria da obra “South American Sketches”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Apura-se que a obra apresenta um sombreamento, provavelmente causado pela acidez do material utilizado para a confecção da encadernação. É possível identificar na figura 104 a folha de rosto do espécime pesquisado.

Figura 104 - Folha de rosto da obra “South American Sketches”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Avista-se na figura 105 a etiqueta da “Libreria Moderna B. Loubière”, localizada em Buenos Aires, na Argentina.

Figura 105 - Etiqueta da Libreria Moderna



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da livraria possui fundo branco e letras azuis, no topo apresenta uma prensa, logo abaixo um menino, sobre um livro, segurando uma pena. Lê-se na inscrição: “LIBRERIA MODERNA // B. LOUBIÈRE // 378 Esmeralda 384 BUENOS-AIRES”.

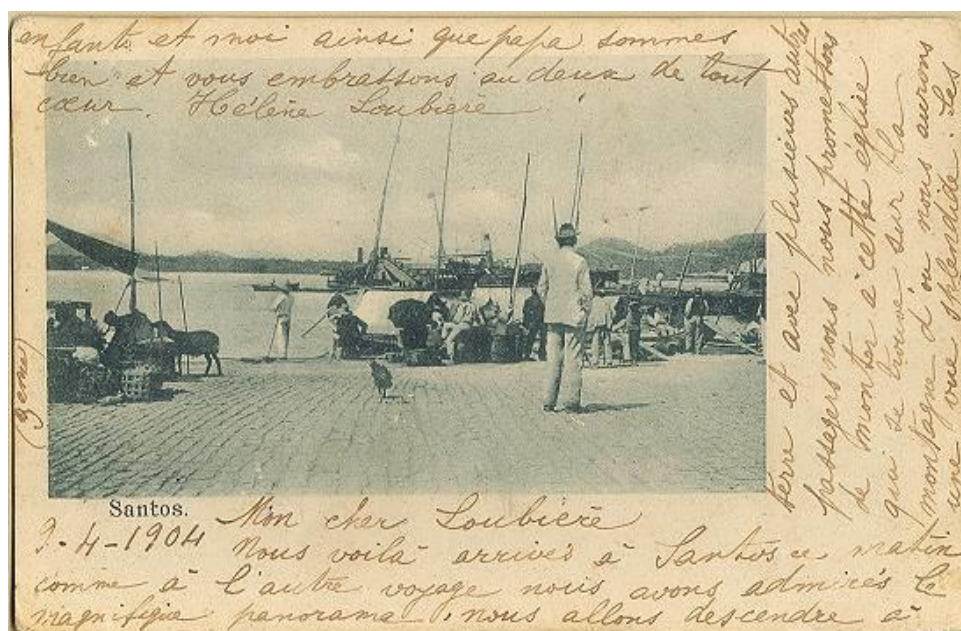
Apresenta-se no item a seguir as informações referentes a livraria de Loubière.

8.16.1 Libreria Moderna Bernardo Loubière

A Livraria Moderna tinha como proprietário o impressor argentino Bernardo Loubière e ficava localizada em Buenos Aires na Argentina. Possuía duas lojas na Rua Esmeralda 378/384. Não foi possível identificar uma data precisa de inauguração da livraria, mas estima-se que entre os anos de 1900 e 1903 ela já estivesse em funcionamento.

A figura 106 expõe um postal endereçado a Bernardo.

Figura 106 - Cartão-postal de Héléne Loubière para Bernardo Loubière



Fonte: (NOVO MILÊNIO, 2016)

O cartão-postal foi identificado com a seguinte citação:

Em 9 de abril de 1904, Héléne Loubière postava com destino ao "Señor Bernardo Loubière" este "bilhete postal", com o restante do texto manuscrito em francês ao redor da imagem. Contava ela que tinha chegado a Santos e como na viagem anterior desceu do navio e foi com as crianças e muitos outros passageiros até o alto do Monte Serrat, visitando sua capela e apreciando a "vista esplêndida" (NOVO MILÊNIO, 2016)

No parágrafo a seguir apresenta-se as informações coletadas no livro "Anatomy of Melancholy".

8.17 Obra "The Anatomy of Melancholy" (1881)

Robert Burton publicou o livro "The anatomy of melancholy" em 1881, em Londres, pela editora Chatto and Windus, localizada em Picadilly, com 747 páginas.

A figura 107 apresenta a capa do espécime pesquisado.

Figura 107 - Encadernação da obra “Anatomy of Melancholy”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação em couro vermelho apresenta mau estado de conservação, nota-se buracos causados por insetos, e descoloração nas laterais, a lombada está solta, e o manuseio desta obra deve ser cuidadoso e restrito. No centro da capa está um *supra libros* que será apresentado na figura 108.

Figura 108 - *Supra libros* na obra “Anatomy of Melancholy”

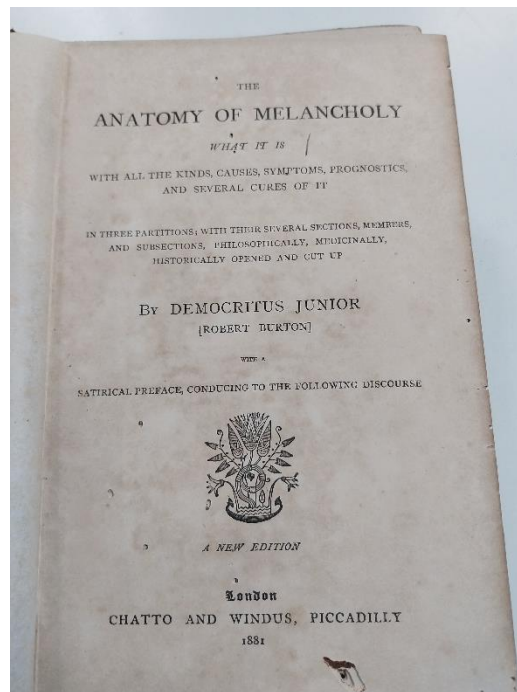


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem ressalta o *supra libros* encontrado na capa da obra, mas como o couro da encadernação está ressecado e com buracos deixados por insetos não foi possível uma melhor identificação da imagem representada no *supra libros*.

A folha de rosto do livro estudado está representada na figura 109.

Figura 109 - Folha de rosto da obra “Anatomy of Melancholy”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se na figura 110 a etiqueta da Livraria Grattan encontrada no exemplar pesquisado.

Figura 110 - Etiqueta da livraria H.H.G. Grattan



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima apresenta uma pequena etiqueta de livreiro, impressa em papel verde, anexada na folha de guarda fixa frontal, lê-se na etiqueta “H.H.G. GRATTAN, // Discount Bookseller. // THE TABARD BOOK STORE // 16, THE BOROUGH, // LONDON BRIDGE”.

No capítulo a seguir descortina-se informações sobre a livraria H.H.G. Grattan.

8.17.1 H. H. G. GRATTAN

Não foi possível colher maiores informações sobre esta livraria, a não ser as que podemos deduzir a partir das próprias etiquetas do livreiro anexadas as guardas dos livros por ele vendidos.

Por conseguinte, estimasse que o livreiro estava ativo em 1899. A livraria localizava-se na Rua The Borough, números 16 e 17, em Londres, próximo a Ponte de Londres, e era especializada em livros médicos. Avista-se na figura 111 uma etiqueta da livraria Grattan diferente da encontrada no exemplar que pertence a Biblioteca Rio-grandense.

Figura 111 - Etiqueta Livraria H.H.G. Grattan



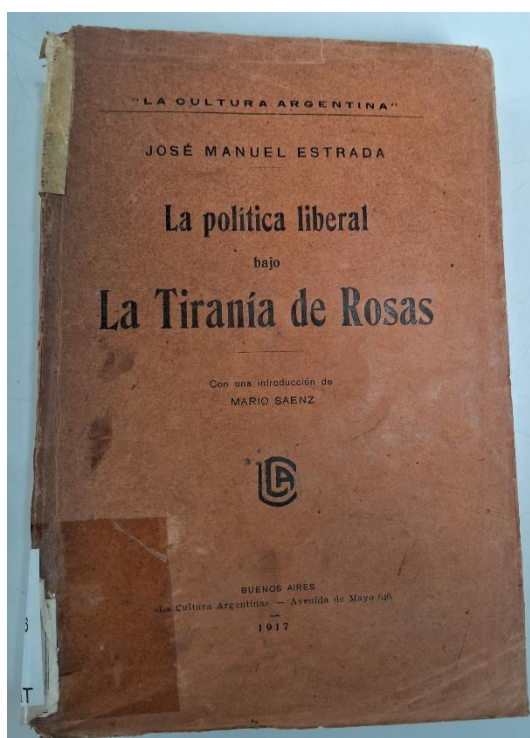
Fonte: Wellcome Collection (1899)

No capítulo a seguir identifica-se as marcas de proveniência coletadas na obra *“La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”*.

8.18 Obra *“La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”* (1917)

José Manuel Estrada publicou em 1917 o título *“La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”*, em Buenos Aires, pela editora “La Cultura Argentina”, com 292 páginas.

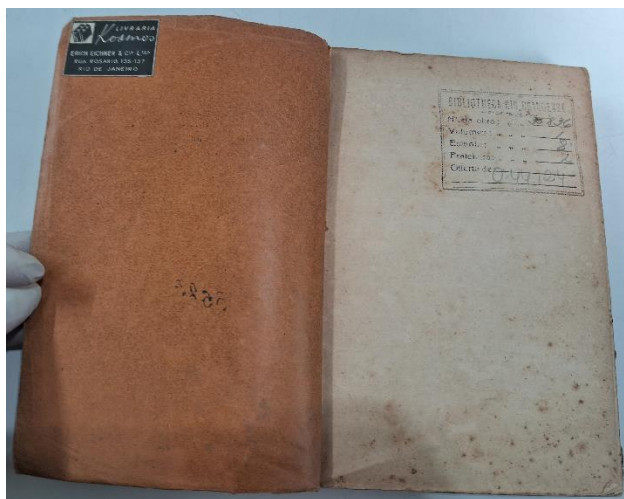
A capa da obra está representada na figura 112 logo abaixo.

Figura 112 - Capa da obra *“La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”*

Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa da obra é confeccionada em papel simples marrom, apresenta desgaste na lombada, e algumas manchas na capa. A figura 113 fixada abaixo manifesta a contracapa do livro pesquisado e suas marcas de proveniência.

Figura 113 - Guarda da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da Livraria Kosmos está novamente representada na figura 114.

Figura 114 - Etiqueta da Livraria Kosmos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Como citado anteriormente neste estudo, a imagem apresenta uma etiqueta de livreiro impresso em formato retangular, com fundo preto e letras brancas. Possui as Iniciais “EE” na cor preta, no canto superior esquerdo, dentro de um quadrado branco, e as seguintes inscrições: "LIVRARIA // Kosmos // ERICH EICHNER & Cia. Ltda. // RUA ROSARIO, 135 – 137 // RIO

DE JANEIRO”. Destaca-se que este é o segundo tipo de etiqueta encontrado desta livraria durante o levantamento de dados neste estudo.

Evidencia-se na figura 115 a folha de rosto do livro “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”.

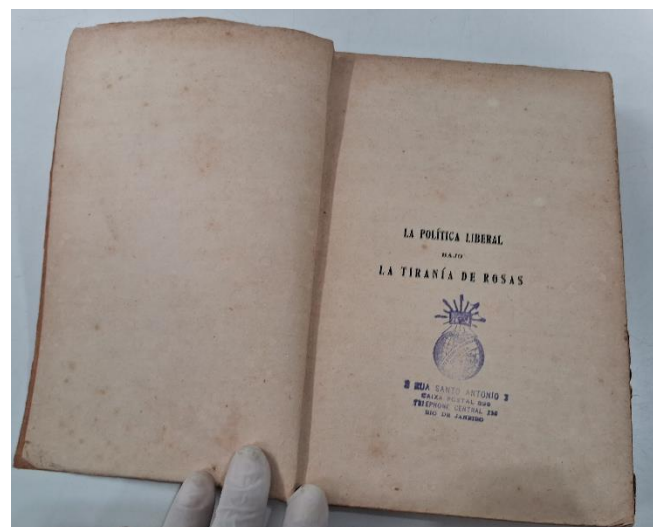
Figura 115 - Folha de rosto da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A falsa folha de rosto da obra em questão e um carimbo molhado são observados na figura 116.

Figura 116 - Falsa folha de rosto da obra “La Política Liberal bajo La Tirania de Rosas”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 117 representa o carimbo molhado encontrado no livro pesquisado.

Figura 117 - Carimbo molhado dos editores Leite Ribeiro & Maurillo



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo acima é confeccionado na cor azul, a ilustração mostra um globo terrestre, e a seguinte inscrição: “RUA SANTO ANTONIO // CAIXA POSTAL 899 // TELEPHONE CENTRAL 239 // RIO DE JANEIRO”.

Vê-se abaixo informações referentes a Livraria Kosmos.

8.18.1 Livraria Kosmos

Ver capítulo 8.9.1. para maiores informações sobre a livraria Kosmos.

No item abaixo observa-se informações referentes a Editora Leite Ribeiro & Maurillo.

8.18.2 Livraria e Editora Leite Ribeiro & Maurillo

A livraria e editora Leite Ribeiro (atual Freitas Bastos) inaugurou no Rio de Janeiro, em 1917, mantendo suas portas abertas por 106 anos. Seu fundador foi Carlos Leite Ribeiro, nascido no Rio de Janeiro, quando está era capital do império, em 5 de abril de 1858. Faleceu em sua cidade natal no dia 14 de fevereiro de 1945, aos 86 anos, mas não antes de exercer cargos de influência durante sua carreira. Era militar, exercendo o posto de Tenente-coronel da guarda-nacional, foi um político brasileiro, assumindo a posição de deputado federal por dois

períodos, o primeiro de 22 de junho de 1900 até 27 de setembro de 1902, e o segundo de 12 de maio de 1905 até 31 de dezembro de 1905.

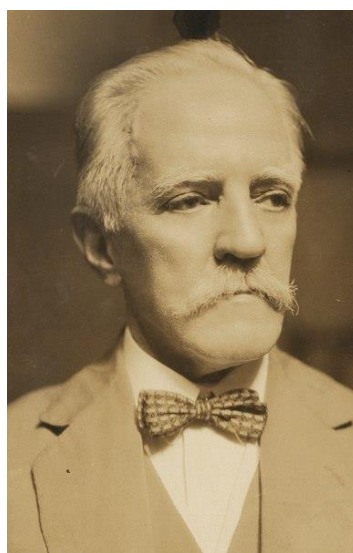
Em 1897, recebeu a patente de tenente-coronel da Guarda Nacional. No ano seguinte foi nomeado delegado da 7ª Circunscrição Policial do Rio de Janeiro, agora Distrito Federal, e de 1899 a 1902 foi intendente do Conselho Municipal. Em 1900, foi eleito deputado federal. Exerceu seu mandato na Câmara dos Deputados de 22 de junho de 1900 a setembro de 1902, quando foi nomeado prefeito do Distrito Federal pelo então presidente da República Campos Sales (1898-1902), substituindo Joaquim Xavier da Silveira Júnior. (SILVA, p. 1)

Em 1902 quando assumiu a prefeitura fez alterações em leis municipais referentes a segurança pública e a questões de higiene. Reformou o calçamento da rua do Ouvidor⁸⁹, entre outras melhorias que foram realizadas pela cidade. (SILVA, p. 1)

No bairro do Méier em homenagem a Carlos Leite foi inaugurada pelo Decreto nº 2.875, a Rua Leite Ribeiro, no dia 16 de junho de 1926.

Avista-se na figura 118 a fotografia de Carlos Leite Ribeiro.

Figura 118 - Carlos Leite Ribeiro



Fonte: Wikipedia (2008)

A revista ilustrada O Malho publicada em 1939, estampou em suas páginas o seguinte artigo: “A Livraria Freitas Bastos e a Imprensa Parisiense”. Este artigo comenta sobre a matéria

⁸⁹ O Rio de Janeiro era então o centro político, econômico e social do país e, no contexto da belle époque, o glamour carioca estava concentrado na pequena rua, ponto de encontro da elite, por onde desfilavam os elegantes, cultos e ricos.

publicada no jornal literário francês “Toule L’Édition”, o principal assunto abordado é a oferta de livros e revistas em língua francesa no Brasil. A notícia do jornal francês conjectura:

Tal como acontece com a velha Europa, a jovem America Latina não está isenta de crises, e o livro ahi sofre, como entre nós, com a queda geral dos valores espirituais e intellectuaes.

Mas o continente, que foi o berço de Euclides da Cunha, de José Verissimo, de Machado de Assis, Coelho Netto e milhares de escriptores de mérito, enfrenta esses ventos contrários com um entusiasmo incomparável.

É assim que o Rio de Janeiro possui na Livraria Freitas Bastos, uma das mais formosas cidadelas do livro, a qual abre os seus cem metros de fachada e as suas trinta “vitrines” iluminadas no canto principal do encantador Largo Carioca (O MALHO, 1939. p. 34)

Esta livraria era conhecida como a mais completa da cidade na época, superando até as livrarias mais recomendadas, como a Livraria Garnier e a Livraria Francisco Alves. Seu edifício majestoso com arquitetura circular localizava-se na Rua Bittencourt, nº 21. A figura 119 mostra uma fotografia da fachada da livraria.

Figura 119 - Fachada da Livraria Freitas Bastos



Fonte: O Malho (1939)

Na figura 120 exposta logo abaixo avista-se o interior da livraria.

Figura 120 - Interior da Livraria Freitas Bastos



Fonte: O Malho (1939)

Em um segundo momento após sua inauguração a livraria passou a se chamar “Leite Ribeiro & Maurillo”. O Dr. Freitas Bastos assumiu a livraria por definitivo em 1922, e a partir da nova direção a livraria foi denominada como livraria “Freitas Bastos”. Na década de 1960 instalou-se em novo endereço, passando a atender seus clientes na Rua Sete de Setembro, nº 111.

Desde sua inauguração publicava livros jurídicos, mas seu catálogo era extenso e variado, nas mais diversas temáticas, tais como: livros didáticos, livros de medicina, livros científicos, livros infantis, livros de literatura brasileira, livros de contabilidade e outros livros técnicos. Foi responsável por lançar no mercado editorial a Revista Mundo Literário, que circulou até 1926 publicando edições mensais.

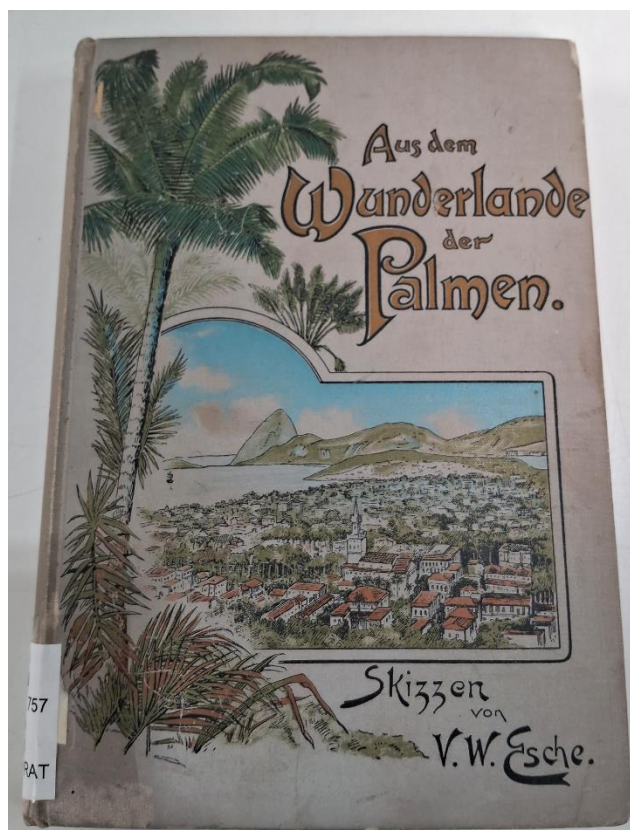
Em 2007 a livraria passou a ofertar ao público cursos para advogados, tributaristas e contadores. Sua loja virtual foi lançada na internet em 2009.

No capítulo a seguir descortina-se os dados materiais intrínsecos coletados na obra “*Aus dem Wunderlande der Palmer*”.

8.19 Obra “*Aus dem Wunderlande der Palmer*” (Sem data)

Não foi possível identificar nem o autor, nem a data de publicação da obra “*Aus dem Wunderlande der Palmer*”, sabe-se que o ilustrador foi V. W Esche, e que este exemplar foi publicado pela Dresdener Verlagsanstalt, e encadernado pela Hübel & Denck. Identifica-se na figura 121 a capa da obra pesquisada.

Figura 121 - Capa da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível identifica na figura 122 a folha de guarda e a etiqueta de livreiro anexadas na obra pesquisada.

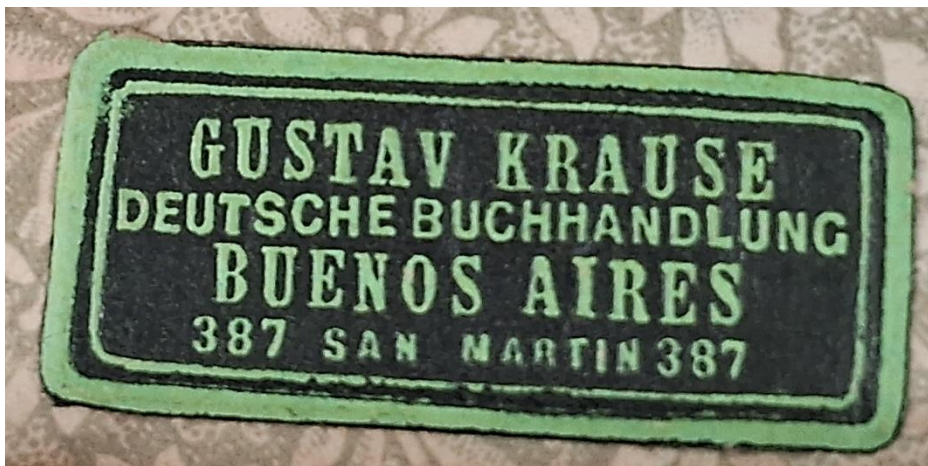
Figura 122 - Folha de guarda da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda é ilustrada com desenho de flores e apresenta tons de marrom e bege. Nota-se no canto inferior esquerdo a presença de uma etiqueta de livreiro, que será investigada na figura 123.

Figura 123 - Etiqueta do livreiro Gustav Krause

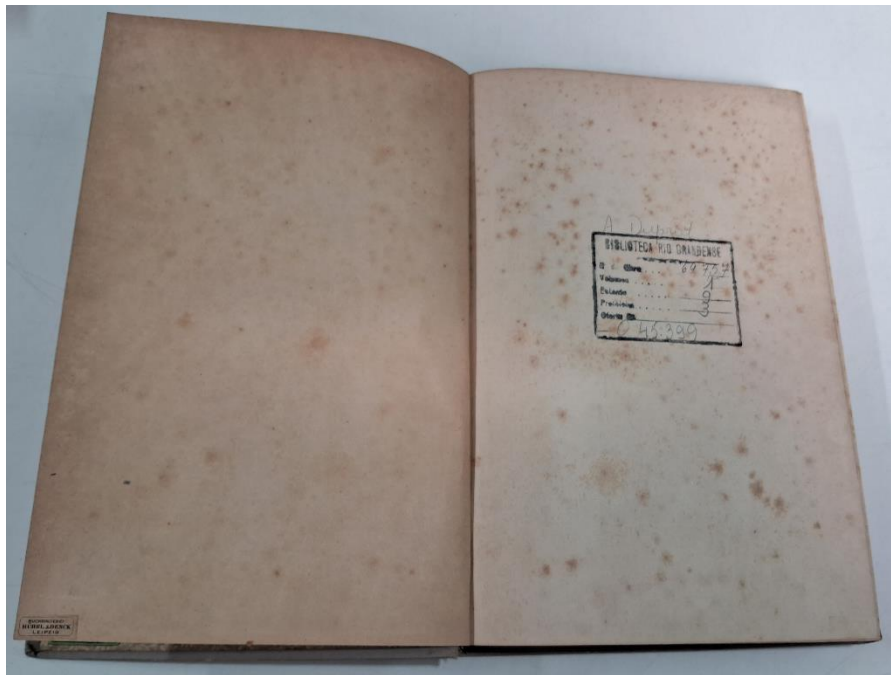


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta de livreiro apresentada acima tem formato retangular, apresenta fundo preto, letras e bordas verdes, lê-se a seguinte inscrição: “GUSTAV KRAUSE // DEUTSCHE BUCHHANDLUNG // BUENOS AIRES // 387 SAN MARTIN 387”.

Nota-se na figura 124, no canto inferior esquerdo, outra etiqueta de livreiro encontrada no mesmo livro pesquisado.

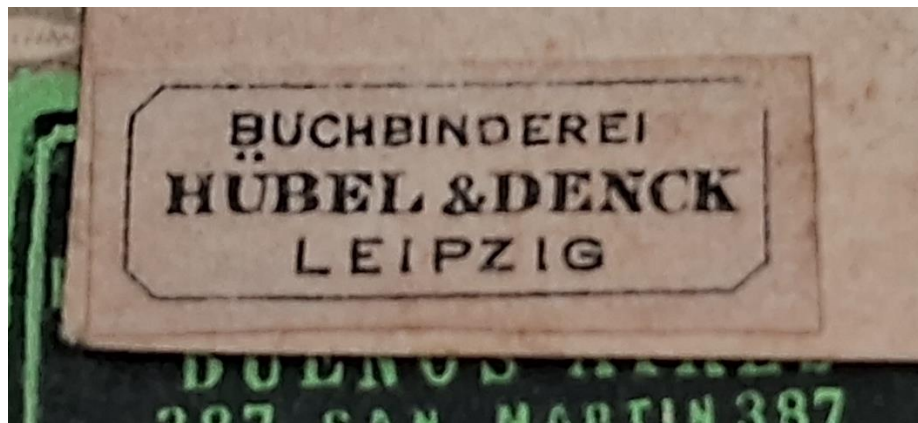
Figura 124 - Etiqueta de encadernador e carimbo da Biblioteca Rio-grandense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A seguir, na figura 125 observa-se a etiqueta da empresa de encadernação alemã Hübel & Denck.

Figura 125 - Etiqueta de encadernador Hübel & Denck

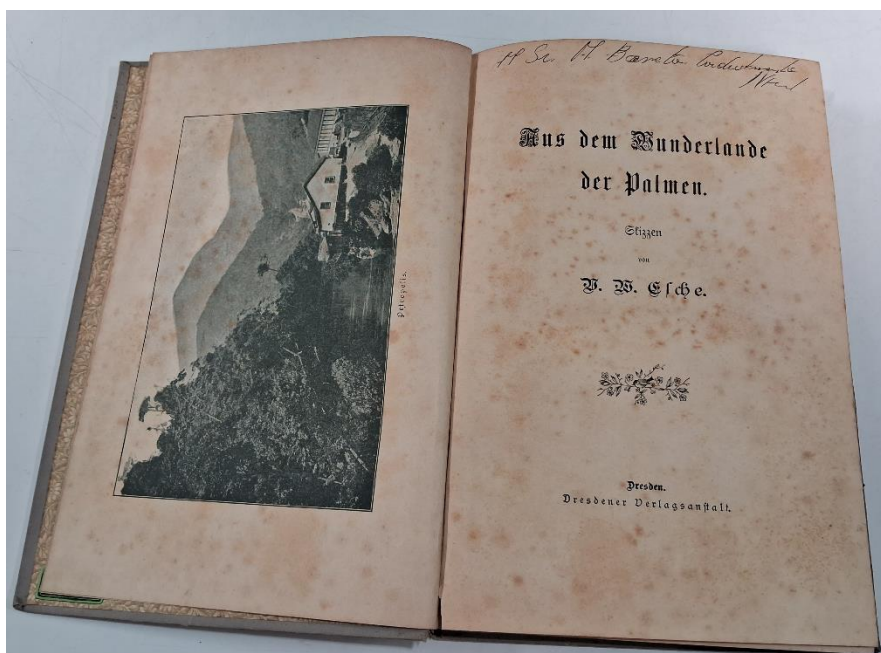


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta exposta é feita de papel em formato retangular. Possui fundo branco e letras pretas, lê-se: “BUCHBINDEREI // HÜBEL & DENCK // LEIPZIG”.

Enxerga-se na figura 126 a folha de rosto, uma anotação manuscrita do livro pesquisado, e uma dedicatória a Abeillard Barreto.

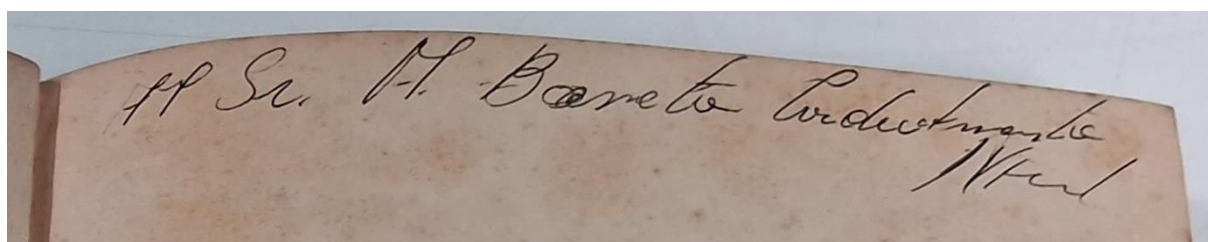
Figura 126 - Folha de rosto da obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Apresenta-se na figura 127 uma dedicatória a Abeillard Barreto.

Figura 127 - Dedicatória a Abeillard Barreto



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima ressalta a anotação manuscrita a caneta em tinta preta, com a seguinte inscrição “Ao Sr. A. Barreto Cordialmente”, e uma assinatura, onde não é possível identificar o proprietário. Logo abaixo, no item que segue, apresenta-se informações sobre a Livraria Gustav Krause.

8.19.1 Livraria Alemã Gustav Krause

A Livraria Alemã Gustav Krause localizava-se na Rua San Martin, número 387, em Buenos Aires, Argentina. Atuava como livraria, editora, papelaria, loja de sortimentos e antiguidades. Até o momento não foi possível identificar seu ano de inauguração, nem seu proprietário.

Na sessão seguinte serão apresentadas as informações colhidas sobre a empresa de encadernação Hübel & Denck.

8.19.2 Encadernadora Hübel & Denck

Em 3 de abril de 1875 o encadernador Carl Friedrich e seu sócio Gustav Herrmann Denck fundaram em Leipzig a fábrica de encadernação e mantas Hübel & Denck. A cidade de Leipzig era conhecida naquele momento como a metrópole mundial do livro, e a empresa idealizada pelos sócios Hübel e Denck estava voltada para a industrialização da encadernação, fornecendo seus serviços para um grande número de editoras.

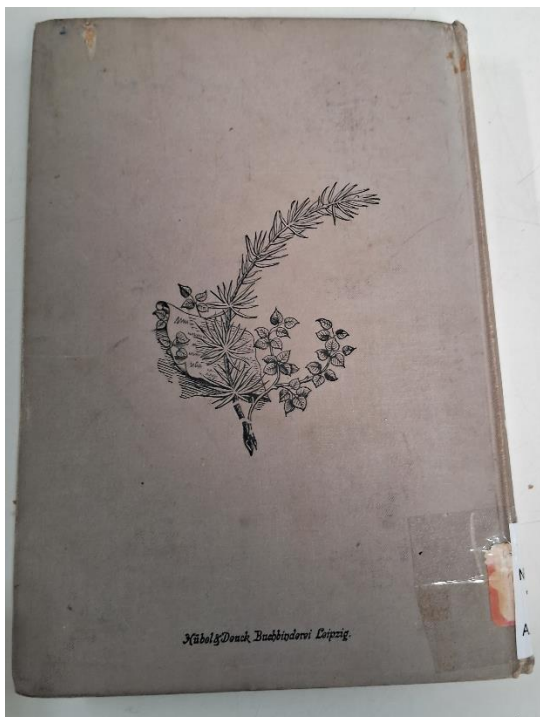
Em 1906, o filho de Carl Friedrich Hübel, Felix Hübel, juntou-se à empresa como signatário autorizado e, em 1907, seu pai o contratou como sócio da empresa. Após um aprendizado no negócio de seu pai, ele completou seu treinamento em encadernação na Inglaterra com Thomas Cobden-Sanderson e Douglas Cockerell. Em 1906, ele traduziu o livro de Cockerell, *The Art Of Bookbinding*, uma obra de padrão internacional sobre encadernação, para o alemão. (WIKIPEDIA, 2023k)

Afora a produção mecânica em larga escala das encadernações editoriais, em 1910, Felix Hübel desenvolveu um departamento de encadernações manuais, personalizadas. Para gerenciar a oficina de encadernação contratou o encadernador de arte Peter A. Demeter. A oficina tornou-se uma das mais prestigiadas da Alemanha.

As encadernações industriais da Hübel & Denck são frequentemente caracterizadas pelo logotipo da empresa gravado ou impresso na contracapa; as encadernações manuais são geralmente estampadas na borda inferior de uma capa interna. (WIKIPEDIA, 2023k)

A figura 128 apresenta o logotipo da empresa de encadernação Hübel & Denck, que está presente na contracapa da obra pesquisada.

Figura 128 - Logotipo Hübel & Denck na obra “Aus dem Wunderlande der Palmer”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A Hübel & Denck associou-se a outra grande empresa de encadernação de Leipzig em 1930, a “Th. Knaur”, tornando-se a Knaur-Hübel & Denck.

Em 4 de dezembro de 1943 o exército aliado realizou um ataque aéreo a cidade de Leipzig, e uma parte considerável da indústria livreira alemã, que ali se localizava, teve sua infraestrutura parcialmente, ou totalmente destruída. Apesar do acometimento arrasador, a firma suportou a agressão praticamente intacta. Em 17 de dezembro de 1943, o editor Jena Niels Diederichs, fez uma notação em seu diário:

Ontem estive em Leipzig para assistir ao ataque terrorista de 4 de dezembro. para ver a cidade devastada com seus próprios olhos e ver o que nossos impressores e encadernadores estão fazendo. Todos os boatos dão facilmente uma impressão falsa e geralmente são muito exagerados. Mas aqui não se pode negar: o núcleo de Leipzig está em grande parte destruído. As coisas parecem muito desoladoras e muito tristes no bairro dos livreiros. Spammers, Brandstetter e o Instituto Bibliográfico estão completamente destruídos. Apenas as paredes externas do complexo de edificios estão de pé, os tetos e as divisórias desabaram e as valiosas grandes impressoras estão amassadas e danificadas no chão. Quando você vê como todos os locais de trabalho foram brutalmente destruídos, seu coração dói de verdade. A casa do livreiro, com o seu edificio de tijolos vermelhos, também está em ruínas: apenas algumas salas de negócios permanecem numa ala; A fina estrutura de ferro da torre flutua alto no ar acima do edificio desabado e ergue-se tristemente no céu cinzento e frio do inverno. Felizmente, nossas duas encadernações, Knaur-Hübel-Denck e Sperling, estão essencialmente intactas. (WIKIPEDIA, 2023k)

Mas em fevereiro de 1945 a situação da Knaur-Hübel & Denck mudou drasticamente, suas instalações foram afetadas e a fabricação teve que ser paralisada. Com as máquinas parcialmente restauradas, a empresa voltou ao mercado livreiro no pós-guerra.

A partir de 1953, a administração foi transferida primeiro para a Câmara Municipal de Leipzig, depois para o Deutsche Investitionsbank Leipzig. Entre 1945 e 1971, a grande encadernação empregava em média 71 pessoas. Em 31 de março de 1971, a empresa foi oficialmente encerrada por razões de rentabilidade, apenas para continuar em nome próprio no dia seguinte pela grande encadernação H. Sperling⁹⁰, também uma empresa de longa data em Leipzig. (WIKIPEDIA, 2023k)

Na próxima sessão apresenta-se os dados sobre o proprietário Abeillard Barreto.

8.19.3 Abeillard Barreto

Ver capítulo 8.7.1. para maiores informações sobre este proprietário.

⁹⁰ A empresa de encadernação H. Sperling em Leipzig era uma das encadernações mais antigas de Leipzig. Fundada em 1846, em processo de industrialização, a empresa foi a primeira encadernadora de Leipzig a utilizar motores a vapor em seu próprio negócio em 1866 e também instalou as mais modernas máquinas auxiliares da época. Em 1888, um incêndio destruiu a fábrica Sperling. Para compensar a perda de operações, foi comprada a “Herzogsche Buchbinderrei”, fundada em 1851, que na época empregava 150 trabalhadores em torno de mais de 100 máquinas auxiliares. Em 1889, uma circular comercial informava sobre a “aquisição do negócio de JR Herzog”. Em 1896, o encadernador e escritor especialista Paul Kersten assumiu a gestão do departamento de encadernação da H. Sperling e pouco depois pôde apresentar seus primeiros sucessos na exposição industrial e comercial da Saxônia-Turingia em Leipzig em 1897. Lá, a empresa também se apresentou não como uma instituição de arte, mas como uma instituição de artes e ofícios, utilizando uma pasta decorada com elementos Art Nouveau, em particular para diferenciá-la de seus concorrentes ingleses supostamente mais caro: um catálogo anotado com uma representação ilustrada dos seus próprios produtos em exposição com informações de preços listadas sob o título “Encadernações artísticas feitas à mão”, por exemplo “Pasta de endereços para Se. Real Feito por Sua Alteza o Príncipe George, Duque da Saxônia. Pele de bezerro marrom, meio-campo de pelúcia verde-oliva, incrustações de couro com detalhes ricos em prata e banhados a ouro. Preço: 1000 marcos.”

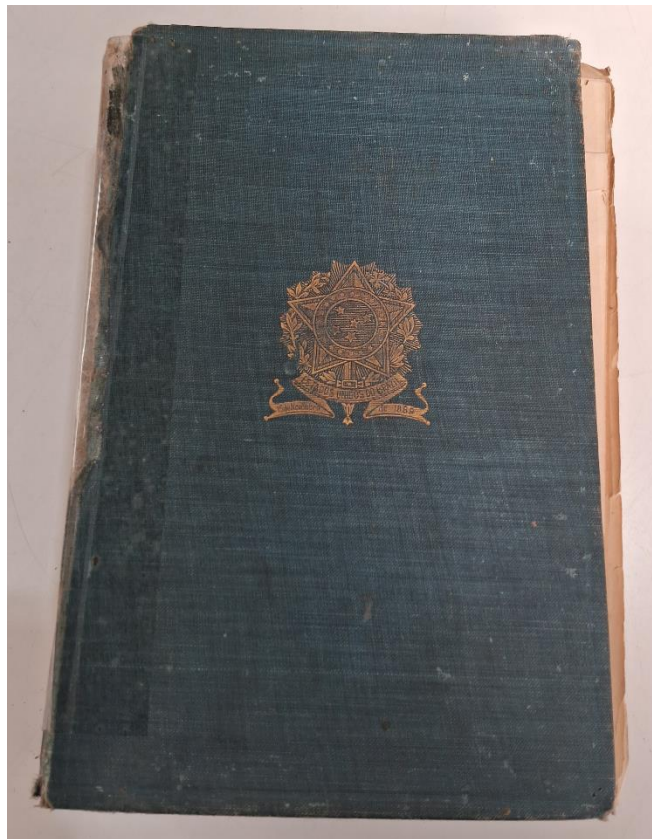
Antes da virada do século, uma filial com um departamento de encadernação de artes e ofícios foi aberta em Berlim, que também se fundiu com a encadernação da corte imperial W. Collin sob Georg Collin. Na mesma época, Sperling produzia principalmente para o comércio de livros editoriais, em particular uma grande variedade de encadernações para livros, bem como capas e pastas. De 1910 a 1913, a empresa construiu uma nova fábrica na esquina da Ostmannstrasse e Platzmannstrasse de Leipzig. Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, H. Sperling operou uma máquina a vapor com 100 cv e cerca de 400 motores auxiliares em Leipzig; um número igual de trabalhadores estava empregado lá. Além disso, foi criada uma sucursal em Berlim, onde trabalhavam cerca de 200 trabalhadores. Os motores elétricos já entregavam uma potência total de 50 cv. Em 1º de abril de 1971, H. Sperling assumiu a empresa Th. Knauer-Hübel & Denck, Großbuchbinderrei e continuou a produção em seu próprio nome. (WIKIPEDIA, 2023l)

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “Brazil”.

8.20 Obra “Brazil” (1911)

Pierre Denis publicou a obra “Brazil” em Londres, em 1911, pela editora T. Fisher Unwin, com 988 páginas. Logo abaixo, na figura 129 avista-se a encadernação da obra.

Figura 129 - Encadernação da obra “Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação da obra é feita com um tecido grosso, na cor verde, no centro da capa observa-se o brasão da república brasileira, em cor dourada. Identifica-se na figura 130 a guarda do espécime pesquisado, um mapa, e as proveniências investigadas.

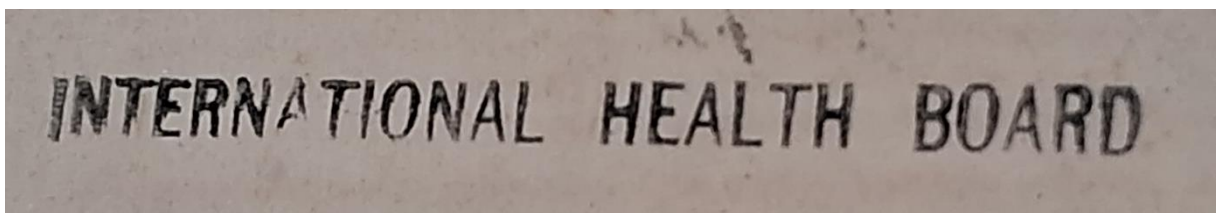
Figura 130 - Guarda da obra “Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na guarda investigada, no canto superior esquerda uma inscrição manuscrita feita com tinta preta, onde lê-se: “9 / 305 / D 41”, no centro da guarda nota-se o carimbo molhado da Biblioteca Rio-grandense, e as marcas de entrada do livro na biblioteca. Logo abaixo observamos o carimbo molhado do *International Health Board*. Na figura 131 identifica-se o carimbo molhado encontrado no livro em questão.

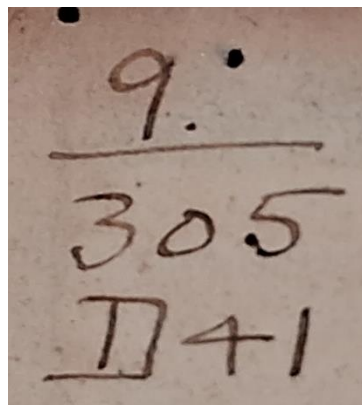
Figura 131 - Carimbo molhado International Health Board



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível perceber na imagem acima um carimbo molhado, feito com tinta preta, e a seguinte inscrição: “INTERNATIONAL HEALTH BOARD”. Já a figura 132 abaixo representa os números encontrados na guarda da obra.

Figura 132 - Número na obra “Brazil”

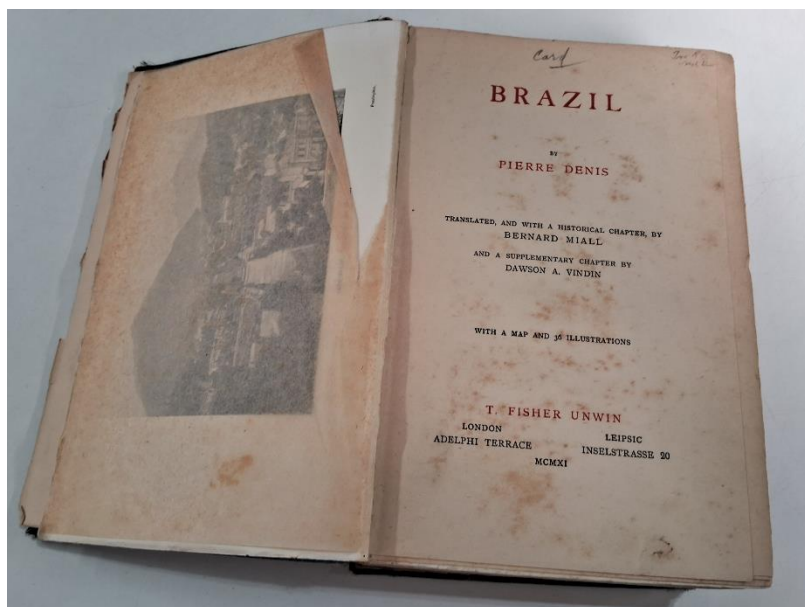


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita com tinta preta, e lê-se a seguinte inscrição: “9 // FIO // 305 // D 41”.

Percebe-se na figura 133 a folha de rosto do livro pesquisado.

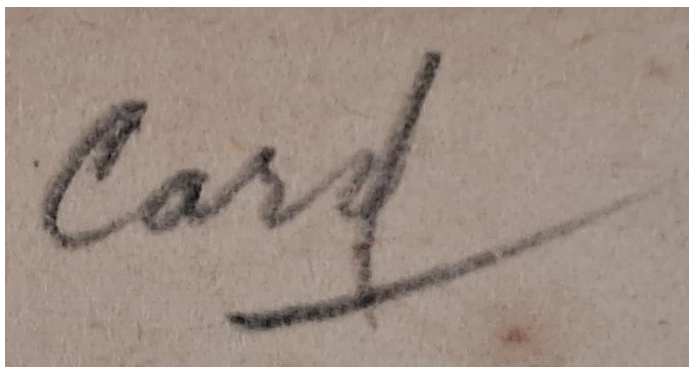
Figura 133 - Folha de rosto da obra “Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Logo acima na folha de rosto é possível identificar uma anotação manuscrita, representa-se esta anotação na figura 134.

Figura 134 - Anotação manuscrita na obra “Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Verifica-se na imagem acima uma anotação manuscrita feita a lápis, onde lê-se: “Card”. A seguir, no próximo item avista-se as informações coletadas sobre a International Health Board.

8.20.1 International Health Board

A International Health Board, ou Conselho Nacional de Saúde, foi fundada pela família Rockefeller em 14 de maio de 1913, por ato legislativo do, aprovado pelo Governador do Estado de Nova York. John D. Rockefeller fundou a fundação, que se tornou uma das instituições filantrópicas mais famosas do mundo.

Inicialmente se concentrava na educação médica e na administração de programas em instituições públicas de saúde. Em 1923 foi desenvolvida uma comissão de estudos para desenvolver projetos fora da área médica.

O relatório de Rose de 1914 para a Fundação, “Febre Amarela: Viabilidade de sua Erradicação”, marcou o início do programa de Febre Amarela que durou até 1951, quando o Dr. Max Theiler ganhou o Prêmio Nobel por sua vacina contra a febre amarela, e a Fundação O relatório anual declarou: “é muito provável que a febre amarela deixe de ser uma ameaça à saúde pública”. Rose trabalhou em seu relatório de viabilidade em colaboração com três médicos: William Crawford Gorgas, Henry Rose Carter e Joseph Hill White. (UNIVERSITY OF VIRGINIA, 2007)

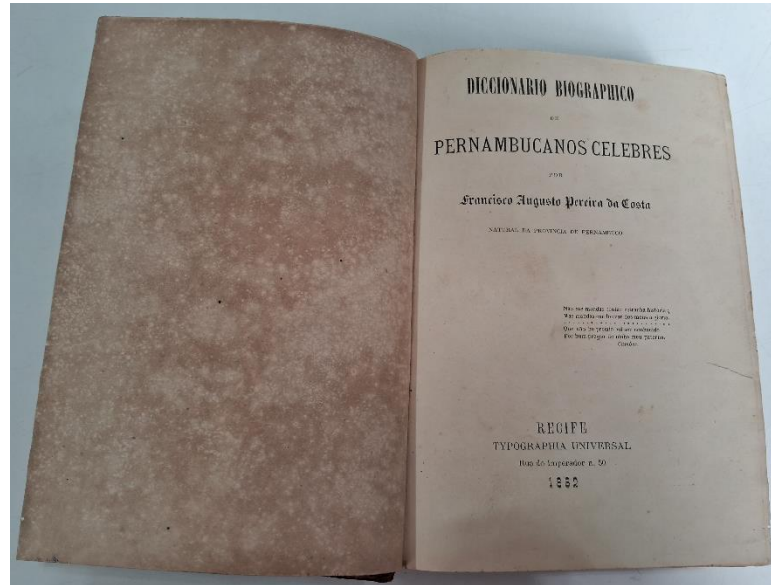
Sob a direção de Wickliffe Rose a fundação alcançou rápido sucesso em campanhas sanitárias, seu programa para a erradicação da febre amarela, por exemplo, durou de 1914 até 1951. A fundação tinha por missão “promover o bem-estar da humanidade em todo o mundo”.

O capítulo a seguir investiga a obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”.

8.21 Obra “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres” (1882)

Francisco Augusto Pereira da Costa publicou em 1882, em Recife, o livro “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”, pela tipografia Universal, com 804 páginas. A figura 135 expressa a folha de rosto da obra em questão.

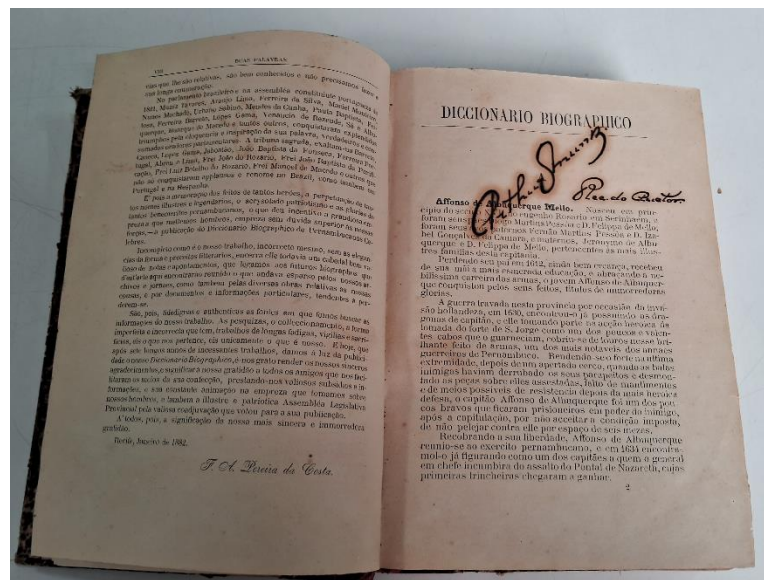
Figura 135 - Folha de rosto da obra “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Percebe-se na figura 136 uma anotação manuscrita e sua localização na obra.

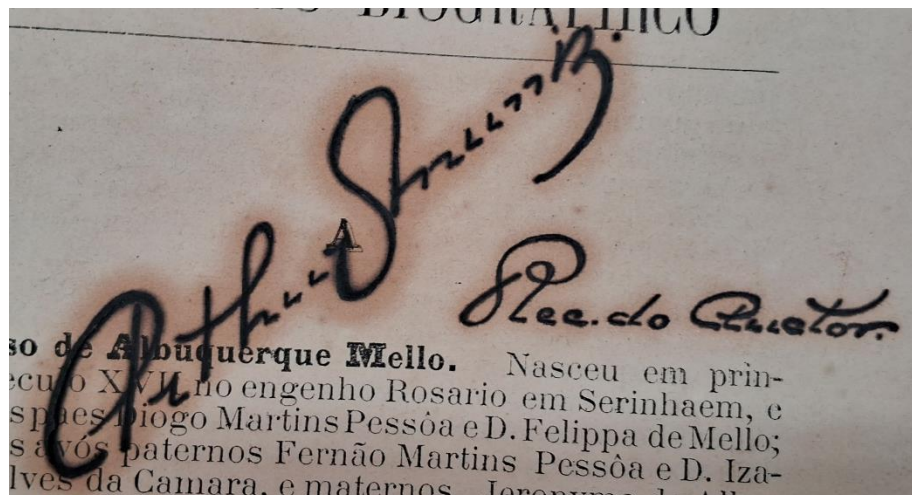
Figura 136 - Anotação manuscrita em seu contexto na obra “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 137 apresenta a anotação manuscrita presente no livro pesquisado.

Figura 137- Anotação manuscrita na obra “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”

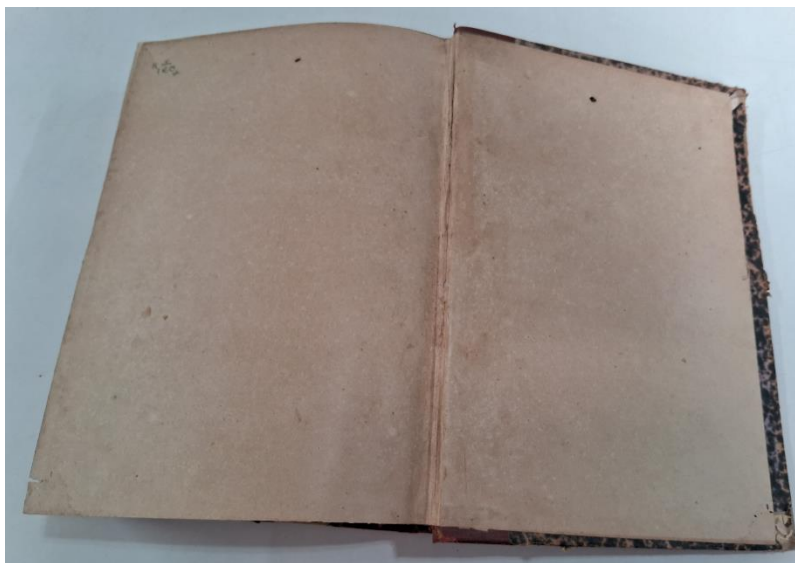


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se na imagem acima uma anotação manuscrita, feita com tinta preta. Não foi possível identificar a inscrição presente.

Na figura 138 identifica-se a guarda final da obra pesquisada.

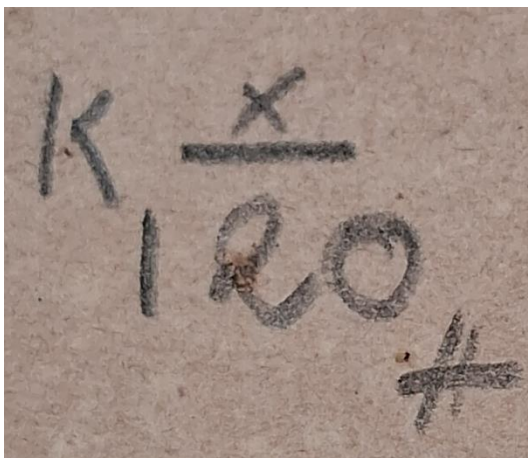
Figura 138 - Guarda final da obra “Dicionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A guarda final da obra exposta acima, mostra uma pequena anotação manuscrita no canto superior esquerdo. Na figura 139, está anotação é observada.

Figura 139 - Número na obra “Diccionario Biographico de Pernambucanos Cerebres”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita a lápis, e mostra a seguinte inscrição “k // x // FIO // 120 // #”.

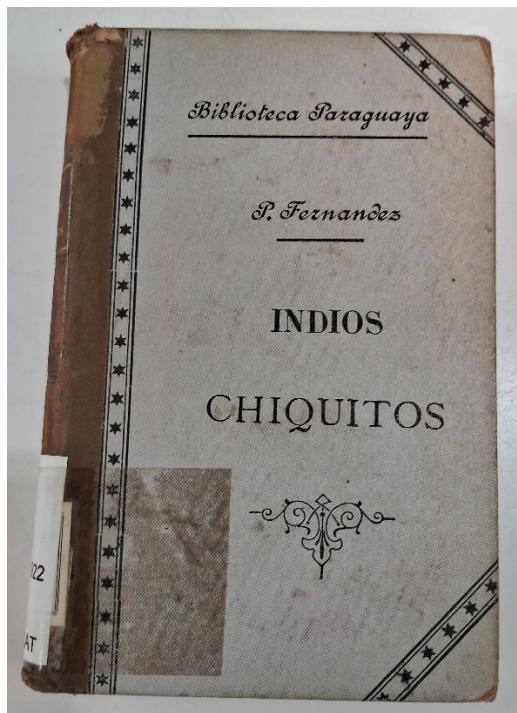
Na sessão seguinte investiga-se as marcas de proveniência presentes no primeiro volume da obra “*Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*”.

8.22 Obra “*Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*” volume 1. (1896)

Juan Patricio Fernández publicou o primeiro volume do livro “*Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*”, em 1896, pela livraria e editora de A. de Uribe y Compañia, em Assuncion, no Paraguai.

A encadernação do primeiro volume da obra investigada é apresentada na figura 140.

Figura 140 - Capa da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1

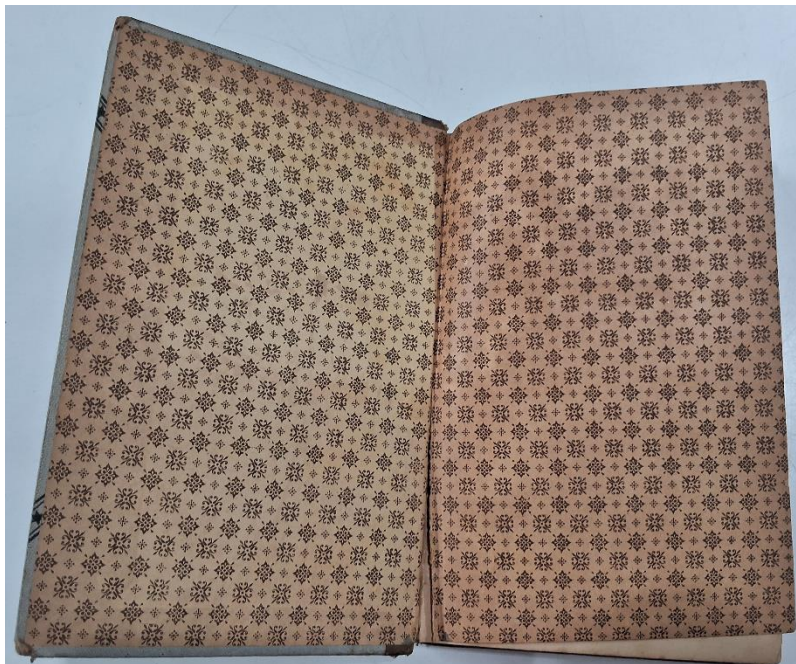


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação acima é feita em cor cinza e letras pretas, a lombada da obra apresenta douração, e é confeccionada em couro de cor marrom.

Avista-se na figura 141 a folha de guarda personalizada presente na obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1

Figura 141 - Folha de guarda da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1

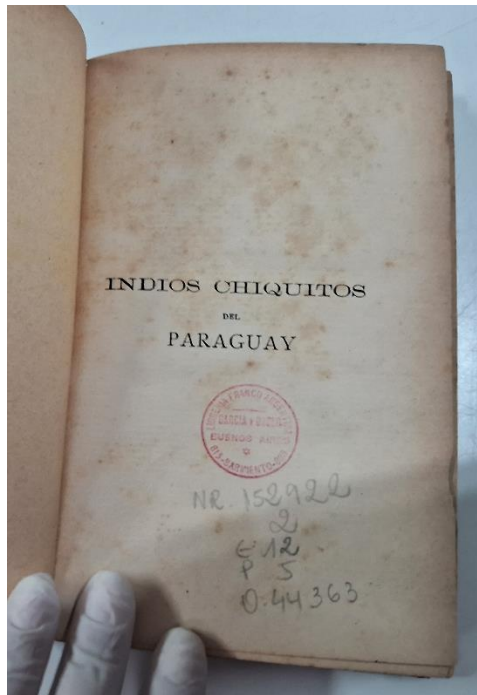


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda apresentada acima tem tons de bege, ou amarelo e marrom, mostra sinais de desgaste, causados pelo tempo, e talvez, manchas causadas pelo tipo de cola utilizada na encadernação, porque toda a borda exterior da folha de guarda apresenta uma tonalidade diferente da parte central da folha de guarda.

Identifica-se na figura 142 a falsa folha de rosto do livro e as marcas de proveniência que nela se apresentam.

Figura 142 - Falsa folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A falsa folha de rosto apresenta um carimbo molhado e marcas de entrada do livro na biblioteca. A figura 143 investiga o carimbo molhado encontrado neste exemplar.

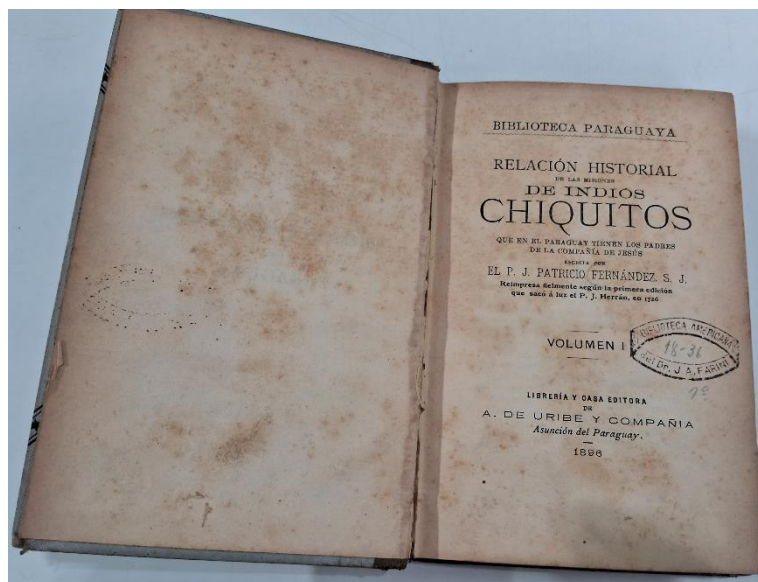
Figura 143 - Carimbo molhado da Livraria Franco Argentina Garcia Y Dasso.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se na imagem acima um carimbo molhado, com tinta na cor vermelha, em formato circular, lê-se na inscrição “LIBRERIA FRANCO ARGENTINA // GARCIA Y DASSO // BUENOS AIRES // 815 – SARMIENTO – 825”. Na figura 144 apresenta-se a folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, volume 1.

Figura 144 - Folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.1



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto visível acima carrega o carimbo molhado da “Biblioteca Americana de J. A. Farini”, que será investigado na figura 145.

Figura 145 - Carimbo molhado da Biblioteca Americana de J.A. Farini



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem retrata um carimbo molhado, com tinta preta, e anotação a lápis, revelando a inscrição: “BIBLIOTECA AMERICANA // 18 – 36 // del Dr. J. A. FARINI // 1º”.

A seguir apresenta-se os dados coletados sobre a “Libreria Franco Argentina Garcia e Dasso.

8.22.1 Libreria Franco Argentina Garcia e Dasso

Não foi possível obter nenhuma informação sobre esta livraria.

A seguir, no próximo item, apresenta-se informações coletadas sobre o proprietário J. A. Farini.

8.22.2 Juan Ángel Fariní (1867 – 1934)

O doutor Juan Ángel Fariní, nasceu em Buenos Aires e foi bibliófilo, historiador, médico e membro do Conselho de História Americana e Numismática (Academia Nacional de História da Argentina).

O senador A. Santamarina apresentou um projeto de lei logo após a morte de Fariní, com o intuito de assegurar que o acervo bibliográfico do bibliófilo não saísse da Argentina. O então presidente A. P. Justo promulgou o então projeto de lei, e desta forma o acervo foi adquirido e encaminhado a “*Biblioteca Publica Universitaria*”.

Com o recebimento do acervo de Fariní a “*Biblioteca Publica Universitaria*” da *Universidad Nacional de La Plata* inaugurou a Sala Juan Ángel Fariní, que resguarda um acervo de 17 mil volumes, com temáticas que versam entre geografia americana e argentina e história, dentre outras temáticas, o acervo ainda é composto por cerca de 300 jornais e 3 mil panfletos. (UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA, 2022).

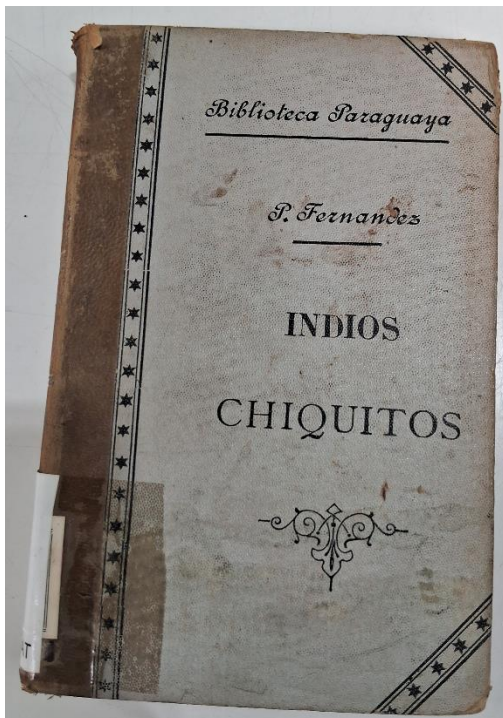
No item a seguir aprecia-se as marcas de posse e propriedade coletadas no segundo volume do espécime “*Relacion historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*”.

8.23 Obra “*Relacion historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*” volume 2. (1896)

Juan Patricio Fernández publicou o segundo volume do livro “*Relacion historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los padres de la Compañia de Jesús*”,

em 1896, pela livraria e editora de A. Uribe y Compañía, no Paraguai. A encadernação do primeiro volume da obra investigada é apresentada na figura 146.

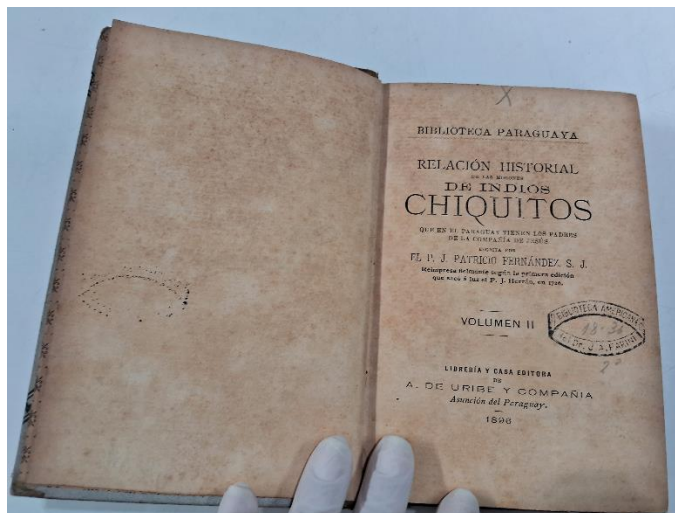
Figura 146 - Capa da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.2



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Avista-se na figura 147 a folha de rosto da obra pesquisada e um carimbo molhado de um antigo proprietário.

Figura 147- Folha de rosto da obra “Indios Chiquitos del Paraguay”, v.2



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Investiga-se na figura 148 o carimbo molhado da Biblioteca Americana de J.A. Farini.

Figura 148 - Carimbo molhado da Biblioteca Americana de J.A. Farini



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem retrata um carimbo molhado, com tinta preta, e anotação a lápis, revelando a seguinte inscrição: “BIBLIOTECA AMERICANA // 18 – 36 // del Dr. J. A. FARINI // 2º”.

No capítulo posterior são fornecidas informações sobre o proprietário Juan Àngel Fariní.

8.23.1 Juan Àngel Fariní (1867 – 1934)

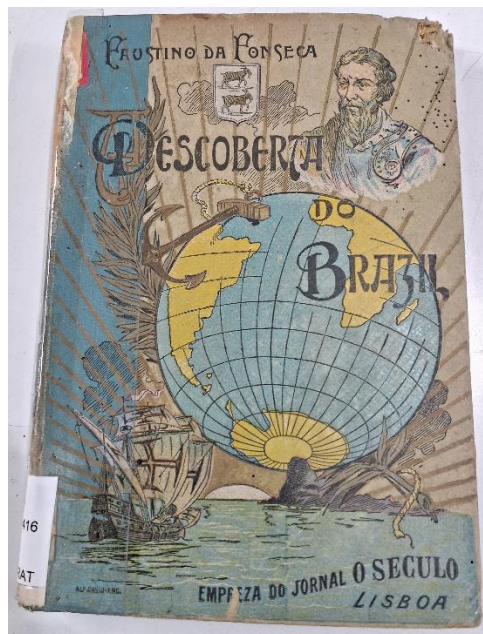
Ver capítulo 8.22.2 para maiores informações sobre este proprietário.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “A descoberta do Brasil”.

8.24 Obra “A descoberta do Brasil” (1900)

A obra “A descoberta do Brasil” foi publicada em Lisboa, em 1900, por Faustino da Fonseca, pela tipografia da empresa do jornal “O Século”, com 262 páginas e é ilustrado. A figura 149 retrata a capa do livro.

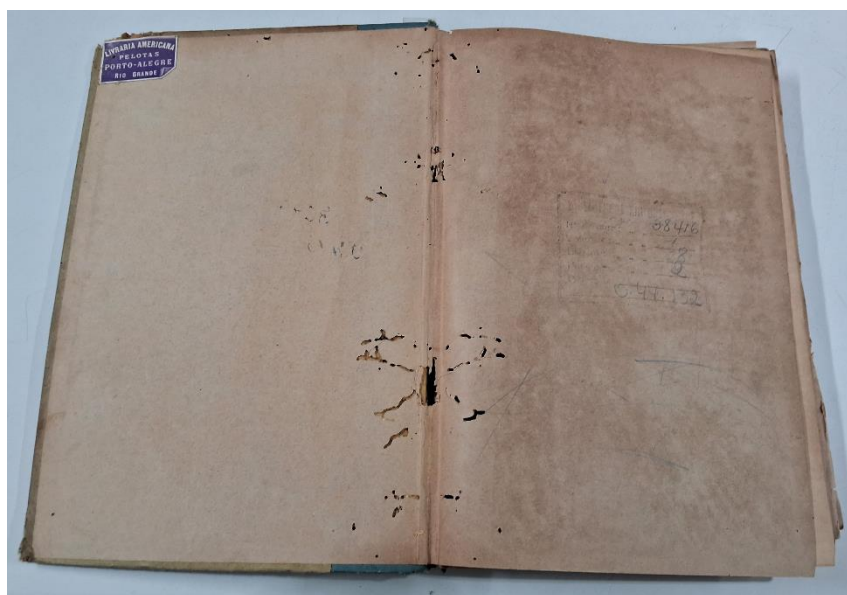
Figura 149 - Capa da Obra “A descoberta do Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Avista-se na imagem abaixo, figura 150, a guarda da obra pesquisada e uma etiqueta de livraria.

Figura 150 - Guarda da Obra “A descoberta do Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No canto superior direito é possível observar a imagem de uma etiqueta anexada a guarda da obra, já na figura 151 observa-se a etiqueta em forma destacada.

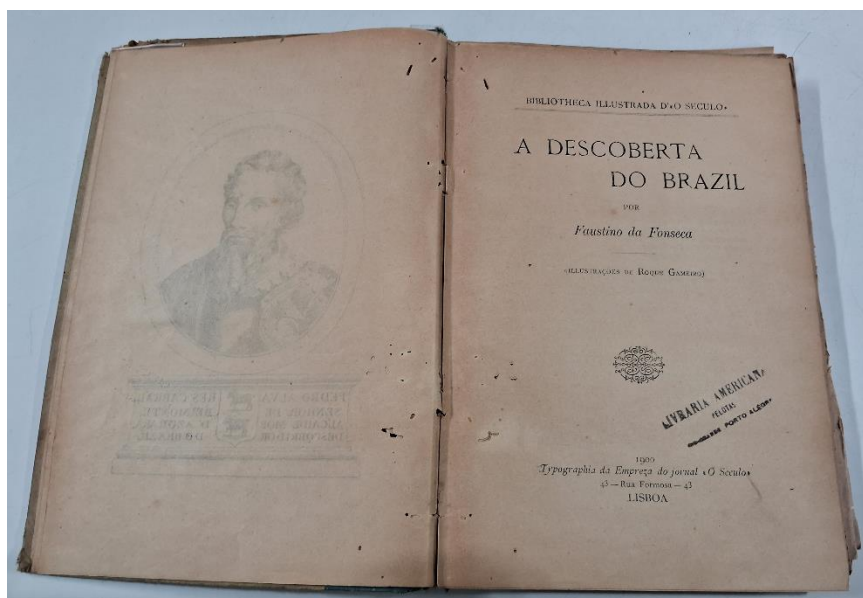
Figura 151 - Etiqueta Livraria Americana na Obra “A descoberta do Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta investigada possui fundo azul e letras brancas, com a seguinte inscrição: “LIVRARIA AMERICANA // PELOTAS // PORTO – ALEGRE // RIO GRANDE”. A figura 152 apresenta a folha de rosto do livro “ A descoberta do Brazil”.

Figura 152 - Folha de rosto da Obra “A descoberta do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Avista-se na figura 153 o carimbo molhado encontrado no espécime pesquisado.

Figura 153 - Carimbo molhado na Obra “A descoberta do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na imagem acima um carimbo molhado, confeccionado com tinta preta, lê-se a inscrição: “LIVRARIA AMERICANA // PELOTAS // RIO GRANDE PORTO ALEGRE”.

No item a seguir coloca-se informações referentes a Livraria Americana.

8.24.1 Livraria Americana

A Livraria Americana foi a primeira editora do Rio Grande do Sul. Fundada em Pelotas, por Carlos Thomas Pinto em 1871. O negócio cresceu velozmente e se expandiu, em 1879, a livraria abriu a primeira filial em Porto Alegre, posteriormente, em 1885, abriu sua terceira loja em Rio Grande.

A livraria foi pioneira na edição de livros didáticos no estado, tanto de autores nacionais, quanto traduções estrangeiras, incluindo livros de história, de geografia, de gramática, dentre outros. Ofertava obras técnico-científicas nas áreas de medicina, de direito, de farmácia, e de medicina. Conforme afirmam Souza e Crippa (2014) a livraria atuava:

Publicando com regularidade e possuindo um catálogo diversificado, lançou nessa época a Biblioteca Econômica; traduções de romances de Dostoiévski, Maupassant, Zola, entre outros, em formato reduzido e a baixo preço (Hallewell, 2005, p. 390; Torresini, 1999, p. 47). Segundo Hallewell (2005, p. 390), a editora e sua coleção estavam entre os responsáveis pela pirataria de títulos no país no final do século XIX, diminuindo seus gastos de produção pelo não pagamento de direitos autorais; situação que só começaria a mudar no início do século XX, com novas leis sobre direitos autorais no Brasil e no mundo. (SOUZA; CRIPPA, 2014)

A editora e livraria Americana foi responsável pela edição do “Almanaque literário e estatístico da província do Rio Grande do Sul”, publicado pela primeira vez em 1889, pelo autor Alfredo Ferreira Rodrigues.

Sobre a importância da Livraria Americana para a política Riograndense Bastos (2020) comenta:

Nos últimos anos da monarquia, a efervescência política no estado era dominada por três grandes temas: *a abolição da escravatura, a propaganda republicana e o Liberalismo, com propostas de reformas mas manutenção do regime monárquico.*

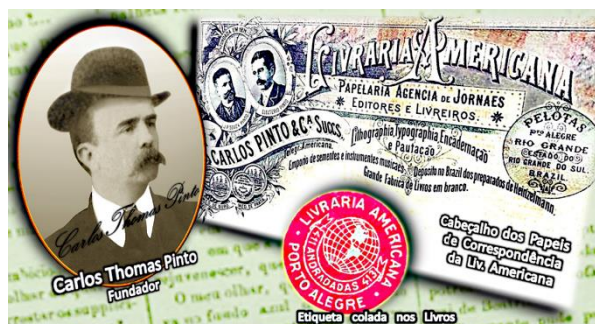
O jornal “*A Reforma*” era o órgão oficial do Partido Liberal, cuja liderança maior era exercida por Gaspar Silveira Martins.

A sede deste jornal ficava no prédio ao lado da Livraria Americana e uma porta interna chegou a ser aberta entre os dois prédios, para que ocorresse a circulação livre dos intelectuais, jornalistas e escritores que faziam parte do grupo de colaboradores daquele periódico liberal. As dependências da Livraria serviam para reuniões, debates políticos e literários de várias figuras da intelectualidade daquela época. (BASTOS, 2020)

Além de material especializado para os bibliófilos, os intelectuais, e os profissionais, a empresa oferecia materiais para o público em geral, e desde a década de 1880 publicava livros no formato de bolso, comercializava romances de autores estrangeiros e traduções de sonetos, vendendo ainda, materiais de papelaria, timbrados em geral e livros em branco utilizados em contabilidade.

A figura 154 apresenta a imagem do fundador da Livraria Americana, a logomarca da empresa e uma etiqueta da livraria que era anexada aos livros.

Figura 154 - Fotografia Carlos Thomas Pinto



Fonte: Bastos (2020).

Nos arquivos pessoais do artista e colecionador rio-grandino Marcelo Calheiros, encontramos notas de compra, adquiridas por ele em leilão que comprovam a relação próxima

existente entre a biblioteca Rio-grandense e a livraria Americana, já que podemos constatar que a biblioteca possuía uma “conta” com a livraria, onde os itens que eram adquiridos eram pagos posteriormente. Nestas notas, pode ser encontrado o nome de algumas das obras adquiridas pela instituição, com o seu valor no momento da compra. A figura 155 apresenta a nota da Livraria Americana confeccionada em 20 de março de 1935.

Figura 155 - Nota de compra da Livraria Americana



Fonte: A autora (2022). Acervo pessoal de Marcelo Calheiros.

A figura 156 apresenta a nota da Livraria Americana confeccionada em 30 de setembro de 1934.

Figura 156 - Nota de compra da Livraria Americana



Fonte: A autora (2022). Acervo pessoal de Marcelo Calheiros.

A figura 157 apresenta a nota da Livraria Americana confeccionada em 31 de dezembro de 1934.

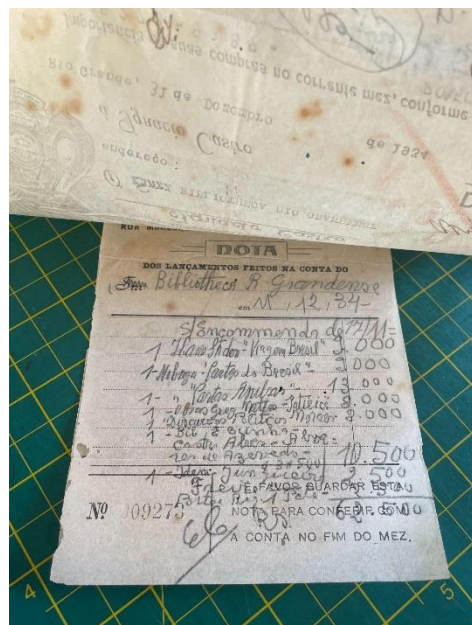
Figura 157 - Nota de compra da Livraria Americana.



Fonte: A autora (2022). Acervo pessoal de Marcelo Calheiros.

A figura 158 retrata o anexo 1 da nota da Livraria Americana confeccionada em 31 de dezembro de 1934.

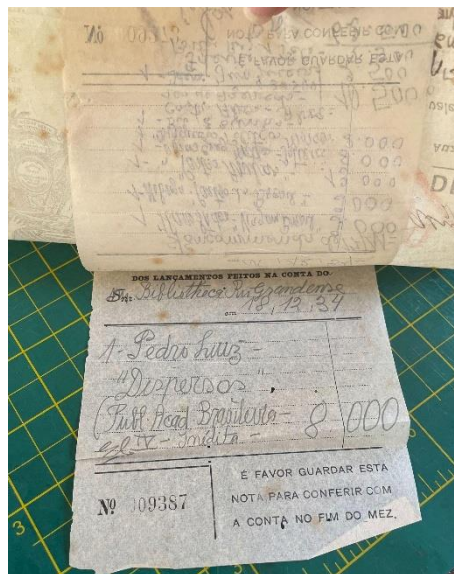
Figura 158 - anexo 1 da nota da Livraria Americana de 31 de dezembro de 1934.



Fonte: A autora (2022). Acervo pessoal de Marcelo Calheiros.

A figura 159 manifesta o anexo 2 da nota da Livraria Americana confeccionada em 31 de dezembro de 1934.

Figura 159 - anexo 2 da nota da Livraria Americana de 31 de dezembro de 1934.



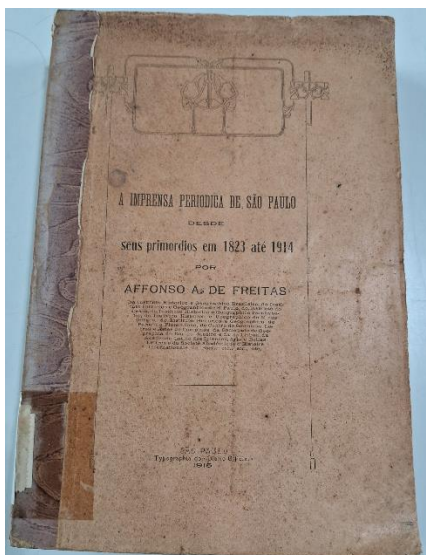
Fonte: A autora (2022). Acervo pessoal de Marcelo Calheiros.

A seguir apresenta-se a obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914” e os dados intrínsecos de proveniência que nela foram encontrados.

8.25 Obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914” (1915)

O livro “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914” foi publicado por Affonso Antonio de Freitas, em São Paulo, pelo “Diario Official”, em 1915, com 813 páginas. Identifica-se na figura 160 a capa do espécime em questão.

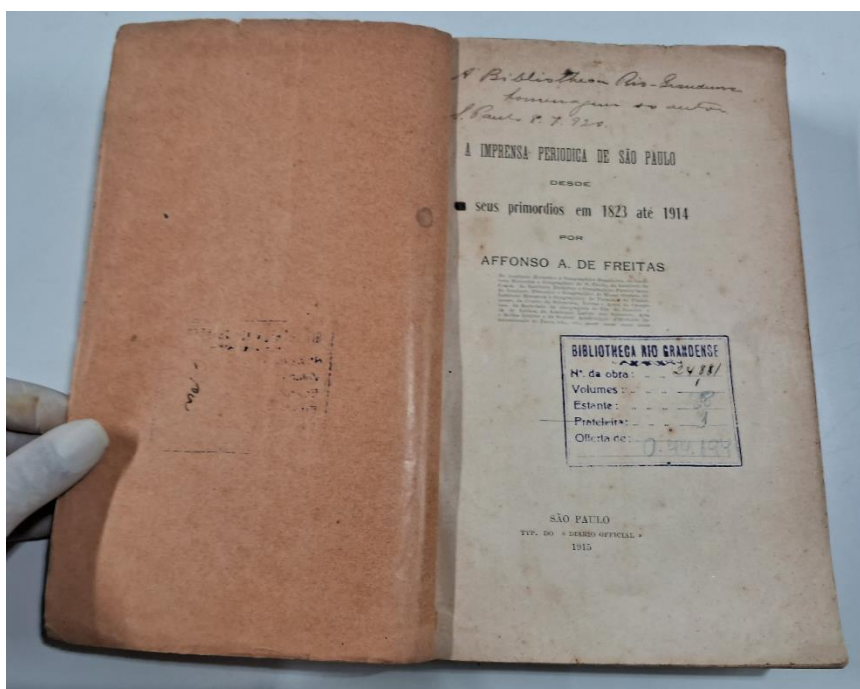
Figura 160 - Capa da obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Investiga-se na figura 161 a folha de rosto da obra pesquisada e as marcas de posse e propriedade nela encontradas.

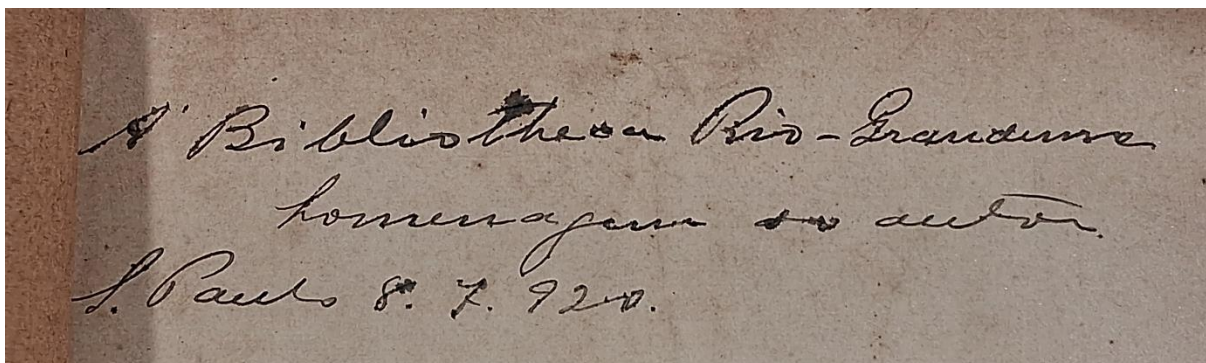
Figura 161 - Folha de rosto da obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem abaixo, figura 162, expõe a anotação manuscrita identificada na obra.

Figura 162 - Anotação manuscrita na obra “A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem exposta acima pode-se observar uma anotação feita a mão com tinta preta, e a seguinte inscrição “A Bibliotheca Rio-grandense // homenagem do autor. // S. Paulo 8. 7. 920.”

8.25.1 Affonso Antonio de Freitas

Affonso Antonio de Freitas nasceu em São Paulo, em 12 de junho de 1868. Foi historiador, jornalista e pesquisador da língua Tupi, mapeou e documentou os rituais e costumes das diferentes nações dos povos originários brasileiros.

Escreveu sua primeira matéria para o periódico “A redenção, órgão liberal e abolicionista” aos dezesseis anos. Escrevia uma coluna no jornal “Diário Popular”, chamada de “O Velho São Paulo”. Publicou a obra “Tradição e reminiscências, em 1921.

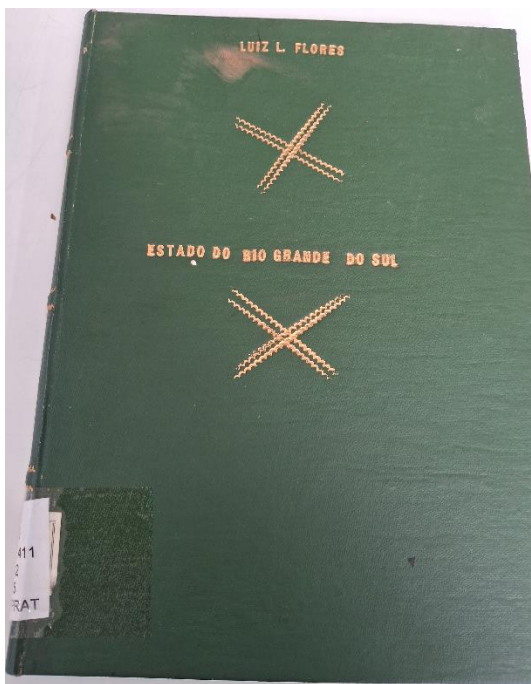
Ocupava a cadeira número quatro, como membro da Academia Paulista de Letras. Foi membro e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IGHSP). E, foi o responsável por determinar os limites atuais entre os estados de São Paulo e Minas Gerais.

Enxerga-se no item a seguir as informações de proveniência coletadas na obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.

8.26 Obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular” (1898)

Luiz Leopoldo Flores publicou em 1898, a obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”, em Lisboa, com 65 páginas, pela editora A. M. Pereira. A seguir, na figura 163 apresenta-se a capa do exemplar averiguado.

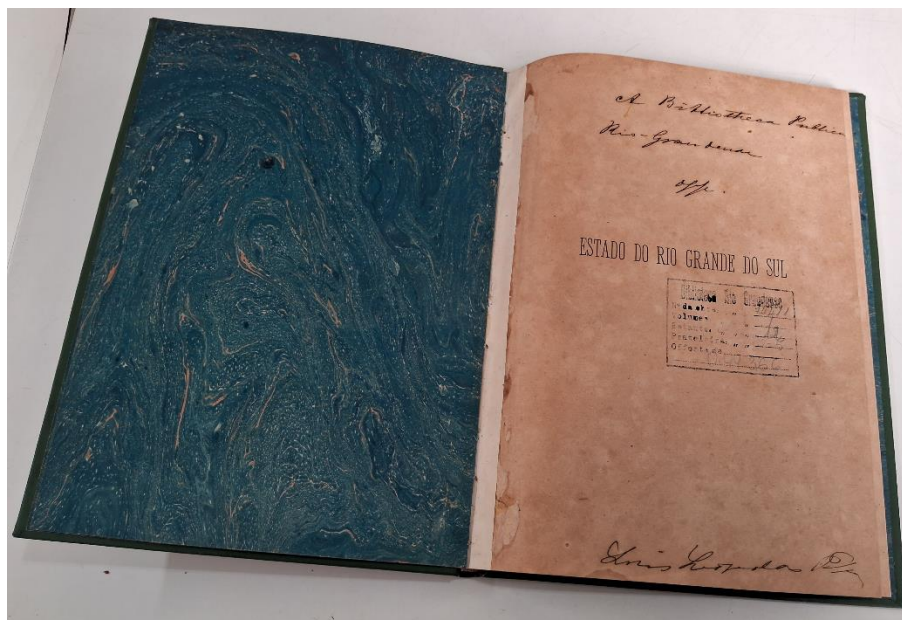
Figura 163 - Capa da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação da obra é feita em couro verde, com letras douradas, onde lê-se: “LUIZ L. FLORES // ESTADO DO Rio Grande do Sul”. A próxima imagem apresentada, figura 164, retrata a folha de rosto do livro e as anotações manuscritas nela presentes.

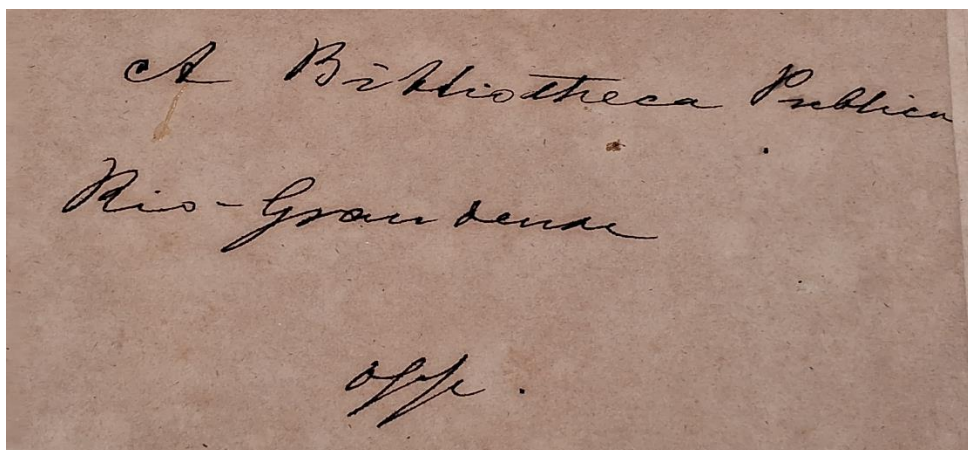
Figura 164 - Folha de rosto da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Investiga-se na figura 165 uma das anotações manuscritas encontrada na folha de rosto da obra pesquisada.

Figura 165 - Anotação manuscrita da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.

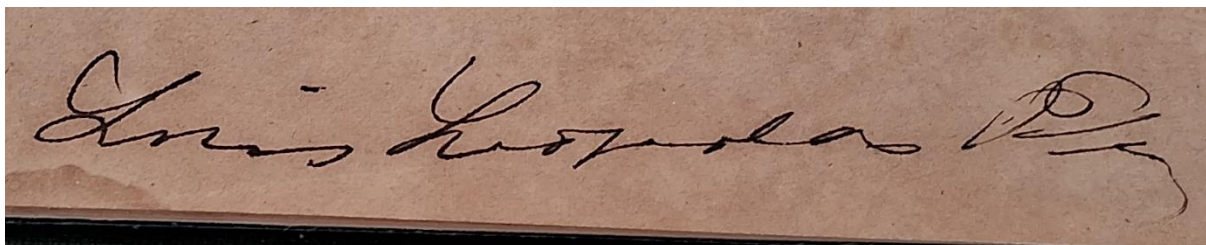


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nota-se na imagem acima uma anotação manuscrita, feita com tinta preta, onde lê-se a inscrição: “A Bibliotheca publica // Rio-Grandense // ?.”

A próxima anotação manuscrita investigada se faz presente na figura 166.

Figura 166 - Anotação manuscrita da obra “Apontamentos históricos, chorographicos e estatísticos para relatório consular”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível identificar que a anotação manuscrita é feita com tinta preta. A inscrição não é totalmente legível para olhos leigos, que não estão acostumados aos princípios da paleografia. Nesta anotação o nome apresentado pela inscrição é “Luis Lopes da ?”.

Nesta obra, aqui investigada, não foi possível identificar o nome de nenhum dos antigos possuidores do livro.

Verifica-se abaixo as marcas de proveniência recolhidas na obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.

8.27 Obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil” (1885)

Francisco Ignacio Ferreira publicou a obra “Diccionario geographico das minas do Brazil em 1885, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, com 752 páginas. A encadernação do exemplar consultado está acessível na figura 167.

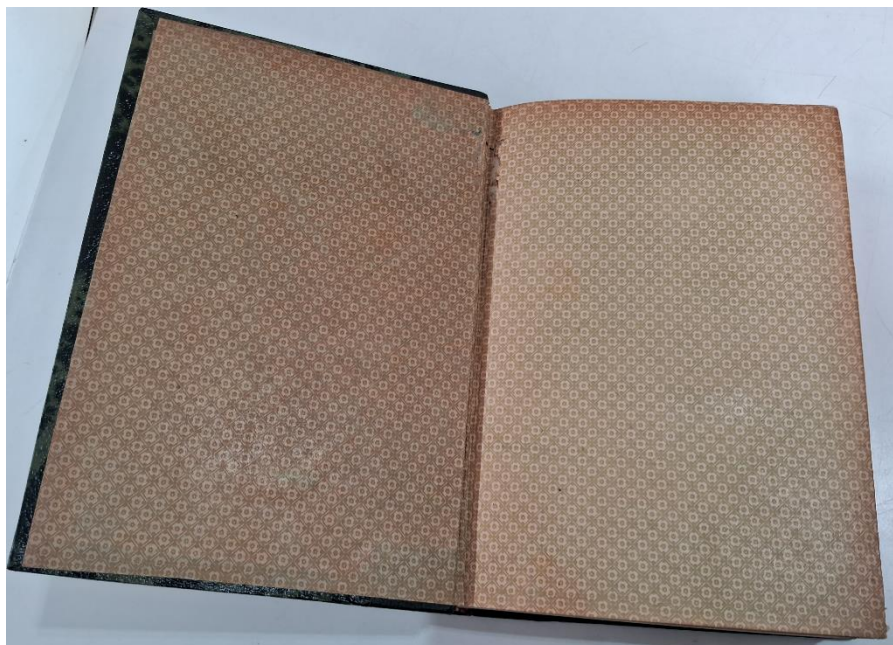
Figura 167 - Encadernação da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação investigada, é do tipo meia encadernação, com lombada em couro, com nervuras, e papel marmorizado, nas cores verde e preto. A figura 168 apresenta a folha de guarda do exemplar investigado.

Figura 168 - Folha de guarda na obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.

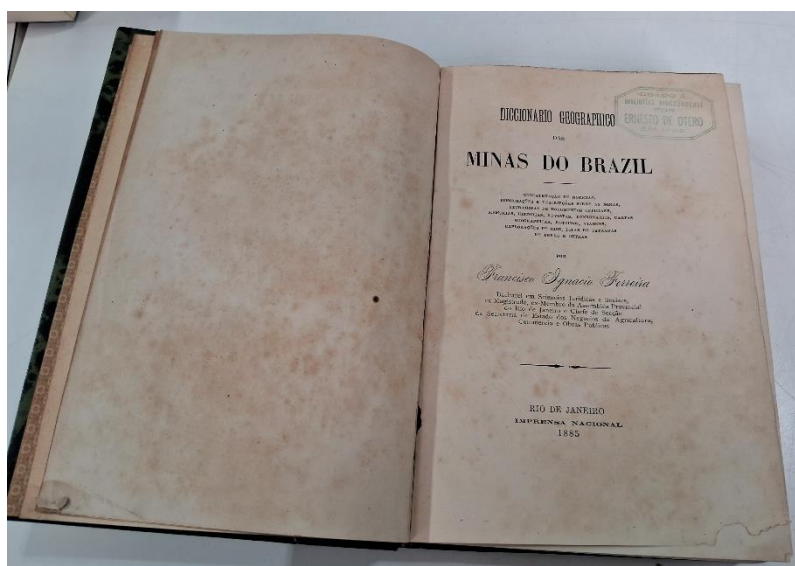


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O papel da folha de guarda deste espécime possui tons de bege. Nota-se um leve desgaste causado pelo tempo e pela ação da cola usada na encadernação.

Na próxima imagem, figura 169, aprecia-se a folha de rosto do livro pesquisado e os vestígios de proveniência ali presente.

Figura 169 - Folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Logo abaixo apresenta-se na figura 170 o *ex dono* investigado a partir da coleta de dados históricos intrínsecos encontrados no espécime.

Figura 170 - Carimbo de Ernesto de Otero na obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na imagem representada acima um ex dono, em forma de carimbo molhado, feito com tinta verde, no formato octogonal, com a seguinte inscrição: "Doado à // Bibliotéca Riograndense // por // Ernesto De Otero // EM 1943".

No tópico abaixo revela-se os dados colhidos sobre o proprietário Ernesto de Otero.

8.27.1 Ernesto de Otero

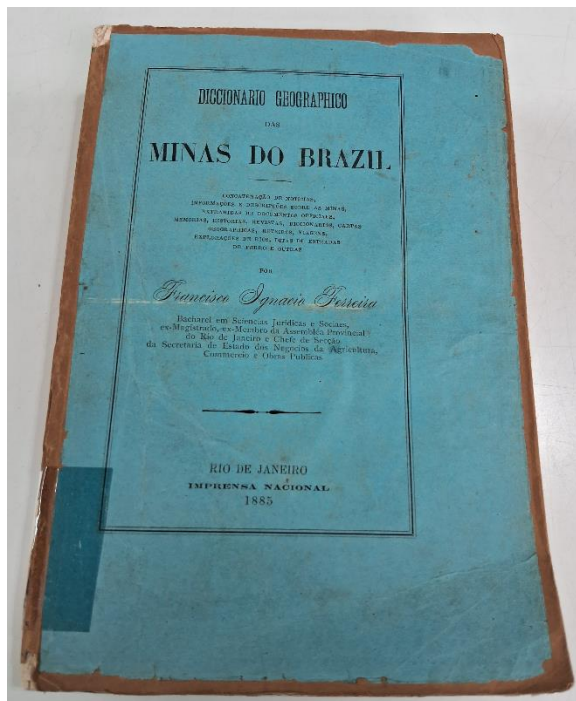
Ver capítulo 8.1.1 para maiores informações sobre o proprietário Ernesto de Otero.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “Diccionario geographico das minas do Brazil”.

8.28 Obra “Diccionario geographico das minas do Brazil” (1885) – segundo exemplar

Francisco Ignacio Ferreira publicou a obra “Diccionario geographico das minas do Brazil em 1885, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, com 752 páginas. A capa do exemplar consultado está acessível na figura 171.

Figura 171 - Capa da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.

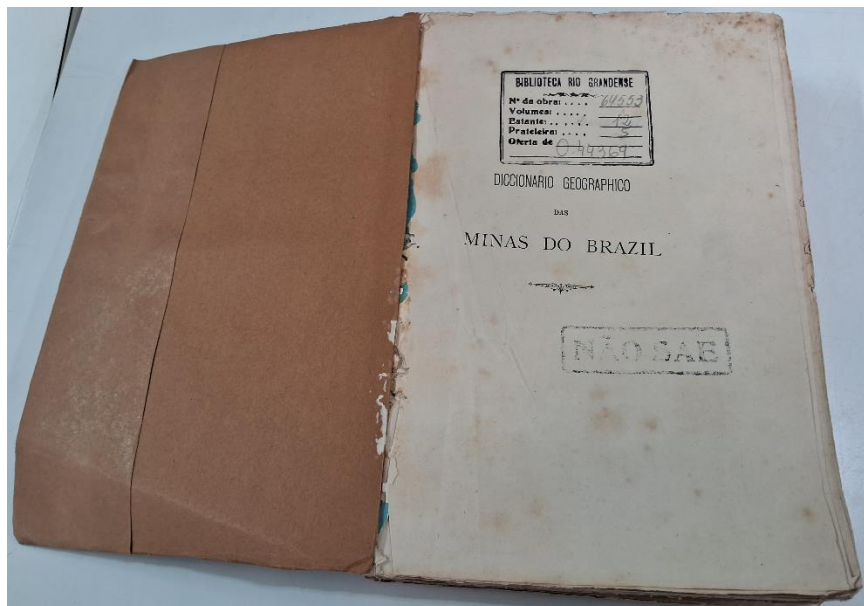


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima representa a capa do segundo exemplar deste mesmo título que a Biblioteca possui, diferente do exemplar anteriormente consultado por esta pesquisadora, no capítulo 8.27, e que pertenceu a Ernesto de Otero, este exemplar não está encadernado de forma personalizada como o anterior. Como a encadernação deste exemplar é do tipo brochura, a capa do livro aqui apresentado é feita de papel molhe, de cor azul, e pouco espesso.

Atem-se na figura 172 a imagem da guarda e da falsa folha de rosto do objeto investigado.

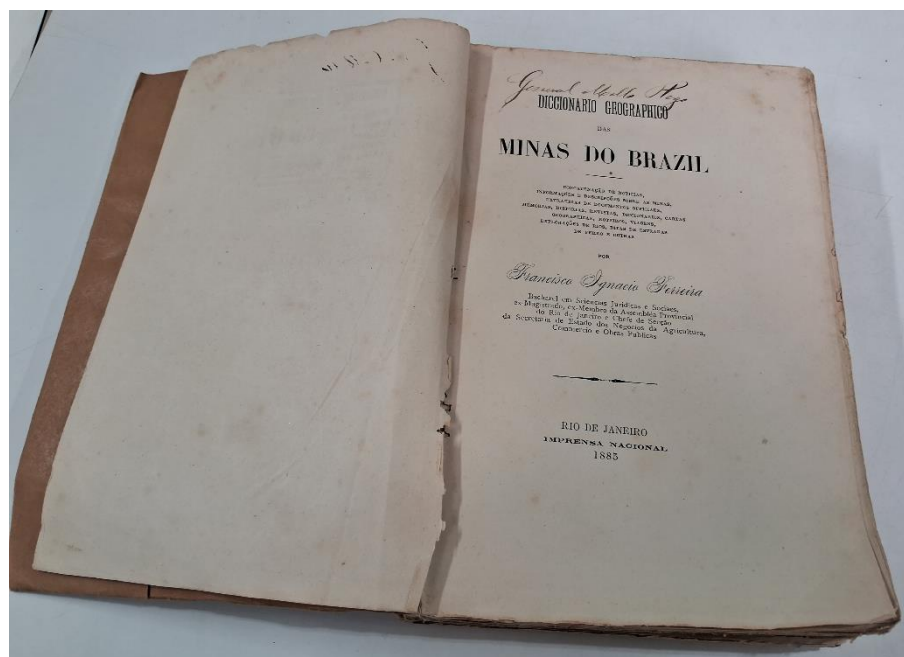
Figura 172 - Falsa folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Confere-se na figura 173 a folha de rosto do livro, e logo no topo da página identifica-se uma anotação manuscrita.

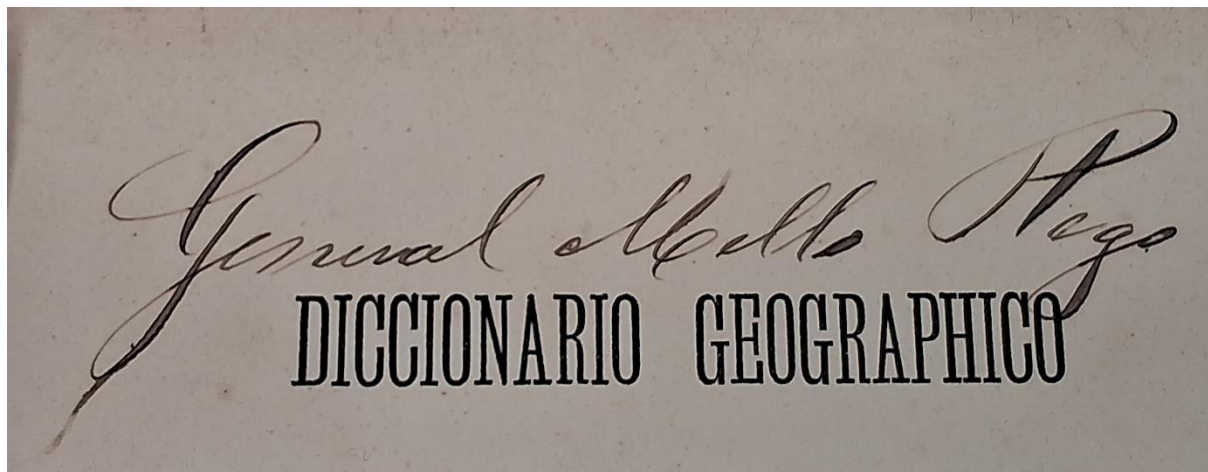
Figura 173 - Folha de rosto da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita encontrada na obra está destacada na figura 174 logo abaixo.

Figura 174 - Anotação manuscrita da obra “Diccionario geográfico das minas do Brazil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Aprecia-se na imagem acima uma anotação manuscrita, feita com tinta preta, que apresenta a inscrição: “General Mello Rego”.

Organiza-se no item abaixo as informações biográficas coletadas sobre o General Mello Rego.

8.28.1 General Mello Rego

Francisco Rafael de Mello Rego (? – 1904) foi militar, autor e político brasileiro. Em 8 de agosto de 1842 assumiu como praça do exército dois anos depois, em julho de 1844 tornou-se alferes. Seguiu carreira no exército, formando-se ainda, como engenheiro militar e bacharel em ciências físicas e matemática. Em fevereiro de 1890 alcançou a patente de Marechal de Campo. (WIKIPEDIA, 2021)

Foi nomeado por Carta Imperial⁹¹, em 12 de setembro, ao cargo de Presidente da Província de Mato Grosso (1887 – 1889). Ainda por Mato Grosso foi eleito Deputado Federal (1897 – 1899)

Como autor publicou o livro “Rebelião Praieira – Página de Occasião” (1899).

Na sessão seguinte apresenta-se os dados de proveniência coletados na obra “Historia de Sergipe”.

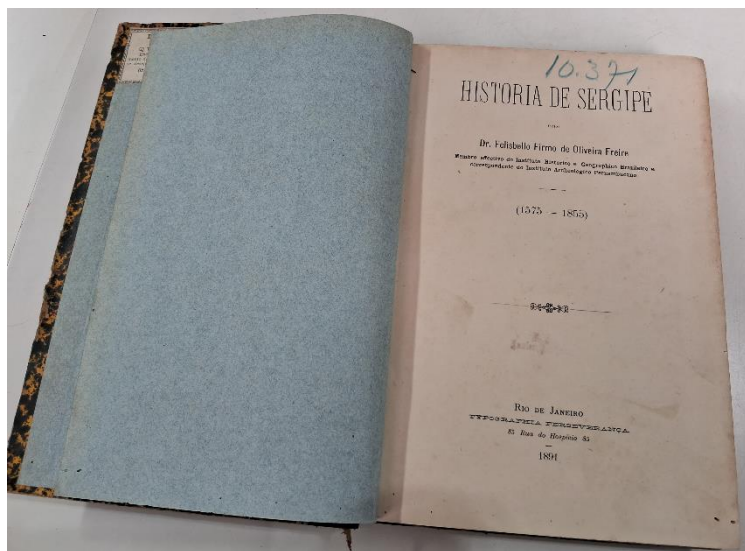
8.29 Obra “Historia de Sergipe” (1891)

⁹¹ Carta imperial era denominado qualquer documento oficial contendo atos e decisões dos imperadores brasileiros ou da princesa regente, assinados pelos mesmos e seus representantes legais.

O livro “Historia de Sergipe” foi publicado por Felisbello Firmo de Oliveira Freire, no Rio de Janeiro, em 1891, com 424 páginas, pela tipografia Perseverança.

Destaca-se na figura 175 a folha de rosto do livro averiguado.

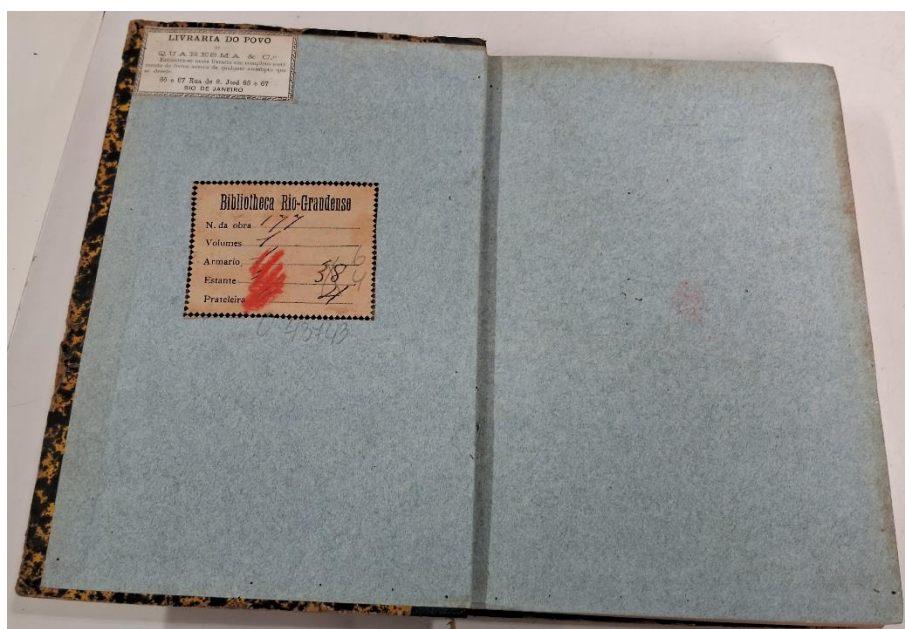
Figura 175 - Folha de rosto da obra “Historia de Sergipe”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda da obra, e os vestígios de proveniência identificados são apresentados na figura 176.

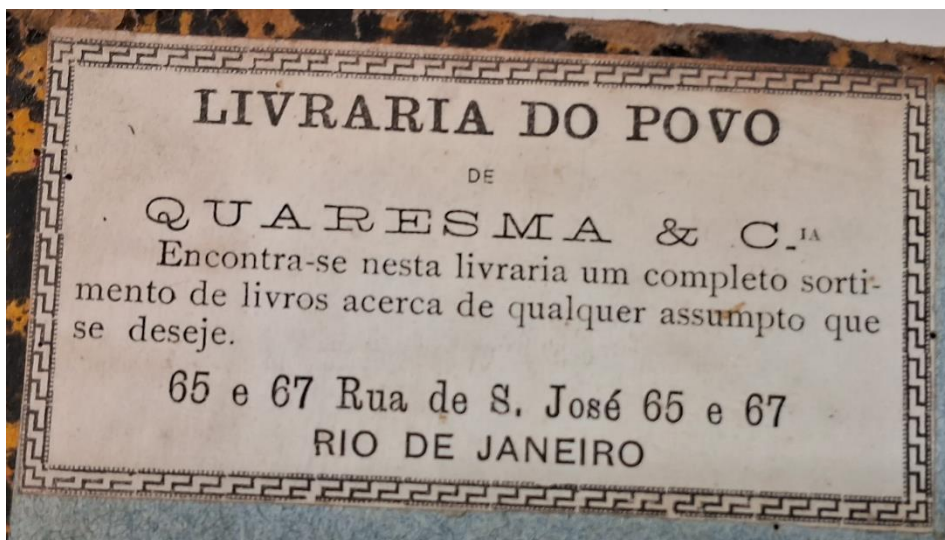
Figura 176 - Guarda da obra “Historia de Sergipe”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem apresenta a folha de guarda em papel azul, a etiqueta da Biblioteca Rio-grandense, e a etiqueta da Livraria do Povo, que será apresenta na figura XXX.

Figura 177 - Etiqueta da Livraria do Povo na obra “Historia de Sergipe”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da livraria apresenta fundo branco e letras pretas, com a seguinte inscrição: “LIVRARIA DO POVO // DE // QUARESMA & CIA // Encontra-se nesta livraria um completo sorti- // mento de livros acerca de qualquer assumpto que se deseje. // 65 e 67 Rua de S. José 65 e 67 // RIO DE JANEIRO”.

A seguir apresenta-se as informações coletadas sobre a Livraria do Povo.

8.29.1 Livraria do Povo

Inicialmente a Livraria e editora ficava localizada na Rua São José, número 57, tinha como proprietário Serafim José Alves, mas em 1879, Pedro da Silva Quaresma adquiriu a livraria, que continuou com o mesmo nome de “Livraria do Povo” por algum tempo. Posteriormente o estabelecimento passou a ser chamado como “Livraria Quaresma”.

Quaresma foi o único brasileiro que atuava no período, e por quase cinquenta anos foi um brasileiro solitário dentre os estrangeiros que atuavam no universo livresco. Ele apostou no comércio de livros usados, nas brochuras, e na literatura infantil, sendo o editor de uma Biblioteca infantil, que publicava com uma linguagem acessível para que as crianças desenvolvessem o gosto pela leitura, a primeira obra publicada foi “Os contos da Carochinha”, em 1894.

Quaresma conquistou a população comum, pouco letrada, ignorada pelas demais editoras, oferecendo-lhes livros de leitura fácil, de formato reduzido (o atual pocket book), com preço acessível, caracterizando as "edições Quaresma". Estas edições formavam várias coleções, que eram acessíveis a todos os cantos do Brasil. (WIKIPEDIA, 2020)

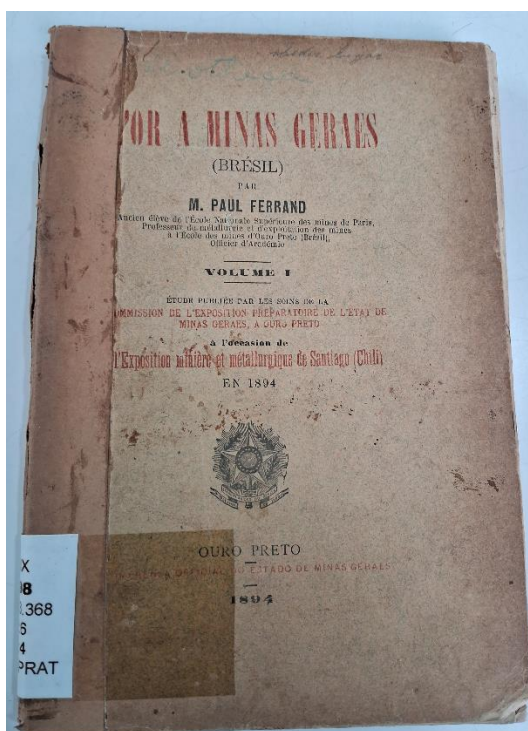
Quaresma é considerado como pioneiro na edição de livros de literatura infantil, de literatura popular, e da publicidade impressa para vender livros no Brasil.

No próximo item serão abordadas as informações de proveniência coletadas no exemplar “L’or a Minas Geraes”.

8.30 Obra “L’or a Minas Geraes” (1894)

A Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes publicou em 1894, a obra do autor Paul Ferrand, em Ouro Preto, com 159 páginas ilustradas e mapas. Analisa-se na figura 178 a capa do exemplar investigado.

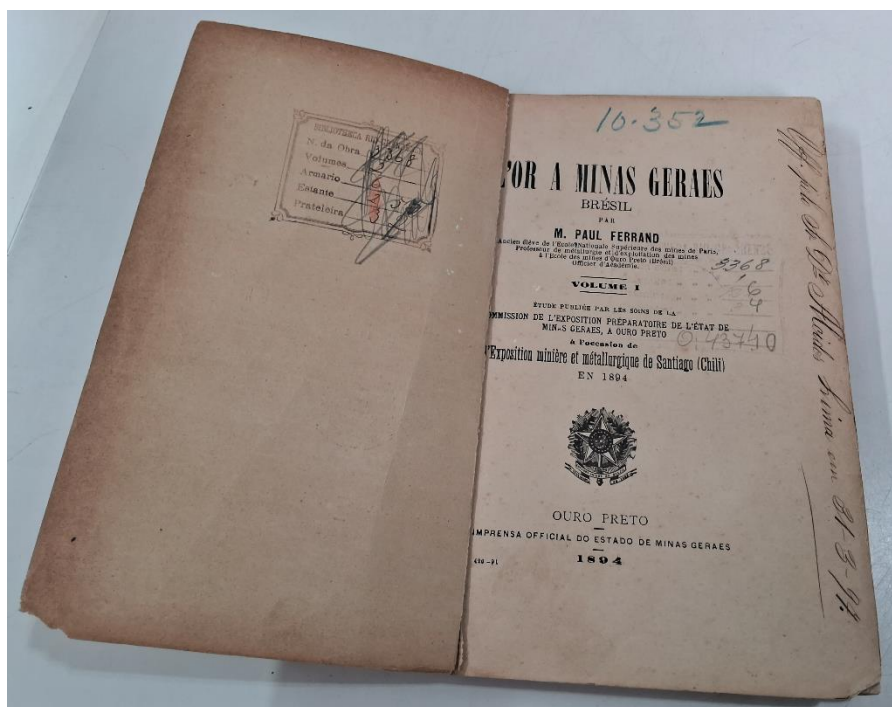
Figura 178 - Capa da obra “L’or a Minas Geraes.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto e as marcas de proveniência do exemplar pertencente a Biblioteca Rio-grandense estão expostas na figura 179.

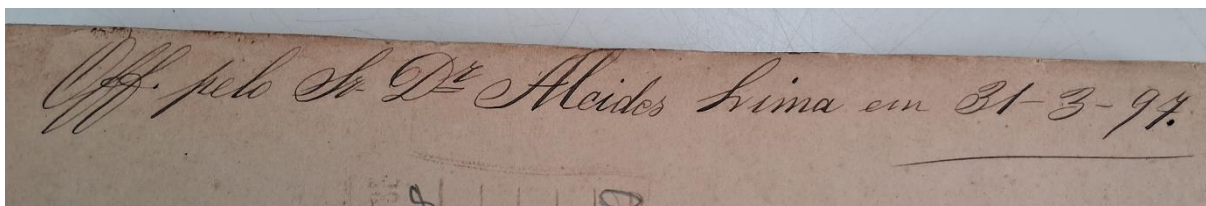
Figura 179 - Folha de rosto da obra “L’or a Minas Geraes



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Avalia-se na figura 180 a anotação manuscrita encontrada na obra.

Figura 180 - Anotação manuscrita na obra “L’or a Minas Geraes



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Admite-se que a anotação manuscrita identificada é feita com tinta preta, e agrega a inscrição: “Off. Pelo Sr Dr Alcides Lima em 31 – 3 – 97.”

Na alínea seguinte descreve-se informações sobre Alcides Lima.

8.30.1 Alcides de Mendonça Lima

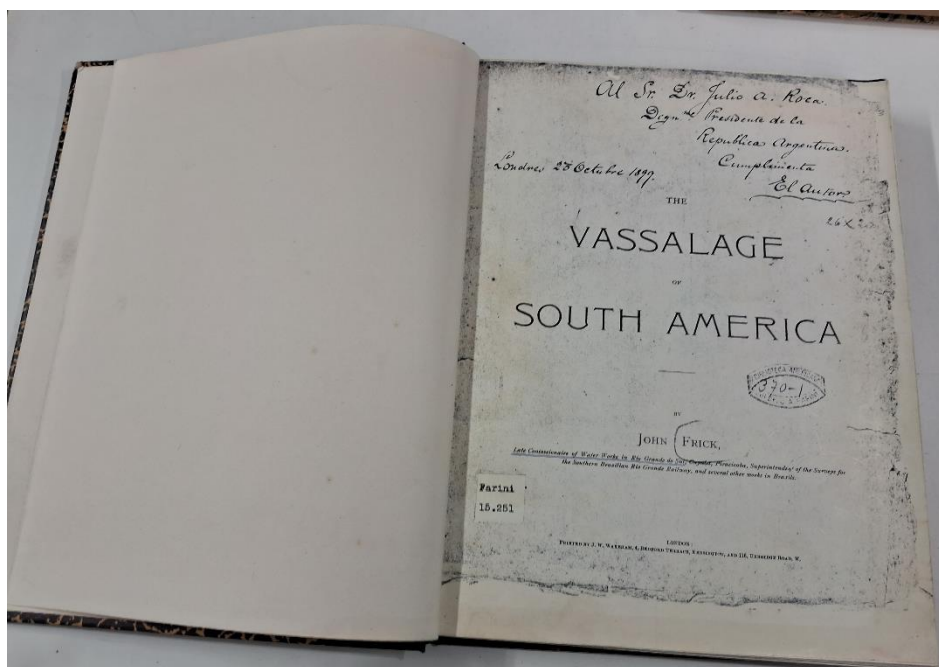
Ver capítulo 8.4.2 para maiores informações sobre Alcides Lima.

Na próxima sessão apresenta-se os dados de proveniência recolhidos no espécime “*The Vassalage of South America*”.

8.31 Obra “The Vassalage of South America” (1898)

John Frick publicou a obra “*The Vassalage of South America*”, em 1898, em Londres, pela editora J. W. Wakeham. O exemplar pertencente a Biblioteca Rio-grandense é uma obra xerográfica, acredita-se que microfilmada, a folha de rosto deste espécime é apresentada na figura 181.

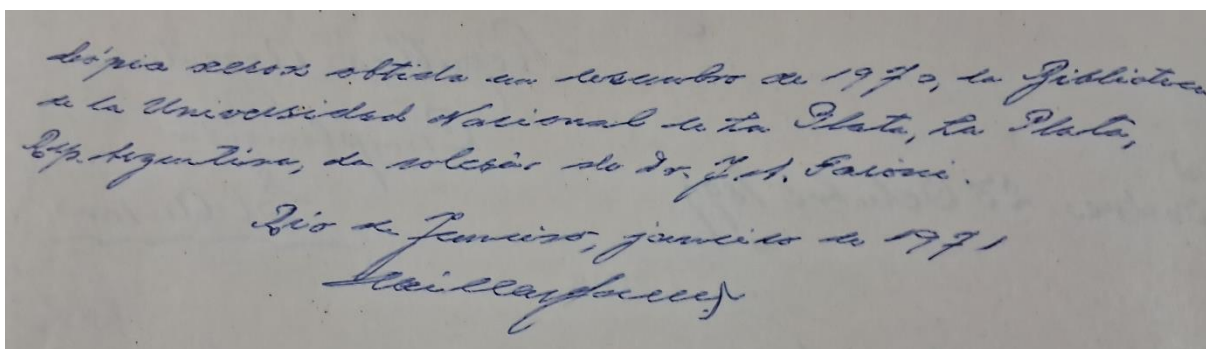
Figura 181 - Folha de rosto da obra “The Vassalage of South America”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 182 ressalta uma anotação manuscrita encontrada no exemplar.

Figura 182 - Anotação manuscrita na obra “The Vassalage of South America”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem revela uma anotação manuscrita feita a caneta, com tinta azul. Nota-se a seguinte inscrição de proveniência: “Cópia xerox obtida em dezembro de 1970, da Biblioteca

// de La Universidad Nacional de La Plata, La Plata, // Rep. Argentina, da coleção do Dr. J. A. Farini. // Rio de Janeiro, janeiro de 1971 // ?”.

Logo abaixo, figura 183, identifica-se o carimbo da Biblioteca da Universidade Nacional de La Plata.

Figura 183 - Carimbo da Biblioteca da Universidade Nacional de La Plata na obra “The Vassalage of South America”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima apresenta um carimbo molhado, em formato circular, feito com tinta azul, onde lê-se: “BIBLIOTECA de la UNIVERSIDAD NACIONAL de LA PLATA - // CENTRO DE DOCUMENTACION”.

A figura 184 aponta outro carimbo molhado encontrado no exemplar pesquisado.

Figura 184 - Carimbo molhado Seccion Juan Angel Farini

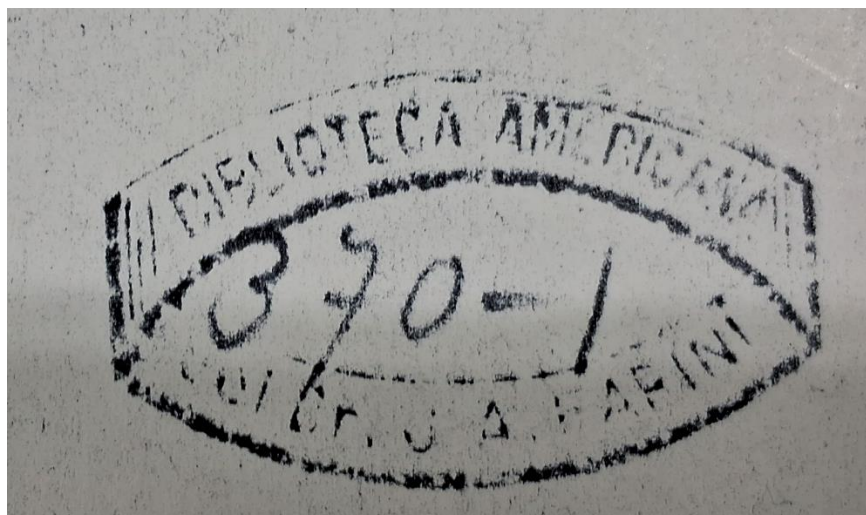


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado apresentado acima, tem o formato circular, e, é uma reprodução do carimbo original, portanto não é possível distinguir a cor do carimbo, nem da anotação manuscrita que aparece ao centro (251) “SECCION JUAN ANGEL FARINI // N° // 251”. Pela inscrição contida no carimbo percebe-se que este pode ter sido feito pela própria biblioteca de La Plata, marcando a coleção especial do proprietário Juan Àngel Fariní.

Avista-se na figura 185 o carimbo molhado da biblioteca privada do Dr, Fariní.

Figura 185 - Carimbo molhado Biblioteca Americana de Juan Àngel Fariní



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem retrata um carimbo molhado que é uma reprodução do carimbo original, portanto não é possível distinguir a cor do carimbo, nem da anotação manuscrita que aparece

ao centro (370 – 1), revelando a inscrição: “BIBLIOTECA AMERICANA // 370 – 1 // del Dr. J. A. FARINI”.

Ressalta-se no item a seguir informações sobre a Biblioteca de la Universidad Nacional de La Plata.

8.31.1 Biblioteca de la Universidad Nacional de La Plata

O poder executivo da então província de Buenos Aires criou, em 18 de janeiro de 1887, a Biblioteca Pública Provincial. A instituição tinha como objetivo agrupar materiais bibliográficos para o incentivo da pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento.

Por conta da Lei nº 4.699, de 12 de agosto de 1905, entre a província de Buenos Aires e o Governo da Nação, a Biblioteca passou a ser propriedade da Nação e foi integrada a Universidade Nacional de La Plata.

A Biblioteca já era bem-conceituada enquanto Biblioteca Provincial, possuía um acervo bibliográfico estimado em cerca de 41 mil volumes, incluindo uma rica Coleção Cervantina. Desde então, sua coleção e seus serviços foram ampliados. Segundo a Biblioteca de la Universidad Nacional de La Plata (2023):

O seu caráter de Biblioteca Pública, no âmbito da Universidade, diversifica e amplia o espectro de utilizadores a todos os setores da comunidade que a pretendam utilizar. É responsável pela organização, conservação e divulgação da informação através dos serviços tradicionais da biblioteca. A sua constante adaptação às mudanças permitiu o lançamento de novos serviços de informação como resultado da incorporação de novas tecnologias informáticas. (BIBLIOTECA DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA, 2023)

Enquanto biblioteca pública a instituição oferece aos seus clientes, além de materiais bibliográficos, exposições, concertos, conferências, eventos, dentre outros serviços.

Na sessão seguinte são arroladas informações sobre o proprietário Juan Ángel Fariní.

8.31.2 Juan Ángel Fariní (1867 – 1934)

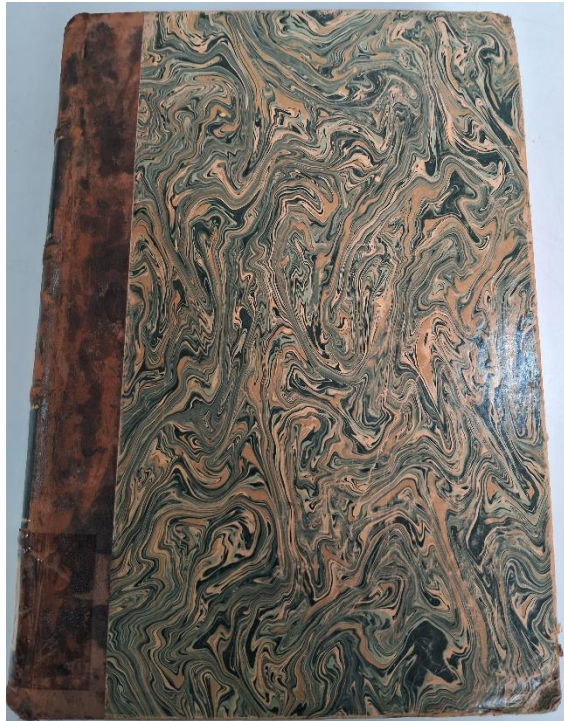
Ver capítulo 8.22.2 para maiores informações sobre o proprietário Juan Ángel Fariní.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “Viagem ao redor do Brasil”.

8.32 Obra “Viagem ao redor do Brasil” (1880)

João Severiano da Fonseca publicou os dois volumes em um, ilustrados, de “viagem ao redor do Brasil” em 1880, no Rio de Janeiro, pela tipografia de Pinheiro & C. A figura 186 demonstra a capa do exemplar investigado.

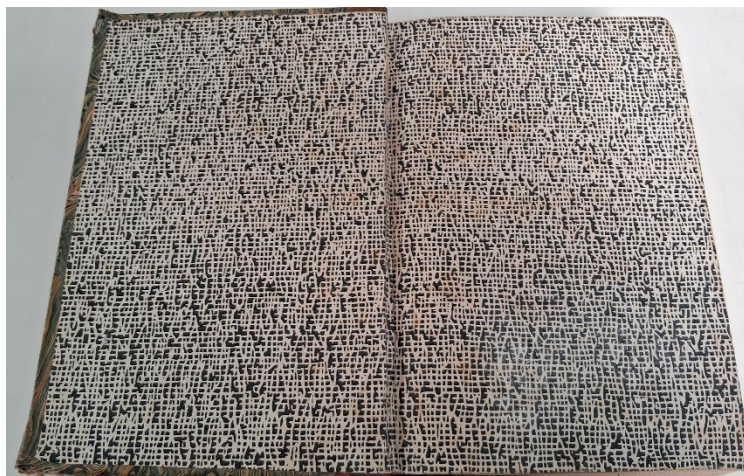
Figura 186 - Encadernação da obra “Viagem ao redor do Brasil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A encadernação apurada é feita em meio couro marrom, com papel marmorizado, em tons de bege e verde. Já a folha de guarda personalizada presente na obra é identificada na figura 187.

Figura 187 - Folha de guarda da obra “Viagem ao redor do Brasil”.

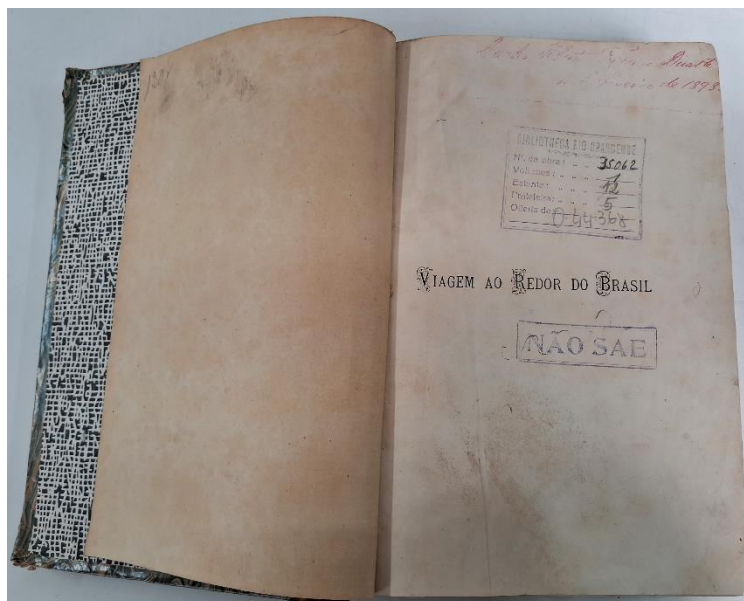


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O papel da folha de guarda apresenta tons de branco e preto, e formas quadriculadas, como se fosse uma tela de nylon. A papel utilizado na guarda apresenta cor desbotada e desgaste causado pelo tempo.

A falsa folha de rosto do livro pesquisado e as marcas de proveniência nela encontradas são salientadas na figura 188.

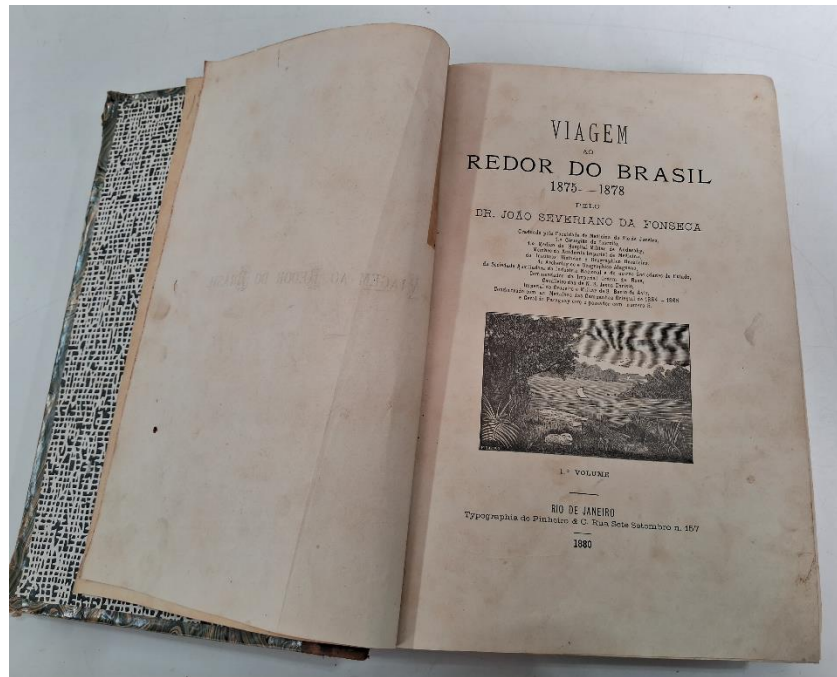
Figura 188 - Falsa folha de rosto da obra “Viagem ao redor do Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Já a figura 189 expõe a Folha de rosto do mesmo exemplar.

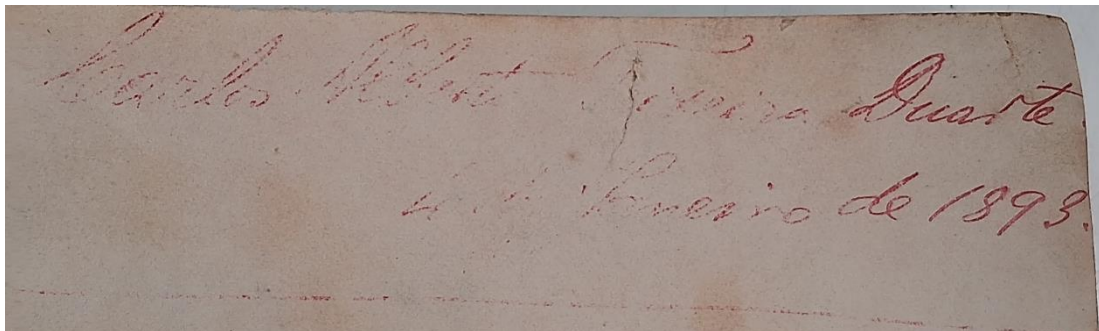
Figura 189 - Folha de rosto da obra “Viagem ao redor do Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita investigada é observada na figura 190.

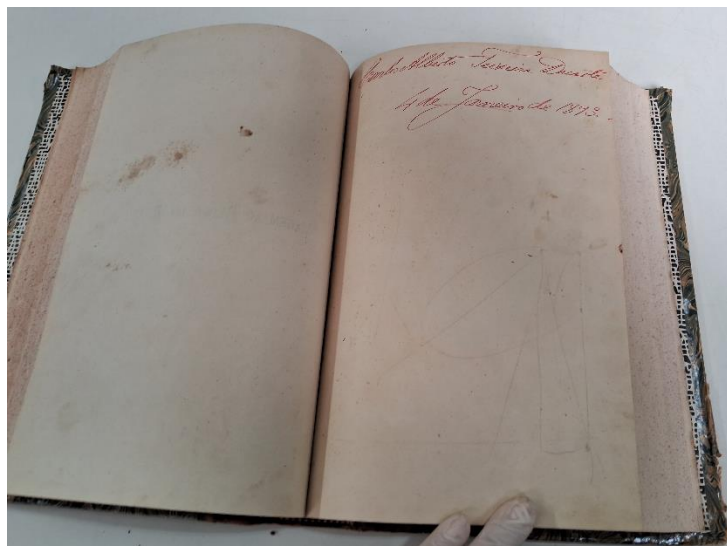
Figura 190 - Anotação manuscrita na obra “Viagem ao redor do Brasil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Verifica-se uma anotação manuscrita que sofreu desgaste com o tempo, feita com tinta vermelha, e a inscrição: “Carlos Alberto Teixeira Duarte // 4 de Janeiro de 1893.”. Na figura 191 identifica-se uma segunda anotação manuscrita na mesma obra.

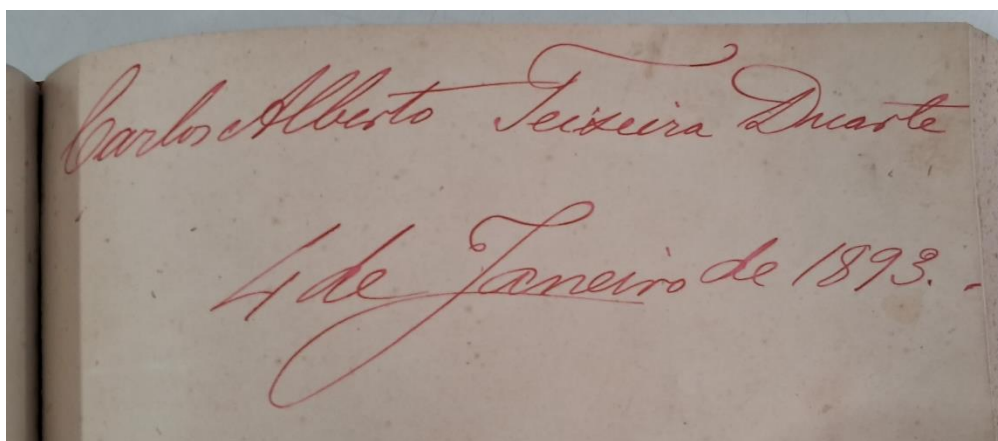
Figura 191 - Anotação manuscrita na obra “Viagem ao redor do Brasil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A segunda anotação manuscrita encontrada no exemplar é investigada abaixo na figura 192.

Figura 192 - Anotação de Carlos Alberto Teixeira Duarte na da obra “Viagem ao redor do Brasil”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Verifica-se uma anotação manuscrita, feita com tinta vermelha, e a inscrição: “Carlos Alberto Teixeira Duarte // 4 de Janeiro de 1893.”. Na figura 192 identifica-se uma segunda anotação manuscrita na mesma obra.

No próximo capítulo acrescenta-se informações sobre Carlos Alberto Teixeira Duarte.

8.32.1 Carlos Alberto Teixeira Duarte

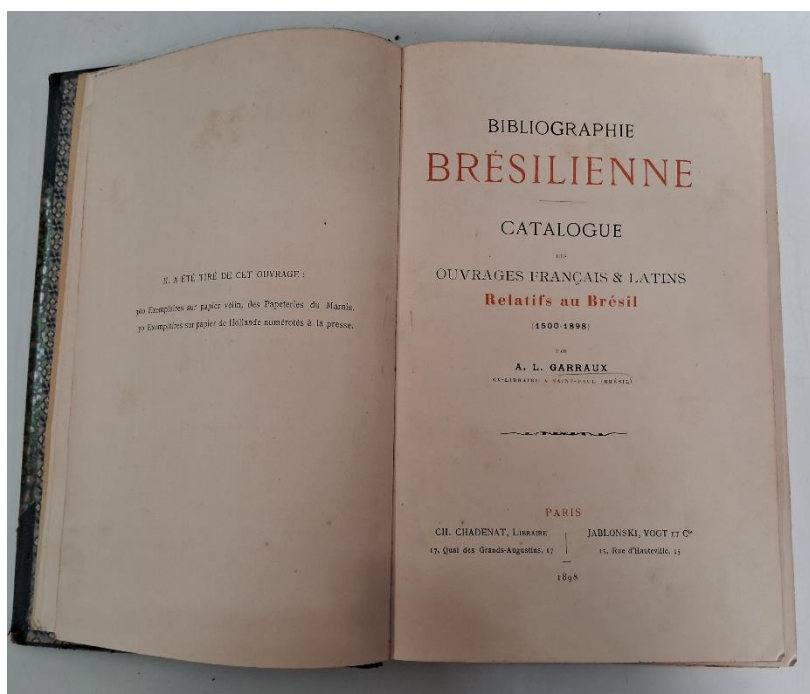
Estima-se que Carlos Alberto Teixeira Duarte tenha nascido em 1864, em Minas Gerais, e que contraiu núpcias com Rozalina da Costa Mattos. Não foram encontradas maiores informações sobre este proprietário.

Na próxima alínea serão abordados os dados de proveniência coletados na obra “*Bibliographie Brésilienne*”.

8.33 Obra “*Bibliographie Brésilienne*” (1898)

O Livro “*Bibliographie Brésilienne*” foi publicado por Anatole Louis Garraux, em 1898, em Paris, com 400 páginas, por Ch. Chadenat. A folha de rosto do espécime em questão é averiguada na figura 193.

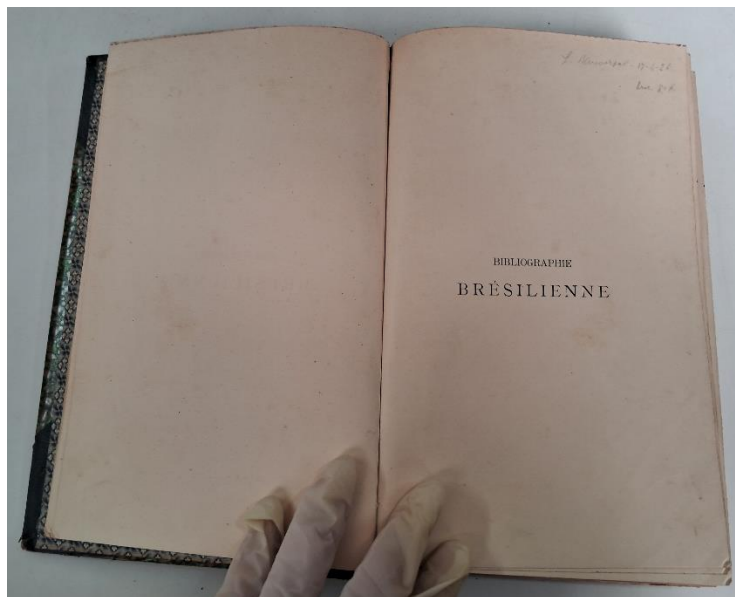
Figura 193 - Folha de rosto da obra “*Bibliographie Brésilienne*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A falsa folha de rosto e a anotação manuscrita investigada neste exemplar são apresentadas na figura 194.

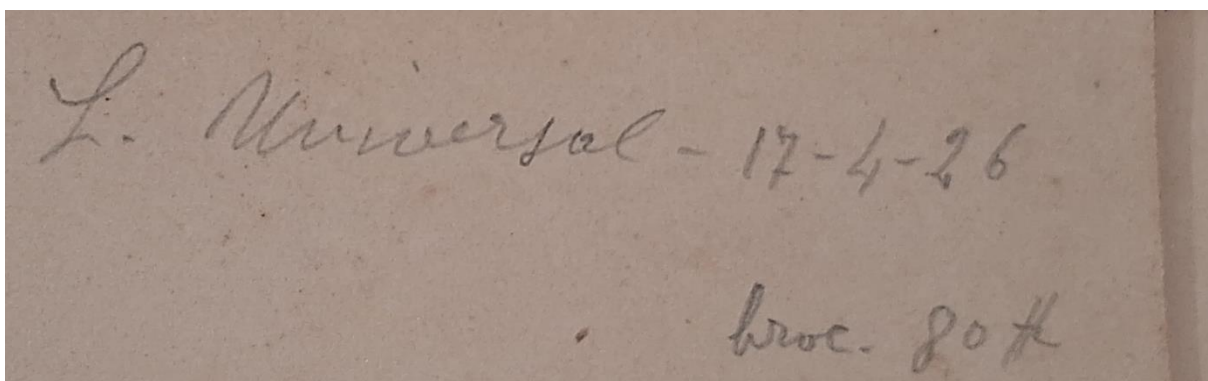
Figura 194 - Falsa folha de rosto da obra “Bibliographie Brésilienne”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Percebe-se no canto superior direito da falsa folha de rosto uma anotação manuscrita. Esta anotação será investigada na imagem seguinte, figura 195.

Figura 195 - Anotação manuscrita na obra “Bibliographie Brésilienne”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Lê-se na anotação manuscrita, feita a lápis, a seguinte inscrição: “L. Universal – 17 – 26 // broc. 80 ?”

A seguir são apresentadas informações sobre a Livraria Universal.

8.33.1 Livraria Universal

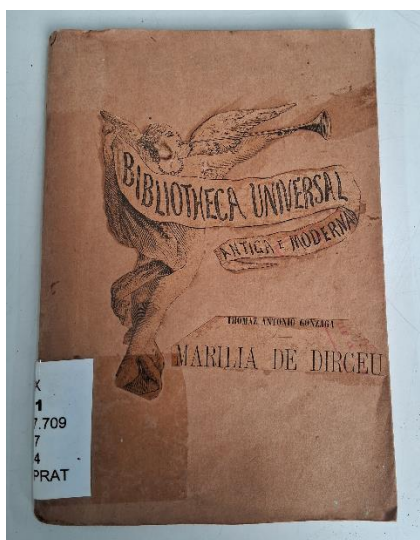
Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

No item abaixo observa-se informações referentes aos dados intrínsecos coletados no exemplar “Marília de Dirceu”.

8.34 Obra “Marília de Dirceu” (1888)

O livro “Marília de Dirceu” foi publicado por Tomaz Antonio Gonzaga, em Lisboa, por D. Corazzi, em 1888, com 124 páginas. Na figura 196 avista-se a capa do exemplar pesquisado.

Figura 196 - Capa da obra “Marília de Dirceu”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observamos que a capa deste exemplar é feita em papel, de cor marrom. Nota-se um leve desgaste na capa, e pequenos amaçados nas bordas. Na lombada observamos a etiqueta anexada pela própria Biblioteca Rio-grandense. São encontrados na folha de rosto deste exemplar marcas de posse e propriedade, figura 197.

Figura 197 - Folha de rosto da obra “Marília de Dirceu”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto investigada apresenta dois carimbos molhados, o primeiro, de cor preta, da Biblioteca Rio-grandense, o segundo, de cor vermelha, da Livraria Universal, este último é apreciado na figura 198.

Figura 198 - Carimbo molhado da Livraria Universal



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo apresentado tem a cor vermelha, em formato retangular, com a seguinte inscrição: “Vende-se na // LIVRARIA UNIVERSAL // PELOTAS // Echenique & Irmão”. Abaixo apresenta-se as informações coletadas sobre está livraria.

8.34.1 Livraria Universal

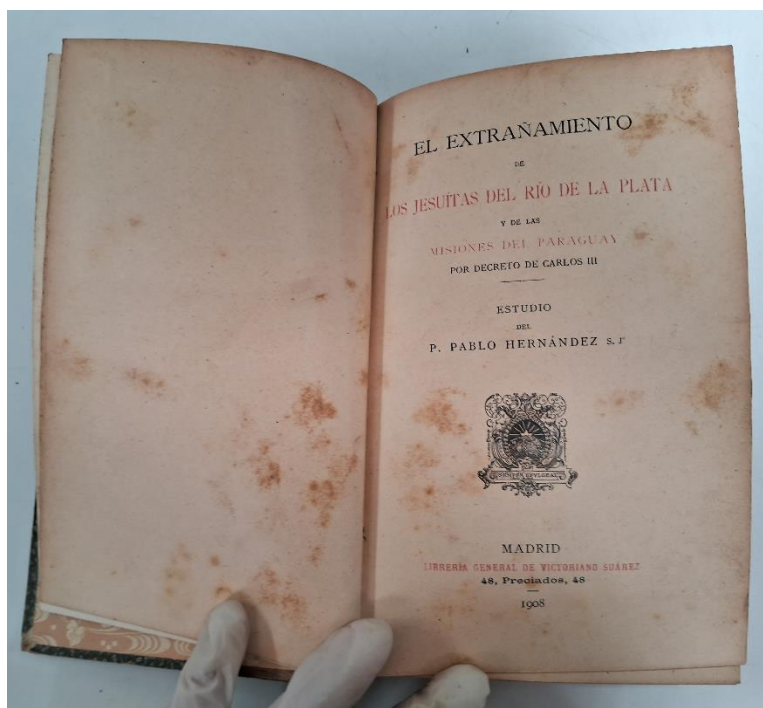
Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

No item abaixo observa-se informações referentes aos dados intrínsecos coletados no exemplar “*El extrañamiento de los jesuitas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III*”.

8.35 Obra “*El extrañamiento de los jesuitas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III*” (1908)

Pela Libreria General de Victoriano Suarez foi publicada a obra do autor Pablo Hernández intitulada “*El extrañamiento de los jesuitas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III*”, em 1908, em Madri, com 420 páginas. A imagem da folha de rosto do livro em questão encontra-se na figura 199.

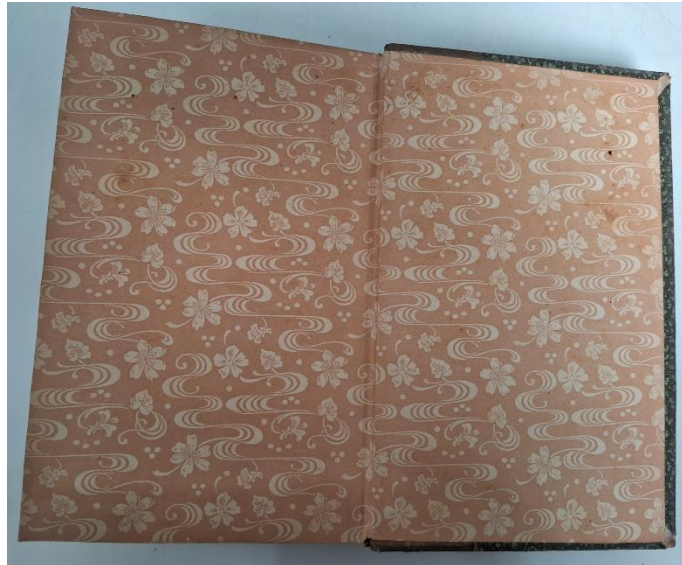
Figura 199 - Capa da obra “*El extrañamiento de los jesuitas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na figura 200 a folha de guarda encontrada no livro *“El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”*.

Figura 200 - Folha de guarda da obra *“El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”*



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda deste livro é feita em papel nas cores salmão e bege, com ornamentação floral. Na figura 201 apresenta-se a etiqueta de encadernação encontrada na folha de guarda frontal do exemplar investigado.

Figura 201 - Apagamento na obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Percebe-se na imagem acima um apagamento, nota-se vestígios que indicam a existência de outra etiqueta anexada a guarda deste exemplar, que em algum momento foi arrancada do livro. Investiga-se na figura 202 a etiqueta encontrada.

Figura 202 - Etiqueta de encadernação na obra “El extrañamiento de los jesuítas del rio de la Plata y de las misiones del Paraguay por decreto de Carlos III”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta de encadernação investigada está em péssimo estado de conservação, é feita em papel, com fundo marrom, e letras douradas em relevo, na borda superior, ao centro apresenta a imagem de uma coroa de três pontas e dois bustos em formato circular, e a inscrição: “MEDALHA DE ORO // BARCELONA 1888 // ENCUADERNACIONES // ?UBIRANA”.

Apresenta-se no item a seguir as informações coletadas sobre a oficina de encadernação Subirana.

8.35.1 Encuadernaciones Subirana

Eugenio Subirana nasceu em Barcelona em 1855, e faleceu em 1934. Era um empresário respeitado, atuando nos ramos da edição, do comércio, e da encadernação de livros.

Sua oficina era especializada em encadernações litúrgicas, encadernações de luxo (feitas com esmalte), encadernações editoriais, encadernações bibliófilas e encadernações modernas.

Em 1921, Eugenio Subirana ofereceu a Guérin a direção artística de sua oficina de encadernação, dissuadido pela habilidade e qualidade no trabalho que sempre realizou para Miralles. Mas o que foi um sucesso artístico foi um fracasso empresarial, pois Guérin não tinha capacidade para dirigir uma oficina com as características da de Subirana, tendo em conta que o seu conhecimento das técnicas de encadernação era limitado. Nesse mesmo ano, Guérin teve que renunciar, sendo substituído por Gonzalo Masó.⁹² (QUINEY URBIETA, 2010)

Identifica-se na figura 203 outro tipo de etiqueta de encadernação da oficina de Subirana.

⁹² Do original: En 1921, Eugenio Subirana ofreció a Guérin la dirección artística de su taller de encuadernación disuadido de su destreza y calidad en los trabajos que siempre realizó para Miralles. Pero lo que artísticamente fue un éxito, empresarialmente fue un fracaso, ya que Guérin no tuvo capacidad a la hora dirigir un taller de las características del de Subirana, teniendo en cuenta que sus conocimientos de las técnicas de encuadernación eran escasos. Ese mismo año, Guérin tuvo que dimitir, siendo sustituido por Gonzalo Masó.

Figura 203 - Etiqueta de encadernação Subirana (Barcelona)



Fonte: Covadonga (2023)

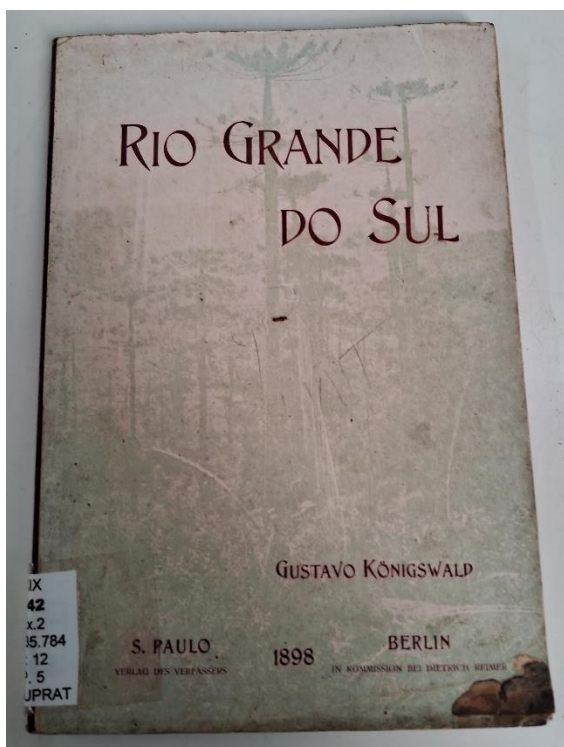
Esta etiqueta da loja de Subirana também é feita em papel, e letras em auto relevo, igual a etiqueta encontrada no exemplar que pertence a Biblioteca Rio-Grandense. A variável nesta etiqueta é a cor, tanto o fundo quanto as letras são verdes. Está etiqueta serviu como base para desvendar o nome da oficina, já que o exemplar da etiqueta encontrado na Biblioteca Rio-grandense está em péssimo estado, aparentemente tentaram arrancar a etiqueta.

No capítulo que segue serão apresentadas as informações sobre os indícios de proveniência encontrados na obra “Rio Grande do Sul”.

8.36 Obra “Rio Grande do Sul” (1898)

O livro “Rio Grande do Sul” foi publicado em 1898, pelo autor Gustavo Koenigswald, em São Paulo, com cinquenta ilustrações, e um “*Und Einer Uebersichtskarte*” (um mapa geral), pela “*Verlag des Verfassers*” (editora do autor). A capa do exemplar pesquisado é encontrada na figura 204.

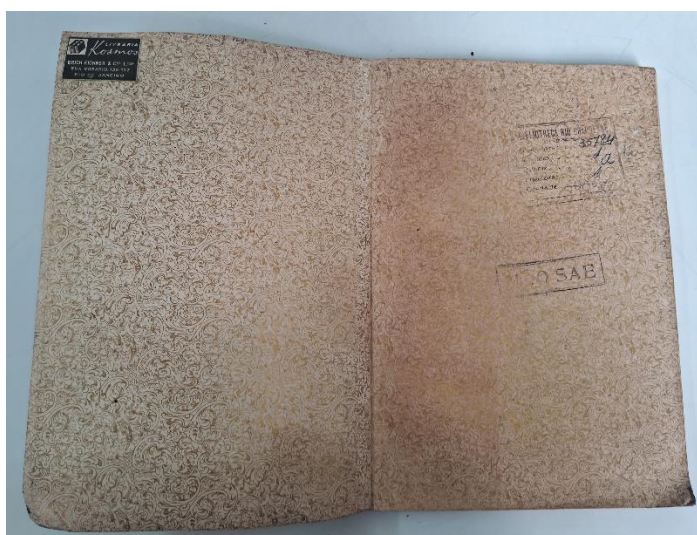
Figura 204 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa deste exemplar mostra uma paisagem com araucárias, árvores típicas do território gaúcho. No canto inferior direito da capa é possível perceber uma mancha marrom. A imagem a seguir, figura 205, apresenta a folha de guarda da obra, e as marcas de proveniência nela encontradas.

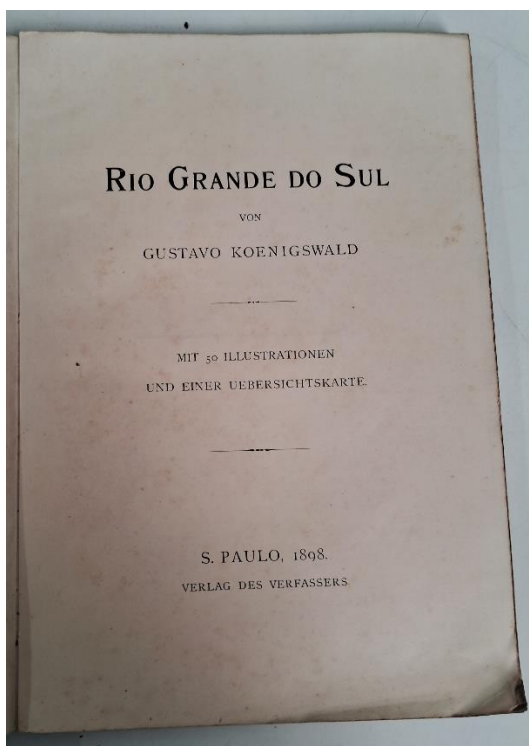
Figura 205 - Folha de guarda da obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem da folha de guarda revela um leve desgaste na cor, causado pelo tempo, e machas que parecem ser causadas pela umidade. Na figura 206 avista-se a folha de rosto do exemplar pesquisado.

Figura 206 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 207 apresenta a etiqueta da Livraria Kosmos identificada neste exemplar.

Figura 207 - Etiqueta da Livraria Kosmos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A fotografia acima apresenta uma etiqueta de livreiro impresso em formato retangular, com fundo preto e letras brancas. Possui as Iniciais “EE” na cor preta, no canto superior esquerdo, dentro de um quadrado branco, e as seguintes inscrições: "LIVRARIA // Kosmos // ERICH EICHNER & Cia. Ltda. // RUA ROSARIO, 135 – 137 // RIO DE JANEIRO”.

O item a seguir ressalta as informações coletadas sobre a Livraria Kosmos.

8.36.1 Livraria Kosmos

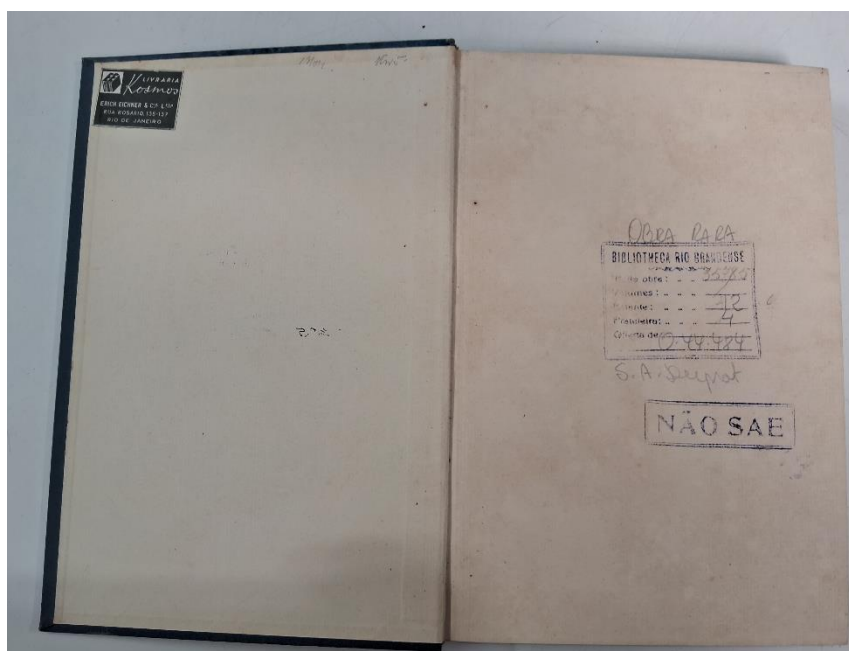
Ver capítulo 8.9.1. para maiores informações sobre a livraria Kosmos.

Os vestígios de posse e de propriedade do livro “*Ritte rasttage in Südbrasilien*” são investigados no capítulo a seguir.

8.37 Obra “*Ritte und rasttage in Südbrasilien*”

Whilhelm Lacmann, publicou a obra “*Ritte und rasttage in Südbrasilien*”, ilustrada, em 1906, em Berlim, pela editora D. Reimer, com 243 páginas. A figura 208 analisa a guarda deste exemplar.

Figura 208 - Guarda da obra “*Ritte und rasttage in Südbrasilien*”

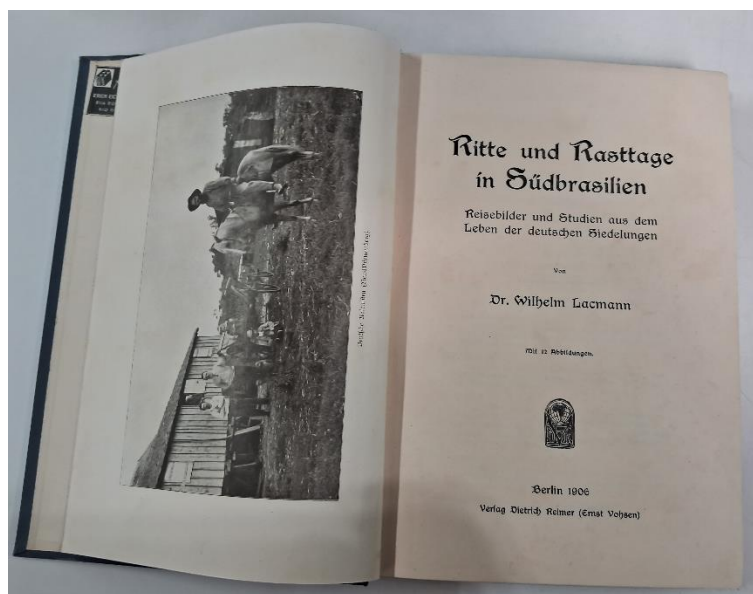


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Localiza-se no canto superior esquerdo da guarda a etiqueta da Livraria Kosmos, no centro a direita, uma anotação manuscrita feita a lápis, onde se lê: “Obra rara”, e “S. A. Duprat”.

Logo abaixo das inscrições manuscritas, aparecem os carimbos molhados, que são as marcas de entrada do livro na Biblioteca Rio-grandense. A figura 209 destaca a folha de rosto deste exemplar.

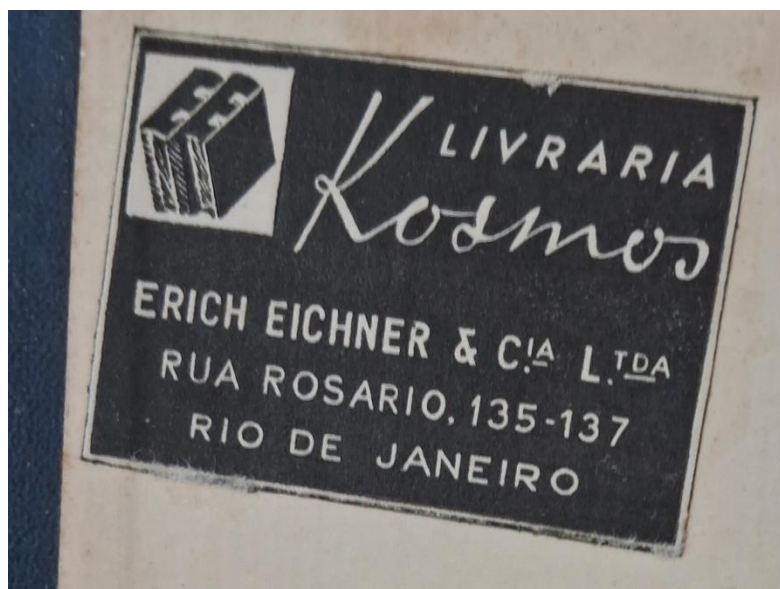
Figura 209 - Folha de rosto da obra “Ritte und rasttage in Südbrasilien”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima revela além da folha de rosto da obra, uma ilustração em preto e branco, já a figura 210 apresenta, novamente, uma etiqueta da Livraria Kosmos.

Figura 210 - Etiqueta Livraria Kosmos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A fotografia digital ressalta uma etiqueta de livreiro impresso em formato retangular, com fundo preto e letras brancas. Possui as Iniciais “EE” na cor preta, no canto superior esquerdo, dentro de um quadrado branco, e as seguintes inscrições: "LIVRARIA // Kosmos // ERICH EICHNER & Cia. Ltda. // RUA ROSARIO, 135 – 137 // RIO DE JANEIRO”.

O item a seguir ressalta as informações coletadas sobre a Livraria Kosmos.

8.37.1 Livraria Kosmos

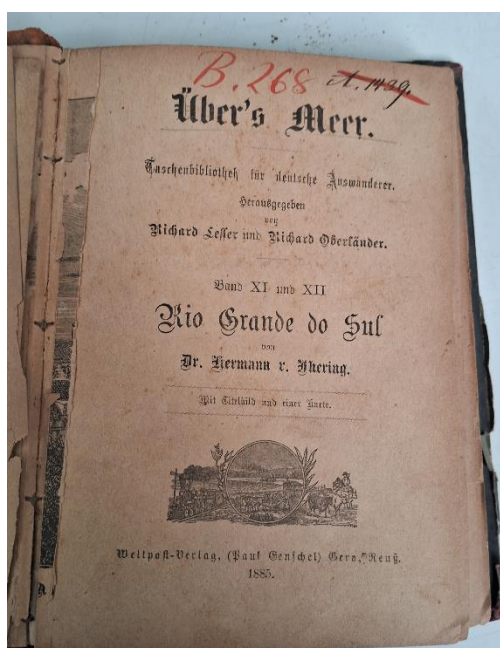
Ver capítulo 8.9.1. para maiores informações sobre a livraria Kosmos.

As investigações realizadas na obra Rio Grande do Sul são apresentadas no item a seguir.

8.38 Obra “Rio Grande do Sul” (1885)

A obra “Rio Grande do Sul” foi publicada em dois volumes em um, por Hermann von Ihering, na cidade de Gera, em 1885, pela editora Weltpost-Verlag (Paul Genschel). A capa do livro investigada se faz presente na figura 211.

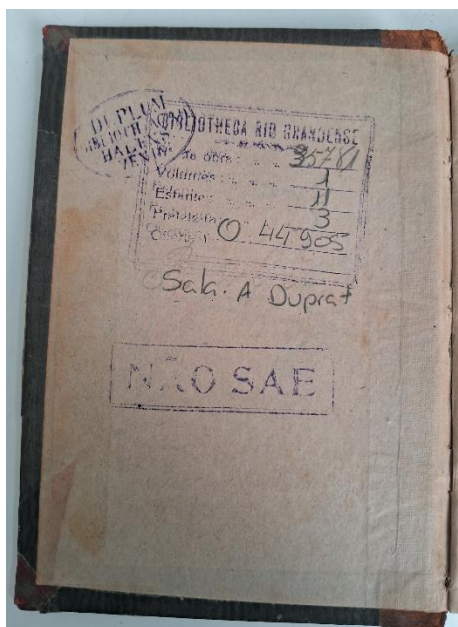
Figura 211 - Capa da obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Vestígios de proveniência são encontradas na folha de rosto, na primeira anotação manuscrita, feita com tinta vermelha, lê-se: “B. 268”, na segunda anotação manuscrita, feita com tinta preta, riscada com tinta vermelha, lê-se: “A. 143 ?”. Já na figura 212 são identificados carimbos molhados que indicam a posse do livro.

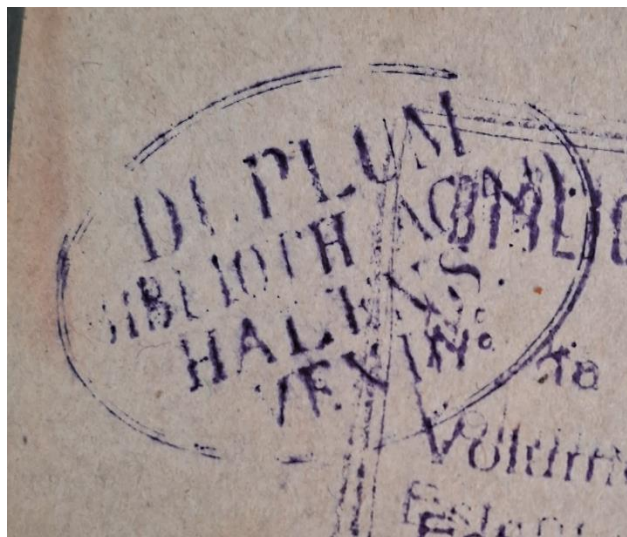
Figura 212 - Guarda da obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na guarda do exemplar são encontrados dois carimbos da Biblioteca Rio-grandense, uma anotação manuscrita, feita a lápis, identificando a sala onde o exemplar é guardado na instituição, onde lê-se “Sala A. Duprat”, e mais um carimbo molhado que será investigado na figura 213.

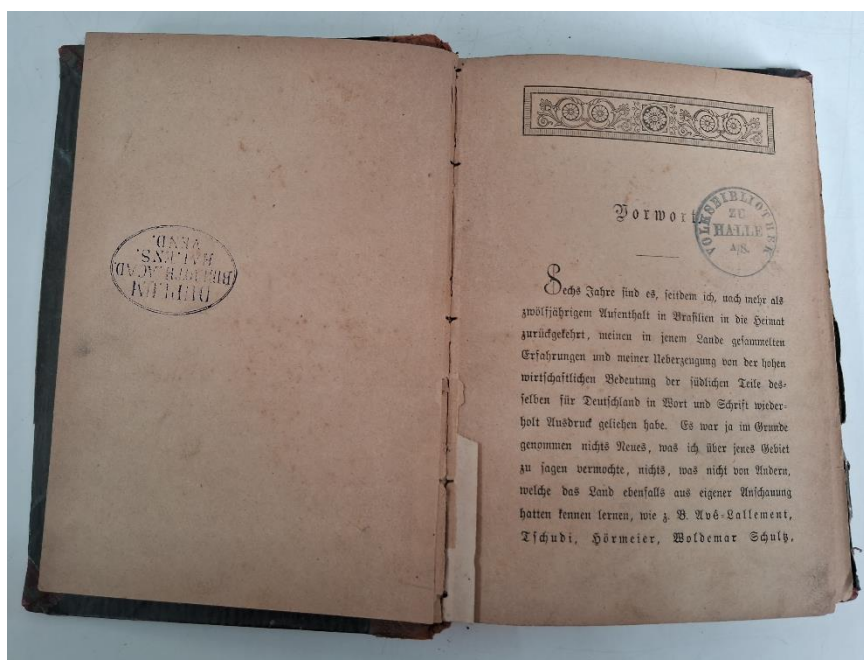
Figura 213 - Carimbo molhado da Volksbibliothek



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem retrata um carimbo molhado no formato oval, feito na cor roxa, com a inscrição: “DUPLUM // BIBLIOTH. ACAD. // HALENS. // VEN.”. Este carimbo está sobreposto ao carimbo da Biblioteca Rio-grandense. A figura 214 revela outras duas marcas do tipo carimbo encontradas nas páginas do exemplar pesquisado.

Figura 214 - Marcas de posse na obra “Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Duas marcas de posse do tipo carimbo molhado são encontradas neste exemplar, os dois carimbos pertencem a mesma instituição.

Figura 215 - Carimbo molhado Carimbo molhado da Volksbibliothek



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem retrata um carimbo molhado no formato oval, feito na cor roxa, com a inscrição: “DUPLUM // BIBLIOTH. ACAD. // HALENS. // VEN.”. Logo abaixo, na figura 216 observamos o segundo carimbo da Biblioteca Pública Acadêmica de Halle.

Segundo a pesquisa realizada, o significado deste carimbo pode ser entendido como: “Vendido como duplo pela Biblioteca Acadêmica de Hales”.

Figura 216 - Carimbo molhado da Volksbibliothek zu Halle



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado apresentado tem o formato circular, na cor azul, onde lê-se: “VOLKSbibliothek // ZU // HALLE // A/S.”

No item a seguir são ofertadas as informações coletadas sobre a Volksbibliothek zu Halle.

8.38.1 Volksbibliothek zu Halle

A Volksbibliothek zu Halle ou Biblioteca Municipal de Halle foi inaugurada na Câmara Municipal da cidade, pela “Associação para o Bem-estar do Povo”, em 14 de novembro de 1874. Hartwig (1894) retrata algumas informações coletadas sobre a instituição no ano de 1893, ou seja, nove anos depois de sua inauguração.

O conselho de administração, Sr. Professor Sênior Flade, relatou o seguinte sobre a biblioteca pública em Halle ad S em 1893. O inventário de livros no final do ano de referência era de 9.164 volumes, em comparação com 8.816 no ano anterior. foi utilizado por 14 membros da Associação para o Bem-Estar do Povo, 202 alunos das escolas de formação avançada, etc. 89 M e a despesa foi de 1.060,85 M. (HARRASSOWITZ, 1894, p.413)⁹³

A Associação para o Bem-estar do Povo, proprietária da biblioteca, construiu uma nova sede para guardar o acervo, e entre os anos de 1904 e 1905 o acervo foi instalado em prédio próprio, na casa recém-construída na Salzgratenstrabe.

A cidade de Halle assumiu a propriedade da instituição em 1921. Após alguns anos a biblioteca inaugurou filiais espalhadas pela cidade, uma no sul da cidade, na Böllberger Weg (1930); uma biblioteca de música no prédio principal do Hallmarkt (1934); uma na zona norte da cidade (1936), e uma biblioteca juvenil (1937). (WIKIPEDIA, 2023)

Essas filiais da Biblioteca justificam os diferentes tipos de carimbos encontrados durante a realização desta pesquisa.

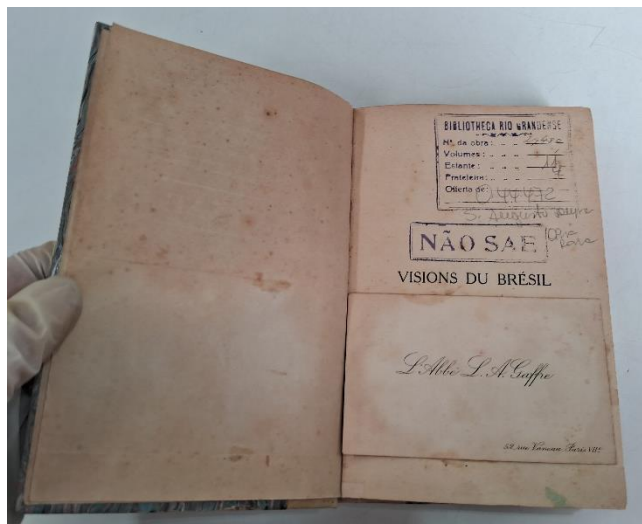
O próximo item aborda os rastros de posse e propriedade investigados no exemplar “Visions du Brésil”.

⁹³ Do original: Ueber die Volksbibliothek zu Halle a d S berichtet der Vorstand Herr Oberlehrer Flade zum Jahre 1893 Folgendes Der Bestand an Büchern betrug am Schlusse des Berichtsjahres 9164 Bände gegen 8816 im Vorjahre Benutzt wurde die Bibliothek von 14 Mitgliedern des Vereins für Volkswohl 202 Schülern der Fortbildungsschulen etc. 479 Nichtmitgliedern Im Ganzen wurden 15693 Bände ausgeliehen An Straf und Lesegeldern gingen 459 50 M ein die Einnahme betrug 1061 89 M die Ausgabe 1060 85 M

8.39 Obra “*Visions du Brèsil*” (1898)

Louis Albert Gaffre publicou o livro “*Visions du Brèsil*”, no Rio de Janeiro, em 1912, pela editora Francisco Alves, com 398 páginas. A falsa folha de rosto da obra em questão é investigada na figura 217.

Figura 217 - Falsa folha de rosto da obra “*Visions du Brèsil*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Junto a falsa folha de rosto da obra investigada foi encontrado em cartão de visita, este será apresentado na figura 218.

Figura 218 - Cartão de visita do Abade Louis Albert Gaffre



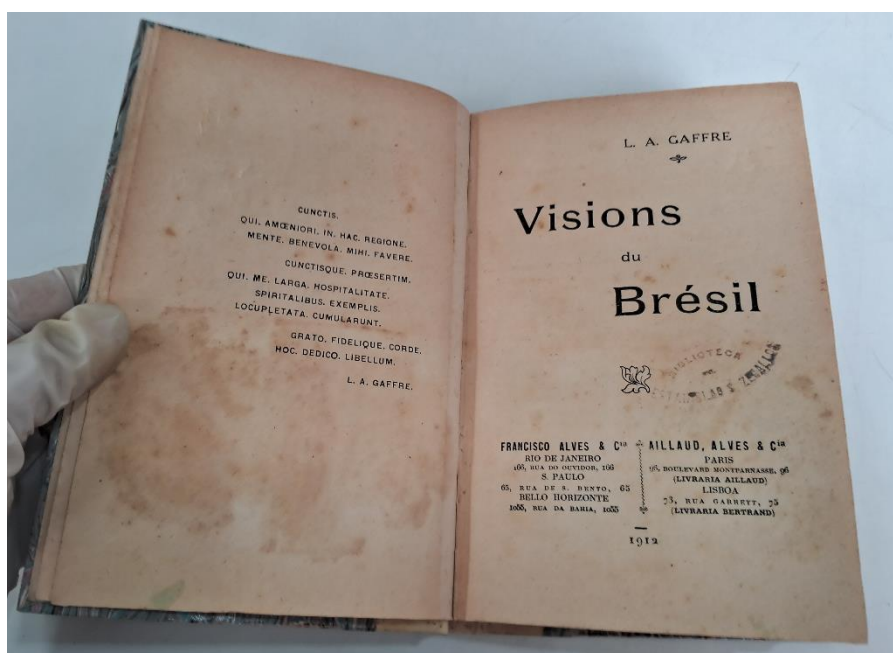
Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O cartão encontrado dentro do exemplar é feito de papel branco, escrito com letras pretas, onde pode-se ler: “L’ Abbé⁹⁴ L. A. Gaffre // 52, rue Vaneau, Paris VII ?”.

Como o cartão de visita é do próprio autor do livro. Pode-se supor que o cartão foi enviado juntamente com o exemplar do livro, pelo autor, a um determinado destinatário, com o objetivo de informar seu endereço. O cartão não foi usado como ex-líbris, mas se faz uma conexão entre o exemplar e o autor da obra.⁹⁵

A folha de rosto do espécime pesquisado é a marca de propriedade encontrada estão na figura 219.

Figura 219 - Folha de rosto da obra “Visions du Brésil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No centro da página da folha de rosto encontra-se um carimbo molhado que será analisado na figura 220.

⁹⁴ Traduzido para o português: “O abade”.

⁹⁵ Informação debatida via conversa em rede social com o colega Luiz Felipe Stelling.

Figura 220 - Carimbo molhado da Biblioteca de Estanislao Severo Zeballos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado de Zeballos aqui identificado é feito com tinta preta, e carrega a inscrição: “BIBLIOTECA // DEL // ESTANISLAO S. ZEBALLOS”.

No próximo item serão discutidas as informações sobre o autor Louis Albert Gaffre.

8.39.1 Abade Louis Albert Gaffre

O autor Louis Jean Baptista Gaffre no estado civil ou, Louis-Albert Gaffre na religião, nasceu em 22 de junho de 1862 em Périers (Mancha) e faleceu em Mayens – de- Sion (suíça). Foi pregador em Fall River (Estados Unidos) e Ottawa (Canadá).

Resumir a carreira de Louis-Albert Gaffre não é fácil, especialmente porque os arquivos não guardam quaisquer arquivos pessoais nem dos dominicanos, nem nos arquivos do arcebispado de Paris, nem nos do bispado de Coutances. Dominicano inicialmente e depois secularizado em 1903, ele espalhou sua verve religiosa da América do Sul para a Rússia, para o Canadá e para muitas cidades francesas.⁹⁶ (OPEN EDITION JOURNALS, 2021)

Sua família era modesta, tanto seu pai, quanto seu avô eram seleiros, fabricantes de selas, e ele acabou ingressando no seminário para continuar seus estudos, assim, aos dezessete anos ele incorporou-se ao Seminário Maior de Coutances.

⁹⁶ Do original: Résumer le parcours de Louis-Albert Gaffre n'est pas chose aisée, d'autant que les archives n'ont conservé de dossier personnel ni chez les dominicains, ni aux archives de l'archevêché de Paris, ni à celles de l'évêché de Coutances. Dominicain d'abord puis sécularisé en 1903, il fit briller sa verve religieuse de l'Amérique du Sud à la Russie, au Canada comme dans de nombreuses villes Françaises.

Em 1882 deixou a França para ingressar na Ordem dos Irmãos Pregadores, localizada na Espanha em Belmont. Continuou seus estudos no Convento de estudos da província em Corbara na Corsega, posteriormente. em 24 de fevereiro de 1889 foi ordenado Sacerdote, tinha como qualidade a oratória, e se sobressaiu por isso dentro das ordens religiosas e das instituições que frequentou.

No item a seguir estão apresentadas as informações colhidas sobre o proprietário Estanislao Severo Zeballos.

8.39.2 Estanislao Severo Zeballos

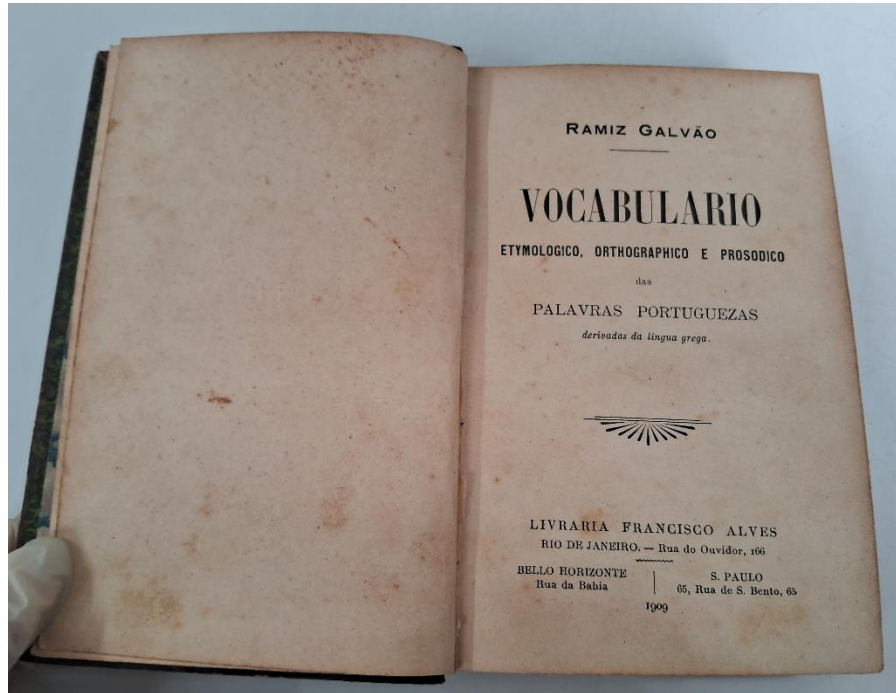
Ver capítulo 8.5.1 para maiores informações sobre a livraria.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega”.

8.40 Obra “Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega” (1909)

O autor Ramiz Galvão publicou o livro “Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega”, no Rio de Janeiro, através da editora e livraria Francisco Alves, em 1909, com 607 páginas. Na figura 221 avista-se a folha de rosto deste exemplar.

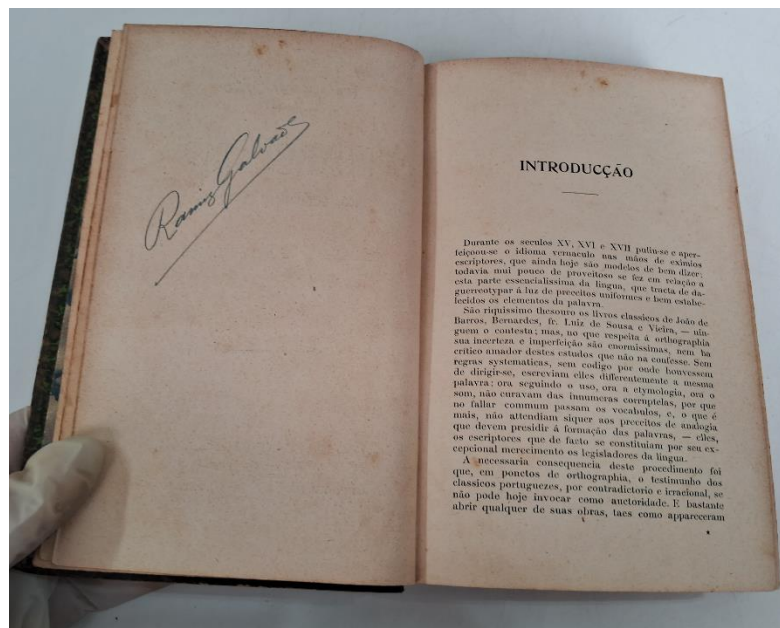
Figura 221 - Folha de rosto da obra “Vocabulário etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguezas derivadas da língua grega”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na imagem abaixo, figura 222, é possível identificar a localização da anotação manuscrita de Ramiz Galvão.

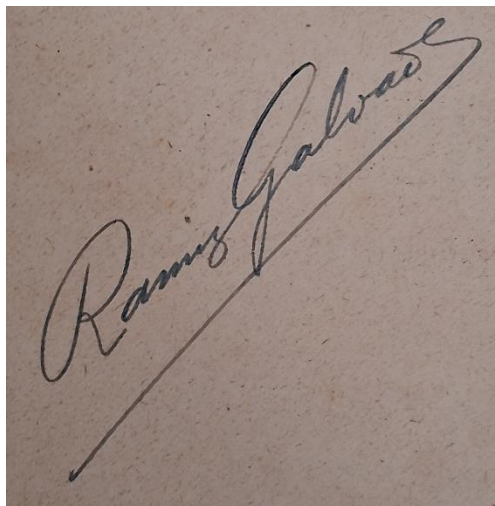
Figura 222 - Assinatura de Ramiz Galvão



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Investiga-se na figura 223 a assinatura encontrada no espécime pesquisado.

Figura 223 - Assinatura Ramiz Galvão

A photograph of a handwritten signature in black ink on aged, light brown paper. The signature is written in a cursive style and reads "Ramiz Galvão". The signature is positioned diagonally across the page, starting from the bottom left and moving towards the top right.

Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita com tinta preta, onde se lê a inscrição: “Ramiz Galvão”. As informações coletadas sobre o autor da inscrição, que também é o autor da obra, estão localizadas na sessão seguinte.

8.40.1 Ramiz Galvão

Benjamin Franklin Ramiz Galvão ou Barão de Ramiz Galvão, nasceu em Rio Pardo no Rio Grande do Sul, em 16 de junho de 1846, e faleceu em 9 de março de 1938, na cidade do Rio de Janeiro. Foi professor, médico, biógrafo, filólogo e orador.

Era filho de Maria Joana Ramiz Galvão e João Galvão, mudou-se para o Rio de Janeiro aos seis anos de idade, onde conclui seus estudos. Os estudos primários foram finalizados no Colégio Amante da Instrução, e os estudos secundários no Colégio Pedro II. Sempre com a égide do Imperador tornou-se bacharel em letras em 1861, e concluiu a faculdade de medicina em 1868.

Gozou da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d’Eu e da Princesa Isabel. Teve assim ocasião de conviver com o Imperador, que o chamou ao exercício de cargos honrosos. Realmente, Ramiz Galvão teve, tanto no Império como na República, ocasião de ocupar vários cargos importantes, graças à sua capacidade de trabalho, valor intelectual e profunda cultura. Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz (com grandeza). (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023)

O primeiro livro escrito por Ramiz foi “O púlpito no Brasil”, nesta época ele tinha nove anos. No Hospital Militar da Ponta da Armação trabalhou como cirurgião, e depois iniciou sua

carreira como professor. Na Escola de Medicina do Rio de Janeiro atuou como docente nas disciplinas de botânica, zoologia e química orgânica, no Colégio D. Pedro II deu aulas de grego, literatura brasileira, poética e retórica.

A presença de Ramiz Galvão na história da Filologia ficou marcada com o seu *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*, publicado em 1909, suscitando polêmicas vivazes. A mais extremada delas foi com Cândido de Figueiredo, que produziu 22 páginas de críticas, formando quase um capítulo do seu livro *Vícios da linguagem médica*, também de 1909. Em resposta, Ramiz Galvão deu a lume os *Reparos à crítica*, em 1910, reunindo artigos então publicados no *Jornal do Comércio*. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2023)

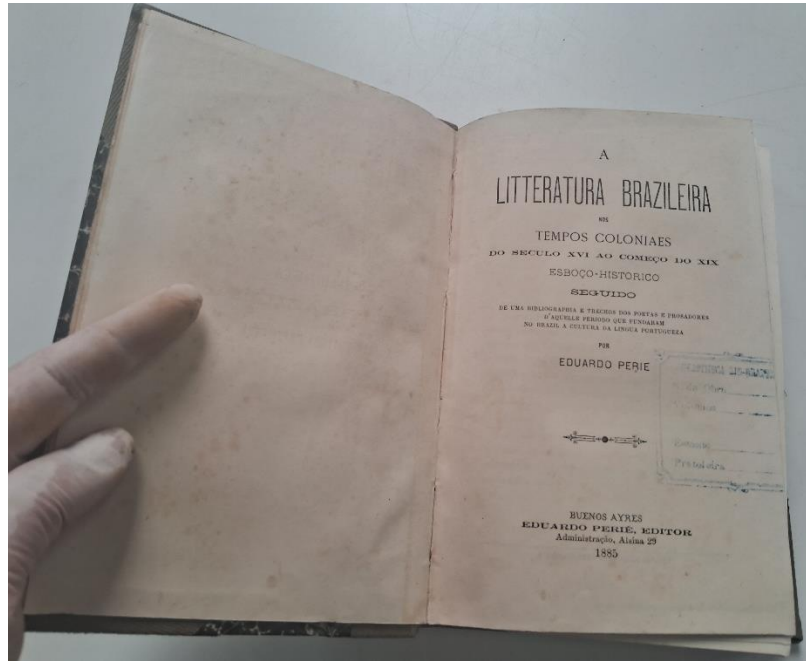
Ramiz Galvão atuou como Diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal, foi o primeiro Reitor da Faculdade Federal do Rio de Janeiro, além de ter gerenciado a Fundação Biblioteca Nacional por doze anos. Enquanto diretor da Biblioteca organizou a exposição Camoniana (1880), e a exposição da História do Brasil (1881), foi também o promotor da publicação dos “Anais da Biblioteca Nacional”. Acabou ganhando uma vaga para a Academia Brasileira de Letras tardiamente, apenas aos oitenta e dois anos, em 1928.

No capítulo a seguir serão apresentadas as informações de proveniência colhidas no livro “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX”.

8.41 Obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX” (1885)

O título “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX” foi publicado em 1885, por Eduardo Perie, em Buenos Aires, com 439 páginas, pelo editor Eduardo Perié. Na figura 224 avista-se a folha de rosto do espécime pesquisado.

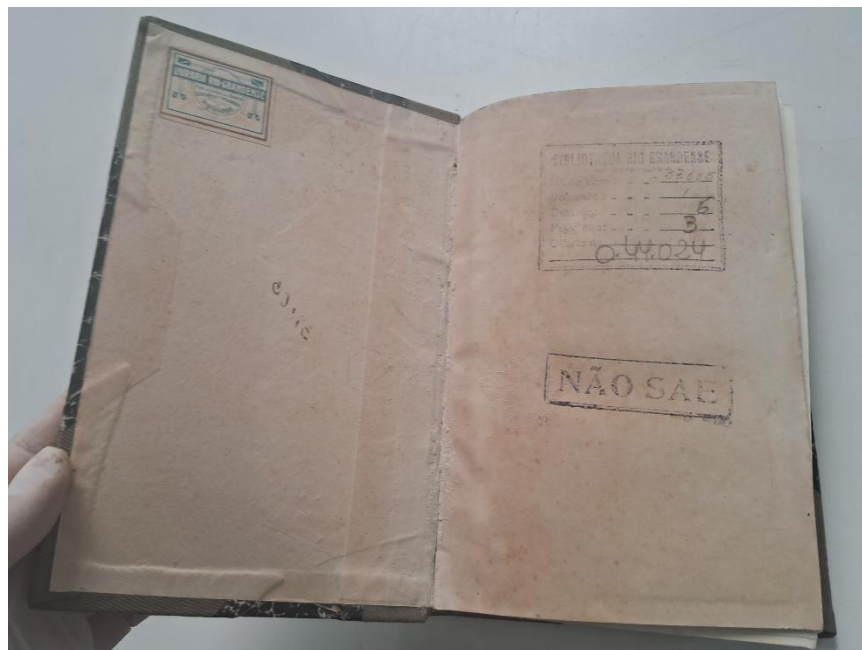
Figura 224 - Folha de rosto da obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 225 investiga-se a guarda do livro, onde é possível observar os carimbos de entrada do livro na Biblioteca e a etiqueta do vendedor.

Figura 225 - Guarda da obra “A literatura brasileira nos tempos coloniaes do século XVI ao começo do XIX”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta de livreiro anexada neste exemplar é encontrada no canto superior esquerdo da guarda do livro, a direita, percebe-se os carimbos e anotações da própria Biblioteca Rio-grandense. A etiqueta de livreiro encontrada é investigada na figura 226.

Figura 226 - Etiqueta Livraria Rio-Grandense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta tem formato retangular, é feita em papel com fundo branco, bordas azuis e douradas, e letras em cores brancas e azuis, onde lê-se a inscrição: “Nº // LIVRARIA RIO-GRANDENSE // FABR. DE LIVROS EM BRANCO // LITHOGRAPHIA – TYPOGRAPHIA // RIO GRANDE”.

A pesquisa realizada sobre a Livraria Rio-grandense se encontra na sessão abaixo.

8.41.1 Livraria Rio-Grandense

Sob a liderança de Ricardo Strauch, em 1887, foi inaugurada em Rio Grande a Livraria Rio-grandense, no início de suas atividades a empresa passou por dificuldades financeiras, recebendo ajuda da Livraria Evangélica.

A Livraria atuava em várias frentes, e além dos ramos de papelaria e livraria, o comércio de Strauch contava com uma oficina de encadernação, uma oficina de litografia, e uma última oficina de tipografia.

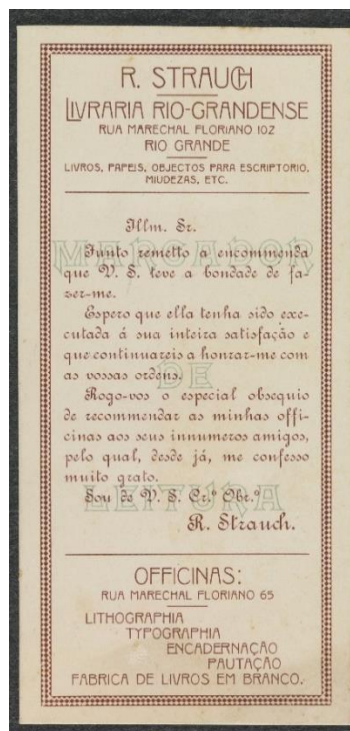
Rivalizando com os melhores estabelecimentos comerciais similares do estado, recebeu medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 e funcionava em um “esplêndido prédio”, especialmente construído para esse fim na Rua Marechal Floriano 161 e 163. Mantinha constantes

relações comerciais com a Alemanha, efetuando suas compras de livros pela Casa Theodor Thomas e de papel em Coblentz, pela Casa M. Mayer. (ARRIADA; VALLE, 2015, p. 162)

Os primeiros cartões postais publicados em 1900 foram comercializados tanto na Livraria Pelotense, quanto na Livraria Rio-grandense, eram do tipo *Gruss* (lembranças), e grande parte deles era ilustrados por aquarela, e não fotografia. (ARRIADA; VALLE, 2015, p. 162)

Enxerga-se na figura 227 um efêmero da Livraria Rio-grandense enviado a seus clientes juntamente com as encomendas pedidas.

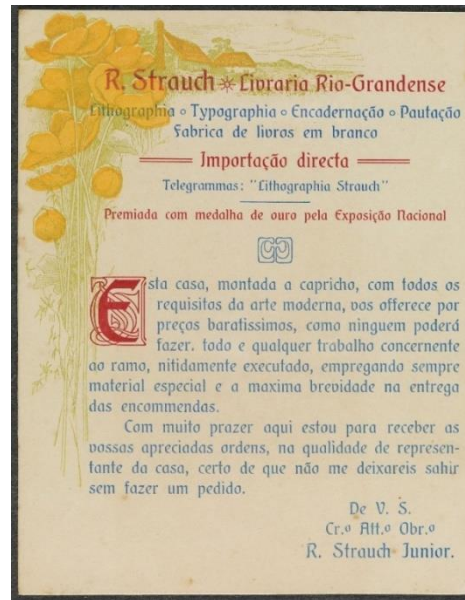
Figura 227 - Efêmero da Livraria Rio-grandense



Fonte: Biblioteca Nacional digital Brasil (2023)

Na figura 228, se identifica um segundo efêmero distribuído pelo livreiro Ricardo Strauch.

Figura 228 - Efêmero da Livraria Rio-grandense



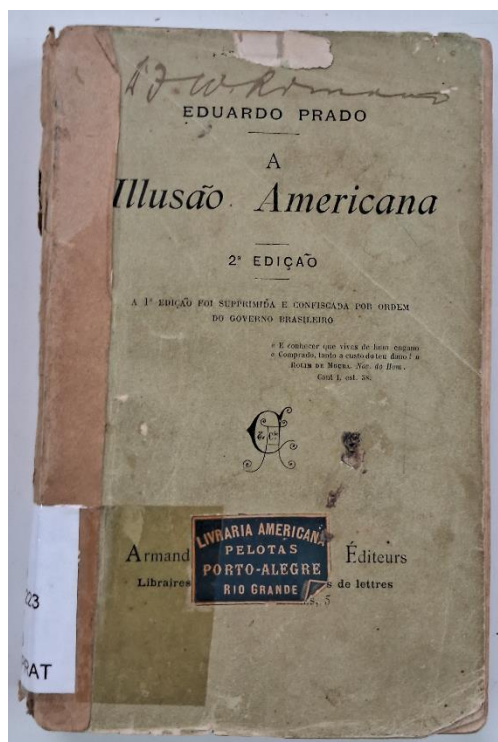
Fonte: Biblioteca Nacional digital Brasil (2023)

O exemplar de “A ilusão americana” é investigado no capítulo abaixo.

8.42 Obra “A ilusão americana” (1895)

Este exemplar do autor Eduardo Prado é uma segunda edição da obra “A ilusão americana”, publicado em Paris, em 1895, por Armand Colin, com 237 páginas. A capa do exemplar é ofertada na figura 229.

Figura 229 - Capa da obra “A ilusão americana”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa do livro apresenta é feita de papel verde claro, apresenta desgaste causado pelo tempo, e manchas. Logo abaixo, identifica-se uma etiqueta da Livraria Americana, no topo da imagem nota-se uma anotação manuscrita, essa anotação será apresentada na figura 230.

Figura 230 - Anotação manuscrita da obra “A ilusão americana”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita com tinta preta, mas não foi possível identificar a completamente inscrição presente na anotação, lê-se: “? ? W Romano”.

A etiqueta da Livraria Americana é encontrada na figura 231.

Figura 231 - Etiqueta Livraria Americana



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta é feita em papel, tem formato retangular, com fundo em cor azul, com letras e bordas brancas, com os dizeres: “LIVRARIA AMERICANA // PELOTAS // PORTO-ALEGRE // RIO GRANDE”. As informações coletadas sobre a livraria serão mencionadas abaixo.

8.42.1 Livraria Americana

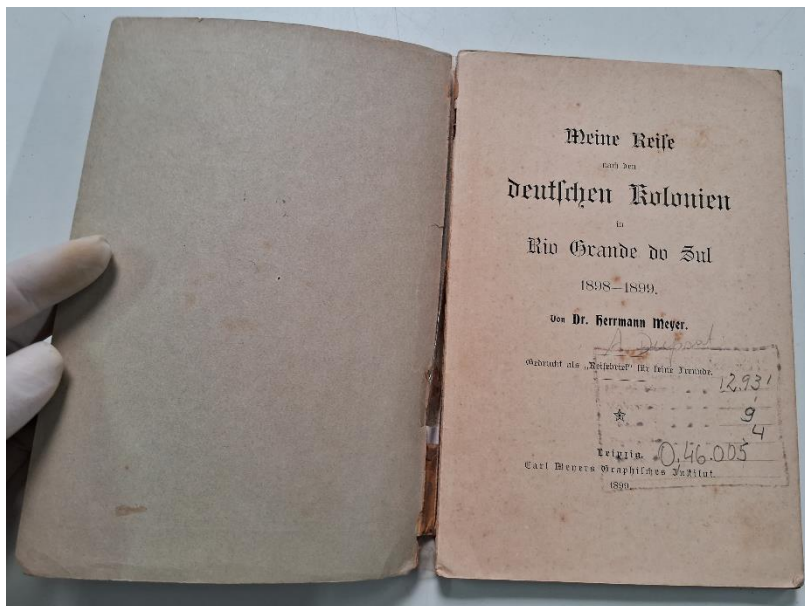
Ver capítulo 8.24.1 para maiores informações sobre a Livraria Americana.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “*Meine reise nach den deutschen kolonien in Rio Grande do Sul*”.

8.43 Obra “*Meine reise nach den deutschen kolonien in Rio Grande do Sul*” (1889)

Herrman Meyer publicou o título “*Meine reise nach den Deutschen kolonien in Rio Grande do Sul*” em 1899, em Leipzig, com 125 páginas, pelo Carl Meners Graphisches Institut. Aponta-se a folha de rosto do livro na figura 232.

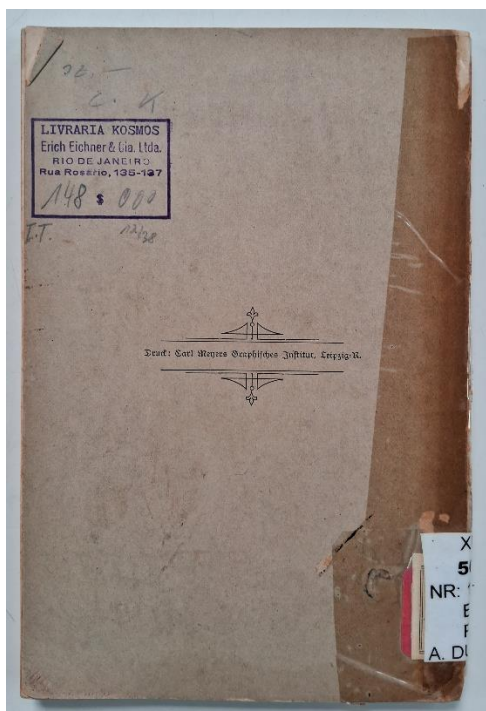
Figura 232 - Folha de rosto da obra “Meine reise nach den Deutschen kolonien in Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

É possível identificar na folha de rosto o carimbo da biblioteca, e as marcas de entrada do livro na instituição. Na figura 233 documenta-se a contracapa pesquisada, e a localização do carimbo encontrado.

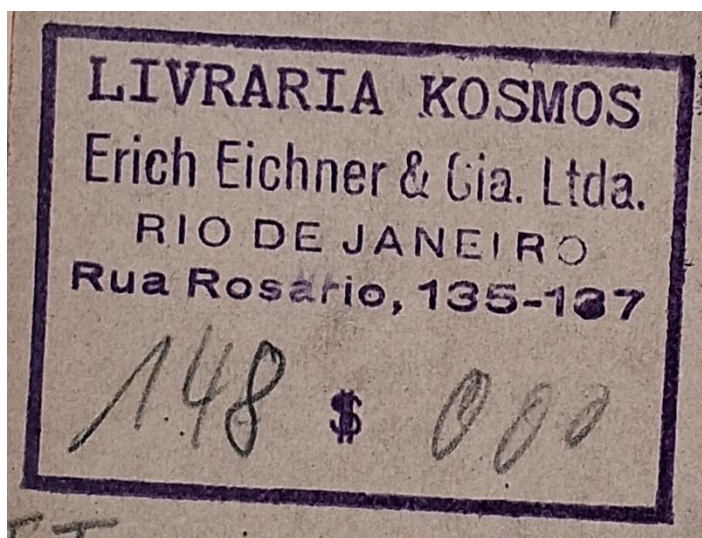
Figura 233 - Contracapa da obra “Meine reise nach den Deutschen kolonien in Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No canto superior esquerdo da contracapa encontra-se anotações manuscritas feitas a lápis e o carimbo da Livraria Kosmos, que será mais bem apresentado na figura 234.

Figura 234 - Carimbo molhado Livraria Kosmos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado tem formato retangular, é feito na cor roxa, no centro avista-se anotações manuscritas (números) feitas a lápis, no carimbo lê-se a inscrição: “LIVRARIA KOSMOS // Erich Eichner & Cia. Ltda. // RIO DE JANEIRO // Rua do Rosario, 135 – 137 // 148 \$ 000”.

Os dados colhidos sobre a Livraria Kosmos estão presentes no item posterior.

8.43.1 Livraria Kosmos

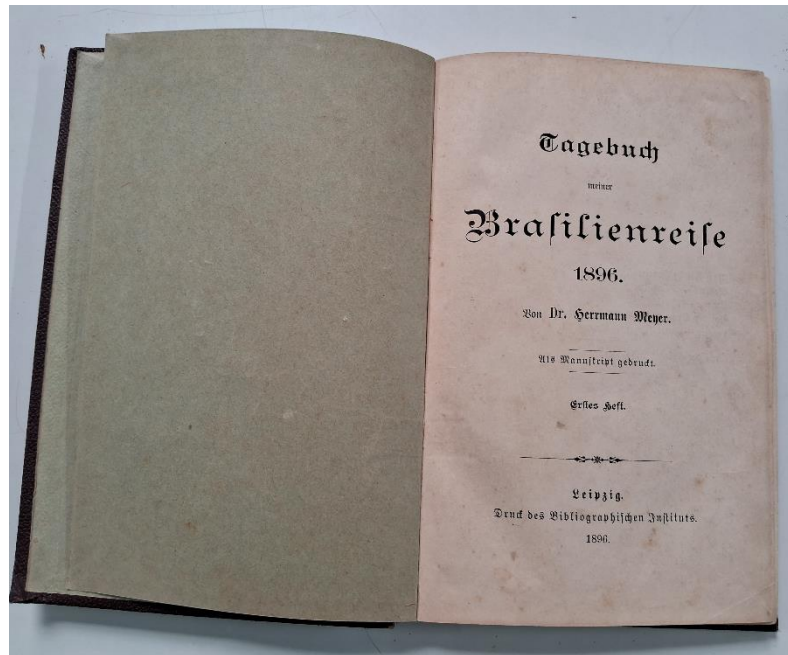
Ver capítulo 8.9.1. para maiores informações sobre a livraria Kosmos.

Abaixo serão inseridos os vestígios de proveniência colhidos na obra “*Tagebuch meiner Brasilienreise 1896*”.

8.44 Obra “*Tagebuch meiner Brasilienreise 1896*” (1896)

O livro “*Tagebuch meiner Brasilienreise 1896*” foi publicado por Herrman Meyer em Leipzig, pelo *Druck des Bibliographischen Instituts*, com mapa e 73 páginas, em 1896. A folha de rosto do espécime é apresentada na figura 235.

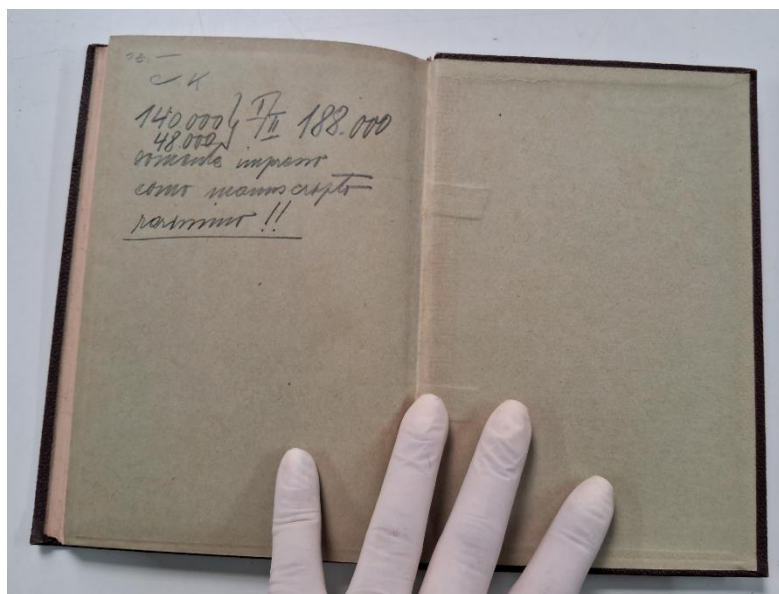
Figura 235 - Folha de rosto da obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

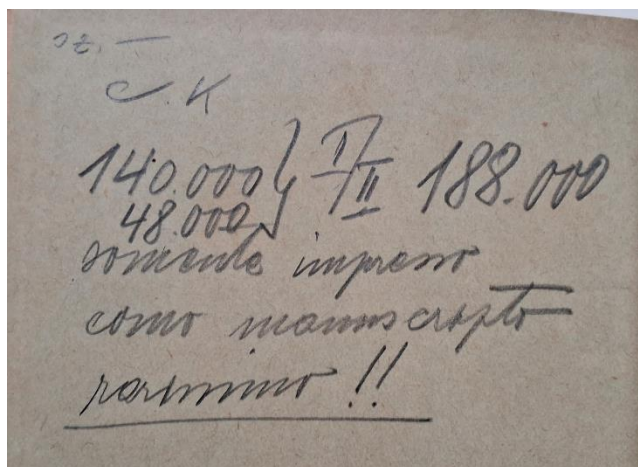
Neste exemplar pesquisado não foi encontrado nenhum tipo de etiqueta, carimbo, etiqueta ou ex-líbris, apenas uma anotação manuscrita, mostrada na figura 236.

Figura 236 - Anotação manuscrita na contracapa da obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896”



A fotografia acima revela as anotações encontradas na obra pesquisada. Logo abaixo, na figura 237, se analisa essas marcas manuscritas.

Figura 237 - Anotação na obra “Tagebuch meiner Brasilienreise 1896”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observa-se uma anotação manuscrita feita a lápis, com a inscrição: “? Z. - // C K // 140.000 // 48.000 // I // II // 188.000 // somente impresso // como manuscripto // raríssimo!!”

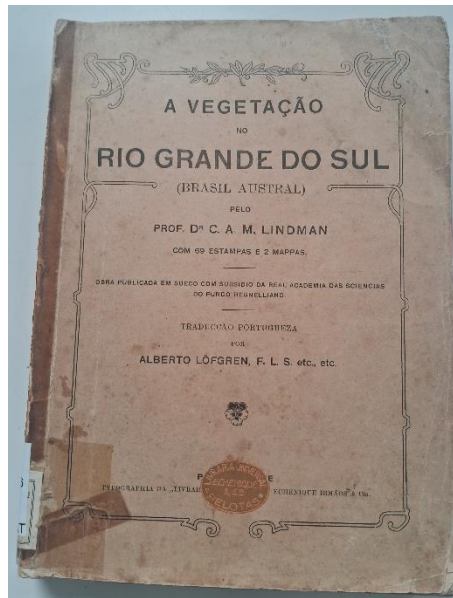
Neste livro pesquisado não foi possível identificar nenhum proprietário anterior.

Na sessão seguinte investiga-se o livro “A vegetação no Rio Grande do Sul”.

8.45 Obra “A vegetação no Rio Grande do Sul” (1906)

O espécime a “A vegetação no Rio Grande do Sul” foi publicado em Porto Alegre por C.A.M. Lindman, em 1906, com 356 páginas, 69 estampas e 2 mapas, pela tipografia da Livraria Universal, a seguir investiga-se, na figura 238, a capa deste livro.

Figura 238 - Capa da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa do livro é feita em papel, e apresenta manchas causadas pela ação do tempo, na parte inferior da capa nota-se uma pequena etiqueta de livreiro. A folha de rosto deste exemplar é realçada na figura 239.

Figura 239 - Folha de rosto da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Logo abaixo, na figura 240, apresentamos a etiqueta da Livraria Universal que está anexada na capa do livro.

Figura 240 - Etiqueta Livraria Universal

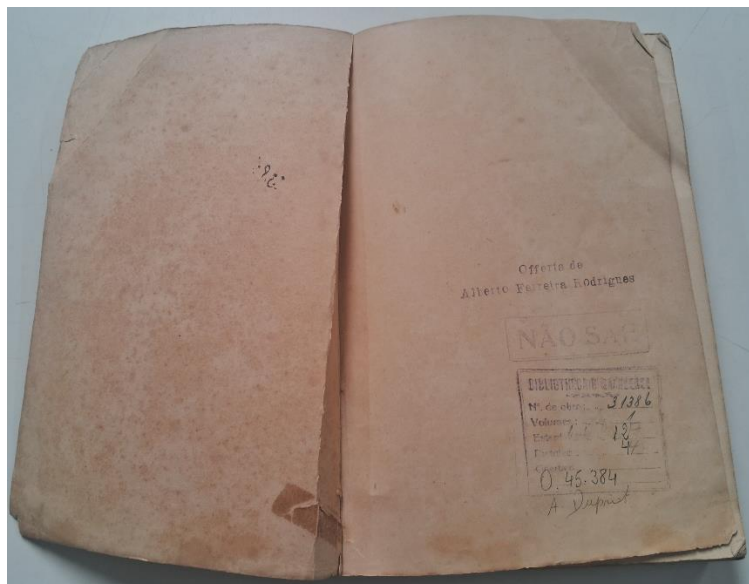


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da livraria aqui apresentada tem um formato oval, apresenta alteração na cor, por conta da ação do tempo, aparenta ter um fundo na cor marrom, e letras também em marrom, mas em um tom mais claro, lê-se na inscrição: “LIVRARIA UNIVERSAL // ECHENIQUE // & Cia // PELOTAS”.

A Guarda do livro pesquisado e os indícios de proveniência encontrados são explicitados na figura 241.

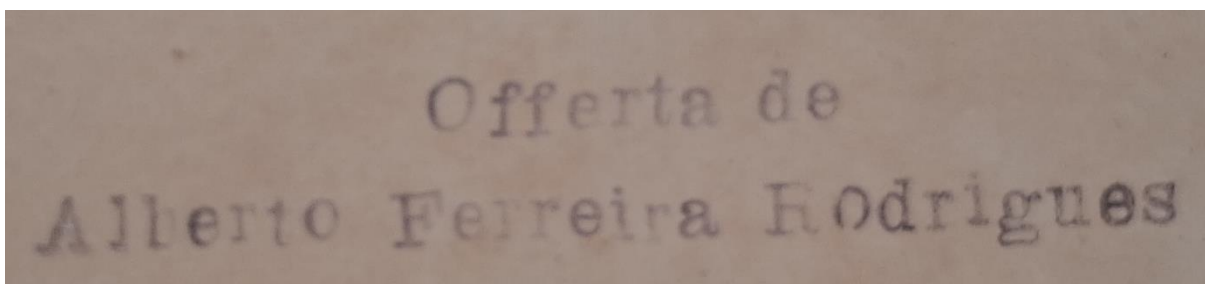
Figura 241 - Guarda da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A guarda da obra apresenta sombreamento causado pela passagem do tempo, no lado direito percebe-se os carimbos da Biblioteca Rio-grandense, e outro carimbo molhado, que identifica a propriedade da obra, este carimbo é apresentado na figura 242.

Figura 242 - Carimbo molhado Alberto Ferreira Rodrigues



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A imagem acima mostra um carimbo molhado, feito com tinta preta, onde lê-se: “Offera de // Alberto Ferreira Rodrigues”.

No item a seguir articula-se as informações recolhidas sobre a Livraria Universal

8.45.1 Livraria Universal

Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

Abaixo são inseridos os dados colhidos sobre o proprietário Alberto Ferreira Rodrigues.

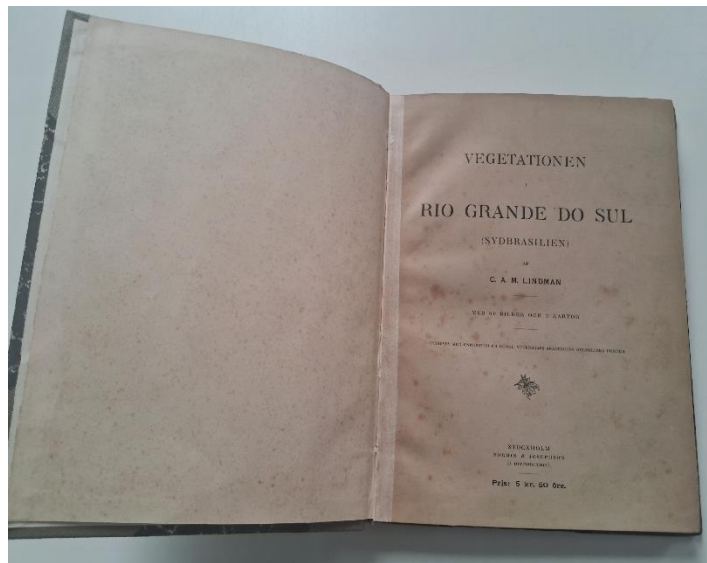
8.45.2 Alberto Ferreira Rodrigues

Não foi possível encontrar informações de referência sobre esse autor.

8.46 Obra “*Vegetationen – Rio Grande do Sul*” (1900)

C.A.M. Lindman publicou a obra “*Vegetationen – Rio Grande do Sul*” no ano de 1900, em Stockholm, pela editora Nordin & Josephson, com 239 páginas, ilustradas e mapas. Ilustrase na figura 243 a folha de rosto do exemplar pesquisado.

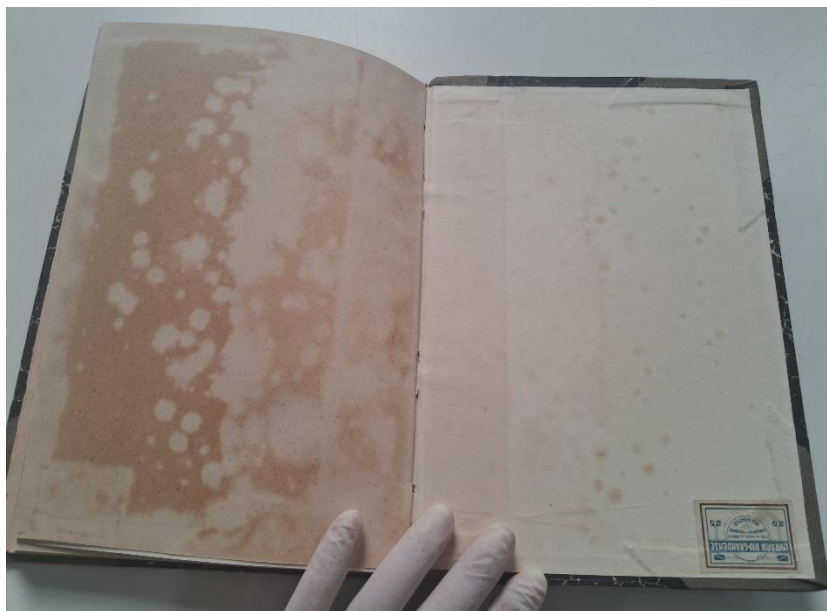
Figura 243 - Folha de rosto da obra “*Vegetationen – Rio Grande do Sul*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A guarda traseira da obra e a etiqueta de livreiro encontrada são apresentadas na figura 244.

Figura 244 -Guarda da obra “Vegetationen – Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na guarda deste espécime, no canto inferior direito encontra-se a etiqueta da Livraria Rio-grandense, que será investigada na figura 245.

Figura 245 - Etiqueta Livraria Rio-Grandense na obra “Vegetationen – Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta tem formato retangular, é feita em papel com fundo branco, bordas azuis e douradas, e letras em cores brancas e azuis, onde lê-se a inscrição: “Nº // LIVRARIA RIO-GRANDENSE // FABR. DE LIVROS EM BRANCO // LITHOGRAPHIA – TYPOGRAPHIA // RIO GRANDE”.

A pesquisa realizada sobre a Livraria Rio-grandense se encontra na sessão abaixo.

8.46.1 Livraria Rio-Grandense

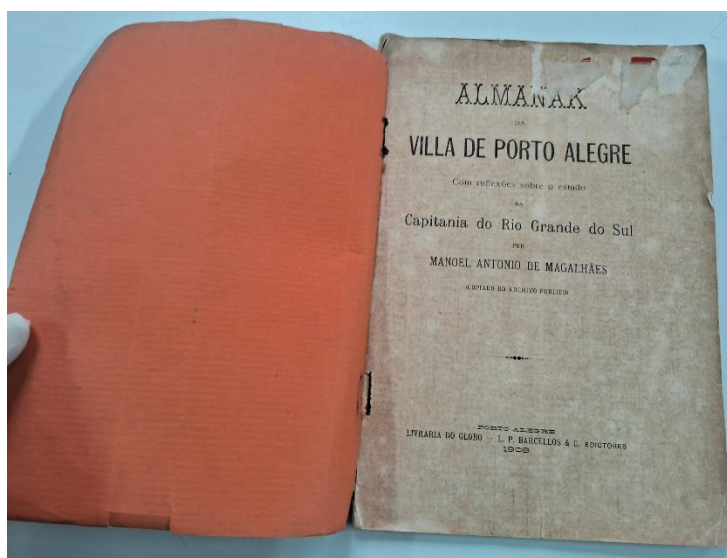
Ver capítulo 8.41.1 para maiores informações sobre a livraria Rio-grandense.

Abaixo são inseridos os indícios de proveniência colhidos no “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul”.

8.47 Obra “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul” (1908)

Foi publicado em 1908, pelo autor Manoel Antonio de Magalhães, pela Livraria do Globo, em Porto Alegre o livro “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul”. Avista-se na figura 246 a folha de rosto deste exemplar.

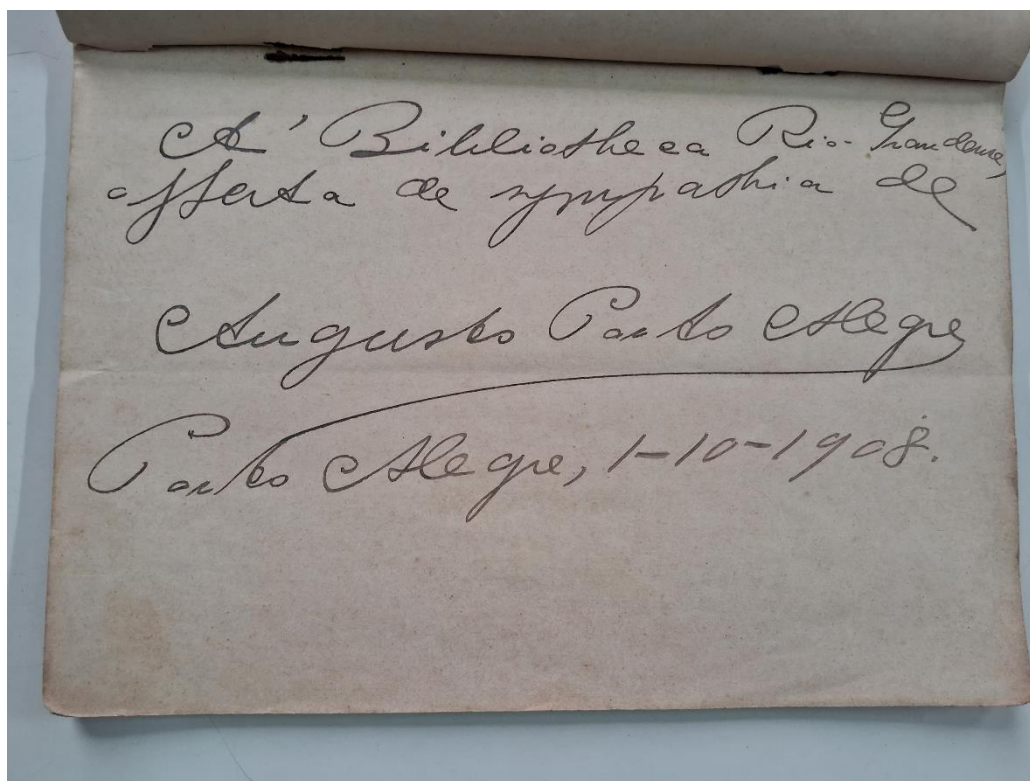
Figura 246 - Folha de rosto da obra “Almanak da Villa de Porto Alegre com reflexões sobre o estado da Capitania do Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto do exemplar pesquisado apresenta sinais de apagamento, no canto superior direito encontra-se restos de uma etiqueta, que em algum momento ali esteve anexada. Na imagem abaixo, figura 247, será analisada a anotação manuscrita evidenciada na obra.

Figura 247- Anotação manuscrita de Augusto Porto Alegre



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita encontrada neste exemplar é feita com tinta preta, e contém a inscrição: “A’ Bibliotheca Rio-Grandense, // oferta de sympathia de // Augusto Porto Alegre // Porto Alegre, 1 -10 -1908.”. A seguir são listadas as informações colhidas sobre o proprietário Augusto Porto Alegre.

8.47.1 Augusto Porto Alegre

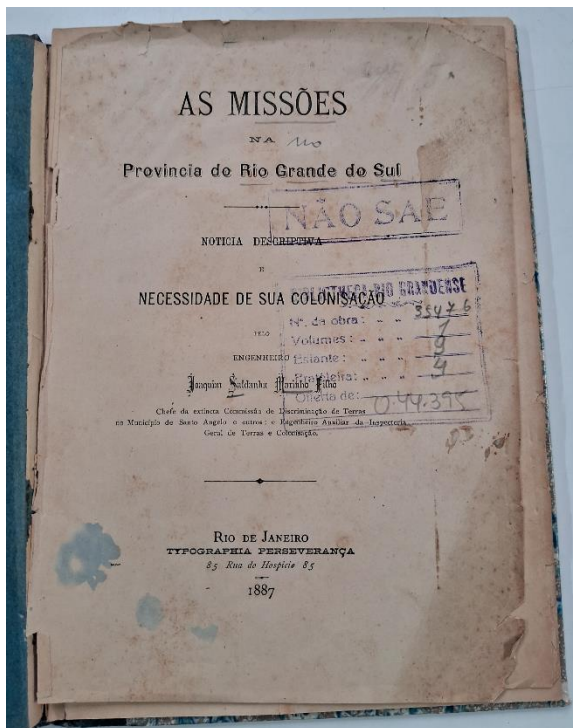
Não foi possível identificar maiores informações sobre este proprietário.

No item abaixo se investiga a obra “As missões na província do Rio Grande do Sul”.

8.48 Obra “As missões na província do Rio Grande do Sul” (1887)

Joaquim Saldanha Marinho Filho publicou o livro “As missões na província do Rio Grande do Sul”, pela editora Perseverança, no Rio de Janeiro, em 1887, com 27 páginas, e mapa. Avista-se na Figura 248 a folha de rosto deste livro.

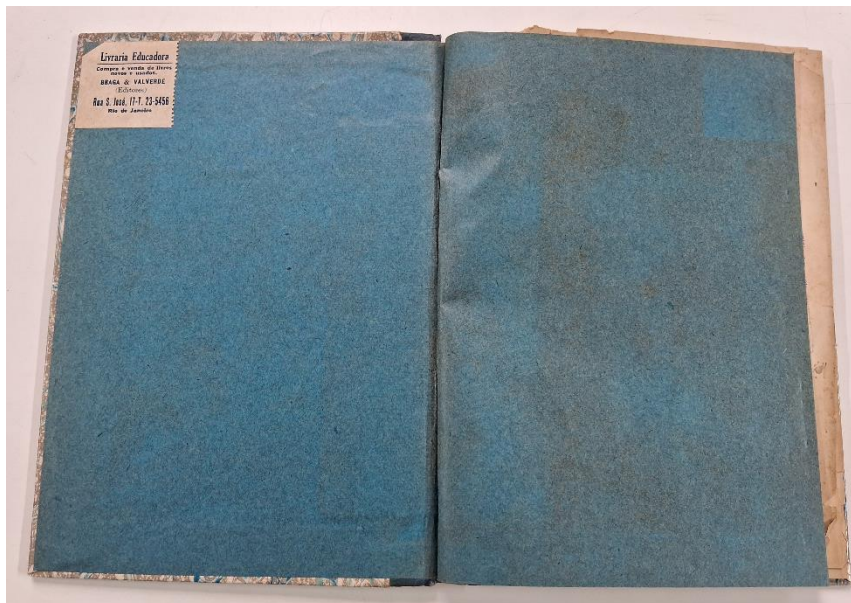
Figura 248 - Folha de rosto da obra “As missões na província do Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 249 mostra a folha de guarda do livro pesquisado e a etiqueta de livraria nela anexada.

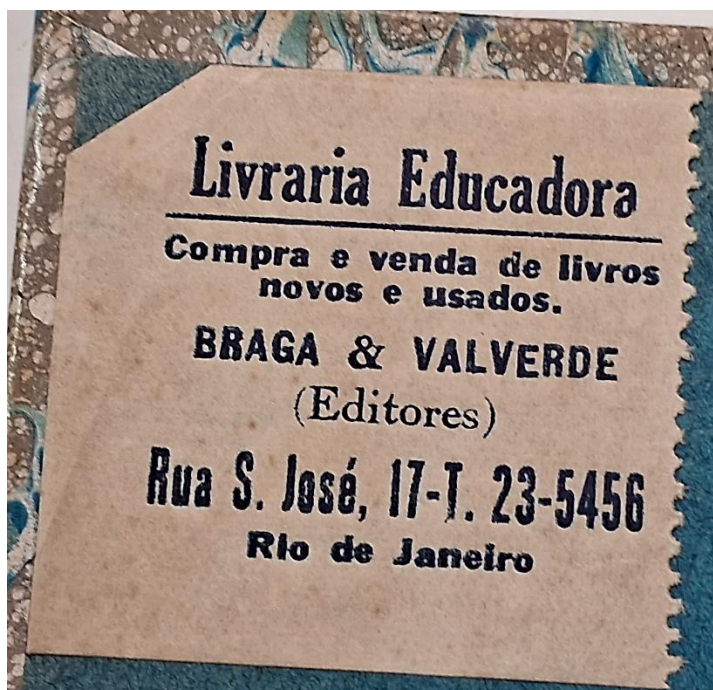
Figura 249 - Guarda da obra “As missões na província do Rio Grande do Sul”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda da obra é feita em papel, de cor azul, no canto superior esquerdo da contracapa está anexada a etiqueta da Livraria Educadora, que será investigada na figura 250.

Figura 250 - Etiqueta Livraria Educadora



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta da livraria apresenta formato retangular, fundo branco, e letras azuis, lê-se a inscrição: Livraria Educadora // Compra e venda de livros // novos e usados. // BRAGA & VALVERDE // (Editores) // Rua S. José, 17 – T. 23-5456 // Rio de Janeiro”. As informações coletadas sobre a Livraria Educadora encontram-se no item a seguir.

8.48.1 Livraria Educadora

Não foi possível identificar com precisão a data de inauguração da Livraria Educadora-Braga & Valverde, mas pelas informações coletadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional foi possível identificar a data de publicação do primeiro anúncio feito pela livraria através do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro (1930 – 1939), a loja começou a publicar anúncios no ano de 1933.

A empresa ficava localizada no Rio de Janeiro, na Rua São José número 17. Atuava também como editora, e vendia livros novos e usados, em biblioteca ou avulsos, inclusive os livros escolares. A figura 251 prioriza a compra de livros para revenda.

Figura 251 - Anúncio Livraria Educadora



Fonte: Jornal do Brasil (1934)

As temáticas dos livros vendidos pela Educadora era das mais variadas, encontrava-se para a comercialização, livros de direito, peças de teatro, romances “para moças”, livros para se tornar um guarda-livros, livros sobre música popular, como a obra “Samba”, de Orestes Barbosa, livros de comédia, entre outros. A figura 252 destaca um livro de comédia vendido na livraria, a obra “Deus lhe pague”, de Joracy Camargo.

Figura 252 - Anúncio Livraria Educadora



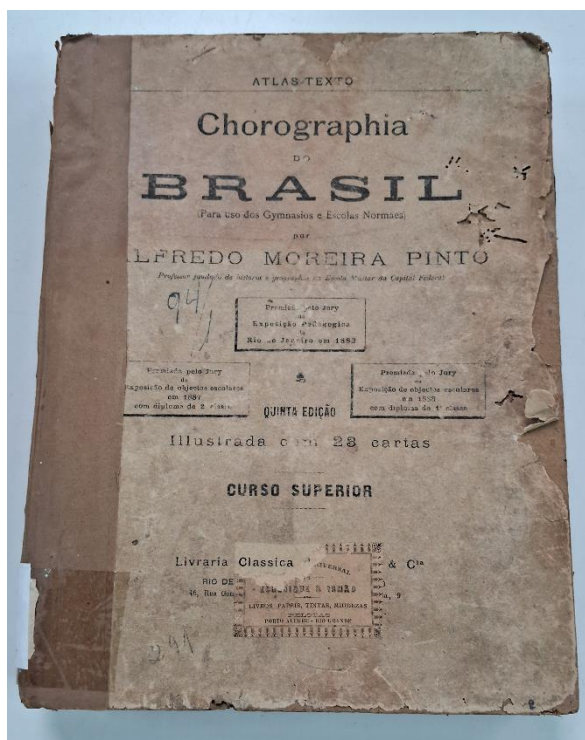
Fonte: Diario de Notícias (1934)

O livro raro “Chorografia do Brasil” e seus vestígios de proveniência serão analisados no capítulo a seguir.

8.49 Obra “Chorografia do Brasil” (1895)

Alfredo Moreira Pinto publicou esta quinta edição de “Chorografia do Brasil” em 1895, no Rio de Janeiro, pela Livraria Classica de Alves & Cia, com 272 páginas e mapas.

Figura 253 - Capa da obra “Chorografia do Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa investigada é feita de papel, apresenta rasgos, rastros de insetos, e alteração na cor causada pelo desgaste do tempo, logo abaixo na página nota-se uma etiqueta da Livraria Universal, que será investigada na figura 254.

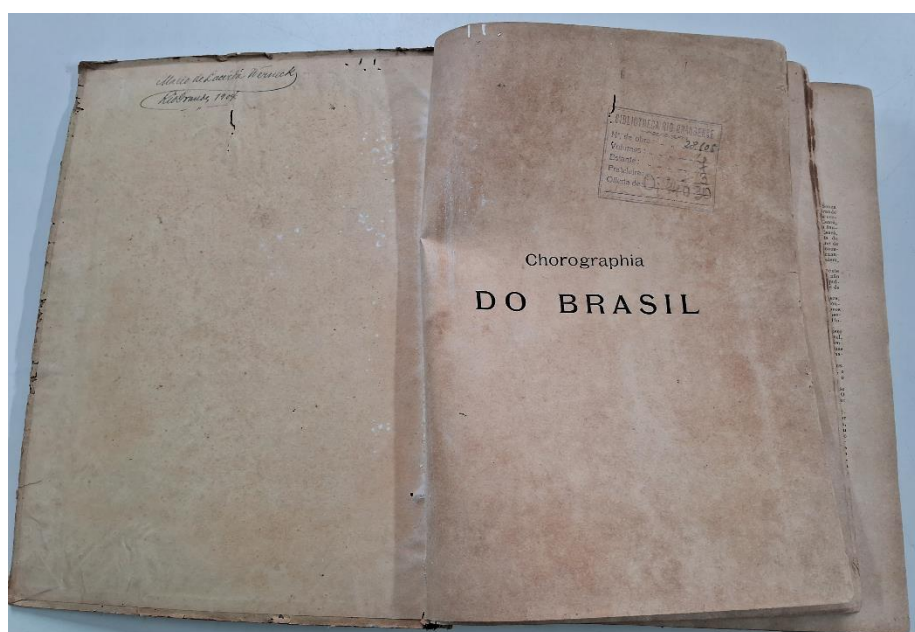
Figura 254 - Etiqueta Livraria Universal



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta tem formato retangular, a cor está escurecida por ação do tempo. A etiqueta está com o canto rasgado, desta forma, não é possível ler algumas letras presentes na inscrição, os símbolos preservados são: “? Iversal // DE // ECH?NIQUE & IRMÃO // LIVROS, PAPEIS, TINTAS, MIUDEZAS // PELOTAS // PORTO ALEGRE – RIO GRANDE”. Na figura 255 avista-se a guarda e a falsa folha de rosto do exemplar pesquisado.

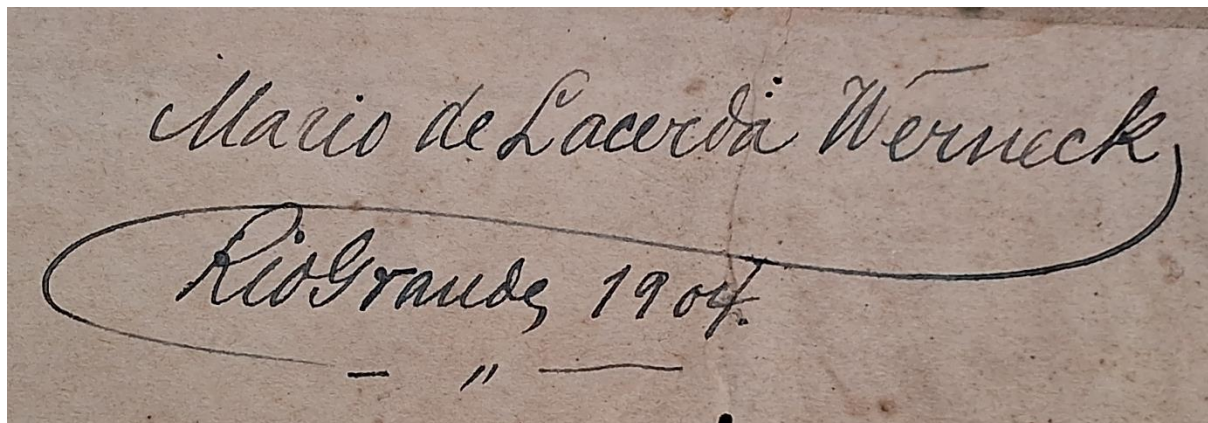
Figura 255 - Guarda e falsa folha de rosto da obra “Chorographia do Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na guarda da obra uma anotação manuscrita que será apresentada na figura 256.

Figura 256 - Anotação manuscrita de Mario de Lacerda Werneck



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita investigada foi feita com tinta preta, onde lê-se: “Mario de Lacerda Werneck // Rio Grande 1904.”

A seguir são ofertadas as informações colhidas sobre a Livraria Universal.

8.49.1 Livraria Universal

Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

Na sessão seguinte destaca-se as informações coletas sobre o proprietário Mario de Lacerda Werneck.

8.49.2 Mario de Lacerda Werneck

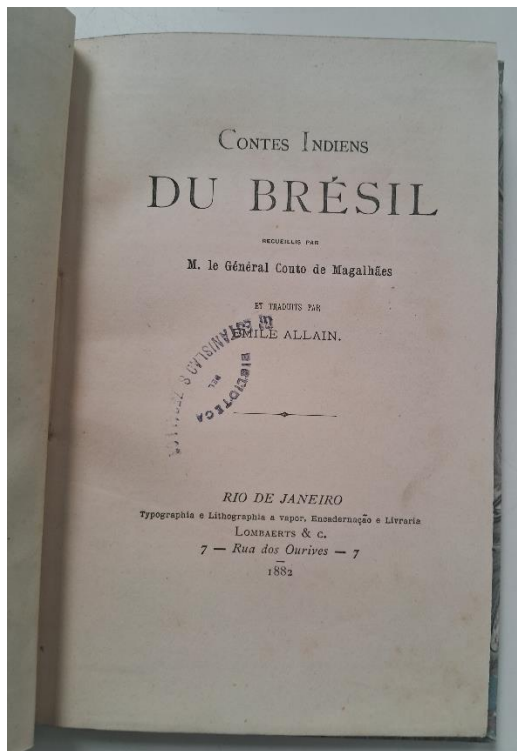
Não foi possível encontrar referências relevantes sobre esse proprietário.

No item a seguir investiga-se as marcas de proveniência encontradas na obra “*Contes indiens du Brésil*”.

8.50 Obra “*Contes indiens du Brésil*” (1882)

José Vieira Couto de Magalhães publicou no Rio de Janeiro, a obra “*Contes indiens du Brésil*”, em 1882, através da tipografia Lombaerts & C., com 70 páginas. A folha de rosto deste exemplar pesquisado encontra-se na figura 257.

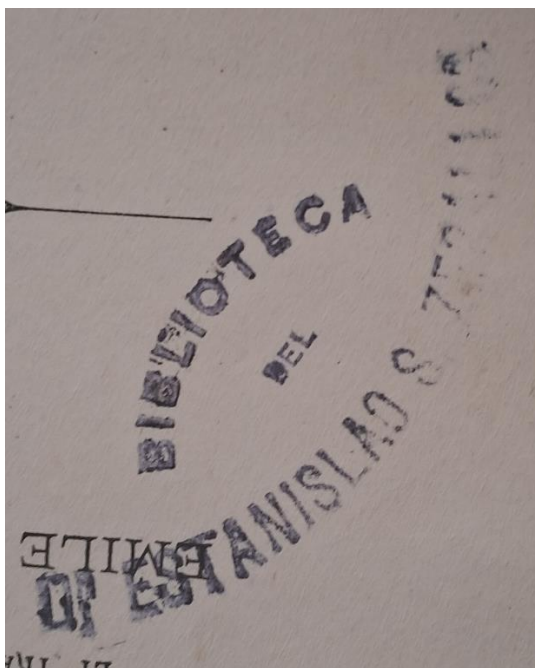
Figura 257 - Capa da Obra “Contes indiens du Brésil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Identifica-se na folha de rosto da obra averiguada um carimbo molhado de Estanislao Severo Zeballos. Este carimbo será investigado na figura 258.

Figura 258 - Carimbo molhado Estanislao Severo Zeballos



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado de Zeballos aqui identificado é feito com tinta preta, e carrega a inscrição: “BIBLIOTECA // DEL // ESTANISLAO S. ZEBALLOS”. Na próxima sessão coleta-se informações sobre Estanislao Severo Zeballos.

8.50.1 Estanislao Severo Zeballos

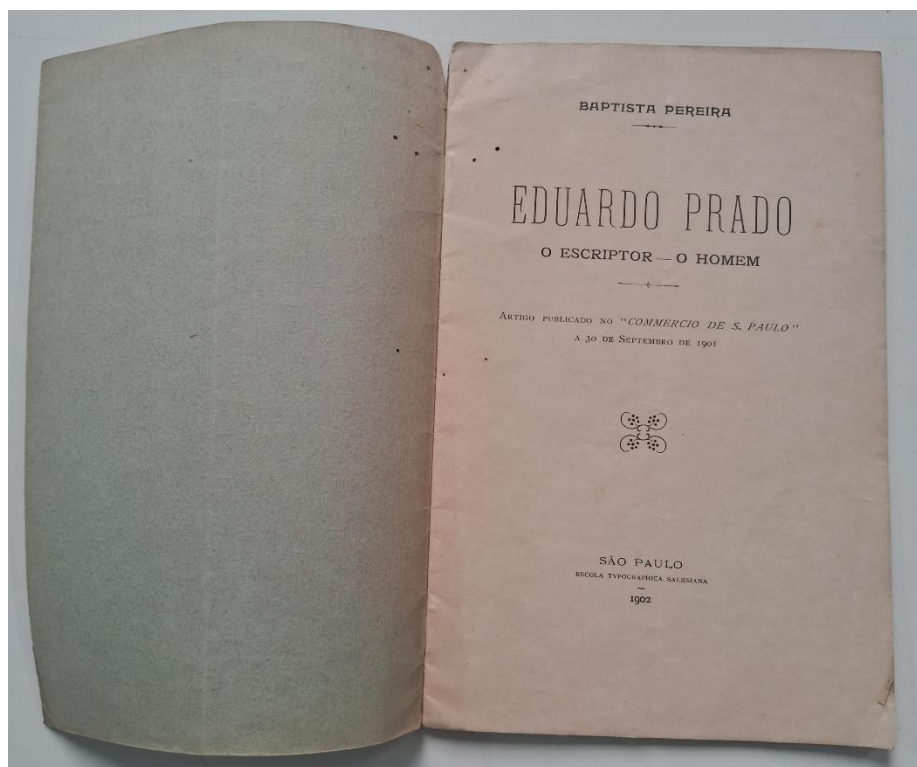
Ver capítulo 8.5.1 para maiores informações sobre a livraria.

No item a seguir avista-se as informações de proveniência coletadas na obra “Eduardo Prado o escritor – o homem”.

8.51 Obra “Eduardo Prado o escritor – o homem” (1902)

O autor Baptista Pereira publicou a exemplar de “Eduardo Prado o escritor – o homem”, em 1902, em São Paulo, pela Escola Salesiana. A folha de rosto do espécime em questão é identificada na figura 259.

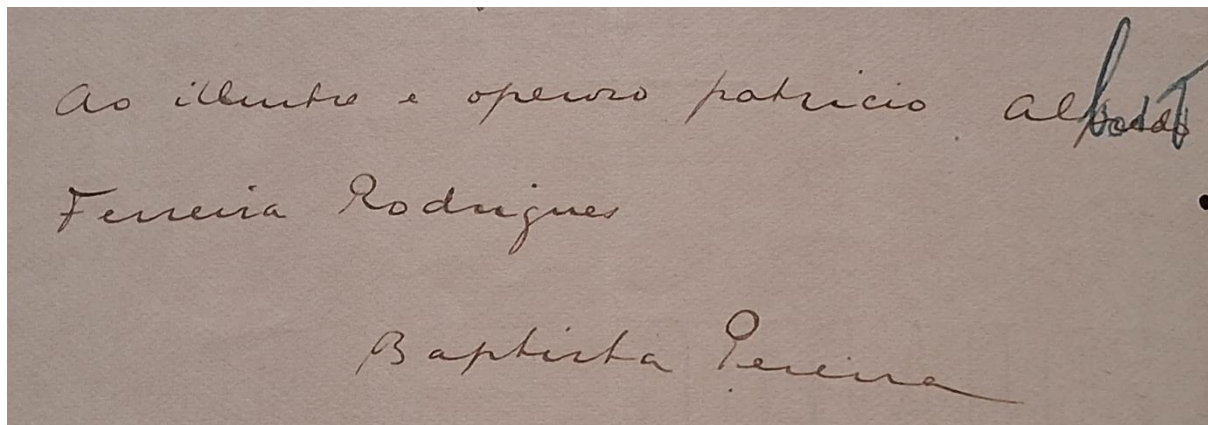
Figura 259 - Folha de rosto da obra “Eduardo Prado o escritor – o homem”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A seguir, incorpora-se a anotação manuscrita investigada na figura 260.

Figura 260 - Dedicatória de Baptista Pereira para Alfredo Ferreira Rodrigues



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A dedicatória do autor Pereira para Rodrigues é feita de forma manuscrita, com tinta preta, e a inscrição: “Ao ilustre e ? patricio Alfredo // Ferreira Rodrigues // Baptista Pereira”.

Abaixo, no item a seguir, observa-se as informações coletadas sobre Alfredo Ferreira Rodrigues.

8.51.1 Alfredo Ferreira Rodrigues

Alfredo Ferreira Rodrigues nasceu no distrito do Povo Novo, no município de Rio Grande, em 12 de setembro de 1865, e faleceu aos 77 anos, no dia 8 de março de 1942, em Pelotas.

Rodrigues já dava sinais de amor a literatura desde sua juventude, ele empreendeu em áreas diversificadas durante sua vida, foi comerciante, industrialista, viajante comercial, professor, pesquisador, cronista, historiador, jornalista, folclorista, poeta, ensaista, tradutor e biógrafo. Trabalhou como revisor da Livraria Americana em Pelotas, em 1887, e como gerente na filial de Rio Grande, até o ano de 1910.

Pelo seu generoso e profundo espírito associativo integrou a várias entidades de caráter cultural. Foi membro do Clube Literário Apolinário Porto Alegre, de Pelotas; do Centro Riograndense de Estudos Históricos, de Rio Grande; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano; dos Institutos Históricos e Geográficos da Bahia, Ceará e São Paulo; da Sociedade Geográfica de Lisboa e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. (COLLET, 2007)

Como jornalista, foi redator dos jornais A Pena, A Patria, e O Nacional. Foi cofundador da Academia Rio-Grandense de Letras, ocupando a cadeira número vinte e um.

Por devotar permanente amor e acatamento à sua terra natal, Rio Grande, foi o maior incentivador da iniciativa para edificar um monumento que levasse à posteridade o galhardo vulto farrapo, general Bento Gonçalves da Silva. E lá está a escultura como perene lembrança às gerações que se sucedem no cadinho da vida e da História. (COLLET, 2007)

Escreveu mais de cem ensaios e artigos sobre os Pampas e os homens que aqui viveram e lutaram pelas causas gaúchas. Grafou biografias de vultos notáveis do passado, sempre em busca dos episódios, e das circunstâncias, seja nas doutrinas do sistema, na cronografia, ou na mentalidade.

Na próxima alínea coloca-se as informações coletadas sobre o autor Baptista Pereira.

8.51.2 Baptista Pereira

Antônio Baptista Pereira nasceu no Rio Grande do sul, no dia 16 de outubro de 1879, na cidade de Pelotas. Foi professor, lecionando no Colégio São Bento e secretário da Conferência de Haia.

Casou-se com Maria Adélia Ruy Barbosa, em 25 de julho de 1908, no Rio de Janeiro, tornando-se genro de Ruy Barbosa.⁹⁷

Juntamente com Eduardo Prado, seu amigo íntimo, escreveu para jornais do Estado de São Paulo. E por intermédio do Barão do Rio Branco ingressou na carreira diplomática, sendo designado para a Embaixada Especial em Haia.

Quando largou a carreira diplomática, optou por exercer uma função judiciária. Acabou por falecer em São Paulo, aos 80 anos, no dia 20 de agosto de 1960.

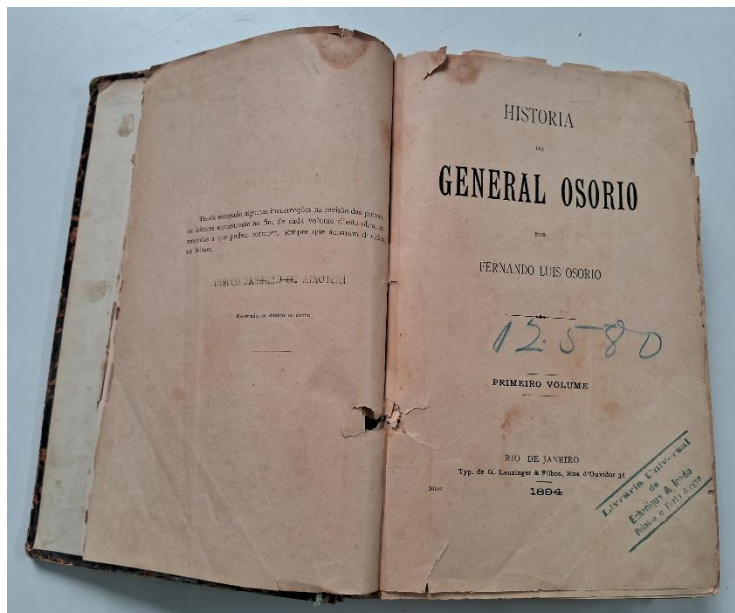
Investiga-se no tópico a seguir as informações coletadas no livro “Historia do General Osorio”.

8.52 Obra “Historia do General Osorio” (1894)

O livro “Historia do General Osorio” foi publicado em 1894, por Fernando Luis Osorio, no Rio de Janeiro, com 714 páginas, pela tipografia G. Leuzinger. A folha de rosto deste exemplar e os vestígios de posse nele encontrados estão dispostos na figura 261.

⁹⁷ Ruy Barbosa de Oliveira foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.

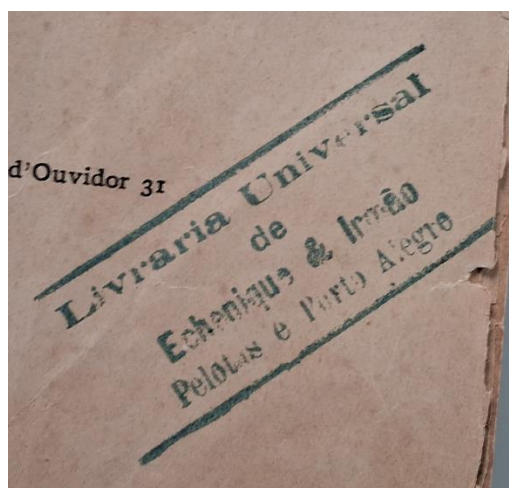
Figura 261 - Folha de rosto da obra “Historia do General Osorio”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na folha de rosto exposta acima nota-se uma anotação feita a lápis, de cor azul, onde lê-se os números: “12.580”. No canto inferior direito da folha, está disposto um carimbo do tipo molhado. Avista-se na figura 262 o carimbo molhado da Livraria Universal que foi encontrado no exemplar pesquisado.

Figura 262 - Carimbo molhado Livraria Universal

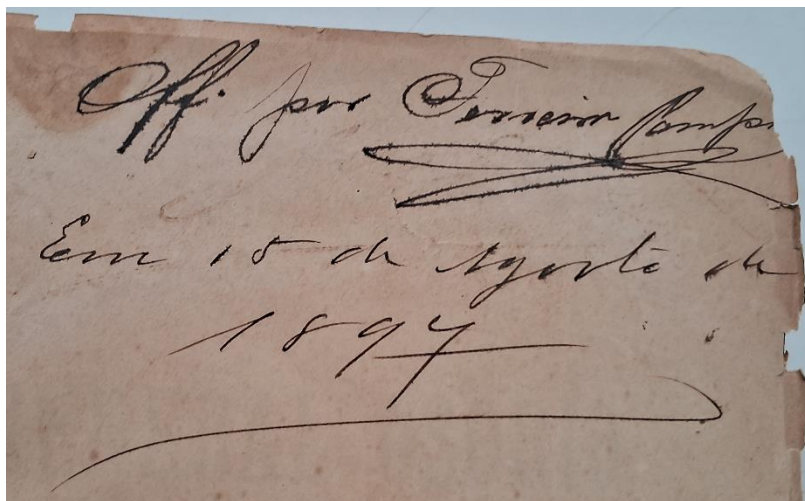


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado investigado pertence a Livraria Universal, tem o formato retangular, é feito com tinta preta, com a inscrição: “Livraria Universal // de // Echenique & Irmão // Pelotas e Porto Alegre”.

Outra marca foi encontrada neste exemplar, desta vez uma notação manuscrita, que será investigada na figura 263.

Figura 263 - Anotação manuscrita na obra “Historia do General Osorio”

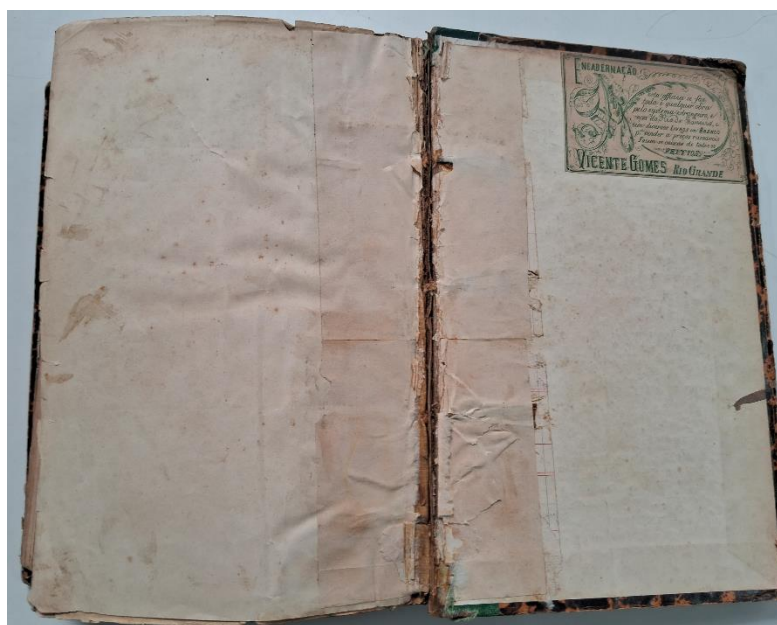


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita com tinta preta, lê-se a inscrição: “Off. Por Ferreira Campos // Em 15 de agosto de // 1897”.

A figura 264 acrescenta a guarda do exemplar analisado.

Figura 264 - Guarda da obra “Historia do General Osorio”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No canto superior da guarda traseira foi encontrada a etiqueta do encadernador Vicente Gomes, está etiqueta será ampliada na figura 265.

Figura 265 - Etiqueta do Encadernador Vicente Gomes



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta investigada pertence a oficina de encadernação de Vicente Gomes, é feita em papel, em formato retangular, com fundo branco e letras e ornamentações na cor verde, com a inscrição: “ENCADERNAÇÃO // esta officina se faz // toda e qualquer obra // pelo systema estrangeiro, e // preços do Rio de Janeiro, e // tem diversos LIVROS em BRANCO. // p^a vender a preços rasoaveis // fazem-se caixas de todos os // FEITIOS. // VICENTE GOMES RIO GRANDE”.

Observa-se no item a seguir as informações coletadas sobre a Livraria Universal.

8.52.1 Livraria Universal

Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

No item a seguir são agrupadas as informações colhidas sobre Vicente Gomes.

8.52.2 Vicente Gomes

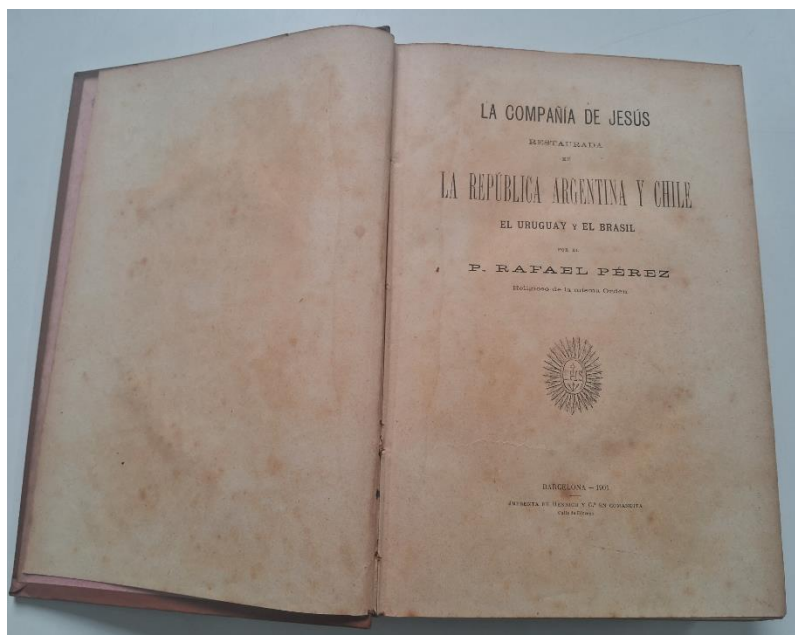
Ver capítulo 8.6.1 para maiores informações sobre o encadernador Vicente Gomes.

Na próxima alínea serão abordados os indícios de proveniência encontrados no exemplar “*La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil*”.

8.53 Obra “*La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil*” (1901)

Rafael Pérez publicou o livro “*La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil*”, em 1901, em Barcelona, pela editora Henrich y ca. em comandita Calle de Gorcega, com 982 páginas. A folha de roto deste livro está disposta na figura 266.

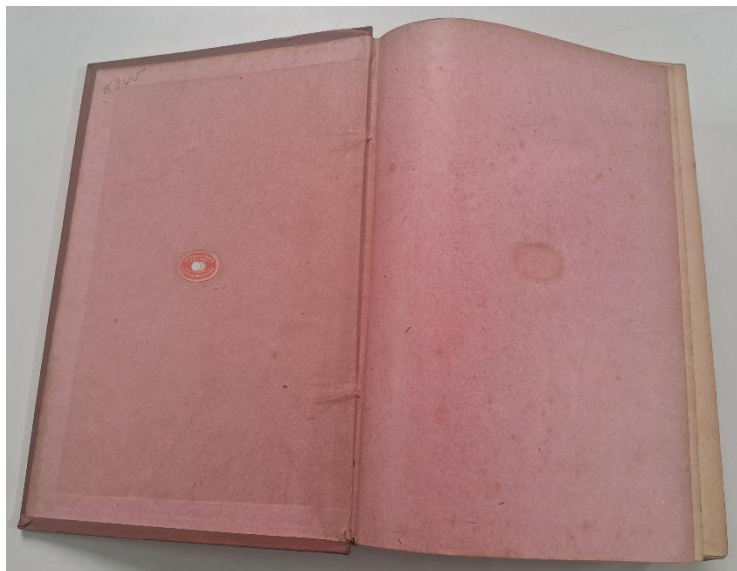
Figura 266 - Folha de rosto da obra “*La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda do espécime pesquisado e a etiqueta encontrada estão dispostas na figura 267.

Figura 267- Folha de guarda da obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de guarda é feita em papel, de cor rosa. No centro dá guarda identifica-se uma pequena etiqueta de livraria, está etiqueta será apresentada na figura 268.

Figura 268 - Etiqueta Libreria del Colegio Eclipse

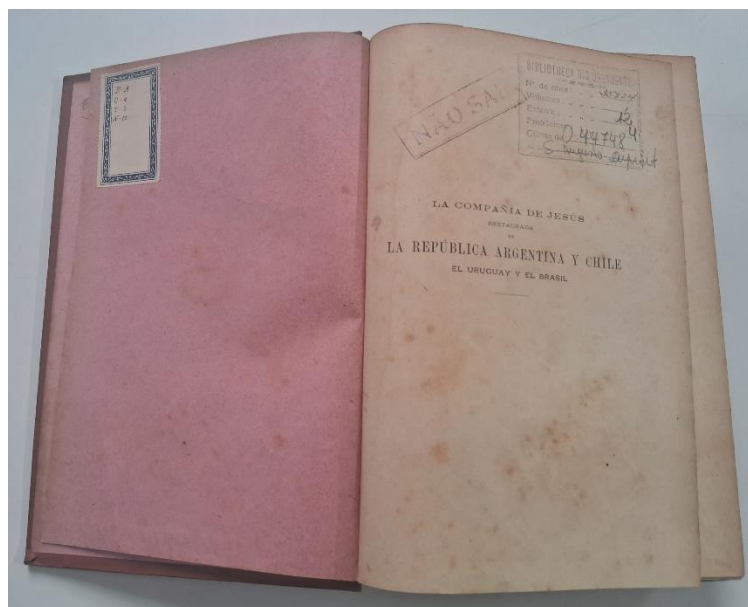


Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Etiqueta em formato oval, com bordas brancas, fundo vermelho e letras brancas, no centro da etiqueta tem uma ilustração do sol e da lua (em eclipse), lê-se a inscrição: “LIBRERIA DEL COLEGIO // ECLIPSE // MARCA REGISTRADA // ALSINA 500. BUENOS – AIRES”.

Identifica-se na figura 269 a falsa folha de rosto do exemplar pesquisado e os indícios de proveniência encontrados.

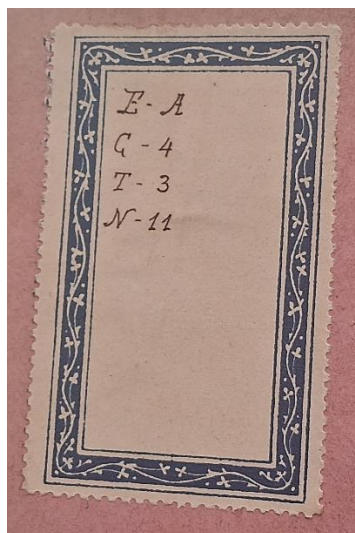
Figura 269 - Falsa folha de rosto da obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Observamos no canto superior da guarda de papel rosa uma etiqueta retangular, que será mais bem analisada na figura 270. Já na falsa folha de rosto nota-se as marcas de entrada do livro na Biblioteca Rio-grandense.

Figura 270 - Etiqueta na obra “La Compañía de Jesús restaurada em la Republica Argentina Y Chile el Uruguay y el Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Etiqueta feita em papel, em formato retangular, e bordas destacáveis, o fundo da etiqueta é branco e a borda é decorada em azul e branco, no centro percebe-se a inscrição, feita a mão, com tinta preta: “E – A // C – 4 // T – 3 // N – 11”.

No item a seguir são apresentadas as informações sobre a livraria do Colegio.

8.53.1 Libreria del Colegio

O farmacêutico Francisco Marull abriu as portas da “Botica” em 1785, o comercio localizado em um prédio de dois andares, o primeiro da Argentina, fica localizado até hoje na esquina da Rua Ansina, número 500. No primeiro piso do comércio eram vendidos remédios, tabacos, velas, crucifixos, pequenos cartões, e mais um sortimento de itens, no segundo pavimento eram comercializados textos vindos do Alto Peru e da Europa.

Foi através da “Botica” que o primeiro jornal de Buenos Aires chegou até seus leitores em 1801, com o nome de “*El Telégrafo Mercantil, Rural, Político, Económico e Historiográfico del Río de la Plata*”. Só em 1830 o comercio passou a vender apenas livros, e passou a se chamar *Libreria del Colégio*. Este nome foi escolhido por conta da proximidade da livraria com o *Colegio San Carlos*, atualmente *Colegio Nacional Buenos Aires*, a instituição de ensino mais antiga do país, fundada pelos padres jesuítas.

Na atualidade a livraria tem o nome de Libreria de Ávila, e está em funcionamento no mesmo local desde 1785, sendo considerada o negócio mais antigo de Buenos Aires ainda em

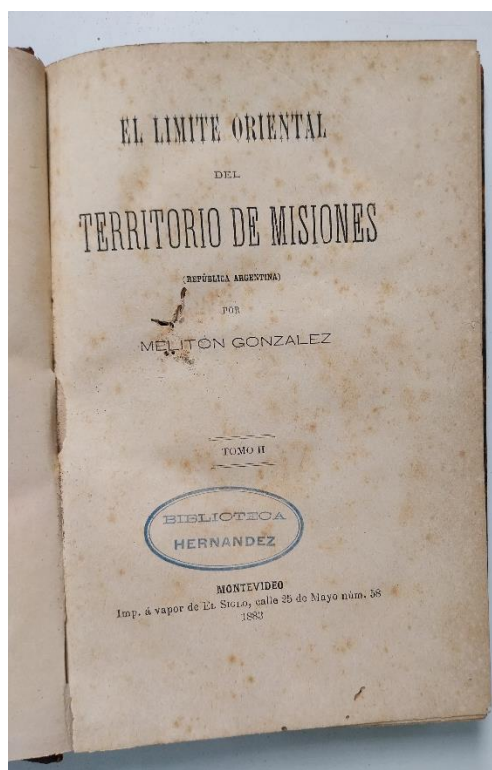
funcionamento. Sendo assim, foi declarada como patrimônio histórico-cultural pelo governo no ano de 2000.

No capítulo que segue são expostas as informações recolhidas no segundo volume, do exemplar “El limite oriental del território de Misiones”.

8.54 Obra “*El limite oriental del território de Misiones*”, volume 2 (1883)

O segundo volume de “*El limite oriental del território de Misiones*” foi publicado por Meliton Gonzales, em 1883, em Montevideo, pela imprensa a vapor de El Siglo. A folha de roto deste exemplar está caracterizada na figura 271.

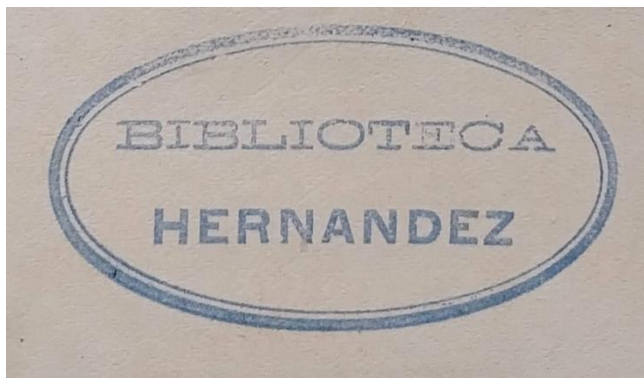
Figura 271 - Folha de rosto da obra “El limite oriental del território de Misiones”, vol. 2



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto apresenta manchas, e buracos causados por insetos, abaixo na página é visível um carimbo molhado, que será perquirido na figura 272.

Figura 272 - Carimbo molhado Biblioteca Hernandez



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado tem formato oval, é feito na cor azul, e apresenta a inscrição: “BIBLIOTECA // HERNANDEZ”.

No próximo capítulo verifica-se informações sobre a Biblioteca Hernandez.

8.54.1 Biblioteca Hernandez

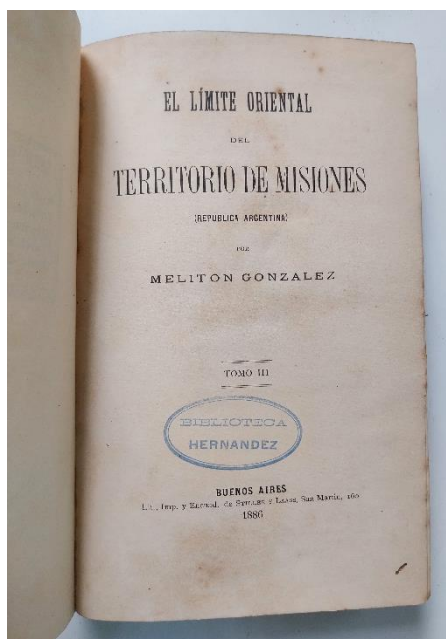
Até o momento não foi possível coletar nenhuma referência sobre a Biblioteca Hernandez.

A seguir apresentamos as informações de proveniência do terceiro volume da obra *El limite oriental del territorio de Misiones*”.

8.55 Obra “*El limite oriental del territorio de Misiones*”, volume 3 (1886)

O terceiro volume de “*El limite oriental del territorio de Misiones*” foi publicado por Meliton Gonzales, em 1886, em Montevideo, pela importadora e encadernadora de Stiller y Laass. A folha de roto deste exemplar está caracterizada na figura 273.

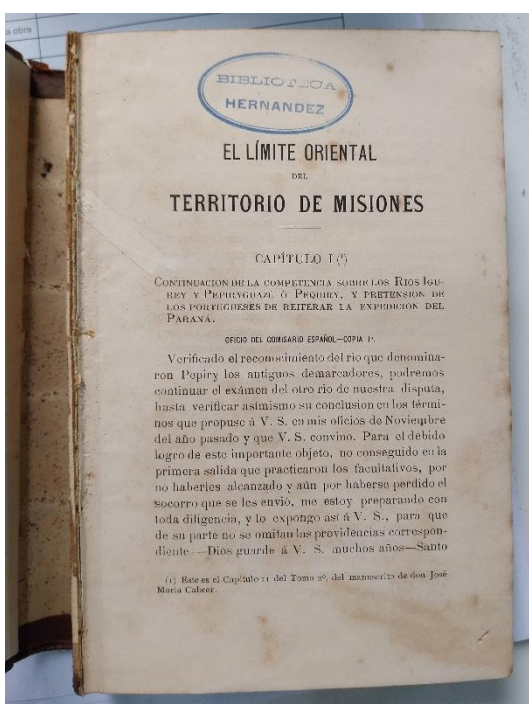
Figura 273 - Folha de rosto da obra “El limite oriental del territorio de Misiones” vol. 3



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto desse exemplar apresenta leves manchas, e um carimbo molhado logo abaixo da página. Já a imagem seguinte, figura 274, apresenta o mesmo carimbo, mas em outra localização dentro do livro, na primeira página do capítulo um.

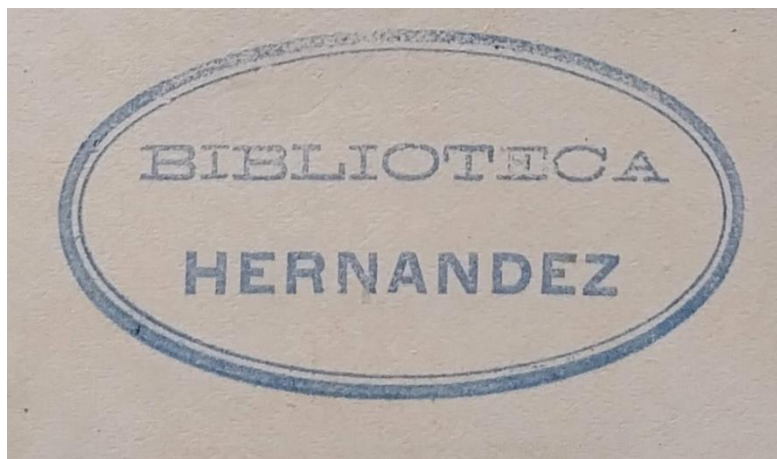
Figura 274 - Localização do carimbo na obra “El limite oriental del territorio de Misiones” vol. 3



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 275 apresenta-se novamente o carimbo molhado da Biblioteca Hernandez.

Figura 275 - Carimbo Biblioteca Hernandez



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado tem formato oval, é feito na cor azul, e apresenta a inscrição: “BIBLIOTECA // HERNANDEZ”.

No próximo capítulo verifica-se informações sobre a Biblioteca Hernandez.

8.55.1 Biblioteca Hernandez

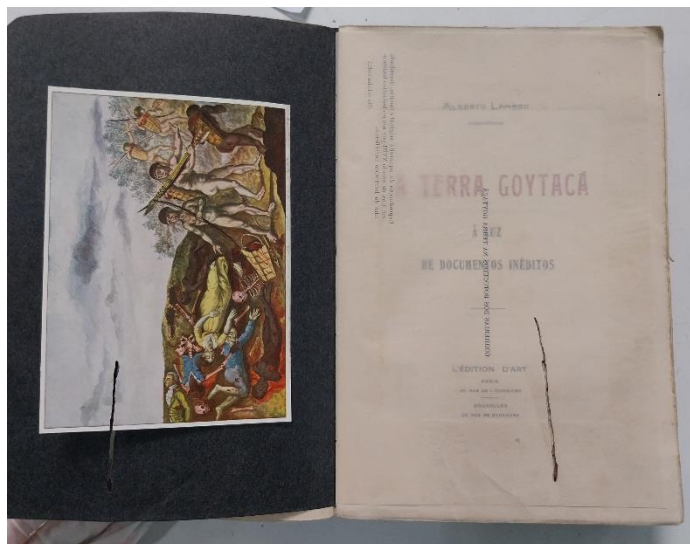
Até o momento não foi possível coletar nenhuma referência sobre a Biblioteca Hernandez.

A seguir apresentamos as informações de proveniência coletadas em “A Terra Goytacá”.

8.56 Obra “A Terra Goytacá à luz de documentos inéditos” (1913 ?)

Alberto Lamego, publicou sua edição de “A Terra Goytacá, em 1913, na cidade de Paris, pela L’ Édition D’Art, em 4 volumes. Observamos na figura 276 a folha de rosto, e uma ilustração deste exemplar.

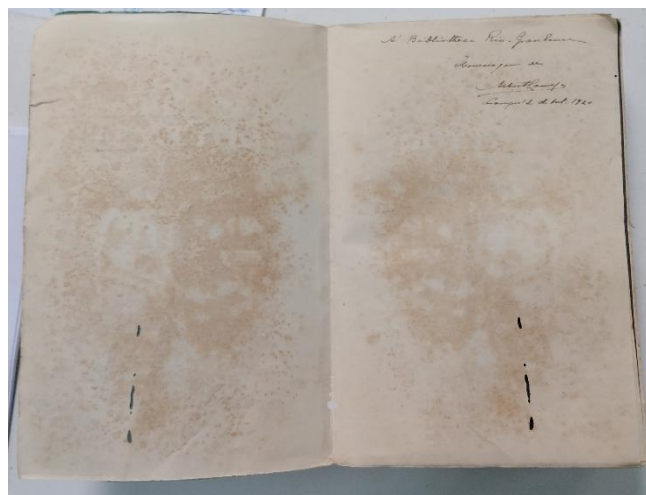
Figura 276 - Folha de rosto da Obra “A Terra Goytacá”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 277 se encontra uma anotação manuscrita, localizada na guarda do exemplar sondado.

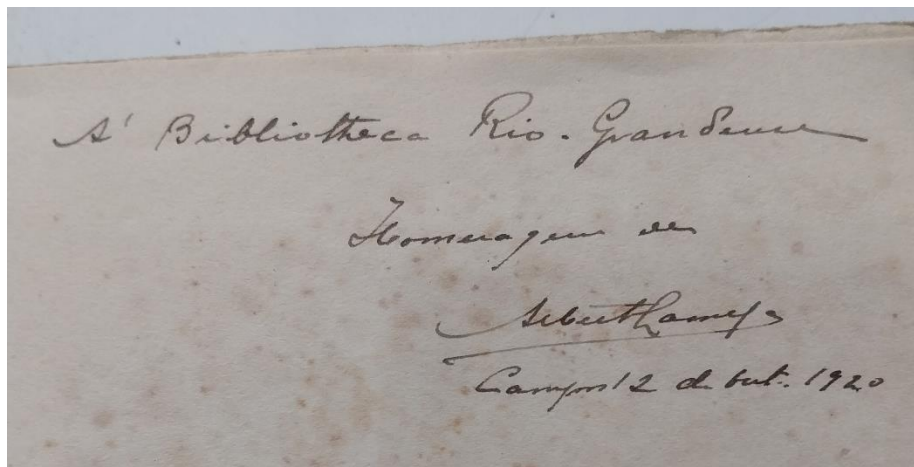
Figura 277 - Guarda da obra “A Terra Goytacá”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A guarda desse exemplar revela amarelamento causado pela ação do tempo, no canto superior direito da guarda encontra-se uma anotação manuscrita, está será acrescentada de forma ampliada na figura 278.

Figura 278 - Anotação manuscrita na obra “A Terra Goytacá”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita encontrada neste espécime é feita com tinta preta e mostra a inscrição: “A’ Bibliotheca Rio-Grande // Homenagem de // Alberto Lamego // Campos 12 de out. 1920”.

As informações coletadas sobre o autor e dedicador Alberto Lamego estão agrupadas no item a seguir.

8.56.1 Alberto Lamego

Alberto Ribeiro Lamego nasceu em Campos dos Goytacazes, em 9 de abril de 1896, e faleceu aos 89 anos, no Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1985. Foi um grande pesquisador, geógrafo, engenheiro e geólogo brasileiro. Em 1906, quando ainda era criança, mudou-se com os pais para a Europa, para a cidade de Lisboa, em Portugal. Nesta cidade começou o ensino primário no Colégio Jesuíta de Campolide. (WIKIPEDIA, 2023)

Com a implantação da República Portuguesa, e o fechamento dos colégios religiosos, foi com a família residir na Bélgica. Em Bruxelas concluiu os estudos secundários no Colégio Saint-Michel. Posteriormente, ingressou na Universidade Católica de Lovaina, no curso de engenharia de artes, manufatura e minas.

Quando os alemães invadiram a Bélgica mudou-se novamente com a família, desta vez o destino foi Londres, onde matriculou-se no curso de engenharia na Universidade de Londres e na *Royal School of Mines do Imperial College of Science and Technology*, estudou nas duas instituições de forma simultânea.

Com o fim da guerra fez as malas novamente, e com sua família retornou ao Brasil, em 1920. Foi admitido no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGMB), e entre os anos de 1951 e 1961, atuou como diretor de geologia e mineralogia do Ministério da Agricultura.

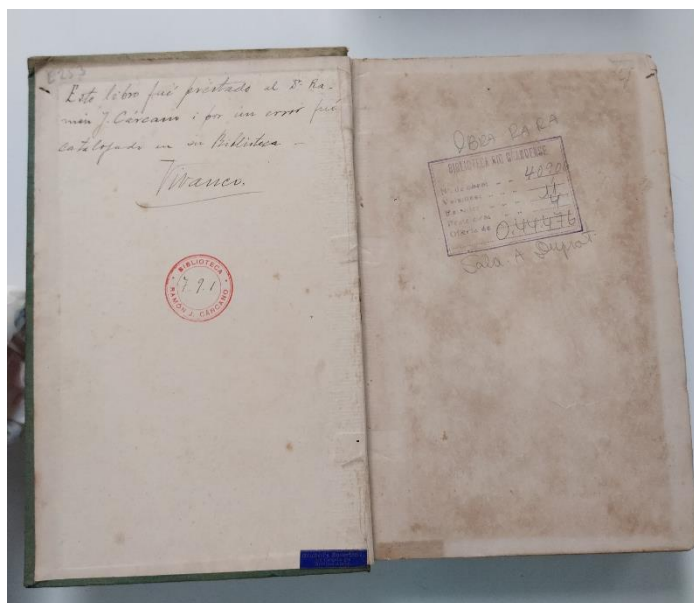
Foi membro da Academia Brasileira de Ciências, do Instituto Histórico de Petrópolis, da Associação dos geólogos brasileiros, da Academia Fluminense de letras, do Instituto Pan-americano de Geografia e História, da Academia Campista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (WIKIPEDIA, 2023)

No capítulo abaixo estão presentes as informações coletadas na obra “A Vanished Arcádia”.

8.57 Obra “*A Vanished Arcádia*” (1901)

O autor R. B. Cunninghame Graham publicou o livro “*A Vanished Arcádia*”, em Londres, em 1901, com 294 páginas, e mapa, pelo editor William Heinemann. A guarda deste exemplar e os indícios de proveniência encontrados são apresentados na figura 279.

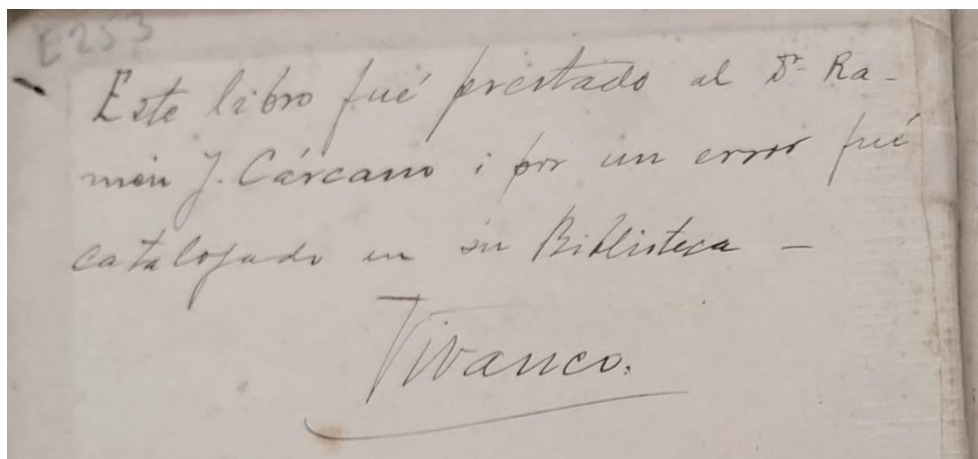
Figura 279 - Guarda da obra “*A Vanished Arcádia*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nota-se na guarda do exemplar uma anotação manuscrita, um carimbo do tipo molhado, e as marcas de entrada do livro na Biblioteca Rio-grandense. A anotação manuscrita será investigada na figura 280.

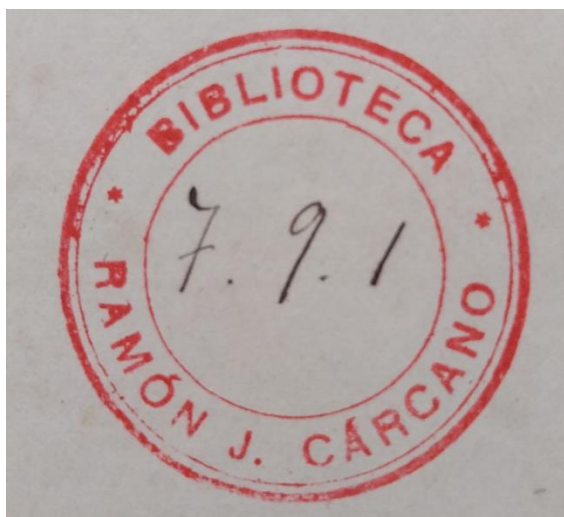
Figura 280 - Anotação manuscrita na obra “A Vanished Arcádia”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A anotação manuscrita é feita com tinta preta, e lê-se a inscrição: “Este libro fué prestado al S. Ra- // món J. Cárcam i por um erro fué // catalogado in su Biblioteca // Vivanco.” Abaixo, figura 281, apresentamos o carimbo molhado da Biblioteca Ramón J. Cárcano.

Figura 281 - Carimbo Biblioteca Ramón J. Cárcano



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado analisado tem formato circular, é feito com tinta vermelha, no centro do carimbo encontra-se uma anotação manuscrita, feita com tinta preta: nesta marca de propriedade lê-se: “BIBLIOTECA // RAMÓN J. CÁRCANO // 7. 9. 1”.

As informações colhidas sobre a Biblioteca Ramón J. Cárcano serão fornecidas abaixo.

8.57.1 Biblioteca Ramón J. Cárcano

Sobre a Biblioteca Ramón J. Cárcano foram descobertas duas informações distintas. A primeira diz respeito a Biblioteca Popular Ramón J. Cárcano, que fica localizada em Bell Ville, Córdoba, Argentina. Esta biblioteca está com as portas abertas a 106 anos.

A segunda biblioteca com o nome de Biblioteca Ramón J. Cárcano, foi localizada no Brasil, no consulado argentino.

Reaberta a biblioteca do Consulado argentino. Fechada há cinco anos, a Biblioteca Ramón J. Cárcano voltará a funcionar a partir do próximo dia 18 de outubro. Localizada no Instituto Cultural Brasil – Argentina, no Rio de Janeiro, a biblioteca terá em seu acervo 4.500 obras recatalogadas, além de 2 mil livros incorporados. Fonte: Boletim PNLL nº 80 – 15 a 21/10/2007. (DOWLIN, 2007)

Como não foi possível, até o momento, identificar a qual biblioteca pertence o carimbo encontrado no exemplar da Biblioteca Rio-grandense, entende-se que é necessário realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre as duas instituições referenciadas.

No tópico a seguir são apresentadas as informações sobre Vianco.

8.57.2 Vivanco

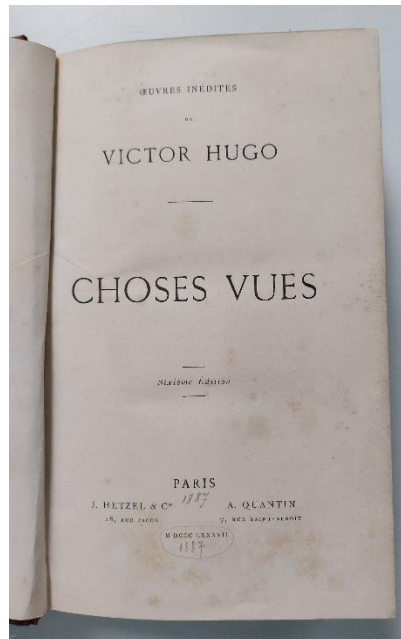
Não foi possível até o momento resgatar nenhuma referência sobre este proprietário.

O item a seguir retrata as informações de proveniência recolhidas da obra “Choses vues”.

8.58 Obra “*Choses vues*” (1887)

Victor Marie Hugo publicou o livro “Choses vues” em Paris, pela editora J. Hetzel, em 1887, com 374 páginas. A folha de rosto deste exemplar é apresentada na figura 282.

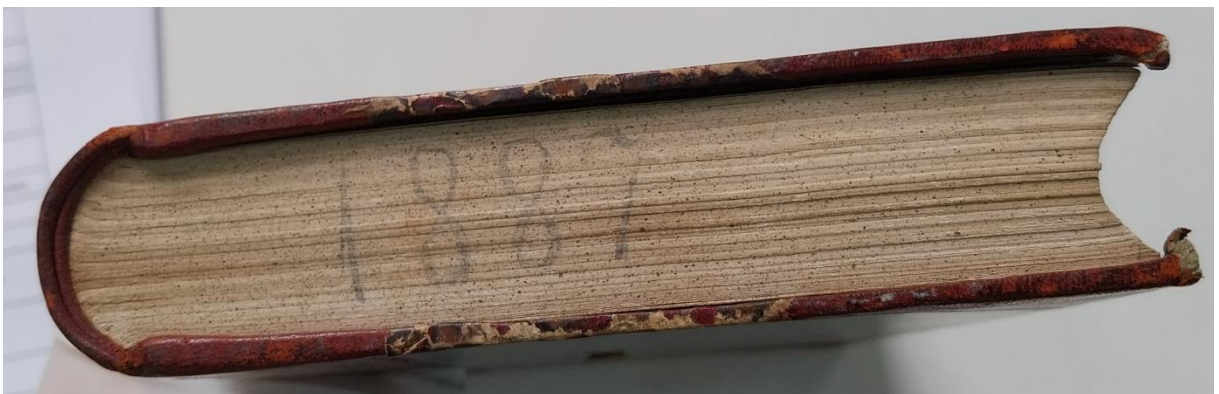
Figura 282 - Folha de rosto da obra “Choses vues”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na figura 283 é possível identificar números no corte do livro investigado.

Figura 283 - Corte da obra “Choses vues”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No corte do exemplar podemos identificar o ano de “1887”. A etiqueta da loja Pharol Pelotense é apresentada na figura 284.

Figura 284 - Etiqueta Pharol Pelotense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta é feita em papel, e tem um formato em octógono. A cor de fundo da etiqueta é branca, as bordas brancas e vermelhas, as letras também estão distribuídas entre as cores vermelho e branco, lê-se na inscrição: “FAZENDAS // MODAS // ROUPA // FEITA // NOVIDADES // ãO PHAROL PELOTENSE // AMBROISE PERRET // ARTIGOS // para Viajantes, // MALAS // de todos os feitios // PELOTAS.”

Abaixo estão apresentadas as informações sobre o comercio Pharol Pelotense.

8.58.1 Pharol Pelotense

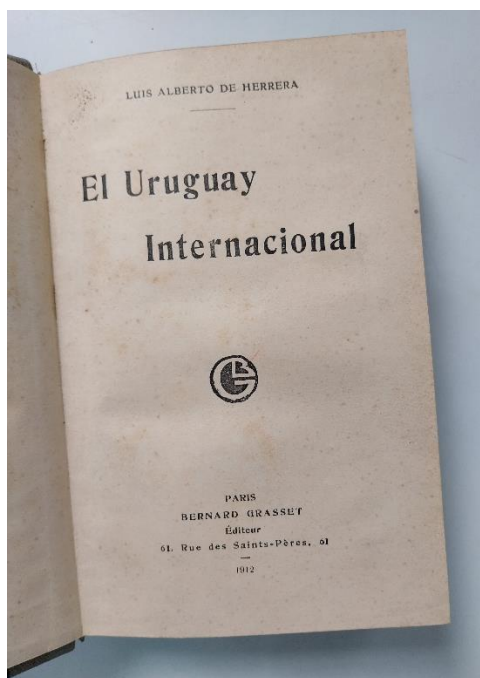
Não foram encontradas informações relevantes sobre esta empresa.

No item a seguir são investigadas as marcas encontradas na obra “*El Uruguay internacional*”.

8.59 Obra “*El Uruguay internacional*” (1912)

Luis Alberto Herrera publicou o livro “*El Uruguay internacional*”, em 1912, em Paris, pela editora de Bernard Grasset, com 401 páginas e mapa. Avista-se na figura 285 a folha de rosto deste exemplar.

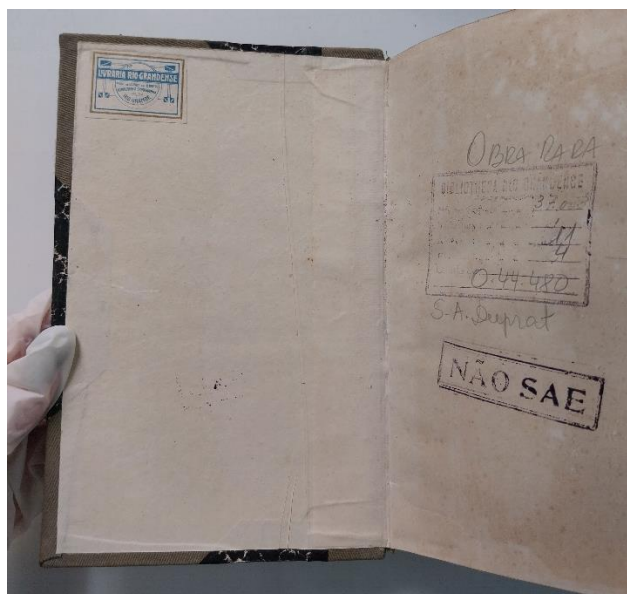
Figura 285 - Folha de rosto da obra “El Uruguay Internacional”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A figura 286 identifica indícios de proveniência e a guarda do exemplar pesquisado.

Figura 286 - Guarda da obra “El Uruguay Internacional”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No canto superior direito da guarda encontra-se uma etiqueta de livraria, na página seguinte avista-se anotações manuscritas, feitas a lápis, “Obra rara” e “S.A. Duprat”, e as marcas de entrada do livro na Biblioteca Rio-grandense. A figura 287 agrega a etiqueta da Livraria Rio-grandense encontrada neste exemplar.

Figura 287 - Etiqueta Livraria Rio-grandense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta tem formato retangular, é feita em papel com fundo branco, bordas azuis e douradas, e letras em cores brancas e azuis, onde lê-se a inscrição: “Nº // LIVRARIA RIO-GRANDENSE // FABR. DE LIVROS EM BRANCO // LITHOGRAPHIA – TYPOGRAPHIA // RIO GRANDE”.

A pesquisa realizada sobre a Livraria Rio-grandense se encontra na sessão abaixo.

8.59.1 Livraria Rio-Grandense

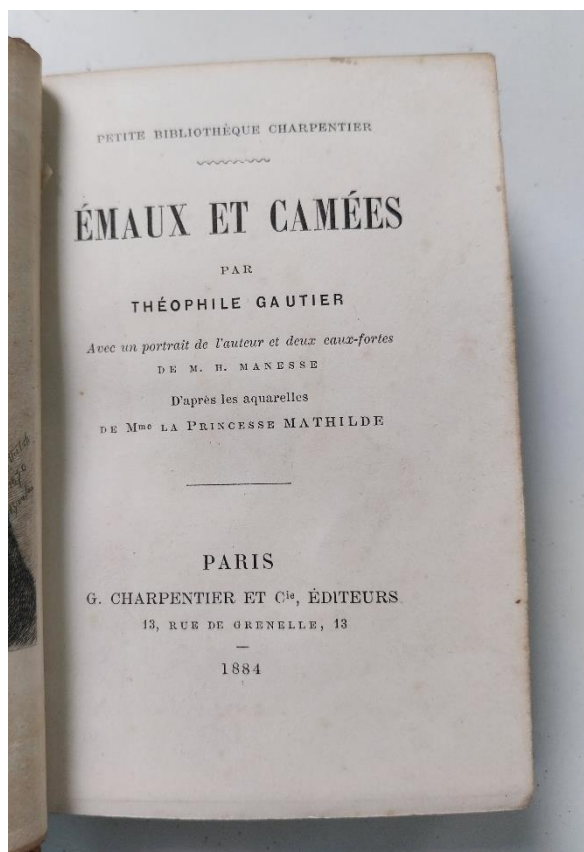
Ver capítulo 8.41.1 para maiores informações sobre a livraria Rio-grandense.

Abaixo são inseridos os indícios de proveniência colhidos no “*Émaux et Camées*”.

8.60 Obra “*Émaux et Camées*” (1884)

Este exemplar ilustrado de “*Émaux et Camées*” foi publicado por Théophile Gautier, em Paris, em 1884, com 283 páginas, por G. Charpentier. A folha de rosto do livro pesquisado está representada na figura 288.

Figura 288 - Folha de rosto da obra “Émaux et Camées”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta encontrada neste exemplar pertence a empresa Pharol Pelotense, e está disposta na figura 289.

Figura 289 - Etiqueta Pharol Pelotense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta é feita em papel, e tem um formato em octógono. A cor de fundo da etiqueta é branca, as bordas brancas e vermelhas, as letras também estão distribuídas entre as cores vermelho e branco, lê-se na inscrição: “FAZENDAS // MODAS // ROUPA // FEITA // NOVIDADES // ão PHAROL PELOTENSE // AMBROISE PERRET // ARTIGOS // para Viajantes, // MALAS // de todos os feitios // PELOTAS.”

Abaixo estão apresentadas as informações sobre o comercio Pharol Pelotense.

8.60.1 Pharol Pelotense

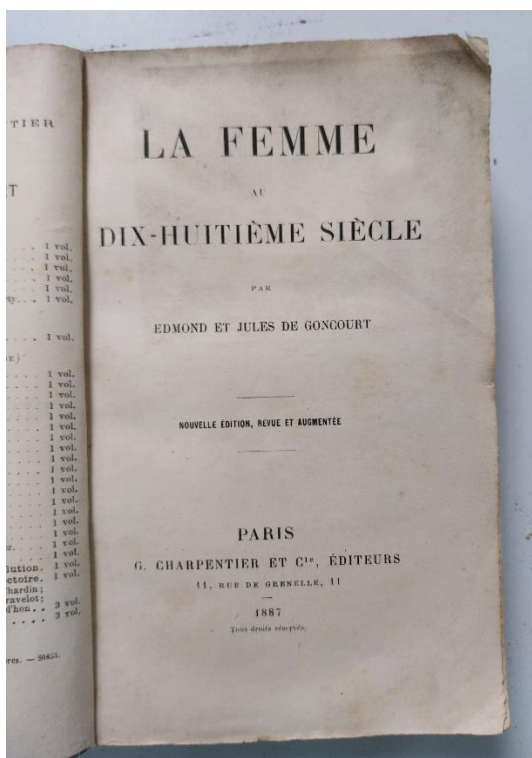
Não foram encontradas informações relevantes sobre esta empresa.

No item a seguir são investigadas as marcas encontradas na obra “*La Femme au dix-huitième siècle*”.

8.61 Obra “*La Femme au dix-huitième siècle*” (1887)

Em Paris, o livro “*La Femme au dix-huitième siècle*”, foi publicado por Edmond e Jules Goncourt, por G. Charpentier, com 524 páginas, no ano de 1887. A folha de rosto deste exemplar é exposta na figura 290.

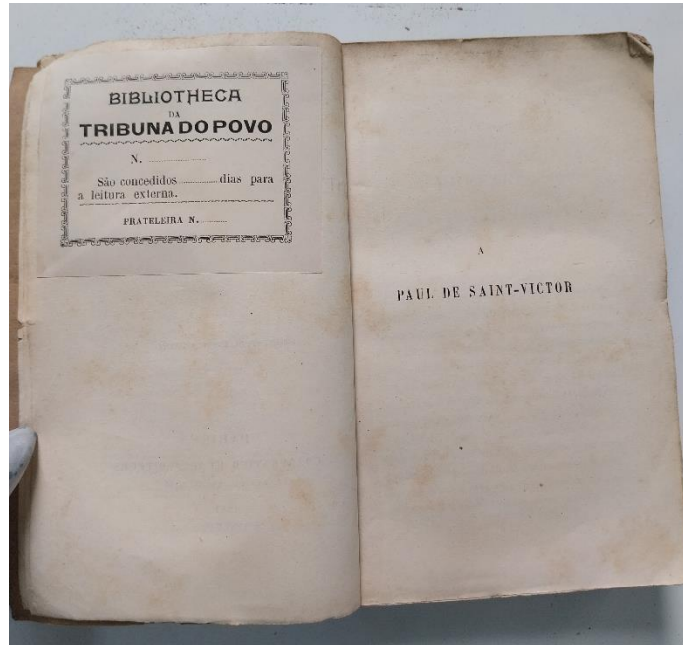
Figura 290 - Folha de rosto da obra “*La Femme au dix-huitième siècle*”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A folha de rosto apresenta manchas causadas pela umidade. Aprecia-se na figura 291 a guarda da obra pesquisada.

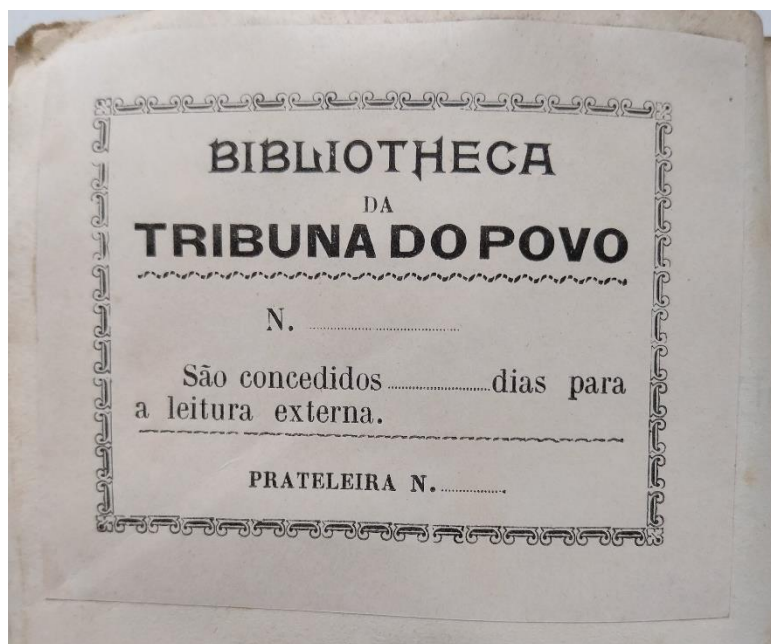
Figura 291 - Guarda da obra “La Femme au dix-huitième siècle”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Na guarda deste exemplar é possível identificar uma etiqueta da Bibliotheca da Tribuna do Povo. Esta etiqueta será analisada na figura 292.

Figura 292 - Etiqueta da Bibliotheca da Tribuna do Povo



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta é feita em papel com fundo branco, e letra pretas, lê-se a inscrição: “BIBLIOTHECA // DA // TRIBUNA DO POVO // N. // São concedidos // dias para // a leitura externa. // PRATELEIRA N.”

Apresenta-se no item a seguir as informações recolhidas sobre a Bibliotheca da Tribuna do Povo.

8.61.1 Bibliotheca da Tribuna do Povo

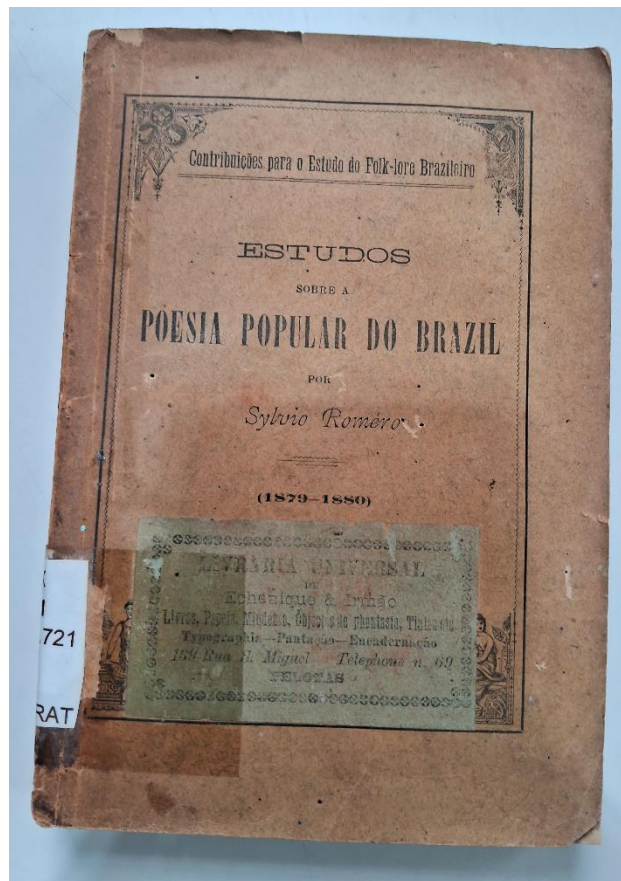
Não foi possível encontrar maiores informações sobre esta biblioteca.

A seguir são oferecidas as informações históricas coletadas no livro “Estudos sobre a poesia popular do Brasil”.

8.62 Obra “Estudos sobre a poesia popular do Brasil” (1888)

Sylvio Roméro publicou no Rio de Janeiro o livro “Estudos sobre a poesia popular do Brasil”, em 1888, pela tipografia de Laemmert &C., com 368 páginas. A capa deste exemplar será apresentada na figura 293.

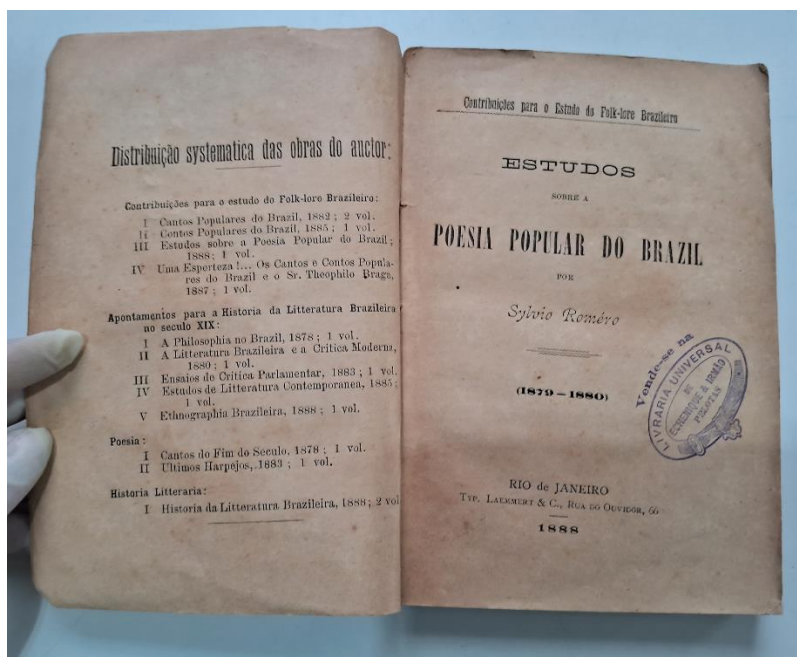
Figura 293 - Capa da obra “Estudos sobre a poesia popular do Brasil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A capa do exemplar investigado apresenta ao centro uma etiqueta de livraria, que será investigada na figura 294.

Figura 294 - Folha de rosto da obra “Estudos sobre a poesia popular do Brazil”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Encontra-se na folha de rosto deste exemplar um carimbo molhado da Livraria Universal.

Na figura 295 será investigada a primeira marca encontrada neste exemplar, a etiqueta da Livraria Universal.

Figura 295 - Etiqueta Livraria Universal



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta é feita de papel, com fundo verde e letras pretas, onde lê-se a inscrição: “LIVRARIA UNIVERSAL // DE // Echenique & irmão // Livros, Papeis, Miudezas, Objetos

de fantasia, Tintas etc. // Typographia – Pantação – Encadernação // 139 Rua S. Miguel Telephone n. 69 // PELOTAS”.

O carimbo da Livraria Universal é apresentado na figura 296.

Figura 296 - Carimbo Livraria Universal



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo investigado apresenta um formato oval, é feito com tinta roxa, com a inscrição: “Vende-se na // LIVRARIA UNIVERSAL // DE // ECHENIQUE & IRMÃO // PELOTAS”.

A seguir apresenta-se as informações coletadas sobre a Livraria Universal.

8.62.1 Livraria Universal

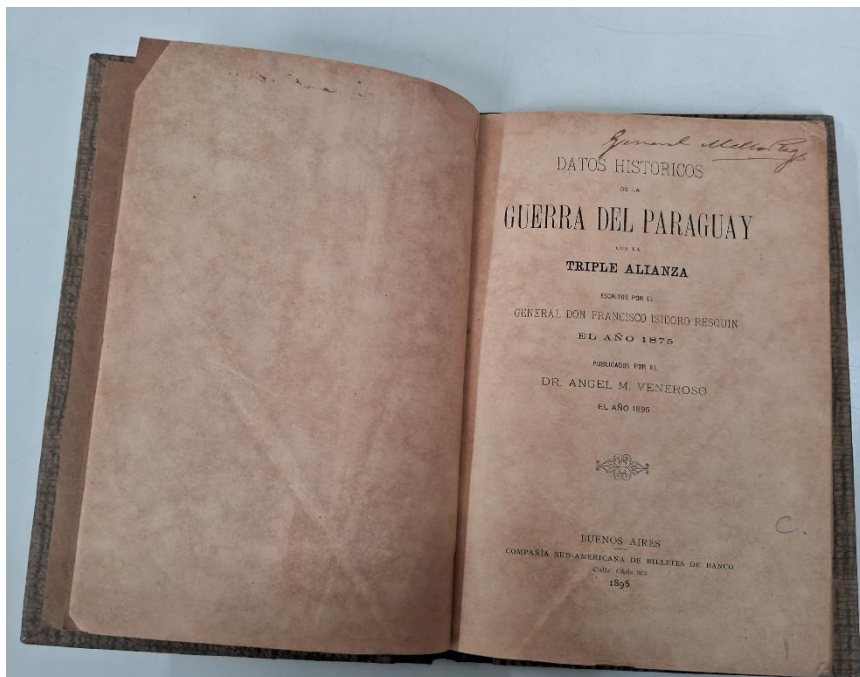
Ver capítulo 8.1.2 para maiores informações sobre a livraria Universal.

O exemplar “Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza” é investigado no item abaixo.

8.63 Obra “*Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza*” (1896)

Francisco Isidoro Resquin publicou o exemplar *Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza*”, em 1896, em Buenos Aires, com 187 páginas, pela Compañia Sud-Americana de Billetes de Banco. A figura 297 abrange a folha de rosto do espécime pesquisado.

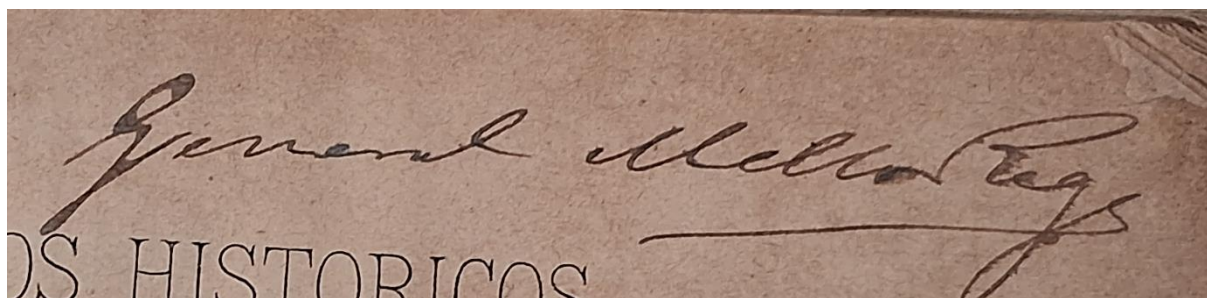
Figura 297 - Folha de rosto da obra “Datos historicos de la guerra del Paraguay com la Triple Alianza”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

No topo da folha de rosto deste exemplar é possível distinguir uma anotação manuscrita, que será apresentada na figura 298.

Figura 298 - Anotação manuscrita General Mello Rego



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Nesta anotação manuscrita, feita com tinta preta, lê-se: “General Mello Rego”.

Abaixo são apresentadas as informações coletadas sobre o General Mello Rego.

8.63.1 General Mello Rego

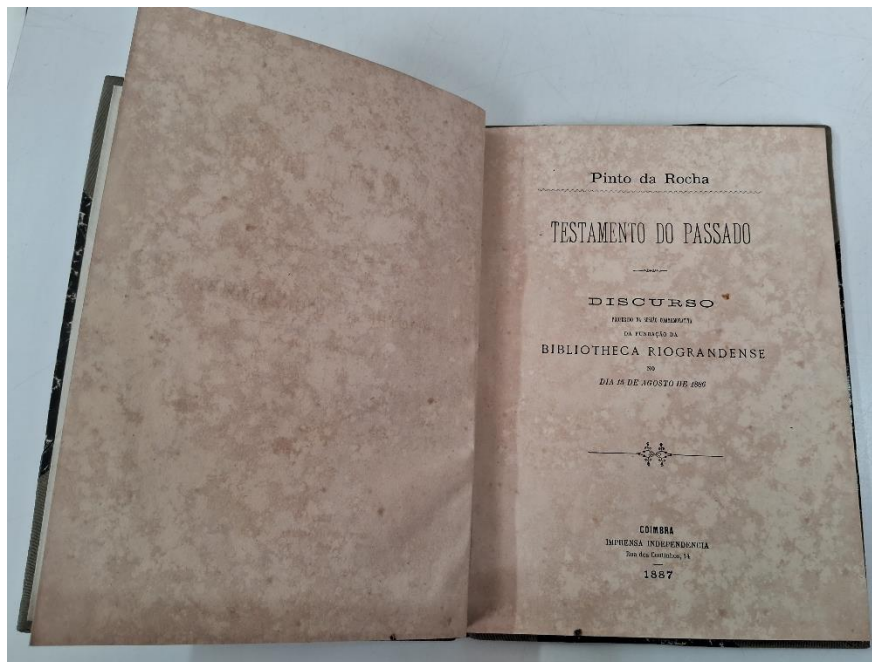
Ver capítulo 8.28.1 para maiores informações sobre o General Mello Rego.

A edição “Testamento do passado” que pertence a Biblioteca Rio-grandense será analisada no item a seguir.

8.64 Obra “Testamento do passado” (1887)

Pinto da Rocha publicou o texto “Testemunho do passado” em Coimbra, no ano de 1887, com 32 páginas, pela Imprensa Independencia. Aprecia-se na figura 299 a folha de rosto deste exemplar.

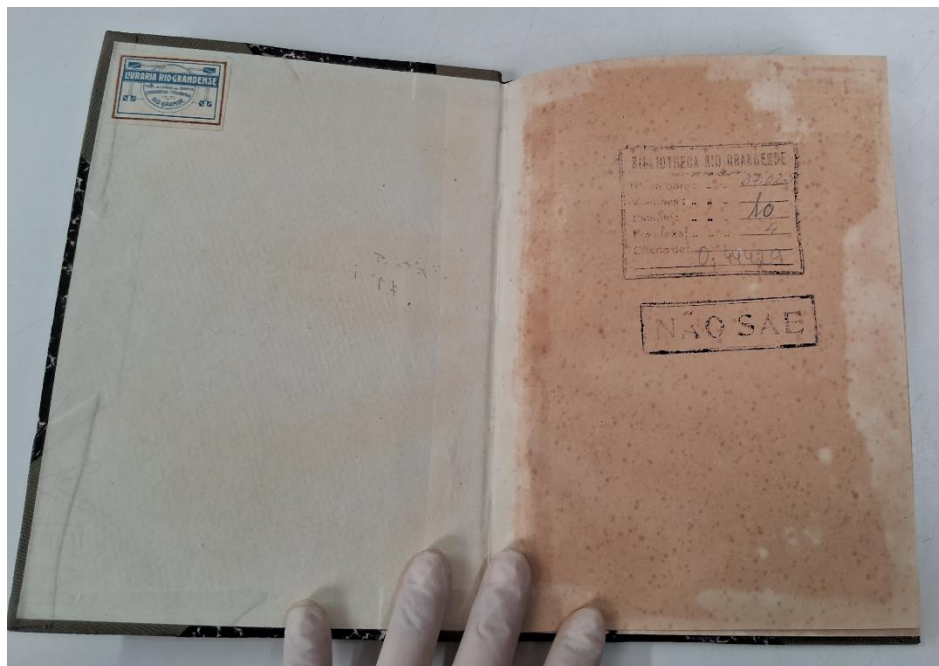
Figura 299 - Folha de rosto da obra “Testamento do passado”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A guarda deste exemplar, e os indícios de proveniência encontrados são analisados na figura 300.

Figura 300 - Guarda da obra “Testamento do passado”



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Está anexada no canto superior esquerdo da guarda uma etiqueta de livraria. Na página seguinte estão dispostas as marcas de entrada do livro na Biblioteca Rio-grandense.

Logo abaixo, figura 301, observa-se, novamente, a etiqueta da Livraria Rio-Grandense encontrada no exemplar pesquisado.

Figura 301 - Etiqueta Livraria Rio-grandense



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A etiqueta tem formato retangular, é feita em papel com fundo branco, bordas azuis e douradas, e letras em cores brancas e azuis, onde lê-se a inscrição: “Nº // LIVRARIA RIO-GRANDENSE // FABR. DE LIVROS EM BRANCO // LITHOGRAPHIA – TYPOGRAPHIA // RIO GRANDE”.

A pesquisa realizada sobre a Livraria Rio-grandense se encontra na sessão abaixo.

8.64.1 Livraria Rio-Grandense

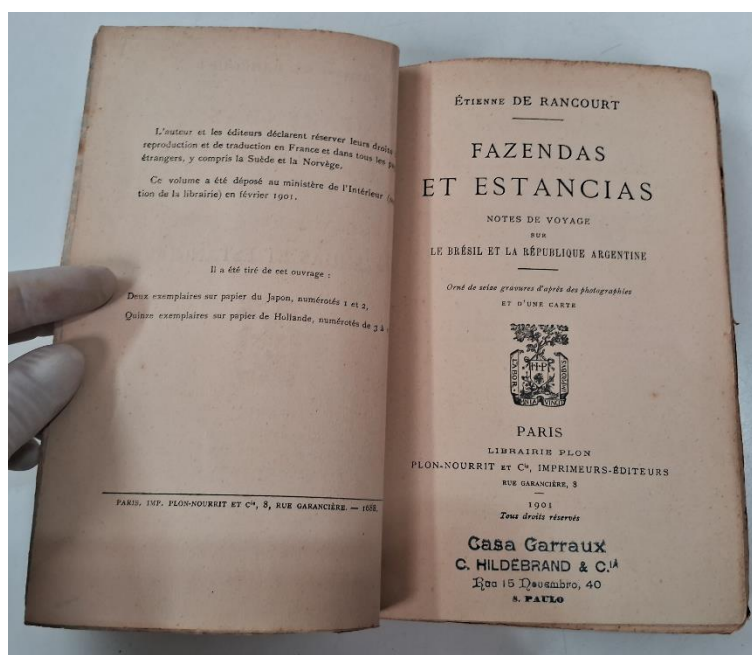
Ver capítulo 8.41.1 para maiores informações sobre a livraria Rio-grandense.

Abaixo são inseridos os indícios de proveniência colhidos no espécime “Fazendas et estancias”.

8.65 Obra “Fazendas et estancias” (1901)

Este exemplar ilustrado de “Fazendas et estancias” foi publicado em 1901, pelo autor Étienne de Rancourt, em Paris, pela Plon-Nourrit, com 286 páginas, e mapa. A figura 302 revela a folha de rosto deste livro.

Figura 302 - Folha de rosto da obra “Fazendas et estancias”.



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Logo abaixo, na figura 303, investiga-se o carimbo molhado encontrado neste exemplar.

Figura 303 - Carimbo Casa Garraux



Fonte: A autora (2023). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

O carimbo molhado investigado é feito com tinta preta, lê-se a inscrição: “Casa Garraux // C. HILDEBRAND & Cia. // Rua 15 novembro, 40 // S. Paulo”.

No próximo item serão expostas as informações colhidas sobre a Casa Garraux.

8.65.1 Casa Garraux

No século XIX Anatole Louis Garraux e seus sócios, Guelfe de Lailhacar e Raphael Suarèz fundaram a casa Garraux. O estabelecimento se manteve em funcionamento durante as décadas de 1860 e 1930, e ficava localizado na Rua Quinze de Novembro, número 255/256.

O francês Anatole Garraux nasceu em Paris, e aos 17 anos imigrou para o Brasil, para o Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar na Livraria Garnier.

Posteriormente, em 1858, mudou-se para São Paulo e abriu as portas do seu próprio negócio livreiro, a Livraria Acadêmica, com os sócios citados anteriormente. Essa livraria que inicialmente ficava localizada no Largo da Sé, ficou conhecida como Casa Garraux, apenas em 1872, a sede da livraria mudou-se para a Rua Quinze de Novembro (antiga Rua do Rosário).

Anatole voltou para a França em 1890, onde faleceu em Paris, no ano de 1904. Mas, já em 1876, a Livraria tinha sido transferida para outros membros da família, primeiro para seu cunhado, Henri Michel, e depois para o marido de sua filha Henriette Aspasié Julie Garraux, chamado William Fernad Gustave Fisher.

Por conta da Revolução de 1930 a livraria acabou finalizando suas atividades.

9 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O acervo raro da Biblioteca Rio-grandense é composto de livros provenientes do século XVI ao século XX. A tabela abaixo mostra quantos livros compõem cada século do acervo.

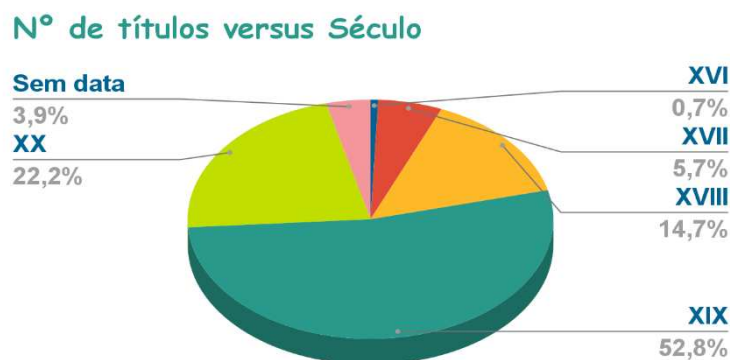
Tabela 1 - Séculos das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense

Século	Nº de títulos
XVI	5
XVII	42
XVIII	109
XIX	391
XX	164
Sem data	29
Total	740

Fonte: A autora. (2022)

Nota-se na tabela 1 o acervo composto por séculos: no século XVI - 5 livros; o século XVII – 42 livros; século XVIII – 109 livros; século XIX – 391 livros; século XX – 164 livros; sem data de publicação – 29 livros, no total o acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense possui 740 obras.

Gráfico 1 - Séculos versus número de títulos das obras raras da Biblioteca Rio-Grandense



Fonte: A autora (2022).

No gráfico 1 percebe-se a porcentagem de livros por século: século XVI – 0,7%; século XVII – 5,7%; século XVIII – 14,7%; século XIX – 52,8%; século XX – 22,2%; sem data de publicação – 3,9%.

Quantos são os livros que datam da segunda metade do século XIX (1880), até a segunda década do século XX (1920), e que compõem o acervo raro da Biblioteca Rio-grandense?

Tabela 2 - Séculos das obras raras analisadas

século	Nº de títulos
XIX	96
XX	55

Fonte: A autora. (2022)

Dos 555 livros publicados entre os séculos XIX e XX, 151 correspondem ao período escolhido para a realização deste estudo, 96 deles foram publicados no século XIX e 55 no século XX. O quadro abaixo aponta as principais cidades de edição dos livros publicados no século XIX, o país, e o número de títulos.

Tabela 3 - Idiomas das obras analisadas

Principais cidades de edição dos livros publicados no Século XIX	País	Nº de títulos
New York	Estados Unidos	1
Boston	Estados Unidos	1
Paris	França	16
Orléans	França	1
Milão	Itália	2
Napoli	Itália	1
Torino	Itália	1
São Paulo	Brasil	3
Rio de Janeiro	Brasil	23
Pará	Brasil	1
Recife	Brasil	4
Curitiba	Brasil	1
Cruz Alta	Brasil	1
Porto Alegre	Brasil	2
Rio Grande	Brasil	1
Pelotas	Brasil	1
Ouro Preto	Brasil	2
Londres	Inglaterra	8
Lisboa	Portugal	7
Coimbra	Portugal	1
Leipzig	Alemanha	6
Berlin	Alemanha	1
Gera	Alemanha	1
Nürnberg	Alemanha	1
Hamburg	Alemanha	1
Edinburgh	Alemanha	1
Madri	Espanha	1

Asuncion	Paraguai	1
Montevideo	Uruguai	1
Buenos Aires	Argentina	3
Sem local de publicação		1
Total		96

Fonte: A autora. (2022)

Nota-se que a maioria dos livros do século XIX que foram pesquisados são provenientes da Europa, de cinco países distintos, França, Itália, Inglaterra, Portugal, Alemanha e Espanha, totalizando 49 volumes, 39 das obras foram publicadas no Brasil, nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Recife, Curitiba, Cruz Alta, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Ouro Preto, sendo que o maior número de livros publicados, 23 no total, foi na cidade do Rio de Janeiro, em Rio Grande, temos apenas um exemplar publicado no município neste período escolhido para pesquisa, o livro “Estatutos do Gabinete de leitura da cidade do Rio Grande do Sul”, é ilustrado, e foi publicado em 1898, pela tipografia de José Maria Perry de Carvalho, que na época ficava localizada na Rua da Praia nº 40. Destaca-se que também se encontra no acervo os Estatutos publicados nos anos de 1847, 1852, 1855 e 1878. Percebe-se 2 espécimes originários dos Estados Unidos, 1 do Paraguai, 1 do Uruguai e 3 da Argentina. O próximo quadro retrata as obras raras publicadas no século XX que pertencem ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense, país de publicação e o número de títulos.

Tabela 4 - Locais de publicação das obras

Principais cidades de edição dos livros publicados no Século XX	País	Nº de títulos
Portland	Estados Unidos	1
Londres	Inglaterra	4
Leipzig	Alemanha	2
Berlin	Alemanha	3
Stuttgart	Alemanha	1
Paderborn	Alemanha	1
Paris	França	6
Florença	Itália	1

Bologna	Itália	1
Lisboa	Portugal	2
Coimbra	Portugal	1
Madrid	Espanha	3
Barcelona	Espanha	1
Uppsala	Suécia	1
Stockholm	Suécia	2
Kobenhaun	Dinamarca	1
Montevideo	Uruguai	2
Buenos Aires	Argentina	4
Bahia	Brasil	1
Recife	Brasil	2
Rio de Janeiro	Brasil	9
Fortaleza	Brasil	1
São Paulo	Brasil	3
Porto Alegre	Brasil	2
Total		55

Fonte: A autora. (2022)

Dos livros publicados no século XX foram identificadas 30 obras oriundas da Europa, vindas da Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Portugal, Espanha, Suécia e Dinamarca. Apenas 1 das obras é nativa da América do Norte, dos Estados Unidos. Da América do sul foram revelados livros provenientes de 3 países distintos, são eles: Uruguai, com 2 livros; Argentina, 3 exemplares e Brasil, com 18 livros tipografados no país.

Observa-se que a maior parte das obras que compõem a amostra escolhida para essa pesquisa, e pertencem ao acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense atravessaram oceanos para aportar em solo Rio-grandino, em sua maioria, são originárias de países da Europa, indicando que embarcaram nas bagagens de viajantes e imigrantes, ou foram importadas de países estrangeiros por comerciantes ligados ao mundo livresco. Percebe-se, que diferente do que imaginava esta autora no início da pesquisa, poucos livros do período, vieram de Portugal, o que pode levantar questões sobre os tipos de leitura procurada pelos leitores rio-grandinos, e

em que língua essas obras eram lidas, como o município sempre foi um porto seguro para imigrantes, é possível que estas obras fossem lidas por eles, mas pode-se levantar a hipótese de que os leitores locais também possuíam conhecimento de outras línguas além do português, muitos estudavam fora do país, principalmente na Europa, e usufruíam dessas obras para adquirir conhecimento e cultura pessoal. Essa questão merece uma pesquisa mais detalhada, estudar os cartões de empréstimo da biblioteca deste intervalo pode indicar o público leitor destas obras estrangeiras.

Nota-se uma grande quantidade de livros publicados no Brasil, o que indica um mercado tipográfico aquecido no período pesquisado. Apenas 7 das obras pesquisadas foram produzidas no Rio Grande do Sul e 32 derivam do Rio de Janeiro. Poucas das obras que foram identificadas são resultantes de países do continente americano, sem contar o Brasil, 11 das obras vieram de países da América do sul, e 3 da América do Norte, o que indica um interesse maior pela cultura europeia, por parte do público leitor, do que pela cultura americana.

Sobre o gênero das obras pesquisadas, observa-se que abordam assuntos variados, e dos livros serviram de amostra, 42, revelam a história de lugares específicos (História da França – 2; História do Brasil – 17; História da Argentina – 2; História do Paraguai - 8; História do Rio Grande do Sul - 7; História da América do Sul - 4; História Americana – 1; História do Uruguai - 1), sendo que a temática “história” destes exemplares pode ainda ser subdividida nas categorias de viagem, história natural, guerras, povos originários e imprensa. Dos livros restantes, 6 são do gênero: Poesia; 1 do gênero: medicina; 1 do gênero: religião; 4 do gênero: biografia; 3 do gênero: geologia; 1 do gênero: língua portuguesa; 2 do gênero: história da literatura brasileira; 2 do gênero: vegetação do Rio Grande do Sul; 1 do gênero: geografia do Brasil, 1 do gênero: bibliografia; 1 do gênero: história das bibliotecas.

Sobre as etiquetas de livrarias investigadas, se conclui que das 29 etiquetas encontradas, 8 pertencem a Livraria Universal; 6 pertencem a Livraria Kosmos; 3 pertencem a Livraria Rio-grandense; 2 pertencem a Livraria Americana; 1 pertence a Libreria Moderna; 1 pertence a Livraria H. H. G. Grattan; 1 pertence a Livraria Leite Ribeiro & Maurillo. 1 pertence a Livraria Gustav Krause; 1 pertence a Libreria Franco Argentina Garcia e Dasso; 1 pertence a Livraria do Povo; 1 pertence a Livraria Educadora; 1 pertence a Libreria del Colegio; 1 pertence a Casa Garraux; 1 pertence ao Pharol Pelotense.

Sobre as etiquetas de encadernação investigadas, se conclui que das 4 etiquetas encontradas, 2 pertencem a oficina de encadernação de Vicente Gomes; 1 pertence a oficina de encadernação de Hübel & Denck; e; 1 pertence a oficina de *encuadernaciones* Subirana.

Sobre as marcas de proveniência encontradas nas obras raras da instituição pesquisada pode-se constatar, que tanto os livreiros, quanto os antigos proprietários foram importantes para a importação, e o resguardo destas obras. Ressalta-se através dos nomes de proprietários, dedicadores e *ex donos*, levantados por esse estudo, a importância histórica e cultural deste acervo local, nomes como o de Ernesto de Otero, Miguel de Lemos, Francisco de Paula Chaves Campello, Alcides Lima, Capistrano de Abreu, Abeillard Barreto, Visconde Pinto da Rocha, General Mello Rego, Ramiz Galvão, Alfredo Ferreira Rodrigues, Louis Albert Gaffre, Juan Àngel Fariní e Estanislao Severo Zeballos, são reconhecidamente importantes para o cenário local, nacional e internacional. Já Angelo Caldonazzi, Augusto Porto Alegre, Mario de Lacerda Werneck, Vivanco, Corina Ribeiro Otero, dentre outros que apareceram nesta pesquisa são nomes pouco conhecidos na história do livro, mas com o resgate realizado através das buscas por marcas, estão agora fazendo parte deste universo livresco, abrindo possibilidades de pesquisa dentro da história do livro e das mentalidades no município de Rio Grande.

O capítulo final desta pesquisa expressa algumas ponderações e conclusões sobre a importância da pesquisa da proveniência para a história da leitura, dos leitores, e como pode-se agregá-la ao ensino da história local.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada biblioteca, colecionador ou bibliófilo, de cada país, possui suas próprias características, suas particularidades ao marcar seus livros, por isso existe a necessidade do desenvolvimento de ferramentas, tanto físicas quanto digitais, que oportunizem conhecimentos mais específicos sobre o tema, tais como: tesouros, glossários, índices, catálogos e repositórios diversificados. Muitos proprietários de antigamente possuíam livros relacionados com a sua profissão, o que torna necessário mobilizar um conjunto de conhecimentos muito amplo ao descrever uma obra. É uma infinidade de saberes que se cruzam, e dificilmente existirão práticas descritivas para todas as ocorrências de marcas de proveniência que venham a surgir.

Trabalhar com a pesquisa de proveniência é como tornar-se detetive. Ser um pesquisador de proveniência é ser um eterno aprendiz, não é fácil rastrear documentos para dar vida a um livro, traçando sua origem criando uma biografia material, uma bibliografia própria para cada exemplar, conceituando o espécime dentro do seu tempo e do seu espaço, mostrando o envolvimento deste exemplar com seus proprietários, e destes com as instituições mantenedoras. O registro na forma de inventário é a primeira ação para a preservação de um objeto ou uma obra dentro de uma instituição e a sua disponibilização no ciberespaço é outra maneira que seus guardiões têm de dar acesso aos volumes ao mesmo tempo que os resguardam das ações do tempo e dos homens.

Investigar e pesquisar são as palavras chaves para que no futuro tenhamos catálogos mais completos e atualizados, que possam ser alimentados, e que por intermédio dessas marcas acabam ainda por identificar as pessoas, grupos e intenções. Desta forma o historiador consegue elucidar as histórias locais, as micro-histórias, e fomentar o ensino de história através dela.

Ao analisarmos as fontes históricas encontradas e as bibliografias consultadas para a realização deste trabalho podemos constatar: a) as marcas de proveniência inicialmente elencadas neste estudo comprovam a raridade e a importância histórica do acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense; b) é gritante a lacuna existente na literatura nacional sobre definições do que seriam marcas de proveniência no seu conceito mais amplo e usual no contexto da história do livro, o que acarreta profissionais despreparados para lidar com determinadas rotinas necessárias para que exista de forma concreta a guarda e a disseminação dos dados de acervos nacionais que são de fato raros e patrimoniológicos ou os que possam vir a ser; c) é necessária a formação de profissionais interdisciplinares, interessados nas mais

diversas áreas da história do livro e de suas técnicas de produção voltados para bibliotecnia;⁹⁸ d) com a pesquisa realizada na biblioteca Rio-grandense ficou clara a variedade de tipologias de marcas de proveniência que podemos encontrar no acervo raro, o que demanda maior tempo de pesquisa para que todas as marcas existentes possam ser coletadas, analisadas, descritas e posteriormente divulgadas; e) as marcas mais corriqueiras no acervo são os ex-líbris, as etiquetas, os carimbos, e os *ex donos*, com ocasionais aparições de dedicatórias, *supralibros*, e encadernações personalizadas, sendo que as folhas de guarda personalizadas estão presente em grande parte das obras analisadas, o que demanda uma pesquisa específica, mais aprofundada sobre a história das *Endpapers* e de seus produtores, principalmente os produtores nacionais e locais; f) Livros que anteriormente faziam parte das bibliotecas de personalidades reconhecidamente importantes, tanto para o cenário social local, quanto nacional e internacional, estão presentes na instituição. Essas personalidades contribuíram para a conservação e salvaguarda de obras que hoje compõem a coleção de obras raras da biblioteca pesquisada; g) este estudo solidifica as marcas de proveniência como fonte histórica primária de informação, como uma fonte alternativa para o estudo dos leitores, suas vidas sociais e de suas práticas de leitura na intimidade, além de fomentar pesquisas sobre a geografia cultural do livro; h) a chegada das coleções estrangeiras em solo Rio-grandino podem começar a ser elucidadas através dos indícios deixados no livros; i) quanto aos grupos sociais dos proprietários das marcas de proveniência encontradas nas amostras, pode-se perceber que em sua maioria, estes proprietários possuíam mais de uma profissão, estão entre eles: engenheiros, filósofos, advogados, juristas, juízes, legisladores, políticos, historiadores, professores, bibliotecários, jornalistas, geógrafos e romancistas, destaca-se que alguns desses leitores faziam parte de associações, clubes e sociedades filantrópicas discretas, eram ligados a Academia Francesa, membros da Igreja Positiva do Brasil, integrantes do Clube Republicano 20 de Setembro, e de Lojas Maçônicas; j) esta pesquisa permite um (re) conhecimento das coleções e de colecionadores, evidenciando a história das mentalidades, uma vez que através dos levantamentos das marcas de propriedade e de posse podemos elencar esses personagens que de alguma forma contribuíram com a educação e a cultura do município; k) é evidente a necessidade de ferramentas tecnológicas que melhorem a descrição, o controle e a análise da materialidade dos livros, dos objetos e de artefatos que compõem o patrimônio cultural histórico

⁹⁸ Corpo de técnicas e de conhecimentos relacionados com a produção do livro, do ponto de vista dos elementos materiais que o suportam (folhas, cartões, peles, linha, cola) e dos elementos materiais que feioam sua representação simbólica (tintas, furos, cores, manchas, medidas, formatos, ilustrações). 2. Parte da bibliologia que estuda as técnicas de produção artesanal do livro. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, P.55)

brasileiro, tais ferramentas podem ser utilizadas pelos educadores como métodos pedagógicos no ensino de história em sala de aula; l) ao desenvolver um repositório temático das marcas de proveniência da Biblioteca Rio-Grandense, cria-se um instrumento de proteção do patrimônio cultural brasileiro, porque desta forma, guarda-se a memória social e das identidades culturais de nosso país; m) a construção de repositórios temáticos nas instituições com acervos antigos além de fomentar o ensino e a pesquisa, podem gerar atividades turísticas nas bibliotecas que resgatam e guardam essas obras, trazendo um impacto sustentável e positivo para as instituições brasileiras.

Estudos sobre a cultura local e regional, sobre a história do livro, das bibliotecas e da leitura precisam de informações confiáveis e contextualizadas, tanto de quem produziu os textos, como de seus proprietários e/ou curadores, para que historiadores possam reconstruir as práticas culturais de comunidades leitoras, seja ela leiga ou erudita.

No caso da cidade do Rio Grande, esses estudos exigem um trabalho detalhado, já que informações acessíveis sobre a materialidade, sobre a proveniência do acervo raro da Biblioteca Rio-grandense são poucas, ou quase nulas. O testemunho dos livros preservados na Biblioteca Rio-grandense pertence a épocas diferentes e permitem que nos aproximemos de quem eram seus utilizadores, frequentadores, seus benfeitores e/ou doadores.

No Brasil estamos a dar os primeiros passos na pesquisa de proveniência, descobrir e recolher marcas de proveniência, catálogos, listas de bibliotecas, inventários, registros judiciais e alfandegários, notas de compra e venda, e digitalizar essas informações, difundi-las em repositórios digitais, dando mais qualidade a informação disponível, ainda é uma prática inovadora no país. Esses dados são importantes para que o historiador possa entender o posicionamento de cada livro no universo.

11 LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- Coleção de obras raras da Biblioteca Rio-Grandense;
- Estatutos da Bibliotheca Rio-Grandense na Cidade do Rio Grande do Sul (1878);
- Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital;
- Glossário de Marcas de Proveniência;
- Acervo pessoal do artista riograndino Marcelo Calheiros;
- Gaveta de fichas catalográficas de obras raras da Biblioteca Rio-grandense.

12 REFERÊNCIAS

A ÉPOCA: jornal da mocidade em prol das aspirações coletivas. Caxias, 1943. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=097209&pesq=%22Abeillard%20Barreto%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1056>. Acesso em: 17 out. 2023.

A FEDERAÇÃO: orgam do Partido Republicano. Porto Alegre: Partido Republicano, 1884-1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 11 set. 2023.

A NOITE. Rio de Janeiro, ano XXXII, n.11.114, p.1-16, 19 jan. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=18884&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 04 abr. 2023.

ABEBOOKS. **Guide to understanding book bindings**. 03 jun. 2021 Disponível em: <https://www.abebooks.co.uk/books/rarebooks/collecting-guide/understanding-rare-books/understanding-bindings.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2022.

ABREU, Márcia. **Os Caminhos Dos Livros**. 2. ed. São Paulo: FAPESP, 2012. 382 p. ISBN 85-7591-019-1.

ALENCAR, Flávio Lemos. Geraldo Bezerra De Menezes (1915-2002). **AQUINATE**, n. 15, p. 190-193, 2011. Disponível em: https://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Atualidade-3-Personalidade.15.pp_.166-169.pdf. Acesso em: 17 out. 2023.

ALENTEJO, E. **Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida**. Inf., Londrina, v. 20, n. 2, p. 20-62, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23124>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ALVES, Francisco das Neves. Fontes para o estudo da história do Rio Grande do Sul no acervo da biblioteca rio-grandense: o arquivo José Arthur Montenegro (levantamento parcial – iconografia e documentos avulsos). **Biblos**, Rio Grande, v. 17, 2005.p. 87–102. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/56655?fbclid=IwAR1yYvhUVyPDefqFszxNRdySt3TiiPxAlE-ryl_w6NXFKKE01tg1qdE_10jc. Acesso em: 20 maio 2023.

AMARAL, M. P. **Do prazer de ler à arte de colecionar obras raras: desvendando o percurso do leitor que se torna bibliófilo**. Porto Alegre. 2010.

AQUINO, V. B. T. **Um gabinete de leitura à beira mar: os primórdios da Bibliotheca Rio-Grandense (1846-1878)**. **BIBLOS**, [S. l.], v. 35, n. 1, 2021. DOI: 10.14295/biblos.v35i1.12082. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/12082>. Acesso em: 20 maio. 2023.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Princípios de descrição bibliográfica: bibliografia material e história do livro - contextos, permanência e ruptura. **In: Seminário Internacional A arte da bibliografia - UDESC/UFSC**, 6., 2019. Florianópolis: s.n. Disponível em: <https://www.ecceliber.org/single-post/2019/11/05/princ%C3%ADpios-de->

descri%C3%A7%C3%A3o-bibliogr%C3%A1fica-bibliografia-material-e-hist%C3%B3ria-do-livro-context. Acesso em : 25 mar. 2023.

ARRIADA, Eduardo. Livrarias e editoras no Rio Grande Do Sul: o campo editorial do livro didático. In: Reunião Anual Da Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Educação (ANPED) , 35., 2012. [s.l.: s.n]. Anais [...]. 2012. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/gt02-1745_int.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

ARRIADA, Eduardo; VALLE, Hardalla Santos do. Fragmentos da modernidade em Rio Grande: a contribuição dos cartões postais (1902-1930). *Histórias e perspectivas*, Uberlândia, n.52, jan/jul. 2015. p. 159-177. Acesso em: 28 out. de 2023.

ARQUIVO Nacional Torre do Tombo. In: **CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE XABREGAS**. Portugal, 2020. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1379983>. Acesso em: 6 jun. 2022.

ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE LIVRARIAS DO RIO DE JANEIRO. **Uma livreira de sorte**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: http://www.aelrj.org.br/website2010/index.php?option=com_content&view=article&id=30:margarete-cardoso-livraria-rio-antigo&catid=8:livreiros-do-rio&Itemid=15. Acesso em: 24 out. 2023.

ÁVILA, Miguel A. "La Libreria del Colegio" Hoy "La Libreria de Avila" . [S.l.]. Internet Archive: Wayback Machine, 2016. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160304090855/http://www.avenidademayo.com/avenida/pasyc on/pza_mayo/libreria%20de%20avila.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

BARROS, Carlos Juliano. **A história do 'maior ladrão de livros raros do Brasil'**. [S. l.]: BBC News Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41479149>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BASTOS, Ronaldo Marcos. LIVRARIA AMERICANA - A Primeira Editora do Rio Grande do Sul. In: BASTOS, Ronaldo Marcos. **Blog Porto Alegre Uma história fotográfica**. Porto Alegre, 7 jul. 2020. Disponível em: <http://ronaldofotografia.blogspot.com/2020/07/livraria-americana-primeira-editora-do.html> Acesso em: 16 maio 2023.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. **Ministro Geraldo Montedônio Bezerra De Menezes**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: http://portal2.trtrio.gov.br:7777/pls/portal/docs/PAGE/ARQUIVOS/BEZERRA%20DE%20MENEZE S_0.PDF . Acesso em: 01 nov. 2023.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo *et al.* **Ex-libris: pequeno objeto de desejo**. Brasília: EdUnB, 2012, 405 p.

BIBLIOTECA DA AJUDA. **Livros de caracter pedagógico com marcas de posse manuscritas de membros da família real**. Disponível em: <https://bibliotecadaajuda.blogspot.com/search?q=CARLOTA&updated-max=2020-12-17T15:28:00Z&max-results=20&start=5&by-date=false>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BIBLIOTECA DIGITAL DE LITERATURA DE PAÍSES LUSÓFONOS. **Alcides Lima**. Florianópolis: UFSC, 2022. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=14314> Acesso em: 16 maio 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPAÑA. **Ex Libris**. [S.l.: s.n.], [2023]. Disponível em: <https://www.bne.es/es/colecciones/ex-libris>. Acesso em: 16 maio 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. **Bibliotecas limpas**: Censura dos livros impressos. Disponível em: <https://www.agendalx.pt/events/event/bibliotecas-limpas>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. In: **INDEX GERAL DA LIVRARIA DO CONVENTO DE S. FRANCISCO DE XABREGAS**. Portugal, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!1921048~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>. Acesso em: 6 jun. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. **Últimas aquisições**. Rio de Janeiro, [2023]. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>. Acesso em: 28 out. de 2023.

BIBLIOTHÈQUE NUMÉRIQUE DE LYON. **Numelyo**. Lyon, [2019]. Disponível em: <http://www.bm-lyon.fr>. Acesso em: 18 out. 2022.

BOARATI, Molly. Why Does Provenance Matter?. In: **NASHER Museum of Art at Duke University**. 17 set. 2021. Disponível em: <https://nasher.duke.edu/stories/why-does-provenance-matter/#:~:text=Provenance%20also%20matters%20because%20it,reminders%20of%20our%20collective%20humanity>. Acesso em: 29 out. 2022.

BOLETIM DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL : Jornal Oficial da Maçonaria Brasileira. Rio de Janeiro, ano 1896, ed. 00004, p. 266. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=709441&pagfis=9049&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 16 maio 2023.

BONNET, Jacques. **Fantasmas na Biblioteca**: A arte de viver entre livros. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 158 p. ISBN 978-85-200-1000-6.

BORAN, Elizabethanne. Binding the book. In: TRINITY COLLEGE DUBLIN. **The history of the book in the early modern period: 1450 to 1800**. Dublin: Future Learn, [2020]. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/info/courses/history-of-the-book/0/steps/71702>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CARRIÓN, Jorge. **Livrarias**: Uma história da leitura e de leitores. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 300 p. ISBN 978-85-69924-39-5.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Ernesto de Otero**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/ernesto-otero>. Acesso em: 16 maio 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun.** São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A Ordem Dos Livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. 111 p.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

COLLET, Avelino Alexandre. **Alfredo Ferreira Rodrigues.** Porto Alegre, 15 jun. 2007. Disponível em: <http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/alfredo-ferreira-rodrigues>. Acesso em: 01 nov. 2023.

CONSORTIUM EUROPEAN RESEARCH LIBRARY. **Iconclass.** [S.l.: s.n.], [2023]. Disponível em: https://www.arkyves.org/r/section/him_CERLPDA/. Acesso em: 16 maio 2023.

CONSORTIUM EUROPEAN RESEARCH LIBRARY. **Material Evidence in Incunabula.** [S.l.: s.n.], [2015]. Disponível em: https://data.cerl.org/mei/_search. Acesso em: 16 maio 2023.

CONSORTIUM OF EUROPEAN RESEARCH LIBRARIES. **Promoting Europe's cultural heritage in print and manuscript.** [S.l.: s.n.], [2023]. Disponível em: <https://www.cerl.org/?fbclid=IwAR0j-JxPwRBh7he355J5nFzr3a4peXC5CuorIyca3j7W1B0EdN8BmdcDDng>. Acesso em: 20 maio 2023.

CORREIO DA MANHÃ. Ed.14852. Rio de Janeiro, 04 abr. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=089842_05&pesq=%22livraria%20kosmos%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=15651. Acesso em: 01 nov. 2023

CORREIO DA MANHÃ. Ed. 16085 (1), Rio de Janeiro, 1947. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&Pesq=%22livraria%20kosmos%22&pagfis=36048. Acesso em: 17 out. 2023.

COVADONGA, Miravalles. Encuadernación Subirana, Barcelona. Medalla de oro . Libro impreso em París em 1890, editor Luis Vivés. In: **Pinterest**, Barcelona, 1888. Disponível em: <https://pin.it/12mILci>. Acesso em: 01 nov. 2023.

CROW, R. **The Case for Institutional Repositories: A SPARC Position Paper.** Washington, DC: Scholarly Publishing & Academic Resources Coalition, 2002. Disponível em https://ils.unc.edu/courses/2014_fall/inls690_109/Readings/Crow2002-CaseforInstitutionalRepositoriesSPARCPaper.pdf. Acesso em 29 jan. 2022.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.** Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita a história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

DARNTON, Robert. **Interlocuções**. Nota de Rodapé: Jonathan Portela, 2020. Canal Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=96KGpAMfuFY&t=3s>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ed. 02335. Rio de Janeiro, 29 jul. 1934. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=093718_01&pesq=%22Livraria%20Educadora%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=19775. Acesso em: 28 out. de 2023.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Ed. 00160, Rio Grande do Sul, 1956. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_03&pesq=%22Livraria%20kosmos%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=11061. Acesso em: 17 out. 2023.

DINES, Nick. Migration and Cities European: **Migration, heritage and urban identity**. [S. l.]: European University Institute, 2021. <https://www.futurelearn.com/courses/migration-cities>. Acesso em: 30 out. 2023.

DOWLIN, Kenneth. O papel do bibliotecário na sociedade da informação e a captação de recursos para as bibliotecas. In: **Conselho Regional de Biblioteconomia 8 (CRB 8)**. São Paulo, 2007. Disponível em: https://crb8.org.br/oldsite/wp-content/uploads/2019/06/BOB-NEWS-N%C2%B0-046_2007.pdf. Acesso em: 01 nov. 2023

EPHEMERA SOCIETY OF AMERICA. **What is “ephemera”?**. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.ephemerasociety.org/definition/>. Acesso em: 22 maio 2023.

EVANGELISTA, T. *Hypnerotomachia Poliphili*: das prensas de Aldus manutius no século XV à biblioteca particular do bibliófilo José Mindlin nos dias de hoje. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

EXPLORING **Provenance in book history**. [S. l.: s. n.]. 2021. 1 vídeo (1:02:41 min). Publicado pelo canal CERL no Youtube [Consortium of European Research Libraries]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eD6-6S0dEPA&t=1200s>. Acesso em: 04 jun. 2022

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. Coimbra: Almedina, 2008.

FERNANDES, Cláudio. **História e paradigma indiciário**. In: *História do Mundo*. 2023. Disponível em: <https://m.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-paradigma-indiciario.htm>. Acesso em: 25 mar. 2023.

FISHMAN, David E. **Os Homens que Salvavam Livros**: A luta para proteger os tesouros judeus das mãos dos nazistas. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2018. 351 p. ISBN 978-85-54126-12-4.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Acervo Digital. In: **Biblioteca Nacional Digital Brasil**. Rio de Janeiro: Bn Digital Brasil, 2023. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso em: 16 maio 2023.

FUTURELEARN. **Shakespeare: Print and Performance**. [s.l.], 2023. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/shakespeare> Acesso em: 17 out. 2023.

GAUZ, Valeria. Marginalia. **INFOhome**. dez. 2016. Obras Raras. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1021. Acesso em: 14 de mai. 2022.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Interlocuções - Carlo Ginzburg [LEGENDADO]**. 11 set. 2020. Youtube: Nota de Rodapé. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Ln1BnL2qjU. Acesso em: 04 abr. 2023.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/36cffz1>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GREENHALGH, . D.; MANINI, . P. Análise bibliológica: ferramenta de segurança em coleções de livros raros. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 20, n. 42, p. 17–29, 2015. DOI: 10.5007/1518-2924.2015v20n42p17. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n42p17>. Acesso em: 30 dez. 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017. 1016 p. ISBN 978-85-314-1365-0.

HARRASSOWITZ, Otto. **Centralblatt flir Bibliothekswesen Herausgegeben**. Leipzig, 1984.

HATCHARD. **Our History and Mr Hatchard**. Londres, 2022. Disponível em: <https://www.hatchards.co.uk/page/our-history>. Acesso em: 27 jul. 2022.

HOBBS, Mitchell. Ethical Social Media. In: **Future Learn**. Austrália: University of Sidney, 2023. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/ethical-social-media>. Acesso em: 21 maio 2023.

HOMRICH, Marcele Teixeira. **Alteridade e psicanálise: as modalidades de outro em lacan. Barbarói**, [S.L], n. 46, p. 153, mar. 2016. APESC - Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/8670>. Acesso em: 16 nov. 2022.

HONEY & WAX. **Honey & Wax Book Collecting Prize**. 2023. Disponível em: <https://www.honeyandwaxbooks.com/prize.php>. Acesso em: 14 mar. 2023.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARANTIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). O poder das bibliotecas. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

JORNAL DO BRASIL. Ed. 00107. Rio de Janeiro, 6 mai. 1934. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=030015_05&Pesq=%22Livraria%20Educadora%22&pagfis=43046. Acesso em: 28 out. de 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Ed. 00083 (1), Rio de Janeiro, 1960. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_15&pesq=%22livraria%20kosmos%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=113. Acesso em: 24 out. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Ed. 00264 (1), Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_16&Pesq=%22livraria%20kosmos%22&pagfis=30685. Acesso em: 17 out. 2023.

JORNAL DO DIA. Porto Alegre, ano II, n. 341, 12 mar. 1948. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098230&Pesq=%22Abeillard%20Barreto%22&pagfis=2366>. Acesso em: 10 out. 2023.

JOSSERAND, C. **Les données de provenance des collections des bibliothèques**. Mémoire d'étude, janvier 2016. Disponível em: <https://www.enssib.fr/bibliothequenumerique/documents/65763-les-donnees-de-provenance-des-collections-desbibliotheques.pdf>. Acesso em 12 mar. 2023.

JUÁREZ, Ramiro. **El tesoro oculto en la pampa**: El archivo del gran cacique. 2014. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/25400/20/EL%20TESORO%20OCULTO%20EN%20LA%20PAMPA%20-%20RAMIRO%20JUAREZ.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2023.

KELBER, Shelley. The Story of Bookbinding. **Books Tell You Why**. 31 Mar. 2020. Disponível em: <https://blog.bookstellyouwhy.com/the-story-of-bookbinding>. Acesso em: 16 abr. 2022.

KOPYTOFF, Igor. **A biografia cultural das coisas**: a mercantilização como processo. *In: A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Eduff, 2008.

KURAMOTO, H. **Informação científica**: proposta de um novo modelo para o Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1144/1305>. Acesso em: 29 jan. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. **Em Busca de Bibliófilos Esquecidos**. *REVISTA BBM*, São Paulo, v. 2, p. 35-55, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/article/download>. Acesso em: 29 jan. 2022.

LETRAS: livros, radio, artes. Ed. 00001, Rio Grande do Sul, 1946. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=114685&pesq=%22Livraria%20kosmos%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=68>. Acesso em: 24 out. 2023.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999, pp. 157-169.

LIPSON, Daniel; FINKELMAN, Yoel. **“Book Provenance at National Library of Israel” presented by Daniel Lipson and Dr. Yoel Finkelman.** 28 jun. 2022. Youtube: Kulturgutverluste / German Lost Art Foundation. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5RIENEYNZA>. Acesso em: 16 maio 2023.

LIVRARIA Rio-Grandense: R. Strauch. *[S.l.: s.n.]*, [19--?]. 1 rótulo, il., mon.(marrom), 15,5 x 7,4cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1378849/icon1378849.jpg. Acesso em: 28 Oct. 2023. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1378849/icon1378849.html. Acesso em: 28 Oct. 2023.

LOOTED CULTURAL ASSETS (Alemanha). Exzellent vernetzt in gesellschaftlicher Verantwortung: **Provenienzforschung in Bibliotheken.** Alemanha, 2021. Disponível em: <https://www.lootedculturalassets.de/kooperation/index.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

M., Yasmin. MyTutor. *In: How do I approach a source analysis question?*. Reino Unido, 2021. Disponível em: <https://www.mytutor.co.uk/answers/60215/GCSE/History/How-do-I-approach-a-source-analysis-question/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MAESTRI, M. **Estanislao Zeballos: A História Jamais Escrita da Guerra da Tríplice Aliança. Revista História: Debates e Tendências**, v. 15, n. 2, p. 350-366, 17 dez. 2015. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4993>. Acesso em: 21 maio 2023.

MARQUES, Luciane Silveira Amico.; RODRIGUES, M. **Biblioteca, memória e patrimônio: um olhar sobre a biblioteca rio-grandense.** BIBLOS, *[S. l.]*, v. 28, n. 2, p. 73–94, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4886>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MARTINS, Marco Antônio. **PF investiga maior furto de livros raros já registrado no país, na biblioteca da UFRJ: Apenas 3 de 303 obras foram recuperadas, quando eram levadas à Europa. Suspeito por planejar ação pode ter lucrado R\$ 1 milhão, segundo polícia.** *[S. l.]*, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/pf-investiga-maior-furto-de-livros-raros-ja-registrado-no-pais-na-biblioteca-da-ufrj.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.* 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATTOS, Gabriela. **UFRJ sofre o maior furto de livros raros do Brasil: Desapareceram 303 obras raras, entre elas os 16 volumes da primeira edição dos Sermões de padre Antônio Vieira.** Rio de Janeiro: O dia, 2017. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-04-29/ufrj-sofre-o-maior-furto-de-livros-raros-do-brasil.html>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MINUZZI, Sabrina. **New tricks for provenance lost in miscellanies: documentary evidence, coloured edges and historical catalogues in MEI.** 28 nov. 2017. YouTube: CERL on YouTube. Disponível: https://m.youtube.com/watch?v=_gDx6w4F4ak#bottom-sheet. Acesso em: 23 mar. 2023.

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras.** [S. l.], 1943. Disponível em: <https://mo-re-no.medium.com/o-problema-das-bibliotecas-brasileiras-b437640d9026>. Acesso em: 31 jan. 2022.

MUHLSCHLEGEL, U. **Antiquariatskataloge, Auktionskataloge und bibliographische Zeitschriften.** In: FACHINFORMATIONSDIENST LATEINAMERIKA, KARIBIK UND LATINO STUDIES. Blog. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fX9tWA>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MURGUIA, E. I. **O colecionismo bibliográfico:** uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, n. esp., p. 87-104, jan/jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2009v14nesp1p87/19836>. Acesso em: 04 mai. 2019.

MUSEUM OF THE BIBLE. **The History of Artifacts.** Washington: Museum of The Bible, c2023. Disponível em: <https://www.museumofthebible.org/provenance>. Acesso em: 16 maio 2023.

NATIONAL LIBRARY OF SCOTLAND. **Advocates Library history.** [s.l.], 2023c. Disponível em: <https://www.nls.uk/collections/rare-books/collections/advocates/>. Acesso em: 10 out. 2023.

NIU, J. **Provenance: crossing boundaries.** *Archives and Manuscripts*, v. 41, n. 2, p. 105-115, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01576895.2013.811426>. Acesso em: 5 maio 2021

NOVO MILÊNIO. **Santos de Antigamente:** Um porto a todo o vapor, cerca de 1900. [s.l.], 09 fev. 2016. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos151.htm>. Acesso em: 17 out. 2023.

O MALHO. n. 316, ano XXXVIII, Rio de Janeiro, 22 jun. 1939. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/116300/per116300_1939_00316.pdf. Acesso em: 24 out. 2023.

OPEN EDITION JOURNALS. **Gaffre Louis-Albert.** Paris, 05 jan. 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/dominicains/6928>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PATRIMONIO NACIONAL. **Encuadernaciones.** [S.l.: s.n.], 2023a. Disponível em: <https://encuadernacion.realbiblioteca.es/libros>. Acesso em: 16 maio 2023.

PATRIMONIO NACIONAL. **Ex-libris.** [S.l.: s.n.], 2023b. Disponível em: <https://encuadernacion.realbiblioteca.es/exlibris>. Acesso em: 16 maio 2023.

PATRIMONIO NACIONAL. **Hierros.** [S.l.: s.n.], 2023c. Disponível em: <https://encuadernacion.realbiblioteca.es/hierros>. Acesso em: 16 maio 2023.

PEDRAZA GRACIA, M. J. **Bibliología (ciencia del libro) y ciencias de la documentación.** *Scire: representación y organización del conocimiento*, Zaragoza, v. 11, n. 1, p. 27-46, en./jun. 2005. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2374140&orden=181039&info=link>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PENIDO, Anna. Competências Gerais na BNCC. *In: Nova Escola*. [2022]. Disponível em: <https://cursos.novaescola.org.br/curso/12/competencias-gerais-na-bncc/resumo>. Acesso em: 27 nov. 2022.

PERLOFF-GILES, Alexandra. What books mean as objects. *The Harvard Gazette*, Harvard, 10 maio 2011. Arts & Humanities. Disponível em: <https://news.harvard.edu/gazette/story/2011/05/what-books-mean-as-objects/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

PINHEIRO, A. V. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: I ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES E III ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, out. 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/109278012/Catalogacao-de-livros-raros-proposta-de-metodologia-de-formalizacao-de-notas-especiais-para-difusao-recuperacao-e-salvaguarda>. Acesso em 30/12/2023.

POULAIN, M. **De mémoire de livres: des livres spoliés durant la Seconde Guerre mondiale déposés dans les bibliothèques: une histoire à connaître et à honorer**. Bulletin des Bibliothèques de France, n. 4, janvier 2015. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2015-04-0176-001>. Acesso em: 30 jun. 2022.

P R O V E N I O. República Tcheca, 2021. Disponível em: <https://www.provenio.net/provenience/>. Acesso em: 19 dez. 2021.

P & G Wells. Reino Unido, 2022. Disponível em: <https://www.pgwells.co.uk/about/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

QUINEY URBIETA, Carlos Aitor . **La encuadernación artística Catalana 1840-1929**. Catalunha, 2010.

R. Strauch: Livraria Rio-Grandense. [S.l.: s.n.], [19--?]. 1 rótulo, il., color., 15 x 11,7cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1378855/icon1378855.jpg. Acesso em: 28 Oct. 2023. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1378855/icon1378855.html. Acesso em: 28 Oct. 2023.

RAMÍREZ, Pedro Rueda; CALAF, Dolors Saumell. **Les marques de propietat dels llibres de la Biblioteca d'Escornalbou: un patrimoni recuperat**. Revista de Biblioteconomia i Documentació, Espanha, v. 2, n. 65-66, p. 100-116, 2018. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Item/article/view/353620>. Acesso em: 1 jul. 2022.

RECODE. *In: Práticas leitoras*. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://recode.org.br/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

REED, M. **Provenance of rare books.** In: BATES, M. J. (Coord.). Encyclopedia of library and information sciences. Boca Raton, FL: CRC Press, 2020. V. 6, Pacific-Sociology, p. 4333-4339.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO BRASIL.

Rio de Janeiro, ed. 00245 (2), 1959. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=893676&Pesq=%22Abeillard%20Barreto%22&pagfis=121286>. Acesso em: 10 out. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Questões provisórias sobre literatura e tecnologia:** um diálogo com Roger Chartier. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 47, p. 97-118, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00097.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

ROBINSON, Ken. **Ken Robinson diz que as escolas acabam com a criatividade -**

Legendado. 29 abr. 2015. Youtube: TED Brasil. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=M2pRR_w-5Uk. Acesso em: 16 maio 2023.

RODRIGUES, M. C. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense.

Patrimônio e Memória, São Paulo, v. 10, n. 1, p.68-83, 2014. Disponível

em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/424>. Acesso em: 20

jul. 2023.

RODRIGUES, M. C.; VIAN, A. E.; TEIXEIRA, H. D. **Marcas de procedência:**

contribuições para o estudo do livro raro. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-20,

fev. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35VhExJ>. Acesso em: 15 jan. 2023.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; TEIXEIRA, Heytor Diniz.

Bibliotecas universitárias e obras raras: um estudo sobre as coleções especiais gaúchas.

Biblos, Rio Grande, v. 35, n. 2, p. 68-92, jul./dez. 2021a.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; TEIXEIRA, Heytor Diniz;

BORGES, Eduardo Nunes; PRADO, Mateus Alves. **Desenvolvimento de um sistema de**

armazenamento e reconhecimento de marcas de proveniência em acervos bibliográficos.

Páginas a&b: Arquivos & Bibliotecas, Portugal, série 3, n. esp. ConfOA, p. 155-158, 2021b.

RODRIGUES, Márcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; SILVA, Mariana Briese da;

RODRIGUES, Luíse de Oliveira (comp.). **Glossário ilustrado de marcas de proveniência.**

Porto Alegre: TESA/UFRGS, 2021b. Disponível em: bit.ly/proveniencia. Acesse em: 20 mar.

2022.

RODRIGUES, Marcia Carvalho; VIAN, Alissa Esperon; SILVA, Mariana Briese da;

RODRIGUES, Luíse de Oliveira; REBELO, Andressa Eloany Brito. **Proveniência e**

Biblioteconomia: relato da pesquisa realizada para a elaboração do Glossário Ilustrado de

Marcas de Proveniência. In: FREITAS, Thiago Cirne (Org.). Grupo de Discussão em

Coleções Especiais Jurídicas: debates para o futuro do patrimônio bibliográfico no Direito.

Rio de Janeiro: GIDJ/RJ, 2022. E-book.

ROMNEY, Rebecca. **Especialista DETONOU a Bíblia de Genebra | TRATO FEITO |**

HISTORY. 19 fev. 2020a. Youtube: Canal History Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9UzEzWozTLk>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ROMNEY, Rebecca. **Friends of the ACD Collection Cameron Hollyer Lecture 2020**. Toronto, 4 dez. 2020b. Youtube: Toronto Friends ACD Collection. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9-6kaMJFDkU&t=1s>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ROMNEY, Rebecca. **Mythbusting Book Collecting**: Rebecca Romney. 26 abr. 2021. Youtube: Case Western Reserve University. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T1WdvpX5FA&t=818s>. Acesso em: 23 fev. 2023.

ROSE, Janet. The Tutor Team: unlocking education. *In: HOW TO USE PROVENANCE IN HISTORY EXAMS*. Reino Unido, 2019. Disponível em: <https://www.thetorteam.com/history/how-to-use-provenance-in-history-exams/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Questões provisórias sobre literatura e tecnologia**: um diálogo com Roger Chartier. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 47, p. 97-118, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00097.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Rueda Ramírez, Pedro José; Saumell Calaf, Dolors (2021). **"Procedencias de los impresos de la biblioteca del Castillo Monasterio de Escornalbou: las marcas de propiedad de la colección de Eduard Toda"**. *BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, núm. 47 (diciembre). DOI: <https://dx.doi.org/10.1344/BiD2021.47.13>. Disponível em: <https://bid.ub.edu/es/47/rueda.htm>. Acesso em 20 nov. 2022.

RYBACK, Timothy W. **A Biblioteca Esquecida De Hitler**: Os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 335 p. ISBN 978-85-359-1457-3.

RYDELL, Anders. **Ladrões de Livros**: A história real de como os nazistas roubaram milhões de livros durante a Segunda Guerra. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 416 p. ISBN 978-85-422-1122-1.

SANCHEZ, M. **Librería de Ávila, a primeira livraria de Buenos Aires**. 2023. Disponível em: <https://airesbuenosblog.com/la-libreria-de-avila-a-primeira-livraria-de-buenos-aires/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SHINTAKU, Milton *et al.* **Guia do usuário Omeka**. Brasília: Ibict, 2018.

SILVA, Bento (2011). **Desafios à docência online na cibercultura**. Carlinda Leite, José A. Pacheco, Antônio Flávio Moreira & Ana Mouraz (orgs.). Políticas, Fundamentos e Práticas do Currículo. Porto: Porto Editora, pp. 206-218 (ISBN: 978-972-0-34100-6).

SILVA, Izabel. **LEITE, Carlos Ribeiro**. Rio de Janeiro, [2020?] Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Carlos%20Leite.pdf>. Acesso em: 01 nov.2023

SILVA, João Carlos da. **Miguel Lemos**. Campinas, SP: Unicamp, 2006. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/miguel-lemos?fbclid=IwAR2vnUo13fOuKaAmVIYmUivC_hAk3O02IUAN0a1TGGOha3W35NORm4LPzl4. Acesso em: 21 maio 2023.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; Crippa, Giulia. A diversificação e popularização do livro e o surgimento e desenvolvimento de coleções de bolso no Brasil. **Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 186-207, jan.-abr. 2014. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14486/11330>. Acesso em: 24 out. 2023.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SWEETNAM, M. Tracking provenance. In TRINITY COLLEGE OF DUBLIN. **The History of the Book in the Early Modern Period: 1450 to 1800**. 2020. Disponível em:

<https://bit.ly/35VhPsT>. Acesso em: 17 jan. 2021.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle; MONTENEGRO, José Arthur. **Carta a José Arthur Montenegro informando que não poderá atender ao seu pedido, por incomodos de doença, e sugerindo que o mesmo pedido seja encaminhado ao conselheiro Tristão de Alencar Araripe, quem tomará todas as providências necessárias**. Petrópolis, RJ: [s.n], 1890. 1 Manuscrito autografado. Disponível em:

https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/39747?fbclid=IwAR13seqscts_dA19YLJkaLuBEGGghdECGaIa2eJJpk160PzEk_Xj3sxnoI. Acesso em: 21 maio 2023.

TEIXEIRA, H. D.; GARCIA, N. de M.; RODRIGUES, M. C. **Critérios de raridade bibliográfica: problemas, metodologias e aplicações**. BIBLOS, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 134–145, 2018. DOI: 10.14295/biblos.v32i1.8288. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8288>. Acesso em: 25 mar. 2023.

TEIXEIRA, Heytor Diniz; RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Contexto, situação e perspectivas dos acervos bibliográficos raros pertencentes às universidades gaúchas**. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS, 3., 2017, Rio Grande, RS. Anais. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2017b. p. 194-205. Disponível em: <https://bit.ly/3dOeKzv>. Acesso em: 18 dez. 2020.

THE BOOKSELLERS. Direção: DW Young. [Estados Unidos]: Greenwich Entertainment, 2020. 1 vídeo (1 hora e 39 min.). Disponível em: https://www.amazon.com/Booksellers-Fran-Lebowitz/dp/B089CKVRVW/ref=sr_1_3?dchild=1&keywords=the+booksellers&qid=1591372254&sr=8-3. Acesso em: 20 fev. 2021.

TINEM, Nelci; BORGES, Lucia. **Ginzburg e o paradigma indiciário**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <http://www.lppm.com.br/sites/default/files/livros/Ginzburg%20e%20o%20paradigma%20indici%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2021.

TORRES, Luiz Henrique. **Rua Francisco Campelo**. In: TORRES, Luiz Henrique. **Blog Professor Torres História e Historiografia do RS**. [S. l.] 8 nov. 2019. Disponível em: <https://historiaehistoriografiadors.blogspot.com/search?q=francisco%20campello&fbclid=IwAR0tNe5njFuup5hqOpfnGkneVqULbLBeTWUV0J66MDqBNHEm4Xt1ePCXZTg>. Acesso em: 04 abr. 2023.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. **Historia**. Buenos Aires, 18 set. 2023. Disponível em: <https://www.biblio.unlp.edu.ar/institucional>. Acesso em: 24 out. 2023.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA. **SALA JUAN ÁNGEL FARINÍ**. Buenos Aires, 02 nov. 2022. Disponível em: <https://www.biblio.unlp.edu.ar/areas/sala-juan-angel-farini-14712>. Acesso em: 24 out. 2023.

UNIVERSITÄT BONN. **Provenance Research and History of Collecting**. [2022]. Disponível em: <https://www.uni-bonn.de/en/studying/degree-programs/degree-programs-a-z/provenance-research-and-history-of-collecting-ma>. Acesso em: 12 nov. 2022.

UNIVERSITY INSTITUTE (EUI) (Europa). **Migration and Cities European**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/migration-cities>. Acesso em: 12 nov. 2022.

UNIVERSITY OF VIRGINIA. **A Brief History of the Rockefeller Foundation's International Health Commission**. Estados Unidos, 2007. Disponível em: <http://exhibits.hsl.virginia.edu/hanson/a-brief-history-of-the-rockefeller-foundations-international-health-commission/>. Acesso em: 24 out. 2023.

VIAN, Alissa Esperon. **Marcas de propriedade no acervo raro da Biblioteca Rio-Grandense** [recurso eletrônico] : estudo sobre os ex-libris presentes nos livros publicados nos séculos XVI, XVII e XVIII / Alissa Esperon Vian. – Dados eletrônicos. – 2019.

VIAN, Alissa Esperon; RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Marcas de proveniência bibliográficas: um estudo sobre os Ex-libris**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2020. *E-book*.

VIAN, Alissa Esperon; TEIXEIRA, Heytor Diniz; RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Acervos raros pertencentes às universidades gaúchas e suas políticas de segurança e salvaguarda**. In: MOSTRA DA PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 17., 2018, Rio Grande, RS. **Anais**. Rio Grande: FURG, 2018.

VIAN, Alissa Esperon; BRIESE, Mariana; RODRIGUES, Marcia Carvalho; TEIXEIRA, Heytor Diniz. **A contribuição da digitalização na segurança e salvaguarda de acervos Raros**. Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade, [S.L.], p. 1-16, 3 jul. 2019. Atena Editora. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.2381925061>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334263606_A_CONTRIBUICAO_DA_DIGITALIZACAO_NA_SEGURANCA_E_SALVAGUARDA_DE_ACERVOS_RAROS. Acesso em: 04 set. 2021.

VIEIRA, Alboni Marisa D. P. **A História Cultural e as Fontes de Pesquisa**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 61, p. 367-378, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312660333_A_historia_cultural_e_as_fontes_de_pesquisa. Acesso em: 12 mar. 2023.

VIEIRA, C. M. Influência como estratégia de poder: uma experiência na biblioteca rio-grandense. **BIBLOS**, [S. l.], v. 6, p. 225–236, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/346>. Acesso em: 17 jul. 2023.

VIEIRA, Cila Milano; JAEGER, Leyla Maria Gama; CABERLON, /era Isabel. **Levantamento Bibliográfico Parcial de Obras Raras e/ou valiosas da Biblioteca Rio-Grandense**. Rio Grande: Furg, 1986. 351 p.

VIVESCER. Jornada da mente. *[S.l.: s.n.]*, 2023. Disponível em: https://vivescer.org.br/sobre-as-jornadas/mente/?fbclid=IwAR119DtMoh20B4wv3H61cAvoQjNP1_VLc-_V_aD5hSXE1hQjcX70US8kDeE. Acesso em: 21 maio 2023.

WEIJER, Neil. **Bibliomania**: o surgimento da coleta de livros raros. 26 de junho de 2020a. Youtube: UFlibraries. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=683yUVIYEpQ>. Acesso em: 12 mar. 2023.

WEIJER, Neil. **Tesouros das Coleções de Estudos Especiais e de Área da Universidade da Flórida**. Flórida, 2 de junho de 2020b. Youtube: UFlibraries. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7KkEBfHeV8&t=117s>. Acesso em: 12 mar. 2023.

WELLCOME COLLECTION. **The pharmacopoeia of Guy's Hospital/compiled by a committe of the staff**. London, 1899. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/es4rqfdn/items>. Acesso em: 17 out. 2023.

WEST VIRGINIA UNIVERSITY (Estados Unidos). **Material Culture Exercise**. Estados Unidos, 2021. Disponível em: <https://rarebookpedagogy.lib.wvu.edu/material-culture/mc-exercise-template>. Acesso em: 12 mar. 2023.

WIKIPEDIA. **Abeillard Barreto**. *[s.l.]*, 4 set. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abeillard_Barreto Acesso em: 17 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Ficheiro**: Carlos Leite Ribeiro, sem data.tif *[S.l.]* 20 jul. 2008. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carlos_Leite_Ribeiro,_sem_data.tif. Acesso em: 24 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Francisco Rafael de Melo Rego** *[s.l.]*, 08 maio 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Rafael_de_Melo_Rego. Acesso em: 17 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Livraria Quaresma**. *[S.l.]* 03 ago. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Livraria_Quaresma Acesso em: 24 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Alcides de Mendonça Lima**. 2023a. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcides_de_Mendon%C3%A7a_Lima. Acesso em: 05 abr. 2023.

WIKIPEDIA. **Capistrano de Abreu**. 2023b. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capistrano_de_Abreu. Acesso em: 05 abr. 2023.

WIKIPEDIA. **Ficheiro**: Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891.pdf. 2023c. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ficheiro:Constitui%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%BAblica_dos_Estados_Unidos_do_Brasil_de_1891.pdf&page=37. Acesso em: 04 abr. 2023.

WIKIPEDIA. **Ficheiro:** Estanislao S. Zeballos.JPG. 2023d. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:EstanislaoSZeballos.JPG>. Acesso em: 04 abr. 2023

WIKIPEDIA. Marginalia. [S.l.: s.n.], 2019. Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Margin%C3%A1lia#:~:text=Margin%C3%A1lia%20\(do%20latim%20marginalia%2C%20como,nas%20iluminuras%20dos%20manuscritos%20medievos.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Margin%C3%A1lia#:~:text=Margin%C3%A1lia%20(do%20latim%20marginalia%2C%20como,nas%20iluminuras%20dos%20manuscritos%20medievos.)
 Acesso em: 16 maio 2023.

WIKIPEDIA. **Miguel Lemos.** [S.l.: s.n.], 2023e. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Lemos. Acesso em: 16 maio 2023.

WIKIPEDIA. Northern pike. 2023f. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Northern_pike. Acesso em: 05 abr. 2023

WIKIPEDIA. **Public school (United Kingdom).** [s.l.], 29 set. 2023g. Disponível em:
[https://en.wikipedia.org/wiki/Public_school_\(United_Kingdom\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Public_school_(United_Kingdom)). Acesso em: 09 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Day school.** [s.l.], 04 out. 2023. 2023h. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Day_school. Acesso em: 09 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Popish Plot.** [s.l.], 19 ago. 2023i. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Popish_Plot. Acesso em: 09 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Henry Ferne.** [s.l.], 16 set. 2023j. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Henry_Ferne. Acesso em: 09 out. 2023.

WIKIPEDIA. **Hübel und Denck** [S.l.] 12 maio 2023k. Disponível em:
https://de.wikipedia.org/wiki/H%C3%BCbel_und_Denck. Acesso em: 24 out. 2023.

WIKIPEDIA. **H. Sperling** [S.l.] 21 ago. 2023l. Disponível em:
https://de.wikipedia.org/wiki/H._Sperling. Acesso em: 24 out. 2023.U

WIKIPEDIA. **Alberto Ribeiro Lamego.** [S.l.], 2023m. Disponível em:
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Alberto_Ribeiro_Lamego. Acesso em: 01 nov. 2023

WIKIPEDIA. **Stadtbibliothek Halle.** [S.l.], ago. 2023n. Disponível em:
https://de.m.wikipedia.org/wiki/Spezial:Versionsgeschichte/Stadtbibliothek_Halle. Acesso em: 01 nov. 2023.

WIKIPEDIA. **Uppingham School.** [S.l.], set. 2023o. Disponível em:
https://en.m.wikipedia.org/wiki/Uppingham_School. Acesso em: 01 nov. 2023.

WILLIAMS, Abigail. **The Social Life of Books:** Reading Together in the Eighteenth-Century Home. In: AMAZON. São Paulo: Amazon, c2023. Disponível em:
https://www.amazon.com/Social-Life-Books-Together-Eighteenth-Century/dp/0300208294?fbclid=IwAR04_OPOYDqldtTvj0HdYacbEzTZS-op9rHf-_8TVoWczTP109kismXjliA. Acesso em: 20 maio 2023.

13 ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS

Apêndice A

Principais eventos ocorridos no Brasil e no Mundo entre 1880 e 1920.

Ano do início	Ano do fim	Descrição
1840	1889	Segundo Reinado - D. Pedro II governa o Brasil
1850	1870	Apogeu do Império no Brasil
1870	1889	Declínio do Império no Brasil
1882	1882	Escola do Recife
1883	1883	Início da Questão Militar
1884	1884	Extinção da escravidão no Ceará, Maranhão, Amazonas e alguns municípios do RS
1885	1885	Lei dos Sexagenários
1886	1886	Fundação da Sociedade Promotora de Imigração
1888	1888	Abolição da Escravatura
1889	1889	Proclamação da República, em 15/11
1889	1890	Encilhamento
1890	1890	Eleita a Assembléia Constituinte
1890	1890	Primeiras revoltas das categorias profissionais urbanas
1891	1894	Governo Floriano Peixoto
1891	1891	Promulgada a primeira Constituição Republicana brasileira
1891	1891	Deodoro da Fonseca fecha o Congresso Nacional
1892	1892	Revolução Federalista do Rio Grande do Sul

1893	1893	Revolta da Armada
1893	1893	Revolução Federalista do Rio Grande do Sul
1894	1898	Governo Prudente de Moraes
1894	1894	Inauguração da Biblioteca Infantil Quaresma
1896	1897	Revolta de Canudos
1896	1896	O físico francês Henri Becquerel descobre uma nova propriedade da matéria, a radioatividade
1897	1897	Inauguração da Academia Brasileira de Letras
1897	1897	Destruição do Arraial de Canudos
1898	1902	Governo Campos Sales
1900	1900	O Senado dos Estados Unidos ratifica a decisão da Conferência de Paz de Haya sobre a criação de um Tribunal Penal Internacional.
1901	1901	Cisão no Partido Republicano Paulista
1902	1906	Governo Rodrigues Alves
1902	1902	Segundo Congresso Socialista Brasileiro em São Paulo
1902	1902	Revolta da Vacina
1906	1910	Governo Afonso Pena
1906	1906	Convenção de Taubaté (medidas de proteção ao café)
1906	1906	Em Paris, Santos Dumont voa com o 14-BIS
1906	1906	Um pacto policial entre Brasil, Argentina, e Uruguai é firmado contra o movimento anarquista nos três países
1907	1907	Afonso Pena aprova a Lei do Serviço Militar Obrigatório
1908	1908	Chegam ao Brasil os primeiros imigrantes japoneses (781 pessoas)
1910	1914	Governo Hermes da Fonseca
1910	1910	Campanha Civilista de Rui Barbosa
1910	1910	Revolta da Chibata, no Rio de Janeiro
1912	1916	Guerra do Contestado
1913	1913	Abertura do Canal do Panamá
1913	1913	Começa a Segunda Guerra dos Bálcãs
1913	1913	Primeira transmissão telefônica sem fio entre Nova York e Berlim

1914	1918	Governo Wenceslau Brás
1914	1914	Henry Ford, fundador da Ford, anuncia um novo sistema na linha de montagem de sua fábrica, que reduzia de 12,5 horas para 93 minutos a produção de um carro
1915	1919	Governo Nilo Peçanha
1915	1915	Início da Biblioteca Infantil Melhoramentos
1915	1915	Primeira Guerra Mundial: Batalha naval entre britânicos e alemães em Doggerbank e Helgoland
1915	1915	Primeira Guerra Mundial: primeiro bombardeio aéreo massivo registrado pela história, realizado por aviões franceses contra as fábricas alemãs de explosivos
1915	1915	Primeira Guerra Mundial: é selado um acordo secreto entre os aliados e a Itália, que oferece a este país compensações territoriais caso ele declare guerra contra a Áustria
1917	1917	Brasil declara guerra à Alemanha
1917	1917	Estudantes de São Paulo criam a Liga Nacionalista
1917	1920	Revolução Russa
1919	1919	Criação do Fascismo na Itália
1919	1919	Fundação do Partido Nazista na Alemanha
1919	1919	Assassinato em Berlim de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, fundadores do Partido Comunista alemão
1919	1919	Iniciada a conferência de paz de Versalhes que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial

Fonte: Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos (2022)

Apêndice B

FICHA DE ANÁLISE DE MARCA DE PROPRIEDADE

1) INFORMAÇÕES SOBRE A PUBLICAÇÃO (item no qual está inserida a marca)	
1.1)	Data/período da publicação
1.2)	Local de publicação
1.3)	Assunto(s) tratado(s) na obra
1.4)	Idioma
1.5)	Referência (formato ABNT)
1.6)	Percebe-se apagamento(s) de marca(s) anterior(es)? () Sim () Não Em caso positivo, detalhar:
1.7)	Registro fotográfico da folha de rosto (anexar)
2) INFORMAÇÕES SOBRE A MARCA	
2.1)	Tipo de marca (terminologia: Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência)
2.2)	Identificação do proprietário (nome)
2.3)	Gênero do proprietário () Feminino () Masculino () Não identificado
2.4)	Local de produção da marca
2.5)	Idioma
2.6)	Cor () Preto e branco () Tons de cinza () Sépia () Marrom () Vermelho () Colorido () Outra cor – especifique:
2.7)	Forma () Retangular () Quadrada () Redonda () Oval () Outro formato – especifique:
2.8)	Dimensões (altura x largura, em centímetros) Da imagem: Do papel (se aplicável):
2.9)	Caráter () Pessoal (individual) () Institucional () Familiar
2.10)	Detalhes observados na marca do tipo <u>ex-líbris</u> :
2.10.1)	Composição temática (terminologia: Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência)
2.10.2)	Divisa

2.10.3) Criador (artista)	
2.10.4) Gravador	
2.11) Registro fotográfico da marca (anexar)	
2.12) Observações:	

Apêndice C

Repositório Marcas de Proveniência

Orientações para a inserção de registros no Repositório:

- 1) Acesse a página inicial do Repositório, em <https://marcasdeproveniencia.omeka.net/>;
- 2) Faça login com seu usuário e senha;
- 3) Para inserir uma imagem de uma marca (fotografia), clique no botão ADICIONAR NOVO ITEM (canto superior direito da tela);
- 4) Em “Resource Template”, selecione o modelo IMAGENS;
- 5) Preencha os campos para realizar a descrição da marca.

O Padrão DC Imagens (DC = Dublin Core) foi padronizado com 20 campos de descrição. No entanto o padrão Dublin Core apresenta, ao todo, 55 campos. Caso seja necessário informar algo na descrição da sua imagem que o Padrão DC Imagens não previu, entre em contato com o administrador para que o campo seja adicionado ao padrão.

Todos os campos do Padrão DC Imagens são passíveis de se tornar privados (sigilosos, não aparecem para o pesquisador/usuário do Repositório). Para tornar um campo privado, basta clicar na imagem do “olho” que aparece ao lado do campo, na etapa de descrição.

Os campos marcados com Asterisco () são campos obrigatórios, ou seja, não é permitido deixar em branco quando da descrição do item.*

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
Título*	Text	Título	O título do recurso. Nome dado ao documento (forma pelo qual o documento é formalmente conhecido). Esta informação será, na maioria das vezes, criada pelo catalogador no momento da descrição, tendo em vista que a maior parte das imagens não possui título próprio. Exemplos:	Sim	Não

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			<i>Ex-libris de Agustín Arrojo Iniciais M.C.R. Assinatura de Álvaro Duarte Magalhães</i>		
Creator*	Item	Proprietário	Usado para descrição do nome do proprietário da marca. Poderá conter um nome de pessoa, entidade coletiva ou família. [CONTROLADO]. Exemplos: - Nome de pessoa (entrada: Sobrenome, Nome): <i>Bonet, Juan, 1917-1991</i> - Nome de família (entrada: Sobrenome, acrescido do qualificador "Família" entre parênteses): <i>Rodrigues (Família)</i> - Nome de entidade coletiva (Nome da entidade, por extenso): <i>Universidade Federal do Rio Grande</i>	Sim	Não
Tipo*	Item Set (Coleção)	Tipo de marca	Natureza do recurso. Por ex.: ex-líbris, marca de fogo, carimbo, monograma etc.	Sim	Não

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			[CAMPO CONTROLADO] <i>Usar designações do Glossário.</i>		
Description *	Text	Descrição	<p>Descrição detalhada da marca (forma, cor, tamanho, desenho); incluir o nome do seu criador, gravador, desenhista etc. quando houver, no campo <i>Contributor</i> = Colaborador (acrescentar o nome na forma padronizada). Exemplos de preenchimento: <i>Carimbo molhado, oval, tinta preta, inscrição ao centro: "Biblioteca Central / FURG". Encadernação em marroquim com gravações em ouro, por Benjamin West; fechos e ferros dourados. Ex-libris de Solidonio Leite; formato retangular, tema misto; no alto da imagem, uma fita contendo a inscrição "Ex-Libris"; a fita circunda toda a imagem; no</i></p>	Sim	Não

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			<i>interior da área circundada, acima, um círculo de onde sai a figura de um soldado romano; abaixo do círculo uma árvore, sobre a qual passa fita contendo a inscrição "Animi Alimentum" (trad. "Alimento do Espírito"), ao fundo livros, nas raízes da árvore o nome "SOLIDONIO LEITE", em letras maiúsculas.</i>		
Has Format	Texto	Formato físico adicional	Usado para recursos que se apresentam sob mais de uma forma física e incluem, por exemplo, variações de cor (p&b e colorido), ou diferentes tamanhos. Exemplos: <i>Possui variações de cor.</i> <i>Disponível também na cor vermelha.</i> <i>Disponível também no tamanho 11 x 6 cm.</i>	Não	Não
Contributor	Item	Colaborador	Pessoas ou entidades que contribuíram para a criação do conteúdo do	Não	Não

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			recurso, como ilustradores, gravadores, tipógrafos, desenhistas etc. [CONTROLADO]		
Spatial Coverage	Text	Lugar de origem	Lugar de criação/publicação do item (cidade ou país onde a marca foi criada/produzida). Exemplo: <i>Lisboa, Portugal</i> <i>Rio de Janeiro, RJ</i>	Não	Não
Date	Padrão	Data	Data de criação/publicação do recurso. Poderá ser uma data exata ou aproximada, associada ao recurso. Caso a data não seja conhecida, registre <i>Data não conhecida</i> .	Sim	Não
Format	Padrão	Descrição física	Formato físico da marca. Por ex.: 1 ex-líbris : gravado ; mancha 80 x 60 mm.	Sim	Não
Língua	Text	Idioma	O idioma do recurso. Exemplo: Latim (ex-líbris contém a divisa “Post nubila phoebus”).	Não	Não
Identificador	Text	Identificador	Uma referência inequívoca ao recurso em um	Não	Sim

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			determinado contexto. Por ex.: o número do registro da obra na biblioteca à qual a marca encontra-se vinculada [INFORMAÇÃO PRIVADA]		
Is Referenced By	Texto - URI	Referência	Fontes consultadas, tais como repertórios, sites, catálogos etc., que apresentam informações sobre a marca descrita. Exemplo: Catálogo de Ex libris de Bibliotecas Españolas, 1989, p. 38, n. 131/10.	Não	Não
Provenance	Item-set	Procedência	Instituição depositária.	Sim	Não
Is Part Of	Text	Está contido em	Um recurso relacionado em que o recurso descrito está física ou logicamente incluído. Exemplos: 1) PACHECO, Francisco Pinto. Tratado da cavalaria da gineta: com a doutrina dos melhores autores. Lisboa: na Officina de Ioam da Costa, 1670. Folha de	Não	Sim

Etiqueta original	Tipo de dados	Etiqueta alternativa	Comentário alternativo	Requerido ?	Privado ?
			guarda. 2) CARDOSO, George. Agiologio Ivsitano dos sanctos e varoens ilustres em virtude do Reino de Portugal... Lisboa: na Officina de Henrique Valente D'Oliveira, 1657. v. 2. Verso da folha de guarda; p. 16, 33. [INFORMAÇÃO PRIVADA]		
Subject	Voc. Pers.	Assunto(s)	Assunto(s) de que trata o recurso ou que o representa. Exemplos: Ex- lÍbris herÁldicos ; Carimbos secos ; Dom Quixote de la Mancha ; Monogramas. [VOCABULÁRIO PERSONALIZAD O DE ASSUNTO].	Não	Não
Rights	Licença	Direitos	Especificar sobre os direitos autorais tipo de licença; domínio público; proibido uso para fins comerciais etc.).	Sim	Não